



DRAMATURGIA VITAL

O TEATRO POPULAR E MUSICAL
DO CARUARUENSE VITAL SANTOS

VOL. 2



LEIDSON FERRAZ

DRAMATURGIA VITAL

©
O TEATRO POPULAR E MUSICAL
DO CARUARUENSE VITAL SANTOS

VOL. 2

LEIDSON FERRAZ

APOIO CULTURAL:



INCENTIVO CULTURAL:



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL



UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

DRAMATURGIA VITAL

O TEATRO POPULAR E MUSICAL
DO CARUARUENSE VITAL SANTOS

VOL. 2

LEIDSON FERRAZ

RECIFE | 2025

Organização, pesquisa, escrita, edição, revisão de texto e produtor cultural: **Leidson Ferraz**

Projeto editorial: **Claudio Lira e Leidson Ferraz**

Design e diagramação: **Claudio Lira**

Articelistas convidados: **Gilberto Brito, Sebastião Alves, Fátima Aguiar e Samuel Santos**

Assessoria de comunicação e redes sociais: **Leidson Ferraz e Cleyton Cabral**

Tradutoras e intérpretes de Libras nos lançamentos dos livros: **Jael Engrácia e Jéssica Santos**

Fotos capa: *Cantigas do Sol - Dom Quixote de Cordel* (Célio Pontes), Vital Santos (Jorge Clésio) e *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra* (Romero Accioly/DP)

Fotos contracapa: *Olha Pro Céu, Meu Amor* (Acervo Sebastião Alves) e *O Príncipe dos Mares de Olinda Contra a Fúria das Águas* (Lenice Queiroga)

Muitos esforços foram feitos para registrar os créditos das fotos utilizadas neste livro. Como na maior parte delas não havia qualquer indicação de quem as fotografara, contamos com o apoio dos donos e donas dos acervos particulares que autorizaram, assim, a publicação das imagens.

Todas as peças aqui registradas podem ser montadas por qualquer grupo amador, estudantil ou universitário no Brasil ou em outros países, sem nenhuma cobrança de direito autoral, desde que a estreia seja informada a Isabela Sobral (isabelasobral@hotmail.com), filha de Vital Santos, e ao editor desta publicação, Leidson Ferraz (leidson.ferraz@gmail.com). Às companhias profissionais, a intenção é favorecer ao máximo que os trabalhos possam ser realizados.

Maiores contatos: Rua do Espinheiro, 690, apt. 802, Edf. Manoel Quintas, Espinheiro - Recife/PE. CEP: 52.020-025.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ferraz, Leidson

Dramaturgia vital : o teatro popular e musical do caruaruense Vital Santos : vol. 2 /
Leidson Ferraz. -- Recife, PE : Ed. do Autor, 2025.

ISBN 978-65-01-66116-2

1. Dramaturgia 2. Santos, Vital, 1948-2013 3. Teatro brasileiro 4. Teatro musical I.
Título.

25-296810.0

CDD-B869.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Teatro : Literatura brasileira B869.2

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Eu cursei a maior universidade do mundo,
que é o Nordeste.

A razão do nosso trabalho é o povo. É para ele
que dirigimos tudo o que fazemos, um teatro
de grupo voltado para a realidade desta gente
que sofre com a seca, com a fome e com o
diletantismo do latifúndio.

Vital Santos



AGRADECIMENTOS

A todo mundo que torceu por este trabalho e, em especial, aos vários amigos e amigas que colaboraram cedendo informações, abrindo seus acervos ou me ajudando de alguma forma: Albanita Almeida, Alberto Brigadeiro, Altair de Sousa, André Ramos, Andresa Ferraz, Antônio Guinho, Antonio Preggo, Arary Marrocos, Beto Nery, Cadu Macêdo, Carla Martins, Carlos Sett, Célio Pontes, Chico Neto, Cleyton Cabral, Colette Dantas, Didha Pereira, Diógenes Maciel, Dinho Gonçalves, Ernesto de Albuquerque Vieira Santos Filho, Eddie Monteiro, Ednice Souza, Edu Oliveira, Emanuel David D'Lúcard, Fábio dos Anjos, Fábio Pascoal, Fátima Aguiar, Felipe Prado, Gabriel Sá, Galiana Brasil, George Filipe, Gilberto Brito, Hammai de Assis, Hans von Manteuffel, Homero Fonseca, Iva Araújo, Izabel Venâncio, Jamesson Vasconcelos, Jorge Clésio, José Francisco Filho, José Mário Austregésilo, Josias Albuquerque, Kattianny Torres, Kelly Moura, Lauro Lima, Lenice Queiroga, Leno Pereira, Lúcio Lombardi, Luiz Felipe Botelho, Luiz Pereira Neto, Marco França, Maria Alves, Maria Eliana Galindo, Mhill Moreira, Mônica Holanda, Nelly Lino, Nildo Garbo, Paulinho Souza, Pedro Aarão, Pedro Portugal, Radaméis Moura, Renato Cabral, Rita Beatriz, Ronaldo Negromonte, Romildo Moreira, Rudimar Constâncio, Samuel Santos, Sandra Rino, Sebastião Alves (Sebá), Sérgio Fonta, Severino Florêncio, Silviane Lima, Socorro Maciel, Suzana Costa, Tácito Borralho, Valéria Barbalho, Vinícius Coutinho, Walter Reis, William Smith e Williams Sant'Anna, além das equipes do *Jornal Vanguarda* (Lígia Teixeira e Nara Lyra), do *Diário de Pernambuco* (Cleodon Coelho, Fernando Correia e Paula Losada), do Arquivo Público Estadual de Pernambuco (Reginaldo Ribeiro) e da Cúria Diocesana de Caruaru.

Minha mais sincera gratidão também a Rita Marize, Ailma Andrade, Conceição de Paulo e Edson Paulo (SESC Pernambuco), por possibilitarem belos lançamentos dos livros no Recife e em Caruaru; à vereadora Cida Pedrosa e ao seu assessor José Manoel Sobrinho, que garantem parte da circulação nacional destas obras; e, por fim, a Isabela Sobral, Jandira Siqueira e Josué Euzébio, a quem dedico esta enorme pesquisa, porque, além de também colaborarem com muito material, tiveram enorme paciência para remexer em suas próprias memórias e responder a tantos questionamentos meus.

Eu e Vital estamos dando um abraço bem forte em todos vocês!

SUMÁRIO

- 10 | Apresentação**
Das alegrias e contradições
na convivência intensa
- 14 | Um autor e diretor e seu teatro popular /**
Gilberto Brito
- 17 | Para continuar defendendo a cultura popular /**
Sebastião Alves (Mestre Sebá)
- 20 | Decepções, aprendizados e a admiração /**
Fátima Aguiar
- 25 | Ao mestre, com carinho /**
Samuel Santos
- 30 | Auto das Sete Luas de Barro**
- 31 | Pesquisa por Leidson Ferraz**
- 60 | Dramaturgia por Vital Santos**
- 84 | A Noite dos Tambores Silenciosos**
- 85 | Pesquisa por Leidson Ferraz**
- 106 | Dramaturgia por Vital Santos**
- 134 | Olha Pro Céu, Meu Amor**
- 135 | Pesquisa por Leidson Ferraz**
- 155 | Dramaturgia por Vital Santos**
- 190 | Concerto Para Virgulino Sem Orquestra**
- 191 | Pesquisa por Leidson Ferraz**
- 213 | Dramaturgia por Vital Santos e Alcimar Vólia**

**234 | O Príncipe dos Mares de Olinda
Contra a Fúria das Águas**

235 | Pesquisa por Leidson Ferraz

248 | Dramaturgia por Vital Santos

266 | No Fim do Beco há um Bosque

267 | Pesquisa por Leidson Ferraz

281 | Dramaturgia por Vital Santos

304 | Uma Canção Para Othello

305 | Pesquisa por Leidson Ferraz

320 | Dramaturgia por Vital Santos e Antônio Guinho

350 | As Proezas do Rei Saul na Terra de Caruaru

351 | Pesquisa por Leidson Ferraz

356 | Dramaturgia por Vital Santos

386 | Cantigas do Sol - Dom Quixote de Cordel

387 | Pesquisa por Leidson Ferraz

404 | Dramaturgia por Vital Santos

DAS ALEGRIAS E CONTRADIÇÕES NA CONVIVÊNCIA INTENSA

Leidson Ferraz

Desde que fui convidado a assumir a assessoria de comunicação do Projeto Memórias da Cena Pernambucana - o Teatro de Grupo, em 1998, num chamado de José Manoel Sobrinho em nome da Federação de Teatro de Pernambuco - Feteape, eu passei a prestar atenção na história do teatro pernambucano e a reconhecer a importância que existe em documentá-la. Acervos são pedras preciosas para qualquer pesquisador ou pesquisadora que precise trilhar detalhes de uma trajetória artística. Mas, infelizmente, nem todos ainda atentaram para sua relevância e é muito comum saber que pouco ou quase nada sobrou de registros do passado sobre alguns artistas.

Vital Santos, dramaturgo e encenador caruaruense com quem tive o prazer de trabalhar num único espetáculo como ator, mas também como jornalista numa segunda produção e como companheiro do teatro em inúmeras outras ocasiões, inclusive registrando, a partir de sua voz e de parceiros, parte da caminhada do seu Grupo Feira de Teatro Popular no meu livro *Memórias da Cena Pernambucana - 02*, deixou uma pilha de documentos que revelam presenças, mas também ausências, já que muitos dos seus textos autorais ainda se encontravam perdidos ou espalhados pelo Brasil.

Eu decidi reunir o máximo que pude deles numa longa e incessante busca por mais acervos. Isso depois de um sonho que tive com Vital e as tantas coincidências que se sucederam a partir daí, com o seu nome e a sua imagem vindos à minha cabeça numa certa frequência. Daí, entendi que eu precisava fazer o que ele me pedia: transformar as obras que escreveu finalmente em livro, para que mais grupos pelo Brasil pudessem montá-lo.

Paralelamente, com o renascimento da Funarte após o fim do Ministério da Cultura durante período político funesto para o Brasil, a entidade voltava a atuar e um edital sugestivo de nome “Retomada” abriu a oportunidade ideal que eu precisava de conseguir recursos necessários ao meu projeto. Mas a intenção não era apenas editar dois livros com parte das dramaturgias de Vital Santos, agora finalmente disponíveis ao público leitor interessado, mas também historiar como elas nasceram, do que tratavam, de que maneira ganharam a cena, a resposta que tiveram de público e crítica, a circulação que tais espetáculos fizeram, quais os prêmios ganhos, que elencos e técnicos estavam envolvidos, sua poética enfim. A dinâmica de criação, exibição e fruição de tantas criações memoráveis.

Com as ideias articuladas e um garimpar constante sobre textos, fotografias, matérias de jornal, cartazes, panfletos e programas de espetáculos, notas e anúncios na imprensa, conversas informais, idas à “Capital do Agreste”, faltava acrescentar à publicação uma memória mais pulsante de quem conviveu com Vital mais intensamente, enfrentando os meandros de produção ou atuação, sabendo reconhecer suas alegrias, tristezas, vitórias, decepções, confrontos, intimidades, a existência em conjunto nos palcos do teatro e da vida. Foi assim que decidi convidar, para ampliar ainda mais a ressonância sobre o nosso dramaturgo e encenador homenageado, quatro pessoas que estiveram com ele em muitos e variados momentos.

Gilberto Brito e Sebastião Alves (Mestre Sebá), de Caruaru; e Fátima Aguiar e Samuel Santos, do Recife, participaram de algumas das mais importantes experiências cênicas de Vital Santos, perfazendo sua trajetória por muitos anos, como companheiros de suas invenções. São depoimentos como os deles que ampliam a visão que se pode ter do grande criador que foi Vital Santos, múltiplo em suas fantasias, contradições e genialidades. Um mestre, como muitos disseram. Que bom que eu pude participar de sua fonte de imaginação de perto também, num encanto sempre popular, musical e cênico.

Viva Vital!

Boas leituras!

E que logo muitos e muitas outras possam ocupar o palco vitalmente!

W.M. PRODUÇÕES ARTÍSTICAS
GRUPO DE TEATRO DOM VITAL

RUADOLINO 24
TEXTO: VITAL SANTOS
DIR: WALTER REIS
CÂPIA E LAMINADO ÀS 24:00h

MAMBEMBÃO

82

roteirão/interior

CARUARU

Em cartaz, um hors-concours

A "Capital do Forró" dá um tempo no "rala-boca" e oferece artes cênicas, para este final de semana. Em preparação ao Festival de Teatro (Batizado) do Agosto, estão programadas duas peças na cidade. Volta a cartaz, o hors-concours **O Alto das Sete Laíde** de **Hierro**, de Vital Santos. O espetáculo, com texto e direção de Edison Oliveira. O espetáculo é experimental e traz uma crítica sobre a crise atual. Os ingressos, em promoção, custam R\$ 2,5 mil.

O hiperpretérito **O Alto das Sete Laíde** de Hierro, que já conquistou um Molière, três Mambembês e uma APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte), volta ao Teatro João Lyra Filho, às 21 horas, do sábado e domingo. O texto e direção são de Vital Santos e a excelente trilha sonora é de Jádilson Laurence. A peça conta a saga do Mestre Vitalino. O elenco é formado por Selmação Aires, Crenau, Edú e Iva Araújo, Jorge Luiz e Conson Aires, entre outros. O ingresso custa R\$ 4 mil.

Vital Santos, diretor do premiado Alto das Sete Laíde

O PRÍNCIPE DOS MARES DE OLINDA CONTRA A FÚRIA DAS ÁGUAS

Alcino e Direção: VITAL SANTOS
Roteiro: EDSON PEREIRA

PRIMEIRO FIMITE BR 90

TEATRO BARRETO J. 16:30h

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

A estreira da poética social

cantigas do S.O.S.
"Tributo à Luiz Gonzaga"

TEATRO APOLO
SÁBADOS E DOMINGOS - 20h

INFORMAÇÕES: 3421-5593
DRAMART PRODUÇÕES E EDGAR ALBUQUERQUE

GTArte
HOMENAGEM A VITAL SANTOS

CONCERTO P/VIRGULINO SEM ORQUESTRA



PATROCÍNIO DO SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO - SEAC
ORÇÃOS DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

LAMPIÃO VOLTOU!
Está de volta o grandioso espetáculo:
"Concerto para Virgulino sem Orquestra"

CONCERTO PARA VIRGULINO SEM ORQUESTRA

Texto e Direção: Vital Santos
Música: Romero Andrade

Teatro dos Quintais
(Associação de Teatro e Dança - TADAN)

Rua Benfica, 157
Mau Mau Recife
Fone: (081) 227.0637

Sexta e Sábado: 21h00
Domingo: 20h00

Último concerto de Virgulino

Grupo Opera Popular do Nordeste encerra temporariamente ao ar livre no Joaquim Cardoso

Hoje é o último dia para assistir à peça **Concerto Para Virgulino Sem Orquestra** que faz sua última apresentação no Recife. Esta pequena, obra passada no Sertão, fala sobre a volta de Lampião à terra, e como o povo acaba confundindo o rei do cangaço com Jesus Cristo.

O texto é do dramaturgo pernambucano de Vital Santos e a direção musical de Romero Andrade, que explorou vários ritmos regionais como o maracatu, frevo e baião. São 26 atores em cena e três músicos. A coreografia é de Beth Galvão.

O Grupo Opera Popular do Nordeste faz uma breve pausa neste final de ano e reconhece suas atividades no próximo ano com um novo trabalho **A Luz Difusa do Abajour Lúis**, que também tem o texto de Vital Santos e ficará em cartaz no mesmo teatro.

► Serviço
Concerto Para Virgulino Sem Orquestra
Data: hoje às 20h - Local: Teatro Joaquim Cardoso - Rua Benfica, 157, ao lado da Blue Angel
Ingresso: R\$ 5,00.

COMPANHIA FEIRA DE TEATRO POPULAR APRESENTA

OLHA PRO CÊ, MEU AMOR.

"A história do nosso trabalho é a prova de que não se consegue tudo o que se sonha, com trabalho. A realidade, de grupo volutário que se cria, se cria e se cria. O grupo que não vive a vida, não cria. O grupo que não vive a vida, não cria. O grupo que não vive a vida, não cria."

Canção para Othello

Direção Geral: [Nome]

NO FIM DO BECO HÁ UM BOSQUE

TEATRO DE TEATRO DANÇA E MÚSICA

CIA. FEIRA DE TEATRO POPULAR

CONCERTO PARA Virgulino Sem orquestra

GRUPO DE TEATRO DOM VITAL apresenta

NO FIM DO BECO HÁ UM BOSQUE

GIBRANTO Apresenta

SOLTE O BOI NA RUA

De Vital Santos Direção: Nildo Garbo

Teatro Barreto Júnior de quinta a domingo, às 21h



UM AUTOR E DIRETOR E SEU TEATRO POPULAR

Gilberto Brito



Gilberto Brito em
Rua do Lixo, 24 (1976),
pelo Grupo Feira
de Teatro Popular
Texto e direção:
Vital Santos
Foto: Acervo
Alcimar Vólia

C onheci Vital Santos em 1974, quando ele dirigia a Casa de Cultura José Condé, em Caruaru, e já era uma grande promessa das artes cênicas enquanto diretor e líder do Grupo de Cultura Teatral. Foi nesta equipe vitoriosa em diversos festivais nacionais que fiz minha estreia como ator, quando, por um ato de rebeldia, decidi procurar Vital para iniciar-me no teatro. Falei de minha vontade de conhecer esse universo e ele me convidou a assistir um ensaio que aconteceria no Teatro João Lyra Filho. Esses encontros varavam a madrugada. Sentado na plateia a observar os atores, embevecido, senti que ali era o meu lugar. Até que fui intimado por Vital para adentrar na cena e, entre o gozo e a agonia, sem nem saber o nome da peça, nem o que fazia, fui empurrado por ele para o palco. Era o começo de minha carreira pelas mãos desse grande diretor.

O espetáculo era *Recortes da Infância*, meu ponto de partida e orgulho em ser dirigido por ele. Me fascinava mergulhar nesse mundo mágico do teatro e fazer parte do seu grupo era tudo o que eu necessitava e sonhava. Vital era um mestre, mas também um homem de muita vaidade, ególatra e centralizador a criar histórias megalomânicas, características que se acentuaram no

decorrer de sua carreira. Dono de uma fértil criatividade e inteligência, firmou-se por décadas como um dos mais profícuos encenadores e autores do teatro contemporâneo de sua época. Seu nome começou a ganhar notoriedade muito graças à crítica teatral, num período efervescente onde o teatro tinha um papel fundamental em meio a transformações políticas e sociais que o país atravessava.

Apadrinhado por Paschoal Carlos Magno, homem de relevância na cena nacional, que o elegeu como uma grande promessa e lhe abriu portas para consolidar o seu talento, Vital participou algumas vezes do antológico festival da Aldeia de Arcozelo, no Rio de Janeiro. O teatro entrou na minha vida por conta dele, atravessando o tempo e fortalecendo a minha escolha. Tanto que eu me transformei em ator do “pessoal de Vital”, grupo muito respeitado. Ali não havia estrelismo, éramos operários sem remuneração – apesar dos subsídios destinados ao grupo –, todos amadores (hoje um termo quase extinto), não recebíamos cachês nem brigávamos por isso. A tesão no fazer teatral era tudo que sentíamos. Vital sabia alimentar em nós o prazer de representar, do nosso sonho, e assim, como mambembes, nos aventurávamos por cidades do Norte-Nordeste em digressão, exibindo-se em teatros ou por lugares improvisados, num tempo sombrio de Ditadura, de espetáculos censurados.

De poucas palavras na direção dos atores, Vital era um autodidata cuja sapiência de grande homem de teatro o fazia conduzir com maestria e segurança o seu ofício. Inspirou-se no Teatro Popular do Nordeste - TPN, grupo liderado por Hermilo Borba Filho, e na obra do alemão Bertolt Brecht. Ele sabia o que queria da cena. Assim, imprimiu sua marca em espetáculos como *O Sol Feriu a Terra* e *a Chaga se Alastrou*, obra formatada na cultura popular e que arrebatou elogios de espectadores, sendo vitoriosa em festivais estaduais, regionais e nacionais, a exemplo de Fortaleza, quando fomos ovacionados mesmo com a falta de dois atores para a apresentação. Já na Calourada da UFPE a peça foi censurada e causou rebulição na estudantada, que insistiu junto aos censores pela liberação afinal.

E eu, cada vez mais envolvido por esse mundo. Na sequência da minha carreira, fui dirigido pelo gigante Vital Santos na icônica peça *Rua do Lixo*, 24, montagem que deu origem ao Grupo Feira de Teatro Popular, no Projeto Mambembão, percorrendo Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília,

onde fomos perseguidos e observados pelos homens da Censura, do presidente Ernesto Geisel, talvez pela coincidência do nome da personagem que eu fazia, Ernesto, ser um rapaz com uma disenteria constante. Esta obra significou para o autor uma guinada e o verdadeiro sucesso, consagrando-o como um dos grandes autores e encenadores do teatro brasileiro. Com a antológica *Auto das Sete Luas de Barro*, em 1979, ele atingiu o ápice de sua trajetória, tendo ganho os mais importantes prêmios do teatro brasileiro. E até nos dias atuais ela continua sendo levada à cena pela atual Companhia Feira de Teatro Popular, de Caruaru.

Nos anos 1980 a produção dramaturgica e cênica de Vital ficou mais escassa e ele enveredou por outro caminho, tornando-se empresário da construção civil. Pouco a pouco foi se distanciando do fazer teatral. Na década seguinte, entre outras iniciativas, montou *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra* e até fez uma remontagem desastrosa de *Rua do Lixo, 24*, agora com o subtítulo *Le Grand Cirque de La Vie*, já sem o vigor e o impacto de suas realizações passadas, das suas criações inesquecíveis. Injustamente acabou esquecido pelo poder público da sua própria cidade, que tanto a fez conhecida por suas realizações. Afinal, ele a representou como ninguém nos nossos palcos.

Esse foi um dos motivos porque na minha última incursão no teatro pernambucano até então, em 2018, dirigido por Nildo Garbo, preferi trazer à cena *Teatro da Misericórdia*, que nada mais é que o seu texto *Recortes da Infância*, rebatizado pelo próprio Vital Santos, e com o qual me iniciei nos palcos. Fiz um retorno à obra pelo seu mergulho psicológico sobre a existência humana. Nela estão registros fotográficos das dores do poeta trágico Lício Neves, um homem gay, a partir de sua gestação indesejada, sua fragilidade e delicadeza, suas dores em meio a um cenário de seres marginalizados, sociais e sexualmente. Um grito pelo direito de existir, símbolo do próprio teatro que teima em continuar, mesmo que em meio a tropeços.

PARA CONTINUAR DEFENDENDO A CULTURA POPULAR

Sebastião Alves (Mestre Sebá)

É sempre bom recordar de Vital Santos, pois o meu ponto de partida no teatro se deu exatamente com um texto dele, *Solte o Boi na Rua*, em Caruaru, junto ao Grupo Ivan Brandão de Teatro, o GIBRANT, dirigido por Nildo Garbo. Em 1980 fomos até para o VIII Festival Nacional de Teatro Amador, da Universidade Federal de Ponta Grossa, no Paraná, representando o estado de Pernambuco. No ano seguinte, fui convidado a integrar o Grupo Feira de Teatro Popular e conheci de perto o grande e eterno Vital na montagem de *A Noite dos Tambores Silenciosos*, já participando do Projeto Mambembão e circulando por algumas capitais deste país.

A peça tratava dos conflitos gerados pela Ditadura no Brasil e o palco tinha um toldo de mamulengo. Tivemos contato com um mestre mamulengueiro e ele nos explicou como manipular os bonecos. Eu já comecei no Benedito, personagem muito comum



Sebastião Alves como o Mestre Vitalino em *Auto das Sete Luas de Barro* (2012)

Texto e direção: Vital Santos,
reorganizada pelo próprio Sebá
Foto: Euclides Ferreira

no universo da cultura popular. Daí veio a inspiração para me dedicar também ao Theatro Mamusebá, que fundei e mantenho até hoje.

Em Vitória, capital do Espírito Santo, estávamos apresentando *A Noite dos Tambores Silenciosos* no Teatro Carlos Gomes. Numa conversa com o Grupo Ponto de Partida, equipe amiga de lá, Alcimar Vólia, atriz e mulher de Vital na época, me pediu para falar um pouco da minha vida e o grupo capixaba quis ouvir este nordestino aqui. A conversa foi boa. Quando fomos fazer reconhecimento de palco e algumas novas marcações – porque em todo espetáculo Vital sempre tinha uma mudança a fazer, de cena, de maquiagem ou de luz, essa era a mania dele –, Alcimar, surpreendida com a minha história, disse: “Vital, a vida de Sebá é um teatro. Você precisa conversar com ele”.

No regresso, historiei para ele o que vivi (eita, que o bate-papo foi longo!) e ele, então, me confirmou: “A partir da sua história vou escrever um espetáculo intitulado *Olha Pro Céu, Meu Amor*. Agora tem uma coisa, *fí* de rapariga – ele me tratava desta forma –, todas as famílias desse universo vão ter identificação com alguma das personagens”. O incrível é que, por onde passávamos com a peça (fizemos o Projeto Mambembão de 1984), isso de fato aconteceu.

O protagonista que Vital criou, Zequinha de Jesus, apelidado de Bom Cabelo, sai de Caruaru para o Rio de Janeiro acreditando que ia encontrar o cantor e compositor Roberto Carlos para lhe apresentar suas poesias e, quem sabe, ele pudesse gravá-las. Lá no Sudeste, evidentemente, a realidade foi outra. Só que o meu sonho, na realidade, era ir à capital carioca para ser artista (principalmente do Cinema), ganhar dinheiro e comprar uma casa para minha mãe. Mas acabei sendo operário da obra do metrô, ganhando pouco e trabalhando bastante, assim como está na peça *Olha Pro Céu, Meu Amor*.

Já na família projetada para o palco, Vital inverteu todas as personagens, inclusive o pai, que virou um passarinho. O meu irmão, que era bravo demais, ele o colocou como um seminarista e cantador. Ou seja, mudanças aconteceram porque o autor quis projetar mais poesia a todos aqueles tipos. Tudo para que qualquer família pudesse se identificar e manter um tipo de “parentesco” com a sua obra teatral. No entanto, é outra criação dele, uma verdadeira obra-prima, que mantemos até hoje com apresentações, *Auto das*

Sete Luas de Barro, com belíssimas músicas de Jadilson Lourenço, também agraciada com várias premiações. Com essa eu tive a certeza de que Vital era fiel à cultura popular.

É lindo, por exemplo, o momento em que ele transforma os atores em bonecos de barro e faz um grito real de denúncia sobre a exploração da arte figurativa na América Latina. Nessa peça ele aborda o sofrimento de famílias que vivem exclusivamente do barro no Alto do Moura, confeccionando suas peças utilitárias e decorativas, mas sendo enganadas pelos atravessadores que mantêm caminhões carregando tudo o que se produz por lá. Com a repercussão simbólica da obra no Rio de Janeiro, São Paulo e em todos os outros lugares por onde passamos, incluindo as principais capitais do Brasil, difundimos a vida e a obra do ceramista Mestre Vitalino, circulando mais uma vez através do Projeto Mambembão.

A montagem se mantém até hoje em atividade, agora comigo na coordenação, mas seguindo as marcas e as ideias originais de Vital Santos. Para além do diretor perfeccionista e exigente, do excelente dramaturgo, recordo-me dele como um amigo e, claro, bate uma saudade latente. Revisito cada espetáculo que realizava com o nosso grupo, lembro principalmente das mudanças constantes que fazia na cena e muitos da equipe não gostavam. Mas era esse o maior valor de Vital, o cuidado que mantinha com seus espetáculos, aprimorando-os sempre. Por isso recebeu tantos prêmios importantes do Teatro Brasileiro: Mambembe, Molière, APCA, Gralha Azul. Tudo direcionado para o teatro do “País de Caruaru”. E nossa trajetória foi grandiosa.

Certa vez, quando estávamos em Garanhuns, ele disse a mim e a Adeilza Monteiro: “Toda a minha obra será entregue ao Feira. E enquanto Sebastião Alves for vivo, é ele quem assinará a liberação para os espetáculos. Porque eu quero continuidade”. Com isso, a filha dele, Isabela Sobral, que é advogada, preparou todos os documentos, e desde então estamos à frente desse grupo que eu coordeno e busco manter viva a obra de Vital Santos. Só tenho a agradecer e parabenizar a todos, os presentes e ausentes, da Companhia Feira de Teatro Popular.

DECEPÇÕES, APRENDIZADOS E A ADMIRAÇÃO

Fátima Aguiar



Fátima Aguiar em
Concerto Para Virgulino
Sem Orquestra (1994), pela
Ópera Popular do Nordeste
Texto e direção: Vital Santos
Foto: Acervo Fátima Aguiar

Nos anos de 1980 a classe teatral pernambucana ficou um bom tempo realizando suas atividades cênicas no Teatro do Derby, que nos foi gentilmente cedido pela Polícia Militar de Pernambuco em vista do incêndio ocorrido no Teatro Valdemar de Oliveira no início daquela década. E nestes idos, entre apresentações de grupos, aconteciam os bons e sempre proveitosos festivais que mexiam e apimentavam a vida cultural da cidade e dos artistas da cena. Além de incentivar a aproximação e oportunizar o conhecimento da pesquisa de cada equipe, também mostravam para a cidade os valores artísticos individuais que surgiam e que foram se aprimorando ao longo dos anos.

É o caso de João Falcão, Carlos Carvalho, Antonio Cadengue, Magdale Alves, Marilena Breda e tantos outros. Claro que eles já desenvolviam trabalhos junto aos seus grupos, mas os festivais eram e continuam sendo uma verdadeira vitrine de talentos. Foi num desses eventos que um alumbramento me tomou na apresentação

de um conjunto de Caruaru, o Grupo Feira de Teatro Popular, com uma peça que simplesmente me arrebatou pela profusão de criatividade cênica com vozes, músicas, marcações e interpretações, numa harmonia poética que só me confirmava que mesmo os assuntos mais espinhosos, como era o caso, poderiam ser levados ao palco num formato em que o “feio” (o tema da peça) e o “belo” (os elementos cênicos utilizados para contar a história) se entrelaçassem levando a uma emoção extasiante.

A peça em questão tem o título de *O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou*, e seu autor é Vital Santos. Ele já vinha de uma longa estrada artística, já tinha mostrado sua potência no eixo Rio-São Paulo, lugares onde ainda se concentra grande parte da engenhosidade cultural do Brasil e, naquela época, mais ainda. Afinal, o trabalho artístico só reverberava no restante do país se fosse levado para a apreciação no Rio de Janeiro (principalmente) e/ou São Paulo. Se aprovado, quando regressássemos aos nossos estados de origem, o sucesso era/é garantido. Tanto ontem quanto hoje.

Mesmo tendo como tema as agruras, o sofrimento e o abandono do povo nordestino, na obra de Vital Santos tudo é colocado de maneira poética para encantar a plateia, sem, contudo, anestesiá-la, mas nos mostrando um jeito inteligente de dizer que a capacidade que temos de rir de nossas dores é o que nos fortalece. “O nordestino é, antes de tudo, um forte”, disse Euclides da Cunha. Acredito que Vital nos apresenta esse nordestino com muita poesia e bravura. Foi assim que a experiência com a citada peça dele ficou gravada em minhas retinas e em minha memória. Claro que havia buchichos de ser uma obra muito regionalista, datada, que só via a miserabilidade do povo, mas tomei como intriga da oposição e o tempo se encarregou de confirmar esta minha impressão.

Os anos correram e chegamos ao período de 1994 a 1996, quando assumi a direção do Teatro Barreto Júnior, no Pina. Dentre tantos pedidos e visitas que chegavam àquela casa de espetáculos, uma me fez, realmente, saltar da cadeira: era o produtor de um grupo de Caruaru disposto a apresentar-se no Recife. Naquela época, as pautas de teatro eram abertas pela Fundação de Cultura Cidade do Recife para ocupação de três meses, nos horários das 16 ou 21 horas. Fui explicando este procedimento para o rapaz, mas tive a curiosidade de perguntar-lhe qual o nome do grupo e do espetáculo. Quando ele me falou, dei uma levantada da cadeira com tanta

impulsividade que o produtor estampou um sorriso, um pouco espantado. Ali compreendi que não podia deixar escapar essa oportunidade de nós artistas conhecermos, e da própria cidade, aquela que é considerada uma obra-prima, *Auto das Sete Luas de Barro*.

Propus um acordo entre o Grupo Feira de Teatro Popular, nome do conjunto liderado por Vital Santos, e as produções dos espetáculos selecionados para a abertura de um horário alternativo às 18h30. E isso só foi possível porque as peças tinham pouco material de cena, facilitando as montagens e desmontagens de cada trabalho. A estreia da obra caruaruense, confesso, foi complicada pelo perfeccionismo que Vital imprimia às suas encenações. Na hora marcada, ele continuava ensaiando, até que falei que iria abrir a plateia. Ele aceitou meio a contragosto, mas não dava mais para esperar por respeito aos espectadores, já impacientes, e devido ao compromisso com o espetáculo das 21 horas. No entanto, a espera não se deu em vão. Foi uma estreia emocionante para um público ainda pequeno, mas que a cada semana aumentava pela divulgação “boca a boca”, como se diz no jargão teatral.

Felizmente, não parou por aí a minha experiência com ele. Pude acompanhar bem de perto o processo criativo em mais duas peças suas, como atriz e produtora executiva. Aliás, nas decisões do que fazer, havia um núcleo principal formado pelo saudoso Adelson Dornellas, Galiana Brasil, Telma Cunha, Ana Montarroyos, Ana Cláudia Wanguestel, Beto Nery e eu. No primeiro trabalho, *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra*, Vital entrou como financiador e mentor de todo o processo. Para um projeto tão grandioso, éramos todos inexperientes, mas nos saímos bem, principalmente no quesito manter um grupo coeso e focado, mesmo com 32 pessoas e suas idiossincrasias. Vital também queria muito que desse certo, apesar de nos mostrar o seu lado difícil de convivência. Mas o grupo estava firme no propósito de levar adiante a encenação, afinal, um sentimento coletivo pairava no ar.

O resultado foi um espetáculo bonito e trabalhoso em que pudemos sentir a força cênica e dramaturgica do autor/diretor. Todas as cenas foram laboriosamente construídas com muita coreografia e cantos que exercitávamos à exaustão com o diretor musical (Romero Andrade) e, principalmente, com o diretor Vital, que elaborava trechos meticulosamente, concebendo cada movimento como um artesão na criação de suas joias. Ele chegou a passar dias que entravam por semanas, burilando cada cena, mas ao cabo

de nove meses parimos “a criança” em Caruaru, terra de Vital e do seu nascimento artístico, onde ele tinha um prestígio irrefutável.

Estreamos na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru - FAFICA. Foram momentos tensos em todos os aspectos. É certo que a influência de Vital na cidade favoreceu bastante nossa apresentação e este fato foi reconhecido por todos os integrantes da trupe. Contudo, estávamos fora do nosso habitat natural, ou seja, um teatro, pois nossa apresentação foi num auditório adaptado para a encenação, com passarela adentrando à plateia e com um reforço na iluminação da rua para não sobrecarregar a da Faculdade. Sei que no final saímos bem animados. Mesmo com toda a pressão fizemos um belo trabalho e, no Recife, iniciamos com o pé direito nossa temporada.

A primeira foi no Teatro Barreto Júnior, com adaptação do palco que se estendia numa passarela pela plateia, dividindo-a ao meio e tendo ao fundo um grande círculo. Algumas pessoas da classe artística criticaram bastante essa concessão feita para o grupo e para o diretor, alegando perda de ingressos, com prejuízo para as companhias, e privilegiando uma peça em detrimento das outras que estavam em cartaz. Quero esclarecer que tudo foi acordado com as produções, todas aceitando também utilizar a estrutura de madeira colocada na plateia. Lembro até que Luiz Felipe Botelho, que dirigia a peça *A Bela e a Fera*, da Portugal Produções, incluiu marcações na estrutura cenotécnica idealizada por Vital Santos. Deixo aqui minha gratidão aos produtores e diretores que entenderam a importância do nosso projeto e colaboraram para a continuidade de todos os espetáculos ali apresentados.

Ao término da temporada de *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra* no Teatro Barreto Júnior, entramos em contato com a direção do Teatro Joaquim Cardozo para realizarmos uma temporada ali, em comemoração à criação do Centro Cultural Benfica, pertencente à Universidade Federal de Pernambuco. Ficou acertado que o espetáculo seria no pátio e assim foi realizado: armamos todo aquele cenário grandioso num espaço mal arranjado, embaixo das árvores e no chão de terra, com plásticos pretos grandes. Quase 30 anos depois e com o amadurecimento crítico que a profissão artística exige, corroboro com a opinião da recém-empossada direção do Centro Cultural Benfica, quando nos solicitou o término da temporada e a retirada de todo o nosso cenário, já que não estava condizente com as novas diretrizes da gestão.

A peça, então, só foi apresentada mais uma vez, no projeto “Todos Com a Nota”, no Teatro do Parque, um fim melancólico! A relação com Vital já estava bastante desgastada, principalmente por ele ter ido montar a mesma obra no Rio de Janeiro, chamado por uma produtora que na época presidia o SATED/PE. Ficamos na esperança de que todo o nosso elenco participaria, mas não foi o que aconteceu: só o diretor musical e uma atriz foram convidados, um duro golpe para todos nós. Afinal, seria a chance de nos apresentarmos na capital cultural do país, onde balizariamos todo o nosso trabalho, que a esta altura já contava uns três anos entre ensaios e temporadas. Mas superamos, quer dizer, alguns superaram – eu inclusive – quando Vital chegou com um novo texto para ser montado, *O Príncipe dos Mares de Olinda Contra a Fúria das Águas*, um infantojuvenil.

A elaboração desta peça foi o oposto da anterior. Mesmo com um elenco bem menor, as energias estavam bastante dispersas e o entusiasmo também era pequeno. Para esta montagem, conseguimos financiamento federal, o que facilitou a nossa vida de produtores, uma vez que Vital não estava mais disposto a bancar com dinheiro a peça. No entanto, seu trabalho de direção e construção das cenas continuava com a mesma dinâmica de coreografias, cantos e personagens que se multiplicavam dentro da história. Embora existissem cenas bem feitas, o conjunto da obra, confesso, era confuso. Dentre as intercorrências negativas, a mais traumática foi o trabalho do figurista que, por ser famoso, acreditávamos que valorizaria e muito a nossa peça. Puro engano. Ele só entregou o figurino no dia e hora da estreia, com o público chegando para nos ver.

A tensão e a vergonha foram tantas que subi ao palco e pedi desculpas, dizendo que iríamos apresentar um ensaio geral e que as pessoas se sentissem à vontade para sair. Gratidão àqueles espectadores. O fato dessa segunda montagem que fiz com Vital Santos, tanto como atriz e produtora, ter resultado num certo fracasso, não invalida a admiração que tenho pelas suas criações, pela noção de direção e criatividade transmitida para nós durante os ensaios, mesmo sem ele falar uma palavra sobre teorias da interpretação. Não precisava. Quem tivesse olhos e ouvidos para ver e ouvir, com certeza captaria seus conhecimentos, infelizmente não o seu talento. Este nasceu, se desenvolveu e morreu com ele. Mas deixou um legado que são as suas peças teatrais, agora reunidas nesta coleção de livros.

AO MESTRE, COM CARINHO

Samuel Santos



Samuel Santos em
*Rua do Lixo, 24 -
Le Grand Cirque de la Vie*
(2004), pela Companhia
Feira de Teatro Popular
Texto e direção:
Vital Santos
Foto: Hans von
Manteuffel

Conheci Vital Santos em 1993, no Teatro Barreto Júnior, no Recife. Eu estava em cartaz com uma montagem baseada na obra de Jorge Amado e dirigida por Williams Oliveira, *Capitães da Areia*, no horário das 21 horas, e Vital veio fazer uma temporada de sua peça *Auto das Sete Luas de Barro* no mesmo teatro, no horário alternativo das 18h30, com o Grupo Feira de Teatro Popular, de Caruaru. O espetáculo atrasou bastante e eu, junto da nossa produtora, ouvia dela palavras assim: “Um atraso desse vai nos prejudicar. O espetáculo não tem nem cenário, é bem amador, deve ser muito ruim”, vociferava a mulher. Vital apareceu em cena, pediu desculpas pelo atraso e arrematou: “Mas vocês não vão se arrepender, pois este trabalho é um clássico”. A nossa produtora se contorceu em caretas.

No fundo do palco, apenas um pano branco foi iluminado. De repente, *blackout* seguido de sons de apitos, chocalhos, preacas. A atmosfera sonora de mistério e magia começou a ser estabelecida. Surgem três figuras representando os três Reis Magos ou os três seres encantados enviados para anunciar o nascimento de Vitalino, o mestre do barro. Ouvimos gritos. É o grito da terra. A terra está parindo. Parindo Vitalino! Ele nasce de dentro da terra, de dentro do barro.

Entra a primeira música e o Mestre Vitalino é moldado por mãos artesãs, as mãos artesãs de Vital Santos. Com cinco minutos de cena todos no teatro já estavam arrebatados, tomados, hipnotizados.

Eu chorava feito uma criança. A mágica se dava. O teatro de Vital tinha e tem essa capacidade de hipnotizar entre a poesia e a simplicidade, pois nas encenações dele o palco vai ganhando volume, encantamento, arrebatamento. Quando o espetáculo acabou a nossa produtora estava muda ou foi emudecida por tudo que aquela obra realmente é: um clássico! Eu fiquei uns cinco minutos paralisado após a representação. Era uma emoção, um estado de não querer fazer mais nada, apenas permanecer sentindo aquilo que vi e ouvi na alma. O que acabara de assistir não reverberou só naquele dia, reverbera até hoje! Foi assim que eu descobri o *teatro vital* do grande Vital Santos.

Na semana seguinte, o dramaturgo e diretor caruaruense foi assistir à peça em que eu estava atuando e, para minha surpresa, após a sessão, veio falar comigo, elogiou o meu trabalho como ator, disse que ia montar um espetáculo com produção da Ópera Popular do Nordeste (junto a Fátima Aguiar, Galiana Brasil, Romero Andrade, Telma Cunha e Adelson Dornellas) e me convidou para fazer parte da montagem. Quase pirei! O autor e diretor do *Auto das Sete Luas de Barro* estava me convidando para trabalhar com ele! A peça era *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra* e fazia um paralelo da história de Jesus Cristo com a de Virgulino Ferreira, o Lampião. Este espetáculo foi a minha escola!

Trabalhamos nove meses de ensaios. Vital era detalhista e se preocupava muito com a forma e, principalmente, com dois polos da encenação: o início e o final. Só na abertura levou três meses para construí-la. Fazia, desfazia, construía e desconstruía. Nessa abertura, ele só utilizava o elenco feminino; o masculino entrava num segundo momento. Assim, fiquei três meses assistindo Vital criar e recriar e, a partir dali, disse para mim que queria ser diretor de teatro um dia. O contato com Vital fez nascer o diretor Samuel Santos. Pois, assim como aprendi no *Auto das Sete Luas de Barro*, o espetáculo *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra* foi a minha universidade, o *teatro escola* de Vital Santos.

De espectador, virei ator do mestre. Aqui narro como era trabalhar com ele, já que pude ser dirigido por Vital em três outros espetáculos, O

Príncipe dos Mares de Olinda Contra a Fúria das Águas, Uma Canção Para Othelo e Rua do Lixo, 24 - Le Grand Cirque de la Vie. Primeiramente, era preciso ter o desapego com o tempo e estar disponível para as construções e desconstruções das cenas. Ao mesmo tempo que ele concebia algo, no outro ensaio ou até mesmo naquele encontro, refazia tudo de novo. Era extremamente perfeccionista e primava pela coordenação poética da cena, um diretor que não se contentava em terminar a cena de imediato, ia lapidando, mexendo, descobrindo a melhor maneira de apresentá-la ao público.

O teatro dele era mágico, mas sem se prender à ilusão e até a utilizando desconstruidamente para mostrar ao espectador que se estava num teatro e também no mundo, servindo para criar laços simultâneos com a realidade e a poesia. Para ele, tudo tinha que ser bem marcado. Do gesto à música, da canção à palavra. Com uma dramaturgia ancorada na musicalidade e de forma original e criativa, ele transformava o lixo em poesia. Com isso, pintava na própria cena vários quadros poéticos e estéticos. Sua cena não era estática ou meramente estética. Ele realçava o discurso social e político. Brincava sempre entre o trágico e o humor com muita maestria.

Quanto à dramaturgia, ela tem uma nervura popular e traça conexões regionais e eruditas. É simples, mas de grande força poética. No entanto, é no palco que fica mais potente, ampliada e surpreende. A cena de Vital faz o espectador ter experiências sensoriais, visuais e auditivas. O teatro na mão de Vital era uma ferramenta poderosa, um meio poético para a formação intelectual e cultural do homem. Pois bem, depois de ser espectador e ator de Vital Santos, virei o seu assistente de direção. Antes, já tinha dirigido os espetáculos *A Terra dos Meninos Pelados*, *A Cantora Careca* e *Não Feche os Olhos Esta Noite*. Eu já era um diretor, portanto, estava no meu início e recebi o convite de Alcimar Vólia, ex-mulher e produtora de Vital, para ser assistente de direção dele. Topei na hora!

Só que, com as desistências de alguns atores, ela me pediu para também entrar em cena. “Você entende Vital e só você pode assumir essa substituição”, me disse ela. Relutei, pois não queria mais atuar, no entanto tinha um carinho tão grande pelos dois que aceitei assumir uma personagem em *Rua do Lixo, 24 - Le Grand Cirque de la Vie*, a última obra em que estivemos juntos. Vital foi um artista que não deixou um método, uma técnica teatral, mas uma forma de construir suas peças com alto grau de interesse a cada

cena, portanto, ser primeiramente espectador, e depois ator e assistente de direção dele, foi mais que uma experiência, foi a certeza de que o teatro é grande! O teatro é vital!

Entretanto, quando eu achava que aquele ciclo havia se encerrado... fui à feira! “Caruaru sou eu”, assim falava Bom Cabelo, personagem principal de *Olha Pro Céu, Meu Amor*, texto e direção de Vital Santos. Assim me tornei um “Caruaru sou eu” quando, em 2013, fui dirigir a turma do Feira, com a qual Vital ficou conhecido nacionalmente. Encenei um texto meu, *A Lenda do Santo Fujão*, inspirado numa lenda do padroeiro de Taquaritinga do Norte, em Pernambuco. A peça conta a história do casal Maria e José, que encontra uma imagem de Santo Amaro e a coloca num pequeno altar. Os moradores ficam sabendo que a relíquia está operando milagres e correm à pequena capela para pedir dádivas ao Santo. Diante de tanta gente, as autoridades da cidade resolvem construir um grande templo. Assim, a estátua é retirada da capela e levada para uma igreja dourada.

Só que o Santo Amaro, após ganhar vida e se ver longe da sua humilde casa, resolve fugir. No caminho de volta ao seu lugar de origem, o Santo vai vivendo várias situações inusitadas, entre dramáticas e cômicas. Ao escrever o texto, percebi que a dramaturgia tinha a cara do pessoal de Caruaru, pois há assumidamente influências da dramaturgia de Vital. Mas, ao contrário de *Uma Canção Para Othelo*, quando passei a morar naquela cidade por cinco meses, desta vez eu tive que me deslocar do Recife aos finais de semana. E dessa forma o processo de montagem foi executado.

Do elenco que vi no início da década de 1990, apenas continuava Nadjá Cristine, além do músico Jadilson Lourenço e dois outros atores remanescentes de outros tempos, Iva Araújo e Jô Albuquerque. Mesmo sabendo que por mais que eu tivesse “investigado”, “aprendido” Vital Santos, eu não era ele (longe disso), mas havia similaridade e conectividade entre a atual Companhia Feira de Teatro Popular, a minha direção e os rastros deixados por Vital. O texto proposto não era estranho a eles. A encenação, por sua vez, bebia nas fontes do mestre, com músicas compostas por outro mestre, Jadilson Lourenço, que iam fazendo ora a narrativa da peça ora a atmosfera, o humor e a crítica social. A cena era assumidamente anti-ilusionista, as transições, a formação coral, a quebra da quarta parede, e o elenco comprou a ideia.

Eu trouxe para a preparação vocal Naná Sodré, do meu grupo, O Poste Soluções Luminosas; além do multiartista Helder Vasconcelos, que fez a preparação corporal; Sebastião Simão Filho, que executou as máscaras e orientou na manipulação dos bonecos de vara; e Java Araújo, que concebeu os figurinos. Durante seis meses, a minha percepção nesse encontro com a turma do Feira era de uma certa orfandade do seu mentor maior. Mas mesmo assim o trabalho foi construído e estreou em novembro de 2013, no Teatro João Lyra Filho. O espetáculo durou pouco. Apenas onze apresentações ali, uma no Teatro do SESC, pelo FETEAG, e outra em Taquaritinga do Norte. Não teve continuação como outras obras do conjunto.

Nesses meus ciclos de espectador, ator, assistente de direção de Vital Santos e, por último, dramaturgo e diretor da Companhia Feira de Teatro Popular, trago comigo uma parte importante e significativa da minha formação. Com Vital aprendi que o teatro é um jogo em que a crítica social comunga intimamente entre o palco e a plateia, mas sem nunca perder a poesia, a emoção e a reflexão. Hoje sou menos Vital e mais Samuel Santos, dentro de uma est tica afroind gena no meu próprio núcleo, o Grupo O Poste Soluções Luminosas, mas ainda carrego o aprendizado do mestre, principalmente nos momentos em que tenho que me fazer entender como diretor e autor teatral, pois o teatro de Vital perpetua rastros no tempo da memória.

“Vitas”, como eu o chamava, deixou um legado que merece ficar nos anais da história do teatro brasileiro. Por isso, parafraseando uma fala de Vitalino no espetáculo *Auto das Sete Luas de Barro*, encerro este artigo assim: “Viva Deus, viva a mãe de Deus, e viva Vital Santos e suas dramaturgias”.

AUTO DAS SETE LUAS DE BARRO



Auto das Sete Luas de Barro (1979),
pelo Grupo Folgado de Arte Popular
Texto e direção: Vital Santos
Foto: Acervo Alcimar Vólia

AUTO DAS SETE LUAS DE BARRO

Auto das Sete Luas de Barro, a mais aclamada obra de Vital Santos – tanto em termos de dramaturgia quanto de encenação –, é uma fantasia dramática e musical baseada na vida do Mestre Vitalino ou Vitalino Pereira dos Santos, famoso ceramista caruaruense que nasceu no Sítio Campos, nos arredores daquele município, em 10 de julho de 1909, e faleceu no Alto do Moura, também na própria Caruaru, no dia 20 de janeiro de 1963, aos 53 anos, vítima de varíola. Tendo como painel de fundo os problemas do artista popular no Nordeste, sejam eles ceramistas, violeiros, escritores de cordel ou mamulengueiros, a peça centra sua atenção naquela vila-comunidade, distante 7 Km do centro da “Capital do Agreste”, onde viveu Vitalino em meio a uma população de mais de oitocentas famílias, a maioria de artistas populares.

Até hoje, é ali onde seus filhos, netos e bisnetos dão continuidade ao seu trabalho, seguidos por muitos que sobrevivem da fabricação das esculturas e dependem exclusivamente do barro massapê e da água. No espetáculo, o problema maior dessa gente é a falta de matéria-prima, totalmente consumida pelas indústrias de cerâmica, como também a carência d’água e de assistência social. Falta saúde e educação, denuncia a obra. Para piorar, ainda aparece o intermediário, a pessoa que compra as peças de artesanato a preço muito baixo e faz a distribuição no mercado nacional e internacional. Como não há incentivo, organização e estrutura para que seja o artista a vender suas criações ao consumidor (o próprio revendedor ou compradores interessados na arte popular), eles acabam dependendo do atravessador para esse comércio.

Vitalino foi amplamente consagrado, tornou-se famoso no mundo inteiro como ceramista e teve obras suas expostas até no Museu do Louvre, em Paris, mas morreu na mais terrível miséria: “Pouco tempo depois de sua



Auto das Sete Luas de Barro (1979),
pelo Grupo Folgado de Arte Popular
Texto e direção: Vital Santos
Foto: Acervo Vital Santos

morte, tombaram a sua casa para servir de atração, mas, na verdade, eles não preservaram a sua casa nem os seus bonecos; eles tombaram foi a sua própria miséria, retratada no Alto do Moura, em forma de museu” (SANTOS, *Auto das 7 Luas de Barro* [Programa], 1993, s. p.). Sem tratar-se de uma biografia dramatizada precisa, pois há muitas licenças poéticas em ficção, *Auto das Sete Luas de Barro* imprime às situações dramáticas denúncia, mas também um delicado humor. Através do teatro, da música, da dança e da poesia atinge-se o lirismo, a própria sensibilidade daquele artista popular que soube tão bem esculpir a realidade e a pureza de toda a sua gente.

O espetáculo é enriquecido por belas músicas de Jadilson Lourenço (além da inserção final do samba-enredo da escola de samba carioca Império da Tijuca, *O Mundo de Barro do Mestre Vitalino*, de 1977, dos compositores Adilson da Viola, Chipolletchi e Biel Reza Forte), e “mostra a luta e o sofrimento dessa gente, numa coreografia nem sempre lírica, extraída dos gestos de aflição dos próprios bonecos de barro” (SANTOS, *Auto das 7 Luas de Barro* [Programa], 1993, s. p.). Referindo-se a algumas das cenas mais bonitas da montagem: “No colorido da feira de Caruaru, de dentro dos toldos, saem

ladrão de galinha, doutor, delegado, dentista, boi, cavalo, gente casando, pescador, lavadeira, balaieiro, padre, retirante, catadora de piolhos...” (AUTO..., *Mambembão-Ipiranga* [Material de divulgação], 21 jun. 1984, p. 2), já que os próprios atores se transmutam em bonecos de barro por várias vezes.

A peça teatral também lembra que Vitalino tinha grande paixão pela música, pois era tocador de pífano, instrumento que aprendeu pela cadência, “tirando tudo do juízo”, como dizia. Participava até de uma bandinha de pífano e, em 1960, chegou a gravar seis músicas nos estúdios da Rádio MEC, lançadas no disco *Vitalino e Sua Zabumba*, de 1975, pela Companhia de Defesa do Folclore Brasileiro, 12 anos depois de sua morte. Outra paixão era a cidade de Caruaru. Sempre que ele se ausentava da sua terra, ficava louco para voltar. Assim como seu homenageado, *Auto das Sete Luas de Barro* também ganhou notoriedade graças às viagens que fez, tanto que fica impossível pormenorizar as tantas turnês e apresentações da equipe, acontecendo até hoje esporadicamente (em 2024 a peça foi exibida e até celebrou 45 anos desde a estreia, sem previsão de acabar), mas vou pontuar os momentos mais interessantes e, principalmente, o retorno que os críticos lhe deram nessa trajetória tão vitoriosa.

REVERENCIANDO O MESTRE DO BARRO

No enredo, a montagem traz à cena, além de Vitalino em três fases da vida (criança, jovem e adulto, aqui já entregue à bebida), seus pais (Josefa e Marcelino), sua mulher (Joana), os cinco filhos (Mariinha, Antônio, Severino, Amaro e Manoel. Detalhe: o ceramista teve outra filha, que não se tornou artesã e nem está na montagem teatral; o filho Antônio, inclusive, foi assassinado à vista do próprio pai por um agricultor com um facão, tragédia que também não aparece no espetáculo), outras figuras reais (como o amigo Augusto Rodrigues, o Governador Sette Câmara e os ceramistas Zé Caboclo, Zé Santeiro, Galdino e Geraldinho), além de cinco repórteres e três figuras místicas (Azedo, Surubim e Gaspar, respectivamente na simbologia do Jericó, do Lobisomem e do Babau). O autor informou que, sem exceção, todos os atores faziam vários papéis e que o cenário devia ser composto por praticáveis que se transformavam em barracas de feira, cama, mesa e base para os bonecos de barro.



*Auto das Sete
Luas de Barro*
(1979), pelo
Grupo Folgado
de Arte Popular
Texto e direção:
Vital Santos
Foto: Acervo
Vital Santos

O elenco original da peça foi composto por Antônio Medeiros (como Mestre Vitalino adulto, ator a quem Vital, após a morte do mesmo, fez reverência a ele como um “homem que dedicou sua vida ao teatro e morreu frágil e pobre como o mestre do barro”), e mais Agnaldo Melo, Anselmo Pereira, Célio Vasconcelos, Cícero Lopes, Flávio Melo, Iva Araújo, Marileide Melo, Neide Almeida, Paulo Neves, Pinheiro Júnior, Romualdo Freitas, Rui Azevedo, Tônico Neto, Vadico Vasconcelos e Wellington Branco. Os músicos que tocavam ao vivo: Jadilson Lourenço (voz, violão e viola), Carlos Alves (voz e percussão) e Carlos Sá (voz e pífano). Vital Santos assinou texto, direção, cenário, adereços e iluminação (esta última executada por ele ou Wilson Feitosa). A concepção e execução de figurinos foram de Iva Araújo. Manoel Alves era o contrarregista e Alcimar Vólia, atriz que logo também passaria a fazer parte do elenco, cuidava da produção e da divulgação.

Como Vitalino completaria 70 anos em 10 de julho de 1979, Vital, após longa pesquisa, planejou escrever um musical a partir de sua figura, agora com o seu conjunto cênico, o antigo Grupo de Cultura Teatral, em outra denominação. Foi assim que surgiu *Auto das Sete Luas de Barro*, pelo Grupo Folgado de Arte Popular, cujos ensaios aconteceram na Casa de

Cultura José Condé e a estreia se deu no auditório da FAFICA - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru, uma semana antes da turma viajar para a Paraíba, lançando-se oficialmente no IV Festival de Inverno de Campina Grande, na noite de 30 de julho de 1979. Lá, encerraram a programação. Na mesma grade, outra equipe caruaruense, o Teatro Experimental de Arte - TEA, já havia apresentado *Festa de Casamento*, texto e direção de Argemiro Pascoal. O secretário de Turismo do município, Rui Rosal Filho, até viajou para o evento na intenção de dar respaldo oficial às apresentações dos dois grupos que receberam apoio da municipalidade para chegar ao estado paraibano.

Um dado curioso e triste: Manoel, o filho mais velho de Vitalino, esteve uma semana antes por lá, exibindo seus bonecos, mas não vendeu nenhuma peça, assim como outros ceramistas, segundo reportagem do jornal *Vanguarda*: “O povo somente se interessava pela bandinha de pí-fano’, disse Vitalino Filho” (VIDA..., *Vanguarda*, 29 jul. 1979, p. 1). Outro aspecto que poucos sabem é que o jornalista Tavares Neto, da sucursal do *Jornal do Commercio* em Caruaru, afirmou que o mesmo Manoel, em defesa do legado do pai, tinha lhe dito que a peça iria criar uma imagem ruim de Caruaru, “uma contribuição negativa que o autor Vital Santos fará, mostrando ao Brasil a miséria que levou seu pai ao túmulo” (TAVARES NETO, *Jornal do Commercio*, 11 jul. 1979, p. 21). No entanto, o mesmo repórter complementou na matéria: “O escritor Vital Santos esclareceu que sua peça não visa criar imagem negativa de Mestre Vitalino. Através desse trabalho, quer que o governo assista os seguidores de Vitalino com o essencial: assistência financeira, médico-dentária e educação”.

Mas isso foi antes da consagração nacional que a peça receberia, e as pazes com a família de ceramistas foi feita. No IV Festival de Inverno de Campina Grande, além de ter sido considerado pela crítica e pelos participantes do evento o melhor espetáculo apresentado, visto por uma plateia lotada no Teatro Municipal Severino Cabral, incluindo o diretor do Serviço Nacional de Teatro, Orlando Miranda, que não cansou de fazer elogios à obra e até convidou o grupo dirigido por Vital para participar do 3º Projeto Mambembão, garantindo-lhes visitas a Brasília, Goiânia, São Paulo e Rio de Janeiro, o protagonista Antônio Medeiros recebeu o prêmio de melhor ator, fazendo parte do público chorar e os aplaudir delirantemente no final da exibição. Outros convites surgiram à equipe: participar do Festival Nacional de

Teatro Amador - Fenata, em Ponta Grossa, no Paraná; do Festival de Artes de São Cristóvão, em Sergipe; e do Festival de Teatro Amador e Universitário de Feira de Santana, na Bahia. Nem todos se concretizaram, na verdade.

Chegando ao competitivo VII Fenata, uma promoção da Universidade Estadual de Ponta Grossa, da Fundação Teatro Guaíra e da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, evento que reunia espetáculos do Espírito Santo, Rio Grande do Norte, Paraná, São Paulo, Pernambuco, Santa Catarina e Minas Gerais, além de ofertar aulas de direção, história do teatro paranaense, expressão corporal e expressão vocal, a equipe caruaruense pôde se exhibir logo na abertura, na segunda-feira 15 de outubro de 1979. Resultado: recebeu cinco das treze premiações programadas – melhor espetáculo, melhor música (Jadilson Lourenço), melhor figurino (Iva Araújo), melhor iluminação e melhor autor nacional (as duas últimas para Vital Santos). Ali, Alex Pitanguiera, repórter do periódico *Diário dos Campos*, da própria cidade de Ponta Grossa, escreveu:

Numa profusão de cores e efeitos simplórios, sem maiores preocupações de carpintaria e/ou maquinaria teatral, usando percussão, um som ótimo e uma música contagiante, até certo ponto mais expressiva que alguns diálogos ou monólogos, *Auto da Sete Luas de Barro* foi mais uma apologia ao Mestre Vitalino, quando se decantou a sua obra e a sua vida. Em cena, os atores conseguiram criar momentos importantíssimos das figuras de Vitalino: cenas e situações dramáticas. (PITANGUEIRA, *Diário dos Campos*, 18 out. 1979, s. p.)

Participando como convidado especial do evento, o importante crítico Yan Michalski, do *Jornal do Brasil*, polonês radicado no Rio de Janeiro, elogiou a coordenação daquele Festival por ter escolhido um espetáculo do quilate de *Auto das Sete Luas de Barro* para abrir a grade de atrações, tão emocionante como auto popular, de absoluta originalidade no conteúdo e na forma, e sendo mais uma obra do “notável poeta teatral” Vital Santos:

Desde o Festival Nacional organizado pelo SNT em Fortaleza, em 1975, venho acompanhando com interesse o trabalho de Vital, um dos criadores autenticamente capazes de combinar nas suas realizações a inspiração de velhas tradições populares

do Nordeste, a preocupação com os contrastes e conflitos sociais que afligem a região hoje em dia, e uma inventiva cênica capaz de sensibilizar o público de qualquer região do país. [...] O espetáculo, enriquecido por belíssimas músicas de Jadilson Lourenço, expõe a patética trajetória do grande artista popular não só com absoluta clareza e com calorosa emoção, mas também com uma inusitada beleza formal, apoiada no achado de transformar os atores, quando a ação o exige, em bonecos de Vitalino, através de composições que imitam as suas cerâmicas com uma fidelidade impressionante. Deste modo, a vida do artista acaba sendo contada através da sua obra, as duas sendo uma coisa só. Mesmo fora desses momentos lindíssimos em que o movimento cênico se cristaliza na composição das cerâmicas, o espetáculo tem um fôlego inventivo incomum, com destaque para o uso mágico de materiais pobres, um pouco à maneira de *Macunaíma* [dirigido por Antunes Filho com base no texto de Mário de Andrade], embora, é claro, sem a sofisticação visual erudita que a contribuição de Naum Alves de Souza [o diretor de arte] infiltra na realização do Grupo Pau-Brasil. (MICHALSKI, *Jornal do Brasil*, 23 out. 1979, p. 2)

DUAS REFERÊNCIAS DA CENA TEATRAL BRASILEIRA

É interessante Yan Michalski fazer essa comparação entre Antunes Filho e Vital Santos, já que nesse momento da trajetória de ambos eles ainda primavam por uma cena limpa, sem muitos artifícios cenográficos, a valorizar o ator como elemento chave para total organicidade de suas montagens. *Macunaíma*, por sinal, além de ter inaugurado a fase dos encenadores brasileiros com maior autonomia da escritura cênica em relação ao texto dramático, estreou dez meses antes de *Auto das Sete Luas de Barro*, em 15 de setembro de 1978, no Theatro São Pedro, na capital São Paulo. Não sei se Vital conseguiu conferi-la nessa época, já que a aclamada montagem só pôde ser apreciada no Recife de 31 de janeiro a 15 de fevereiro de 1980, cumprindo temporada no Teatro de Santa Isabel, coincidindo quase que totalmente com a circulação da equipe caruaruense pelo 3º Projeto Mambembão. No entanto, antenado com o que se fazia no teatro brasileiro, é provável que Vital a tenha visto, mas sua assinatura estética é bem anterior a ela, vem desde 1969.



Auto das Sete Luas de Barro (1979),
pelo Grupo Folguedo de Arte Popular
Texto e direção: Vital Santos
Foto: Acervo Vital Santos

Importante registrar ainda que a crítica de Yan Michaski foi devidamente publicada na capa do jornal *A Defesa*, em Caruaru, mas sob outro título “Sete Luas de Barro, de ouro” (SETE..., *A Defesa*, 5 jan. 1980, p. 1), aproveitando a chamada que lhe dera outra jornalista, Marilú Silveira, do *Correio de Notícias*, de Curitiba, numa matéria de divulgação – e não crítica –, três dias antes, sob o título “Sete luas de barro. De ouro” (Cf. SILVEIRA, *Correio de Notícias*, 20 out. 1979, p. 13). Essa estratégia fez Vital, com o passar do tempo, acreditar que a ideia de que sua montagem de “barro” era de “ouro” tinha sido uma afirmação do respeitado crítico do *Jornal do Brasil* e, por vezes, ele até comentava que essa definição vinha da temida crítica Barbara Heliodora. Mas ao que tudo indica, se esta última chegou a ver *Auto das Sete Luas de Barro*, ela nunca escreveu sobre (estaria nosso homenageado, consciente ou inconscientemente, tentando reforçar sua própria credibilidade no correr dos anos? Se a memória, de fato, nos confunde, talvez isso tenha acontecido com ele).

A questão é que, um mês depois daquela publicação com título alterado em Caruaru, o próprio Yan Michalski teve mesmo outra crítica sua batizada de “Um barro que vale ouro”, no *Jornal do Brasil*, deixando as possíveis lembranças de Vital numa melhor situação. Além de louvar o trabalho com elogios rasgados exatamente por sua simplicidade, convocando o público carioca a não perder a oportunidade de ver aquele espetáculo que chegava ao Rio de Janeiro graças ao 3º Projeto Mambembão, e o fechava com chave de ouro, marcando fortemente a temporada carioca de 1980, ele novamente quis fazer a associação entre a escritura cênica de Antunes Filho e Vital Santos:

Guardando as devidas proporções, é difícil não lembrar de *Macunaíma*. Vital Santos tem personalidade criativa própria, bem diferente da de Antunes Filho. Mas há certas semelhanças de linguagem, na qual, aqui como lá, imagens de notável poder de síntese e sugestão e de comovente beleza plástica estimulam a capacidade do espectador de proceder a associações de ideias intensamente enriquecedoras. Há inegáveis semelhanças na inspiração telúrica da escrita cênica, no seu aproveitamento de materiais pobres, na sua profunda brasilidade. E, sobretudo, na paradoxal duplicidade de planos de leitura que cada um dos espetáculos sugere. Como *Macunaíma*, o *Auto* é um trabalho de pujante seiva popular, mas que comporta também uma construção e uma decodificação em nível sofisticado. O grande segredo do sucesso, além do evidente e admirável talento de Vital Santos, é a sua visceral comunhão de sentimentos e tradições com o povo sobre o qual escreve. Contando-nos a trajetória existencial do ceramista Vitalino, ele não se limita a teatralizar, de modo magistral, a obra do grande artista popular, traduzindo para a linguagem dinâmica do palco a forma originalmente inanimada dos seus bonecos. Ele faz bem mais: isola e coloca em destaque, com recursos de seleção e ênfase inerentes ao teatro, os elementos de alma popular, o *vírus* específico de Caruaru, de Pernambuco, do Nordeste, que vibra, que chora e ri em cada um destes pedaços de barro cozido. (MICHALSKI, *Jornal do Brasil*, 8 fev. 1980, p. 9)

Yan Michalski ainda destacou os principais aliados do encenador: a contagiante música de Jadilson Lourenço, a sábia iluminação do próprio

Vital e um elenco que parecia nascido para fazer aquele trabalho. Por fim, era uma realização que o público não deveria perder. Voltando ao ano de 1979, ainda por conta da ótima repercussão no Fenata, em Ponta Grossa, o Grupo Folgado de Arte Popular foi convidado a estender sua permanência em terras paranaenses e conseguiu exibir-se em Curitiba, a convite da Fundação Teatro Guaíra, no Auditório Salvador de Ferrante, com ingressos a preços populares, na segunda-feira 29 de outubro. Mas pouca gente viu. O grupo, então, preparou-se para cumprir a itinerância pelo Projeto Mambembão (que nesta 3ª edição contou com dez produções, duas a menos que a anterior), chegando ao Teatro Escola Parque, de 16 a 20 de janeiro de 1980, em Brasília; ao Teatro Goiânia, na capital goiana, de 23 a 27 de janeiro; ao Teatro Maria Della Costa, de 30 de janeiro a 3 de fevereiro, em São Paulo; e, por fim, ao Teatro Glauce Rocha, no Rio de Janeiro, de 6 a 10 de fevereiro. Os ingressos custavam 50 cruzeiros, mais barato do normalmente cobrado.

Duas curiosidades marcaram todas essas temporadas: antes de cada récita era exibido um documentário em 16mm sobre os ceramistas do Alto do Moura, *Adão Foi feito de Barro* (1978, 14 minutos), do cineasta Fernando Spencer, do Recife, e a equipe também viajava com o Mestre Manoel Galdino, que dizia não ser um discípulo de Vitalino, pois construía obra autoral, e preparava suas peças de cerâmica transformando o barro em jarros,oringas e bonecos à vista do público no próprio *hall* dos teatros. “Ele as faz como se fizesse um verso”, chegou a poetizar Vital Santos (*Apud* DOIS TEMAS..., *O Estado de S. Paulo*, 30 jan. 1980, p. 17). O dramaturgo ainda garantia nessa mesma entrevista: “Acredito que nossa peça é mais que um texto de teatro. É a denúncia de que os artistas populares estão tentando sobreviver, é o documento de sua miséria”.

Na capital paulistana, o veterano crítico Clóvis Garcia, de *O Estado de S. Paulo*, achou que *Auto das Sete Luas de Barro* era um espetáculo que satisfazia a todas as exigências teatrais, uma obra excepcional. Isso por conseguir manter integralmente duas linhas principais, quase sempre divorciadas nas montagens habituais: uma apresentação cênica bem realizada e o teatro de mensagem ao abordar a temática da pobreza dos artistas populares – da exploração pelo comércio, pelo turismo e até pela “intelectualidade” que deles se aproveita –, sem precisar apelar para o que chamou de farrapos ou lixo cenográfico:

Não fazendo uma montagem de transposição do folclore, ainda que com aproveitamento de músicas, folgado, cor-dei, mas sobre o folclore, apoiando-se na figura de Mestre Vitalino, famoso pelas suas figuras de barro, também poeta e músico popular, que morreu de varíola na miséria, apesar de toda a fama, retrato da nossa arte, Vital Santos obteve um excelente resultado. [...] Cenicamente a realização é perfeita, visualmente bonita, com uma grande criatividade, em que as invenções se sucedem: o boi e o cavalo se transformam numa mesa de jantar, os pratos de comida são luas e logo a seguir escudos, e assim por diante. Quando se pensa que a criatividade se esgotou surge uma nova elaboração, sempre bonita. Os figurinos, na cor do barro, permitem toda a transformação determinada pela luz, das melhores que temos visto, inclusive no uso da cor, sendo surpreendente, apesar de esperados, os efeitos da representação dos bonecos pelos atores. A música de Jadilson Lourenço é outro elemento de grande beleza. Com atores que sabem cantar, dançar, de uma grande expressividade corporal e dentre os quais não é possível destacar nenhum nome pela integração de todos, o espetáculo mantém permanente interesse. (GARCIA, *O Estado de S. Paulo*, 2 fev. 1980, p. 18)

Já a crítica Carmelinda Guimarães, também encantada com o que viu, alardeou no jornal *A Tribuna*, na mesma São Paulo, que a montagem do Grupo Folgado de Teatro Popular era a grande revelação do Projeto Mambembão e até a incluiu entre as mais importantes vistas naquele ano, por ser um espetáculo de elevado nível profissional, maduro, com momentos de grande beleza estética, além de revelar um texto importante e muito bem elaborado. Isso porque o autor, unindo figuras do folclore brasileiro a um levantamento biográfico da vida do mestre fazedor de bonecos de barro, soube ser ao mesmo tempo lírico e realista ao analisar, de forma sutil, a vida do artesão brasileiro:

Na montagem, que o próprio autor dirige, o potencial do texto é bem explorado e alterna com a ação momentos de imobilidade dos atores, quando de forma mágica revelam ao espectador os bonequinhos de barro hoje tão conhecidos. Direção, interpretação, figurinos e cenários perfeitos fazem

de *Auto das Sete Luas de Barro* um espetáculo excelente que o público paulistano mereceria ver por uma temporada mais longa [...]. (GUIMARÃES, *A Tribuna*, 10 fev. 1980, p. 19)

Sábato Magaldi também recebeu muito bem quase toda a programação do 3º Projeto Mambembão, garantindo que a proposta e a criatividade da maioria das montagens interessaram bem mais que grande parte da produção profissional vista nos chamados “centros artísticos do país”, abrindo novos horizontes ao mapa teatral brasileiro e tratando de uma realidade local, o que dava um indiscutível traço de autenticidade às pesquisas. “Como proposta de linguagem, plasticidade e estilo, o Mambembão representa um profundo mergulho nas fontes do país. Ele transcende o juízo artístico e vale também como importante documento sobre o Brasil” (*Apud* STEEN, 2014, p. 673), salientou. Certo de que aquela era uma expressiva mostra do que pensavam e sentiam grupos que encarnavam a vanguarda teatral da Nação, ele ressaltou a turma de Caruaru dirigida por Vital Santos, artista já “admirado pelas plateias do Sul”, por continuar sendo fiel a uma linguagem própria, vizinha das raízes populares.

Quanto à obra *Auto das Sete Luas de Barro*, compreendeu que o dramaturgo-encenador, ao recriar a vida de Mestre Vitalino, tentou sintetizar as condições sociais que impediram ao ceramista caruaruense sair da miséria, “com uma bonita composição plástica, a evocar permanentemente as suas figuras de barro. A forma dramatúrgica tosca equivale à escultura de Vitalino, e não sei se preferiria que ambas fossem mais elaboradas. Talvez preconceito de homem urbano...” (*Apud* STEEN, 2014, p. 674-675), confessou. Mesmo que qualificando a dramaturgia de “tosca”, termo que considero injusto, Sábato Magaldi reconheceu que o espetáculo, em seu conjunto, o conquistava. Isso bastava.

NA LUTA PELO PÚBLICO E O AVAL DA CRÍTICA

Após dois anos e meio fechado para reforma, o Teatro do SESC de São João de Meriti, município da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, foi reaberto na segunda-feira 21 de abril de 1980 e convidaram a peça *Auto das Sete Luas de Barro* para tão importante momento. Cumpru-se temporada de um mês por lá, sempre de quinta-feira a domingo, mas com

público pífilo, tanto que o crítico Armino Blanco lamentou que, mesmo diante das excepcionais virtudes, o espetáculo tivesse sido pouco visto em terras cariocas. Até lembrou que, em janeiro último, no decurso do Projeto Mambembão, do SNT, cerca de duas mil pessoas foram conferi-lo em sete espetáculos no Teatro Glauce Rocha, mas nem chegou a isso durante um mês de permanência no Teatro do SESC de São João de Meriti. “Sinal claro de que o faro do público urbano está embotado: o espetáculo, pela sua rara beleza visual e pelo significado do seu conteúdo, merecia assistência maior, que seria, também, um prêmio, talvez o mais apetecido, para Vital Santos” (BLANCO, *O Dia*, 29 mai. 1980, s. p.).

Por sinal, o próprio Armino Blanco já tinha escrito uma crítica elogiosa à montagem, considerando-a um “milagre” que chegou de Caruaru. Quando a conferiu entre as dez montagens selecionadas para o 3º Projeto Mambembão, ele a qualificou como a melhor, por três virtudes: a homogeneidade do elenco e a sua identificação com o texto; a beleza visual do espetáculo; e a tocante solidariedade que a peça exprimia em relação à comunidade de ceramistas populares do Alto do Moura, em Caruaru, cada vez mais afetados, em seu trabalho, pela escassez do barro e preços exorbitantes dessa matéria-prima nas olarias. Isso por conta da ação dos atravessadores, que compram o artesanato local por preços baixos e o revendem nas grandes cidades com enormes lucros, e pela indigência das condições de vida locais, onde falta até a água indispensável ao labor criativo:

O *Auto*, com o seu recorte vicentino, se coloca como elegia e testemunho. Elegíaco na medida em que recria a trajetória artística e humana de Vitalino com profundo respeito; testemunhal até onde transcende a trilha biográfica para abarcar a situação de toda uma comunidade e dela nos dar notícia precisa e objetiva, ainda que num tom distanciado e frequentemente irônico, jamais piegas, de quem fala de frágeis flores emergindo teimosamente no lodaçal da indiferença. Sobre tudo, porém, trata-se de um espetáculo empolgante, na riqueza geral dos seus vários segmentos: escrita, música, coreografia, adereços, interpretação. Quem ainda acredita em milagres brasileiros não deve perder este, que é um dos mais genuínos. (BLANCO, *O Dia*, s. d. [1980], s. p.)



Auto das Sete Luas de Barro (1993),
 pelo Grupo Feira de Teatro Popular
 Texto e direção: Vital Santos
 Fotos: Edvaldo Rodrigues/DP

Além de constatar que fazia tempo que não se via tamanho entusiasmo por parte da plateia carioca, com aplausos que se repetiam, quadro por quadro, e, no final, com espectadores com os olhos marejados de lágrimas, Armindo Blanco poetizou sobre a existência daquela montagem e o próprio fazer teatral como prática laborial:

Tanta controvérsia, tanta doutrina estética, tantas e tão aflitas buscas ao longo de dois mil anos e eis que, diante de um punhado de briosos amadores recriando a mísera existência do Mestre Vitalino numa ficção poético/musical intitulada *Auto das Sete Luas de Barro*, podemos descobrir, não sem um certo espanto, como o teatro é um fenômeno de extrema simplicidade, um mistério sem mistérios, uma fonte de emoções semelhantes às que vamos sentindo ao longo da existência e que, de repente, reencontramos em síntese perfeita, sob a forma de espetáculo. (BLANCO, *O Dia*, s. d. [1980], s. p.)

Na passagem por São Paulo, a revista *Veja* chamou a peça de “Barro brilhante”, em matéria escrita por Elizabeth Carvalho, que explicou detalhes do que se podia ver em cena:

As “sete luas” fazem parte de um delírio verdadeiro do escultor, descoberto ao longo de uma pesquisa que Vital Santos realizou durante quatro meses com sua equipe. São elas que alinhavam a mágica trajetória de Vitalino, de seu nascimento à sua morte, descritas por três estranhos personagens extraídos das esculturas de Galdino, outro ceramista nordestino. No palco nu, onde o único recurso se revela nas roupas que procuram recriar o aspecto de bonecos de barro, o *Auto* vai aos poucos desvendando o cotidiano de Vitalino e sua família, tal como ele reproduziu em milhares de esculturas. Ali estão os retirantes, o bumba-meu-boi, os cangaceiros, o homem tirando bicho do pé, a mulher catando piolho na cabeça do filho, a rendeira. Figuras tristes e oprimidas, como são as figuras do Alto do Moura e de outras esquecidas cidades do Sertão, que continuam sendo reproduzidas por uma legião de seguidores de Vitalino. “Não vejo mal nenhum”, diz o Vitalino personagem. “De cópia também se vive”. (CARVALHO, *Veja*, 30 abr. 1980, p. 93)



*Auto das Sete Luas
de Barro* (1993), pelo
Grupo Feira de
Teatro Popular
Texto e direção:
Vital Santos
Foto: Acervo
Vital Santos

A repórter da revista *Veja* ainda abriu espaço para ouvir o autor e diretor Vital Santos, que lhe garantiu que todos da sua equipe eram nordestinos preocupados em reproduzir a realidade do Nordeste, sem querer fazer teatro apenas, mas sim, “um teatro voltado para os problemas da nossa coletividade”. Elizabeth Carvalho complementou:

Com essa proposta, Vital Santos e o Grupo Folguedo [de Arte Popular] alimentam a esperança de demolir o mito de que a efervescência cultural só acontece nas grandes capitais. Provam também, por esta surpreendente alegoria da vida dos ceramistas, que há uma fonte inesgotável de temas ainda a serem explorados pelos que conhecem de perto certos aspectos da vida brasileira distante do Rio e de São Paulo. (CARVALHO, *Veja*, 30 abr. 1980, p. 93)

Ainda em 1980, no mês de agosto, três grupos caruaruenses foram convidados a compor a programação do V Festival de Inverno de Campina Grande, na Paraíba: a turma do Grupo Folguedo de Arte Popular, com *Auto das Sete Luas de Barro*; o GIBRANT, com *Solte o Boi na Rua*, outro

texto de Vital Santos, sob direção de Nildo Garbo; e o Teatro Experimental de Arte - TEA, com *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, dirigido por Argemiro Pascoal. O evento não teve caráter competitivo, mas fez as três equipes receberem elogios por seus trabalhos. A partir de então, mesmo estreando duas novas criações a seguir – *A Noite dos Tambores Silenciosos* (1981) e *Olha Pro Céu, Meu Amor* (1983) –, a premiada fantasia musical sobre a vida do Mestre Vitalino nunca parou de voltar à cena, mesmo que pontualmente.

E quando foi programado o Mambembão-Ipiranga, no ano de 1984, agora promovido pelo INACEN - Instituto Nacional de Artes Cênicas, a turma caruaruense foi chamada a viajar novamente, não só com o *Auto*, mas levando também na bagagem *Olha Pro Céu, Meu Amor*, ambos já assinados pela nova denominação, Grupo Feira de Teatro Popular. Foi a única equipe a apresentar dois espetáculos naquela edição. A turnê, desta vez, os conduziu ao Rio Grande do Sul (Porto Alegre, no Teatro Presidente; Pelotas, no Theatro Sete de Abril; e Rio Grande, no Anfiteatro da Fundação Universidade do Rio Grande) e Paraná (Curitiba), no Auditório Salvador de Ferrante. O crítico Cláudio Heemann, do jornal gaúcho *Zero Hora*, de Porto Alegre, foi outro que reverenciou o *Auto das Sete Luas de Barro*:

O espetáculo combina um clima de grande plasticidade e força poética com o retrato dramático da pobreza do Nordeste e as aspirações a uma vida melhor. A belíssima música de Jadilson Lourenço, executada por um conjunto presente no palco, é cantada pelo elenco com segura musicalidade. As figuras descalças dos atores, vestidos em tons de marrom, estão sempre compondo as posições das esculturas do Mestre de Caruaru. (HEEMANN, *Zero Hora*, 13 jul. 1984, s. p.)

Na estada em Curitiba, de 18 a 22 de julho de 1984, voltando ao mesmo Auditório Salvador de Ferrante, do Teatro Guaíra, onde havia se apresentado em 1979, *Auto das Sete Luas de Barro* ganhou nova apreciação da jornalista Marilú Silveira, que continuava na ativa, a primeira que realmente tinha lhe dado o título “Sete luas de barro. De ouro”. Ela escreveu desta vez:

Espetáculo cênico apurado. Denúncia social forte. É o texto de Vital Santos que documenta um dado cultural nacional, desconhecido dos habitantes da região Sul do país. Por isso a importância de *Auto das Sete Luas de Barro*, peça que chega a Curitiba via Projeto Mambembão-Ipiranga 84. [...] O espetáculo ganha força através dos gestos, da música, da filosofia nordestina. Enfim, cresce a cada contar de um fato. Vitalino vivo, forte, triste, sofrido, esperançoso. Um ser multifacetado que morreu pobre. Depois de morto, a casa em que morava foi tombada como patrimônio cultural. E daí? A preservação é pouca. Casa e bonecos lançados ao tempo. (SILVEIRA, *Correio de Notícias*, 19 jul. 1984, p. 12)

A montagem já contava com elenco quase todo modificado. Só permaneceram da turma original de 1979, Iva Araújo e Alcimar Vólia. No acompanhamento ao vivo, um número maior de músicos agora participava, sendo eles Josias Albuquerque (violão), Jerônimo Oliveira (violão de 12 cordas), Antônio Ferreira (flauta), Carlos Salgado (bateria) e Nica Lyra (percussão). Ainda no elenco, Cosme Soares no papel de Vitalino mais velho, Creusa Soares, Chico Neto, Sebastião Alves/Sebá, Hilton Valentim, Edu Oliveira, Alex Viany e Emanuel Borges, com sua voz mais do que especial. No material de divulgação do Projeto Mambembão-Ipiranga, havia a seguinte afirmação, como denúncia constante:

Depois de morto, Vitalino virou rua, praça, museu, botiquim. Mas, para Vital, o discurso vai mais longe: “Tudo bem, Vitalino hoje é lembrado. Mas e os Zé, João, Severino, quem se lembra deles? Lá no Alto do Moura [...] há mil e poucas famílias que vivem exclusivamente do barro, da arte popular de fazer bonecos. O problema maior dessa gente é, justamente, a falta do barro, que está sendo consumido pelas indústrias de cerâmica. Como se não bastasse isso, há ainda a falta d’água, de assistência social, o intermediário explorando os artesãos, comprando suas obras “a preço de banana”, e – o que é mais grave – afastando os artistas cada vez mais das feiras, do convívio com o povo”. (AUTO..., *Mambembão-Ipiranga* [Material de divulgação], 21 jun. 1984, p. 2)



Auto das Sete Luas de Barro (2012), pela Companhia Feira de Teatro Popular
Texto: Vital Santos. Direção: Sebastião Alves, a partir do original de Vital Santos
Fotos: Fátima Santos / Acervo Companhia Feira de Teatro Popular

AS MAIORES LÁUREAS DO TEATRO BRASILEIRO

Por ter sido visto e elogiado nas capitais paulistana e carioca, *Auto das Sete Luas de Barro* conquistou alguns dos mais importantes prêmios do teatro brasileiro em 1980, abocanhando primeiramente o Troféu Mambembe, do Rio de Janeiro, de melhor diretor (Vital Santos) e o Grupo Folgado de Arte Popular venceu na categoria especial: “Grupo, movimento ou personalidade”, por sua contribuição prestada ao teatro com aquela montagem. Do total de sete indicações, Vital ainda estava como melhor autor e iluminador, Jadilson Lourenço como compositor da melhor música, Antônio Medeiros como melhor ator e Iva Araújo como melhor figurinista. A comissão julgadora, além de contar com a presidência de Orlando Miranda, diretor do SNT, representando também o Ministério da Educação e Cultura - MEC, foi composta pelos jornalistas Acioly Neto, Clóvis Levi e Maria Teresa Amaral (todos do jornal *Última Hora*), Flávio Marinho (*O Globo*), Leandro Tocantins e Licínio Rios Neto (TVE), Macksen Luiz (*Jornal do Brasil*) e o trio Milton Emery, Yan Michalski e Wilson Cunha (da revista *Manchete*).

A seguir, Vital Santos ganhou o cultuado Prêmio Molière como melhor diretor de 1980, também pelo Rio de Janeiro, aprovado pela comissão formada por Armino Blanco e Maria Teresa Amaral (*Última Hora*), Flávio Marinho (*O Globo*), Licínio Rios Neto (TVE), Macksen Luiz (*Jornal do Brasil*) e Wilson Cunha (*Manchete*). Quando o resultado saiu em 1981, o jornal carioca *O Globo* ratificou: “*Auto das Sete Luas de Barro*, o espetáculo do pernambucano Vital Santos, só foi apresentado no Projeto Mambembão e no Teatro do SESC de São João de Meriti, mas conseguiu absoluta consagração de crítica e público por sua beleza e criatividade” (OS VENCEDORES..., *O Globo*, 18 mar. 1981, p. 27). Em São Paulo, a montagem também recebeu o Prêmio APCA, da Associação Paulista de Críticos de Arte, na categoria especial. Ou seja, haja consagração!

Claro que tamanha vitória gerou alegrias, mas também críticas, afinal, como afirmava o título da matéria escrita pelo correspondente do *Diário de Pernambuco* em Caruaru, Antônio Miranda, uma “cidade sem teatros” havia ganho o Molière de 1980:

O maior prêmio de teatro do mundo foi dado a uma cidade que não tem teatro: Caruaru. [...] Tudo isto se passa sem que Caruaru se aperceba da grandeza que lhe é atribuída através de um filho seu. [...] Contando a vitória obtida com humildade, mas com ampla consciência do seu trabalho, Vital Santos confessa: “Eu queria era estar em Caruaru, com um teatro bem montado, fazendo teatro na minha terra, para o meu povo”. Entretanto, lá fora é que ele tem o reconhecimento da sua luta, do seu talento, do seu valor. (MIRANDA, *Diário de Pernambuco*, 19 mai. 1981, p. 1)

O mais surpreendente em termos de descaso é que, por incrível que pareça, a peça só chegou ao Recife quase 14 anos após a sua estreia, em julho de 1993, para uma temporada que começou no Teatro Barreto Júnior, aos sábados e domingos, no espremido horário das 18h30, entre a peça infantil da tarde e o espetáculo adulto do horário nobre das 21 horas. Mas, com o retorno das críticas consagradoras àquela época e graças ao boca a boca de parte da classe teatral, incluindo artistas como eu, que me apaixonei pelo espetáculo desde o primeiro momento, a permanência na capital pernambucana foi um estrondo, ao ponto do grupo renovar a temporada para além daquele primeiro mês, agora no horário das 21 horas a cada final de semana. O elenco que aportou naquele palco era composto pelos atores Cosme Soares, Creuza Soares, Sebastião Alves, Chico Neto, Nadja Cristine, Edu Oliveira, Emanuel Borges, Jorge Henrique, Adeilson Rodrigues e Jonas Tadeu (mais à frente, Mhill Moreira, Gil Leite, Inácio Falcão e Jô Albuquerque), com os músicos Jadilson Lourenço (violão e voz) e Alexandre Marinho (viola e percussão).

No *Jornal do Commercio*, o crítico João Luiz Vieira – muito mal visto pelas várias restrições que sempre fez à cena teatral pernambucana – ratificou que *Auto das Sete Luas de Barro* era uma pequena obra-prima. Seu entusiasmo foi tão grande, e raro, que merece um registro quase por completo do texto que escreveu:

Poucos, muito poucos, conseguem fazer com que um espetáculo de teatro mexa tão profundamente com um espectador a ponto dele sentir sua medula arrepiar. Vital Santos conseguiu em *Auto das Sete Luas de Barro*, montado pelo



| *Auto das Sete Luas de Barro* (2012), pela Companhia Feira de Teatro Popular
| Texto: Vital Santos. Direção: Sebastião Alves, a partir do original de Vital Santos
| Foto: Fátima Santos / Acervo Companhia Feira de Teatro Popular

Grupo Feira de Teatro [Popular], de Caruaru. Fez o que só acontece com maior frequência no cinema: arrancar soluços, suspiros e lágrimas de uma plateia abobalhada com tamanha delicadeza em cena. [...] Quatorze anos se passaram [desde a estreia em 1979] e *Auto das Sete Luas de Barro* ainda comove a quem o assiste. Grande parte do mérito vai mesmo para Vital Santos, que escreveu e dirigiu a peça, inspirada na vida e obra do mais famoso ceramista pernambucano, Mestre Vitalino, equilibrando seu texto entre a homenagem e o testemunhal, e, diga-se de passagem, brilhantemente. Para escrever, Santos abdicou do histórico, preferindo sublinhar os fatos mais importantes da vida do artesão [...]. Pelas entrelinhas, ele denuncia a problemática situação em que se encontra o artista popular nordestino [...]. Santos, com muito humor e ironia, toma partido, mas não é reacionário. Aponta um dos vilões: o atravessador, que compra as peças quase de graça e as revende em outras cidades, muito mais

caras, e ainda contribuindo para que o artista se afaste cada vez mais da feira e do comprador direto, mas não o pune. É a realidade e nada pode ser feito, como o próprio Vitalino assume. Aliás, Santos ampara-se na figura quase mítica de Vitalino para mostrá-lo como um homem puro, dedicado a seu trabalho, mas sem noção da real importância de sua obra e o quão longe poderia ter ido, além de receber prêmios pelo Brasil e pelo mundo [...] conversando com seus bonecos de barro como se fossem gente, dando sentido à sua existência e sofrendo com a sua perda, pelo que nos apresenta seu autor. É difícil não se emocionar com tanta pureza e simplicidade. Santos queria sensibilizar e conseguiu a máxima de um bom teatro, a resposta da plateia. Mexe com seu público, que, engolido pela história, reage em todos os seus tempos, gargalhando ou choramingando quando a encenação assim pede. Agora, o que mais espanta é saber que Santos conseguiu ser genial com o mínimo do mínimo. [...] As soluções cênicas impressionam pela sua eficiência. Atente para a cena em que as mãos dos atores formam labaredas. É essa interação entre todos os signos que faz da obra um trabalho brilhante. Tudo funciona, até a execução de um milimetricamente plano de iluminação. O ritmo é perfeito e boa parte do crédito é de responsabilidade de Jadilson Lourenço, autor da excelente e premiada trilha sonora, sem a qual *Auto das Sete Luas...* seria impensável. Além de engrandecer o texto, a música conduz todo o espetáculo e enaltece o excelente trabalho de preparação vocal dos atores. Por falar nos atores, o elenco está equilibrado – apesar da ressalva para o tempo da montagem e um ou outro ator com menor força cênica. Não há interpretações brilhantes, mas estupendamente sinceras, como as de Cosme Soares (Vitalino), Creuza Soares (Joana), Sebastião Alves e Chico Neto. Eles sabem o que estão dizendo, o texto parece ter sido feito para eles, era de suas bocas que tinha que sair aquele prazer e aquela dor. Afinal, a mesma paixão e a mesma luta os perseguem. (VIEIRA, *Jornal do Commercio*, 22 jul. 1993, p. 6)

Ivana Moura, do *Diário de Pernambuco*, presente à tumultuada estreia com um atraso de 1h40 para o começo do espetáculo, preferiu lembrar a distância que separava o Recife daquela pequena obra-prima (usou o mes-



Auto das Sete Luas de Barro (2024),
pela Companhia Feira de Teatro Popular
Texto: Vital Santos. Direção: Sebastião Alves, a partir
do original de Vital Santos. Foto: Lauro Lima

mo termo do crítico anterior) que chegava de Caruaru: exatamente 13 anos, oito meses, alguns dias e 1h40 de espera:

O resultado é surpreendente, instigante, provocador e, acima de tudo, poético. Dez atores em cena se multiplicam em duas dúzias de personagens para narrar e interpretar o percurso do mestre [Vitalino] desde o anúncio de seu nascimento até o tombamento de sua casa-miséria após sua morte. E para isso Vital Santos utiliza os mais variados recursos. Com muita propriedade ele mistura desde autos medievais, distanciamento brechtiano, coros da tragédia grega, mamulengo, ópera, subvertendo conceitos e traduzindo [tudo] de forma coerente na encenação. *Auto das Sete Luas de Barro* começa com o anúncio da vinda do menino, que se chamará Vitalino e que mudará completamente a concepção da arte dos bonecos de barro, mesmo que durante toda sua vida ele não tenha a exata consciência disso. A exemplo dos autos medievais sobre o nascimento de Cristo, três reis magos, guiados pela estrela sinalando nas imediações do rio Ipojuca, anunciam a

chegada do menino pobre. Veio do barro para “revolucionar” a dimensão do seu alcance. Remete para a história da criação. E o menino vai crescendo em sua miserabilidade imposta, ora por falta de perspectivas, ora pela atuação de empreiteiras que cobram dos artesãos a retirada do barro. Nos seus pesadelos, os fantasmas o perseguem até ele descobrir que nasceu para transformar o barro em vida. Os atores [...] conseguem traçar uma cena vigorosa. Às vezes dá espaço para o riso, pela contundência da denúncia ou pelo tom patético como são mostrados os opressores. As cenas das procissões ou da construção dos bonecos – que lembram as brincadeiras de infância para fazer estátua – são para tocar o mais fundo da emoção. Ou mesmo a força dos momentos em que Vitalino se vê enaltecido no Sul Maravilha, e até mesmo no exterior, e tem que ouvir um monte de perguntas bobas de entrevistadores, são Brecht puro. Na estreia, sábado passado, o espetáculo foi aplaudido várias vezes em cena aberta. Prova de comunicação viva com a plateia. As músicas de Jadilson Lourenço correspondem e alimentam a encenação. E os atores afinados fazem sua participação nesse universo. Os outros elementos estão em completa sintonia com a proposta. A iluminação (cuja montagem causou o atraso no dia da estreia) é verdadeiro espetáculo à parte. Precisa, delicada, sutil ou mesmo forte. Tudo funciona perfeitamente. Bem encaixado, contextualizado. E nem adianta pensar que a temática envelheceu [...]. Além de praticamente nada ter mudado na situação dos artistas nordestinos, a encenação mantém de forma aguda seu ar denunciador. O elenco afinado possibilita entrever um trabalho requintado, ainda que popular, dos atores. As interpretações em seu conjunto são seguras. E mesmo que todos mereçam aplausos, é válido citar a atuação de Cosme Soares, como Vitalino, e Creuza Soares, como Joana. (MOURA, *Diário de Pernambuco*, 10 jul. 1993, p. D-8)

Ao final daquele ano, a crítica Ivana Moura reconheceu que o teatro pernambucano andava de pernas bambas e que os bons momentos foram exceções no cenário local. Um deles se deu exatamente com *Auto das Sete Luas de Barro*, peça que para ela tratava da odisseia dos artesãos populares, suas dificuldades e sofrimentos em criar vida do barro. “Para comprar uma obra repleta de beleza, [Vital] Santos convocou elementos da tragédia grega, do

distanciamento brechtiano, cenas de delicadeza, ironia e humor para manter o encanto original, que por sinal lhe rendeu muitos prêmios, dentre eles o cobiçado Molière” (MOURA, *Diário de Pernambuco*, 31 dez.1993, p. D-1), lembrou. De lá para cá, *Auto das Sete Luas de Barro* foi sendo apresentada inúmeras vezes, quase sempre no Teatro João Lyra Filho ou no Teatro Rui Limeira Rosal, do SESC Caruaru, com temporadas ora de mediano público, noutras de casa cheia.

Com poucos ajustes na sua estrutura e várias mudanças no elenco ao longo dos anos, a peça participou de eventos importantes em Pernambuco, com destaque ao XIX Festival de Inverno de Garanhuns, em 2009; o 19º Janeiro de Grandes Espetáculos - Festival Internacional de Artes Cênicas de Pernambuco, em janeiro de 2013, na capital do Estado (quando o ator Sebastião Alves, já protagonista da montagem e num processo de cura para um câncer na boca, passou mal pouco antes da apresentação no Teatro Barreto Júnior e eu, divulgando o evento, quase morri de susto, pois o homenageado era o dramaturgo e encenador Vital Santos); e o Festival de Teatro do Agreste - FETEAG, neste último abrindo a programação do 8º ano, em agosto de 1992, e na sua 23ª edição, em outubro de 2013.

Ainda em 2012, nos 33 anos da montagem, a equipe conseguiu circular pelos municípios de Vitória de Santo Antão, Limoeiro, Triunfo e Recife (com exibição no Teatro Marco Camarotti), graças ao financiamento do Fun-cultura - Fundo de Cultura do Estado de Pernambuco. A mais recente exibição da peça se deu em 2024, dentro do projeto “Cultura nas Escolas e Alunos no Teatro”, no Teatro Rui Limeira Rosal, celebrando os 45 anos de estreia do espetáculo, No elenco daquele momento: Sebastião Alves, Iva Araújo, Gabriel Sá, Adeilza Monteiro, Charlene Santos, Walter Reis, Gilmar Teixeira, Allan Serafim, Rosberg Adonay, Walter Souza e Rita Beatriz, além dos músicos Jadilson Lourenço, Felipe Gonçalves, João Vítor Lourenço e Carlinhos Ari. Entre outros atores, já haviam feito parte Cláudio Soares, William Smith, Emerson Leyvison, Mateus Souza, Rafael Amâncio e Jailton Araújo.

Por todo esse tempo, não faltaram elogios na imprensa, mas resolvi destacar uma resenha crítica do dramaturgo e diretor teatral Luiz Felipe Botelho, feita para a 1ª Mostra Rui Limeira Rosal, que aconteceu em 2010, no Teatro do SESC Caruaru, por demonstrar claramente o orgulho que *Auto das Sete Luas de Barro* causa em todos nós pernambucanos:

*Auto das Sete Luas
de Barro* (2024), pela
Companhia Feira
de Teatro Popular
Texto: Vital Santos
Direção: Sebastião
Alves, a partir
do original de
Vital Santos
Fotos: Lauro Lima



Este *Auto* emociona por sua trama vívida que não ficou dada, com belas músicas que se integram à ação e com ideias tão simples quanto surpreendentes. Tudo se move pela força de atuações apaixonadas, arrematado por uma inspirada iluminação que não só pontua climas, tempos e espaços, mas também faz o barro se transformar em pele e a pele tocar o divino que há no humano. É preciso, enfim, dizer com todas as letras que este espetáculo é uma das poucas montagens pernambucanas cujas características a qualificam como um clássico do nosso teatro, pelo que representou e representa (particularmente) para a cena caruaruense e (de um modo geral) para o Estado. A atualidade do texto de Vital Santos se mantém tanto pela beleza e qualidade dos versos/falas, que fazem fluir a história de Vitalino através dos personagens, quanto pela liberdade com que essa história é organizada e mostrada à plateia. Marcantemente épico, expõe a ação de modo não linear, fragmentada, avançando e recuando no tempo. Não só apresenta o protagonista em três épocas distintas como propõe que três atores façam isso, simultaneamente, em cena. Essa verdadeira “edição” de imagens cênicas é, ainda hoje, inovadora. São raríssimos os textos atuais que tenham ido tão longe e com tão bons resultados na exploração dessas possibilidades que a dramaturgia oferece. (BOTELHO, *Mostra Rui Limeira Rosal 2010 - SESC Caruaru*, mai. 2010, s. p.)

Sendo assim, aplausos ao nosso *Auto das Sete Luas de Barro!*

REFERÊNCIAS:

- AUTO das 7 Luas de Barro/Vital Santos e seu grupo. **Mambembão-Ipiranga** [Material de divulgação]. Rio de Janeiro, 21 jun. 1984. p. 2.
- BLANCO, Armindo. O “milagre” de Caruaru. **O Dia**. Rio de Janeiro. s. d. [1980]. s. p. (recorte encontrado no acervo de Vital Santos).
- BLANCO, Armindo. O destaque do Mambembe. **O Dia**. Rio de Janeiro, 29 mai. 1980. Teatro. s. p. (recorte encontrado no acervo de Vital Santos).
- BOTELHO, Luiz Felipe. *Auto das Sete Luas de Barro. Mostra Rui Limeira Rosal 2010 - SESC Caruaru*. Caruaru, mai., 2010. s. p. (texto cedido pelo autor).

CARVALHO, Elizabeth. Barro brilhante. **Veja**. São Paulo, 30 abr. 1980. Teatro. p. 93.

DOIS TEMAS... **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 30 jan. 1980. Teatro. p. 17.

GARCIA, Clóvis. Mambembão: mais surpresas. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 2 fev. 1980. p. 18.

GUIMARÃES, Carmelinda. O melhor já saiu de cartaz. **A Tribuna**. São Paulo, 10 fev. 1980. p. 19.

HEEMANN, Cláudio. **Zero Hora**. Porto Alegre, 13 jul. 1984. s. p. (recorte sem título encontrado no acervo de Vital Santos).

MICHALSKI, Yan. Um intenso fim de semana no Paraná. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 23 out. 1979. Caderno B/Teatro. p. 2.

MICHALSKI, Yan. Sete Luas de Barro, de ouro. **A Defesa**. Caruaru, 5 jan. 1979. p. 1.

MICHALSKI, Yan. Um barro que vale ouro. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 8 fev. 1980. Caderno B/Teatro/Mambembão 80. p. 9.

MIRANDA, Antônio. Cidade sem teatros ganha o Molière-80. **Diário de Pernambuco**. Recife, 19 mai. 1981. Viver/Secção B. p. 1.

MOURA, Ivana. Auto enluarado. **Diário de Pernambuco**. Recife, 10 jul. 1993. Viver. p. D-8.

MOURA, Ivana. Rigor cênico brilha isolado. **Diário de Pernambuco**. Recife, 31 dez. 1993. Viver. p. D-1.

OS VENCEDORES do Prêmio Molière. **O Globo**. Rio de Janeiro, 18 mar. 1981. p. 27.

PITANGUEIRA, Alex. **Diário dos Campos**. Ponta Grossa, 18 out. 1979. s. p. (recorte encontrado no acervo de Vital Santos).

SANTOS, Vital. A visão do autor. **Auto das 7 Luas de Barro** [Programa]. Caruaru, 1993. s. p.

SILVEIRA, Marilú. Sete luas de barro. De ouro. **Correio de Notícias**. Curitiba, 20 out. 1979. Elenco. p. 13.

SILVEIRA, Marilú. Vitalino, o mestre do barro. **Correio de Notícias**. Curitiba, 19 jul. 1984. CNrevista. p. 12.

STEEN, Edla. Van (Org.). **Amor ao Teatro**: Sábato Magaldi. São Paulo: SESC São Paulo. p. 672-675.

TAVARES NETO. Caruaru lembra Mestre Vitalino. **Jornal do Commercio**. Recife, 11 jul. 1979. Municípios. p. 21.

VIDA... **Vanguarda**. Caruaru, 29 jul. 1979. p. 1.

VIEIRA, João Luiz. Auto das 7 Luas: uma pequena obra-prima. **Jornal do Commercio**. Recife, 22 jul. 1993. Caderno C/Artes Cênicas. p. 6.

— AUTO DAS SETE LUAS DE BARRO —

De: Vital Santos

.....

Personagens: Azedo, Gaspar, Surubim, Josefa, Marcelino, Vitalino (menino, moço e adulto), Joana, Maria, Antônio, Severino, Manoel, Zé Amaro, Galdino, Augusto, Governador Sette Câmara, Homem 1 a 5, Locutor da Rádio Nacional, Zé Caboclo, Zé Santeiro, Aratangí, Ingabau e Cascadura.

Dia 6 de janeiro, Festa de Reis no Sítio Campos. Noite de lua. Uma estrela solta-se do céu e vem assistir à brincadeira. Surubim, Azedo e Gaspar correm atrás, fazendo estripulias por dentro do mato. Estão vestidos de Babau, Jericó e Lobisomem, figuras do Bumba-Meu-Boi. Depois de algum tempo...

AZEDO – Ela caiu foi por aqui.

GASPAR – É ilusão tua, Azedo!

AZEDO – Eu não estou bêbado não, Gaspar. Eu vi quando ela caiu por aqui. Não foi, Surubim?

SURUBIM – Eu acho que ela caiu mais adiante, lá nas margens do Rio Ipojuca, perto do massapê.

GASPAR – É ilusão tua, Surubim. Ela caiu mais atrás!

SURUBIM – Eu só não faço jurar como ela caiu foi perto do rio... Ih! E se ela caiu dentro d'água?

AZEDO – Deixa de ser besta, Surubim, ela caiu foi por aqui. Vamos procurá-la.

SURUBIM – Gaspar... Estrela nada?

GASPAR – Claro, Surubim. Tu nunca visse, não? Toda noite de lua elas descem pra tomar banho...

AZEDO – Eu nunca vi tanta besteira. Quem já viu estrela nadar!

GASPAR – Eu já vi!

AZEDO – Tu estás é bêbado, Gaspar.

SURUBIM – Onde será que ela se escondeu?

AZEDO – Foi por aqui, eu tenho certeza. Ela saiu de dentro daquela nuvem, parecia um chuveiro de prata... Vinha riscando o céu, mais veloz que o pensamento. Passou raspando o Cruzeiro do Monte e caiu por aqui.

GASPAR – Foi a noite mais linda da minha vida, meus olhos se encheram de lágrimas. Eu fiquei todo arrepiado... Por onde ela passava, clareava tudo. Parecia uma bola de fogo soltando faíscas...

SURUBIM – Era como uma espada de ouro cravejada de brilhantes, abrindo caminho no céu.

GASPAR – Ih, gente, quem sabe não era um disco voador?

AZEDO – Ô Gaspar, que danado um disco voador vinha fazer aqui?

GASPAR – Sei lá! Pra festa de Reis!

SURUBIM – Eu estou pensando uma coisa...

AZEDO – Pronto, agora é o outro!

GASPAR – Pensando o quê, Surubim?

SURUBIM – Se esse chuveiro de prata, essa bola de ouro, essa espada de brilhante, sei lá o quê, essa estrela caiu mesmo nas margens do Ipojuca, a essa altura o Capitão Ioiô já passou a mão nela.

GASPAR – Do jeito que aquilo é leso...

SURUBIM – Azedo, ô Azedo, será que é um aviso? Será que Jesus vai nascer de novo?

AZEDO – Ô Surubim, tu não tem juízo não? Nós temos cara de santo? Três marmanjos...

Ouvem um gemido.

GASPAR (*com medo*) – O que foi isso, vocês ouviram?

SURUBIM – Eu ouvi um gemido...

GASPAR – Azedo, deixa de brincadeira... Foi tu, não foi?

SURUBIM – Olha Azedo, eu não gosto disso não.

AZEDO – Vocês estão malucos, é? Eu não saí daqui...

SURUBIM – Então...

Outro gemido.

GASPAR (*corre para junto de Azedo*) – Aaaaaai!

SURUBIM (*idem*) – Azeeeeeeedo!

AZEDO (*de joelhos*) – O gemido vem do chão... É a terra que está sofrendo! Vejam, ela está chorando...

SURUBIM – Ô Gaspar, a terra chora?

GASPAR – Claro, Surubim. Tu nunca visse, não?

AZEDO – Silêncio! (*acariciando a terra*) Feriram a terra e ela está sofrendo muito. (*os gemidos vão aumentando*) São dores horríveis... Até as árvores tremem...

GASPAR – Ouçam! Estão escutando?

AZEDO / SURUBIM – O quê?

GASPAR – O pessoal está chamando a gente.

SURUBIM – Vamos embora...

Os gemidos aumentam, agora mais fortes e penosos.

AZEDO – A terra está se rasgando toda! A dor é tanta que ela se contorce, faz força, mas não encontra alívio... É como se alguma coisa quisesse sair de dentro dela. (*novos gemidos*) Grita, terrinha! Faz força, bota pra fora esta dor que te mata! Eu te acudo... (*um gemido de alívio*) Gaspar! Surubim!

Saem correndo apavorados, vendo a terra parindo gente.

CORO (*cantando*) – No princípio era o barro / depois as mãos / a água caiu dos olhos / do medo fez-se a mistura e do fogo a solidão / rê, ê, ê, ê... / do mistério das sete luas, as cores vivas no chão / da lama fria dos charcos brotou sua expressão. (*repetem. Gritam, pulam, batem palmas e cantam*) Chora, menino buchudo / brinca, menino buchudo / briga, menino buchudo / a vida é um gira / dessa forma, menino / entra na roda / nós vamos sonhar / a vida é um gira / dessa forma, menino / entra na roda / nós vamos cantar / joga bola de gude, rêi / roda o pião na ponteira / quem na vida não sobe ladeira não sabe na vida remar / quem na vida não sobe ladeira não sabe na vida remar / quem na vida não sobe ladeira não sabe na vida remar.

Gritos:

VOZ – O filho de Zefa nasceu!

VOZ – Como é o nome dele?

VOZ – É Vitalino!

VOZ – Qual será a sorte desse menino?

VOZ – Barro!

VOZ – Água!

VOZ – Fogo!

Sítio Campos, município de Caruaru, às margens do Rio Ipojuca. Um casebre velho de palha. Um forno de pedra aceso. Um dia lindo de sol.

JOSEFA – Marcelino... Ô Marcelino!

MARCELINO – O que é, Zefa?

JOSEFA – Eu não estou vendo as encomendas do Doutor Geminiano.

MARCELINO – Já estão no forno, Zefa: cinco panelas, duas jarras, três tigelas e doze pratos fundos.

JOSEFA – Eu já estou terminando as chaleiras.

MARCELINO – Anda logo com isso, senão a gente vai acabar perdendo a feira.

JOSEFA – Já estou terminando. Cadê Vitalino, onde danado esse menino se meteu?

MARCELINO – Ele deve estar brincando por aí, Zefa.

JOSEFA – Hum! Ele está é na beira do rio. Eu já disse que não quero aquele menino por aquelas bandas, mas ele é teimoso. Vai chamá-lo, Marcelino. Eu boto as chaleiras no forno.

Ouve-se o som de um pífano. Marcelino se aproxima. É Vitalino criança que toca, sentado às margens do Rio Ipojuca.

MARCELINO – Vitalino, meu filho, o que é que você está fazendo aqui?

VITALINO MENINO – Nada, pai...

MARCELINO – Vamos pra casa, sua mãe está lhe chamando.

VITALINO MENINO – Sim, senhor.

Vão saindo.

MARCELINO – Vitalino, você estava brincando com barro novamente, não foi?

VITALINO MENINO – Não, pai! Eu estava tocando meu pífano.

MARCELINO – E essa mão suja?

VITALINO MENINO – É... Foi que eu escorreguei e caí.

MARCELINO – Vamos embora. Sua mãe não quer você por aqui, ela fica preocupada.

VITALINO MENINO – Mas só tem esse lugar pra eu brincar, pai... E depois, os meninos vêm todos pra cá. O senhor disse que ia me botar na escola, cadê?

MARCELINO – Não tem escola aqui, meu filho, só tem lá pras bandas de Altinho, Xexéu, Barra de Taquara, por esse meio de mundo.

VITALINO MENINO – E o que a gente tá fazendo aqui? O barro não presta, racha a louça toda. Não tem escola, não tem nada...

MARCELINO – A gente vai embora, meu filho.

VITALINO MENINO – Pra onde?

MARCELINO – Para o Alto do Moura, lá é maior do que aqui... Tem barro com fartura. E depois, fica mais perto de Caruaru. A feira de Caruaru, meu filho, é muito movimentada.

VITALINO MENINO – E quando é que a gente vai, pai?

MARCELINO – Logo, meu filho, o mais breve possível.

VITALINO MENINO – Pai, eu tenho uma coisa pra lhe mostrar...

MARCELINO – O que é, meu filho?

VITALINO MENINO – Um bonequinho de barro que eu fiz!

MARCELINO (*severo*) – Vitalino!

VITALINO MENINO (*feliz*) – Viva Deus! Viva a Mãe de Deus! E viva o barro!

Corte simultâneo de luz. Foco no lado oposto para Vitalino já moço.

VITALINO MOÇO – Viva Deus! Viva a Mãe de Deus! E viva o Alto do Moura! A viagem foi tão comprida que cansei, cresci, casei e tive filhos. De repente estava no Alto do Moura, entre a infância e a velhice. A infância desabrochando em Amaro, Manoel, Maria, Severino, Antônio... (*foco na família, todos parados em forma de bonecos, perfilados como na caminhada dos retirantes*) Eu lembro como se fosse hoje o dia e a hora que nós deixamos o Sítio Campos... (*começa a caminhada dos retirantes*) Era o mês de maio... Nós partimos carregados de tristezas, cada um levando sua saudade, seus tormentos e solidão. Eu era o único que não trazia nada... Quer dizer, somente os pesadelos da infância e uma meninice cheia de esperança. Tudo aqui era novo para mim: a caminhada, as pousadas, as subidas e descidas, o rio, que por mais que se distanciasse continuava ali, como se quisesse ir também. Tudo era novidade, tudo. Menos a sede e a fome. (*tempo*) E foi num mês de maio, num casebre de muita fome e muita sede que eu conheci Joaninha... Nós casamos no primeiro olhar. Houve muita festa dentro de mim e uma alegria sem fim dentro dela. Passamos a noite na estrada. Fizemos de conta que havia luar. E cantava o sapo, o bicho agourento, o bacurau pai da lua, a coruja... Enquanto nossos vultos eram engolidos silenciosamente pela boca da noite, por aquela estrada sem fim que parecia mais uma serpente sonolenta, bocejando nas noites à beira do caminho. Numa encruzilhada, um rasga-mortalha saiu de dentro do mato e passou raspando a minha cabeça com aqueles gemidos de agouro. Meu pai parou, sentou-se, depois se deitou em cima das mochilas e dormiu, dormiu tanto que nunca mais acordou. Estava cansado da vida, dessa estrada tirana e tão comprida. Ele não aguentou mais a caminhada, ficou estirado na beira do caminho, sozinho, com uma vela na

mão, clareando o resto da noite que ia acabando com a nossa chegada ao Alto do Moura... Eu pisei no barro... Apertei ele nas mãos com tanta força que ele escorreu entre os meus dedos.

Corte de luz. Foco em Vitalino já adulto.

VITALINO – Eu fiquei tão entretido com o barro que, quando dei por mim, as coisas estavam todas ali. Somente eu havia passado...

CORO (*cantando*) – Oi menino, que bicho é esse que corre feito assombração? / Sem cabeça, sem rabo e sem sentido / tingido com as cores do boi tungão / oi menino, que bicho é esse que tem somente três pés? / Tem cinco *olho* na cara e corre cheio de tara quando vê uma mulher / será que é bicho, oi menino? Ou será que não é? / Será que é bicho, oi menino? / Ou será que não é? / É arte de Vitalino / feita de barro tauá / é louça de brincadeira / não leva pra feira, ele pode quebrar! (*repetem*)

TODOS OS VITALINOS (*cantam*) – Eu boto a cabeça nele / ele pode observar / e vai ver que não vale a pena que a terra é pequena pra gente rolar / oi, tira o rabo e bote o rabo nesse boi / oi, tira o rabo e bote o rabo nesse boi / pra que tanto olho na cara? Isso é coisa tão rara / pra que tanto olho na cara? Isso é coisa tão rara / que nem se compara com o que já foi / ôi, ôi, ôi, ôi / que nem se compara com o que já foi / ôi, ôi, ôi, ôi / que nem se compara com o que já foi / ôi, ôi, ôi, ôi!

Vitalino senta-se e fica tocando pífano. Joana está preocupada com os filhos. A manhã é chuvosa, triste e mistura-se com o som do pífano e a dor de Joana. Corta luz, foco nas duas mulheres no canto direito do palco. Do outro lado, foco em Vitalino junto do forno.

MÚSICO (*voz cantando*) – O fogo que queima os olhos / queima os pés e queima as mãos / queima o corpo por inteiro / só não queima o coração / queima o corpo por inteiro / só não queima o coração! (*repete*) Abre a boca, solta o grito / que o infinito é a razão / todos os caminhos do mundo / começam por tuas mãos. (*repete*)

Black-out em Vitalino.

JOANA – Maria, bota os troços na mesa que os meninos estão chegando.

MARIA – Sim, mãe. *Entram Amaro, Antônio e Severino.*

JOANA – Deu pra aproveitar alguma coisa, Antônio?

ANTÔNIO – Pouco mãe, muito pouco. A água acabou com tudo.

SEVERINO – O milho pode ser que aproveite um pouquinho, mas o resto...

ANTÔNIO – Foi muita água, mãe. Tem pé de feijão de mandioca rolando por todo canto.

SEVERINO – Se não fizer sol... Sei não.

JOANA – Vai fazer, meu filho. Deus é grande.

AMARO – E se não fizer, mãe?

JOANA – Vai fazer...

AMARO – Se não fizer, a gente fica ajudando Manoel na louça.

JOANA – Não adianta. Quem é que queima louça com esse tempo? Vai chamar teu pai, Maria.

MARIA – Ele está esperando Manoel pra botar a louça no forno.

JOANA – Não sei pra quê... Sempre não se pode queimar essa louça...

MARIA – Mãe, pai estava com aquelas conversas de novo.

AMARO – Que conversa, Maria?

JOANA – É que teu pai agora deu pra conversar com aqueles bonecos que ele fez.

ANTÔNIO – Com o boi e o cavalo?

JOANA – Sim. Parece que tá ficando meio lelé.

SEVERINO – Era só o que faltava...

AMARO – A gente se matando na lavoura pra salvar alguma coisa e pai aqui conversando com boneco de barro!

ANTÔNIO – É quebrar aquelas porcarias.

JOANA – Isso não. Ele pode se chatear.

AMARO – Eu sei o que vou fazer. Deixa chegar sábado, levo essas porcarias pra feira e vendo pros meninos quebrarem!

Músicos tocam a música anterior. O elenco sai da mesa e vai em direção ao forno mostrando os pratos vazios. Corte de luz. Sábado, depois da feira.

VITALINO – Sabe meu boi, eu vou lhe dizer uma coisa: eles pensam que eu estou louco só porque eu converso com você e o vento. Mas eu não ligo. Psiu, eles querem que eu deixe vocês pra trabalhar na lavoura. Mas eu não sou louco não, me meter dentro do mato com esse aguaceiro, do jeito que as cobras andam por aí... Eu não quero nem pensar... Sabe, meu boi, era uma noite de prata e eu vi as sete luas... Até hoje não conheço neste mundo árvore ou flor que tenha crescido tanto igual à minha dor. Lembro-me agora do passado, quando em tardes serenas chorei sobre uns ramos largos na beira do Rio Ipojuca. E esses ramos, agora, só sabem dar frutos de amargos sofrimentos... Lembro-me também: quando criança tinha minhas horas de tristeza e também minhas horas de alegrias, e quando eu ficava triste ia para a beira do Rio Ipojuca. Preparava o barro e fazia meus bonecos. Depois, bebia a água do rio... E bebi tanta que até hoje sai pelos meus olhos.

MANOEL – Mãe!

JOANA – Que é Manoel?

SEVERINO – Como foi a feira, Manoel?

MANOEL – Boa... Muito boa.

JOANA – Que cara de espanto é essa?

ANTÔNIO – Parece que viu alma.

JOANA – O que foi Manoel, que cara é essa?

MANOEL – Os bonecos...

AMARO – O que tem os bonecos?

MANOEL – Apareceu uma mulher do Recife e disse que eles eram de ouro... Eu pedi cinco mil réis, aí ela disse que eu estava louco, que eles valiam muito mais. Eu pensei que ela estava brincando, mas não: ela abriu a carteira e me deu dez contos de réis.

AMARO – Essa é maluca!

MANOEL – Ela falou lá uns negócios estranhos, umas conversas difíceis...

AMARO – Eu não disse: essa não tem juízo de jeito nenhum.

JOANA – E o que foi que ela falou mais?

MANOEL – Disse que quando voltasse outra vez a Caruaru queria encontrar mais bonecos. E perguntou o nome de pai umas cem vezes...

ANTÔNIO – Quer dizer que os bonecos de pai são de ouro? Que história é essa?

MANOEL – Foi o que ela falou!

JOANA – Se ela falou é porque deve ter alguma coisa...

VITALINO (*entra apavorado*) – Joana! O que fizeram dos meus bonecos?

ANTÔNIO – Nada, pai...

AMARO – Pai, Manoel levou os bonecos pra feira, no meio da louça, e uma mulher do Recife quando viu ficou doidinha por eles. Queria comprá-los por qualquer preço. Manoel disse que não era pra vender, mas ela insistiu... Abriu a bolsa e deu dez contos de réis. Aí Manoel ficou sem jeito e deixou ela levar...

MANOEL – Foi, pai...

JOANA – Vitalino, ela disse que eles eram de ouro.

MANOEL – Ela vai voltar, pai, pra comprar mais bonecos.

VITALINO – Manoel, pra que você fez isso?

MANOEL – Mas pai... Dez contos!

VITALINO – É... Assim ninguém resiste.

MARIA – O senhor pode fazer outros, pai.

VITALINO – Posso...

SEVERINO – E então pai: boneco tem mais valor do que panela!

JOANA – É Vitalino, você podia fazer bonecos para os meninos venderem na feira.

MANOEL – Eu até estou pensando em deixar de fazer louça.

AMARO – Pai, ela vai voltar pra comprar mais.

VITALINO – É... É uma boa ideia. Eu vou fazer mais bonecos. É muito divertido!

TODOS (*cantando*) – Ôi pega a terra, joga água, põe no fogo / o boneco sai do forno, para a feira eu vou levar / ôi chama Joana, chama Amaro e Maria / chama toda a família pra bonecos fabricar / ô raia o sol, suspende a tolda, alegre a feira / têm bonecos de primeira / quem é que vai levar? / Ô raia o sol, suspende a tolda, alegre a feira / têm bonecos de primeira / quem é que vai levar? (*repetem num ritmo cada vez mais rápido*)

Saem todos. Vitalino fica sozinho.

VITALINO – Não sei se fique alegre ou triste... Dez contos... Os bonecos... Ô, que tola vaidade essa minha! O meu mundo foi tão pequeno, tão sem sentido... Ah! Foi bom. Pelo menos eles vão conhecer as coisas que eu não conheci. Vão ter um mundo maior, com certeza, mais alegre, feliz... Foi bom sim, muito bom. Onde quer que eles estejam agora, eu estarei também. E toda vez que as pessoas alegres olharem para eles vão ver que existe a tristeza, que existe um pedaço deste mundo onde as pessoas que vivem nele não sabem sorrir. Foi bom, sim... Bom. E melhor será se as pessoas, de tanto observarem os bonecos, acabarem por acreditar nesta real existência. Aí, sem dúvida, terá sido válida esta separação.

FILHOS (*cantando*) – Tem um, tem dois, tem duzentos, tem trezentos bois do meu pai / multiplique oitenta por cento e o resto se subtrai / quem foi, quem foi, quem foi que pediu um cavalo? / Quem pediu um boi? / Quem foi, quem foi, quem foi? / Compre um cavalo / compre um cavalo e ganhe um boi / compre um cavalo e ganhe um boi. (*repetem*)

VITALINO – Vitalino, revoltado, entrega-se à bebida!

GALDINO – Mestre Adão foi feito de barro e Eva de uma costela; trepado por cima dela, fez o primeiro pecado. Depois de ter acabado, sem nenhum constrangimento, saiu correndo nu; deu-lhe uma câibra no cu, diz o Velho Testamento.

VITALINO – Galdino, nem todo homem é trouxa, nem todo bicho é leitão. Nem toda mulher é frouxa, nem todo pássaro é canção. Nunca diga palavra, isso é coisa de ateu, dê um viva à Mãe de Deus e deixe o cu de Adão.

MARIA (*entra correndo*) – Mãe, mãe, mãe...

JOANA – O que, é menina?

MARIA – Mãe, pai tá caído lá na barraca de Zefinha. Vá buscá-lo!

JOANA – O que foi que aconteceu?

MARIA – Ele bebeu...

JOANA – Ah, meu Deus, que vergonha!

MARIA – Vamos logo, mãe!

JOANA – Por que? Ele está fazendo arruaça?

MARIA – Não, mãe! Tá lá falando aquelas besteiras.

JOANA – Manoel, Antônio, Amaro, Severino! Venham todos!

TODOS (*cantam*) – Depois de bem dividido, um tem um, outro tem dois / o que importa nesta altura é a fartura, a gordura / farinha com rapadura / já foi, já foi, já foi!

Corte de luz em Vitalino Moço.

VITALINO MOÇO (*embriagado*) – Viva Deus! Viva a Mãe de Deus! E viva a branquinha! Ôxente, que danado é isso? Eu estou me vendo velho caído, sendo carregado por braços fortes? Ei, pra onde vocês estão levando este velho? Deixem ele em paz! Esse que vocês estão carregando sou eu... Danou-se, eles são cegos, estão surdos... Eles me levaram pra onde? Esperem. Mas eram os meus próprios filhos que estavam levando aquele pobre velhinho. Será que ele era eu? Ou será que eu é que sou ele? Não, não pode ser... Eu estou aqui... (*à garrafa*) Ah, é você, não é? É você que está fazendo com que eu veja essas coisas... Ou não... Ah! Aquele era velho, eu não sou velho...

A família, no mesmo ritual, leva-o, ficando no seu lugar Vitalino Menino.

VITALINO MENINO (*rindo*) – Eles pensam que me levaram, mas não me levaram não, eu estou aqui... Eles pensam que eu sou besta, é? Não sou, não! Eu sou o menino do massapê, das margens do Ipojuca! (*pausa*) Meu Deus, será que vai ser sempre assim a minha estrada? Se for, eu quero andar sozinho nela. Não quero me ver envelhecido, fraco, sendo carregado por ninguém! Eles pensam que me levaram, mas não me levaram não. Olha eu aqui... Ó!

Entram os bichos de Galdino e mais o restante do elenco usando máscaras, batendo nos pratos e perseguindo Vitalino menino. Vitalino sai correndo com medo e eles vão atrás. No lado oposto do palco, simultaneamente, entra Vitalino adulto.

VITALINO – Não, não e não! Vocês estão pensando o quê, que mandam em mim? Só quando eu morrer! Quem danado é que pode viver desse jeito? Quando eu era pequeno não podia ser livre porque meus pais não deixavam: “Eu não quero você na beira do rio!”; “Não brinque com barro!”; “Cuidado com as cobras”. Hoje, homem feito, não tenho sequer o direito de usar a minha imaginação porque meus filhos não me dão liberdade.

JOANA – Deixa de exagero, homem...

VITALINO – Exagero uma *pinóia*!

JOANA – Exagero, sim. Eles só tão querendo que você faça mais boi e cavalo pra eles venderem na feira. Ô Vitalino, tu anda com a cabeça no mundo da lua é, homem? Pensa direito...

VITALINO – Já pensei e repensei! Boi e cavalo eu não faço mais.

JOANA – Eita homem da cabeça dura, meu Deus!

VITALINO – Não é isso não, Joana. Eu não vou é ficar fazendo meus bichinhos pros meninos quebrarem.

JOANA – Tu ainda estás *imbirrado* com aquele homem de sábado, não é?

VITALINO – Só pode. A gente fazer um bonequinho, com tanto carinho, pra ver um danado pegar e dar pro filho quebrar...

JOANA – Ele não comprou? Não pagou?

VITALINO – Mas dói, Joana. Quando eu vi os pedaços no chão me deu uma vontade de matar aquele diabinho.

JOANA – Pronto, agora sim...

VITALINO – Tá decidido: boi e cavalo eu não faço mais. Agora eu vou usar o barro pra fazer o que manda a minha imaginação. Isso sim!

Os filhos de Vitalino entram com adereços e candeeiros acesos. Joana senta-se no centro do palco e começa a tirar piolho da cabeça de Antônio. Os outros também ficam em posição de bonecos representando cenas das esculturas de Vitalino: readeira, lavrador, homem tirando bicho do pé...

ANTÔNIO (*cantando*) – Mãe, diga pra pai / que amanhã é dia de feira / o que vamos fazer?

TODOS (*cantando*) – Não tem boi, não tem cavalo / não tem nada pra vender / não tem feijão, não tem farinha / o que nós vamos comer?

MARIA (*cantando*) – Mãe, diga pra pai / pra ele acabar com essa besteira / porque do jeito que a coisa vai / hoje a casa cai em nossa moleira.

TODOS (*cantando*) – Não sei pra que tanto luxo / quem paga é o bucho / toda essa asneira.

SEVERINO (*cantando*) – Mãe, fala pra pai / deixar pra trás que não dá mais essa faladeira / vamos deixar de esparro / pegar no barro pra fazer boneco e levar pra feira.

TODOS (*cantando*) – Que pobre não tem vaidade / não manda em vontade / nem eira nem beira / mãe...

Vitalino para e fica olhando a família: Amaro com um cachimbo na boca; Maria fazendo renda; Manoel tirando bicho do pé; Severino deitado numa esteira, com um cigarro de palha; Joana catando piolho em Antônio. Vitalino pega o barro e molda cada uma das expressões, transportando os gestos de miséria da família para o barro. Vibra de contentamento e chama a todos para ver os novos bonecos.

VITALINO – Joana, Amaro, Manoel, Severino, Maria! (*mostrando*)

JOANA – Meu Deus, parece um sonho...

MANOEL – Eles são tristes, parece que nunca sorriram.

ANTÔNIO – São parecidos com as pessoas daqui!

SEVERINO – Esses gestos de aflição... De miséria...

MARIA – Mas são bonitos.

VITALINO – É o nosso retrato. É o espelho da nossa gente. Esses eu mesmo vou levar pra feira.

Apagam os candeeiros. Feira de Caruaru. É grande o movimento nas toldas. Eles cantam e dançam imitando bonecos.

TODOS (*cantando*) – Lá vem o boticário, o dentista e o cagão / o velho balaieiro, Maria Bonita e Lampião / ô passa, passa, passa, passa, passarás / aquele que passar ou já passou, não passa mais / aquele que passar ou já passou, não passa mais!

VITALINO – Uma semana depois!

TODOS (*cantando*) – Lá vem o aguardenteiro, o soldado e o ladrão / a dupla de violeiros, velho de foice na mão / ô passa, passa, passa, passa, passarás / aquele que passar ou já passou, não passa mais / aquele que passar ou já passou, não passa mais!

VITALINO – Um mês depois!

TODOS (*cantando*) – Lá vem o retirante, o caçador de baleeira / a velha do bucho grande e a moça casamenteira / ô passa, passa, passa, passa, passarás / aquele que passar, ou já passou, não passa mais!

VITALINO – Um ano depois!

TODOS (*cantando*) – Canta a zabumba / alegrando toda a feira / o velho pescador e também a lavadeira / o velho pescador e também a lavadeira / ô passa, passa, passa, passa, passarás / aquele que passar, ôi / passou, não passa mais! / Aquele que passar, ôi / passou, não passa mais!

É grande o movimento na barraca de Vitalino. Aparece Augusto Rodrigues, o seu incentivador.

AUGUSTO (*festivo*) – Ora, salve o grande mestre Vitalino!

VITALINO – Grande, Seu Augusto, só os poderes de Nosso Senhor Jesus Cristo!

AUGUSTO – E a arte do mestre também.

VITALINO – Mestre, só Aquele... (*aponta para o alto*)

AUGUSTO – Aquele não sai em capa de revista... (*mostrando a revista*)

VITALINO (*admirado*) – Esse sou eu, Seu Augusto?

AUGUSTO – Não sei... Quem sabe é o senhor.

VITALINO (*pega a revista espantado*) – É eu mesmo... E o que é que eu estou fazendo aí?

AUGUSTO – Calma mestre, calma... Ainda tem mais. (*atores entram trazendo estandartes e formam um plenário. Seu Augusto abre a revista e mostra*) Olhe aqui...

VITALINO – Esses foram aqueles retratos que o senhor tirou, não foi, seu Augusto?

AUGUSTO – Foi, mestre. O senhor está lembrado daqueles bonecos que eu levei?

VITALINO – Estou, Seu Augusto.

AUGUSTO – Pois bem, eu fiz uma exposição no Rio de Janeiro. Foi o maior sucesso. Tudo que é jornal, revista, falou no senhor. Até o Governador.

VITALINO – E o Governador falou de mim?

AUGUSTO – Tanto falou que mandou convidá-lo para ir ao Rio de Janeiro. Ele vai fazer uma grande festa para homenagear o mestre da arte figurativa do Nordeste.

VITALINO – E quem é esse, Seu Augusto?

AUGUSTO – O senhor!

VITALINO – Eu? Seu Augusto, vamos deixar de brincadeira!

AUGUSTO – Brincadeira? (*tira a passagem do bolso e mostra*) O senhor sabe o que é isso?

VITALINO – Não.

AUGUSTO – É a sua passagem de avião.

VITALINO – Ai, Seu Augusto, eu vou descangotar...

AUGUSTO – Não senhor, nada disso... Ouça primeiro o que diz aqui o jornalista: (*abre a revista e lê*) “Vitalino tem parte com adivinho. Adivinho não é necessariamente aquele que se mete a prever o futuro. Mas, por paradoxal que pareça, é quem também ilumina o passado”. Não é bonito?

VITALINO – O quê?

AUGUSTO – Isso que ele falou.

VITALINO – Eu não entendi.

AUGUSTO – Ah! Não faz mal. O que importa é que quem escreveu isto foi um dos grandes poetas da nossa língua, o grande Manuel Bandeira.

VITALINO – Foi mesmo? Seu Manoel falou isso?

AUGUSTO – Claro! O senhor sabe quem é ele?

VITALINO – Eu mesmo não.

AUGUSTO – Ah, Vitalino...

VITALINO – Mas é muita coisa, Seu Augusto. Eu não mereço isso.

AUGUSTO – Tem mais, mestre, muito mais!

VITALINO – Não, Seu Augusto, assim eu vou descangotar...

AUGUSTO – Suas peças vão fazer parte da Exposição de Artes Primitivas e Modernas do Brasil. Sabe onde? Na Suíça!

VITALINO – Ai, Seu Augusto, me segure...

VOZ NA RÁDIO (*prefixo de notícias*) – Este é mais um boletim informativo da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Foi realizado ontem à noite, nos salões da Academia Brasileira de Letras, um leilão de trinta e sete peças do Mestre Vitalino. Estiveram presentes ao acontecimento os poetas Vinícius de Moraes, Carlos Pena Filho, Carlos Drummond de Andrade, além da presença de alguns imortais. O leilão foi promovido pelos Irmãos Condé através do *Jornal de Letras*. Toda a renda será destinada em benefício da construção do Museu de Arte Popular de Caruaru, terra do famoso ceramista. As peças foram leiloadas festivamente pelo compositor e radialista Ary Barroso e pelo dramaturgo Silveira Sampaio.

Entra o Governador Sette Câmara. O foco o acompanha.

GOVERNADOR SETTE CÂMARA (*com voz feminina. Um ator faz a mímica*) – Esta é a medalha Sílvio Romero, atribuída somente aos que fazem a divulgação do folclore nacional no Estado da Guanabara. Neste momento, o governador sente-se honrado em poder colocá-la no peito do grande mestre do barro!

VITALINO – Viva Deus! Viva a Mãe de Deus! E viva quem me deu essa medalha!

HOMEM 1 – Mestre, o presidente da Academia Brasileira de Letras vai homenageá-lo com um jantar em sua residência onde estarão presentes todos os imortais!

VITALINO – Viva Deus! Viva a Mãe de Deus! E viva os imortais!

HOMEM 2 – Mestre, o senhor vai ser recepcionado pelo embaixador dos Estados Unidos na própria Embaixada!

VITALINO – Viva Deus! Viva a Mãe de Deus! E viva a Embaixada!

HOMEM 3 – Mestre, o Governo Brasileiro vai promover uma exposição sua em Lima, no Peru!

VITALINO – Viva Deus! Viva a Mãe de Deus! E viva o Peru!

HOMEM 4 – Mestre, amanhã o senhor vai assistir a revista *Xique-Xique no Pixotó*, do grande Walter Pinto!

VITALINO – Viva Deus! Viva a Mãe de Deus! E viva o Pinto!

HOMEM 5 – Mestre, as revistas *Esso*, *Cruzeiro*, *Manchete*, *Times*, *Scala*...

VITALINO (*cortando*) – Viva Deus! Viva a Mãe de Deus! E viva... E viva... Quem? Viva Deus! Viva a Mãe de Deus! E viva a puta que pariu!

TODOS – Ooooooh!?

Corta luz. Vitalino sozinho.

VITALINO (*embriagado*) – Viva Deus! Viva a Mãe de Deus! E viva a branquinha!

JOANA – Ô Vitalino, tu já bebesse de novo? (*Vitalino afirma com a cabeça*) Tu tá chorando?

VITALINO – Tô, Joana!

JOANA – Mas chorando por quê, homem?

VITALINO – De felicidade, Joana.

JOANA – Eu não estou gostando nada daqueles homens que vêm aqui comprar bonecos.

VITALINO – Por que, Joana?

JOANA – Eles estão te explorando, Vitalino.

VITALINO – Ô Joana. E você acha?

JOANA – Pensa que eu não vi não, é?

VITALINO – O quê?

JOANA – Levar uma quantidade de bonecos daquelas! Por aquele preço?

VITALINO – Ô Joana, e foi barato?

JOANA – Barato? Tu desse os bonecos pra eles... Se a gente levasse pra feira apurava dez vezes mais!

VITALINO – Ô Joana, não foi melhor vender tudo de uma vez do que a gente passar o dia todinho na feira pra vender de um em um?

JOANA – Pelo menos a gente não tinha prejuízo, né?

VITALINO – Que prejuízo, mulher?

JOANA – Se não fosse essa tua preguiça...

VITALINO – Que preguiça, mulher?

JOANA – E não é verdade não? Ô homem, desde que tu voltasse desse tal de Rio de Janeiro que só fosse na feira uma vez.

VITALINO – Ô Joana, e os meninos não estão lá?

JOANA – Contigo a coisa é diferente, Vitalino. Eles gostam mesmo é de comprar os bonecos a tu.

VITALINO – E o meu trabalho, onde é que fica?

JOANA – Trabalho...

VITALINO – Que é isso, Joana?

JOANA – E não é verdade não? No começo eles saíam daqui carregando os bonecos na cabeça. Hoje cada um tem um carro novo. Onde foi que eles arranjaram esse dinheiro? Nas tuas costas... Cada vez os carros saem mais carregados de bonecos e a gente nessa miséria... Não passa disso!

VITALINO – Ô Joana, deixa isso pra lá.

JOANA – É, deixa isso pra lá. A gente aqui se matando e eles enricando cada vez mais.

VITALINO – Ô mulher ignorante da gôta! Meu Deus, os coitados dos homens só tão querendo ajudar!

Corte de luz. Novo foco sobre Vitalino. Demonstra cansaço. De repente ouve-se um batuque. Luz geral. Entra Zé Caboclo, trazendo seu folgado, um conjunto de Bum-ba-Meu-Boi muito colorido.

ZÉ CABOCLO (*cantando*) – Meu mestre Vitalino, hoje vim lhe visitar / trouxe comigo um folgado que acabei de criar / trouxe comigo um folgado que acabei de criar / são vinte e dois personagens, todos eles coloridos / de cetim estão vestidos pra melhor se apresentar / de Mateus a Bastião; Catirina a Baltazar / do Babau ao

Capitão / todos eles vão louvar os cânticos de suas lendas e a arte popular... / Meu Mestre peço licença pra usar o seu terreiro / os cânticos de suas lendas e a arte popular... (*Vitalino acena que sim*) Bate no bombo guerreiro pro recinto alegrar!

O Bumba fica cantando e dançando em volta deles.

CORO (*cantando*) – Dom Pedro quando veio ao mundo / usou de todo expediente / prendeu, matou e roubou / caçou, comeu e coçou / e em pouco tempo tomou o cargo do presidente / da Nação, da Nação, da Nação / da Nação, da Nação Paranoar / Dom Pedro escondeu a urna / onde é que eu vou votar? / Ai, Dom Pedro / o que foi que aconteceu? / O seu cavalo comeu, Dom Pedro, o capim / do boi que pai me deu / da Nação, da Nação, da Nação / da Nação, da Nação Paranoar / Dom Pedro escondeu a urna / onde é que eu vou votar?

VITALINO – Para! Para! Vejam quem vem chegando! (*entra Zé Santeiro e seus santos*) Compadre Zé Santeiro, que alegria me dá, a que devo esta visita, faça o favor de explicar?

ZÉ SANTEIRO – Mestre, como Zé Caboclo eu também vim festejar: trouxe o Menino Jesus, trouxe o homem de Assis, trouxe todos os santos do mundo. Santos que eu mesmo fiz para abençoar esta noite e o mestre ser feliz. Louvado seja o senhor, eterno mestre do tauá, que com suas mãos de príncipe bastou pegar na argila pra transformar esta vila no melhor lugar que há.

O Bumba sai cantando e os santos acompanham.

ZÉ SANTEIRO – Mestre, conte as novidades. Como foi de Rio de Janeiro?

VITALINO – Ah, Zé, foi muito bom...

ZÉ CABOCLO – O mestre conheceu tudo aquilo, não foi?

VITALINO – Bom, conhecer, eu não conheci não. Eu não saía de dentro daquelas gaiolas. Era saindo de uma e entrando noutra... E aquele magote de homem, tudo gentona, falando aquelas coisas que eu não entendia. Sabia que eles estavam falando de mim. Me levaram pra tudo quanto foi canto, me deram até uma medalha de honra. Eu nunca vi tanta gente besta... Ficaram de boca aberta com os meus bonecos; era Vitalino pra cá, era Vitalino pra lá. Disseram até que iam me levar pra Europa. Até o Governador botou um carro com motorista e tudo pra ficar me levando *pros* cantos.

ZÉ SANTEIRO – E o avião, mestre?

VITALINO – Ah, nesse eu gozei. Só foi ruim quando faltava umas vinte léguas... Me deu um *farnizim*...

ZÉ CABOCLO – E o que mais, mestre? Eu soube que o senhor foi pra televisão?

VITALINO – Fui! Fiz uns trabalhos pra eles *vê*. Depois começaram a conversar comigo. Aí, eu falei, toquei pífano...

ZÉ SANTEIRO – E o que foi que o mestre falou?

VITALINO – Falei da gente, de Caruaru, do Alto do Moura... Ah, falei também do barro, disse que as olarias estão acabando com o barro.

ZÉ SANTEIRO – Ah! Isso é muito bom.

VITALINO – Disse que se as autoridades não tomarem providência, a gente não vai mais fazer bonecos por falta de barro.

ZÉ SANTEIRO – Assim é que se fala, mestre!

ZÉ CABOCLO – E o pior, é que agora eles não deixam mais a gente tirar o barro. Só se comprar. Estão vendendo uma carroça por dois contos de réis.

VITALINO – Isso é roubo! Eles não podem fazer isso! O barro pertence a todos nós. Para o mês eu vou a São Paulo, quando chegar lá eu vou pra televisão, jornal, rádio, e esculhambo com esses ladrões!

ZÉ SANTEIRO – Também a população do Alto do Moura tá todinha fazendo bonecos...

ZÉ CABOCLO – É, mestre.

VITALINO – Mas isso é bom. Quanto mais boneco melhor. Só vocês vendo como eles ficaram lá no Rio de Janeiro. Tudo que eu fazia, eles compravam na hora. Na feira é do mesmo jeito... Quanto mais boneco tiver, melhor, porque todo mundo ganha.

ZÉ SANTEIRO – Mas não é esse o problema, mestre. É que eles copiam tudo que a gente faz.

VITALINO – Deixa, Zé, copiar é também um meio de vida. Afinal de contas, não é todo mundo que tem a imaginação como a tua, como a de Zé Caboclo, a de Galdino...

ZÉ SANTEIRO – Bem, eu tô falando por falar, porque eles copiam mesmo é o mestre. Os meus não, eles dizem que santo não foi feito pra ser levado pro forno.

Ouve-se uma batucada.

VITALINO – O que é isso?

ZÉ CABOCLO – Deve ser Galdino com suas figuras... Eu não disse?

Galdino entra puxando três esculturas de bichos da sua criação: Aratangí, Ingabau e Cascadura.

GALDINO – Olá mestre! Como vai esta figura? Eu vim lhe apresentar Aratangí, Ingabau e Cascadura, os mais insolentes bonecos, porém cheios de formosura!

Galdino imposta a voz e canta. E as figuras dançam e respondem.

GALDINO (*cantando*) – Quem são essas tristes figuras, Zé Amaro?

ARATANGÍ – Aratangí, o rei das trevas!

GALDINO (*cantando*) – E quem vem para acompanhá-lo, Zé Amaro?

INGABAU – Ingabau, o papa ervas!

GALDINO (*cantando*) – E quem mais, Zé Amaro?

CASCADURA – E o monge Cascadura!

As figuras fazem coreografias em volta de Vitalino.

GALDINO (*cantando*) – Vai buscar o palhaço Tadeu, Zé Amaro / e carrega esses bichos pra lá / Ô lalaô, lalaô do andar / Ô lalaô... (*repete várias vezes*)

A dança das figuras vai ficando agressiva na investida que fazem em direção a Vitalino.

VITALINO (*apavorado*) – Galdino! Tira esses bichos daqui! Leva as tuas formosuras! Eu não quero ver estas figuras! Tira elas daqui, Galdino!

Galdino, Zé Santeiro e Zé Caboclo pegam os bichos e saem com eles.

VITALINO MOÇO – Ah, agora eu estou entendendo... Essas figuras... Sim é isso mesmo, foram elas que me enfeitiçaram na noite das sete luas... Foram elas que incendiaram os meus caminhos... O medo da minha infância. Foram elas... É esse o segredo de tudo. Foram elas...

VITALINO MENINO – Agora eu estou entendendo: o medo é que me trazia a incerteza. Insolentes como as sete luas que trouxeram o frio... Como fui besta que não percebi logo. Por que este temor cada vez mais forte? Por que tanto medo? Ah, eu preciso esquecer essas recordações da infância...

VITALINO MOÇO (*gritando*) – Galdino traz as figuras! Por que mudar os nomes, Galdino? Eu sei que Aratangí, Ingabau e Cascadura são os mesmos... São eles Babau, Jericó e Lobisomem!

VITALINO – Galdino, traz tuas formosuras! Eu já descobri... O medo acabou.

SEVERINO – Pai! O que foi isso?

VITALINO – Nada Severino... Foi um pesadelo. Mas já acordei.

SEVERINO – Pai, o senhor vai viajar de novo?

VITALINO – Vou, meu filho. Vou pra São Paulo.

SEVERINO – Quem é que vai com o senhor?

VITALINO – Muita gente. Padre Zacarias, Luiz Torres, Mirandinha...

SEVERINO – Pai, traga um relógio de pulso pra mim.

VITALINO – Se eu ganhar dinheiro, meu filho, eu trago.

SEVERINO – E o que é que o senhor vai fazer lá? Passear?

VITALINO – Não, vou trabalhar. Mas você sabe como é, eles falam, fazem aquele espanto, mas na hora do dinheiro, nada...

SEVERINO – Isso é verdade. Pai, eu tenho um negócio pra contar pro senhor.

VITALINO – O que é, meu filho?

SEVERINO – Pai, o povo tá falando que se o senhor deixar de ir pra feira no sábado vai perder freguesia.

VITALINO – Ôxente, e é, meu filho? Por que?

SEVERINO – É, pai, porque eles gostam mesmo é de comprar ao senhor e ouvir aquelas histórias que o senhor costuma contar pra eles.

VITALINO – Mas meu filho, e eu tenho tempo? Agora mesmo aquela mulher do Ceará só levou seis bonecos. Mas sabe quantos ela havia encomendado? Eram 60. Levou até os bonecos que eu havia feito para aquela mulher da Bahia. Se eu for pra feira, meu filho, quem vai fazer as encomendas?

SEVERINO – Eu sei, pai, mas se o senhor não fizer isso vai acabar sendo esquecido e eles não vão mais querer comprar os seus bonecos.

VITALINO – Será, meu filho?

SEVERINO – É, pai, aí seus bonecos deixam de existir.

VITALINO – É, meu filho, você tem razão. De agora em diante eu não vou perder mais nenhuma feira. Todo sábado eu estarei lá. *(pausa)* Meu filho, avise à sua mãe que eu estou indo lá na venda de Galdino. Vou conversar com o mestre Vicente sobre o ensaio da zabumba. Amanhã começa a novena.

A família de Vitalino prepara a sua viagem. Uns levam o barro ao forno, outros embalam os bonecos e os colocam nas caixas. No mesmo ritual, ao mesmo tempo e em volta de Vitalino.

ANTÔNIO – Aí estão os bonecos, pai! Tem 60 retirantes, 36 bacamarteiros, 21 executivos e 12 aguardenteiros.

MARIA – Cuidado com os preços, pai! Cobre pra valer.

JOANA – Não venda fiado!

AMARO – Não dê a ninguém.

SEVERINO – Olhe o ladrão! Não esqueça o meu relóginho...

JOANA – Não saia à noite...

VITALINO – Chega!

TODOS (*cantando*) – Boca de forno, o vento já vem te soprar / cuidado com a labareda para o barro não rachar / hoje a pisada é essa: os bonecos estão com pressa, eles já vão viajar / sai boneco pra São Paulo, pra Belém, pro Paraná / sai boneco pra Bahia, Maranhão e Ceará / sai, sai, sai pra qualquer destino / os bonecos de Vitalino só faltam mesmo é falar / só faltam mesmo é falar / só faltam mesmo é falar!

Corte de luz. Vitalino, entre jornalistas, dá uma entrevista.

HOMEM 1 – Mestre Vitalino, este é o programa “A Verdade de Cada um”. Antes de tudo, quero agradecer à sua presença e dizer da emoção, da honra que o senhor nos dá em poder estar aqui conversando conosco e contando a sua vida para milhares de radiouvintes. Mestre Vitalino, como é o seu nome e onde o senhor nasceu?

VITALINO – Meu nome é Vitalino Pereira dos Santos. Nasci no Sítio Campos, perto de Caruaru, em Pernambuco.

HOMEM 2 – Mestre, como começou a sua vida com o barro?

VITALINO – Logo aos 6 anos, o meu primeiro trabalho foi um gato maracajá trepado numa árvore, acuado por um cachorro. E o caçador fazendo pontaria. Uma mulher do Recife gostou e comprou por cinco tostões.

HOMEM 3 – O senhor também é tocador de pífano e tem a sua própria zabumba?

VITALINO – Não, eu toco pífano, mas a zabumba é do mestre Vicente.

HOMEM 1 – Quem mais na sua família trabalha com barro?

VITALINO – Todos: meus filhos, os netos... Menos a mulher.

HOMEM 2 – Mestre, o senhor tem uma ideia de quantos bonecos já criou?

VITALINO – Tenho, eu anoto tudinho num caderno. Eu já fiz cento e dezoito trabalhos, todos eles retratando a luta e a miséria do meu povo.

HOMEM 3 – O senhor é considerado o mestre da arte figurativa do Nordeste. Alguém já escreveu sobre o senhor, digo, a sua biografia?

VITALINO – Já foi escrito um livro chamado *Vitalino, um Ceramista Popular do Nordeste*.

HOMEM 1 – E, se não me engano, este livro já foi traduzido para o francês, inglês e espanhol...

VITALINO – É verdade.

HOMEM 2 – Mestre, na última exposição de Picasso, em Portugal, a imprensa deu muito destaque a dois cangaceiros feitos pelo senhor, que ilustravam alguns quadros do famoso pintor. Por sinal, um jornal falou que eram os quadros de Picasso que ilustravam os seus cangaceiros. Como é essa história? O senhor conhece Picasso?

VITALINO – Pica o quê? Eu estou sabendo disso agora!

HOMEM 2 – Mestre, com toda essa fama, o senhor é um homem rico?

VITALINO – Pobre. Pobre e até mesmo de saúde.

HOMEM 3 – É verdade ou o senhor está tirando de vítima, como todo gênio?

VITALINO – Bom, na verdade eu não sou pobre não. Sou miserável!

HOMEM 1 – Mas com todo esse prestígio, o senhor não ganhou nada até agora?

VITALINO – Ganhei!

HOMEM 2 – O quê, por exemplo?

VITALINO – Uma doença aqui em São Paulo. E ter que aturar essas idiotices de vocês! Me leva daqui: eu estou me sentindo mal...

Desfaz-se a cena. Deitam Vitalino e ele começa a delirar.

VITALINO – Essa febre vai acabar me matando... Eu tenho sede...

Entram os bonecos de Galdino (os bichos). Cantam e dançam em volta da cama de Vitalino.

BICHOS (*cantando*) – Ô lalaô, lalaô do andar / ô lalaô, lalaô do andar / ô lalaô, lalaô do andar.

VITALINO – Joana... Joana... Joana...

Os bichos vão para o fundo do palco e tiram as roupas.

JOANA (*entrando*) – O que é, Vitalino?

VITALINO – Joana! Joana, tira esses bichos daqui!

JOANA (*voltando*) – Que bichos, homem?

VITALINO – Eles estavam aqui agora. Os mesmos daquela noite...

JOANA – Aqui não tem bicho nenhum, Vitalino.

Os filhos voltam para junto de Vitalino.

VITALINO – E esses, quem são eles?

JOANA – São os meninos: Manoel, Amaro, Maria...

MANOEL – Pai, Severino foi falar com o Prefeito pra ele arranjar um carro pra levar o senhor pra Caruaru. Lá tem médico, tem tudo...

VITALINO – E a gente tem lá dinheiro, meu filho? Quem é que vai pagar essas despesas?

AMARO – Dá-se um jeito, pai. A gente fala com o Prefeito, ele tem que ajudar. O senhor foi quem fez com que essa cidade crescesse.

VITALINO – E eles querem saber disso...

JOANA – É Vitalino, ninguém conhecia Caruaru antes de você. É por sua causa que a cidade hoje vive cheia de gente nos dias de feira. Você não viu aqueles estrangeiros tirando retrato com você aqui na cama?

VITALINO – Isso é besteira, Joana, quem é que vai ligar pra gente... Não foi ele mesmo, o Prefeito, que destruiu o museu com minhas peças...

MARIA – Mas não custa nada tentar, pai.

JOANA – É Vitalino, vamos... Você está se queimando de febre... Quer um chá?

VITALINO – Não, Joana.

JOANA – Homem, toma pelo menos um comprimido!

VITALINO – Não, Joana, quero não.

JOANA – Mas Vitalino, você não pode continuar assim. Já faz treze dias que você está nesse estado.

VITALINO – Treze dias, Joana?

MARIA – Mãe, os meninos chegaram.

Entram Severino e Antônio.

JOANA – Falou com ele, meu filho?

SEVERINO – Falei mãe, mas não adiantou nada. Ele disse que os carros da Prefeitura estão todos ocupados e muito mal falou com a gente.

JOANA – E o Padre Zacarias, vocês falaram com ele?

ANTÔNIO – Falamos... Ele disse que não vinha não porque pai tava com varíola e ele tinha medo, podia pegar...

JOANA – Mas vocês disseram que ele estava nas últimas?

ANTÔNIO – Dissemos, mas não adiantou nada. Ele não quis vir.

JOANA – Tem nada não. Deus está vendo...

VITALINO – O que foi, Joana?

JOANA – Nada não, Vitalino.

VITALINO – Joana, senta aqui perto de mim.

JOANA – Estou aqui, Vitalino.

VITALINO – Joana, já faz treze dias? Joana, por que é que tudo acontece tão ligeiro na minha vida? Eu envelheci na infância, Joana. Ainda menino me vi carregado

de velhice... Foi ontem que eu vi as sete luas... Joana, elas eram de barro, acredite. A vida passou depressa demais por mim e eu não vi nada, estava entretido com o barro. A única coisa que me consola, Joana, é que eu vou morrer com a infância perto de mim. Vou me deitar pensando em acordar bem cedinho pra brincar nas margens do Ipojuca... (*morre*)

UM DOS FILHOS (*cantando*) – Dorme menino / que o teu sonho é acordar / o dia já vem vindo / o sol vai te acalantar / o mundo é tão pequenino / que não tem onde te guardar / a vida traçou teu destino / no céu, na terra e no mar.

CORO (*cantando*) – Manda bater o sino (*percussão*) / Babau, Jericó, Lobisomem / para acordar esse homem / que dorme feito um menino / manda bater o sino (*percussão*) / Babau, Jericó, Lobisomem / para acordar esse homem / que dorme feito um menino / manda...

O cortejo vai saindo lentamente durante a música. Vitalino, no canto do palco, assiste ao seu próprio funeral. Ele fica só em cena.

VITALINO – Pouco tempo depois eles tombaram a minha casa para servir de atração, mas na verdade eles não preservaram os meus bonecos nem a minha casa. Eles tombaram foi a nossa própria miséria, retratada aqui no Alto do Moura em forma de museu.

Vitalino vê sua casa transformada em museu. Todos entram em cena e ficam em forma de bonecos. Bem baixinho, cantam o samba enredo da Escola de Samba Império da Tijuca (RJ), em homenagem a Vitalino. O artista percorre o museu e, na sua obra exposta, vai dando uma nova conotação.

VITALINO – Ih, isso tá muito pobre pra ser um museu. Vamos dar uma arrumada... Você, meu velhinho, tire esse peso da cabeça... É, sem esse peso fica melhor. E você Lampião, jogue esta arma fora. Vamos minha rendeira, hoje não é dia de trabalho... Ah, você ainda tá tirando bicho do pé? Vamos tirar isso de uma vez. E você soldado, passe para o lugar do preso pra ver se é bom apanhar... E vocês retirantes, vamos acabar com essa expressão de miséria, de fome. (*observa melhor os bonecos*) Não, não pode ser ... O que eles vão pensar de mim? Quando tudo passar... É... Vocês vão ter que continuar sendo o que verdadeiramente são: tristes e oprimidos. Sendo assim, Lampião, você vai precisar da arma. É meu velho, infelizmente esta é a verdade: o senhor vai ter que continuar carregando este balaio. E você, minha rendeira, continue trabalhando... Vamos moço, tire o bicho do pé. É o jeito! É, seu soldado, você continua mesmo com sorte: continue batendo no preso... Enquanto durar este tempo, vai continuar a agonia. Mas um dia, quando tudo passar, nas casas, nos museus ou nas feiras, ficará a expressão de cada um de vocês numa triste moldura dos dias de hoje.

- Fim -

A NOITE DOS TAMBORES SILENCIOSOS



A Noite dos Tambores Silenciosos (1981),
pelo Grupo Feira de Teatro Popular
Texto e direção: Vital Santos
Foto: Acervo Vital Santos

A NOITE DOS TAMBORES SILENCIOSOS

Esta é mais uma peça de título lindo concebida pelo caruaruense Vital Santos, sugestivamente dramática a reunir fantasia e inspiração na mais dura realidade brasileira pós-Golpe Civil-Militar de 1964. No enredo desse musical nordestino repleto de sonhos e traumas, um exilado político, o preto Cravo Branco, chega a Olinda numa Nau Catarina e, atordado pela violência que enfrentou, pois comandou a invasão de trabalhadores da cana de açúcar ao Engenho Massangana e devido a isso teve quase toda a sua família dizimada, delira sem perceber a mudança dos tempos. Se antes proibiram o Maracatu que ele liderava, agora, diante de certa liberdade, querem de novo fazê-lo rei. No entanto, ele só pensa em saber dos antigos companheiros – mortos na sua maioria pela repressão policial – e reencontrar um amor do passado, Dorotéia, hoje doente e viúva de outro representante das Ligas Camponesas, assassinado na cadeia.

Como numa espiral fantasiosa, o ex-militante Cravo Branco, preocupado com os movimentos revolucionários para que não cometam os mesmos erros do passado (já tão próximos novamente), ao deparar-se com o Babau da Morte, acaba por desmascará-lo como uma catimbozeira que, por interferência mística de ervas, o fará voltar ao “tempo da maldade”. Tendo a ajuda do brincante Mateus, seu parceiro nessa viagem em que surgirão feirantes, soldados, rezadores e mamulengueiros, ele vai se deparar com antigas figuras que ainda sofrem pelos desmandos de poderio dos homens ou até alegorias animais na região. A teimosa nesse retorno é para se ter a certeza de que resistir ainda é preciso, mesmo num drama de cunho surrealista onde se carregam na memória os martírios de uma vida em tempos sombrios que, aparentemente, parecem não querer se apagar.



A Noite dos Tambores Silenciosos (1981),
pelo Grupo Feira de Teatro Popular
Texto e direção: Vital Santos
Foto: Acervo CEDOC Funarte

Fiel aos valores culturais de sua terra, em 1980 Vital Santos resolveu escrever esta peça que abordava a história das lutas camponesas no Nordeste, mais especificamente na Zona da Mata de Pernambuco. Assim nasceu *A Noite dos Tambores Silenciosos*, cuja estreia no palco se deu em 1981, sob direção do próprio autor, agora com sua equipe numa nova denominação: antes Grupo Folgado de Arte Popular, agora Grupo Feira de Teatro Popular. A trilha sonora original – das mais elogiadas do seu repertório, com dezessete canções diferentes – é de Josias Albuquerque (compositor natural de Belo Jardim, mas radicado em Caruaru e, na época, assinando como Jô Albuquerque), que integrava ainda o trio de músicos tocando ao vivo no espetáculo. Ele, ao violão e voz, acompanhando os atores no canto (chegou a ser substituído por Rogério Borges em turnê), além de Antônio Ferreira na viola e José Tavares na gaita e percussão. Sim, o querido músico Tavares da Gaita, que faleceu em 2009, era natural de Taquaritinga do Norte, mas ganhou fama como instrumentista e confeccionador de artefatos musicais em Caruaru.

No elenco, Antônio Medeiros, Iva Araújo, Rúbio Torres, Celo Vasconcelos, Wellington Branco, Flávio Aragão, Emanuel Borges, Zeneide Vianna,

Luís França, José Sales, Carlos Alves, Luís Sá e Sebastião Alves (que, encantado pela cena de mamulengo que acontecia nessa montagem, apaixonou-se pelo teatro popular nordestino de bonecos e virou a ser um artesão da área, além de mamulengueiro afamado, o Mestre Sebá). Mais à frente, Alci-mar Vólia, que assinava a luz, também passou a atuar. A contrarregagem era feita por Valter Andrade. Vital, múltiplo como sempre, assinava texto, direção, cenário (executado por José Sales), figurinos (em parceria com Iva Araújo) e coreografias. O título lindo da obra, *A Noite dos Tambores Silenciosos*, é uma homenagem a uma cerimônia mística homônima que acontece em plena segunda-feira de Carnaval no Recife, no Pátio do Terço, no bairro de São José, em frente à Igreja de Nossa Senhora do Terço, como culto à memória dos negros sacrificados.

O evento foi criado em 1965 pelo jornalista e etnólogo Paulo Viana ao propor uma concentração de agremiações de Maracatus-Nação em homenagem aos antepassados africanos. À meia-noite, todas as luzes são apagadas e os tambores silenciam. Num tributo àqueles e àquelas que foram mortos pela repressão, pela violência, desde o período colonial, são cantados pontos para os orixás nessa importante celebração festiva e religiosa em reverência aos ancestrais, que acontece num dos lugares mais emblemáticos da memória e da cultura negra do Recife, local de trabalho da negritude e pela presença de terreiros e agremiações carnavalescas. “Para os maracatuzeiros, o Pátio do Terço é considerado um lugar de muito axé [...] circulam histórias de que no Pátio havia escravos enterrados, e que lá teria sido um lugar onde os escravos eram deixados de quarentena quando chegavam da África”, afirma a historiadora Isabel Guillen (2017) no site *Lugares de Memória da Escravidão e da Cultura Negra em Pernambuco*.

NOVO TRABALHO CÊNICO LOGO APÓS A CONSAGRAÇÃO

Pautado na força ancestral da negritude, Vital Santos decidiu montar *A Noite dos Tambores Silenciosos* após o sucesso nacional de *Auto das Sete Luas de Barro*, ou seja, a peça já nasceu sob enorme expectativa e o resultado foi medianamente bem recebido. Tanto que a obra conseguiu ser apreciada em sete estados diferentes (Pernambuco, Paraná, Paraíba, Espírito Santo, Distrito Federal, São Paulo e Rio de Janeiro). A estreia se deu na

Capital do Agreste, numa terça-feira, 22 de setembro de 1981, no auditório da FAFICA - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru, como promoção do Diretório Acadêmico da instituição de ensino. Uma segunda récita aconteceu na sexta-feira 25 de setembro, no Teatro do SESI, no bairro Rua Preta. Posteriormente, a peça chegou ao palco do Centro de Atividades José de Vasconcelos - CAT, para que usuários e dependentes de drogas pudessem vê-la.

Mas foi com a viagem ao Paraná, convidada para abrir a programação do IX Festival Nacional de Teatro Amador - Fenata, em Ponta Grossa, que a montagem trouxe ainda mais louros ao seu autor e diretor. A Prefeitura de Caruaru bancou as passagens de ônibus do grupo, que infelizmente enfrentou problemas de alojamento por lá e a falta de policiamento na região (a atriz Iva Araújo chegou a ser assaltada). Apresentando-se no dia 2 de outubro de 1981, no auditório da Reitoria da Universidade Estadual de Ponta Grossa, instituição que estava à frente do evento – com 33 grupos participantes de várias partes do Brasil –, *A Noite dos Tambores Silenciosos* conquistou os prêmios de melhor espetáculo, melhor autor nacional (Vital Santos) e melhor música (Jô [Josias] Albuquerque). Na cobertura jornalística escreveram: “*A Noite dos Tambores Silenciosos* é uma história forte, que questionou o público que lotou o auditório da Reitoria. Foi muito bem colocada a parte musical, responsável por um equilíbrio de beleza rara” (UMA FESTA..., *Diário do Paraná*, 4 out. 1981, p. 6).

Na programação também constava outro conjunto pernambucano vencedor, também com um musical autoral, a Skéne Produções, do Recife, com *Muito Pelo Contrário*, texto e direção de João Falcão, que abocanhou os títulos de melhor atriz (Suzana Costa) e melhor atriz coadjuvante (Augusta Ferraz). A comissão julgadora trazia nomes como os críticos Clóvis Garcia, do jornal *O Estado de S. Paulo* – infelizmente não encontrei a crítica que o mesmo escreveu para *A Noite dos Tambores Silenciosos* –, e Marilú Silveira, do *Diário do Paraná*. Na sequência, o Grupo Feira de Teatro Popular integrou o Projeto Vamos Comer Teatro, realizado pela Fundação de Apoio à Pesquisa e à Extensão da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, junto a outras produções de Pernambuco, da própria Paraíba, de Sergipe e da Bahia. A curta temporada da peça se deu no Teatro Lima Penante, em João Pessoa, de 23 e 25 de outubro de 1981.



A Noite dos Tambores Silenciosos (1981),
pelo Grupo Feira de Teatro Popular
Texto e direção: Vital Santos
Fotos: Acervo CEDOC Funarte

Na capital paraibana, além de lembrar que o tema de sua mais recente obra teatral girava em torno do problema das Ligas Camponesas e, em parte, tornava-se uma homenagem àqueles que foram massacrados pelo Golpe de 1964, Vital também afirmou que *A Noite dos Tambores Silenciosos* era “um alerta, porque os camponeses estão voltando a organizar-se e é preciso que os erros cometidos não sejam repetidos novamente” (*Apud* VASCONCELOS, O Norte, 24 out. 1981, p. 4). Por várias vezes, ele explicou que as Ligas Camponesas nunca foram um movimento de tendência política, mas sim organizações do homem do campo que reivindicavam melhores condições de trabalho na zona canavieira. Na visão de Vital, assim como o operário urbano, o camponês tomou consciência da sua difícil situação trabalhista e passou a exigir direitos:

Em 63-64 houve uma grande manifestação das Ligas Camponesas do Nordeste, que foram desvirtuadas dos seus propósitos através de infiltrações de pessoas alheias à zona canavieira. O camponês, em determinado momento, não estava mais tendo voz ativa, nem sabendo o que queria, manipulado por pessoas de vários setores. E o resultado foi uma tragédia. Com o processo revolucionário [atualmente esse termo não é mais usado, pois ele se refere ao Golpe Civil-Militar de 1964] os camponeses foram massacrados e a maioria dos seus líderes barbaramente assassinada. Famílias de camponeses que tinham terra onde trabalhar foram expulsas dessas terras, onde cultivavam por tanto tempo. Com esse massacre, as Ligas diluíram-se, não se falava mais em Liga Camponesa. (*Apud* FALCONE, *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 13 e 14 fev. 1982, p. 1)

Ele também afirmou que essa palavra foi criada pelos próprios usineiros, com a finalidade de “queimar” aquelas associações de trabalhadores da zona canavieira, vinculando-as à ideia de subversão, comunismo. No entanto, as Ligas Camponesas – nome que acabou sendo adotado pela repercussão na imprensa – já estavam se organizando melhor, dentro de um processo sindical bem mais consciente, até àquele massacre final. Quanto à sua peça, cumprindo a função teatral de retratar o que estava acontecendo com o povo, além de revelar o descrédito total ao profissionalismo político, procurava mostrar em que ponto estava a exploração do homem pelo homem no campo. Sem assumir visão apenas pessimista, mas realista, Vital

desabafou: “Somos um povo sem futuro, porque sempre que temos que reivindicar alguma coisa somos derrubados pela violência. Ao mesmo tempo que existe um processo de revitalização da zona agrária, existe também um processo de massacre e violência mais forte ainda” (*Apud FALCONE, Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 13 e 14 fev. 1982, p. 1).

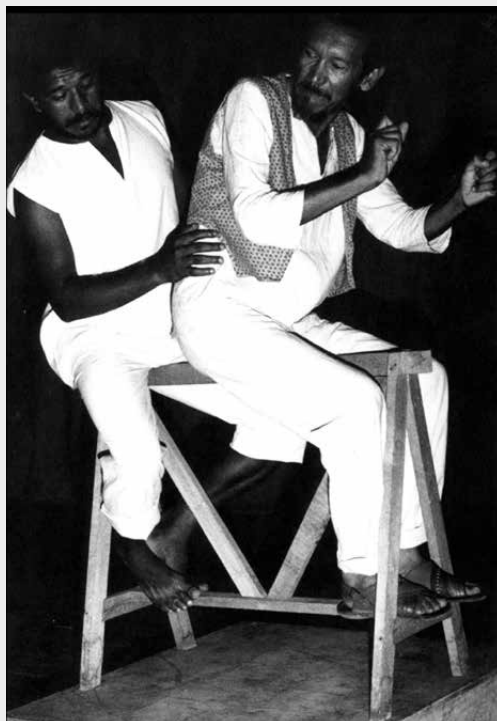
Essa sua obra – talvez a mais cética de todas, mesmo com o humor popular recheando-a de “momentos de respiro”, além das músicas e danças – não esconde a falência da relação entre patrão e empregado no sistema capitalista. Daí o resultado positivo que obteve em alguns lugares por sua crítica contundente. Especialmente convidada para participar do I Festival de Teatro do Recife, de 13 a 29 de novembro de 1981, no Teatro do Derby, numa promoção da Feteape, a então Federação de Teatro Amador de Pernambuco, com apoio da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco - Fundarpe e Instituto Nacional de Artes Cênicas - INACEN (antigo Serviço Nacional de Teatro/SNT), *A Noite dos Tambores Silenciosos* não concorreu ao Prêmio Samuel Campello, mas encerrou aquela programação como atração especial.

De acordo com o crítico Enéas Alvarez, do *Jornal do Commercio*, a proposta foi inovadora tanto na linguagem quanto na encenação, enriquecida dos mais variados recursos teatrais. Tanto que ele pontuou:

O texto é forte, convincente, adequado às intenções de seu autor, e fluido, gostoso de ouvir e de entender. [...] Aqui e ali era notável uma deficiência literária na construção teatral ou um pecado de carpintaria cênica, descambando, até em certos e poucos momentos, para o panfletário. Mas isso não ofuscou a riqueza dramática desse original de Vital Santos, já um autor com estilo próprio e promessa de bom futuro. Quanto à direção, foi perspicaz e inteligente, buscando todos os recursos possíveis para um bom resultado. (ALVAREZ, *Jornal do Commercio*, 29 dez. 1981, p. 6)

Enéas Alvarez surpreendeu-se porque achou que Vital não teve medidas na sua criatividade: usou música, dança, luz, mamulengo, referências do “folclore”, do mistério e apelou até para o despojamento: “De repente, o palco era maracatu; era cemitério; era engenho; era Nazaré da Mata; era interior e exterior; era teatrinho de fantoche; era até abstração e sonho”, elogiou. O

A Noite dos Tambores Silenciosos
(1981), pelo Grupo Feira de
Teatro Popular
Texto e direção: Vital Santos
Foto: Acervo CEDOC Funarte



elenco lhe pareceu seguro no desempenho e muito bem ensaiado, com destaques principalmente às presenças de Antônio Medeiros (na personagem Cravo Branco) e Iva Araújo (uma Dorotéia “forte e dona de boa expressão dramática”), além de Rúbio Torres (Mateus, “convincente e dono do palco”). Resumindo sua avaliação, o jornalista afirmou que *A Noite dos Tambores Silenciosos* foi um presente no encerramento do I Festival de Teatro do Recife, “com bom texto, boa direção, bons atores, boa técnica; conjunto raro de se ver hoje em dia até nos grandes centros, mas que surpreendentemente nos chega de Caruaru, disposto a destronar os gênios da capital” (ALVAREZ, *Jornal do Commercio*, 29 dez. 1981, p. 6), provocou.

Ao final daquele ano de 1981, Enéas Alvarez ainda incluiu essa criação de Vital Santos entre os cinco melhores espetáculos adultos pernambucanos de 1981, sob o critério da “visão de conjunto das encenações apresentadas” (ALVAREZ, *Jornal do Commercio*, 31 dez. 1981, p. 6). Os outros trabalhos escolhidos, sem apontar nenhuma ordem de preferência, foram: *Aí Vem o Inspetor*, da Cia. Práxis Dramática, com texto adaptado e dirigido por Rubem Rocha Filho a partir da obra de Nikolai Gogol; *Ilustríssimos Senhores*, do Grupo de Teatro Bandepe, com texto de Jairo Lima e Lúcio Lombardi, sob direção deste último; *Muito Pelo Contrário*, da Skéne Produções, com

texto e direção de João Falcão, todos do Recife; e também outro representante da cidade de Caruaru, *Morte e Vida Severina*, do Teatro Experimental de Arte - TEA, com texto de João Cabral de Melo Neto e direção de Argemiro Pascoal.

A EQUIPE É NOVAMENTE CONTEMPLADA A CIRCULAR

No ano de 1982 mais uma alegria veio dar ânimo à trajetória da turma liderada por Vital Santos, pois *A Noite dos Tambores Silenciosos* foi selecionada entre as seis peças no Brasil que iriam compor a 5ª edição do Projeto Mambembão, promovido pelo INACEN. O melhor é que outra montagem de Pernambuco foi incluída naquela circulação, também como destaque no IX Festival Nacional de Teatro Amador - Fenata, em Ponta Grossa/PR, evento onde foram vistas e escolhidas as duas peças: *Muito pelo Contrário*, da Skéne Produções, do Recife. Em referência ao Grupo Feira de Teatro Popular, a turnê incluiu cinco capitais: Vitória/ES, visitando o Teatro Carlos Gomes, de 13 a 17 de janeiro de 1982; Belo Horizonte/MG, no Teatro Marília, de 20 a 24 de janeiro; Brasília/DF, chegando à Sala Martins Penna, do Teatro Nacional, de 27 a 31 de janeiro; São Paulo/SP; no Teatro Maria Della Costa, de 3 a 7 de fevereiro; e, por fim, o Rio de Janeiro/RJ, no Teatro Glauce Rocha, de 10 a 17 de fevereiro de 1982.

Vale lembrar que a equipe participava pela terceira vez dessa iniciativa de circulação nacional, mas usara dois outros nomes anteriormente (Grupo de Cultura Teatral, o seu batismo de origem, para o espetáculo *Rua do Lixo*, 24; e Grupo Folgado de Arte Popular, para *Auto das Sete Luas de Barro*), provavelmente uma estratégia de Vital Santos – com complacência de amigos no poder público – para encaixar suas produções em tão almejado projeto de itinerância teatral bancada pelo Governo Federal. Não por acaso, quando podia, Vital lembrava que graças a Orlando Miranda, o diretor do SNT/INACEN, finalmente o teatro dos mais variados estados começou a ganhar expressão para o restante do Brasil. Na primeira cidade visitada, Vitória, capital do Espírito Santo, o autor e diretor caruaruense pôde dar uma longa entrevista ao repórter Tinoco dos Anjos, do jornal *A Gazeta*, que, entre vários assuntos, quis saber dele o porquê da sua boa receptividade nos centros culturais mais badalados do país.

*A Noite dos Tambores
Silenciosos* (1981),
pelo Grupo Feira
de Teatro Popular
Texto e direção:
Vital Santos
Fotos: Acervo
CEDOC Funarte



Vital comentou que acreditava que era a honestidade e a autenticidade do trabalho que desenvolvia, afinal eles não estavam fazendo um teatro regionalista, mas brasileiro, “o verdadeiro teatro popular brasileiro, porque estamos presos às características do próprio teatro, quer dizer: o sofrimento de um povo; embora seja nordestino, mas é o povo brasileiro” (*Apud* ANJOS, *A Gazeta*, 13 jan. 1982, p. 1). Depois de lembrar que teve como principal escola o que via no Teatro Popular do Nordeste - TPN, com o diretor Hermilo Borba Filho sendo um dos maiores incentivadores do teatro popular, porque foi buscar o mamulengo, o reisado, o bumba-meu-boi e transformou tudo isso num verdadeiro teatro brasileiro, numa linha mais erudita, essa foi a formação autodidata que ele teve, “toda uma experiência de como trabalhar com esses elementos populares”, garantiu. Questionado sobre o que seria esse teatro popular, o dramaturgo-encenador mostrou-se enfático:

O teatro popular, mesmo, é aquele que a gente tem na rua, o feito pelo artista popular; é o pastoril, o Velho Faceta, o Velho Cebola, o Capitão Antônio Pereira e seu bumba-meu-boi, é o Capitão Boca Mole com seus mamulengos. Esses são os verdadeiros artistas populares, mas nós procuramos fazer um teatro popular baseado na forma de comunicação e de infiltração dentro do povo. De repente, nós estamos colhendo os dados do próprio povo, trabalhando esses dados e levando-os de volta ao próprio povo, mostrando exatamente os perigos que existem em volta dele. Quer dizer, estamos trabalhando com o povo. [...] um registro igual ao que o cordel faz. O que está acontecendo hoje estamos fazendo através do teatro junto ao povo, questionando com ele. Então, isso é que eu acho que é teatro popular, o povo participa, emite suas opiniões, se identifica, se vê através dos espetáculos e é questionado. Realmente, toda uma didática popular que vem do próprio povo. (*Apud* ANJOS, *A Gazeta*, 13 jan. 1982, p. 1)

Numa licença poética, Vital lembrou até que as pessoas se referem à sua terra natal como o “País de Caruaru”, quase como um lugar independente, porque ali era “talvez a maior universidade do mundo. Lá você encontra todos os valores da cultura popular brasileira. Esse trabalho nosso é nada mais nada menos do que o retrato dessa feira, o retrato dessa gente, que é um país”, comentou. Mas o seu maior interesse naquele momento era

falar mesmo da peça que apresentaria ao público capixaba, *A Noite dos Tambores Silenciosos*, e explicou que a montagem surgiu a partir do próprio drama que a classe dos cortadores de cana estava enfrentando: choques com os usineiros. Lamentou que, com o incentivo à produção do álcool pelo Proálcool, iniciativa do Governo Federal, todo mundo estava deixando a agricultura familiar para se dedicar unicamente ao corte da cana. Mas, por conta da cobrança por melhores condições de trabalho pelos sindicatos e até pela própria Igreja, os choques com a classe dominante só cresciam:

Estão aparecendo líderes camponeses mortos, o camponês abandonando as terras porque [...] foi dado para ele uma certa quantidade de terra, ele preparou, cultivou para plantar o milho, o feijão, o algodão e de repente está sendo expulso para que aquelas terras pudessem ser utilizadas à base da cana. Está havendo um choque muito grande e isso nos despertou exatamente para o que aconteceu em 1964, quando houve realmente um massacre. As Ligas Camponesas foram massacradas em nome da “Revolução”. E o que acontece? De repente está se formando tudo isso de novo [...]. Nós fizemos o espetáculo em cima desses valores. O espetáculo é um documento, retrata a luta que teve na época a classe camponesa. O espetáculo vem até os dias de hoje, mostra exatamente como poderiam agir os camponeses ou o que poderia acontecer... É um espetáculo meio didático, meio educacional em relação ao problema agrário e é um documento de uma época. Chega a ser, inclusive, um documentário, porque nós usamos inclusive textos, frases dos próprios camponeses da época, de acordo com os registros feitos pela imprensa. (*Apud* ANJOS, *A Gazeta*, 13 jan. 1982, p. 1)

De fato, segundo o geógrafo Wagner de Cerqueira e Francisco (s. d.), com o Proálcool - Programa Nacional do Álcool, que surgiu como projeto do Governo brasileiro em 1975 para intensificar a produção de álcool combustível, o etanol, na intenção de substituir a gasolina frente à crise mundial do petróleo pelo alto preço do produto importado, foram “oferecidos vários incentivos fiscais e empréstimos bancários com juros abaixo da taxa de mercado para os produtores de cana-de-açúcar e para as indústrias automobilísticas que desenvolvessem carros movidos a álcool” (FRANCISCO, *Brasil Escola*, s. p.). Na primeira década, até que os resultados positivos aconteceram, mas outros desafios vieram a seguir, como a elevação da dívida pública, o

aumento dos latifúndios monocultores de cana-de-açúcar e, especialmente, a alta dos preços de alguns gêneros alimentícios para toda a população, já que houve redução do cultivo de alimentos em substituição à cana, como afirmou o próprio dramaturgo.

A questão era mesmo delicada e não podia sanar um problema criando vários outros. Na sua revisão “dramatúrgico-historigráfica”, Vital Santos procurou, além de analisar a história das Ligas Camponesas, também alertar sobre a manipulação da massa trabalhadora:

Com o índice de desemprego no país e a implantação de indústrias no Nordeste através da Sudene [Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste], vários agricultores se tornaram operários. Com o incentivo do Governo, eles voltaram a cultivar a terra, mas os incentivos do Proálcool não eram repassados para eles. Com os sindicatos, começaram as reivindicações. Em setembro, outubro, ele se reuniram e fizeram a greve na zona canavieira. Isso nos fez sentir estar vivendo de novo 65, 66, quando as Ligas Camponesas eram muito fortes. Daí, partimos para fazer a peça. (Apud DUMAR, *Jornal do Brasil*, 12 fev. 1982, p. 7)

Lembrando que o Grupo Feira de Teatro Popular trabalhava com a própria realidade ao seu redor e que, nessa sua montagem atual, Vital Santos abordava um período amargo vivido pelo povo nordestino, o jornalista Tinoco dos Anjos, um de seus entrevistadores, gostou do resultado de *A Noite dos Tambores Silenciosos*, especialmente pela obra emoldurar um tema áspero optando pela beleza da cultura popular:

A peça não é uma reconstituição detalhada do movimento das Ligas Camponesas. O objetivo do autor foi abordar o assunto para alertar contra a possibilidade de repetição dos erros do passado – o principal, segundo ele, foi a manipulação da massa a nível de conscientização política – no momento em que os trabalhadores do campo procuram se reorganizar no Nordeste e enfrentam, mais uma vez, a repressão do Governo, ligada ao coronelismo. O espetáculo não abdica das formas de comunicação e dos diversos aspectos da cultura popular da região [...]. Assim é que as lendas, os mitos, as fantasias, o

folclore estão permanentemente presentes no palco, trazendo a alegria, o movimento e, principalmente, o humor tão característico das manifestações populares brasileiras. Com muita simplicidade e beleza, num elenco homogêneo e dedicado, o espetáculo tem como um de seus grandes destaques a música composta por Josias Albuquerque (vítima de um edema pulmonar e que, por isso, não pôde viajar com o grupo), explorando sempre a sátira e possibilitando alguns ótimos momentos de interpretação individual. As coreografias também são eficientes e proporcionam muita beleza visual ao espetáculo. Mas o que mais agrada ao público em Vitória é a utilização dos bonecos, mamulengos tradicionais do Nordeste – é brilhante a cena da tortura ao camponês da Liga – que permitem, inclusive, a abordagem de temas atuais da política brasileira. (ANJOS, *A Gazeta*, 15 jan. 1982, s. p.)

MAIS COMENTÁRIOS: ALGUNS ESTIMULAM, OUTROS NÃO

Em Brasília, a peça pôde ser apreciada com mais minudências pelo jornalista, também ator, diretor e dramaturgo, Ary Pararraios (o paranaense Ary José de Oliveira ou, como também ficou conhecido, Ary Pára-Raios), considerado um dos pioneiros do teatro de rua no Distrito Federal. Para ele, *A Noite dos Tambores Silenciosos* tinha finalmente justificado aquela edição do Projeto Mambembão, pela autenticidade como força motriz do trabalho, uma “arte viva e pulsante” que unia dois opostos aparentes, a dureza do tema e a leveza da forma:

Os atores interpretam, em músicas e danças, cenas permeadas de dramas e humor nordestinos. A mesma intensidade permite que o texto – bem humorado – penetre por lutas políticas de trabalhadores nos engenhos, conte as histórias dramáticas de seus personagens e ainda enfoque o drama pessoal de um dos líderes desta luta, sem perder em nenhum momento o fio da meada. A narratária, em seu processo de elaboração, supera até alguns momentos piegas e carregados de “mensagens”. Reflexo de incursão por linguagens populares – mamulengos, cordel, repentes, folguedos –, a coragem faz com que o uso de temas casem com os sentimentos. (PARARRAIOS, *Correio Braziliense*, 29 jan. 1982, p. 19)



A Noite dos Tambores Silenciosos (1981),
 pelo Grupo Feira de Teatro Popular
 Texto e direção: Vital Santos
 Fotos: Acervo CEDOC Funarte

Sem deixar de notar, como afirmou, certo pieguismo e maniqueísmo na obra, o crítico observou como outros pontos negativos a forma cansativa como Vital Santos, às vezes, “costurava” as cenas, apostando em diálogos pouco dinâmicos, mas sabendo dosar tudo com fortes elementos da cultura popular, interpretados sempre com especial vitalidade pelo elenco. Isso sem contar com o humor e a emoção; a música, que participa no todo sem chamar atenção para si, “que reconhece *fazer parte* e não *ser* o espetáculo”; o figurino simples, mas na medida justa; a iluminação simples e eficaz; os cenários e materiais de cena de grande efeito e facilmente manejáveis pelos atores; tudo sobressaltando em qualidades que diluíam as possíveis falhas. Ele até adivinhou certo caráter expressionista naquela criação, conforme explicou:

O exagero nos gestos de alguns atores, na declamativa intervenção verbal de outros e em algumas apelações de gosto duvidoso acabam dando à *A Noite dos Tambores Silenciosos* mais um crédito e uma leitura: um espetáculo expressionista. Enfim, a autenticidade sobrepuja as teorias e apura uma técnica especial, regionalista, brasileira, universal. É ela quem abastece os talentos de cada ator, sem maior nem menor mérito para ninguém. Uma energia inesgotável num elenco que dança, interpreta e canta sem perder o fôlego, [...] que nunca perde o tom, nunca desafina. Na trilha de uma escola brasileira, tropicalista de interpretação. (PARARRAIOS, *Correio Braziliense*, 29 jan. 1982, p. 19)

Em São Paulo, ao findar por lá a temporada desse Projeto Mambembão, lembrando que há cinco anos aquela iniciativa vinha promovendo um estimulante intercâmbio cultural para os profissionais de teatro, oportunizando às grandes capitais verem um importante teatro regional que vinha se desenvolvendo, sem perder de vista suas próprias raízes, a jornalista Carmelinda Guimarães, natural de Santos/SP, considerou que naquela edição os espetáculos selecionados, em geral, tinham um inegável compromisso social com a realidade de seus estados. Seu comentário foi publicado em *A Tribuna*:

Sob este ponto de vista, o Projeto Mambembão, encerrado na semana passada, cumpriu plenamente seus objetivos, especialmente nas peças *A Noite dos Tambores Silenciosos*, de Vital Santos, de Caruaru; *Muito Pelo Contrário*, de João Falcão,

Recife (ambos de Pernambuco); e *Ver de Ver-o-Peso*, de Ramon Stergmann, de Belém. Vital Santos já trouxe a São Paulo, em outra ocasião, a peça *Auto das Sete Luas de Barro*, trabalho inesquecível que retratava com grande criatividade a vida de mestre Vitalino e os fazedores de bonecos nordestinos. Se em *A Noite dos Tambores Silenciosos* ele não alcançou o mesmo nível do espetáculo anterior, realizou um trabalho de interesse sobre as lutas dos camponeses pelas terras no interior de Pernambuco, com momentos de grande expressividade e uma interessante integração de bonecos e atores. Seu trabalho mostra um amadurecimento e criatividade que mereciam uma temporada em cartaz maior do que os cinco espetáculos realizados durante o Projeto Mambembão, a fim de poder atingir um público maior. (GUIMARÃES, *A Tribuna*, 19 fev. 1982, p. 25)

Chegando ao Rio de Janeiro para número bem maior de apresentações no Teatro Glauce Rocha (com sessões de quarta-feira a domingo, sendo de quarta a sexta às 21 horas, sábado, às 20 e 22 horas, e domingo, às 18 e 21 horas. Na sexta-feira também houve récita especial para a classe teatral à meia-noite), Vital Santos deu nova entrevista de destaque, desta vez à repórter Maria Carolina Falcone, da *Tribuna da Imprensa*, reafirmando, mais uma vez, que sua peça procurava fazer um tributo a todos aqueles que morreram nas lutas das Ligas Camponesas do Nordeste em 1964, “ou seja, aos grandes líderes sindicais como Pedro Teixeira, João Camilo e muitos outros que morreram barbaramente, lutando por uma causa justa que é um espaço maior para o homem do campo na sociedade brasileira” (*Apud* FALCONE, *Tribuna da Imprensa*, 13 e 14 fev. 1982, p. 1), afiançou o autor. A jornalista, então, adicionou à sua matéria:

Inspirado num ritual de maracatu, que na segunda-feira de Carnaval, anualmente, presta homenagem aos mortos pela repressão, desde o período colonial, o texto de Vital Santos, *A Noite dos Tambores Silenciosos*, procura fazer uma análise do processo agrário brasileiro dos últimos trinta anos, mostrando que o movimento camponês hoje está mais forte e mais organizado. Explica Vital Santos que essa revitalização do homem da zona agrária do Nordeste, “que é acompanhada de um processo de repressão ainda mais violento”, aconteceu depois que o homem do campo, que fora arrastado para as máquinas pela



A Noite dos Tambores Silenciosos (1981),
pelo Grupo Feira de Teatro Popular
Texto e direção: Vital Santos
Foto: Acervo CEDOC Funarte

Sudene e com a ameaça generalizada de desemprego, voltou ao campo com uma forte experiência sindical. Inclusive, diz Vital Santos, no ano passado, quando a zona canavieira do Nordeste ficou parada por três meses, voltamos a reviver 64: com famílias expulsas de suas terras, mortes e espancamentos. (FALCONE, *Tribuna da Imprensa*, 13 e 14 fev. 1982, p. 1)

Coincidência ou não, a despedida da trajetória de *A Noite dos Tambores Silenciosos* se deu em terras cariocas, exatamente após a apreciação do crítico Macksen Luiz, sempre comedido nos elogios e que ressaltou muitas fragilidades nessa proposta do Grupo Feira de Teatro Popular, mesmo reconhecendo a importância do conjunto nas pesquisas em torno de um teatro popular de raízes nordestinas e com temáticas profundamente identificadas com as populações mais carentes. Ele até lembrou que, anos antes, no mesmo Projeto Mambembão, a equipe já tinha exibido *Rua do Lixo, 24*, sobre as condições precárias de vida da massa urbana, e o “extraordinário” *Auto das Sete Luas de Barro*, que narrando a vida do ceramista Vitalino

“traçava um quatro perfeito das formas de devoração cultural e ainda investia contra a depredação ecológica” (LUIZ, *Jornal do Brasil*, 12 fev. 1982, p. 7). Mas, desta vez, com outra peça de denúncia social junto a formas de cultura nordestina, o resultado não teve o mesmo vigor:

É contada a história de um mestre do Maracatu que volta do exterior e encontra velhos companheiros dispersos, mortos ou transformados, apelando para a Caipora que o transporta para o tempo em que foi obrigado a abandonar sua cidade. Na verdade, essa é apenas a história aparente, porque o que se fabula é a trajetória de um exilado que, ao voltar, tenta fazer uma reavaliação da vida política brasileira e da sua atuação no passado. E é justamente nessas amplas pretensões que o autor se dispersa. A análise política é superficial, o lado mágico (o melhor) acaba por conflitar com a necessidade de reflexão e o estilo teatral é desgastado. Tanto que Vital Santos tenta superar essas limitações fazendo autocrítica (“estamos fazendo um teatro do passado”) com bom humor, mas que não é suficiente para levantar o texto do seu tom quase sempre piegas. O espectador, ao final, não sabe aonde Vital Santos pretendeu chegar. No final, das três soluções propostas para que a plateia escolha a de sua preferência, duas são mágicas e a outra ingenuamente populista. (LUIZ, *Jornal do Brasil*, 12 fev. 1982, p. 7)

É evidente a decepção de Macksen Luiz com o texto, mas o espetáculo, na sua opinião, superava problemas da dramaturgia, tornando-se ágil e com belas músicas de Josias Albuquerque, ainda que prejudicado por certo achatamento no palco do Teatro Glaucê Rocha, pequeno para toda aquela turma. Esquecida essa dificuldade, para ele, o todo corria com animação, quando necessária, e lentidão e pouco brilho nos momentos mais sérios. “Vital Santos, como diretor, demonstra em *A Noite dos Tambores Silenciosos* o seu indiscutível domínio de palco, mas como o texto não o favorece, a montagem em muitos momentos perde ritmo e interesse”, alegou, dando a impressão de que a sua 1h15 de duração parecia ser bem mais longa. Como outros destaques, ele ainda percebeu a sensível iluminação e a voz – realmente linda – do ator Emanuel Borges. O restante do elenco mostrava suas possibilidades sem maiores surpresas.



A Noite dos Tambores Silenciosos (1981),
pelo Grupo Feira de Teatro Popular
Texto e direção: Vital Santos
Foto: Acervo CEDOC Funarte

Retornando a Caruaru, Vital deixou de programar novas récitas da peça, não sei bem porquê, e passou a preparar uma nova montagem, que estrearia no ano seguinte, em 1983, *Olha Pro Céu, Meu Amor*, outra produção sua que circulou pelo país no Projeto Mambembão. “Para mim, não existe sucesso, existe trabalho, luta” (*Apud* ANJOS, *A Gazeta*, 13 jan. 1982, p. 1), dizia à época. Como melhor resultado de *A Noite dos Tambores Silenciosos*, foi graças a uma cena com tenda no espetáculo que o ator Sebastião Alves descobriu a arte de manipular bonecos. Apaixonou-se tanto pelo mamulengo que, em 1985, criou o Teatro Mamusebá, misto de companhia e espaço físico teatral (seja na garagem de sua própria residência ou como ponto de cultura no centro da cidade de Caruaru) na qual ele, há décadas, como mestre mamulengueiro e produtor cultural, vem divertindo a garotada e famílias inteiras com suas personagens cheias de vivacidade popular. Foi o melhor fruto de toda aquela experiência. Evoé, Mestre Sebá!

REFERÊNCIAS:

- ALVAREZ, Enéas. A Noite dos Tambores Silenciosos/Crítica. **Jornal do Commercio**. Recife, 29 dez. 1981. Caderno C/Teatro. p. 6.
- ALVAREZ, Enéas. Os cinco melhores espetáculos de 1981. **Jornal do Commercio**. Recife, 31 dez. 1981. p. 6.
- ANJOS, Tinoco dos. Vital Santos: “Em Caruaru, estamos fazendo o verdadeiro teatro popular”. **A Gazeta**. Vitória, 13 jan. 1982. Caderno Dois/Arte & Lazer. p. 1.
- ANJOS, Tinoco dos. Um belo retrato da cultura nordestina. **A Gazeta**. Vitória, 15 jan. 1982. Teatro. s. p.
- DUMAR, Deborah. Conheça quem faz teatro em Caruaru. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 12 fev. 1982. Caderno B/Divirta-se. p. 7.
- FALCONE, Maria Carolina. Vital Santos: em 81 zona canavieira do Nordeste reviveu 64. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro, 13 e 14 fev. 1982. p. 1.
- FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. Proálcool. In: **Brasil Escola**. Goiânia, s. d. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/brasil/proalcool.htm>. Acesso em: 15 abr. 2025.
- GUILLEN, Isabel. Bairro de São José/Pátio do Terço. **Lugares de Memória da Escravidão e da Cultura Negra em Pernambuco**. Recife, 18 set. 2017. Disponível em: <https://memoriaescravidaope.wordpress.com/tag/patio-do-terco/>. Acesso em: 4 jun. 2024.
- GUIMARÃES, Carmelinda. Mambembão, um compromisso com o teatro regional. **A Tribuna**. São Paulo, 19 fev. 1982. p. 25.
- LUIZ, Macksen. Veja um Nordeste já muito explorado. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 12 fev. 1982. Caderno B/Divirta-se/Crítica. p. 7.
- PARARRAIOS, Ary. Um espetáculo que finalmente justifica o Mambembão. **Correio Braziliense**. Brasília, 29 jan. 1982. Variedades/Me Segura!. p. 19.
- VASCONCELOS, Everaldo. A Noite dos Tambores Silenciosos. **O Norte**. João Pessoa, 24 out. 1981. p. 4.
- UMA FESTA de folclore e beleza na abertura do Fenata. **Diário do Paraná**. Curitiba, 4 out. 1981. 1º Caderno/Ponta Grossa/Sucursal. p. 6.

— A NOITE DOS TAMBORES SILENCIOSOS —

De: Vital Santos

.....

Personagens: Coro (Ventania, Feirantes, Acompanhantes no Enterro, Gafanhotos e Urubu), Gajeiro, Homem 1, Homem 2, Cravo Branco, Mulher 1, Componentes do Maracatu Leão Coroado, Caboré, Dorotéia, Babau da Morte (Caipora/Madame Bago Mole), Mateus, Zuca Fumeiro, Luiz da Jega, Dona Iaiá, Dona Rosita, Bonequeiros e Figuras do Mamulengo (Professor Tiridá, Soldado, Camponês 1, Camponês 2, outros Soldados e Camponeses).

I ATO

CORO (*cantando*) – Lá vai a barca / sozinha / perdida no mar / sem vela e sem leme / a navegar / lá, rá, rá...

GAJEIRO (*na proa da Nau*) – Alvissaras, alvissaras / o Gajeirinho já viu / areias de Pernambuco / terra do meu Brasil. (*bis*)

CORO (*cantando alegremente*) – Canta, canta marujada / pra apressar esta Nau / vamos pedir contas ao mundo / e ao capitão-general / pelas sete espadas finas / pelo brilho do punhal / pela Nau Catarineta / sem o gajeiro real / canta, canta marujada / pelo bem e pelo mal / pelo degredo de Espanha / e o desterro em Portugal / lá, rá, rá...

GAJEIRO – Avisto as praias de Olinda / à sombra dos coqueirais / vejo caju, fruta do conde / e o verde dos canaviais / alvissaras, alvissaras / avisto terra / que toda semente dá...

CORO (*marchinha*) – Banana, laranja, abacaxi / carambola, abacate e sapoti / manga, melão e caqui / aqui tudo tem, aqui tudo dá / melancia, goiaba e açaí / aqui tudo tem, aqui tudo dá / aqui tudo dá, aqui tudo tem / tem caldo de cana também / tem água de coco, tem / tem beleza que só ela tem / riquezas como ninguém / cacau, café, petróleo e óleo / este tesouro / só mesmo em nossa terra tem! (*bis*) / Jambo, mamão e ingá / mangaba, umbu e cajá / caju e maracujá / graviola, pitanga e araçá / aqui tudo tem, aqui tudo dá / aqui tudo dá, aqui tudo tem!

Em meio a toda a alegria vem uma figura triste de muleta falando sozinha, alheia a tudo e chamando a atenção.

HOMEM 1 – Quem é ele?

HOMEM 2 – Não tenho a menor ideia... (*olha para o Gajeiro*)

GAJEIRO – Cravo Branco...

HOMEM 1 – É um louco?

GAJEIRO – Não... É um rei.

OS DOIS HOMENS (*espantados*) – Rei?

GAJEIRO – Rei do Maracatu Leão Coroado. Ele foi um dos primeiros a ser preso. O Maracatu estava brincando na praia do Janga quando eles chegaram quebrando tudo. Parecia um formigueiro envenenado: quebraram os tambores, rasgaram o estandarte, as fantasias e saíram arrastando ele... A família morreu fuzilada dentro dos canaviais. Só escapou mesmo a mãe porque estava lavando roupa no rio. (*pau-
sa*) Foi ele quem comandou a invasão dos camponeses ao Engenho Massangana.

HOMEM 2 – Está bêbado, então?

GAJEIRO – Não.

HOMEM 2 – Como não?

GAJEIRO – Ele ficou assim, meio atordoado, depois de um problema nas pernas.

HOMEM 1 – Como foi isso?

GAJEIRO – Amarraram ele num jipe e saíram arrastando pelo meio da rua para que todos vissem. (*vai a ele*) Finalmente estamos chegando, Cravo Branco. (*coloca a mão no ombro dele*) A Nau já vai atracar.

CRAVO BRANCO (*tenso*) – Água... Água... Água... (*Homem 1 entrega um caneco com água. Ele joga fora e sai correndo para ver as águas*) Vejam! Lá no fundo das águas, bem no fundo do mar! Não é preciso que o sol ilumine as ondas com seus espelhos de prata, como agora, para que se veja! Vê-se também nas tardes sombrias e nas claras noites de primavera. Mesmo nas mais escuras madrugadas pode-se ver também... (*apontando*) Estão vendo? Lá onde nasce o arco-íris... Bem no fundo: o mar repleto de cadáveres...

HOMEM 2 – Eu não estou vendo nada.

MULHER 1 – Nem eu.

HOMEM 1 – Ele está delirando.

HOMEM 2 – Eu acho que ele bebeu...

GAJEIRO – Companheiro! Companheiro!

CRAVO BRANCO (*desperta*) – O que foi? O que foi que aconteceu?

GAJEIRO (*sorridente*) – Estamos chegando, companheiro.

CRAVO BRANCO (*aliviado*) – Ah, é... (*vai à proa e o Gajeiro segue atrás*)

GAJEIRO – Companheiro, eu compreendo...

CRAVO BRANCO – E o que é que você compreende, meu Gajeirinho?

GAJEIRO – Ah, tudo... Suas insônias, seus pesadelos. Tudo, tudo...

CRAVO BRANCO (*tempo*) – Sabe, meu Gajeirinho, mesmo com todo esse tempo, parece que foi ontem. A tarde estava chuvosa quando nós partimos. Eu estava preparado pra tudo, tudo! Menos para deixar a minha terra: esta terra! Eu não tinha como resistir e parti. Partimos: eu, o Mendonça, o Agripino, o Baiano, o Viana, a Helena, muitos, muitos... Partimos na doce esperança de um breve regresso, de uma volta heróica e triunfal. Mas Mendonça morreu de velhice num bairro miserável de Lisboa; Baiano enlouqueceu de saudade; Viana virou capitalista... Helena se matou de angústia... Agripino foi assassinado na República de El Salvador ajudando o povo na luta contra o Imperialismo. E eu ganhei estes cabelos brancos... Este rosto calmo e triste que não é meu.

Silêncio. Ouve-se as batidas de um Maracatu.

GAJEIRO (*do alto da proa*) – Atentos, marujada! Jogar as cordas! Soltar as velas, a Nau vai atracaaaaaaaar! (*ele abre os olhos feliz e radiante*)

A Nau chega ao porto. Os componentes do Maracatu vão entrando lentamente em cena com seu batuque.

CORO (*cantando*) – Caboclo de lança / quem foi que chegou? / Foi o senhor / foi o senhor / foi o senhor! (*bis*) O senhor chegou, sinhá / o senhor chegou, sinhá / o senhor chegou, sinhá / tira o nêgo da cambinda / bota o nêgo no pear (*durante a repetição põem o manto e a coroa nele*) / no pear não, sinhá / no pear não, sinhá / no pear não, que dói / no pear eu não vou! (*bis. Cravo Branco esquece o ritual e fica procurando os amigos*) Caboclo de lança / caboclo guerreiro / das ondas do mar / avise ao senhor / que pegue esse nêgo / senão hoje à noite / ele vem me pegar / no pear não, sinhá / no pear não, senhor / no pear não, que dói / no pear eu não vou!

II ATO

CRAVO BRANCO (*procurando*) – Onde é que estão Felipe, Gregório, Pedro Teixeira? Cadê a Dorotéia? Caboré, companheiro, onde estão os nossos amigos?

CABORÉ – Estão aqui, Cravo Branco. Olha aí, são todos nossos amigos.

CRAVO BRANCO – Eu sei... Vocês estão aqui, eu estou vendo, estou feliz... Mas eu quero saber dos outros, onde estão? Por que não vieram? Onde anda a Dorotéia?

CABORÉ – O importante agora, Cravo Branco, é o Maracatu! Ele já pode se apresentar nas praças, nas feiras, em qualquer lugar, sem que ninguém lhe proíba. Não é uma beleza isso? Agora que você voltou, nós vamos apresentá-lo todos os dias para que o povo volte a gostar da nossa brincadeira, para que a gente possa ter muitos admiradores como antigamente.

CRAVO BRANCO – Eu sei, Caboré. Eu sei que cantar é preciso. Mas não podemos cometer os erros do passado e infelizmente isto está acontecendo. Só vocês não veem. Eu quero saber é do nosso pessoal.

CABORÉ – Cravo, meu nêgo, entenda. Este manto e esta coroa lhe pertencem, foram feitos pra você. Só você sabe como usá-los. Em qualquer um de nós ficaria pesado, sem jeito. Em você, não. Quando você sai à rua, o povo fica abismado. Ninguém bate o olho, fica todo mundo parado olhando pra você. Quando você canta *Os Barões da Terra*, os tambores silenciam. Param todos pra lhe ouvir... Entenda Cravo Branco, nós precisamos muito de você... *(por trás, faz sinal para o pessoal cantar)* Está todo mundo ansioso para lhe ver na rua novamente *(os tambores começam a bater)*, como nos velhos tempos, com aquela postura, aquela linha real...

O grupo canta e dança e Cravo Branco permanece imóvel.

CORO *(cantando)* – Eu vim de Angola / da casa real / pra virar moeda / no canal / passei por Espanha / e Portugal / vi nêgo gemendo / debaixo do pau.

Cravo Branco solta o manto e a coroa no chão. Todos param. Cravo Branco vai até um deles, que lhe dá as costas e sai. Vai a outro, que também faz a mesma coisa, e assim vão se retirando um por um. O tambor sai batendo, o chocalho também, um de cada vez. O último é Caboré, que recolhe o manto e a coroa.

CRAVO BRANCO – Caboré? Dorotéia? *(Caboré continua saindo)* Caboré... Caboré...

CABORÉ *(vira-se e fala após um tempo)* – Quer mesmo saber?

CRAVO BRANCO – Por favor!

CABORÉ – Ela casou.

CRAVO BRANCO *(surpreso e triste)* – Casou?

CABORÉ – E ficou viúva. Casou com o Camilo, aquele da Liga da Galiléia. Ele foi preso num dia e morto no outro. Disseram que ele se matou na cadeia. *(saindo)*

CRAVO BRANCO – Caboré.. E ela?

CABORÉ *(falando como se continuasse a tratar sobre a morte)* – No mesmo lugar, perto do cemitério...

CRAVO BRANCO – Não! Eu quero saber como é que ela vai?

CABORÉ – Nunca mais a vi. Soube que anda muito doente. (*Cravo senta-se deprimido. Caboré sai e ele não vê*)

CRAVO BRANCO – Ela ainda está bonita? (*olha para um lado, para o outro, desespera-se e sai gritando*) Maldição! Maldição!

O Coro entra em cena por trás de muitos panos brancos, trazendo cruzes, santos, túmulos, batendo matraca e cantando. Formam um cemitério. É noite e venta muito. Dorotéia na janela, assiste à brisa dos ventos com os túmulos, com as cruzes e com os mortos.

CORO – Aqui neste cemitério / de história secular / o morto é que faz a cova / antes de vir pra cá / faz com mais de sete palmos / pra o vento não carregar / vento, aqui, tem muitos nomes / Cotia, Guaxinim, Guará / tem o Vento do Anoitecer / e tem o de Clarear / mas o Vento da Meia-Noite / esse é o pior que há / traz sempre notícia ruim / grito de dor e penar / faz a festa dos Caiporas / os gritos de além-mar.

III ATO

DOROTÉIA (*tossindo muito, fecha a janela*) – Esse vento maldito não vai parar hoje, não vai deixar ninguém dormir. Parece que anuncia a danação! (*assobios em sonoplastia*) E esses assobios? Parecem mais um uivo do Cão dos Infernos! São almas penadas no fogo do purgatório! (*abre a janela e grita para o vento*) Para, desgraçado! Para! Deixa os mortos em paz! (*fecha a janela, vai ao cemitério. Tempo*) Este silêncio me dá uma angústia, me dá medo, me dá tontura... (*sai correndo para casa com muito medo*) Ai, meu Deus! E este calor dos infernos!

Abre tudo, porta e janela. Deita e se enrola. Com um lençol cobre a cabeça e permanece tossindo muito. O Coro se transforma em ventania, sai em redemoinho batendo portas e janelas. Surge Cravo Branco à sua frente e Dorotéia se assusta.

DOROTÉIA (*desesperada, enrolada até a cabeça*) – Deus meu, é assombração!

CRAVO BRANCO (*calmo e sereno*) – Como vai, Dorotéia?

DOROTÉIA – E fala! (*começa a tossir. Cravo Branco vai até ela*) Não se aproxime...

CRAVO BRANCO (*parado*) – Dorotéia...

DOROTÉIA – É você mesmo?

CRAVO BRANCO – Em carne e osso!

DOROTÉIA (*debaixo dos lençóis*) – Eu casei.

CRAVO BRANCO – Eu sei.

DOROTÉIA – Eu enviei.

CRAVO BRANCO – Eu estou sabendo.

DOROTÉIA (*deixa o lençol e fala com muito sentimento de culpa*) – Eu não queria, Cravo Branco, juro como eu não queria. Eu resisti. Deus é testemunha como eu resisti. (*com semblante e fala de choro*) Eu fiz tudo... Tudo...

CRAVO BRANCO – Calma, Dorotéia! Eu sei... Eu sei.

DOROTÉIA – Mas aí apareceu Camilo e me pegou desorientada feito uma flor de facheiro. (*tosse muito*) Ele era um homem bom, Cravo... Chegou aqui fugido. A polícia tinha invadido a Galiléia, queimado todos os documentos da Liga e queria pegá-lo de todo jeito pra saber onde ele tinha escondido as armas. Tava correndo um boato que ele tinha recebido um carregamento de armas da capital e que ia distribuir com os camponeses que estavam resistindo ao Golpe.

CRAVO BRANCO – E era verdade?

DOROTÉIA – Pura mentira! As armas que vinham pra cá eram as que o governador de São Paulo comprava para os usineiros. Esses sim, estavam armados até os dentes.

CRAVO BRANCO – E o que foi que aconteceu com ele?

DOROTÉIA – Aí nós casamos. Casamos num dia, e no outro... No outro os homens vieram buscá-lo. Chegaram à noite, de surpresa, atirando e derrubando as portas. Deram-lhe uma coronhada de fuzil que ele caiu desacordado, todo urinado. Depois saíram arrastando ele como se arrasta um feixe de lenha por cima das pedras. No outro dia eu fui lá... (*muita tristeza*) Ele estava morto. Disseram que ele tinha se matado e não queriam devolver o corpo. Eu fiz o maior escândalo e garanti que não iria sair de lá enquanto não me devolvessem o corpo. Eu fiz o maior escândalo, e disse que iria procurar o juiz. Aí eles resolveram me entregar... Eu só conheci o Camilo por causa das roupas... Até a cova que ele costumava se esconder dentro do cemitério ficou pequena, de tão inchado que ele estava. Foi triste, Cravo Branco, muito triste...

CRAVO BRANCO – Dorotéia, e o pessoal? Padre Cirino, Felipe, Zé Inácio, Pedro Teixeira, Budião...

DOROTÉIA (*tempo*) – Logo depois que você partiu eles começaram a perseguir e a prender camponeses. Assassinararam vários, enforcaram, queimaram... Budião foi pendurado numa árvore e queimado com gasolina. Queimaram também o secretário da Liga de Sapé, um pretinho que não lembro o nome.

CRAVO BRANCO – Janoca.

DOROTÉIA – Esse mesmo. Não se contentaram em matá-los, penduraram em árvores, meteram gasolina e queimaram eles... Foram muitos. Muita gente assassinada. Felipe foi emboscado. Vinha de Toritama, cheio de cadernos e livros para ensinar os filhos a ler, quando baixaram a emboscada e mataram ele. Pedro Teixeira também morreu do mesmo jeito. Depois que mataram Pedro, tentaram matar o filho, um menino de 8 anos, só porque disse que ia vingar a morte do pai. Deram uma carga de chumbo nos olhos do menino... E assim foram todos eles: de emboscada, de fogo, de acidente. Se você tivesse ficado aqui tinha morrido também. Vi jovens saírem velhos dos cárceres! (*tosse*)

CRAVO BRANCO (*vai a Dorotéia*) – Dorotéia... Dorotéia...

DOROTÉIA – Me abraça, Cravo Branco, eu estou com muito frio.

CRAVO BRANCO – É o vento. Está ventando muito. Eu vou fechar a porta...

DOROTÉIA (*mais fraca e tossindo muito*) – Não, Cravo... (*abraçando-o*) Não me deixe agora... (*tosse*)

CRAVO BRANCO – Dorotéia... (*tempo. Beija-lhe a face e sente que ela está morta*) Dorotéia... (*desesperado, abraça-se com ela*) Dorotéiaaaaaaaaaa!

Neste instante dá um pé de vento que bate todas as portas. É o Coro cantando em voz surda e apagada.

CORO (*cantando*) – Tocam tambores e chocalhos / matracas e berimbau / baila o Bicho da Noite / bicho do medo e do mal / dançando a dança da morte / será Caipora, o Babau? / Chegou a hora / vamos embora / é a Caipora, é a Caipora / é a Caipora...

IV ATO

O vento desaparece. Sai de dentro dele o “Bicho da Noite”, Babau da Morte, que investe contra Cravo Branco.

BABAU (*avançando e recuando em ritual*) – Eu fico com a gôta serena quando vejo um cabra assim, frouxo, mufino... É por isso que eu sou ruim! Cabra mole nesse mundo só presta levando fim! (*parte para cima dele*)

CRAVO BRANCO (*defende-se e se arma com a muleta*) – Pra lá, Caipora dos infernos! Tá pensando que eu sou capim? Não trago fumo comigo, pode esfriar e fugir!

BABAU (*relinchando*) – Que sujeito atrevido! Seu cara de guaxinim! Em toda a minha vida nunca fui tratada assim! (*nova investida*)

CRAVO BRANCO (*defende-se novamente com esperteza*) – Pois é bom ir aprendendo, se não quiser ver o seu fim!

BABAU – Fui eu que incendiei a Igreja da Sé, em Olinda, toquei fogo nos mocambos do Engenho Seridó. Sou praga que nunca finda! Não conheço a piedade, nunca na vida tive dó!

CRAVO BRANCO – Pra lá, espírito do mal! Não trago fumo de rolo, trago somente este pau! (*novo ataque. Cravo Branco livra-se e luta com ele. Conseguindo dominá-lo, puxa a roupa do Babau. A música para. Silêncio. Cravo Branco surpreso*) Não é possível... Madame Bago Mole! A senhora...

BABAU – Maldição!

CRAVO BRANCO – Catimbozeira desgraçada!

BABAU – Não, não faça isso... E eu lhe serei grata eternamente, fecharei o seu corpo para sempre! Lhe darei um patuá de ervas sagradas e você estará protegido contra os espíritos do mal! E ainda lhe farei todos os desejos: sei transformar gente em pedra, sapo, graveto. Faço dia virar noite, inverno virar verão, filho bater na mãe, faço chuva, faço sol, faço até voltar o tempo à era de Salomão! Pra tudo eu tenho ervas, pra tudo uma solução. Ervas do Oriente, Europa e do Japão.

CRAVO BRANCO – Se eu não lhe conhecesse, não soubesse que você é o “Cão”, lhe mataria agora, sem qualquer hesitação!

BABAU (*aliviado*) – Que bom que você me conhece.

CRAVO BRANCO – Levante!

BABAU – Em que posso servi-lo?

CRAVO BRANCO (*tempo*) – Você vai fazer voltar o tempo.

BABAU – Ah, isso é fácil. Eu tenho a erva dos sonhos... Mas me diga lá, fazer voltar a que tempo?

CRAVO BRANCO (*perplexo*) – O “tempo da maldade”.

BABAU (*chocado*) – Ah, isso não... Isso é loucura. Devolva esta roupa, você é louco! (*tenta pegar dele a roupa de Babau da Morte*)

CRAVO BRANCO – Você vai fazer o que eu estou lhe dizendo.

BABAU (*com medo*) – Mas...

CRAVO BRANCO – Não tem mais nem menos. (*ameaçando*)

BABAU – Está bem, se você quer, eu faço, mas que é loucura, é... E você vai se arrepender! Ainda sinto no espaço o ar carregado de coisa ruim! Coisa mais forte que a ressaca da maré na Ilha do Maruim.

CRAVO BRANCO – Pior do que esse tempo é carregar na memória, pelo resto da vida, os martírios de sua história.

BABAU – Você é um louco!

MATEUS (*entrando*) – Pronto, prontinho, estou chegando Madame, prontinho. Madame, por seiscentos Diabos, o que foi que aconteceu?

BABAU – Não aconteceu nada. Vamos ao trabalho...

MATEUS – Vamos sim, Madame, na horinha.

BABAU – Me passe o cesto de ervas!

MATEUS – Na hora Madame, na horinha.

BABAU – Venha logo, Mateus!

MATEUS – Tá certo Madame, certinho, tome. Ih, a Madame hoje tá mesmo aca-brunhada. O que é que nós vamos fazer, madaminha?

BABAU – Nós vamos fazer voltar o tempo.

MATEUS – Ôba! Quer dizer que vamos usar a erva dos sonhos?

BABAU – Claro que vamos!

MATEUS – Então diga lá, quantos séculos, quantos milênios vamos fazer regredir?

BABAU – Nem séculos, nem milênios. Nós vamos fazer voltar o “tempo da maldade”.

MATEUS – Ôpa! Não está mais aqui quem falou. (*vai saindo*)

BABAU – Volte aqui, Mateus.

CRAVO BRANCO – Mateus!

MATEUS – Cravo Branco, companheiro!

CRAVO BRANCO – Que diabo está fazendo aqui numa hora dessas?

MATEUS – Fugindo, Cravo Branco, fugindo!

CRAVO BRANCO – Mas fugindo de quê?

MATEUS – Das feras, elas estão por toda parte. Aposto como estão nos espiando neste momento. É nessas horas da noite que elas costumam agir.

CRAVO BRANCO – Mateus, as coisas mudaram: eles foram obrigados a nos perdoar, nos estenderam as mãos!

MATEUS – É verdade?

CRAVO BRANCO – Verdade! Eu, por exemplo, estava fora e voltei. Estou aqui agora.

MATEUS – Quer dizer que eu posso voltar para casa agora?

CRAVO BRANCO – Pode voltar sem medo, Mateus, tranquilo, sem problema.

MATEUS – Mas não vai dá, não.

CRAVO BRANCO – Por que, Mateus?

MATEUS – Porque eu não tenho mais casa, Cravo. Eu perdi tudo: a casa, a roça, a terrinha, tudo. Vieram uns capangas da usina e queimaram tudo a mando de Doutor Otaviano.

BABAU (*chegando com as ervas*) – Pronto. Que as tempestades do mar se compeçam de ti. Depois não diga que não foi avisado. Vais viajar no sonho de tua própria fantasia, sonho que queres sonhar. Pois bem, esta erva irá clarear os seus sentidos e te levará ao tempo que desejas, ao lugar que queres. Esta é a erva da vida, ela lhe dará forças para lutar. (*tempo*)

CRAVO BRANCO – Como me sentirei?

BABAU – Leve e ágil. Agora tens que triunfar, pois, do contrário, acontecerá a fatalidade dos sonhos e os efeitos da morte te transformarão num réptil, ou, quem sabe, num graveto de beira de estrada. (*tempo*) Ainda há tempo para o arrependimento.

CRAVO BRANCO – Não.

MATEUS – Cravo!

CRAVO BRANCO – Eu já disse que não.

MATEUS – Ele não desiste mesmo, madaminha. Eu o conheço.

BABAU – Então cheira o jereré! (*tempo*) Engole todo o aroma de sua fertilidade. Terá o corpo fechado contra as mazelas do tempo. Respira tudo, prenda com toda a força dentro do teu peito, tal qual os escudos dos degenerados. Vamos! Prenda o pensamento nele. (*falando para Mateus e Cravo Branco*) Não deixa ele escapar, segura o homem, Mateus.

MATEUS – Tá seguro, segurinho.

BABAU – Mateus!

MATEUS – Cabeça feita, madaminha!

BABAU – Quando eu der o sinal você sai correndo para não ver a ira da danação.

MATEUS – Na hora, na horinha, o Diabo é quem fica!

BABAU – Tá me ouvindo, Cravo Branco?

CRAVO BRANCO – Tô!

BABAU – Então presta atenção, muita atenção pro relato. (*música Juremê-ô!*) Agora és mais de um, mais de cem, quase mil. Mas procura ser apenas três: a trindade dos três episódios finais do tempo. Portanto, tens muitas coisas. Mas tem uma delas que é a tua. A tua verdadeira face não poderá ser vista nos espelhos, lembra-te disso. E para prolongar este teu maldito sonho, deixo os relógios adormecidos. (*falando para Mateus*) Vamos embora, Mateus.

MATEUS – É pra já!

BABAU – E não esqueça: resistir é preciso.

MATEUS – Sim, é preciso.

BABAU – Vamos embora, Mateus. E se tu fores vencido, a tua sorte estará traçada. Serás transformado num inseto ou, quem sabe, numa flor... Vamos embora, Mateus.

MATEUS – Madame, espere!

BABAU – Você é um louco... Um louco...

V ATO

CRAVO BRANCO (*chama por Mateus*) – Mateus!

MATEUS – Coragem, Cravo Branco, coragem!

CRAVO BRANCO – Mateus, onde é que eu estou?

MATEUS – Aqui, Cravo Branco, comigo.

CRAVO BRANCO – Mateus, eu estou com sede.

MATEUS – Isso é assim mesmo, Cravo, passa já. É porque essa erva é muito forte. Ela é usada pelos indígenas e pelo povo também, por isso é que ela é proibida, proibida e procurada como o povo, como os indígenas, porque dá substâncias aos fracos. A Madame tá é doida, saiu tão apressada que esqueceu até as ervas. A coitada tem razão.

CRAVO BRANCO – Mateus!

MATEUS – Diga, Cravo.

CRAVO BRANCO – Cadê o chão?

MATEUS – Esta é a casca do ipê roxo, cura até aleijado. Já foi testada e aprovada contra o cancro. Mas, por ser uma árvore simples, popular, que dá em todo canto, foi condenada pelos doutores.

CRAVO BRANCO – E esta?

MATEUS – Esta é a mais misteriosa de todas: arruda, é mágica, afasta todos os espíritos do mal. A Madame me ensinou bem como usá-la. Na hora do perigo, quando o Demo quer se apoderar da gente, é só levantar esse galhozinho em cruz que ficamos invisíveis aos olhos do Tinhoso. É uma erva sagrada! A Madame me ensinou muitas coisas.

CRAVO BRANCO – O que é isso?

MATEUS – Começou, Cravo, começou a danação.

CRAVO BRANCO – Mas o que é?

MATEUS – É a peste, Cravo!

CRAVO BRANCO – Mas que peste?

MATEUS – A peste do gafanhoto, mandada pela Caipora. Venha, vamos nos esconder atrás das ervas.

CRAVO BRANCO – Não, nós vamos enfrentá-los.

MATEUS – Você ficou maluco, Cravo? Eles são muitos!

CRAVO BRANCO – Eu também sou muitos, você não ouviu? Eu sou mil.

MATEUS – Mas eles estão armados até os dentes e nós não.

CRAVO BRANCO – Eu vou enfrentá-los!

MATEUS – Você está maluco.

CRAVO BRANCO – Me solta, Mateus... Eu saberei vencê-los...

MATEUS – Eu acredito, Cravo, eu acredito, mas não vai ser agora. Vamos nos esconder aqui atrás das ervas, assim eles não poderão nos ver. (*escondidos*) As coisas estão difíceis, Cravo.

CRAVO BRANCO – É, Mateus, existe alguma coisa no ar além dos urubus...

MATEUS – Eles estão indo para Glória de Goitá.

CRAVO BRANCO – Para Glória de Goitá? Zé Inácio, temos que salvá-lo!

MATEUS – Temos, Cravo, mas precisamos pensar duas vezes no que vamos fazer.

CRAVO BRANCO – Ora, Mateus, que tipo de homem é você? Cadê sua coragem? (*tempo*) Mateus, que bonito cavalo... Mateus, onde estava esse alazão, tão gordinho? Você comprou ele na feira? Por que você não falou logo?

MATEUS – Que alazão, Cravo Branco?

Sinos tocam.

CRAVO BRANCO – E esse barulho, de onde é que vem?

MATEUS – Olha lá, Cravo, é um enterro!

CORO – Valei-me, Nossa Senhora / me acuda, meu São José / o morto está gemen-
do / o povo perdeu a fé / falta terra, Pai Nosso / falta pão...

HOMEM 2 – E nunca fez mal a ninguém...

CRAVO BRANCO – Ele morreu de quê?

MULHER 1 – Foi atropelado por um trem.

CRAVO BRANCO – Como, se aqui não passa trem?

HOMEM 1 – Foi o delegado quem disse.

MULHER 1 – É verdade, moço. Ele foi mesmo atropelado pelo trem! É um vagão antigo do Coronel Cardoso. É um trem mal assombrado. Ele sai toda noite perseguindo os empregados que desobedecem às ordens do capataz.

HOMEM 2 – Conversa! Ontem à tarde eles me levaram à cadeia para fazer umas perguntas sobre a Liga. Eu vi quando passaram com ele preso lá pra dentro e, depois, só ouvi os gritos.

CRAVO BRANCO – Como se chamava?

HOMEM 2 – Zé Inácio.

CRAVO BRANCO / MATEUS – Zé Inácio?

CRAVO BRANCO – Zé Inácio, da Liga?

HOMEM 1 – Ele mesmo.

CRAVO BRANCO – Mas por quê? Mateus, eu vou falar com esse delegado. Isso não pode ficar assim, não.

HOMEM 2 – Vai perder seu tempo. Aquilo é gente do Urubu Rei.

CRAVO BRANCO – Urubu Rei?

MULHER 1 – É Urubu Sem Cabeça. Quando ele bate as asas, é como o ronco do avião, não tem cristão que resista. É a própria danação.

HOMEM 2 – Ele tomou a cidade e prendeu toda a população. Tá todo mundo preso em suas garras, sem saber qual a razão.

CRAVO BRANCO – Onde peste eu posso encontrar esse danado de Urubu Rei?

HOMEM 1 – Quem sabe tá pelo meio do mundo fazendo miséria!

HOMEM 2 – Ele foi lá pras bandas de Nazaré da Mata, pro Engenho Boa Esperança. Corre um boato que por lá tá havendo resistência e que os camponeses revoltados estão botando fogo no canavial! E o próprio Felipe é o responsável por tudo isso.

CRAVO BRANCO – Felipe? Vamos embora, Mateus, enquanto é tempo.

MATEUS – Meu Cravo, está anoitecendo!

CRAVO BRANCO – Temos que engolir a noite, Mateus, é preciso.

CORO (*cantando*) – Ê Glória... / do Goitá, vamos lá e ficar / povo nosso irmão, povo nosso irmão / Carpina, Bom Jardim, Tamandaré / Condado, Paudalho, Ribeirão / Ponta de Pedras, Barreiros, Catende / e os diques do Jaboatão / tem mais que tem / Cabo, Igarassu, Aroeiras / Gameleira, Quipapá e as cirandas de Itamaracá... (*bis*) / tem mais que tem / tem mais que tem...

VII ATO

MATEUS – O dia já está clareando, Cravo!

CRAVO BRANCO – Ê. Já é de manhã.

MATEUS – Foi uma puxada e tanto. Vamos descansar um pouco!

CRAVO BRANCO – Depois a gente prossegue viagem, Mateus.

MATEUS – Vamos aproveitar e comer um pouco.

CRAVO BRANCO – Eu acho bom!

MATEUS – Eu já penei muito por aqui, Cravo, já derramei muito suor...

CRAVO BRANCO – Ô Mateus, essa usina ainda é do Doutor Floro?

MATEUS – Ê. Mas quem está tomando conta agora é o filho dele, Elias. Dizem que é pior que o velho.

CRAVO BRANCO – Eu também penei muito por aqui... No eito, no cambão...

MATEUS – Eu nunca vi gostar tanto de cambão como o desgraçado do velho Floro!

CRAVO BRANCO – Ê. Ele se aproveitava muito.

MATEUS – Os coitados dos eiteiros caíam secos no chão de fome, de sede, e ele não dava a mínima. Ali mesmo eles ficavam pros bichos devorarem.

CRAVO BRANCO – O velho Apolinário, mesmo, foi um deles.

MATEUS – Foi... E teve muitos (*ouve-se o barulho de avião com matracas*)

CRAVO BRANCO – O que é isso?

MATEUS – Não sei não. (*corre pelo palco procurando*)

CRAVO BRANCO (*com as mãos nos ouvidos, gritando*) – De onde vem esse barulho, Mateus?

MATEUS (*com as mãos nos ouvidos, gritando*) – Não sei, Cravo... Ah, deve ser o novo apito da usina!

CRAVO BRANCO (*olhando para o alto*) – Mateus! Mateus, veja! (*apontando*)

MATEUS (*espantado*) – É ele, Cravo Branco! O Urubu Sem Cabeça...

CRAVO BRANCO – Ah, desgraçado! Eu vou matá-lo, Mateus! Eu vou matá-lo.

MATEUS – Matar como, Cravo Branco? De pedradas?

CRAVO BRANCO – De pedradas, de cacetada...

MATEUS – Psiu, vamos fazer silêncio pra não espantar o bicho. (*vai ao cavalete*) Eu tenho uma coisa pra ele aqui... (*pega um galho de erva*) É pinhão roxo, com o primeiro mijo da manhã é tiro e queda!

CRAVO BRANCO – Então vai logo, Mateus... Antes que o bicho fuja! (*Mateus vai atrás do cavalete e começa a urinar*) Rápido, Mateus...

MATEUS – Espera aí, Cravo, isso não tem torneira não! (*continua a urinar*)

CRAVO BRANCO – Mateus, ele está olhando pra cá! Já viu a gente...

MATEUS – Pronto. (*no meio do palco se ajoelha e diz alguma coisa, beijando o galho*)

CRAVO BRANCO – Lá vem, Mateus... (*corre para trás de Mateus. O ronco aumenta em sua direção*)

MATEUS (*levanta-se e faz pontaria com o galho*) – Toma, tinhoso! (*joga o galho, há uma explosão e o Urubu cai no centro do palco*) Eita, cheiro de enxofre da gôta... Tá sentindo, Cravo?

CRAVO BRANCO (*com a mão no nariz*) – Estou!

MATEUS (*de longe*) – Será que ele ainda tá vivo?

CRAVO BRANCO (*vai até o Urubu, catuca o bicho e, depois, mete-lhe o pau*) – Pronto, Mateus, pode vir! (*triunfante*)

MATEUS (*se aproxima com medo*) – Ô bicho feio da gôta serena... E o danado não tem cabeça mesmo não...

CRAVO BRANCO – Mateus, você já ouviu falar na praga de urubu?

MATEUS – Pois é, pegou direitinho... Agora quem joga a praga sou eu. O chão onde esse bicho for enterrado será amaldiçoado. O sol ferverá impiedosamente. Nunca mais vai chover e, se um dia cair água, será um dilúvio para acabar com o que ficou. *(ouve-se o barulho das matracas e cornetas)* Por aqui, Cravo Branco, vamos embora!

Saem. Entram os Gafanhotos. O ritual dos Gafanhotos com o Urubu sai de cena. Entram Mateus e Cravo Branco empurrando o cavalo.

CRAVO BRANCO – Vamos, Mateus, força, força!

MATEUS *(puxando)* – Ele é cabeça dura, Cravo, quando emperra não tem santo que ajude.

CRAVO BRANCO *(empurra)* – Vamos, meu bichinho, vamos logo!

MATEUS – É esse chão quente... Nem ele tá aguentando...

CRAVO BRANCO – Parece que tem um vulcão debaixo da terra.

MATEUS – Eu já estou com os pés cheios de bolhas, Cravo.

CRAVO BRANCO – Eu também.

MATEUS – Cravo, olha ali! Vamos pegar a sombra daquele imbuzeiro.

CRAVO BRANCO – Vamos. *(os dois forçando o animal)* Cavalo... Ôôôôôôô!

Chegam na sombra. Respiram aliviados, se abanando.

MATEUS – Que mormaço! O chão tá que é brasa viva!

CRAVO BRANCO – Um sol como esse, fazia tempo...

MATEUS – Eu acho que vamos ter outra seca daquelas de 17.

CRAVO BRANCO – É. Parece que a desgraça vai se alastrar por muito tempo.

MATEUS – É. E ainda há quem diga que a culpa é de Deus... Tem dedo de gente grande aí, Cravo.

CRAVO BRANCO *(olhando a cidade de longe)* – Mateus, Nazaré da Mata parece uma ilha, toda cercada de cana... Mateus, olha lá, tem um circo na cidade...

MATEUS – Ôba, Cravo, um circo.

CRAVO BRANCO – Vamos lá nos divertir?

MATEUS – Vamos!

CRAVO BRANCO – Mateus, Luiz da Jega ainda tá com o hotel?

MATEUS – Tá.

CRAVO BRANCO – Vamos aproveitar e dar uma passadinha por lá.

MATEUS – É bom mesmo, só assim a gente estica o corpo. Faz tempo que não vejo uma cama...

CRAVO BRANCO – Vamos, Mateus, não podemos demorar.

MATEUS – É, vamos, que ainda tenho que comprar umas raízes na feira.

CRAVO BRANCO – Ah, eu nem me lembrava: hoje é dia de feira!

Entram os Feirantes de Nazaré da Mata e cantam em seus pregões.

CORO (*cantando*) – Quem é / quem é / quem é [capelas, cravos, incensos] / quem é / que é / que quer [e mortalha de algodão] / comprar muitos presentes [temos também incelenças] / na feira de Nazaré [ladainha com o véu, tem oração] / não se vende mais farinha [e aquele que compra à vista] / nem rapadura e feijão [leva de graça um cordel] / nem açúcar, nem bolacha [que é o guia turístico] / nem café, não vende pão [do inferno até o céu] / só vende os artigos da morte / velas, rosários e caixão. (*bis*)

VIII ATO

CRAVO BRANCO (*se aproxima da barraca de Zuca Fumeiro*) – Olá, Zuca! Como vai?

ZUCA FUMEIRO – Bem, Cravo. Muito bem com o meu novo negócio.

MATEUS – Ah, aqui agora todo dia é dia de finados. Tá todo mundo deixando seus negócios pra vender somente artigos funerários. Tá dando um dinheiro danado!

Batidas no sino, silêncio na feira. Todos olham em direção à igreja.

CRAVO BRANCO – O que é que está acontecendo? (*volta-se para a igreja*)

ZUCA FUMEIRO – É um enterro que vai sair agora.

CRAVO BRANCO – Enterro? Quem foi que morreu?

ZUCA FUMEIRO – Então você não sabe? Foi o Padre Cirino. Encontraram ele morto atrás do cemitério.

MATEUS – Quando foi isso?

ZUCA FUMEIRO – Hoje de manhã.

CRAVO BRANCO – E o assassino?

ZUCA FUMEIRO – Tá preso.

CRAVO BRANCO – Quem é ele?

ZUCA FUMEIRO – O cachorro do João Bebão.

MATEUS – O doido?

ZUCA FUMEIRO – Ele mesmo. Quem diria, não é? Vocês sabiam que nas noites de lua cheia ele vira lobisomem? Também ele tá lascado. O Galo Cego tá vindo aí para interrogá-lo. Até hoje não teve quem não abrisse o bico nas unhas do Galo Cego.

CRAVO BRANCO – E quem é Galo Cego?

ZUCA FUMEIRO – É o homem mais importante daqui, o dono de tudo... Depois da morte do Urubu Rei, ele ficou com todo o poder. Sabe porquê Galo Cego?

CRAVO BRANCO (*chocado*) – Porque aqui todo rico usa óculos escuros. (*ri*)

IX ATO

Os Feirantes vão para o proscênio, cantando e oferecendo os artigos para a plateia. Corte de luz. No fundo, o hotel de Luiz da Jega. Todos sentados conversando.

LUIZ DA JEGA – Então eles prenderam o Padre Cirino, um dos principais suspeitos da morte do Urubu Rei. Disseram que foi uma praga, que aquilo só poderia ser praga do Padre, porque foi forte demais. Como ele negou tudo, bateram tanto nele que mataram, depois jogaram o corpo atrás do cemitério e inventaram essa história de João Bebão, porque ele, além de maluco, é surdo e não fala. (*tempo*) A morte de Urubu deixou o Galo Cego furioso. Ele se transformou na Besta Fera. Só quem canta agora é ele. O dia não nasce mais com o cantar dos galos... O que tem de trabalhador perdendo a hora... O cantar dos galos era o despertador deles.

MATEUS – É...

CRAVO BRANCO – Mateus, ligeiro, faz outro preparo daqueles... Mais forte ainda!

MATEUS – Mas Cravo... Agora?

CRAVO BRANCO – Essas coisas não podem ficar para amanhã, Mateus.

MATEUS – Mas eu estou morrendo de sono, Cravo Branco.

CRAVO BRANCO – Mateus, como é que nós poderemos dormir sem saber qual é o galo que vai nos acordar amanhã?

MATEUS – Está bem... Está bem. (*sai e vai buscar as ervas*)

LUIZ DA JEGA – Na verdade, é que ultimamente o Padre Cirino vinha falando demais nos sermões... Sobre reforma agrária...

CRAVO BRANCO – Isso é algum pecado?

LUIZ DA JEGA – Para ele, sim, é crime. Você está por fora, Cravo.

MATEUS (*interrompendo*) – Pronto, Cravo, pronto. O despacho já está pronto. Agora eu vou é dormir que eu tenho direito.

CRAVO BRANCO – Obrigado, Mateus...

LUIZ DA JEGA – Você deve estar cansado, não é Cravo?

CRAVO BRANCO – Tô demais...

Tempo. O galo canta como nunca.

LUIZ DA JEGA – Mateus! Cravo Branco! Acorde, homem, alguma coisa está acontecendo.

Os dois correm e se encontram.

CRAVO BRANCO – O que foi?

LUIZ DA JEGA – O galo cantou... E cantou mais de uma vez!

MATEUS – Que boa notícia...

CRAVO BRANCO – Quem sabe se não foi anunciando um novo amanhecer!

LUIZ DA JEGA – Eu ouvi, Cravo. Eu ouvi, eu ouvi.

DONA IAIÁ (*entrando com uma trouxa na cabeça*) – Bom dia para todos!

LUIZ DA JEGA – Madrugou hoje, hein, Dona Iaiá?

DONA IAIÁ – Foi... Mas que belos homens são vocês! As coisas acontecendo lá fora e vocês aqui dormindo até uma hora dessas...

LUIZ DA JEGA – O que foi que aconteceu, Dona Iaiá?

DONA IAIÁ – O Galo Cego bateu as botas. (*Cravo e Mateus riem*)

LUIZ DA JEGA – Por Deus, Dona Iaiá!

DONA IAIÁ – E pelo Diabo também! Aquilo era gente muito ruim.

LUIZ DA JEGA – Ôxente, e como foi isso Dona Iaiá?

DONA IAIÁ – Uma caganeira que deu nele ontem à noite. Dizem que o sujeito cagava de lapada. Levaram ele pra o médico veterinário e tudo. Não teve jeito. Não teve santo que desse jeito. O sujeito morreu todo cagado.

LUIZ DA JEGA – Você ouviu isso, Cravo? Ouviu isso, Mateus?

MATEUS – Ouvimos sim, Seu Luiz. Mas não se anime muito não que a nossa fauna é imensa, nós estamos vivendo num grande zoológico.

CRAVO BRANCO – Mateus, tenha cuidado.

LUIZ DA JEGA – Isso é verdade, Cravo, isso é verdade...

Entram os Gafanhotos e cantam.

CORO (*cantando*) – A abelha faz assim / o gafanhoto faz assado / quem quiser que ache ruim / quem quiser ache engraçado / ri melhor quem ri no fim / é assim que diz o ditado (*bis*) / nesse circo tem palhaço / tem um sapo voador / tem leão que engole fogo / tem um rato que é cantor / tem hiena, tem condor / tem macaco guaxinim / tem um urso domador / que apresenta um *golfin* / quem quiser ache engraçado / quem quiser ache ruim / mas, como diz o ditado / ri melhor quem ri no fim / tem o cavalo cheiroso / que o equilibrista é quem manda no arame / um verdadeiro artista / faz pirueta no ar / assim, assim, assim / o povo treme de medo / mas sempre aplaude no fim.

Corte de luz. Foco em Mateus e Cravo Branco num canto, montados no cavalo. Os dois passando na Usina Boqueirão.

X ATO

CRAVO BRANCO – Vamos lá, meu pangaré, vamos descansar um pouquinho, bichinho bom corredor. Já andamos muito. (*tempo*) Mateus... Mateus...

MATEUS (*desperta*) – Diga, Cravo!

CRAVO BRANCO – Tá dormindo, Mateus?

MATEUS – Não, Cravo, foi só um cochilinho. Pode falar.

CRAVO BRANCO – Mateus, olha lá... Mateus, parece que vamos ter festa hoje.

MATEUS – Essa tolda eu conheço, Cravo. Ela não me é estranha... Ah, é a tolda de mamulengos do Professor Tiridá! Professor, Professor Tiridá!

CRAVO BRANCO – Onde ele se meteu?

MATEUS – É isso que eu queria saber, Cravo. (*os dois chamam*)

MATEUS / CRAVO BRANCO – Professor! Professor Tiridá!

PROFESSOR TIRIDÁ (*o boneco aparece acima da cortina, falando em tom engraçado*) – Quem é que está me chamando?

MATEUS – Sou eu, Professor, Mateus!

PROFESSOR TIRIDÁ – Só podia ser coisa de negro mesmo.

MATEUS – Olha o respeito, moleque!

PROFESSOR TIRIDÁ – Eu gosto tanto de picolé de onça!

MATEUS – E você o que é?

PROFESSOR TIRIDÁ – Ah, eu sou o gostosinho das meninas!

MATEUS – Olha que eu vou te dar uma porrada!

PROFESSOR TIRIDÁ – Vem... Olha o que eu tenho pra você... (*cantando*) Nêgo do suvaco catigoso / ninguém fede mais do que tu / a inhaca do teu peido, nêgo / mata até urubu.

MATEUS – Moleque safado...

PROFESSOR TIRIDÁ – Mateus, meu amigo!

MATEUS – Professor Tiridá, quanto tempo!

PROFESSOR TIRIDÁ – Pois é, há quanto tempo!

MATEUS – É, Professor.

PROFESSOR TIRIDÁ – Mateus, me diz o que você fez pra me encontrar?

MATEUS – Quando eu vi a tolda, eu disse logo: só pode ser os mamulengos do Professor Tiridá! Não foi, Cravo Branco? Ah, Professor, esse aqui é Cravo Branco, o cavaleiro dos tempos.

PROFESSOR TIRIDÁ – Aquele das histórias?

MATEUS – Ele mesmo em carne e osso.

PROFESSOR TIRIDÁ – Mais osso do que carne. (*ri*) Muito prazer...

MATEUS – Sabe Professor, estamos vindo de muito longe e caminhando não sei pra onde. Estamos muito cansados. Uma brincadeirinha agora até que ia nos fazer bem.

PROFESSOR TIRIDÁ – Sinto muito, Mateus, mas não posso. Depois da morte do Urubu Rei e do Galo Cego, quem ficou no poder foi o Chico Manhoso. Chico Manhoso, com medo de que aconteça com ele o que aconteceu com os outros, proibiu brincadeiras de mamulengo, reisado, bumba-meu-boi... Enfim, tá tudo proibido. Ele pegou o Velho Cebola dançando pastoril sem a sua permissão e arrancou-lhe os cabelos com as unhas. Ele é o Cão chupando manga! É daqueles que mata sorrindo...

DONA ROSITA (*entrando*) – Professor Tiridá! Professor, me acuda pelo amor de Deus!

PROFESSOR TIRIDÁ – O que foi, Dona Rosita?

DONA ROSITA – Uma desgraça, Professor, uma desgraça...

PROFESSOR TIRIDÁ – O que foi que aconteceu, mulher?

DONA ROSITA – Ah, Professor, dois homens, dois homens!

PROFESSOR TIRIDÁ – Mas repara... Mas repara: ela tem dois homens!

DONA ROSITA – Que dois homens coisa nenhuma, Professor, eu lá tenho cara pra isso! Eu sou mulher de respeito.

PROFESSOR TIRIDÁ – Ah, isso eu sei, Dona Rosita, não precisa nem a senhora falar. Agora pare com esse vira e mexe dos seiscentos Diabos e fale o que a senhora veio fazer aqui.

DONA ROSITA – Olhe, Professor, foi o seguinte: dois homens estavam seguindo meu marido dia e noite sem parar, não largavam o pé dele. Pra onde o meu marido ia eles iam atrás. E quando foi segunda-feira passada, prenderam ele e levaram para a cadeia. Logo o homem desapareceu e ninguém sabe notícias dele. Eu tô com ar de doida, Professor! Já procurei por todo canto e nada.

PROFESSOR TIRIDÁ – Sumiu?

DONA ROSITA – Assim, sem mais nem menos... (*desesperada*) E agora, Professor, o que é que eu faço da minha vida?

PROFESSOR TIRIDÁ – Não endoida mais não, tenha calma!

HOMEM 1 (*entrando*) – Socorro, Professor, socorra este pobre coitado!

PROFESSOR TIRIDÁ – Mateus, me acuda, o mundo está se acabando, pelo amor de Deus!

HOMEM 1 – Minha Santa Rita dos Aflitos, mãe dos desesperados!

PROFESSOR TIRIDÁ – Que agonia dos seiscentos Diabos é essa, homem?

HOMEM 1 – Aconteceu uma tragédia, Professor! O mundo se acabou pra mim...

PROFESSOR TIRIDÁ – O que foi que aconteceu, homem?

HOMEM 1 – Meu filho desapareceu, Professor!

PROFESSOR TIRIDÁ – Seu filho desapareceu?

MATEUS – Como foi isso?

HOMEM 1 – Queriam me pegar... Como não foi possível, pegaram meu filho. Levaram ele para a delegacia e o rapaz desapareceu na cadeia. Sumiu, Professor, sumiu!

PROFESSOR TIRIDÁ – Sumiu, desapareceu?

MATEUS – Isso não é mais cadeia não, Professor, é o Triângulo das Bermudas...

HOMEM 1 – Me ajuda, Professor! Faça alguma coisa...

PROFESSOR TIRIDÁ – Vou ver o que ainda se pode fazer.

Tiridá desce e, no seu lugar, aparece um outro boneco com uma placa: Delegacia. Ele baixa na tenda e sobe um Soldado.

SOLDADO (*como boneco*) – Próximo! (*sobe o boneco Camponês*) Nome?

CAMPONÊS 1 (*nervoso*) – É Joaquim Camilo.

SOLDADO – Você é da Liga?

CAMPONÊS 1 – Sou não, senhor...

SOLDADO – Você é comunista?

CAMPONÊS 1 – Sou não, senhor. Eu sou socialista.

SOLDADO – E por que você é socialista?

CAMPONÊS 1 – É porque eu sou da Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Cana do Estado de Per... (*leva um tapa*)

SOLDADO – Você tá mentindo, você é da Liga...

CAMPONÊS 1 – Sou não, senhor. Eu sou da Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Cana...

SOLDADO – Você é da Liga Camponesa! Liga Camponesa!

CAMPONÊS 1 – Sociedade...

SOLDADO – Liga... É a mesma coisa.

CAMPONÊS 1 – Não. É Sociedade.

SOLDADO – Liga Camponesa!

CAMPONÊS 1 – Sociedade!

SOLDADO – Liga! (*dá-lhe um telefone e ele cai*) O próximo! (*sobe outro boneco*) Nome?

CAMPONÊS 2 – Epaminondas... (*leva um telefone, cai e fica gritando*) Ai, meu Deus! Professor Tiridááááá!

CRAVO BRANCO (*furioso, parte para cima do Soldado*) – Miserável! (*mete-lhe a bengala no peito*)

O boneco Soldado fica pendurado. Entram outros soldados e outros camponeses e tudo vira uma guerra. Os bonequeiros vão surgindo por trás da tolda com medo e espantados com o gesto de Cravo Branco, até que correm levando os painéis. Um deles puxa o Soldado e sai com ele correndo.

BONEQUEIRO 1 – O Diabo é quem fica aqui!

BONEQUEIRO 2 – Eu vou me mandar!

BONEQUEIRO 3 – Isso vai acabar mal!

BONEQUEIRO 4 – Eu não quero nem tá aqui.

BONEQUEIRO 5 (*correndo*) – Ele é loucoooooo...

Tempo. Cravo Branco e Mateus ficam achando estranha essa reação.

CRAVO BRANCO – A que ponto chegou o nosso povo... Coitados...

MATEUS (*tirando o pano da tolda*) – Até o Professor Tiridá... Ele que era tão irreverente, tão defensor do povo sofrido... Eu fico besta, Cravo.

CRAVO BRANCO – É o estado do medo, Mateus, ele cria fantasmas terríveis dentro de nós. Mas tem uma coisa: quanto mais a voz fica presa, quanto mais as ações são cortadas, vigiadas, mais forte é o sentimento de liberdade que começa a gritar dentro da gente.

MATEUS – Eu também acho. (*continua tirando o pano*)

CRAVO BRANCO – É. Um dia tudo isso tem que ser posto pra fora.

MATEUS – É...

CRAVO BRANCO – Vamos embora, Mateus, a estrada é nossa sina. (*vai ao cavalo e fica esperando Mateus tirar os panos*)

Mateus, retirando o material, vê algo. Volta estarrecido. Fica mudo e parado.

CRAVO BRANCO – O que é, Mateus?

MATEUS (*quase sem fala*) – Um... Um homem morto... Cravo, tem um homem morto, todo crivado de balas.

CRAVO BRANCO – Quem será, Mateus?

MATEUS (*tristonho e com a voz trêmula*) – Felipe... Mataram Felipe, Cravo.

CRAVO BRANCO (*corre para ver*) – Coitado, morreu feito cangaceiro...

MATEUS (*tristonho*) – Foi...

CRAVO BRANCO – Felipe, meu amigo, companheiro velho... (*apanha o mamulengo no chão*) Amigão...

MATEUS (*revoltado*) – Ah, agora eu entendo o Professor Tiridá. Esse Chico Manhoso tem mesmo parte com o Diabo. Isso não vai ficar assim não, vai nada... Ele é esperto e eu sou muito mais. Eu conheço os caminhos do inferno! (*sobe no cavalete/cavalo*) Me dá a bexiga lixa, a gangrena do rato, mas eu acerto a tampa dele. Acabei com Urubu Rei, acabei com Galo Cego, por que não acabo com esse Chico Manhoso? Ele vai ver o que é bom pra tosse. Vou fazer um catimbó da gôta serena pra ele. Deixa eu pegar as ervas, esse tá lascado. Língua de cobra, unha de cabra preta, terra de cemitério, remela de sapo, biziú de doido, baba de epilético, papagonha, jurema preta e arruda... (*junta tudo*) Ele vai estourar pelas costas feito cigarra... Vou misturar tudo isso e mais o sangue de escorpião. Vou enterrar na raiz do mandacaru com as cinco pragas do Demônio Galafuz, o bafo de cana do caboclo Zé Pilintra, a raspa do bico do Cancão Careta, mais o peido de gambá. Eu quero ver quem pode mais. (*sai*)

CRAVO BRANCO – Vamos embora, Mateus...

MATEUS – Ô Cravo, eu acho que nós estamos fazendo é um teatro do passado...

CRAVO BRANCO – Como assim?

MATEUS – Essa história de fome, repressão, corrupção, miséria, ditadura, isso não existe mais...

CRAVO BRANCO (*dá uma gargalhada*) – Mateus, nós fomos um povo que nunca saiu do passado. Estamos sempre na estaca zero, começando tudo de novo, e sempre derrubados pela violência. Quem sabe se isso não é alerta? O tempo da maldade, Mateus, tem sido eterno assim...

MATEUS – Mas não foi você mesmo quem falou que eles nos perdoaram, nos estenderam as mãos...

CRAVO BRANCO – Mateus, as palavras não bastam, não basta as intenções.

MATEUS – Quer dizer, Cravo, que somos um povo sem futuro?

CRAVO BRANCO – Futuro? Futuro vem depois...

CORO (*cantando*) – Oh... Oh... Ôôôôôô... abriu... / liberdade, democracia / abriu... abriu... abriu... / vamos fugir, abriu, abriu, abriu / no peito e na raça, abriu / abriu, abriu, abriu / com bomba ou sem bomba / é primeiro de abril / canhão ou fuzil / abriu... abriu... abriu... / abriu... abriu... abriu... / no peito e na

raça, abriu / no peito e na raça abriu / ah, se o resultado não me agradar / o povo na rua exigiu, abriu / eu peido, arrebento / uma ampla anistia / e mandou fechar / abriu, abriu, primeiro de abril.

XI ATO

CRAVO BRANCO – Esse não sou eu. Eu não sou eu... Mateus! Mateus! Mateus! Em que espelho ficou perdida a minha verdadeira face? Mateus, eu não sou eu.

MATEUS – São os mistérios, Cravo. É o destino, os sonhos das noites escuras, as dores das batalhas perdidas. São as lamentações, as tristezas...

CRAVO BRANCO – Já sei, já sei, Mateus: eu perdi e a ciência das trevas manda buscar minha alma, não é? Querem me transformar... Mateus, está vendo aquela constelação, a Ursa Maior, é o meu chapa, um preto safado sem vergonha e sem caráter chamado Macunaíma. Ele também foi transformado. Os feitiços do mundo se viraram contra ele e o moleque, que era levado, transformou-se em estrelas. Hoje vive lá no céu. O desgraçado do nêgo, essa hora, deve estar zombando da minha cara. (*em outro tom de voz*) Ei, moleque safado, espera por mim que eu chego já. Eu vou, Mateus... (*retomando a sua voz*) O dia finda e já é hora. Eu sei que a ciência é ingrata e os mistérios e as razões são muitos, mas eu tenho o direito de escolher o que será de mim... Não tenho, Mateus?

MATEUS – Tem. Um pássaro, Cravo!

CRAVO BRANCO – Não Mateus, é muito ironia...

MATEUS – E o quê, então?

CRAVO BRANCO – Eu quero ser transformado em um cravo...

MATEUS – Um cravo?

CRAVO BRANCO – É, num cravo. Num cravo que você tire uma pétala para o Padre Cirino; outra para o Zé Inácio; uma para Felipe; outra para Pedro Teixeira; e a corola você põe no meio da praça para que todos saibam que aqui ficará um cheiro de esperança e a triste lembrança do “tempo da maldade”...

CORO (*cantando*) – Ai de mim, ai de mim, senhor / uma estrela lá no céu / e a lua nova todo seu esplendor me deu / cheirou a flor, depois partiu (*bis*) / partiu, partiu / e eu nem sei se vai voltar / volta logo, lua nova / que a saudade quer me matar. (*bis*)

Enquanto cantam, Cravo Branco desaparece e Mateus fica no palco. O Coro vai saindo e Mateus correndo entre as pessoas, chamando por Cravo.

MATEUS (*procurando pelos cantos e entre a plateia*) – Cravo! Cravo! Onde será que ele se meteu? (*tempo*) Cravo, esta batalha não foi em vão! Isso não é uma praga, mas uma oração tirada de dentro do peito com toda convicção. Para que irás correr o mundo, tal qual um camaleão, sempre mudando de cor conforme a ocasião? Em cada cor uma esperança. Em cada esperança uma razão.

Entra a Multidão dos Sonhos. Anjos de chapéu de couro com tecidos finos, em um balé trazendo Cravo Branco, passando no meio do palco. Mateus volta-se suavemente para a multidão, enquanto o Coro canta.

MATEUS – Vai, Cravo, derrama as tuas sementes pelos bosques, pelos campos, que ouviremos o teu canto nas campinas, nas vertentes, na festa alegre de rua, na voz de um povo contente. Mas não esqueça, Cravo, manda um cheiro, manda um cheirinho pra gente.

Fecha a luz e abre com os atores para o agradecimento.

- Fim -

OLHA PRO CÉU, MEU AMOR



Olha Pro Céu, Meu Amor (2005),
pela Companhia Feira de Teatro Popular
Texto e direção: Vital Santos
Foto: Josias Albuquerque

OLHA PRO CÉU, MEU AMOR

Esta é uma das peças que mais gosto de Vital, batizada por ele de “Ópera circense”, termo que nem acho tão apropriado. Primeiramente eu a assisti no XV Festival de Inverno de Garanhuns, em 2005, quando cobria o evento como repórter. Apaixonei-me pelo resultado cênico e, no ano seguinte, consegui inseri-la na programação do festival 12º Janeiro de Grandes Espetáculos, no Recife, brigando para que a obra fosse apresentada no Teatro de Santa Isabel, mesmo diante da resistência de um dos produtores, preocupado com o público a ser atraído. Como era eu quem cuidava de toda a divulgação do evento, caprichei na mídia e a casa, felizmente, ficou lotada na noite do sábado 21 de janeiro de 2006.

Ali pude conferir a potência teatral de Vital Santos, pois praticamente de última hora ele mudou o trecho em que o elenco entrava cantando e segurando gaiolas. Agora, elas desciam do “céu” lentamente, cada uma com uma luz azul piscando, tal como vagalumes. Aquele tempo dilatado da cena, em consonância com a canção que começava baixinho num crescente (trilha sonora linda de Josias Albuquerque), encheu de beleza o palco e me derramei em lágrimas. É que essa peça trata da família e isso me atinge forte.

Toda a poesia daquele instante se deu ainda mais porque eu sabia – assim como toda a Companhia Feira de Teatro Popular – a importância de ter conseguido ocupar a mais luxuosa e importante casa de espetáculos do Recife com um grupo teatral do interior do Estado. A emoção batia mais forte também porque dois daqueles artistas estavam fragilizados em sua saúde. Sebastião Alves, o Sebá, cumpria tratamento contra um câncer na boca e só conseguiu liberação do médico porque mentiu que sua participação na peça era pequena, sendo ele o protagonista, quase todo o tempo em cena. Já Creuza Soares enfrentava os primeiros indícios do Alzheimer, podendo esquecer de trechos do seu texto a qualquer mo-



Olha Pro Céu, Meu Amor (1983), pelo Grupo Feira de Teatro Popular. Texto e direção: Vital Santos
Foto: Acervo Vital Santos

mento. Tudo isso resultou numa apresentação tensa para mim, porém linda e emocionante, realmente inesquecível. Ao final, após risos e choros do público (sim, a peça promove esse vai e vem de sentimentos), foram aplaudidos de pé por um Teatro de Santa Isabel lotado até à torrinha. Eu chorava de alegria!

Olha Pro Céu, Meu Amor é um musical popular e tragicômico cuja trama se inicia em Caruaru, no mês de setembro de 1979, com uma família vendo um dos seus partir. Um ano depois, à noite, em sua casa simples e sob à luz de um candeeiro, a mãe lê a carta que escreveu para aquele filho que saiu na boleia de um caminhão pau-de-arara para o Rio de Janeiro, na saga de mais um migrante nordestino que deixa sua terra para tentar a sorte por lá. Compositor diletante que sonha com o estrelato na esperança de ter suas músicas gravadas pelo rei Roberto Carlos, seu maior ídolo, Zequinha de Jesus, apelidado de Bom Cabelo, é o primogênito de Guió e Seu Jesus: ela, dona de casa a cuidar dos afazeres domésticos e de mais três outros filhos, Neneca, Dó e Lelé; ele, um construtor e vendedor de gaiolas, comerciante de

passarinhos. Pautada na saudade da família e do seu lugar de origem, a peça acompanha os atropelos que Bom Cabelo enfrenta na busca por sobreviver numa grande metrópole, no encontro de um possível amor e na valorização ou não de si frente à miséria e a exploração no trabalho.

A peça foi escrita por Vital Santos em 1982 e estreada por ele já no ano seguinte, com o Grupo Feira de Teatro Popular. Além do texto e direção, o autor assinava também a cenografia e a iluminação. Os figurinos eram de Iva Araújo e a trilha sonora original de Josias Albuquerque. No primeiro elenco, Cosme Soares (Seu Jesus), Creuza Soares (Guió), Sebbá (Zequinha, Sebastião Alves, na época assinando seu nome artístico daquela forma), Iva Araújo (Dó e Ceminha), Antônio Ferreira (Lelé), Carlos Alves (Lula), Hilton Valentim (Perna), Edu Oliveira (Biu de Dôra) e Emanuel Borges (Neneca).

Mais à frente, seja nessa ou na reestreada dez anos depois, também participariam Wellington Branco, Chico Neto, Alcimar Vólia, Alex Viany, Nadja Cristine, Gil Leite, Geane Melo, Jorge Henrique, Inácio Falcão, Adeilson Rodrigues, Mhill Moreira e Jô Albuquerque. Os primeiros músicos foram Josias Albuquerque, Jerônimo Oliveira e Tavares Neto. Posteriormente entrariam Carlos Salgado, Nica Lyra, Antônio Ferreira, Alexandre Marinho (Piula), Jadilson Lourenço, John Kennedy e Williams Lira.

CHEGA DE BAIXAR OS OLHOS E PEGA A MINHA MÃO

Em *Olha Pro Céu, Meu Amor*, Vital se debruçou sobre os dramas, as tragédias e a luta dos migrantes nordestinos quando descem para o “Sul Maravilha” em busca de reconhecimento. Chegando lá, tudo para Zequinha vira pesadelo. Ele nem sequer assiste a um show do Roberto Carlos; acaba trabalhando nas obras do Metrô e, mesmo sendo um operário qualificado, sua carteira de serviço é registrada com função inferior. Como alento, as cartas que troca constantemente com a mãe; ela a esconder da família a real situação do filho, longe do sucesso prometido. A relação fica tumultuada quando ele lhe revela a paixão que nutre por Ceminha, jovem natural de Caruaru, há tempos morando no Rio, e filha de uma mãe solteira. O preconceito com a perda da virgindade dela vai piorar ainda mais a situação.

Em Caruaru, o pai de Bom Cabelo, Seu Jesus, é vendedor de passarinhos e, como numa revoada, vê sua família partir sem nada poder fazer: a filha Dó, sonha em fugir com o namorado; Lelé, o mais novo, é apaixonado por Du, uma galinha de estimação (sim, Vital punha uma galinha de verdade no palco e isso até criou certo problema com a diretora do Teatro de Santa Isabel àquela época, Leda Alves); e Neneca, o filho do meio, que teima em tornar-se padre mas, na verdade, traz o espírito cigano dentro de si. No enredo, Vital Santos alinhou as personagens em duas vertentes: de um lado as que Zequinha deixou no seu local de origem, pai, mãe, irmãos; de outro, a namorada e os companheiros de escravidão no canteiro de obras que ele trabalha em Copacabana. Numa sequência didaticamente cronológica, dividindo a ação entre Caruaru e o Rio de Janeiro, o autor traça o destino infausto de suas figuras tão cheias de carisma.

Seu objetivo é o de capturar nossa atenção para este fato: no mundo em que vivemos hoje, somos todos mais ou menos migrantes. Ao deter nosso olhar sobre as trajetórias e vicissitudes dos tipos que convoca à cena, ele aciona uma estratégia cuja finalidade é nos instigar a pensar sobre nós mesmos, e sobre o mundo que consentimos em deixar existindo. Também repleta de momentos cômicos – com uma cena mais desbocada aqui e ali –, a peça traz o linguajar próprio das gentes do interior, a festa do acreditar, uma tocante trilha sonora ao vivo e a tragédia que é estar se sentindo um estrangeiro na terra em que vive, explorado por uns, desacreditado por outros. Para Bom Cabelo, protagonista da trama, resta-lhe a cachaça, o amor por Ceminha e a ilusória crença de que tudo vai melhorar.

A primeira versão da peça, cuja estreia nacional aconteceu no Recife, foi vista durante três sessões no Teatro Apolo, de 27 a 29 de maio de 1983, encerrando a programação do Circuito Vamos Comer Teatro, projeto lançado em João Pessoa três anos antes pela equipe do Núcleo de Teatro da Universidade Federal da Paraíba. Na sequência, a montagem ocupou o Teatro Lima Penante, na capital paraibana. Em julho, foi participar da XI Mostra Nacional de Teatro Amador, em Campina Grande/PB (quando lá estiveram dois outros trabalhos caruaruenses, *A Epopeia do Beato Torquato Maria de Jesus*, do Teatro Experimental de Arte - TEA, com texto e direção de Argemiro Pascoal; e *Paixão e Sina de Mateus e Catirina*, pelo GET - Grupo Estudantil de Teatro, com texto e direção de Jorge Souza).



Olha Pro Céu, Meu Amor (1983), pelo Grupo Feira de Teatro Popular. Texto e direção: Vital Santos
Fotos: Acervo Vital Santos

Os elogios no festival campinense foram praticamente unânimes à *Olha Pro Céu, Meu Amor*:

O crítico Ademar Dantas, um dos membros desta comissão [de avaliação do Festival], escreveu no *Correio da Paraíba* o seguinte comentário: “Ninguém jamais descreverá o que é o espetáculo de Caruaru: é grande demais para ser expresso em palavras”. O diretor de teatro Gutemberg Assis publicou na sua coluna no jornal *Gazeta do Sertão* [...]: “Espectáculo criativo, poético e brilhante. É arte transpirando em sua essência mais pura – interpretação, cenas antológicas e a criatividade de extrema sensibilidade. Emocionante. Caruaru mostrou porque é a vanguarda do teatro popular do Brasil [...] de maneira bela e contundente”. Fernando Teixeira, diretor do Teatro Lima Penante e criador do projeto Vamos Comer Teatro, escreveu [...]: “Há algum tempo que não víamos um espetáculo do nível deste! Emocionante, profissional e de uma narrativa tão próxima a nós. Como diria Paulo Pontes: eis aí o povo no palco. E como dizemos nós: o teatro de Caruaru é vital para o país”. (ANDRADE, *Vanguarda*, 21 ago. 1983, p. 9)

Nos meses de agosto e setembro de 1983, posteriormente ampliando a permanência até o final de outubro devido ao sucesso de público, *Olha Pro Céu, Meu Amor* finalmente cumpriu temporada em sua terra natal, no Teatro João Lyra Filho, espaço que foi reaberto pela Fundação Assistencial e Educacional de Caruaru após passar por certos melhoramentos:

O público que superlotou aquela casa de espetáculos, vibrou e, de tanto aplaudir, chegou a atrapalhar em alguns momentos a plasticidade da peça, pois o elenco tinha que parar as cenas para que a plateia pudesse ouvir os quadros seguintes, porém, em nenhum momento, o espetáculo perdeu a sua personalidade, e o público, ao final, aplaudiu de pé, por muito tempo, o elenco da peça, que na verdade teve uma função por demais profissional. Criativo, forte e dotado de uma característica muito teatral, seria difícil citar alguns destaques, porque todos estão ligados num só sentido, que é um espetáculo, e nisso a direção se realiza. [...] A realidade do emigrante nordestino, vivido pelo personagem Bom Cabelo (Sebastião Alves), [...] é a realidade nua e crua deste típico panorama brasileiro. O

texto toca profundamente no espectador quando retrata a dor e a saudade de quem vive fora da terra natal. *Olha Pro Céu, Meu Amor* é feliz em tudo, no que tem de atual, crítico, irônico e, acima de tudo, pela beleza visual. A música é de uma poesia fascinante. Jô [Josias] Albuquerque tem se revelado um grande músico teatral, o que não é fácil. O texto é belo e emocionante pelas colocações de vida e como Vital Santos lida com o sonho e a realidade. (“OLHA..., *Vanguarda*, 11 set. 1983, p. 8)

Este novo trabalho de Vital causou tanta repercussão no município caruaruense que arregimentou muita gente a expor suas opiniões. Lembrou o alvoroço parecido quando da apresentação de *Feira de Caruaru*, em 1969. Agostinho Batista, o editor do jornal *A Defesa*, por exemplo, garantiu que além daquele dramaturgo ser um dos maiores divulgadores de Caruaru no cenário nacional, visceralmente ligado à sua cidade, projetando-a e fazendo-a conhecida e admirada, sua mais recente peça já estava fadada ao sucesso e teria a consagração do público onde fosse encenada, não só por seu valor, sendo divertida e comovente ao mesmo tempo, mas principalmente pela sua universalidade:

Ele traz para o palco o drama de uma família de Caruaru que, pouco a pouco, vai se desagregando pela pobreza, na luta pela sobrevivência. O pai, vendedor de passarinhos, e a mãe, querem a felicidade dos filhos, mas não podem detê-los. Vital Santos soube, mais uma vez, partindo de um enredo comum, simples, trivial, focalizar um drama que é o cotidiano da maioria das famílias. A ele podem ser aplicadas as palavras de Leon Tolstói, um dos maiores escritores de todos os tempos: “Pinte bem a sua aldeia que você será universal”. Daí a universalidade da obra teatral de Vital Santos. *Olha Pro Céu, Meu Amor* será compreendido em qualquer lugar do mundo e não há limite de tempo para que caia no esquecimento. Não é uma obra de profundidade filosófica e nem preocupação literária. É o retrato fiel do dia a dia de uma família pobre, dos sonhos de grandeza e riqueza individual, dos costumes de uma cidade nordestina e a desumanidade de uma metrópole, o Rio de Janeiro. Tudo bem pintado numa linguagem corriqueira, coloquial, maliciosa, bem popular, sem puritanismos e preconceitos. As músicas que valorizam o espetáculo são bonitas

e não destoam do contexto. Pelo contrário, estão bem adaptadas a cada situação apresentada. O elenco é muito bom [...], [os atores] trabalham bem e fazem com que o Grupo Feira de Teatro Popular seja um dos melhores do país. (BATISTA, *A Defesa*, 24 set. 1983, p. 6)

O colunista social Jotta Lagos comunicou com alegria: “Continua com sucesso no Teatro João Lyra Filho o espetáculo de Vital Santos, *Olha Pro Céu, Meu Amor*, com superlotação. O elenco é maravilhoso. Vamos ao teatro!” (LAGOS, *Vanguarda*, 2 out. 1983, p. 5). Outro jornalista, A. Matias, também do semanário *Vanguarda*, vinculou aquele trabalho cênico à modernidade estilística: “É teatro pop moderno de afinação com o presente. Há história, estória e enredo guiados à provocação de hilaridade [...]. Linguajar atual da poesia de vanguarda, logo, com sons picantes por vezes como só acontece no pós-modernismo” (MATIAS, *Vanguarda*, 18 set. 1983, p. 4). Já Renato Cabral, que foi ator e presidente do Grupo de Cultura Teatral, com o qual Vital Santos começou a se experimentar como diretor e dramaturgo, recordou dos áureos tempos de sua carreira, com *Rua do Lixo*, 24, *A Menor Pausa*, *A Árvore dos Mamulengos* e *Auto das Sete Luas de Barro*, de certa forma reeditados com essa mais nova peça recém-estreada:

A beleza plástica e visual da montagem são as marcas fundamentais do seu amadurecimento artístico. [...] A trilha musical (letra e música) é de uma beleza poética quase indescritível (parabéns, Jô [Josias] Albuquerque!). Aliás, com propaganda e *marketing* global dispararia na parada de sucessos. O texto, apesar de “um lugar comum”, é mostrado com maestria e douda sensibilidade, o que o torna forte e vigoroso. Os atores, muito bons! [...] A peça, ao mesmo tempo em que mostra a realidade, a faz de uma maneira quase trágico-cômica e com uma linearidade e coerência dignas de louvor. O cenário pobre, a marcação excelente e a plasticidade visual do corpo dos atores dão à encenação uma força extraordinária. Cenas marcantes e belíssimas existem [...]. Aliás, registro especial para o trabalho do evangelista (Emanuel Borges), cuja voz de tenor e interpretação marcante deram à peça um colorido todo especial. Por fim, Caruaru precisa reconhecer e aplaudir os seus valores. (CABRAL, *Vanguarda*, 25 set. 1983, p. 4)



Olha Pro Céu, Meu Amor (2016), pela Companhia Feira de Teatro Popular. Texto e direção: Vital Santos, coordenada por Sebastião Alves
Fotos: Acervo Sebastião Alves

PÚBLICO E IMPRENSA ENCANTADOS

Aquele momento era realmente bem especial para o teatro em Caruaru, pois estava provando, como muitos diziam, que o público gosta e prestigia os eventos culturais de boa qualidade, ao ponto de se falar novamente na construção de uma casa de espetáculos oficial da municipalidade, algo que até hoje nunca se concretizou: “As pessoas que assistem à peça no Teatro João Lyra Filho saem encantadas e divulgam o acontecimento. [...] Esse interesse do público veio provar que santo de casa faz milagre” (MAIS..., *Vanguarda*, 2 out. 1983, p. 1), afirmaram. Ao findar daquela vitoriosa permanência no Teatro João Lyra Filho – que, sem dúvida, abriu novas possibilidades de ocupação da produção local na casa de espetáculos, tanto para obras adultas quanto para as infantis –, um público aproximado de 5 mil pessoas assistiu a *Olha Pro Céu, Meu Amor*, “média excelente para teatro e, principalmente, se levamos em consideração o fato de que há muito tempo Caruaru não [...] tinha uma temporada de teatro” (TERMINA..., *Vanguarda*, 30 out. 1983, p. 1). Na sequência, a peça chegou também ao Festival de Teatro de São Cristóvão, em Sergipe.

Ao finalzinho daquele ano de 1983, nova e curta temporada aconteceu naquele mesmo espaço em semiarena, também com excelente público. No ano seguinte, chegou-se a divulgar notícia de que a peça, junto a duas outras produções do Grupo Feira de Teatro Popular, *Auto das Sete Luas de Barro* e a montagem infantil *Diana Pastora*, de Vital Santos e Alcimar Vólia, iria viajar à Suíça, para participar do Festival Mundial de Artes, e também a Portugal. Tudo balela! No entanto, a obra foi tão elogiada pela imprensa e pelos espectadores, num “boca a boca” fundamental, que acabou sendo selecionada pelo INACEN - Instituto Nacional de Arte Cênicas e circulou pelo Brasil através do Projeto Mambembão na edição de 1984, junto a *Auto das Sete Luas de Barro*. Assim, foi vista no Teatro Guarinha, em Curitiba; no Teatro Dulcina, em Brasília; no Teatro João Caetano, em São Paulo; e no Teatro Glauce Rocha, no Rio de Janeiro, em breves temporadas.

Na capital paulistana, o crítico teatral Alberto Guzik destacou a presença das muitas gaiolas que dominavam o espetáculo, antes mesmo de se iniciar a apresentação, colocadas à esquerda do palco, envoltas em sombra como uma geografia própria. Para ele, as gaiolas participavam da ação do

primeiro ao último momento, quase como personagens, na verdade metáforas da situação do nordestino migrante, condenado antes à terra seca e mais tarde à sobrevivência sem dignidade nas grandes metrópoles:

A imagem [das gaiolas] é boa; mesmo muito usada, retém inegável vigor cênico. [...] Numa sequência didaticamente cronológica, dividindo a ação entre Caruaru e o Rio, o autor traça o destino infausto de suas figuras. O texto possui um perfil peculiar. Na estruturação dramática e no farto uso da música comentando e enfatizando a ação sente-se a sombra do pai [Bertolt] Brecht. Mas no tratamento dado às personagens e suas emoções percebe-se uma veemência apaixonada, que aproxima a obra das produções candentes dos jovens [Máximo] Gorki e [Gianfrancesco] Guarnieri. Deste evoca-se a maneira poética de retratar os deserdados das cidades. Daquele, especialmente a figura lírica do passarinho Pertchikin, de *Os Pequenos Burgueses* [...], corresponde Jesus, o passarinho pai de Bom Cabelo, [...] ambos simbolizando uma pureza ingênua e impossível. *Olha Pro Céu, Meu Amor*, porém, não preenche plenamente sua promessa, o que surpreende, vindo do autor de *Rua do Lixo*, 24 e, especialmente, do *Auto das Sete Luas de Barro*. A prosa das personagens tropeça mais do que seria de desejar num excesso de sentimentalismo que embota sua indignação. O que procura ser uma linguagem poética escorrega aqui e ali para um açucarado excesso de palavras. Também a trama, centrada na desintegração do núcleo familiar em Caruaru e na decomposição de Bom Cabelo no Rio, envereda por alguns atalhos dificilmente relevantes. (GUZIK, *O Estado de S. Paulo*, 4 ago. 1984, p. 9)

Entre os principais problemas detectados por Alberto Guzik estavam duas abordagens no final da obra: o suicídio de Lelé, o irmão mais jovem do protagonista, que se mata por amor da galinha Du, nada crível no quadro da discussão proposta pela dramaturgia; e o processo de enlouquecimento de Bom Cabelo, um delírio ainda pouco explicitado ao seu ver, mas crescente, que o leva a encontrar a morte esmagado por um caminhão. No entanto, havia a música, elogiadíssima por sua dimensão especial, além de valores em total entrega no elenco:

Com dois violões, bateria e percussão, cria-se uma moldura sonora que satiriza, colore e aviva a montagem. Na direção, Vital Santos imprime um ritmo fluente à sua criação, prejudicando-a apenas por usar um excesso de quadros estáticos que perdem o impacto pela repetição. Entre os intérpretes, é preciso destacar a convicção com que Sebbá personifica o compositor Bom Cabelo, que afinal sequer consegue aproximar-se de um show de Roberto Carlos, quanto mais do homem em pessoa. Creuza Soares, como a mãe Guió, e Cosme Soares, como o pai Jesus, conseguem superar evidentes limitações e criar suas personagens com simpatia e calor. Todo o elenco transpõe problemas de interpretação, de técnicas de dicção e de corpo, mas com uma entrega sem limites ao trabalho e uma extrema fé em seu protesto. *Olha Pro Céu, Meu Amor* não é o melhor texto recente sobre o migrante nordestino. Perde mesmo a preciosa oportunidade de refletir sobre seu real envolvimento com a cultura de massa. Mas resulta, com altos e baixos, numa montagem digna, séria e com um intenso sentido de urgência. (GUZIK, *O Estado de S. Paulo*, 4 ago. 1984, p. 9)

Após essa circulação nacional e anos sem ser novamente exibida, *Olha Pro Céu, Meu Amor* só retornou em nova temporada, no Teatro João Lyra Filho, em agosto de 1993, ou seja, dez anos após a estreia nacional, mas sem maior repercussão. A obra foi retomada com maior vigor e publicidade em 2005, agora com o seguinte elenco: Sebá (Sebastião Alves, também coordenando a produção), Cosme Soares, Creusa Soares, Gil Leite e Nadja Cristine, todos já dos primeiros anos, e, numa nova geração de atores substitutos, Edson Victor, Gabriel Sá, Lucas Neves, Olívia Júlia (Ednice Souza) e Renata Nogueira. Os músicos agora foram: Josias Albuquerque, Marcos Mota e Raul Amorim. A assistência de direção era de Chico Neto, com Marcelo Mota na execução da luz. Foi com eles que eu pude finalmente assistir a montagem e lutei para trazê-los ao Recife, como contei no início deste artigo.

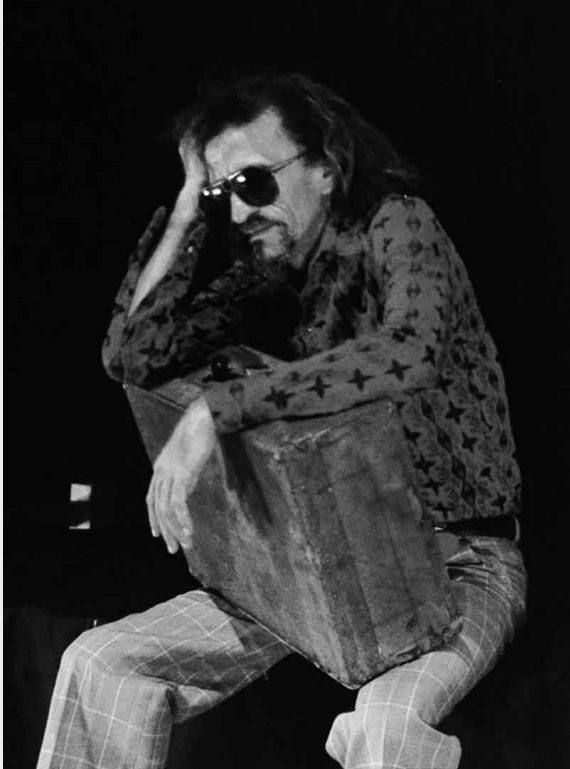
Quando da participação dessa trupe no competitivo 12º Janeiro de Grandes Espetáculos, em 2006, a peça venceu em duas categorias no Prêmio Apapepe de Teatro e Dança, melhor ator coadjuvante para Cosme Soares, empatado com Carlos Lira, de *Um Inimigo do Povo*, de Henrik Ibsen, tradução livre, adaptação e direção de Carlos Carvalho numa produção de

Pedro Portugal (espetáculo vencedor daquele ano, num total de sete categorias), e um prêmio especial para Sebastião Alves como o protagonista Bom Cabelo, personagem que assumira há 23 anos. O júri de teatro adulto foi composto por Jorge Clésio, Kalina de Paula, Cláudio Rocha e dois convidados de fora, Joice Aglae, da Bahia, e Paulo Vieira, da Paraíba.

SEBA OU SEBÁ, UM MESTRE DA CULTURA POPULAR

Na época em que mantive primeiro contato com a peça *Olha Pro Céu, Meu Amor*, eu estava como repórter na assessoria de comunicação da Fundarpe cobrindo o FIG - Festival de Inverno de Garanhuns. Fiz, então, essa matéria sobre Vital e o seu conjunto:

O teatro que ele faz, onde responde por texto, direção, cenografia, trilha sonora, coreografia, figurino, luz e o que mais aparecer, além de priorizar a música ao vivo e um elenco que respira quase que como se fosse uma só pessoa, mantém um tom político e, ao mesmo tempo, poético. Basta lembrar de outras grandiosas montagens suas como *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra* ou *O Príncipe dos Mares de Olinda Contra a Fúria das Águas*. Em *Olha Pro Céu, Meu Amor*, título de canção inesquecível de Luiz Gonzaga [e José Fernandes], ele concede à música a maior paixão da personagem principal, Bom Cabelo, compositor caruaruense que alimenta o sonho de conhecer Roberto Carlos e ter suas composições gravadas pelo rei. Partindo para o Sul Maravilha num pau-de-arara, ele descobre a frustração de ser um nordestino “paraíba” em meio a um mundo hostil onde o sucesso e o reconhecimento artístico são cada vez mais disputados. Dramas, tragédias e humor misturam-se nessa história, dedicada a um dos integrantes da Companhia Feira de Teatro Popular, Sebá, ator e produtor do espetáculo. As disparidades culturais entre o Rio de Janeiro e Caruaru são acentuadas, mostrando que é preciso repensar o mundo que fazemos, seja numa grande capital ou cidade do interior, afinal, o que importa é valorizar o humano. E Vital sabe questionar tudo isso no palco como ninguém. (FERRAZ, *Assessoria de Imprensa do XV Festival de Inverno de Garanhuns*, 10 jul. 2005, s. p)



Olha Pro Céu, Meu Amor
(2005), pela Companhia
Feira de Teatro Popular
Texto e direção:
Vital Santos
Foto: Josias Albuquerque

Para quem não conhece Sebá – que assina um dos artigos desta coleção –, aqui vai um resuminho que escrevi pra a revista *Continente* sobre ele quando a Companhia Feira de Teatro Popular lançou a peça *A Lenda do Santo Fuijão*, texto e direção de Samuel Santos – outro a assinar artigo neste livro –, montagem que prestava uma homenagem ao nosso querido Sebastião Alves, ou Seba ou Mestre Sebá, quando ele enfrentava batalha contra um câncer:

Ausente da cena por problemas de saúde, sua trajetória de vida daria não só uma peça de teatro, algo que já aconteceu na história da equipe caruaruense, mas um grande filme. Daqueles que ele assistia enquanto criança. Natural de Sertânia, desde pequeno trabalhou como catador de algodão, padeiro ou entregador de pães. Não via teatro, mas sabia que queria ser artista. “De tela grande”, lembra. Partiu para o Rio de Janeiro, mas só conseguiu emprego nas obras do Metrô como marleteiro. Um dia antes de mudar-se definitivamente para Caruaru, indo a uma praça carioca conhecida como *point* de celebridades, foi atropelado por uma ambulância. “Querida ter certeza que

aqueles artistas eram reais”, recorda. O envolvimento com o teatro aconteceu na Capital do Agreste. Paralelamente ao trabalho como fiador de aviamentos, foi chamado para atuar na peça *Solte o Boi na Rua* (1979), de Vital Santos, com o Grupo de Teatro Ivan Brandão, dirigido por Nildo Garbo. No Festival Nacional de Teatro Amador, em Ponta Grossa, ouviu de um jurado: “Sua expressão é muito boa. Onde aprendeu?”. “Assistindo televisão!”, foi a resposta. Em 1980, entrou como ator substituto no *Auto das Sete Luas de Barro*. “Estreei como um dos filhos de Vitalino no Feira, já circulando pelo país”, e não largou mais o grupo. Em 1981, no elenco de *A Noite dos Tambores Silenciosos*, contou sua história de vida aos companheiros de cena. A experiência tragicômica em terras cariocas deu mote para Vital criar o espetáculo *Olha Pro Céu, Meu Amor*. [...] Graças a uma cena teatral de *A Noite dos Tambores Silenciosos* com tenda de bonecos, apaixonou-se pelo mamulengo. O resultado foi a criação do [Theatro] Mamusebá em 1985 [...]. “Teatro feito ao sabor das circunstâncias. Tudo resumido no pobre, no rico e na autoridade”, revela. Nas apresentações para crianças ou adultos, muitas em aniversários ou eventos, o improviso é certo, reunindo personagens divertidos como Benedito, Tenente Zeca Galo ou Filomena. [...] criou também o núcleo Pernas Prá Circular, com encenações em pernas de pau, a exemplo do pastoril. Nos últimos tempos, Sebá diminuiu bastante sua participação em espetáculos do Grupo Feira por conta da luta contra um câncer. “Emagreci muito, fiz 28 sessões de radioterapia, diversas cirurgias, mas venci. E não vou parar”, diz [...]. (FERRAZ, *Continente*, out. 2013, p. 62-63)

De fato, Sebá nunca ficou quieto e está prestes a reinaugurar o Theatro Mamusebá bem no centro de Caruaru, após um período difícil de mudança para um distante polo comercial, mas agora devidamente instalado com o aval do IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e apoio da Prefeitura Municipal de Caruaru. Tanto que o artista é patrimônio cultural de lá. Mas voltemos às versões de *Olha Pro Céu, Meu Amor*, peça que também é uma das recordistas de resistência no repertório de Vital. A obra ganhou novo elenco em 2016, agora tendo Gabriel Sá como coordenador de cena, e pôde ser apreciada criticamente por Ivana Moura no ano seguinte, no blog *Satisfeita, Yolanda?*, espaço

para críticas, entrevistas, reportagens e bastidores que ela mantém em parceria com a também jornalista Pollyanna Diniz desde 2011.

A DERRADEIRA AVALIAÇÃO

A montagem abriu a programação do 23º Janeiro de Grandes Espetáculos no Recife, realizando duas apresentações, a primeira na capital, no dia 12 de janeiro de 2017, e a segunda em Caruaru, no Teatro Rui Limeira Rosal, no SESC Caruaru, no dia 28 daquele mês. O evento prestava homenagem ao produtor Sebastião Alves. Ivana Moura comenta:

O olhar de Vital Santos está carregado do protesto (direto ou indireto) das classes subalternas na sua lida diária. As cenas são impregnadas de um humor popular e de soluções engraçadas, com frases provocativas das ruas ou da briga de vizinhos com pitadas de palavrões. A peça traça um retrato típico do nordestino migrante, entre o esperto e o bocó. Não daquele que fez sucesso meteórico. Mas do outro que se deixou enredar pelos acontecimentos, que não pegou a força centrífuga para escapular do destino trágico, que fracassou no seu intento de migrar. Ou o que se perdeu nos apelos da indústria cultural. (MOURA, *Satisfeita, Yolanda?*, 16 jan. 2017, s. p.)

Após discorrer sobre o enredo da peça, a jornalista listou as várias maneiras de se abraçar *Olha Pro Céu, Meu Amor*, do já saudoso Vital Santos, pois há quatro anos ele havia falecido. Primeiramente como um libelo que expõe os efeitos do capitalismo na vida de um cidadão brasileiro e o esmaga; ou como um recorte do microcosmo de uma família pobre do interior do Nordeste com seus problemas cotidianos; e, por fim, como um registro histórico de uma encenação de 1983, já que o arcabouço original pouco havia sido modificado. Com procedimentos cênicos articulados por Vital na década de 1980 – um dramaturgo e diretor que, ao seu ver, era tão criativo e comprometido com o povo do Nordeste –, sua poética ainda tinha força, mas também revelava brechas de que alguns elementos ficaram datados, a exemplo da iluminação com focos bloqueados, mudanças repentinas para azuis e vermelhões na luz e, principalmente, nas situações de escuridão no rosto dos atores.



Olha Pro Céu, Meu Amor (2016), pela Companhia Feira de Teatro Popular. Texto e direção: Vital Santos, coordenada por Sebastião Alves
Fotos: Acervo Sebastião Alves

Mas nada que embaçasse a intenção de revelar o sentimento aguer-rido do povo nordestino, seu linguajar rico e peculiar e suas soluções para a vida, que ganham escalas de tragédia e comédia no palco. Afinal, era o tema da fuga de muitos migrantes nordestinos ao “Sul Maravilha” que estava em destaque no trabalho, um quadro que, segundo ela, mudou no período do Governo Lula/Dilma, devido ao avanço dos direitos sociais. Ainda assim, os recentes acontecimentos do cenário político brasileiro, desgraçadamente com o recuo das garantias dos trabalhadores e direitos do cidadão no Governo Michel Temer, fizeram com que *Olha Pro Céu, Meu Amor* tivesse o seu principal assunto reavivado: um compositor caruaruense sonha vencer na carreira indo à “cidade maravilhosa”, ou seja, gente em busca de liberdade econômica, prestígio social e realização profissional e pessoal:

O personagem de Sebá, Bom Cabelo – inspirado em sua própria história – é submetido ao subemprego. A montagem tem uma estrutura de quadros que se alternam nas cenas do protagonista no Rio e outras com seus familiares que ficaram no Nordeste. A mãe, dona Guió, que tenta manter a ordem da família; o pai Jesus (famoso vendedor de passarinhos da região). Além dos outros filhos do casal, a menina Dó, com os hormônios gritando, resolve fugir com o namorado. Neneca, na dúvida entre ser padre ou assumir sua vocação de artista performático; e Lelé, que alimenta uma obsessão apaixonada pela galinha Du. A encenação brinca com os estereótipos do pernambucano do interior, com suas roupas coloridas, vestidinhos de chita e lenços na cabeça; com uma prosódia carregada, símbolos da cultura da região e nos objetos de cena, ditos populares. A trilha sonora é potente poesia e de uma atualidade impressionante. (MOURA, *Satisfeita, Yolanda?*, 16 jan. 2017, s. p.)

Entretanto, Ivana Moura reconheceu, com pesar, que havia desnível nas atuações, mas isso não comprometia o conjunto pois, entre situações risíveis, pequenas alegrias, mostras de explorações e sofrimento, dava a cada personagem uma marca mais evidente, a exemplo da perna manca do Dr. Hércules vivido por Gilmar Teixeira:



Olha Pro Céu, Meu Amor (2016), pela Companhia Feira de Teatro Popular. Texto e direção: Vital Santos
Foto: Pedro Portugal

Sebastião Alves (o Sebá), defende o papel de Zequinha de Jesus há mais de 20 anos, criou uma cativante figura, entre a euforia e a melancolia desse migrante sonhador. Jô Albuquerque faz o feirante e vendedor de gaiolas e pássaros chamado Jesus, meio distante em seu mundo dos pequenos animais voadores. Adeilza Monteiro traça Mãe Guió cuidadosa com suas crias, preconceituosa com as dos outros e que tenta negociar o lugar de comando dentro da casa. Luzia Feitosa (Ceminha, [já substituindo Nadja Morais]) faz a namorada conterrânea que Cabelo conheceu no Rio e tem um passado condenável pela mãe do protagonista. Walter Reis (Lelé) é o menino da galinha, que fez muita gente da plateia lembrar de sua infância. Gabriel Sá (Neneca) mostra as mudanças do pleiteante ao sacerdócio ao artista transformista. Charlene Santos (Dó), Rafael Amâncio (Pernambuco [já substituindo William Smith]), Ary Valença (Lula [também já substituindo Gil Leite]), Matheus Silva (Biu de Dôra) e Gilmar Teixeira (Dr. Hércules) completam o elenco. (MOURA, *Satisfeita, Yolanda?*, 16 jan. 2017, s. p.)

A execução de luz, assistência de produção e direção eram de Edu Oliveira, com sonoplastia de Marcelo Mota. A música, executada ao vivo, trazia um conjunto formado por Jadilson Lourenço (também na direção musical), Felipe Gonçalves, João Vítor Lourenço (violões), Vinícius Leite (sanfona) e Carlinhos Aril (percussão). Desde então, ao que eu saiba, a peça não retornou à cena. No entanto, *Olha Pro Céu, Meu Amor* é daqueles trabalhos de Vital que mais recebeu carinho do público e merece ganhar novas encenações, para além do núcleo caruaruense que a concretizou.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, José Maria. VIII Festival Nacional de Inverno de Campina Grande. **Vanguarda**. Caruaru, 21 ago. 1983. Geral. p. 9.

BATISTA, Agostinho. Olha Pro Céu, Meu Amor. **A Defesa**. Caruaru, 24 set. 1983. p. 6.

CABRAL, Renato. Olha Pro Céu, Meu Amor. **Vanguarda**. Caruaru, 25 set. 1983. Geral. p. 4.

FERRAZ, Leidson. Teatro de Vital Santos questiona o valor de brilhar no Sul Maravilha. **Assessoria de Imprensa do XV Festival de Inverno de Garanhuns**. Garanhuns, 10 jul. 2005. s. p. [Acervo Companhia Feira de Teatro Popular].

FERRAZ, Leidson. Poesia do Nordeste sobre o palco/O Seba. **Continente**. Recife, out. 2013. p. 60-63.

GUZIK, Alberto. Um drama nordestino, sentimental demais para indignar. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 4 ago. 1984. Divirta-se/Teatro/Crítica. p. 9.

LAGOS, Jotta. Mini-notícias. **Vanguarda**. Caruaru, 2 out. 1983. Sociais. p. 5.

MAIS de 5 mil pessoas já assistiram a peça “Olha Pro Céu, Meu Amor”. **Vanguarda**. Caruaru, 2 out. 1983. p. 1.

MATIAS, A. Teatro. **Vanguarda**. Caruaru, 18 set. 1983. Geral/Algumas Nótulas. p. 4.

MOURA, Ivana. É urgente olhar para o Céu e para o mundo também/A peça de Vital Santos. **Satisfeita, Yolanda?** Postado originalmente em 16 jan. 2017. Disponível em: <https://www.satisfeitayolanda.com.br/blog/tag/vital-santos/>. Acesso em: 14 jun. 2024.

“OLHA Pro Céu, Meu Amor”, o bom gosto teatral. **Vanguarda**. Caruaru, 11 set. 1983. Geral. p. 8.

TERMINA temporada de Vital Santos. **Vanguarda**. Caruaru, 30 out. 1983. p. 1.

— OLHA PRO CÉU, MEU AMOR —

De: Vital Santos

.....

Personagens: Guió, Zequinha (Bom Cabelo), Lelé, Jesus, Neneca, Dó, Ceminha, Pernambuco (Perna), Lula, Dr. Hércules, Patrões, Tabalhadores, Meninos 1, 2 e 3, Biu de Dôra, Dalvinha e Turistas no Rio de Janeiro.

O caminhão de Seu João Martins sai de Taquaritinga do Norte, passa por Toritama, Brejo da Madre de Deus, Caruaru... Vai recolhendo os migrantes nordestinos que vão tentar sorte no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Um ano depois, Guió escreve uma carta para Zequinha, lembrando o dia da sua partida.

GUIÓ (*sob à luz de um candeeiro, escrevendo*) – Caruaru, 25 de setembro de 1980. Querido filho, é com o coração partido que te escrevo essa missiva, pois não esqueço um só minuto. No dia em que você partiu...

Zequinha está na beira da estrada, com o olhar distante, segurando uma mala de feira e um retrato de Roberto Carlos. Do alpendre da velha casa, a família acena com lenços brancos. Lelé, o irmão mais novo, corre até ele puxando um carrinho de brinquedo.

A FAMÍLIA (*cantando*) – Lá vai o carro na estrada / levando o povo daqui / vai levar pra bem longe / quem não quer partir / adeus, meu Caruaru, adeus / estão levando os filhos teus / viu, o que será de ti? (*parte para ele*) Vai Zé, vai João, vai Pedro, vai / não tenha medo não / o Rio está a tua espera / ai, meu Deus, quem dera / que eu pudesse ter / ter a tua idade / pra ir com vontade / sem sentir saudade / do nosso sofrer.

ZEQUINHA (*triste, canta*) – Eu vou, eu vou, eu vou partir / adeus, meu pai e minha mãe / eu vou, mas não quero ir...

A FAMÍLIA (*usando os lenços numa expressão dramática bem circense*) – Não chore, meu filho, que nada é em vão / um homem não deve chorar / o Rio tem berço de ouro / e com carinho vai te ninar / o trabalho é próprio do homem, meu filho / por isso ele tem que trabalhar.

Lelé passa por ele correndo, puxando o carrinho de lata.

ZEQUINHA (*corre atrás*) – Ei, ei! Espere, espere! Eu também vou! (*deixa cair o retrato de Roberto Carlos*)

GUIÓ (*acenando*) – Me escreve Zequinha, me escreve, filho meu! Assim que você chegar, escreve... Escreve, pelo amor de Deus!

JESUS – Mais um que se vai e, desta vez, um filho meu. Vai com Deus, é para o seu próprio bem. (*tempo*) Isso aqui está morto, Caruaru já não existe mais, é só uma lembrança. Mas você vai vencer, meu filho, vai ser muito feliz, vai ser o que sempre sonhou: artista. (*apanha o retrato de Roberto Carlos*) Você deixou o retrato de Roberto Carlos, meu filho! E quando você se encontrar com ele, como é que vai ser? Como é que você vai provar que é admirador dele? Ele vai gravar suas músicas, meu filho, pode ter certeza, vai gravar todas, e sabe por quê? Porque as suas músicas são as mais bonitas do mundo... (*música instrumental começa*) Ninguém faz canções como você, meu filho, e depois, você é muito melhor que Roberto Carlos.

A poeira da estrada mistura-se à fumaça do caminhão e vira saudade.

A FAMÍLIA (*cantando*) – O sol que fere esse chão / fere o corpo também / fere a vida sofrida / e quem se foi já não vem / leva o canto, a viola / e o amor de quem tem / pra bem longe daqui / deixa o lugar sem ninguém / quem cresce no oco-do-mundo / conhece de tudo que há / de tanto falar fica mudo / e surdo de tanto escutar / quando parei pra pensar / já estava penso de tudo / saudade o jeito é chorar / e cantar dizendo ao mundo: / carrego travado no peito / um grito, um gemido de dor / que pede pra ver meu Sertão / seja do jeito que for / um mar que não tem tamanho / um poço que o sol não secou / eu vou matar minha sede / nos braços do meu amor.

A luz vai caindo. Noite de lua cheia. Jesus reúne a família na sala de casa para fazer gaiolas e contar adivinhações.

NENECA (*toma coragem e fala*) – Mãe, eu decidi.

GUIÓ – Decidiu o quê?

NENECA – Eu vou para o seminário.

GUIÓ – Besteira, meu filho.

JESUS – Besteira não. Ele está certo. Não tem vocação? Então deixa o menino seguir o caminho dele.

DÓ – Eu só quero me casar quando o Neneca for padre, pois aí ele faz meu casamento.

GUIÓ – Te enxerga, menina!

DÓ – Ôxente, mãe, e eu vou ficar solteira pro resto da vida, é?

GUIÓ – Deixa de assanhamento, Dó, que coisa mais feia.

LELÉ – Ela anda de prosa com o Biu de Dôra, mãe. Eu vi.

DÓ – Repara! Deus me livre! Eu tenho juízo.

GUIÓ – Você não perde essa mania: mete a colher em tudo! Quem foi que perguntou por isso, enxerido... Bote essa galinha pra fora, vai. Olha o que ela fez, emporcalhou a casa toda. (*Lelé abraça a galinha e sai resmungando*)

NENECA – Pai, eu estou falando sério, já conversei com Padre Othon,

JESUS – Você é que sabe, meu filho.

GUIÓ (*mudando de assunto*) – Hoje deve ter dado pavão na cabeça. Sonhei toda vestida de seda, sedas coloridas.

NENECA – Ele vai mandar uma carta para o mosteiro, mãe. Vai pedir ao Abade para eu participar do coro.

GUIÓ (*desconversa*) – Dó, vai ver se a água já esquentou. Aproveita e bota logo quixaba dentro, bota também duas folhas de hortelã. Não deixa ferver muito não.

DÓ (*saindo*) – Sim, mãe.

NENECA – A senhora ouviu, mãe?

GUIÓ – Seminarista ganha alguma coisa, ganha?

NENECA – Os estudos, roupas, batinas...

GUIÓ – E quem é que vai ajudar teu pai?

NENECA – Ora, mãe...

GUIÓ – Você devia fazer como teu irmão: ir para o Rio, São Paulo, lá é que é lugar de gente. Vocês vão ver, daqui a alguns dias o Zequinha está aí, podre de rico... Se Deus quiser!

JESUS – Se for como daquela vez que ele foi para o Recife...

GUIÓ – Recife não é como o Rio, São Paulo ...

NENECA – Sonho... Isso é sonho, mãe, é fantasia da sua cabeça. Eu não quero Rio, São Paulo, eu não quero mais fazer gaiola, vender pássaros na feira, nada! Eu estou cheio, mãe, eu quero ser alguém, quero viver... Lá fora tem vida, tem gente...

GUIÓ (*a Jesus*) – Sei não, eu estou achando esse menino muito esquisito.

JESUS – Deixa o menino, Guió.

DÓ (*entra com uma bacia*) – Pronto mãe, a água.

GUIÓ – Bote aqui, minha filha (*senta num banco e Dó lava seus pés*)

JESUS (*brinca com Neneca*) – Neneca, me responde essa: um boi de quatorze arrobas, morto para o urubu comer, cada urubu come cem gramas, quantos urubus poderão ter?

NENECA – Ora, pai!

JESUS – São dois mil e cem urubus, meu filho. (ri) Neneca, vem cá, sente aqui perto de mim.

NENECA – O que é que o senhor quer?

JESUS – Canta aquela música, filho, canta,

NENECA (*meio chateado*) – Que música, pai?

JESUS – Aquela que Zequinha fez pra mim antes de partir.

DÓ – Canta, Neneca, canta!

Neneca olha para Jesus, balança a cabeça, ri e começa a cantar. Surge uma luz no fundo do palco e lá está Zequinha lendo a carta que Guió lhe mandou. A saudade é tão grande que ele volta ao passado e ouve Neneca cantando “Rouxinol”, a canção que ele fez para Jesus.

NENECA (*cantando*) – Surge um novo dia, rouxinol / na brisa mansa uma canção / leve e solta no ar / vê como livres somos nós / cantando / traz, moleque, um pouco de amor / nestas cantigas de verão / pausa em mim, vem cantar / nas varandas do meu coração.

Dó termina de lavar os pés de Guió e sai para jogar a água fora. Zequinha, emocionado, canta com Neneca.

ZEQUINHA / NENECA (*erguendo a mesma gaiola e cantando*) – Rouxinol, o teu cantar / é feito uma oração / para que eu possa seguir / livre como sou nesta canção / rouxinol.

DÓ (*entra correndo, aflita*) – Mãe! Pai!

GIUÓ – O que foi que aconteceu, menina?

DÓ – O Lelé tá fazendo safadeza na galinha!

JESUS – Fazendo o quê, minha filha?

DÓ (*gesticula*) – Ele tá comendo a galinha, pai...

Corte de luz. Zequinha solta uma gargalhada e volta a ler a carta.

ZEQUINHA – Que Deus te abençoe! Da tua mãe, Guió. (ri) Ê, taradinho safado... Caruaru... (*pega papel e lápis e começa a escrever*) Mãe, recebi a sua carta e fiquei muito feliz. Eu estou bem, graças a Deus. Por falar nesse Moço, só Ele sabe o que passei quando cheguei aqui. Dormi até em banco de praça! Mãe, ainda não encontrei Roberto Carlos, mas encontrei Zé de Seu Inácio que me levou para trabalhar nas obras do metrô. Não tinha vaga para encarregado, só tinha para marteleteiro

e eu aceitei. Ganha muito menos, é verdade, mas dá para ir levando enquanto eu encontro Roberto Carlos.

PERNA (*entrando*) – E aí Bom Cabelo, como é que foi lá?

ZEQUINHA – Até agora, nada. Não há vaga para encarregado, eu já fui em mais de dez.

PERNA – E aquele pessoal lá de Niterói?

ZEQUINHA – Não encontrei ninguém. Os colegas do Recife, de Caruaru, não estão mais lá, foram todos embora. Uns voltaram, outros foram para São Paulo. O vigia me falou que têm alguns trabalhando aqui no Rio, só não sabe onde.

PERNA – Tu fosse na Cetenco?

ZEQUINHA – Não.

PERNA – Eles é que estão sempre precisando de encarregados.

ZEQUINHA – Amanhã eu vou lá. Eu tenho que conseguir, Perna. O que eu não posso é ficar nessa de marteleteiro.

PERNA – E a carteira, em que ficou?

ZEQUINHA – O Dr. Hércules já providenciou outra. Eu já estou classificado como marteleteiro, vê se pode?

PERNA – É, esses caras estão pensando que o cu da gente é de borracha.

A luz abre em Lula e Dr. Hércules. Zequinha revive o dia em que foi trocado por uma carteira de trabalho.

LULA – Doutor, tem um colega meu que chegou agora de Caruaru e eu queria, se fosse possível, que o senhor fizesse alguma coisa por ele. É um sujeito bom, honesto, trabalhador...

DR. HÉRCULES – Pois não. Onde está o homem?

LULA (*chama Zequinha*) – Bom Cabelo! Este é o homem que eu te falei, o Dr. Hércules.

ZEQUINHA – Às suas ordens, doutor. O meu nome é Zequinha de Jesus, o seu criado. Aqui está a minha carteira. (*entrega*)

DR. HÉRCULES (*olha a carteira*) – Lamento muito, Seu Zequinha, mas nós não temos vaga para encarregado. Eu tenho uma vaga, mas é para marteleteiro. Agora vão surgir novas frentes de serviços... Quem sabe, eu possa até precisar do senhor.

LULA – Pronto, Bom Cabelo, aproveita essa vaga de marteleteiro enquanto...

ZEQUINHA – Marteleteiro?

DR. HÉRCULES – Bom, o senhor é quem sabe.

ZEQUINHA – É o jeito, doutor, fazer o quê? Eu não tenho onde ficar.

A luz volta. Zequinha e Perna estão no mesmo lugar. Lula, deitado num canto, ronca e mexe-se o tempo todo.

ZEQUINHA – Foi isso... Ele me mandou para um tal de Galhardo, com uma história que eu tinha perdido os documentos e daí... Eu, classificado como mar-teleteiro. Mas eu sou encarregado! Está aqui na minha carteira, chefe de turma! Uma vez, no Recife, uma turma de trinta e seis homens revoltou-se e fez greve e, entre outras coisas, sabe o que foi que eles disseram, que só voltavam ao trabalho se eu fosse o encarregado. (*tempo*) Lidar com gente, Perna, não tem mistério, é só tratá-los como gente. (*um longo tempo*) Mas, pra falar a verdade, não é nada disso que eu quero. O que eu quero mesmo é ser artista... Ouvir a rádio de Caruaru tocar as minhas músicas, falar em meu nome... (*impostando a voz*) Com Roberto Carlos, de Zequinha de Jesus...

PERNA – Bom Cabelo, domingo eu vou te levar num forró que tem lá no Catete.

ZEQUINHA – Será que o Roberto Carlos tá lá?

LULA (*levanta-se*) – Fala baixo que eu quero dormir, pôrra! (*escurece*)

Zequinha compõe sua primeira canção no Rio de Janeiro.

ZEQUINHA (*cantando e escrevendo com um caderno e um lápis*) – Oi mãe / ai que saudade de Caruaru / vim pro Rio de Janeiro / pra ganhar dinheiro / e acabei num buraco / feito um tatu / pensaram que eu era bicho, mãe / e me botaram numa loca / estou inchado de comer terra, mãe / e branco feito tapioca / e é um tal de cavar chão / que tanto me sufoca / oi, mãe / quero voltar para Caruaru / que eu não nasci pra ser tatu / e nem tão pouco pra ser minhoca.

Uma tarde em Niterói. Zequinha conhece Ceminha e se apaixona.

CEMINHA (*aproxima-se*) – Você é Zequinha?

ZEQUINHA – Eu mesmo.

CEMINHA – Eu sou de Caruaru também. É que o Perna me falou que você é que está levando as cartas lá em São Cristóvão pra Seu Pedrosa levar para Caruaru.

ZEQUINHA – Ah, sim! Você vai mandar também?

CEMINHA – Vou. Você me faz esse favor?

ZEQUINHA – Claro! (*recebe a carta*) Pra sua mãe?

CEMINHA – Não, é pra minha vó. (*vai saindo*) Obrigado, Zequinha.

ZEQUINHA – Não tem de quê... Você vai ficar mandando sempre?

CEMINHA – Toda semana.

ZEQUINHA – Ei, como é o seu nome? (*olham-se*)

CEMINHA – Ceminha. (*tempo e sai*)

ZEQUINHA – Ceminha... Bonito. (*volta a cantar*) Oi mãe / ai que saudade de Caruaru...

Fim de tarde, na Feira de Caruaru. Jesus e Dó vendem pássaros e gaiolas.

DÓ – Como é pai, o senhor vai ou não vai fazer negócio com Seu Elias? Aquele rádio dele é tão bonito, pega até o estrangeiro.

JESUS – Sei não, minha filha. Ele está cobrando tão caro, dois mil e quinhentos por um rádio usado.

DÓ – Mas ele não disse que facilitava pra o senhor?

JESUS – Disse, mas é que os negócios estão tão ruins, minha filha. Nunca mais teve uma feira que prestasse.

DÓ – A gente dá um jeito, pai. Ah, eu queria tanto um rádio, ia ser tão bom! Aí depois que o senhor pagasse, comprava uma televisão. Aí sim, eu ia ser a mulher mais feliz do mundo.

JESUS – Eu sei, minha filha, eu também quero. Mas as coisas não estão boas não.

DÓ – Zequinha não disse que ia mandar dinheiro pro senhor?

JESUS – Disse, mas isso é quando ele estiver ganhando bem, quando Roberto Carlos gravar as músicas dele.

DÓ – Ah, pai... Quem sabe ele já não gravou?

JESUS – É, quem sabe...

DÓ – Compre o rádio, pai. Aí, num instante, a gente vai saber. Já pensou a gente ouvindo as músicas de Zequinha? A coitada da mãe ia ficar tão contente...

JESUS – Se ele fizesse pelo menos por dois mil.

DÓ – Converse com ele. Quem sabe ele não faz?

JESUS – Eu não sei não, minha filha, eu tenho medo de não poder pagar. Nunca mais a gente teve pássaro que prestasse. Isso aqui era uma verdadeira sinfonia, era canto de pássaros de toda qualidade. Agora não. Veja: um sábio magro, dois embo-la-bosta, um galo de campina desbotado e esse João Pobre.

DÓ – Por que o senhor não vende o seu canário?

JESUS – O Pingo de Ouro? Não, ele é como se fosse um filho. Esse eu não vendo por dinheiro nenhum, o bichinho é tão cantador...

DÓ – É por causa do tempo, pai. Mas vai melhorar. Quando o inverno chegar, os pássaros vão voltar.

JESUS – O seu sonho é um rádio, não é minha filha?

DÓ – É, pai.

JESUS – Eu vou conversar com Seu Elias...

DÓ – Vá pai, vá mesmo!

JESUS – Eu vou, tome conta aí direitinho que eu volto já. (*sai*)

Entram vários meninos fazendo barulho.

TODOS – Ei, olha os pássaros! (*partem para ela*)

MENINO 1 – Eu quero um concriz!

DÓ (*amedrontada*) – Não tem.

MENINO 2 – Eu quero um bem-te-vi!

DÓ – Também não tem.

MENINO 3 – Que bicho é esse?

DÓ – Um galo de campina, tá vendo não?

TODOS – Nossa, que bicho feio!

MENINO 1 – Sai! Que pássaro pobre!

MENINO 2 – Que pássaro sujo!

MENINO 3 – Que pássaro velho!

DÓ (*grita*) – Vão tomar banho!

MENINO 1 – E isso canta?

MENINO 2 – Ah, não tem pintassilgo!

MENINO 3 – Não tem pica-pau!

MENINO 1 – Não tem asa branca!

MENINO 2 – Não tem cardeal!

MENINO 3 – Não tem canção!

TODOS – Não tem pardal!

DÓ (*furiosa*) – Vão pro inferno!

MENINO 1 – E só tem isso aí? (*Dó vira o rosto*) Nossa, que menina chata!

TODOS – Que menina feia! Que menina suja! Brocoió!

DÓ – Vão tomar no cu!

Corte de luz. Sábado à noite. Jesus é só felicidade com o rádio colado ao ouvido e toda a família em volta, menos Guió. Lelé entra acariciando a galinha.

JESUS – Ô meu filho, largue essa galinha.

LELÉ – Deixe pai, o que é que tem? Ela não está tão quietinha? (*acariciando-a*) Não é, Dú? (*tempo*) Pai, conta uma adivinhação.

JESUS – Agora não, meu filho, estou ouvindo o rádio.

LELÉ – A noite tá cheia de vaga-lumes, pai. O senhor já viu? (*Jesus continua ligado no rádio*) Pai, quantos vaga-lumes têm na serra?

JESUS – Sei não, meu filho. Têm muitos.

LELÉ – Por que a gente não pega vaga-lumes pra vender na feira, pai? Eles são tão bonitos. (*olha para o céu*) Será que têm uns cem, pai? Ou um milhão?

JESUS (*levanta-se*) – Vá contar, meu filho, vá! Dê uma voltinha por aí e conte... Depois você vem me dizer quantos têm. Vá! Vá!

Guió entra e, ao ver Lelé com a galinha, olha para ele com cara feia. O menino sai.

GUIÓ – Jesus, quer comer alguma coisa? (*ele balança a cabeça que não*) Nem um copo de leite?

JESUS – Guió, tu não estás vendo que eu estou ouvindo o rádio!

GUIÓ – Jesus, eu tenho uma coisa pra te dizer, mas não sei se devo.

JESUS – É boa ou ruim?

GUIÓ – Ruim!

JESUS – Então não diz.

GUIÓ – Mas você precisa saber.

JESUS – Então conta.

GUIÓ – É sobre o Zequinha.

JESUS – Vai Guió, desembucha logo!

GUIÓ – Sabe o que é? Eu soube que ele está de namoro com uma neta da velha Joana. Uma que mora no Rio de Janeiro.

JESUS – E o que é que tem isso, Guió? Pior seria se ele estivesse namorando o filho dela!

GUIÓ – E você sabe quem é a moça? É filha daquela... da tal da Margarida.

JESUS – E daí?

GUIÓ – É filha de uma prostituta!

JESUS – E o que é que a moça tem a ver com isso, Guió?

GUIÓ – Filho de peixe, peixinho é! Eu não quero esse namoro, não dá certo. (*mostra uma carta*) Já escrevi pra ele contando quem é a mãe dela

JESUS – Guió, bate na boca três vezes, mulher, e vê o rabo de saia que tu tem dentro de casa!

LELÉ (*entra contente*) – Pai! Pai!

JESUS – O que é, menino?

LELÉ – Eu já contei, pai! São mais de cem...

JESUS – O quê, menino?

LELÉ – Os vaga-lumes!

A FAMÍLIA (*canta. Um a um, abrindo e fechando as gaiolas*) – Ê, vem à noite e os vaga-lumes piscam lá na serra / ê, ê, vem à noite, as estrelas me beliscam e pede amor / juro que acende um coração, como clarão de fogueira / acende as noites de São João / tic-tic-tac vaga-lumes lá na serra / tic-tic-tac bate o meu coração, ôôôô / quero teu corpo me aquecendo de calor, morena / mas amanhã me belisque outra vez, por favor.

A luz vai caindo, enquanto eles formam uma fotografia. Todos de gaiola nas mãos, em volta de Guió e Jesus. Estão sérios, apenas Guió tem o sorriso da fotografia. Escuro. Rio de Janeiro, alojamento de obra, em Bonsucesso.

LULA (*com uma carta na mão*) – Bom Cabelo! Ô, Bom Cabelo... (*ele aparece*) Carta de Caruaru e é da tua mãe. (*entrega*)

Zequinha abre a carta que é lida pelos três, ele, Perna e Lula em pontos diferentes, porém com o mesmo tom de amargura.

ZEQUINHA – Meu filho, faz quinze dias que não te escrevo... É que andei meio adoentada. O teu pai também tá gripado, cheio de catarro, de uma chuva que pegou na procissão de Nossa Senhora das Dores. Meu filho, uma pessoa me disse que você tem uma namorada e que é coisa séria...

LULA (*foco nele, com a carta na mão*) – Meu filho, é muito cedo para você ter um compromisso.

PERNA (*noutro foco e também com a carta*) – Seu pai conversou comigo e também pensa da mesma maneira...

ZEQUINHA – Você ainda é muito moço e a vida está muito difícil...

ZEQUINHA / LULA / PERNA – Ouça o conselho de sua mãe!

LULA – Eu conheço essa moça. Ela não serve para você porque a mãe dela é uma mulher da vida...

ZEQUINHA – Meu filho, essa notícia foi um choque muito grande para mim...

PERNA – Seu pai quase morre de desgosto...

ZEQUINHA – Mas eu tenho fé em Deus que esse namoro há de ser coisa passageira...

LULA – O Lelé, agora, é que é levado...

PERNA – O Neneca vai mesmo para o seminário...

ZEQUINHA – A Dó, coitada, continua com aquele “incômodo”. Que Deus te abençoe! Da tua mãe, Guió. (*ele amassa a carta e joga para o alto. Respira forte e ergue a carteira de trabalho*) Bom dia, Rio de Janeiro! Em frente, Bom Cabelo, hoje você consegue!

Vai à luta e depara-se com um grupo de trabalhadores revoltados e marchando.

TRABALHADORES (*cantando*) – Não há vaga / não há vaga / não tem vaga por aqui / tem gente demais neste lugar / vaga, vagabundo, por aí / vê se não enche, vai pra lá / não há vaga pra cachimbo / não há vaga pra servente / não há vaga pra pedreiro / não há vaga pra pingente / não há vaga por aqui / tem gente demais nesse lugar / não há vaga, não há vaga!

ZEQUINHA (*com a carteira na mão*) – Doutor ...

PATRÃO 1 – O que o senhor quer?

ZEQUINHA – Eu sou encarregado...

PATRÃO 1 – Ah, isso é com o Delgado, mas vaga não há! (*empurra-o*)

ZEQUINHA (*vai a outro*) – Por favor...

PATRÃO 2 – Volte amanhã!

ZEQUINHA (*corre a outro*) – Moço...

PATRÃO 3 – Venha depois de amanhã...

Todos marchando e repetindo o “Não há vaga! Não há vaga! Não há vaga!”.

ZEQUINHA (*grita*) – Eu não sou biscateiro, nem sou roceiro, não sou coveiro, sou operário qualificado! Está aqui na minha carteira: eu sou encarregado...

PATRÕES E TRABALHADORES (*partem para ele, cantando*) – Não há vaga pra ferreiro / nem pra marceneiro / já temos cozinheiro / e marteleteiro / desocupa o canteiro / vai pra outro lugar!

Passam por cima de Zequinha repetindo o refrão. Corte de luz. Zequinha, humilhado, enche a cara de cachaça e cai.

ZEQUINHA (*bêbado, com uma garrafa na mão, cantando*) – “Só deixo o meu Caruaru / no último pau de arara”.

DR. HÉRCULES (*chocado*) – Mas como é? Não é possível uma coisa dessas! Onde está o apontador que não vê isso? Seu Perna, Seu Pernambuco!!

PERNA (*entra correndo*) – Pois não, doutor...

DR. HÉRCULES – Seu Perna, desconte quatro horas do seu Zequinha!

PERNA (*vê Zequinha caído*) – Do Bom Cabelo, doutor? Mas o que foi que ele fez?

DR. HÉRCULES – Bebeu em serviço e abandonou o rompedor! (*sai*)

PERNA – Mas doutor...

DR. HÉRCULES (*volta-se*) – E se ele achar ruim: rua! Mande ele pra puta que pariu! (*sai furioso*)

PERNA (*vai atrás*) – Doutor Hércules... (*volta chateado*)

ZEQUINHA (*cantando*) – “No último pau de arara”...

PERNA – Pôrra, Bom Cabelo, que merda!

ZEQUINHA – Perna, meu irmão, isso aqui é o um cu, é o cu do mundo esta pôrra!

PERNA – Que sujeira, meu irmão.

ZEQUINHA – Perna, me ensina o caminho de volta... Me ensina, Perna, que eu vou voltar agora mesmo pra Caruaru... A pé!

PERNA – Tu vais é tomar um banho frio...

ZEQUINHA – Eu não estou cagado pra tomar banho!

PERNA – O Dr. Hércules viu tudo.

ZEQUINHA – Ele também é cu, e é cu de mãe Joana!

PERNA – Vamos lá, Bom Cabelo, antes que se dê uma merda maior.

ZEQUINHA – Perna, tu é ou não é meu amigo?

PERNA – Sou Bom Cabelo, sou.

ZEQUINHA – Então me diz, Perna, isso aqui é ou não é um cu?

PERNA – É, Bom Cabelo, é... Ih, lá vem o engenheiro!

ZEQUINHA – Engenheiro de cu é rola!

A luz cai. Inverno de 1979. Dó acende um candeeiro e ilumina Neneca e Guió. Ele com uma maleta e a mãe com lápis e papel na mão. Os três contam a tristeza desses dias de inverno numa carta para Zequinha.

GUIÓ / NENECA / DÓ (*cantando uma canção de amargura*) – Caruaru, inverno de setenta e nove / meu filho, aqui tanto chove / que não dá mais plantação / o teu pai já não tem mais apetite / o Lelé está com bronquite / e eu sofro de solidão / o Neneca vai pro seminário / a Dó fez aniversário / mas a gente nem lembrou / lembra daquela flor amarela / que no jarro da janela / um dia você plantou?

(*os dois fazem coro enquanto Guió fala*)

GUIÓ – Pois bem, no dia em que você partiu ela não resistiu, deu um suspiro e murchou. É com saudades que eu estou me despedindo, pois seu pai está tossindo e me pedindo um lençol. Toda noite ele reza uma oração e canta aquela canção que fala do rouxinol. Meu filho, tenha cuidado com a saúde... Que Deus do céu te ajude! Da tua mãe, Guió.

Neneca vai até a rede onde Jesus cochila abraçado à gaiola.

NENECA – Pai.

JESUS (*desperta*) – Quer dizer que você vai mesmo?

NENECA – Vou pai, está dentro de mim. É sina, estrela... Sei lá, é uma força estranha que me chama... à vida.

JESUS – Então vá, meu filho, e se não for como você imagina, lembre-se: esta é a sua casa.

NENECA – À benção, pai.

JESUS – Deus te abençoe, meu filho.

NENECA – À benção, mãe.

GUIÓ – Ah, eu ia me esquecendo... Eu preparei uma coisa pra você levar. (*sai*)

NENECA – Mãe...

DÓ – Neneca, não esqueça o que lhe pedi.

NENECA – Esqueço não, Dó. O meu retrato, não é?

DÓ – De batina.

NENECA – Eu mando. Lá eu vou aprender canto gregoriano, pai.

JESUS – E latim?

NENECA – Também.

DÓ – E você já não sabe latim?

NENECA – Sei nada, Dó, só algumas coisas que o Padre Othon me ensinou.

JESUS – Neneca, eu posso te pedir uma coisa?

NENECA – Claro pai, o que o senhor quiser.

JESUS – Canta uma música pra mim.

NENECA – Já sei. Aquela do rouxinol?

JESUS – Não, essa agora não. Eu quero ouvir aquela *Ave Maria* da Igreja.

DÓ – Canta Neneca, canta.

Neneca canta a “Ave Maria” de Gounod e Bach em latim. No auge da música, Guió entra interrompendo.

GUIÓ – Eu vou botar aqui na maleta, empezinho pra não derramar!

Jesus, irritado, joga a gaiola no chão. Guió coloca um vidro de doce na maleta de Neneca.

NENECA – E o que é isso, mãe?

GUIÓ – É um docinho que eu fiz pra você levar. É de jabuticaba.

NENECA – Mas mãe, não precisava não... Bom, eu vou indo.

GUIÓ – Meu filho...

NENECA – Sem despedida, mãe... Tchau! (*vai saindo*)

GUIÓ (*emocionada*) – Como ele é sensível...

JESUS (*grita*) – Neneca, o que é o que é: nasce no mato, no mato se cria, morre de parto na primeira cria? (*Neneca para, olha para o pai, ri e sai*) É bananeira!

A luz desaparece. No meio da noite, no escuro da alma, Dó se encontra com Biu de Dôra debaixo do cajueiro.

BIU DE DÔRA (*chega de mansinho*) – Você está chorando?

DÓ – Não, estou triste.

BIU DE DÔRA – Por que?

DÓ – É mais um irmão meu que se vai.

BIU DE DÔRA – Vai ser bom pra ele, Dó, é bom partir.

DÓ – Você também não gosta daqui, não é?

BIU DE DÔRA – E quem gosta, Dó?

DÓ – Ah, eu... Pai...

BIU DE DÔRA – Aí é diferente, Dó.

DÓ – Você também vai embora?

BIU DE DÔRA – Vou, Dó. Se você for comigo.

DÓ – Primeiro a gente casa.

BIU DE DÔRA – A gente casa, Dó... A gente casa.

Olham-se demoradamente e se beijam. Lelé surge na hora.

LELÉ – Hum, bichinha, vou dizer a mãe...

Biu corre atrás dele e Dó fica parada. Dalvinha surge por trás dela.

DALVINHA (*baixinho*) – Dó!

DÓ (*assustada*) – O que é isso, mulher? Eu pensei que fosse uma assombração! Tu tava brechando, num foi Dalvinha?

DALVINHA – Eu? Repara... (*curiosa*) Como é que foi, me conta?

DÓ – Eu tenho vergonha,

DALVINHA – Eita, mulher fresca da pôrra! Vergonha de quê? Eu não te conto todos os meus segredos? Conta logo, vai. Não confia, em mim, não é?

DÓ – Você promete que não fala pra ninguém?

DALVINHA – Juro. Pela alma da minha mãe!

DÓ (*envergonhada*) – Biu me pediu uma coisa...

DALVINHA – Já sei... A tua mão?

DÓ – Pronto. A minha mão ele pede é ao meu pai.

DALVINHA – Um beijo? Foi isso, não foi? Ele pediu um beijo na boca.

DÓ – Deixa de ser tabacuda, mulher.

DALVINHA (*espantada*) – Será que é o que eu estou pensando? (*cochicha no ouvido dela*)

DÓ – É...

DALVINHA – E tu vai dar?

DÓ – Eu vou bem deixar pra terra comer!

A luz cai de vez. O Pão de Açúcar é Caruaru outra vez. O bondinho acaba de partir. Zequinha e Ceminha chegam atrasados. Entram correndo de mãos dadas.

ZEQUINHA – Olha lá, Ceminha! Lá vai o bondinho... Como ele é bonito...

CEMINHA – Todo domingo eu vinha aqui e encontrava sempre alguém de Caruaru.

ZEQUINHA – Eu também já encontrei muita gente de Caruaru por aqui. (*passa um fotógrafo*) Vamos tirar um retrato!

CEMINHA – Não.

ZEQUINHA – Ah! Por que?

CEMINHA – Porque eu não sou fotogênica...

ZEQUINHA – Vamos tirar, vamos... É uma lembrança.

CEMINHA – Já sei, você quer mandar pra sua mãe.

ZEQUINHA – Não. Ah! Você não quer, então deixa pra lá.

CEMINHA – Vamos no Cristo Redentor?

ZEQUINHA – Vamos.

Sai correndo, puxando Ceminha pelo braço. O Cristo Redentor recebe os dois de braços abertos. Eles misturam-se a um grupo de turistas que passa cantando uma marchinha.

TURISTAS (*todos fantasiados, tirando fotos e jogando confetes e serpentinas, cantam*) – Oh, Rio de Janeiro / beleza igual nunca se viu / oh, cidade bonita da pôrra / vai ter encantos assim / na puta que o pariu / oh, Rio...

Zequinha e Ceminha saem do grupo e ficam admirando o Cristo Redentor.

CEMINHA – Como ele é grande... Bate no céu.

ZEQUINHA – Eles deviam fazer um desse em Caruaru, ao lado da Igrejinha do Monte, ele ia ficar batendo palma a noite inteira.

CEMINHA – Por que batendo palma?

ZEQUINHA – Matando muriçoca.

CEMINHA (*apontando para o fotógrafo*) – Ih!

ZEQUINHA – O que foi?

CEMINHA – Aquele homem tirou um retrato da gente!

ZEQUINHA – Foi?

CEMINHA – Já que ele tirou eu vou buscar! *(os dois são envolvidos novamente pelo grupo de turistas)*

TURISTAS *(cantando)* – Oh, Rio de Janeiro / beleza igual nunca se viu / oh, cidade bonita da pôrra / vai ter encantos assim / na puta que o pariu / oh, Rio...

CEMINHA *(com a foto na mão)* – Como ficou linda! É a primeira vez que eu fico bonita em um retrato. *(Zequinha ri e vai saindo)* Pra onde você vai?

ZEQUINHA – Vou comprar pipoca, você quer?

CEMINHA – Não, eu quero uma fitinha daquelas de amarrar no braço.

ZEQUINHA – Vamos na feira de São Cristóvão?

CEMINHA *(ela para)* – Zequinha, me pede um presente!

ZEQUINHA – Um presente? Ah! Eu quero um chapéu de cowboy, daqueles que vende lá na feira de São Cristóvão.

CEMINHA – Eu compro. *(beijam-se e são abraçados e carregados pelos Turistas)*

TURISTAS *(cantando)* – Oh, Rio / Rio de Janeiro / és a cidade tesão / se não fosse a fome / a miséria e o ladrão / eu te guardava no meu coração / oh, Rio ...

(os turistas vão embora e os dois ficam sentados na calçada com um saco de pipoca na mão)

ZEQUINHA – Ih! Já é noite.

CEMINHA – Já? Eu nem notei.

ZEQUINHA – Como o dia passou rápido...

CEMINHA – Foi. Zequinha, hoje foi o dia mais feliz da minha vida!

ZEQUINHA *(contente)* – Que bom...

CEMINHA – Eu não quero te perder nunca.

ZEQUINHA – Nem eu.

CEMINHA – Sabe, eu estou apaixonada...

ZEQUINHA *(aproxima-se)* – Ceminha, que bonito... Eu também estou.

CEMINHA *(olho no olho)* – Perna me falou que você é poeta e que faz músicas lindas...

ZEQUINHA *(os olhos dele vibram)* – Foi? Que bom!

CEMINHA – Eu quero conhecer os seus versos e suas músicas também.

ZEQUINHA – Eu tenho um caderninho cheio de versos...

CEMINHA – É mesmo?

ZEQUINHA – É... Vamos buscar? Tá lá no alojamento.

CEMINHA – Não, tá tarde. Fica para outro dia.

ZEQUINHA – Ô Ceminha, vamos. Você não confia em mim, não é?

CEMINHA – Deixa de ser besta, Zequinha. Eu não confio é em mim.

Escurece. Roberto Carlos, o sonho. Zequinha canta no escuro uma de suas canções. Está no banho, enquanto Perna entra com um jornal na mão.

PERNA – Bom Cabelo! Ô Bom Cabelo! Cadê tu, pôrra?

ZEQUINHA – Tô aqui, Perna. Tô tomando banho.

PERNA (*mostrando o jornal*) – Bom Cabelo, adivinha?

ZEQUINHA (*eufórico*) – Já sei: é ele?

PERNA (*abre o jornal e mostra*) – Em carne e osso...

ZEQUINHA (*enrola-se numa toalha e sai*) – Roberto Carlos... (*emocionado, devora o jornal com os olhos*) E ele vai cantar aonde, Perna?

PERNA – Aí não diz não. Só fala que ele foi pros Estados Unidos gravar um disco e na volta é que se apresenta aqui no Rio de Janeiro.

ZEQUINHA (*sério*) – Eu acho que esse cara tá fugindo de mim.

LULA (*entra apressado*) – Bom Cabelo, ô meu irmão, faz um tempão que eu ando à tua procura... Dr. Hércules quer falar contigo.

ZEQUINHA – E o que foi que eu fiz, Lula?

LULA – Nada, meu irmão, é que surgiu uma boca aí e ele vai te colocar como encarregado!

ZEQUINHA – Verdade, Lula?

LULA – Claro, meu irmão!

PERNA – Agora vê se não faz outra merda daquela!

ZEQUINHA – Pôrra, até parece que vocês não me conhecem. (*brinca*) Chefe de turma é com o amarelinho aqui mesmo. Lula, eu não sei se já te falei, mas uma vez no Recife uma turma de trinta e seis homens...

A luz cai. Risos no escuro. Quando a luz volta, Jesus faz gaiola e conta histórias para Dó. Guió escreve para Zequinha.

DÓ – Essa história foi boa pai, conta outra.

JESUS – Outra? Então me responde: são vinte e cinco chiqueiros de bode, cada chiqueiro com vinte e cinco bodes, cada bode com vinte e cinco quilos, cada quilo vendido a vinte e cinco cruzeiros, quanto é que dá?

DÓ (*pensa*) – Ah! Essa é muito difícil, pai...

JESUS – É não, minha filha. Dá oitenta mil seiscentos e vinte e cinco cruzeiros.

DÓ – Ah, pai, eu não quero mais adivinhação não. Conte uma loa.

JESUS – Uma loa... (*pensa*) Ah! Eu vou contar a do velho: o sujeito quando envelhece quase tudo lhe embarça, chama a mulher, vai pra cama, passa a mão, beija e abraça, porém só faz duas coisas: soltar peido e achar graça.

Risos.

GUIÓ – Homem, tenha vergonha!

DÓ – Que besteira, mãe.

GUIÓ – Menina, tem cuidado com tua vida, acaba com esse assanhamento.

JESUS – Essa agora é bonita, ouçam: a galinha quando canta o seu canto me comove, três meses passa cantando e sem cantar passa nove, pois tem por obrigação de só cantar quando chove. (*imita uma galinha*) Có-có-có-ró-có!

LELÉ (*entra todo contente atrás da galinha*) – Ti-ti-ti-ti... (*ficam todos olhando para ele*) O que foi? Nunca me viram não, foi? (*sai apressado chamando a galinha*) Du... Du... Du!

GUIÓ – Sujeitinho sem vergonha! (*Dó e Jesus riem*) Dó, vai olhar se a água já esquentou. (*Dó sai*) Essa dor nas minhas pernas vai acabar me matando...

Jesus sai bocejando. Fica uma luz em Guió. Abre outro ponto em Zequinha, distante, lendo a carta, mas a voz é de Guió.

GUIÓ – Meu filho, fiquei mais aliviada com sua carta. A gripe aqui tem pegado todo mundo. Felizmente o seu pai está melhor, a gripe dele foi mais no nariz. A pessoa que me falou de sua namorada não foi pra mentir não; é uma senhora da minha inteira confiança, irmã de outra senhora que mora perto de você e lhe conhece muito. Agora estou mais contente. Sei que esse namoro não é nada sério, é só um passatempo. Tenha cuidado, meu filho. Você é pobre e o seu pai está velho. Para ele, a maior alegria da vida é ver você casado com uma moça direita, de família e eu também. Que Deus lhe abençoe! De sua mãe, Guió.

A luz desaparece. Zequinha fica na penumbra, até que toma coragem e sonha. Ele atravessa o palco e suspira para o infinito.

ZEQUINHA (*cantando com um olhar distante*) – Quando o vento sopra na ladeira / sinto o cheiro da poeira / que a lembrança traz no ar / pontas de saudades vivas / que o coração cativa / e pede a mente pra lembrar / vidas inquietas sucumbidas / asas e a vontade de voar / fardos de esperanças perdidas / que morreram adormecidas / no silêncio do meu mar.

Ceminha aparece trazendo um chapéu de cowboy. Simultaneamente surge Neneca, por trás dele, cantando.

NENECA (*cantando*) – Lembro o galopar do meu cavalo / minhas mãos cheias de calo / meu sotaque devagar / rugas perfiladas em um rosto / de um velho de bom gosto / que tentava me ensinar / rumo, passo-a-passo desta vida / o gosto e o mau gosto de viver / o lado da estrada paralela / que a felicidade nela / às vezes tenta se esconder.

Enquanto Neneca canta, Zequinha põe o chapéu e roda, segurando as mãos de Ceminha.

ZEQUINHA (*rodopiando com Ceminha*) – Essa canção eu ouvia sempre cantada pelo meu irmão. Ele canta como ninguém! Ele gosta dos meus versos, ele vive cada canção... É como se eu estivesse ouvindo a voz dele aqui, agora. (*vira-se e vê Neneca*)

ZEQUINHA / NENECA (*cantando*) – Pra não mais chorar / deixei meu Sertão / cansei de esperar / tamanho verão.

ZEQUINHA (*tenta segurar a mão dele, mas não consegue. Ainda cantando*) – Mas quando ainda escuto a asa branca / no meu corpo o sangue estanca / e a vontade é de chorar / pelas secas folhas desbotadas / pelo gado nas estradas / triste como a perguntar...

ZEQUINHA / NENECA (*felizes querendo tocar um no outro, cantando*) – Por onde andaria o verde pasto / que Deus pintava com a água do céu? / E a chuva cigana onde andaria / pra expulsar o amargo deste fel?

Entra toda a família com as gaiolas nas mãos e canta circundando os dois. Eles se abraçam, enquanto a família roda em volta deles de mãos dadas.

TODOS (*cantando*) – Quando a chuva cansada de perambular / pelo mundo voltar pro meu Sertão / vendo o gado pastando, na seca da mata / com pena chorar no meu Sertão / o riacho vazio / vencerá na tela do chicote / o zumbido da morte / que ronda o Sertão / o moleque sambudo / viverá o desejo / de acordar com o beijo / da chuva afagando / o meu Sertão / toda serena cigarra / no alto da serra / no pau que se agarra.

Vão saindo. Zequinha, feliz, acena para eles. Volta o foco da cama. Ele deita-se e dorme. A luz vai caindo lentamente. Dia 7 de setembro, no Rio de Janeiro. Ceminha chega no alojamento e encontra Zequinha dormindo com uma carta na mão. Ela puxa o papel e começa a ler.

ZEQUINHA (*despertando*) – Ceminha?

CEMINHA (*escondendo a carta*) – Oi...

ZEQUINHA – Faz tempo que você tá aqui?

CEMINHA – Não. Cheguei agora.

ZEQUINHA (*olhando para a mão dela*) – Carta de Caruaru.

CEMINHA (*sem jeito*) – É... Tava no chão.

ZEQUINHA – Você tem recebido carta da sua avó?

CEMINHA – Às vezes.

ZEQUINHA – Acho que você nem se lembra mais dela... Nem de Caruaru...

CEMINHA – Eu tinha 12 anos e Caruaru era bonita, tinha aquele rio, tinha procissão, tinha festa... Eu me lembro que a gente corria atrás do cavalo-marinho, do bumba-meu-boi, brincava de pastoril... Caruaru era infância e eu vivia Caruaru. Eu dormia e sonhava Caruaru. Um dia, quando acordei, estava aqui no Rio de Janeiro, para sempre. Minha mãe não quis que eu crescesse lá.

ZEQUINHA – Por que?

CEMINHA – Porque a cidade era pequena e ela tinha feito uma besteira.

ZEQUINHA – E o que foi que ela fez?

CEMINHA – Se deu a um homem que não a amava e acabou só. E uma mulher sozinha, numa cidade pequena, com uma filha para criar, não é bem vista.

ZEQUINHA – Então foi por isso que ela não quis que você crescesse lá?

CEMINHA – Foi. Ela era muito conhecida, todo mundo ficou sabendo disso.

ZEQUINHA – Que besteira!

CEMINHA – Minha avó foi quem sofreu mais.

ZEQUINHA – É ignorância demais pra um lugar só... (*vendo-a abatida*) Psiu! Ô menina, o que é isso? Vamos, levante a cabeça, olha pro céu! (*ela olha e fica rindo*) Do que você está rindo?

CEMINHA (*olhando o teto*) – O “céu” está sujo, cheio de casas de aranhas.

ZEQUINHA – Ih, é verdade! Isso aqui está precisando de uma faxina. Você me ajuda?

CEMINHA – Claro.

ZEQUINHA – Então vamos lá, você dá um jeito nessas camas que eu vou varrendo por aqui. Vamos deixar isso brilhando.

CEMINHA – Zequinha, qual é o seu signo?

ZEQUINHA – Libra. E o seu?

CEMINHA – Peixes, vinte de março.

ZEQUINHA – As pessoas de peixes são muito românticas.

CEMINHA – É verdade.

ZEQUINHA – Você acredita nisso?

CEMINHA – Não sei... Onde estão os meninos, Perna e Lula?

ZEQUINHA – Saíram por aí.

CEMINHA – O Perna lhe falou que está querendo ir embora?

ZEQUINHA – Não.

CEMINHA – Ele me falou hoje, lá na cantina.

ZEQUINHA – E ele disse porquê?

CEMINHA – Saudades. Ele disse que não está aguentando isso aqui.

ZEQUINHA – É saudade. (*cantando*) Oi mãe, ai que saudade de Caruaru / vim pro Rio de Janeiro / pra ganhar dinheiro / e acabei num buraco / feito um tatu...

Olham-se demoradamente.

CEMINHA (*tímida*) – E os meninos?

ZEQUINHA (*meio sacana*) – Ah, vão demorar! Eles foram pro forró... (*cantando baixinho*) Linda criança / me empresta o brilho / que existe em teu olhar...

Abraçam-se e beijam-se. Vão caindo lentamente na cama. A luz desaparece. O seminário, um calvário de luz. Guió, com uma carta na mão, furiosa.

GUIÓ – Jesus! Jesus! (*Jesus entra com Lelé e Dó*) Eu não disse! Eu não disse que esse menino estava ruim da cabeça!

JESUS – O que é que está acontecendo, Guió?

GUIÓ – Eu não lhe avisei que Neneca não estava bem da cabeça?

JESUS – E o que foi, Guió?

GUIÓ – Ele vai deixar o seminário!

DÓ – E ele vai deixar porquê, mãe”?

GUIÓ – E quem sabe o que aquele menino quer da vida!

LELÉ (*alegre*) – E ele vai voltar pra casa, é mãe?

GUIÓ – Não!

DÓ – E pra onde ele vai?

GUIÓ – E quem sabe? Vai sair pelo mundo feito um doido!

DÓ – Coitado do Neneca.

LELÉ – Era o sonho dele, não era, pai?

DÓ (*pega a carta*) – O que terá acontecido?

JESUS – Vai ver o seminário não era aquilo que ele esperava, ou quem sabe ele não tinha vocação pra ser padre.

GUIÓ – Eu sei qual a vocação dele... Cigano, isso sim! O menino não parava dentro de casa, só vivia na rua, parece que tinha um *côto* no rabo!

LELÉ – Aonde é que ele está agora, Dó? (*Dó pede silêncio para ler a carta*)

GUIÓ – Agora, o culpado de tudo isso é você!

JESUS – Eu? Por que eu, Guió?

GUIÓ – Porque você vivia paparicando demais aquele menino.

JESUS – O menino é meu filho, Guió, eu tratava ele como trato os outros: com carinho.

GUIÓ – E mau costume. Até boneca você dava pra ele brincar.

JESUS – E o que é que tem isso? Isso é coisa de criança, o menino era inocente.

GUIÓ – Menino tem que ser criado é na paulada, no cacete, pra aprender a ser gente! Pra aprender a ser homem!

JESUS – Deixa de ser burra, Guió, já se foi esse tempo... Dó, lê alto pra eu ouvir.

DÓ – Sim, pai... Ele diz aqui: “Hoje eu sei que essa não é minha vocação. Tudo aqui é muito triste. O seminário é solidão. Se eu continuar aqui por mais um dia, tenho certeza, vou morrer de tédio...”

A luz muda. Cai um foco em Neneca falando o resto da carta.

NENECA – Mesmo assim aprendi muita coisa. Aprendi que nada é inatingível quando se tem amor, por isso deixo o seminário feito criança, puro, e vou em busca do sonho que a humanidade tanto procura. Só assim eu posso ser feliz, tendo um grande, puro e verdadeiro amor. Deve existir um lugar, pai... Deve existir um alguém com quem eu possa contar. (*cantando*) Será que existe uma luz / será que existe um lugar / será que existe um alguém / com quem eu possa falar / que possa me entender / sem que eu precise implorar / sem que eu precise morrer / sem que eu precise chorar?

Neneca arranca a batina e fica nu. Crucifica-se num jato de luz, no fundo do palco. Uma tarde no Rio de Janeiro. Zequinha e Ceminha sentados na cama do alojamento.

ZEQUINHA (*cabisbaixo*) – Por que, Ceminha?

CEMINHA – Por que o quê?

ZEQUINHA – Por que você não me falou que não era mais virgem?

CEMINHA – Porque eu acho que isso não tem a menor importância.

ZEQUINHA – Como não tem? Eu quero me casar com você.

CEMINHA – E o que impede? Só porque eu tive outro homem? Se você quer saber: foi bonito, tão bonito quanto agora. E agora eu estou aqui com você.

ZEQUINHA – Isso só acontece comigo... Você não vai entender.

CEMINHA – Eu entendo, Zequinha. Eu entendo. Você não é diferente de homem nenhum! (*sai revoltada*)

ZEQUINHA (*vai atrás dela*) – Ceminha, espere... Ceminha! (*arrependido*) Eu te amo, pôrra!

Corte de luz. Dr. Hércules e Zequinha no canteiro de obra. O primeiro confere as cotas e passa mais trabalho para Zequinha.

ZEQUINHA – O senhor quer falar comigo, doutor?

DR. HÉRCULES – Ah! Quero sim, Seu Zequinha.

ZEQUINHA – Pois não, estou às suas ordens!

DR. HÉRCULES – Seu Zequinha, eu vou lhe entregar uma escavação de trezentos metros de comprimento. Aqui estão as cotas. (*passa para ele*) O senhor vai trabalhar com quarenta homens. Agora tem uma coisa, eu quero esse trecho pronto em dez dias.

ZEQUINHA – Mas com hora extra, né doutor?

DR. HÉRCULES – Não, senhor! No expediente normal. O senhor quer que eu perca o meu emprego?

ZEQUINHA – Mas doutor, sem hora extra é impossível. E se der couro de sapo?

DR. HÉRCULES – Para isso o senhor vai ter o equipamento necessário. Eu vou mandar dois compressores XA-80, três perfuratrizes e quatro TEX 40.

ZEQUINHA – Mesmo assim é pouco tempo, doutor.

DR. HÉRCULES – Aí é que entra seu mérito, Seu Zequinha, O senhor tem que dar duro nessa gente, essa é a sua função.

ZEQUINHA – Mas doutor, é trezentos metros!

DR. HÉRCULES – Para isso o senhor tem noventa horas!

ZEQUINHA – Mas doutor...

DR. HÉRCULES – Seu Zequinha, encarregados existem é para realizar grandes empreitadas no menor tempo possível. Ou o senhor não sabe disso?

ZEQUINHA – Claro que sei, doutor. Olhe, eu não sei se já lhe falei, mas uma vez, no Recife, uma turma de trinta e seis homens se revoltou...

DR. HÉRCULES – Seu Zequinha, estamos conversados! Amanhã cedo o senhor inicia e, lembre-se, duro... Tem que dar duro nessa gente, senão o senhor fica no lugar deles! (*sai*)

ZEQUINHA (*vai atrás*) – Doutor Hércules...

DR. HÉRCULES (*volta-se*) – Alguma dúvida?

ZEQUINHA (*com a carteira na mão*) – Minha carteira.

DR. HÉRCULES – O que é que tem a sua carteira?

ZEQUINHA – Para o senhor mandar classificar como encarregado.

DR. HÉRCULES – Ah, Seu Zequinha, foi bom o senhor falar. Eu ia me esquecendo: o senhor vai continuar classificado como marleteiro.

ZEQUINHA – Mas eu vou ser encarregado, doutor!

DR. HÉRCULES – Eu sei, por isso mesmo já providenciei umas horas extras para o senhor, umas gratificações... Deixe comigo, Seu Zequinha, me ajude que o senhor só tem a ganhar. Eu sei que o senhor é um bom moço e tem futuro! (*sai mancando*)

ZEQUINHA (*joga a carteira no chão*) – Futuro! Futuro, o caralho!

Lula e Perna vêm chegando e encontram Zequinha de cabeça baixa, batendo com a carteira de trabalho na palma da mão.

PERNA – Bom Cabelo, o Lula tá indo embora. (*silêncio*)

ZEQUINHA – Feliz aniversário, Lula.

LULA (*arrumando a mala*) – Ô, Bom Cabelo, eu tô indo pra Caruaru. Quer mandar alguma coisa pra tua mãe?

ZEQUINHA (*chateado*) – Não... Diz lá que eu enriquei.

LULA (*pega uma cartucheira com dois revólveres de brinquedo*) – Bom Cabelo, tu gosta delas né? (*entrega*) Toma, é tua.

PERNA – Aí, Roy Roger!

ZEQUINHA – Obrigado, Lula, obrigado, meu irmão. Lula, se tu vê pai, mostra pra ele aquela música nova que eu fiz, aquela que fala do passarinho.

LULA – Certo, meu irmão, é a primeira coisa que eu vou fazer quando chegar lá.

PERNA – Tu falasse com o Dr. Hércules, Bom Cabelo? (*ele não responde*)

LULA – Ô Bom Cabelo, que cara é essa? O que é que está acontecendo?

ZEQUINHA (*franco*) – E não é que eu estou apaixonado pela pôrra daquela mulher!

Corte de luz. Gaiolas de sangue. Dó e Biu de Dôra surgem por trás das gaiolas. Ele se ajeitando e ela amedrontada, ainda com os seios de fora. Chove muito.

DÓ – Ai, meu Deus, por que a gente fez isso?

BIU DE DÔRA – Porque é bom, Dó, é gostoso!

DÓ – Só por isso?

BIU DE DÔRA – Não, porque a gente se ama também. Ou você não gosta de mim?

DÓ – Você não devia ter feito isso comigo!

BIU DE DÔRA – Não foi eu, Dó, foi o fogo, foi essa paixão que queima dentro da gente! Foi o amor!

DÓ – Mas não era assim que eu queria!

BIU DE DÔRA – Mas aconteceu, Dó! E só é bom quando é assim, quando acontece sem a gente esperar.

DÓ – E agora, o que é eu vou dizer à minha mãe?

BIU DE DÔRA – Não diga nada.

DÓ – Mas...

BIU DE DÔRA – Sua mãe não vai entender, ela não sabe o que é o amor.

DÓ – E meu pai?

BIU DE DÔRA – Depois a gente conversa com ele. Ele vai entender, eu tenho certeza. Ah! Dó, por que tudo isso logo agora? Você não gostou, não foi? Responde, Dó! Você só fez isso por mim, não foi?

DÓ – Não, fiz porque queria também.

BIU DE DÔRA – Então me responde, Dó... Você gostou? Responde, Dó, não tenha vergonha não. Foi bom, não foi?

DÓ (*envergonhada*) – Foi...

BIU DE DÔRA – Muito?

DÓ – Demais... Eu já posso morrer!

BIU DE DÔRA – Me conta o que foi que você sentiu?

DÓ (*feliz*) – Ah! Eu tava na canoa, tava no carrossel de Seu Santino e, de repente, o mundo começou a rodar... E rodava, rodava, e eu fui perdendo o sentido, perdendo, perdendo...

BIU DE DÔRA (*vibra*) – Ah, Dó! (*abraça-a*) Veja, está chovendo lá fora e eu só de inveja fiz chover dentro de você. (*beijam-se*)

Escurece. O sonho de Zequinha vira pesadelo. Ele não consegue dormir com o barulho da britadeira. Mexe-se o tempo todo. A família aparece vestida de preto, feito urubus, cambaleando e sussurrando. Pulam em cima dele.

GUIÓ – Meu filho, tenho chorado muito. Seu pai já anda até desconfiado.

JESUS – Você escreve uma coisa e faz outra!

LELÉ – Você anda tomando banho de mar com ela!

NENECA – Você anda abraçado com ela na rua, como se fosse noiva oficial!

DÓ – Só falta a aliança!

GUIÓ – Meu filho, você quer se perder? Não está vendo que esse namoro não serve para você?

NENECA – Fiz uma promessa ao Bom Jesus do Monte e tenho fé que ele salvará você.

DÓ – Tá ouvindo?

GUIÓ – Meu filho, escrevo-lhe chorando com pena de sua sorte!

JESUS – Não queira mais saber daquela moça! Ela não serve para você!

LELÉ – Ela vai ser a sua desgraça!

GUIÓ – Da sua mãe...

TODOS – Guió! (*desaparecem*)

O barulho continua. Ele levanta-se molhado de suor, respira aliviado, tira a garrafa de cachaça debaixo da cama e dá uns goles.

ZEQUINHA – Vai te apaixonar, filho da puta! (*olha de lado e vê Ceminha parada olhando para ele*) Ceminha? O que é que você está fazendo aqui uma hora dessa?

CEMINHA – Eu não consegui dormir... (*vai até ele*) Vim aqui te dar um beijo.

ZEQUINHA – Você está brincando comigo?

CEMINHA – Não, é verdade. *(olham-se um longo tempo)*

ZEQUINHA *(cantando baixo)* – “Linda criança...”

CEMINHA *(cantando também)* – “Linda criança...” *(beijam-se)*

ZEQUINHA – Diz que me ama!

CEMINHA – Eu te amo!

ZEQUINHA *(um tempo)* – Eu não quero te ver nunca mais,

CEMINHA – Eu te amo! Eu te amo...

ZEQUINHA – Amor que machuca, que dói, eu não quero.

CEMINHA – Eu te amo! *(fica repetindo enquanto ele fala)*

ZEQUINHA – Eu vou sofrer muito! Não faça isso comigo, eu não quero te ver nunca mais! Eu vou te esquecer! Eu não quero te ver nunca mais! *(fecha os olhos por um tempo)* Repete que me ama! Eu quero ouvir... Diz que me ama!

PERNA – Bom Cabelo!

ZEQUINHA – Fala alto! Diz que me ama, pôrra!

PERNA – Bom Cabelo, para com isso! Enlouqueceu, foi?

Zequinha levanta-se sobressaltado, olha para os lados e não vê Ceminha, apenas Pernambuco que volta a dormir. Um pingo de ouro, um pingo de vida. Parou de chover. No silêncio da noite, a confissão de Jesus.

JESUS – Sabe Pingo de Ouro, eu vou lhe confessar uma coisa: de todos os meus filhos, sabe qual é o que eu gosto mais? Advinha! É de você. É, pode acreditar... Não, eu gosto dos outros também, gosto muito, mas é que eles crescem e quando eles ficam grandes vão embora! Você não viu o Neneca, Zequinha? Daqui a alguns dias vai ser o Lelé, a Dó... Eles crescem e vão embora e a gente acaba só. Você não, está sempre aqui comigo, me faz companhia, canta pra mim... Não é verdade? Ou será que é porque a porta da gaiola vive sempre fechada? Vamos, responda, se for por isso eu abro agora mesmo; não quero que ninguém viva ao meu lado por obrigação. Eu vou abrir a porta da gaiola, se esse for o seu desejo o céu é todo seu. *(abre a gaiola)* Vamos, a porta está aberta... *(tempo)* Eu sabia, eu sabia que você não ia me abandonar. Sabe, Pingo, a partir de agora a porta da gaiola vai ficar aberta, aberta para sempre!

Dó e Guió entram de repente.

GUIÓ – Ele agora deu pra falar sozinho, parece que está caducando.

JESUS – Guió, o que é o que é: altas torres, bonitas janelas, fecham-se todas sem ninguém tocar nelas!

GUIÓ (*pensa*) – Sei lá.

DÓ – Eu sei o que é, pai.

JESUS – Sabe, minha filha? Então diga.

DÓ – É os olhos, pai, quando se fecham!

JESUS – É... Acertou.

GUIÓ – O que é que você quer dizer com isso?

JESUS – Guió, vamos embora daqui.

GUIÓ – Ir pra onde, homem?

JESUS – Pra qualquer lugar, isso aqui já prestou.

GUIÓ – E você já viu árvore sem galho *dá* sombra?

JESUS (*pega a gaiola e vai saindo*) – Braços cruzados, olhos serenos, lágrimas que rolam em rostos pequenos...

GUIÓ – Parece que é maluco.

DÓ (*vai a ele*) – Pai, eu preciso falar com o senhor...

JESUS – Agora não, minha filha, eu estou muito cansado. (*sai*)

DÓ (*vai à Guió*) – Mãe, eu tenho uma coisa pra falar com a senhora.

GUIÓ – Deixa pra amanhã, Dó. Já é tarde e eu estou com sono. (*sai*)

DÓ – Eu ainda fujo daqui.

Cai a luz. Roberto Carlos, a ilusão. Perna tenta acalmar Zequinha, que está de pileque.

PERNA – Pra onde, Bom Cabelo? Pra onde tu vai, pôrra?

ZEQUINHA – Ora Perna, pra onde poderia ser? Pra Caruaru!

PERNA – E o que tu vai fazer lá?

ZEQUINHA – Qualquer coisa, meu irmão... Plantar batata, escovar *pinico*, aqui é que eu não fico! Isso é lugar de veado, esse caralho!

PERNA – Mas logo agora que tu estás como encarregado?

ZEQUINHA – De que serve, ganhando como marteleteiro?

PERNA – Isso é assim mesmo. É o começo, mas vai melhorar,

ZEQUINHA – Perna, há quanto tempo tu estás aqui, me diz?

PERNA – Seis anos.

ZEQUINHA – Já melhorou alguma vez, já? Me diz? Melhorou? (*tempo*) Nós nunca vamos passar disso, Perna... Tu não visse o Lula, dez anos, e o que foi que ele levou daqui, me diz? Nem o sotaque!

PERNA – E Roberto Carlos?

ZEQUINHA – O que é isso? Roberto Carlos não existe, Perna, isso foi um sonho, uma ilusão, foi fantasia da minha cabeça! Hum, Roberto Carlos... Roberto Carlos é foto de revista!

Corte de luz. A última carta. Sob à luz do candeeiro, Guió, indignada, lê a última carta que escreve para Zequinha.

GUIÓ – Meu filho, está é a última carta que te escrevo. O teu pai não tem comido quase nada, anda com um aperto no coração que é de fazer pena. Tem sido um aperreio muito grande. Não sei como estou aguentando. Ele descobriu tudo! Vinha sofrendo calado, há muito tempo, sem dizer nada.

LELÉ (*entra triste e abatido*) – Mãe...

GUIÓ – Psiu... Hoje, quando tua carta chegou, ele me pediu para ler. Quando acabei, ele disse: quase que fiquei bom, Guió! Uma coisa me dizia que nesta carta Zequinha mandava me dizer que tinha esquecido daquela sirigaita.

Jesus entra e Lelé corre até ele.

LELÉ – Pai...

GUIÓ – Faz silêncio, menino, não estás vendo que eu estou escrevendo! (*continuando*) Meu Filho, tive tanta pena do teu pai, coitado, foi o maior desgosto da vida dele. (*Jesus olha para Lelé surpreso*) E agora ele está entre a vida e a morte, meu filho! Entrego a sina dele em tuas mãos... (*Jesus vai a ela*)

LELÉ (*grita*) – Pai, a Dó foi embora.

JESUS (*não dá atenção*) – O que é isso que você está escrevendo aí?

LELÉ (*agitado*) – Mãe! Pai! A Dó foi *simbora*. Ela fugiu com Biu de Dôra! (*sai correndo quase chorando*)

GUIÓ (*chocada*) – Meu Deus do céu!

Noite no Rio de Janeiro. Ceminha varre o refeitório. Zequinha entra embriagado.

ZEQUINHA – Oi... (*ela para, olha para ele e continua varrendo*) Eu vou embora.

CEMINHA – Pra onde?

ZEQUINHA – Vou voltar para Caruaru. Vim aqui só me despedir de você. (*olham-se*) Vamos comigo?

CEMINHA – Você sabe que eu não posso.

ZEQUINHA – Eu pensei que nós nos amávamos muito.

CEMINHA – Disso eu não tenho a menor dúvida.

ZEQUINHA – E então, Ceminha? Se a gente se gosta, por que não podemos ficar juntos?

CEMINHA – O nosso amor é impossível.

ZEQUINHA – Mas impossível porquê? (*segurando-a*) Olhe pra mim, Ceminha... Por favor!

Ela para de varrer e passa o pano no chão.

CEMINHA – Você bebeu, não foi?

ZEQUINHA – Não muda de assunto, Ceminha... Por favor.

CEMINHA (*um tempo*) – Eu recebi uma carta de Caruaru.

ZEQUINHA – E daí?

CEMINHA – Da minha avó.

ZEQUINHA – E o que é que tem a sua avó? Ela morreu foi?

CEMINHA – Credo, Zequinha! Vira essa boca pra lá! (*tempo*) Ela mandou me contar tudo.

ZEQUINHA – Tudo o quê? Ceminha? Tudo o quê?

CEMINHA – Tudo ora, tudo! Que sua mãe me odeia, que ela não quer nem ouvir falar no meu nome, que ela não quer o namoro da gente... Sabe o que foi que ela disse à minha vó?

ZEQUINHA – Não.

CEMINHA – Que prefere mil vezes a morte do que ver o filho dela casado com a filha de uma prostituta.

ZEQUINHA – Mas eu te amo, Ceminha. E isso é o que importa.

CEMINHA – Eu não sou mais criança, Zequinha. Posso ser romântica, mas tola não. O fato de estar apaixonada não quer dizer que eu tenha que acreditar em príncipes.

ZEQUINHA (*vai até ela*) – Não fale assim...

CEMINHA – Sai Zequinha, me deixa limpar esse chão. Por que você faz isso comigo? Eu não sirvo pra você...

ZEQUINHA – Você está falando igualzinho à minha mãe...

CEMINHA – Por que você não arranja outra namorada? De preferência uma médica. Aí a sua mãe vai ficar muito feliz... Eu não posso negar que lhe amo, Zequinha. Eu aprendi muito com você. Você me ensinou a dizer: “Eu te amo”, coisa que eu tinha vergonha de falar. Mas a vida é muito diferente e nós temos que encará-la com os pés no chão. O amor só é bonito quando nos faz bem... E nós não podemos separá-lo da vida, do dia-dia. Você mexeu com a minha cabeça, eu cheguei a ter esperança de deixar isso aqui, essa nojeira! Mas quando penso, vejo que existem coisas mais sujas... Me deixa, Zequinha, aqui pelo menos eu não tenho medo de olhar para o chão.

ZEQUINHA – Olha pro céu, meu amor... (*segura a mão dela e canta*) Chega de olhar pra baixo / de ser um capacho / de ser omissão / quebra os pratos, deixa a pia / que essa agonia / não dá pé mais não / tudo isso só te arrasa / não varre essa casa / não lave esse chão / deixa a criança chorar / deixa o mundo falar / e pegue a minha mão! (*baixinho*) Vamos acabar com isso / que esse compromisso / mata uma paixão / deixa de olhar pra baixo / levanta a cabeça / vê a vida como passa / e cada dia aumenta / mais a tua dor / deixa o chão, levanta os olhos / amanhece / olha pro céu, meu amor!

A triste partida. Guió e Jesus estão prontos para a viagem. Lelé entra desesperado à procura da galinha.

LELÉ – Pai! Pai! Cadê Dú? (*Jesus baixa a cabeça com pena dele*) Mãe, cadê Dú? Onde está Dú, responde mãe?

GUIÓ – Que Dú é essa, menino?

LELÉ – A minha galinha...

JESUS – Lelé...

GUIÓ – Nós vendemos, vendemos tudo... Vamos embora daqui.

LELÉ – A senhora não podia ter feito isso, mãe! Ela era minha.

JESUS – Mas meu filho...

LELÉ – Por que o senhor deixou ela fazer isso, pai? O senhor sabia que eu gostava dela.

JESUS – Mas meu filho, nós vamos precisar de dinheiro para a viagem.

LELÉ – E por que o senhor não vendeu o seu canário?

GUIÓ – Pronto, era só o que faltava!

LELÉ – Eu não vou pra lugar nenhum! Daqui eu não saio. Vocês são ruins, não são os meus pais! Eu quero Dú! (*sai desesperado*) Dú! Dú!

A luz vai caindo. O Roy Roger de Bonsucesso. Zequinha, embriagado e vestido de cowboy, sai para a rua atirando a esmo com os dois revólveres de brinquedo.

ZEQUINHA – Vamos lá, Bom Cabelo! Rápido que os bandidos vão assaltar a diligência e raptar a mocinha! *(atirando)*

PERNA *(vem chegando)* – Aí, Roy Roger!

ZEQUINHA – Perna, eu preciso salvar a mocinha! Os bandidos mandaram avisar ao xerife que vão atacar a diligência. *(sai atirando)*

PERNA – Espere aí, Bom Cabelo! *(Zequinha volta-se)* Toma. *(mostra uma carta)*

ZEQUINHA – Quem mandou? Foi o xerife?

PERNA – Que xerife, Bom Cabelo! Foi a tua mãe. *(entrega)*

ZEQUINHA – Minha mãe? *(recebe o envelope, olha e pensa)* Mas eu não tenho mãe... *(rasga a carta e sai correndo, atirando)* A mocinha está em perigo, Perna! Só eu posso salvá-la!

PERNA *(vai atrás dele)* – Bom Cabelo, espera!

ZEQUINHA – Pode deixar, Perna! Eu sou o artista, meus revólveres nunca param de atirar... Eu vi no cinema!

PERNA – Bom Cabelo, caralho! Volta, pôrra! Cuidado com os carros!

ZEQUINHA – Cadê os bandidos, Perna? Cadê os homens que matam? *(continua atirando e correndo)*

PERNA – Espera, Bom Cabelo, cuidado! Olha o carro! *(ouve-se a sirene de uma ambulância)*

ZEQUINHA *(parte eufórico em direção ao veículo)* – Lá vem a diligência, Perna! Eu vou salvar a mocinha... *(ouve-se um grito e Bom Cabelo é jogado longe. Perna tenta socorrê-lo)* Perna, meu irmão, que filme é esse em que os bandidos levaram a melhor? A mocinha vai ficar indefesa... Perna, um dia ela me disse que estava apaixonada por mim.

PERNA *(segurando-o)* – É, ela me disse também.

ZEQUINHA – E eu de tolo... acreditei! *(silêncio)* Ah, Perna, se tu encontrar Roberto Carlos, pede desculpas a ele. Diz que não dá mais pra esperar... *(dá o último suspiro. Perna vê a carteira profissional dele no chão, apanha-a, depois de um tempo a joga fora)*

PERNA – Ele está olhando para o céu... *(fecha os olhos dele)*

A luz vai esmorecendo. A porta que não se fecha. Jesus e Guió se vestiram de branco para a partida. Ele calçou a alpargata de couro que comprou na feira. Ela está com uma sombrinha vermelha e uma maleta velha amarrada de corda.

GUIÓ – Você vai deixar a porta aberta?

JESUS – Ô Guió, não foi sempre assim?

Guió puxa a porta, tenta fechá-la, mas não consegue. Está emperrada, cravada no chão. Ela deixa o velho alpendre e fica na beira da calçada, enquanto espera Jesus.

GUIÓ (com saudade de Zequinha) – Se alguém nos escreve toda semana é porque gosta da gente; se passa algumas semanas sem escrever é porque está nos esquecendo; e se leva meses para escrever, pode ficar certo, já nos esqueceu. Se um ano depois esse alguém escreve, é porque está com remorsos ou então sente pena da gente.

JESUS (surge por trás dela) – O que restou de nós, Guió?

Um rasga mortalha canta no telhado da casa. Jesus assiste à morte de Lelé. Ele morreu no meio da tarde, no momento em que um relâmpago cortava o céu e vieram os trovões.

LELÉ (enrola um pano branco no pescoço e joga no cajueiro) – Vi os fantasmas da minha infância soltos dentro de meu quarto e eu brinquei com eles. Vi a minha adolescência transformada em loucura e não me abati, eu conheci Deus e o Diabo também! Se eu conheci Deus, o Diabo e todos os fantasmas do mundo no universo da minha pouca existência, eu tenho o dever de saber o que eu quero! E eu sei o que não quero... porque são elas que criam os fantasmas que nos atormentam, que jogam a loucura de Deus e do Diabo dentro da gente. Por que não podemos gostar de uma árvore? De uma flor? De uma bola? Por que não podemos amar um animal? Eu vi todos os fantasmas e espíritos, eu vivi minha velhice na infância, eu conheci Deus e o Diabo e não tive medo, e não vai ser agora que eu vou ter medo de dizer que amo! E eu amo... Amo... Amo... Amo... Amo. Eu te amo, Dú!

Pula do cajueiro e fica pendurado no pano branco.

JESUS (fecha os olhos, respira fundo e canta com toda a amargura do mundo a canção que Zequinha fez para Lelé) – Sobe no céu um clarão / um facho de fogo, uma luz / vai, ó linda criança / que tanta estrela seduz / vai, meu menino, vai meu condor / vai perguntar a Jesus / o que é o amor. (Jesus coloca Lelé no colo, cobre com o pano branco e fica ninando) Se ele for pequenininho / uma rosa, um espinho / ou quem sabe / uma flor / vem me dizer, por favor / para que ao invés de morrer / eu possa viver de amor! (comovido) Meu Deus, será verdade? Existe isso... morrer de amor? (triste) Caruaru!!!

GUIÓ – Ah, saudade engraçada... (um longo tempo) Vamos embora, Jesus!

JESUS – Vai na frente, Guió. Eu já vou.

GUIÓ – Não demora. Já está quase na hora do carro passar. *(parte levando a maleta e a sombrinha vermelha)*

JESUS *(com a gaiola na mão)* – É, Pingo... Chegou a hora, a hora da minha via-sacra. Agora, veja você, aquele Jesus, grande e todo poderoso, passou o que passou, imagine essa lástima... Não, a minha cruz já carreguei. *(olha para o alto)* E não foi maneira, Senhor.. *(tempo)* Sabe, Pingo, eu não vou poder ir. Estou muito cansado, estou no fim... Não, não fique! Você vai! Você tem que ir... Senão quem vai cuidar de Guió? *(um tempo)* Vai, Pingo, já está na hora. Vai! Vai! *(o pássaro voa)* Cuida bem dela, Pingo! *(baixinho)* Diz que eu espero por ela no céu. *(silêncio)* Caruaru... Caruaru sou eu. *(deita-se e morre abraçado à gaiola)*

Jesus morreu feito um passarinho. Ficou deitado no meio da sala, olhando para o céu. Guió partiu e nem viu. Lula entra, pega a gaiola e senta junto dele.

LULA – Seu Jesus, Zequinha fez essa canção para o passarinho e pediu que eu cantasse para o senhor. *(cantando)* Linda criança / me empresta o brilho / que existe em teu olhar / para eu ver as cores / do passarinho / que me ensinou a cantar.

Entram Neneca, Zequinha, Dó, Biu de Dôra e Lelé. Um de cada vez, de gaiola na mão. Cantam com Lula.

TODOS *(cantando, com exceção de Guió e Jesus)* – Se ele é belo feito o dia / arco-íris cor do amor / por que então tanta maldade / na canção que me ensinou? / Linda criança / ai, se tu soubesse chorar / afogaria com o meu pranto / toda maldade que há. *(formam a fotografia e a melodia cresce)* Quem prendeu o passarinho / só porque ele é cantador / por favor, deixe ele embora / que eu canto pro senhor / quem prendeu o passarinho / por maldade ou por amor / por favor, abra a gaiola / que esse pássaro é voador.

Guió entra com uma gaiola e dentro dela, um passarinho. Ela fica no meio da fotografia.

GUIÓ *(enquanto a música vai baixando)* – O meu sonho era juntar todos numa fotografia. Não esqueço... Guardo esta foto sempre na memória. Hoje, não sei se está faltando alguém ou se está sobrando uma gaiola... *(vão saindo um a um, a fotografia se desfaz. Guió fica só)* Não, eu não quero saber se estou certa ou errada! Eu quero que me respondam: em que circo será representado o drama da minha vida! *(deixa a gaiola no meio da sala e sai)*

Um foco de luz vai esmorecendo sobre a gaiola e o passarinho começa a cantar.

- Fim -

CONCERTO PARA VIRGULINO SEM ORQUESTRA



Concerto Para Virgulino Sem Orquestra (1994),
pela Ópera Popular do Nordeste, no Recife
Texto e direção: Vital Santos
Foto: Taveira Júnior

CONCERTO PARA VIRGULINO SEM ORQUESTRA

Como juntar um sanguinário bandoleiro do Sertão com a figura pacificadora de Cristo? Teve gente que achou essa ideia um verdadeiro sacrilégio; outros a viram como a analogia perfeita de representação do aguerrido povo nordestino. *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra* – que título lindo, hem! – traz esse mote à cena, numa espécie de “Ópera cordel” ou “Balé popular”, como a intitulava um de seus autores, Vital Santos. Sim, pois a obra é uma criação dele em parceria com sua esposa na época, a também atriz Alcimar Vólia. O texto começou a ser escrito em 1972, mas só foi concluído em setembro de 1977, no Rio de Janeiro. No Recife, ganhou em 2º lugar o I Concurso Hermilo Borba Filho de Peças Teatrais, lançado em 1978 pelo Departamento de Teoria da Arte e Expressão Artística do Centro de Artes e Comunicação, da Universidade Federal de Pernambuco. O vencedor foi *Ilustríssimos Senhores*, auto de Natal da dupla Jairo Lima e Lúcio Lombardi.

As dramaturgias desse concurso, todas de autores e autoras apenas do Norte e Nordeste, deveriam ser inéditas nos palcos. Foram inscritas 25 obras, julgadas pelos artistas Janice Lôbo Hulak, Leda Alves, Marcus Siqueira, Germano Haiut e o professor de língua portuguesa, Sebastião Vila Nova. Lúcio Lombardi e Jairo Lima receberam 30 mil cruzeiros na época. Vital e Alcimar, no 2º lugar, ficaram com 20 mil cruzeiros, mas o curioso é que a obra, estranhamente, foi inscrita na competição como sendo apenas de Alcimar Vólia, na época uma estudante do curso de Comunicação Social da UFPE, “sendo esta a primeira peça de sua autoria” (PEÇA..., *Diário de Pernambuco*, 26 jan. 1979, p. B-8).

Na sequência, também somente assinada por ela, a mesma dramaturgia participou do IV Concurso Universitário de Peças Teatrais, do Serviço Nacional de Teatro (o edital, reforço, era específico para universitários), ainda em 1978, mas só foi indicada para leitura pública e talvez nem isso



*Concerto Para Virgulino
Sem Orquestra* (1994),
pela Ópera Popular do
Nordeste, no Recife
Texto e direção:
Vital Santos
Foto: Romero
Accioly/DP

tenha acontecido. Foram apenas 39 inscrições de todo o país, e quem levou a melhor foram os textos *Feijão Com Caruncho*, de Djair Cardoso da Silva, em 1º lugar; *Rolo Compressor*, de Renan Feghali, em 2º lugar; e *A Juventude*, de Avelino Sérgio Campos de Seixas, em 3º lugar, todos do Rio de Janeiro. Seus textos foram devidamente publicados pela instituição federal na *Coleção Prêmios Teatro Universitário 1978*. A comissão julgadora era formada por Cecil Thiré, Ecilda Ramos e Sérgio Britto, com presidência de Orlando Miranda.

Mas não é nada disso que consta na capa da versão datilografada de *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra* (SANTOS, 1977), agora registrada apenas como sendo de Vital Santos. Afinal, neste documento, ele afirma categoricamente que sua peça foi premiada naqueles dois concursos nacionais, além de ter ganho o Prêmio APCA, da Associação Paulista de Críticos de Arte, também em 1978. Pura invenção! Inclusive, todos os depoimentos que ele compila nas primeiras páginas, dos críticos Barbara Heliodora, Tânia Pacheco e Sábado Magaldi, além de Fernanda Montenegro e Plínio Marcos, acredito que eram fantasias da sua cabeça.

Digo isso porque perdi muito tempo em busca de comprovações reais desses comentários, seja por matérias na imprensa ou documentos guardados em seu acervo. Nada foi encontrado. Outro ponto a se destacar é a quantidade de deslizes gramaticais (marca da escrita do próprio Vital), o que denota que críticos conceituados como aqueles jamais escreveriam assim. Numa época ainda sem *Internet*, esses “louros e confetes” que Vital Santos jogava para si não causavam dano maior, mas se fossem hoje resultariam num processo jurídico, sem dúvida alguma. Para piorar, há ainda na abertura de sua dramaturgia uma frase de Hermilo Borba Filho que não consegui achar de onde foi retirada: “Esse é um dos mais belos textos que eu já li nos últimos tempos” (*Apud* SANTOS, 1977, s. p.), pois Hermilo faleceu em 1976, antes da conclusão definitiva da obra.

Há também um suposto comentário de Yan Michalski: “Deslumbrante. Não há outra palavra para definir a beleza estética e a maestria narrativa deste texto. É pura poesia”, com ele sendo classificado como “Membro da Comissão Julgadora do Concurso Nacional de Dramaturgia que premiou o texto” (*Apud* SANTOS, 1977, s. p.). Nem Yan Michalski estava naquela comissão – ressalto que o crítico fez elogios quando conheceu a obra no palco, no Rio de Janeiro, como veremos adiante –, nem o texto havia sido premiado pelo SNT em 1978.

No entanto, essa sua “declaração” foi reproduzida em matéria de capa no *Diário de Pernambuco* em 1994 (Cf. *Apud* MOURA, *Diário de Pernambuco*, 7 jul. 1994, p. D-1), quatro anos após a morte de Michalski, quando a peça estava para estrear no Recife. Independente de questões tão problemáticas, penso que Vital não necessitava de nada disso, pois seu talento e a sua obra se impunham por eles mesmos, sem ser preciso inventar tais chancelas de nomes conhecidos. São as contradições do nosso homenagemado e eu não podia omiti-las nesta publicação.

DISCUTINDO A IDEIA DO MITO COM ENFOQUE BRECHTIANO

Até à chegada deste livro, *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra* nunca antes havia sido publicada e na minha opinião resultou na mais bela encenação dele que pude assistir. Eu queria tanto ter participado dela como ator, ao ponto de insistir com algumas atrizes-produtoras para que me aceitassem



Concerto Para Virgulino Sem Orquestra (1994),
pela Ópera Popular do Nordeste, no Recife
Texto e direção: Vital Santos. Foto: Taveira Júnior

como substituto, caso precisassem. Não deu, mas o impacto da obra está na minha memória e no meu coração para sempre. Há canções que sei cantar até hoje. Perdi as contas de quantas vezes a vi, embasbacado pela beleza visual das frases ditas e cantadas em rima, das marcações dançadas, dos figurinos, dos cenários que avançavam em rampas de madeira para a plateia, dos inúmeros adereços (de sucata a muitos materiais recicláveis), ou seja, com todos os elementos escolhidos a dedo. Era um espetáculo de forte impacto auditivo e plástico, com um elenco numeroso cantando e se entregando ao máximo a um teatro físico, musical, poético e até irreverente. Há quem diga que havia certa histeria, um excesso de barulhos (os cajados ressoavam no piso de madeira com força), mas é inegável o seu poder encantatório. Tudo isso num perfil brechtiano, assumidamente provocativo, político e crítico.

Segundo Vital Santos, ao decidir contar a saga dos espoliados e retratar a história de Virgulino, que volta à terra para salvar o povo nordestino da fome, numa identificação com a figura de Jesus, ele quis atingir realmente a sensibilidade das plateias, “mostrando temas que falam diretamente de nossas raízes, através de uma estética mais apurada. Tem como objetivo, também, levar entretenimento ao público e, ao mesmo tempo, a oportunidade de fazê-lo refletir no tocante à nossa realidade” (JUSTIFICATIVA...,

Concerto Para Virgulino Sem Orquestra [Projeto], 1994, p. 5). Assim, após exatos dez anos afastado do palco, desde a montagem infantil de *Diana Pastora*, texto seu e de Alcimar Vólia, dirigido por ele junto ao Grupo Feira de Teatro Popular, em Caruaru, no ano de 1984, Vital retomava sua função como encenador em 1994, agora com um primeiro projeto totalmente desenvolvido no Recife. Eis como ele resumiu o enredo concebido:

A peça conta, em verso, a história de Jesus Cristo voltando à terra para salvar o povo da fome, da miséria e da violência. Ele volta na figura de Lampião, acompanhado de doze cangaceiros, não mais doze apóstolos. Tenta combater a corrupção dos poderosos, luta contra os exploradores do povo numa feira em Juazeiro, toma um porre de cachaça e chora suas mágoas na Serra do Araripe, revoltado com a situação de sua gente. Fica furioso com o panorama da seca que não tem fim, dança ciranda em noite de lua, ama Maria Bonita e é traído numa ceia, na casa do coiteiro Pedro Cândido, a pedido dos poderosos. (SANTOS, *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra* [Programa], 1994, s. p.)

No entanto, bem antes dessa trajetória, *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra* primeiro ganhou uma leitura dramática no Ciclo de Leituras de Peças Nordestinas Inéditas no Rio, na capital carioca, com sessões públicas na Comissão Pró-Índio (sic), no SESC Tijuca e na Livraria Muro, respectivamente nos dias 27, 29 e 30 de outubro de 1980. A direção era de Ivan Merlino. Enquanto encenação viva no palco, a primogênita foi a do pernambucano Luiz Mendonça, com estreia em 21 de março de 1981, pelo Grupo Cobras e Lagartos, no Teatro Glauce Rocha, também no Rio de Janeiro.

O texto, como no projeto da leitura dramática citado anteriormente, ainda foi devidamente creditado como sendo da dupla Vital Santos e Alcimar Vólia. No enorme elenco, entre outros nomes, Alda Abreu, Alexandre Vieira, Ana Beatriz Gemal, Dias José, Elias Perino, Joenette Costa, Jeferson Correia, Luiz Oliveira, Naísa Fernandes, Raul Orofino, Roberto Mars, Tânia de Abreu, Tânia Kukel, Vânia Lemos, Naira Fernandes, Sérgio Frias e Clei Oliveira. Os figurinos eram de Roberto Mars e Luiz Mendonça, com cenários em criação coletiva e direção musical do potiguar Mirabô Dantas.



Concerto Para Virgulino Sem Orquestra (1994),
pela Ópera Popular do Nordeste, no Recife
Texto e direção: Vital Santos. Fotos: Taveira Júnior

Esta primeira montagem sobreviveu menos de três meses, mas, pouco antes de sair de cartaz, chegou a comemorar a centésima exibição (na data 23 de maio de 1981, na sessão das 22 horas de um sábado). Na sequência, ainda foi levada ao Teatro Leopoldo Fróes, em Niterói/RJ, de 11 a 14 de junho de 1981. Apesar de não ter recebido uma avaliação mais completa, a peça foi muito bem recebida por certos críticos, ao ponto de Yan Michalski – sim, ele escreveu sobre, mas não devido a nenhum concurso – afirmar que a direção de Luiz Mendonça havia transformado a peça de Vital Santos e Alcimar Vólia “num dos mais bonitos e singelamente eficientes espetáculos em cartaz” (MICHALSKI, *Jornal do Brasil*, 22 mai. 1981, p. 9). Já Macksen Luiz indicava a peça para ser vista por ser “O estilo Luiz Mendonça – montagens pobres, uma visão social bem estruturada e um apelo a formas teatrais populares” (LUIZ, *Jornal do Brasil*, 24 abr. 1981, p. 7).

Impressiona, no entanto, a brutalidade do comentário de Wilson Rocha publicado na revista *Manchete*, talvez motivado por uma inegável aversão a espetáculos nordestinos na cena carioca e uma insatisfação nitidamente religiosa em ver o bandido Virgulino Ferreira da Silva amalgamado à figura

de Jesus Cristo na trama. O crítico, provavelmente indignado por reconhecer um cangaceiro com traços do filho de Deus, ressalta o que chama de “indigência mental” e a falta de talento e criatividade dos envolvidos, impulsionados, segundo ele, por uma ausência total de senso crítico (seria estético ou ético fundamentalista?):

Cordão azul, cordão encarnado, cirandinha, misticismo: em *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra*, de Alcimar Vólia e Vital Santos (Teatro Glauce Rocha, Rio), estamos diante de mais uma tentativa de Luiz Mendonça (diretor) em trazer ao *Sul Maravilha* as coisas do Nordeste. Para o espectador que não tenha medo do rótulo de *colonizado*, entretanto, este *Sem Orquestra* será apenas um espetáculo indigente em que a eterna garra juvenil só perderá para a imorredoura exploração do defunto Virgulino. Padecendo de qualquer dose de criatividade, *Sem Orquestra* não tem sequer o charme discreto das produções sem maiores recursos econômicos – pois sua indigência é acima de tudo mental. Naturalmente, os eternos paternalisadores destas *nordestadas* acharão algum charme em tanta pobreza, em tanta repetição do visto e revisto, classificando outros espetáculos como teatro do patrão, *teatrão*, *colonizado*, *sistema* e mais o que seja. Discussão irrelevante, na realidade. O mais espantoso em tudo isto é, já, não a falta de talento dos muitos implicados nestas *propostas*, mas sua absoluta ausência de senso crítico. Se houvesse um pouco mais de autocritica – pelo menos – quanto tempo não se economizaria... (CUNHA, *Manchete*, 11 abr. 1981, p. 52)

Pura xenofobia explícita. É uma pena que eu não tenha encontrado outros olhares críticos acessíveis da peça.

UM CRISTO VIRGULINO MESMO

Tendo como base a literatura de cordel, este auto nordestino rimado estabelece, de fato, paralelos entre a passagem de Jesus pela terra e a de Lampião pelo Nordeste. Após a primeira montagem de Luiz Mendonça no Rio de Janeiro, Vital só conseguiu concretizar a sua obra no palco em 1994, ao lançar a companhia Ópera Popular do Nordeste, junto a Fátima Aguiar,

Ana Montarroyos, Ana Cláudia Wanguestel, Romero Andrade, Telma Cunha e Galiana Brasil, atores e atrizes quase todos com larga experiência no mercado e cujo objetivo principal era “difundir a cultura nordestina e a valorização do autor nacional” (INTRODUÇÃO, *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra* [Projeto], 1994, p. 3). O texto – agora assinado somente por ele, sem maiores razões para o desaparecimento do nome de Alcimar Vólia (teria ela abdicado dessa autoria?) –, com direção do próprio dramaturgo e contando com a fundamental trilha sonora, preparação vocal e direção musical de Romero Andrade, com este também atuando e cantando como o protagonista Lampião, reuniu um verdadeiro batalhão de gente.

Somente em cena eram 18 atores-cantores e quatro músicos tocando ao vivo. Diversos ritmos regionais compunham o repertório de 35 músicas, desde maracatu, frevo, ciranda e baião, até o fado, trecho circense e canto gregoriano. Os quatro primeiros músicos foram Jorge Rodrigues, Mozart Correia, Pedro Eduardo e Verônica Lívia. Vera Porto seria uma das substitutas. A artista plástica Beth Gaudêncio assinou a belíssima direção de arte com muita estopa tingida em mais de 200 peças, tendo Beto dos Mamulengos confeccionado os bonecos e adereços. A camareira Ira Galdino respondia pelos tantos figurinos nos bastidores, ajudada pelos contrarregistas Mauricéa Cavalcanti e Williams Rocha, que tinham que lidar com uma infinidade de material, de estandartes a armas de brinquedo feitas com canos PVC e cavalos moldados em papel-jornal. Virgínia Brasil colaborava na produção executiva e a iluminação – outro destaque – foi criada e operada por Sérgio Caldas.

No elenco, Adelson Dornellas, Alberto Brigadeiro, Ana Cláudia Wanguestel, Ana Montarroyos, Beth Gaudêncio, Beto Nery, Carla Martins, Carmen Siqueira, Fátima Aguiar, Galiana Brasil, Manuela Filgueiras, Marijones Guedes, Mazinho Constantino, Normando Roberto Santos, Romero Andrade, Roberto César Amorim/César Nigro, Samuel Santos, Tatiana Azevedo e Telma Cunha. Em substituição, participaram também José Ramos (na pele de Lampião), Fabiana Karla, Sandra Rino, Freedom Cavalcanti e Eli Maria. O patrocínio era do próprio Vital e da Prefeitura de Caruaru, com apoio cultural do Bandepe. Por isso o lançamento primeiramente se deu na terra natal do dramaturgo, na terça-feira 17 de maio de 1994, no auditório da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru – FAFICA, dentro das comemorações do aniversário da cidade. O momento foi recheado de tensão, mas resultou em muitos aplausos e a certeza de que valia a pena continuar.



Concerto Para Virgulino Sem Orquestra (1994),
pela Ópera Popular do Nordeste, no Recife
Texto e direção: Vital Santos. Foto: Petrônio Lins/DP

Novas sessões ocorreram nos dias 18, 20 e 21 daquele mês. “Ver uma peça de Vital Santos é o trabalho de um gênio, um homem que arrasta aplausos, elogios, admiração e respeito por onde quer que vá” (LEITE, *Vanguarda*, 14 a 22 mai. 1994, p. 11), garantiu antecipadamente a jornalista Lucivanda Leite, na Capital do Agreste. No Recife, a jornalista e crítica Ivana Moura anunciou desta forma o retorno triunfal dele à cena:

Vital Santos escreveu *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra* em 1972, tempos áureos de opressão. Sua sede de denúncia social percorria o caminho do texto unido à música [...], trilhando as manifestações populares, até chegar a uma insubordinação cujo centro é a própria poesia. [...] Escrita em versos, o autor e diretor transforma Virgulino em Jesus Cristo, que volta à terra para salvar seu povo da miséria e da fome, da violência e da aridez espiritual. Este Lampião chega acompanhado por 12 fiéis servidores, não mais apóstolos e sim 12 cangaceiros dispostos a fazer justiça com as próprias mãos. [...] A encenação reafirma o compromisso de Vital Santos com um teatro social, calcado numa estética regional para discutir questões universais. [...] A partir

do formato da literatura de cordel, Vital Santos aproxima e confunde os “mitos” de Lampião e Jesus Cristo. Para o encenador, a mistura e o elo partem do pressuposto que ambos foram verdadeiros paladinos da justiça. Um seguindo o poder do verbo e o outro das armas. Além dessa leitura [...], ele quer ressaltar a traição de que ambos foram vítimas, como também aproximar a lupa dos Judas do dia a dia. Esse líder, que ama Maria Bonita, que toma porre de cachaça numa feira nordestina, também sente o peso da batalha, revolta-se e chora. Mas não foge da raia, mesmo que o preço a ser pago seja a própria vida. [...] Sua personalidade controvertida aparece nesta montagem com uma áurea próxima dessa gente da região. O percurso dessa encarnação de Cristo sobre a terra, na figura do rei do cangaço, está marcado pelas danças populares do Nordeste, como forró, ciranda, maracatu e outros ritmos para traçar a peleja deste herói. (MOURA, *Diário de Pernambuco*, 7 jul. 1994, p. D-1)

NA RESISTÊNCIA DE UM TEATRO POLÍTICO

A estreia no Recife aconteceu somente para convidados, na quinta-feira 7 de julho de 1994, quando Virgulino Ferreira da Silva, se vivo estivesse, completaria 97 anos, seguindo o que afirma o seu registro civil. A data passou também a ser o Dia Estadual do Xaxado a partir de um Projeto de Lei do deputado estadual Luciano Duque, natural de Serra Talhada, terra de Lampião. Dois críticos teatrais, João Luiz Vieira, do *Jornal do Commercio*, e Ivana Moura, do *Diário de Pernambuco*, cobriram o lançamento dessa nova e aguardada encenação de Vital, mas com olhares diametralmente opostos. A primeira crítica registrada é, ao meu ver, um retrato muito mais fiel do que podíamos encontrar em cena, desde que a recepção não fosse marcada por ranços ao teatro nordestino. Ivana ressalta no seu cirúrgico texto a força da crítica social crua, proposta numa denúncia tensa, mas concentrada também na poeticidade:

Os seres privilegiados a verem a primeira récita no Recife entraram em comunhão com o espetáculo, aplaudindo várias vezes em cena aberta. A peça, escrita em 1972, mantém viva sua atualidade num país onde as mudanças sociais acontecem

muito lentamente, quando realmente existem. Ao aprofundar na esfera social, *Concerto Para Virgulino* distancia-se da ingenuidade lúdica de *Olha Pro Céu*, *Meu Amor* ou do jogo de emoções cientificamente estudado de *Auto das Sete Luas de Barro*. [...] Ao abandonar, momentaneamente, referências do teatro mais lírico, Vital Santos mergulha nas alusões regionais que a própria temática exige, caminhando com passos firmes nos ditames brechtianos. Mas ao mesmo tempo não escamoteia as influências mitológicas e investe na figura mítica do cego [Beto Nery], que por [não] possuir o exercício do olhar consegue enxergar melhor, personagem na peça de nome Timóteo. (MOURA, *Diário de Pernambuco*, 11 jul. 1994, p. D-2)

Ela observa também que Vital Santos procurou reinventar um Virgulino com feições de Cristo, inclusive com algumas atitudes remetendo-se aos feitos bíblicos, a exemplo da multiplicação dos pães, assim como também reeditou traços de um Robin Hood sertanejo, que por não acreditar na justiça dos homens prefere fazê-la com as próprias mãos, de arma em punho. Outro aspecto que ela percebeu nessa dramaturgia foi a opção por colocar o dedo na ferida do clientelismo, posicionando-se numa crítica marxista à sociedade:

Pelo menos nos limites desse Brasil, o seu povo não aprendeu ainda a exercer sua cidadania e fica a perscrutar um salvador da pátria. Em seu teatro épico, Vital Santos encaminha o público a reconhecer que as condições sociais são apenas relativas e não “vinganças” de Deus. A figura de Lampião ganha muitos meandros. Sua personalidade controvertida abarca, no espetáculo, o que está impregnado no imaginário popular, em variados patamares. A encenação joga com os diversos níveis que a figura suscita. Não se trata de uma reprodução biográfica da vida do rei do cangaço, que entrou nessa peleja por questões familiares, cujo estopim foi a morte de seu pai pelos policiais. Ele já sabe o que viveu e retorna para salvar seu povo, que clama por uma liderança, “que seja ele Hosana, que seja ele Caifás, que seja ele o Virgulino ou até mesmo o Satanás”, como diz o próprio texto. O dramaturgo e diretor penetra nessa religiosidade do povo, nessa visão messiânica de que um dia Ele vai voltar, para direcionar sua carga iconoclasta. Nesse prisma, as variadas facções da Igreja se tornam

coautoras ou até cúmplices de uma miséria generalizada. Enquanto o povo ora e pede piedade a “Padim Cícero” [Normando Roberto Santos], nas alucinações de Virgulino ele aparece com o dedo reto da vingança. (MOURA, *Diário de Pernambuco*, 11 jul. 1994, p. D-2)

A partir daí, ela passou a destacar os elementos estilísticos nesse percurso do líder mitológico do Sertão em seu retorno:

Vital utiliza elementos da ironia, da paródia, do recurso cômico, do choque, da estranheza, da pantomima grotesca presentes no teatro épico. Como ópera, os recursos cênicos musicais ganham todo o palco. E todo o elenco contribui para o enriquecimento dessa ópera popular, com suas vozes afinadas, num desempenho musical de qualidade. Nas “cantatas”, as coreografias acompanham nos passos do xaxado, do guerreiro, da ciranda. São sequências de movimentos complexos e de resultado visual belo, extraídos da riqueza das danças nordestinas. Os figurinos, ricos de detalhes, acompanham o manancial de um trabalho minucioso e coerente. O cenário anti-ilusionista e estilizado reforça o caminho épico escolhido pelo dramaturgo e encenador. A iluminação, clara ou às vezes branca, reafirma essa visão. A essência da montagem é a simplicidade. (MOURA, *Diário de Pernambuco*, 11 jul. 1994, p. D-2)

Bem diferente do que escreveria o seu colega de profissão, João Luiz Vieira, o outro crítico presente àquela estreia no Recife, Ivana Moura soube valorizar a presença do elenco e a carga emotiva transmitida aos espectadores:

O espetáculo consegue manter um nível de emoção durante toda a peça. Mas não se trata de uma emoção arrebatadora ou de caráter do teatro ilusionista, mas que leva ao entendimento, à crítica. Com suas ações paralelas, entrecortadas, simultâneas e sucessivas, *Concerto Para Virgulino* possibilita momentos de “incompreensão”, seguidos por um *flash of light* [clarão de luz]. É um dos “segredos” da obra. Há momentos geniais, de uma força e até mesmo de uma violência, para tirar qualquer um do estado de petrificação em que pode se encontrar o público com as situações corriqueiras e habituais

que se vê no dia a dia. Para citar dois exemplos: quando o coiteiro [Samuel Santos] é obrigado a trair Virgulino ou quando uma das mulheres do coro [Telma Cunha] confessa que é melhor matar os filhos (Média apressada?) logo quando nascem, do que presenciar a morte em vida. O encenador consegue a proeza de colocar mais de 20 atores [18] no palco sem atropelos. Como eles seguem a mesma linha anti-ilusionista da encenação, os atores utilizam da máscara orgânica da deformidade – que vai da dor, do estado de miséria, à ironia do singelo – dos gestos, onde há lugar, inclusive, para o grotesco. O elenco se entrega a esse *Concerto* com garra, mas vale destacar algumas atuações. Romero Andrade criou um Virgulino cheio de facetas; Fátima Aguiar faz uma Maria Déa bonita e cheia de encantos; os solos de Manuela Filgueiras fazem um espetáculo à parte. Beto Nery, Samuel Santos e Tatiana Azevedo desempenham seu papel com verdade. Quem acha que a miséria que circunda não pode mais tocar o coração, não deve deixar de ver esse *Concerto*, com o olhar épico da distância. Com seu teatro, Vital Santos entoa novamente um grito de alerta de que somos todos responsáveis ou corresponsáveis pelos destinos da coletividade. Isso com música, dança, poesia, visualidade, crítica social ferrenha e iconoclasta, num produto artístico de qualidade inegável. (MOURA, *Diário de Pernambuco*, 11 jul. 1994, p. D-2)

POR OUTRO LADO, UMA APRECIÇÃO ÁRIDA

Bem diferente da receptividade anterior, o crítico do *Jornal do Comércio*, João Luiz Vieira, jogou um balde de água fria na ótima fervura criativa que era *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra*. Por toda a resenha que ele escreveu, o jornalista quase não poupou a montagem, reflexo da decepção que sentiu ao vê-la concretamente no palco com um elenco que, para ele, não estava à altura do texto. Tanto que ele começou por tecer elogios à leitura que havia feito da obra, deixando-o sem fôlego diante do domínio narrativo do autor e sua contundente estrutura dramática. Entretanto, a primeira encenação assinada pelo mesmo lhe negava a excelência original:

É como se uma partitura de qualidade fosse executada por um grupo de músicos técnicos e burocráticos, que, apesar de



Concerto Para Virgulino Sem Orquestra (1994), pela Ópera Popular do Nordeste, no Recife
Texto e direção: Vital Santos. Foto: Taveira Júnior

bem instrumentalizados, não lhe dispensaram a medida exata de emotividade, imprescindível para o trabalho. A história, contada por um cego numa feira de Toritama (PE), questiona o misticismo religioso e a necessidade que a humanidade sempre teve em fomentar o heroísmo. Foi assim com Joana D'Arc, Anita Garibaldi, Padre Cícero, e por que não, com Fernando Collor, Miguel Arraes, padre Reginaldo Veloso e os traficantes nos morros cariocas? A massa faminta e menos favorecida intelectualmente nunca sentiu vergonha em trocar votos e veneração por um prato de comida, não importa se para alguém da esquerda, direita ou dos infernos. É a velha história do fim justificando os meios. [Vital] Santos pegou este conflito e o transferiu para a Era do Apocalipse. Nela, o tão ansiado Messias viria na pele de ninguém menos que Virgulino Ferreira, o Lampião. A Igreja odiaria a peça, tamanho o acinte de qualificar um notório bandoleiro como o salvador dos miseráveis no fim dos tempos, mas a ideia é original e interessante, apesar de alguns discursos panfletários. O autor relocou o drama de Cristo para o Nordeste, trouxe 12 cangaceiros em vez dos apóstolos, Maria Déa no lugar de Maria Madalena, e até replicou a ceia como cenário da traição final. É engraçado que

as peças de Vital (28, ao todo) não perdem sua atualidade, e firmam a ideia de que nada muda mesmo, apesar da passagem do tempo. A montagem passou [...] meses no tubo de ensaio, mas é assim que o diretor costuma trabalhar. *Aparição e Vagabundo*, por exemplo, foi ensaiada por vários meses em 1992 e sequer estreou. Santos, possivelmente, labuta com rigor cada fala, cada gestual, cada passo de suas personagens. Só deve considerar um espetáculo finalizado quando tem absoluto domínio da cena. [...] Em *Concerto...* percebe-se o toque pessoal do diretor em tudo. Estão lá os figurinos pastéis (assinados por Beth Gaudêncio); os adereços funcionais, criativos e ricos de informação; os cenários crus; a ambientação agreste e, neste caso, bastante arrojada; o sotaque carregado nas inflexões dos atores; as marcações vigorosas; a trilha sonora impecável servindo de fio condutor, quase uma personagem da peça. O palco foi armado para um grande espetáculo, se não estivessem ausentes dois quesitos fundamentais: o ritmo desequilibrado, que por vezes arrasta a peça, e a emoção dos intérpretes, quase nula. (VIEIRA, *Jornal do Commercio*, 14 jul. 1994, p. 6)

A partir daí, e sempre um tanto irônico no esclarecer dos seus pontos de vista, o jornalista não deixou escapar quase ninguém, chegando a comparar os atuentes a “ginasianos declamando poesia para a professorinha de português”:

Vê-se sobrelanceiras subirem, caras de dor e de medo, corpos se contorcendo, mas nada sentido. Tudo reflexo, exteriorizado, plástico. Temos certeza de que os ensaios foram rigorosos, mas o material humano que Santos dispunha não era dos melhores. Somente Romero Andrade (como Virgulino), Samuel Santos (surpreendente, em vários papéis), Beto Nery, Manuela Filgueiras (pela afinação) e Ana Montarroyos, de um elenco de 20 atores [18], merecem destaque. A peça não é fácil. O texto é estruturado como cordel, o que, por si só, já acentua uma dificuldade crônica dos atores pernambucanos: a preparação vocal. Não bastasse ser difícil acertar as intenções das personagens, há o risco delas perderem em naturalidade por causa da composição rimada. Além disto, é um musical, uma ópera popular, como o autor prefere definir, onde o cuidado precisaria ser redobrado. Não funcionou.

Em alguns momentos, parece que assistimos a estudantes ginasianos declamando poesia para a professorinha de português. O que é grave por se tratar de uma peça longa que pede um grande apoio dos intérpretes. (VIEIRA, *Jornal do Commercio*, 14 jul. 1994, p. 6)

Para concluir e amenizar esse tom tão depreciativo, João Luiz Vieira lembrou que o espetáculo havia estreado há pouco e era possível que as deficiências fossem atenuadas com a série de apresentações. Mas o estrago que ele fez com sua opinião ficaria marcado na história do jornalismo cultural pernambucano. Sim, porque eu, que vi o espetáculo desde o início, não reconheço nada do que ele apontou. Entretanto, como dois críticos de veículos diferentes estiveram registrando aquela estreia, cada qual com seu bom ou mau humor ao teatro local, fica a sugestão de refletirmos o quanto cada opinião pode ser diferente da outra. Eu tenho a minha registrada na memória.

A TEMPORADA COMEÇOU ATRIBULADA, MAS O RESULTADO CÊNICO ERA INCRÍVEL

Após essa estreia para convidados, a temporada só se iniciou na semana seguinte, na noite de 14 de julho de 1994, no mesmo Teatro Barreto Júnior, com a peça permanecendo em cartaz de quinta-feira a domingo, sempre às 21 horas. Acontece que no primeiro domingo, à tarde, o Brasil venceu a Itália na Copa dos EUA, tornando-se tetracampeão mundial de futebol. Ou seja, atrapalho para atrair maior público. Pouco após a estreia, *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra* foi abrir a programação teatral do IV Festival de Inverno de Garanhuns - FIG, que aconteceu de 22 a 30 de julho de 1994 naquele município do agreste pernambucano. A sessão, no Teatro Luiz Souto Dourado, dentro da antiga estação ferroviária da cidade, transformada no Centro Cultural Alfredo Leite Cavalcanti, se deu numa sexta-feira, quebrando a sequência de apresentações na capital pernambucana.

Em Garanhuns, com o cenário invadindo a longa plateia daquele teatro, palco pequeno para tanta gente e uma trabalhadeira para tudo ser adaptado a uma outra espacialidade, o resultado não foi tão bem recebido pelo público do FIG, segundo a crítica Ivana Moura:

A história de Lampião que volta à terra transfigurado no salvador da pátria, com feições do próprio Cristo, não foi totalmente absorvida pela plateia do festival. O espetáculo brechtiano foi considerado longo e de difícil entendimento. Na realidade, a apresentação foi prejudicada por questões técnicas, mas seria injusto negar os méritos da encenação, que contém um somatório de informações que se assemelham aos gritos de denúncia da década de 70 (o texto foi escrito em 72). É porque o país realmente não mudou em suas questões sociais. (MOURA, *Diário de Pernambuco*, 25 jul. 1994, p. C-6)

Na sequência, a equipe foi compor a grade teatral do XIX Festival de Inverno de Campina Grande/PB, na sexta-feira 29 de julho de 1994, no Teatro Municipal Severino Cabral, com o autor sendo homenageado por marcar presença no evento desde as primeiras edições, além da sua companhia atual ter sido reverenciada pelo espetáculo apresentado. Num debate posterior, o crítico paulista Jefferson Del Rios, que já acompanhava o trabalho do nosso artista caruaruense desde 1974, teceu altos elogios à sua nova obra, mas a peça no Recife só conseguiu sobreviver em cartaz até 25 de setembro daquele ano, por pura ausência de pauta. O público, por sua vez, nem tão grande quanto merecia, não pagava as tantas despesas da montagem.

Após a tão terrível apreciação crítica inicial, o jornalista João Luiz Vieira, contraditoriamente, passou a reconhecer o espetáculo como sendo “Muito bom” (CONCERTO..., *Jornal do Commercio*, 13 jul. 1994, p. 4). Bem mais à frente ele o chamou de “contundente” (VIEIRA, *Jornal do Commercio*, 12 jan. 1995, p. 6) e, segundo levantamento do próprio, a montagem atingira o 10º lugar entre as maiores bilheterias de 1994. O mesmo crítico achou que aquele ano tinha sido de Vital Santos entre os que mais trabalharam nas artes cênicas, não só porque ele havia voltado a produzir artisticamente após longo período de afastamento da área, sendo até lembrado pela Companhia de Eventos Lionarte, em Limoeiro, que fez o seu texto *Solte o Boi na Rua*, sob direção de Fábio André, mas também pelo lançamento de uma obra inédita dele, *No Fim do Beco há um Bosque*, com alunos-atores do Curso Básico à Formação do Ator, da Fundação Joaquim Nabuco, dirigidos pelo próprio autor. Quanto ao resultado de *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra*, sua opinião melhorou:

A obra ironiza o messianismo a partir da ressurreição de Lamião na pele de Jesus Cristo. O primeiro investimento da recém-criada Ópera Popular do Nordeste foi uma encenação arrojada. A utilização espacial do Teatro Barreto Júnior chegou a impressionar de tão inusitada. Cenografia, figurinos e o elenco masculino, principalmente, casaram-se muito bem com a proposta. (VIEIRA, *Jornal do Commercio*, 29 dez. 1994, p. 6)

Por sua vez, Ivana Moura elencou Vital como o realizador de maior destaque daquele ano, certa de que ele havia retomado o gosto pelo teatro:

No primeiro semestre, das montagens adultas, o momento mais importante foi *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra*, que marcou a volta do dramaturgo e encenador Vital Santos e suas preocupações sociais. Ele estava afastado da orquestração dos espetáculos há quase 10 anos. Seu retorno trouxe os ingredientes de sua obra dramática e cênica, da poesia, do canto e da dança na denúncia da injustiça. (MOURA, *Diário de Pernambuco*, 30 dez. 1994, p. D-1)

Concerto Para Virgulino Sem Orquestra só voltou a fazer novas apresentações na primeira edição do Janeiro de Grandes Espetáculos, mostra de popularização do teatro e da dança, com ingressos bem acessíveis, ideia do artista Romildo Moreira quando esteve à frente do Departamento de Artes Cênicas da Fundação de Cultura Cidade do Recife. Mas, desta vez, o elenco de Vital foi transferido para o enorme Teatro do Parque, numa mini temporada de 20 a 22 de janeiro de 1995. Por falta de pauta, a proposta só retornaria em novembro de 1995 para reabrir um antigo espaço teatral ao ar livre na área do prédio do Departamento de Extensão Cultural da UFPE, onde também funciona o Teatro Joaquim Cardozo (rua Benfica, 57, Madalena).

O pátio externo já havia sido utilizado por outras peças antes, como *Uma História de Amor*, adaptação e direção de Manoel Constantino a partir do livro de Jorge Amado, *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, em 1987, e *Vereda da Salvação*, de Jorge Andrade, com alunos do Curso de Formação do Ator da Universidade Federal de Pernambuco dirigidos pelo saudoso professor Ricardo Bigi de Aquino, em 1990, mas há tempos o local já não era reutilizado pelo povo de teatro. A peça ficou em temporada um mês, de

17 de novembro a 17 de dezembro de 1995, sempre de sexta-feira a domingo, às 21 horas, com o ingresso mais barato daquela temporada teatral entre as obras adultas (5 reais preço único, um valor que ninguém praticava na época, quando o mais caro se chegava a 20 reais).

Em março de 1996 voltou àquele mesmo lugar, agora chamado de Teatro dos Quintais, e o trabalho deveria permanecer em cartaz até 2 de junho, às sextas e sábados, 21 horas, e domingos, 20 horas, mas a temporada foi sendo suprimida, até a solicitação de afastamento pela nova coordenação do Centro Cultural Benfica, naquele local. No entanto, já não era mais Romero Andrade quem interpretava o Virgulino, pois ele acabou sendo substituído pelo veterano ator José Ramos:

Com a entrada do ator José Ramos, a peça ganhou uma outra roupagem. Ramos entra no lugar de Romero Andrade e dá nova força ao *Concerto*. Enquanto Romero usava do aspecto violento da personalidade do personagem, José Ramos buscou o equilíbrio das facetas de Cristo e Lampião no protagonista. Afastado do teatro há algum tempo, Ramos considera o trabalho desenvolvido com Vital Santos uma verdadeira reciclagem. (ESTREIAS..., *Diário de Pernambuco*, 15 mar. 1996, p. D-5)

No domingo 18 de agosto de 1996, às 18 horas, voltando ao Teatro do Parque, *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra* participou do Festival Viva a Nota, promovido pelo Governo do Estado de Pernambuco, sendo este o derradeiro momento de tão belo trabalho. Na época, falou-se até que Vital dirigiria um novo texto seu adulto com parte daquela equipe, *À Luz Difusa do Abajur Lilás*, musical centrado na figura de Dalva de Oliveira, mas o projeto nunca foi concretizado.

A MONTAGEM DO RIO QUE TROUXE MUITAS DECEPÇÕES

Segundo depoimento de vários integrantes da peça, Vital não contou de antemão que iria fazer uma outra montagem de sua obra no Rio de Janeiro. A proposta a ele foi feita pela carioca Ciça Fontes, que na época tinha assumido o Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversão no



Concerto Para Virgulino Sem Orquestra (1994), pela Ópera Popular do Nordeste, no Recife
Texto e direção: Vital Santos. Foto: Romero Accioly/DP

Estado de Pernambuco, gestão desastrosa para a entidade. Quando o elenco pernambucano soube que a produção estava confirmada, apenas dois dos integrantes originais foram chamados: Carla Martins, atriz e agora responsável pelas coreografias e preparação corporal; e Romero Andrade, na direção musical e composição da trilha sonora. Mas por que não investir na encenação original? *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra* estreou na capital carioca em 3 de janeiro de 1996, no Teatro Dulcina, cumprindo temporada de terça-feira a sábado, sempre às 19 horas. No numeroso elenco composto por 24 intérpretes, nomes como André Valli, Sandra Pêra, Rogério Freitas, Cibele Larrama, Thelmo Fernandes e Evandro Mello. A assistência de direção era de um amigo de Vital de longa data, Tanah Corrêa, e Ciça Fontes estava à frente da produção. Uma matéria de divulgação na estreia esclareceu:

As histórias de Jesus Cristo e de Virgulino Ferreira, o Lampião, se entrelaçam na ópera-cordel *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra*, em cartaz a partir de hoje no Teatro Dulcina, no Rio. Com o ritmo e as rimas dos cordéis – forma de literatura

popular comum no Nordeste – e todo musicado, o texto de Vital Santos cria a reencarnação de Cristo em Virgulino, líder de jagunços no Nordeste. “Vejo semelhanças entre os dois: foram líderes em regiões pobres e exploradas, tiveram doze seguidores, foram traídos numa quinta-feira e tiveram Marias em suas vidas. Cristo teve Maria Madalena, e Lampião, Maria Bonita”, diz Santos, também diretor desta montagem, que marca sua volta aos palcos cariocas. [...] O espetáculo caracteriza-se pelo forte tom de crítica social e de cobrança de soluções para a miséria nordestina. Um dos instrumentos de protesto usados pelo autor são os equipamentos de irrigação em áreas atingidas pela seca. Os canos se transformam em brinquedos, espadas e cruzes do cenário, mostrando a descrença do autor e diretor com a política oficial de desenvolvimento da região nordestina. (ESCÓSSIA, *Folha de S. Paulo*, 4 jan. 1996, s. p.)

Apesar de terem divulgado que a peça chegaria a Cuba, ela só ficou pouco mais de um mês e meio em cartaz no Rio de Janeiro. Mas o resultado foi desastroso pelas dívidas contraídas e não pagas. No site do ator Thelmo Fernandes, que interpretava as personagens Sargento Aniceto e o Bispo, ele confessa: “Um musical que foi muito marcante pra mim, felizmente não pelo ‘cano’ da produção, mas sim pelo encontro com pessoas que seriam fundamentais na minha carreira: Tanah [Corrêa], Carlinha [Carla Martins], André [Valli], etc. Enfim, valeu demais” (FERNANDES, *Thelmo Fernandes* [Site], 2021, s. p.). Se essa transposição para o público carioca terminou de modo muito feio, a montagem no Recife deixou um gosto de que queríamos mais da inventividade de Vital nos nossos palcos e a parceria com alguns daquela produção rendeu *O Príncipe dos Mares de Olinda Contra a Fúria das Águas*, abraçando agora o público infantojuvenil. *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra* só deixou saudades boas, pelo menos para mim e um monte de gente que felizmente a viu em Pernambuco. É um marco da nossa história teatral no século XX!

REFERÊNCIAS:

INTRODUÇÃO. **Concerto Para Virgulino Sem Orquestra** [Projeto]. Ópera Popular do Nordeste. Recife, 1994. p. 3.

CUNHA, Wilson. Réquiem para o Virgulino. **Manchete**. Rio de Janeiro, 11 abr. 1981. Ano 29. Leitura Dinâmica/Teatro. p. 52.

ESCÓSSIA, Fernanda da. Ópera-cordel sobre Lampião entra em cartaz hoje no Rio. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 4 jan. 1996. Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/1/04/ilustrada/23.html>. Acesso em: 7 jul. 2024.

ESTREIAS no palco. **Diário de Pernambuco**. Recife, 15 mar. 1996. Viver/Fim de Semana. p. D-5.

FERNANDES, Thelmo. Concerto Para Virgulino Sem Orquestra - 1995 (sic). **Thelmo Fernandes** [Site]. 2021. Disponível em: <https://www.thelmofernandes.com.br/portfolio-item/concerto-para-vgulino-sem-orquestra/>. Acesso em: 7 jul. 2024.

JUSTIFICATIVA e Objetivo. **Concerto Para Virgulino Sem Orquestra** [Projeto]. Ópera Popular do Nordeste. Recife, 1994. p. 5.

LEITE, Lucivanda. Vital Santos, a volta do talento. **Vanguarda**. Caruaru, 14 a 22 mai. 1994. Caderno 2. p. 11.

LUIZ, Macksen. Muitos espetáculos para contornar a crise. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 24 abr. 1981. Caderno B/Teatro. p. 7.

MICHALSKI, Yan. A serviço de uma boa causa. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 22 mai. 1981. Caderno B/Teatro. p. 9.

MOURA, Ivana. Jesus Cristo renascido no cangaço. **Diário de Pernambuco**. Recife, 7 jul. 1994. Viver. p. D-1.

MOURA, Ivana. A esteira da poética social. **Diário de Pernambuco**. Recife, 11 jul. 1994. Viver. p. D-2.

MOURA, Ivana. Dramaturgia nordestina. **Diário de Pernambuco**. Recife, 25 jul. 1994. Viver/Circuito. p. C-6.

MOURA, Ivana. Marasmo nos palcos pernambucanos. **Diário de Pernambuco**. Recife, 30 dez. 1994. Viver/Retrospectiva 94. p. D-1.

PEÇA a quatro mãos vence concurso. **Diário de Pernambuco**. Recife, 26 jan. 1979. Educação. p. B-8.

SANTOS, Vital [sem o registro de Alcimar Vólia também na autoria]. **Concerto Para Virgulino Sem Orquestra** [Texto datilografado]. Rio de Janeiro, set. 1977.

SANTOS, Vital. **Concerto Para Virgulino Sem Orquestra** [Programa]. Ópera Popular do Nordeste. Recife, 1994.

VIEIRA, João Luiz. Falta emoção à ópera de Vital Santos. **Jornal do Commercio**. Recife, 14 jul. 1994. Caderno C/Artes Cênicas. p. 6.

VIEIRA, João Luiz. Muita produção, pouca qualidade. Mais uma vez. **Jornal do Commercio**. Recife, 29 dez. 1994. Caderno C/Artes Cênicas. p. 6.

VIEIRA, João Luiz. As maiores bilheterias de 1994. **Jornal do Commercio**. Recife, 12 jan. 1995. Caderno C/Artes Cênicas. p. 6.

— CONCERTO PARA VIRGULINO — SEM ORQUESTRA

De: Vital Santos e Alcimar Vólia

.....

Personagens: Cego Timóteo, Povo (Os Miseráveis), Sacerdotes I, II e III, Bispo, Virgulino, Dadá, Cangaceiros (Sabiá, Pinga-Fogo, Volta-Seca, Gato, Beija-Flor, Bem-Te-Vi, Come-Cru, Bala-Seca, Juriti, Lasca-Bomba, Corisco e Sucuri), Retirantes, Tenente João Bezerra, Sargento Aniceto, Cabo Bida, Fiscais 1 a 5, Zezão, Moça, Viúva, Rapaz, Maria Déa (Maria Bonita), Padre Cícero, Pedro de Cândido, Feirantes/Cirandeiros, Artistas do Circo (Apresentador, Palhaço, Homem do Globo, Equilibrista, Mágico e Faquir), Catadores de Lixo, Volante (Policiais) e Rezadeiras.

Toritama, em Pernambuco, dia de feira. Sentado à sombra de um pé de figo, o Cego Timóteo atrai os feirantes com sua voz estridente e o som fanhoso da sua rabeca.

CEGO TIMÓTEO (*cantando*) – Ainda não faz muito tempo / no Nordeste do Brasil / se assucedeu um caso / quem conta é porque viu / com uma estrela na testa / ele apareceu na festa / armado com um fuzil / era um sujeito comprido / pintado como um guiné / tinha o queixo afilado / e o cabelo de mulher / disseram que era Jesus / que pecado, credo-cruz / ai, ai, ui, ui / pois eu juro que não é. (*falando*) Apesar das Escrituras dizerem que em dois mil uma estranha figura viria para o Brasil curar cego e aleijado, dar justiça a injustiçado com balas do seu fuzil... É uma história comprida, quem sabe, você gosta. Vou deixar de *arrudeio* e contar logo essa bosta. Se você for bom cristão, preste muita atenção e não confunda a proposta. (*cantando*) Era noite de novena / quando ele apareceu / foi tamanho o reboliço / que a terra estremeceu / acabou-se a procissão / danaram a Santa no chão / até a lua correu. (*falando*) Quebraram a porta da igreja, pisaram vinte meninas... O padre perdeu o terço, lhe rasgaram a batina. Foi tanta da heresia que a cabeça da Santa Luzia foi esbarrar em Campina. Naquela sexta-feira, primeiro de um mês qualquer, na Festa da Padroeira, o Povo perdeu a fé. (*cantando*) Houve praga de gafanhoto / a nação chorou de desgosto / e até hoje é o que é / e até hoje é o que é / e até hoje é o que é...

Prelúdio instrumental para zabumba, viola e pífano. Festa de Santa Luzia, padroeira de Afogados da Ingazeira. O Povo sai em procissão, entoando um canto religioso (às vezes profano), cantando as suas desgraças. De repente Virgulino surge na calçada da Igreja, de cabelos longos, túnica, todo enfeitado de anéis e medalhas, parecendo mais um santo.

VIRGULINO – Estou ouvindo no som da viola, da prima até o bordão, uma dor que ninguém consola, é de cortar coração. Nunca ouvi verso mais triste. Meu Pai, ainda existe no mundo essa canção?

O Povo parte em sua direção, desesperado, atraído por aquela voz suave e pela semelhança dele com Jesus Cristo.

POVO (*cantando*) – Nós, os miseráveis / moribundos / os cadáveres / podres do mundo / restos dos restos / infestos, imundos / que vivemos aos milhares / nessa vida tão tirana / nas calçadas das igrejas / dentro da palha da cana / nos esgotos, nas sarjetas / nos viadutos, na lama / ouvimos a tua voz / o que é? / Por que nos chama? / O que é, o que é? / Vieste nos salvar / salva-nos, salva-nos / vieste nos curar / cura-nos, cura-nos / pois perdemos a fé / queres oração? / Queres procissão? / Vamos fazer / vamos fazer penitência / vamos rezar *incelências* / vamos divulgar o teu nome / vamos divulgar o teu nome / mas tenhas de nós piedade / nos salve por caridade / nada humilha mais do que a fome / nós, os miseráveis / os miseráveis, nós! / Senhor, me responda por favor / o que é que o Senhor acha? / Esses putos estão pensando / que o cu da gente é de borracha / Senhor, ôôôôô!

Abrem-se as portas superiores da Igreja e surgem nos balcões os Sacerdotes carregando imensos estandartes coloridos.

SACERDOTES (*cantando*) – Boooooa noite, respeitável público / nossa trupe acaba de chegar / parará / trazendo um trabalho / “quase” honesto / em matéria de teatro popular. (*repetem. Sapateando, falam*) Sacana, ô sacana, agora que você chegou o mundo está se acabando! A miséria se alastrou: é fome, doença, guerra. Até a Igreja emperra, perdeu o seu esplendor!

SACERDOTE I (*dançando com o estandarte*) – Mas tudo bem, nada mal, vais enfrentar o capital com que arma, o Povo? Trouxeste algo de novo? Conheço os caprichos teus. Te louvo pela coragem, mas cuidado com a imagem, és um homem não um Deus!

SACERDOTE II (*dançando com o estandarte*) – Não me venhas com aplausos que o teu Ibope está “micho”. Trata de salvar estes miseráveis que vivem comendo lixo, que vivem de agitação, saqueando o próprio irmão nas feiras feito uns bichos!

SACERDOTE III (*dançando com o estandarte*) – Não faça feito os políticos, essa corja imunda que aparece, rouba-lhes o voto, e depois, chuta-lhes a bunda.

SACERDOTES – Eles vão te negar, vão te trair, vão te matar, é isso aí. E te enterrar numa cova bem funda.

BISPO – Deixa, deixa, deixa, ele não está sozinho! Deixa pra lá estas queixas, vamos dar-lhe um presentinho para que ele não esqueça: vamos pôr-lhe na cabeça esta coroa de espinho!

SACERDOTES – É isso, vamos! Vamos! Vamos!

Partem para ele numa coreografia patética e cômica ao mesmo tempo.

POVO – Não deixe que estes abutres se aproximem! São aves daninhas! São pássaros da tirania. Foram eles que te venderam! E te vendem a cada dia!

VIRGULINO (*aos Sacerdotes*) – Pega essa coroa e soca!

BISPO – Sujeito, olhe o respeito!

VIRGULINO (*gritando*) – Beija-Flor! Bem-Te-Vi!

Surgem os dois montados em seus cavalos. Um, joga-lhe o rifle, e o outro, o chapéu. O povo aflito no empurra-empurra rasga-lhe a túnica, ficando por baixo as vestes do cangaceiro.

CANGACEIROS (*cantando*) – Ô Corisco / Maria Bonita mandou te chamar / é o vingador, vingador de Lampião / êta cabra da peste / somos do Nordeste!

Tiroteio, gritaria, pânico geral. O povo corre com medo ao ver aquela figura singela transformar-se num terrível cangaceiro.

VIRGULINO – Esperem, bando de mofinos! Não vim fazer mal a ninguém! Eu só quero mesmo é saber o que diabo vocês têm!

POVO (*intervenções*) – Segurem a minha muleta! Me acudam! Cadê meu guia? De onde saiu esta peste? Valei-nos, Santa Luzia! Mulher, apanha a saia. Está sem combinação! Eu corro com tudo de fora, mas aqui não fico não! Isso é alma do outro mundo, pelo jeito a gente vê! Corram todos pra igreja, mandem o padre vir benzer!

Correm todos. Na correria sobe uma nuvem de poeira. O silêncio toma conta da praça. O solo fangoso da rabeca do Cego Timóteo domina a cena.

VIRGULINO – A vila ficou vazia, uma viva alma não tem. Então aquela gritaria, na verdade, era de quem? Quem danado é que gritava? Quem por justiça clamava? Será que não era ninguém?

Bem próximo dali, dentro de um barraco miserável, uma mulher magra, feia e mal vestida canta uma ladainha. É Dadá, mulher de Corisco.

DADÁ (*cantando*) – Meu Padim, meu Padim, meu Padim / tenha pena do povo daqui / a barriga já não ronca, meu Padim / ôôô / porque não tem nada pra sair. (*Virgulino aproxima-se. Dadá para de cantar e grita de dentro do barraco*) Compadre! Compadre! O povo dessa vila há muito perdeu o tino! Por causa de um poderoso chamado Chico Rufino, que mora na capital num palacete grã-fino. Dizem que ele é um monstro que cinco cabeças tem, possui mais de mil braços e pernas pra mais de cem.

POVO – É um embuá dos infernos, é uma figura do além.

DADÁ (*cantando*) – Dizem que esse tirano / quando abre a boca e fala / os animais *esmurecem* / o povo todo se cala / o valente fala fino / com medo de levar bala.

POVO (*cantando*) – Ele só pensa em poder / dinheiro e posição / o povo que se dane / que morra de privação / e se alguém abrir a boca / abre-se uma cova no chão.

DADÁ – O Bigorna já não bate, o Andradino aleijou; Zé Luiz perdeu a fala, ficou surdo e com tumor; Chico Bento enlouqueceu e Bernardino cegou. Daquela gente valente que o compadre conheceu, não resta nenhuma semente, a que brotou já morreu. É um povo sem esperança, humilhado, que não viveu. Quando o compadre surgiu no meio daquela procissão, a vila inteira fugiu com medo da danação, pensando que o compadre fosse a tal assombração.

VIRGULINO – Que mal pergunte, mulher: eu me pareço com esse Cão?

DADÁ – Foi só o medo, compadre, desculpa a comparação.

VIRGULINO – Como é o teu nome, mulher? Vai logo me dizendo.

DADÁ – Eu sou a Dadá, do Corisco... Então, compadre, não está me reconhecendo?

VIRGULINO (*perplexo*) – Comadre! Quem gôta serena fez isso?

DADÁ – Coisas da vida, compadre. Coisas da vida.

VIRGULINO – Comadre Dadá, se *vosmecê* não falasse eu nem ia acreditar. Mas quanta maldade... A comadre está mais feia do que caixão de caridade.

DADÁ – Esqueça. Esqueça, compadre.

VIRGULINO – Onde mora essa fera, esse terrível malassombro que vive de tocaia pelos escombros, causando tanta dor, tanto assombro, deixando o Povo triste, de boca calada? Ninguém sabe se existe, ninguém diz nada, e a fera persiste pelas estradas pregando a agonia e a discórdia. Não tem Ave-Maria, nem misericórdia que faça essa folia virar concórdia. Me diga comadre, onde mora esse bicho que vive comendo a carne do Povo? Me diga se ele é velho ou se é novo? Se for um Cão eu mato, se for um santo eu louvo. Que fera é essa, diga logo comadre, que bebeu seu sangue por vaidade e lhe transformou num trapo sem piedade? Roubou o seu sorriso tão cobiçado, matou o seu marido tão estimado, trancou os nossos amigos a cadeado. Que bicho é esse que faz tanta mesura, tanta tortura e desacata tudo que é criatura? Que transforma o belo em feiura e o povo assiste, fica calado?

DADÁ – Cuidado, meu compadre! O senhor está ficando louco? Cuidado, muito cuidado. Todo cuidado ainda é pouco.

VIRGULINO – O Povo é feito semente de cana: o facão corta e ele nasce de novo. No inferno, disseram cuidado, e no purgatório também. No céu disseram, não vá! Agora na terra, não vem! Eu só queria compreender o que esse Povo tem! Por que

tanto mistério? Por que tanto segredo? Até dentro do cemitério os defuntos estão com medo?

Um grupo de Retirantes passa por trás do barraco carregando um corpo na rede e cantando uma canção bem triste.

RETIRANTES (*cantando*) – Meu *Padim*, meu *Padim*, meu *Padim* / meu *Padim* *Ciço* Romão / falta terra, falta enxada / falta milho e feijão / falta casa pra morar / falta roupa, falta o grão / falta até água no pote / quanto mais alimentação / falta tudo nesta terra / justiça, fé e razão / meu *Padim*, meu *Padim* / tenha de nós compaixão.

VIRGULINO – O Povo mesmo é o culpado por essa situação. Porque não escolhe direito os mandatários da Nação.

DADÁ – Não é bem assim, meu compadre. Será que lhe é dado opção? Será que os homens que se oferecem no dia da eleição são realmente o que dizem ou é só *tapição*? Eles não estão preparados, compadre, para tomar essa decisão. E depois, a barriga fala mais alto quando vê um prato na mão.

Os Retirantes param no fim da estrada e enterram o morto.

UMA RETIRANTE (*cantando*) – Sopravam ventos do norte / um corpo foi encontrado / era um homem conhecido / que tinha sido assassinado / tava de braços no chão.

RETIRANTES (*cantando*) – No chão que ele tinha lavrado / ô, ôôô...

VIRGULINO – Que Povo é esse, meu Deus, que vê matar o seu irmão, que vê brotar nos roçados peste, fome e privação, e fica de braços cruzados com tanta judiação? Chora menino por leite; chora velho por oração. Parece um dia de Juízo o choro dessa Nação.

UMA RETIRANTE (*cantando*) – Como se fosse um grão / naquela terra plantado / com uma bala nas costas / bem dentro do coração / ele queria demais...

RETIRANTES (*cantando*) – Justiça, terra e razão.

DADÁ – Isso é assim mesmo, compadre, esta é a sina da gente. Imagine o senhor que o urubu viajou, foi dizer ao presidente que já está de bico doce de comer carne de gente.

VIRGULINO – Pois o mesmo portador vai levar um recado meu. Vai dizer para esse senhor que cuide do que for seu, porque aqui nestas bandas quem manda agora sou eu. Se ele é forte e poderoso, é potentado, é rei, fique sabendo o tihoso que eu também já governei. Sou Virgulino Ferreira, conhecido por Lampião, já fui o Rei do Cangaço, hoje sou Rei do Sertão. Posso ser o Rei dos Reis, depende da ocasião. Vou lutar pelo meu povo, chega de servidão! A enxada quer braço de homem, a terra tem sede de grão; o bucho vai ver comida, quem ronca agora é trovão! (*grita, chamando*

os cangaceiros) Sabiá! Pinga-Fogo! Volta-Seca! Gato! Beija-Flor! Bem-Te-Vi! (*elas vão aparecendo*)

BEIJA-FLOR – Chamou, meu capitão?

VIRGULINO – Come-Cru! Bala-Seca! Juriti! Lasca-Bomba! Corisco! Sucuri! Atendam o meu chamado, quero todo mundo aqui!

SABIÁ – Lá vamos nós, meu capitão!

CANGACEIROS (*cantando*) – É lampe, é lampe, é lampe / é lampe, é lampe, é Lampião / seu nome é Virgulino / ele é o Rei do Sertão / Rei, Rei, Rei, ei / Virgulino Lampião!

VIRGULINO (*a Dadá, cantando*) – Mulher, mulher rendeira / mulher, mulher rendá / deixa de lado as prendas / vem aprender a atirar / vai buscar a cartucheira / e bota pólvora no borná.

CANGACEIROS (*cantando*) – Rei, Rei, Rei, ei / Rei, Rei, Rei, ei / Virgulino Lampião!

VIRGULINO (*cantando*) – Teve doze pares a França / teve doze apóstolos o Senhor / eu tenho doze cangaceiros / que o Inferno expulsou / mas são doze moças donzelas / se caso preciso for.

Os Cangaceiros fazem a festa e começam a cantar.

CANGACEIROS (*cantando*) – Ele é o Rei, é o Rei / o futuro Rei da Nação / ele é o Rei, é o Rei / ele é Virgulino, governador do Sertão / o Robin Hood daqui / na verdadeira função / há quem diga que ele é Jesus / na figura de Lampião!

O bando parte, cantando em direção a Sergipe.

VIRGULINO (*cantando*) – Vamos meu Boi Tatá / vamos meu Cavalo-Marinho / vamos ajudar a esse Povo / que vive no mundo sozinho / vamos enfrentar esse monstro / que faz rodar os moinhos! (*saem*)

Quartel de Toritama. Junto ao Sargento Aniceto e o Cabo Bida, o Tenente João Bezerra está visivelmente preocupado com os boatos da aparição de Virgulino.

TENENTE JOÃO BEZERRA – Eu não posso acreditar que isso possa acontecer! Quem esse bandido pensa que é? Tá querendo aparecer! Vou lhe enquadrar num ato, vou lhe chutar feito rato. Achato! Espragato! Maltrato! Ele vai ver! Rei do Sertão. Essa não... É muita pretensão. Isso é exibição, é coisa de narcisista! Ah, mas eu vou cuspir na cara, vou botar num pau-de-arara esse porco masoquista!

SARGENTO ANICETO – O que será da gente se essa moda pegar? Vai voltar o Tiradentes, a Joana, o Zumbi, sei lá... O Frei lá do Recife, Anita, o Jeová!

TENENTE JOÃO BEZERRA – Eu corto o mal pela raiz, mando esse falso rei pro buraco! Faço o mesmo que fiz! Só que desta vez corto-lhe a cabeça e o saco!

SARGENTO ANICETO (*na janela*) – Que estranho alarido vem lá das bandas da feira!

CABO BIDA – É o Cego Timóteo cantando aquelas besteiras.

SARGENTO ANICETO (*aflito, olhando pela fresta*) – Vejam a multidão que está em volta do Cego!

CABO BIDA – Caiu na boca do povo, “*crendeuspai*”, arrenego!

Cego Timóteo monta numa burrinha e sai cantando e tocando a sua rabeca acompanhado pelo Povo.

CEGO TIMÓTEO (*cantando*) – Virgulino é um homem rico / tem dinheiro com fartura / no lugar onde ele passa / dá esmola e faz figura / há quem diga que ele é / o homem das Escrituras / ele limpou um roçado / na serra do Canindé / o milho nasceu dobrado / e o feijão de *agrané* / nasceu maxixe e batata / tudo no mesmo pé / quando em Sumé chegou / curou uma velha do peito / deu uma surra num sujeito / safado e explorador / deu vinte tiros pra cima / o custo de vida baixou / na terra que ele pisa / nasce arroz, nasce café / nasce uma cacimba nova / em cada rastro de pé / tão dizendo que ele é Jesus / que pecado, credo-cruz / ai, ai, ui, ui / pois eu digo que não é / nem o Tenente Bezerra / com todo seu batalhão / nem o Exército e a Marinha / de metralhadora e canhão / vão pegar Virgulino / o Imperador do Sertão.

TENENTE JOÃO BEZERRA (*furioso, aticando os soldados*) – Calem a boca desse Cego que eu já estou de saco cheio! Mandem esse Povo pra casa! Vamos, deixem de *arrudeio*! Ou melhor, metam esse Cego nas grades, que eu quero partir-lhe ao meio!

O Cego Timóteo, passando em frente ao quartel, para a burrinha e canta bem alto, descaradamente. Depois segue ironizando.

CEGO TIMÓTEO (*cantando*) – O rifle de Virgulino / carrega sua patente / ele dispara sozinho / quando vê “macaco” na frente / quando ele chegar aqui / quero ver quem é valente.

TENENTE JOÃO BEZERRA (*morrendo de medo*) – Ele sabe onde me encontrar. Quero ver se tem coragem, se vai fazer a bobagem de vir me procurar. Por que tinha que voltar? Não foi bastante o que fez? Me jogou nas caatingas, fez munganga, fez mandinga; tomou pinga, botou canga, me arreventou o xadrez! Já tão dizendo que você é rei! Qual é a sua? Que lorota... Por que não acaba de vez com essa chacota? Antes que eu lhe freei! (*cantando*) Você sabe que eu lhe conheço / os seus truques sei de cor / conheço como a palma da mão / as veredas do Sertão / do Crato ao Piancó. (*falando*) Eu estou armado até os dentes. Bala, punhal e peixeira. Vou lhe buscar nas trincheiras e a porrada vai ser maior. Veja lá o que está fazendo, ouça o que estou lhe dizendo e não vai se arrepender. Cale a boca, volte pra sua toca, deixe essa gente louca. E vê se não me invoca, não me provoca, senão vai ser pior pra você. Não pense que estou com medo, pois ele foi criado por mim. Eu conheço bem o segredo

de torturar cabra ruim! Não é medo, eu conheço o segredo. Não é medo... Não é... Medo... Medo...

FEIRANTES (*entram para vender os seus produtos, cantando*) – Laialaiá / laiê, laialá / laiá, laiê / laiê, laialá. (*repetem*) O galo já cantou lá no pé da serra / acorda, gente / desperta terra / o sol clareou na Ribeira / anunciando que é hoje é dia de feira / pega o balaio, Maria / pega os mangalhos, Luzia / que a vida não é brincadeira. (*repetem toda a canção*)

Sob o sol escaldante do meio-dia, surge na calçada da prefeitura Zezão, dois metros de altura, 250 quilos e vermelho feito o crepúsculo. Ele é o homem de confiança do Coronel Chico Rufino. Veio trazer os Fiscais para recolher os impostos dos Feirantes. Eles são violentos, agressivos e tratam o Povo a chicotadas.

FISCAL 1 (*segurando um dos Feirantes*) – Onde você pensa que vai?

FISCAL 2 – Nessa eu não caio!

FISCAL 3 – Cadê o imposto?

FISCAL 4 – Não tem?

FISCAL 5 – Então manda o balaio! (*arranca o balaio das mãos do Feirante*)

FISCAL 1 – Vocês não querem estrada para escoar a produção?

FISCAL 2 – Não querem escola, açude, irrigação?

FISCAL 3 – Como é que vamos construir se não temos um tostão?

FISCAL 4 – O país não tem recursos, a nossa vida é um saco. O grandão não paga imposto, quem paga mesmo é o fraco! Por isso pedimos a vossa compreensão: ajudem a nossa Nação a sair desse buraco!

Os Fiscais dão nova investida arrancando os balaio e o dinheiro dos bolsos dos Feirantes.

FISCAL 5 (*sarcástico*) – Você não quer uma ponte daquelas da Inglaterra?

FISCAL 1 – Não quer um ambulatório dentro da sua cidade?

FISCAL 2 – Não quer dois poços dentro da sua terra?

FISCAL 3 – É triste, mas é verdade!

Um dos Feirantes, aflito, segura o balaio e tenta fugir.

FISCAL 4 – Volta aqui, sujeito!

OS FISCAIS (*gritando*) – Mete-lhe uma bala no peito!

Ele saca o revólver e atira no Feirante, que cai por cima do balaio.

FISCAL 5 – Esse não sabe o preço das empreiteiras.

FISCAL 1 – Paguem os seus tributos!

FISCAL 2 – E não façam nunca essa besteira.

ZEZÃO (*berrando*) – Vamos embora daqui. Deixa pra lá esses otários!

FISCAL 1 – É, está na hora de partir. Já garantimos o nosso salário.

Saem apressados. Aflição geral, o caos toma conta da feira, num instante aumenta tudo. O Povo revolta-se com a carestia. É uma verdadeira tragédia.

MULHER 1 – O pobre agora lascou-se: a carne de charque danou-se, o feijão dessembestou-se, *toucin* é cem um pedaço. Quem come agora é ricaço, pobre mal come sardinha. Subiu até a farinha! Ai, meu Deus, o que é que eu faço?

MULHER 2 – Feijão preto é dez mil, mais de cinco um bombril... O pobre aqui no Brasil só vive bem se for ladrão. Leite é não sei quanto e duzentos, açúcar é tanto e oitocentos, arroz é pra mais de seiscentos... Ai, meu Deus, tenha de nós compaixão!

MULHER 3 – Agora o tempo arrochou, até sabão aumentou. Querosene levantou e o pobre não tem ajuda. Trabalha a semana inteira, no fim, ganha uma besteira e fica gritando na feira: “Ai, meu Deus! Meu *Padim Ciço*, me acuda!”.

MULHER 4 – É comadre, só no tempo de eleição é que se vê o grandão prometendo um mundão pra enganar a humanidade. Leva o voto da gente pra chaleirar o presidente. Aumenta tudo novamente... Ai, meu Deus, que povo sem piedade!

MULHER 5 – O tempo bom foi embora, danou-se foi tudo agora! A crise acocha que tora, deixando tudo com fome. Pinha, abacaxi, mamão, melancia, jaca, fruta pão, abacate, goiaba e melão... Ai, meu Deus, isso o pobre não come não!

MULHER 6 – Chuva aqui não existe, emprego que é bom não tem, e o povo ainda insiste nesta terra de ninguém. Nesse caldeirão de injustiça que ferve e fede a carniça, porque é o Diabo que atíça, e Deus aqui nunca vem.

MULHER 7 – Não seja por isso, comadre! Tem o talo do facheiro, tem a folha da algaroba, tem a raiz do umbuzeiro e outras coisas de sobra! Tem calango, lagartixa, minhoca – é cada bicha! – e tem fritada de cobra.

MULHER 8 – Assim ninguém aguenta! O Povo se arrebenta comendo farinha com pimenta pra aguentar o rojão. É imposto, é inflação, não tem dinheiro que chegue para manter a corrupção. Sei não... O que vai se dar no Brasil é uma grande guerra civil! Um ovo vai dar dez mil! Ai, meu Deus, o mundo vai se acabar!

TODAS (*baixinho*) – Puta que o pariu...

Virgulino, passando por Toritama, ouve o lamento do Povo. Revoltado, acaba com a feira e põe os exploradores para correr debaixo de cacete.

VIRGULINO – Que tempo é esse, meu pai, que só se fala em fome, peste e carestia? Em cada palmo de estrada, em cada porta que se abre, vejo bocas escancaradas, sem dentes, sem gritos, numa pantomima amestrada, numa expressão de agonia.

O BANDO – Êpa! Que lá vai pau no lombo do malfeitor!

VIRGULINO – Assim dizia Jesus quando do templo expulsou os assassinos do Povo, os donos da corrupção. Não é preciso ser Cristo pra cometer esta ação.

O BANDO – Êpa! Que lá vai faca no couro da exploração!

VIRGULINO – Esta é a minha casa, aqui é o meu lugar. Nesta terra meu *Padim* vivia só pra orar. Hoje parece um inferno, nunca vi tanto Cão, nunca ouvi tanto choro e tanta profanação.

O BANDO – Êpa! Que lá vai bala no espinhaço do ladrão! *Dô* de cabo de espingarda, *dô* de fivela e espora, *dô* até tiro em sino, quanto mais em quem explora! Quero um banco nesta feira pra vender bala e facão, pro povo meter no bucho de cabra ruim e ladrão!

O Bando de Virgulino saqueia o armazém do Coronel Chico Rufino e distribui os alimentos com o Povo.

TODOS – A terra abriu-se feito uma flor no mais lindo amanhecer, parindo frutos com amor para quem quiser colher. Para quem quiser comer ou fazer sua partilha, qualquer um pode escolher o que levar pra família. Se quiser pode vender, não é contra a natureza, mas não deixa apodrecer que ela morre de tristeza. Mas pior que tudo isso é você ficar omissos com tanta exploração. Ver seu suor ser roubado por um bando de safado, de desordeiro e ladrão.

A noite vem chegando. Fim de feira. O Povo cerca Virgulino, agradece, e numa ciranda lhe oferece vários presentes.

HOMEM DO POVO – O rifle de Virgulino dá cem tiros num segundo. Já fez muito cabra ruim se mudar pro outro mundo.

POVO (*cantando*) – Eu andei duzentas léguas / atrás de um homem de ação / Virgulino receba este presente / é uma garrafa de aguardente / de Vitória de Santo Antão...

HOMEM DO POVO – O rifle de Virgulino tem cinco laços de fita. Ele só para na casa onde tem moça bonita.

POVO (*cantando*) – Seu Virgulino, receba esta galinha / ela é bonita / é da raça pedrês / eu agradeço de todo coração / o senhor salvou meu irmão / e deu-nos vida outra vez...

HOMEM DO POVO – O rifle de Virgulino é na verdade um tesouro, o cano é todo de prata e a coronha é de ouro.

POVO (*cantando*) – Eu ofereço este verso da ciranda / pelo meu pai que o senhor ressuscitou / meu verso fura como espinho de facheiro / é bala cega no terreiro procurando o matador...

HOMEM DO POVO – Virgulino, eu só possuo somente para lhe dar a bala do meu rifle e a ponta do meu *punhá*.

POVO (*cantando*) – Eu ofereço esta quartinha de água doce / é da cacimba velha que voltou a minar / é água clara como a luz do dia / ela lava e alumia o brilho do teu olhar...

RAPAZ – Minha mãe, pra que dinheiro? Já sou homem e tenho tino. Eu quero é uma cartucheira pra viver mais Virgulino.

VIÚVA – Eu ofereço esta dúzia de ovos pelo milagre que o senhor fez. Olhou para o meu galo mofino, ele deixou de falar fino, agora é duas de uma vez...

HOMEM DO POVO – O lugar por onde passa o bando de Virgulino, o sacristão da igreja vai logo bater o sino.

MOÇA – Eu ofereço este canário da terra como símbolo da nossa liberdade. Ele vai sair anunciando que o senhor está chegando para o dia da verdade...

POVO (*cantando*) – Eu nasci pra cangaceiro / cangaceiro e cantador / não tenho culpa se a sina quem deu foi Nosso Senhor.

VIRGULINO – Minha gente, eu vou-me embora, muito tenho que andar. São tantos os desenganos, que 33 anos não vai dá pra consertar...

POVO (*cantando*) – Eu nasci pra cangaceiro / cangaceiro e cantador / não tenho culpa se a sina quem deu foi Nosso Senhor.

Surgem outras pessoas trazendo mais presentes. Uma mulher chama a atenção de Virgulino pela sua beleza. É Maria Déa que se aproxima.

MARIA DÉA – Eu trago óleo barato comprado aqui na feira, dou um banho nos teus pés nunca mais sentes canseira. Tua alma fica fechada e todo teu corpo cheira. Estás fazendo milagres, já curasse uma multidão, eu também quero um. Me leva no teu alazão, me livra do pecado do peso da omissão. Eu estou morrendo de desamor. Sou uma pecadora, acredito, mas o que estou sentindo é algo tão bonito que nem sequer sinto a dor. Sei que eles falam de mim, mas o que fazer? É amor! Eu já peguei cobra à mão, já dei surra em valente, desconheço no Sertão quem cisque na minha frente. Me leva, quero brigar, quero amar, quero ser gente. (*cantando*) Me leva pra onde for / quero ser tua mulher / à tardinha faço a cama / e de noite o que quiser / me acordo de madrugada / pra fazer o teu café.

VIRGULINO (*cantando*) – Maria Bonita / de novo e profana / Maria grita / Maria proclama / Maria na cama faz alarde / queima, arde, vira uma chama / se inflama, reclama, diz que me ama / me chama de covarde e eu lhe chamo de dama.

MARIA DÉA (*cantando*) – Rasga meu vestido / morde minha boca / me dá tua língua / esta hóstia louca / esta serpente tentadora / tira meu pecado / me dá meu pecado / sou pecadora / que vício maravilhoso / morde minha coxa / me deixa roxa / ai, que pecado gostoso!

VIRGULINO (*cantando*) – Maria Bonita / esquisita e estranha / Maria me excita / Maria aranha / Maria me arranha / na rede / sobe nas paredes / feito aranha / se assanha / faz façanha / e cai morrendo de sede / gemendo de manhã.

Corte/Luz. Anoitece de vez. O Largo da Igreja parece mais um formigueiro. São os Catadores de Lixo brigando pelos restos da feira. Uns brigam, outros fuçam e comem apressados feito animais. Um grupo mais distante, canta, enquanto separa os detritos com as mãos.

CATADORES DE LIXO (*cantando*) – Hosana, hosana, hosana / a coisa aqui está feia / aleluia, aleluia, aleluia / botaram no nosso com areia / e levaram até a cuia / estamos desesperados, humilhados / derrotados e jogados ao léu / precisamos de uma liderança / que seja de confiança / e não prometa o céu / que seja ele o hosana / que seja ele o Caifás / que seja ele o Virgulino / ou até mesmo o Satanás / alguém que nos socorra / porque desse jeito, pôrra / ninguém aguenta mais!

Virgulino, penalizado, aproxima-se e fica olhando, sem que eles percebam. Os Catadores carregam latas, sacolas e caixas velhas, todas amarradas ao corpo.

VIRGULINO – Benditos sejam os depósitos, todos os depósitos do mundo onde se armazenam os restos que alimentam os vagabundos. Os vagabundos desempregados, os aposentados moribundos, os cães leprosos, irados, os porcos, os ratos, que no fundo são trabalhadores desamparados. Benditos sejam os restos dos restos deixados pelos potentados, ali, quentinho, guardado, sereno como uma sinfonia à espera da freguesia que disputa cada pedaço no braço, na intriga. E ganha quem for mais forte. Não é uma questão de sorte, é pelo ronco da barriga. (*apanha no chão um pedaço de pão seco*) Este é o pão, esta é a cachaça. O pão é duro e rói, mas o sabor do trigo conserva a esperança e a fé. A cachaça é pura e é ela quem segura o corpo magro em pé. Uma mata a minha sede, o outro mata a minha fome. O manto da terra é verde, bendito seja o teu nome.

O cenário é de uma pocilga. Os Catadores de Lixo cheiram mal. Virgulino põe a mão no nariz e sai. Tira do bernal uma garrafa de cachaça, toma uns goles e fica perambulando pelo meio do mato.

VIRGULINO (*bebendo e falando sozinho*) – Meu Padim Ciço do Juazeiro, que fria foi essa? Veja, mais um gole de cachaça, isso é coisa que se faça? Que desgraça o

senhor fez com os seus romeiros. (*outro gole*) Estão todos mutilados, cegos, mudos, aleijados... Mendigando pelas feiras, feridas moscas-bicheiras atrás de um pão pra comer, esperando na morte viver a sua paz derradeira. Vivem de pedir, de rezar, esperando que caia do céu. Pensa que é fácil enganá-los? O senhor foi muito cruel! Eles continuam lhe esperando e ainda acreditando no rio de leite e mel. Quando souberem que foi mentira, que foi tudo uma farsa, como é que o senhor se vira, como é que o senhor se safa? O senhor teve nas mãos todas essas criaturas, por que não os ensinou que um buraco no chão nem sempre é uma sepultura? Que a vida é luta de guerra, que o homem que a terra come também pode comer a terra? Por que o senhor não volta? Faça como eu... Eles dizem a toda hora que o senhor nunca morreu. O senhor não disse que voltaria? Pois bem, chegou o dia, lute pelo que é seu! Mas, por favor, seja franco, não minta mais pra eles, porque do contrário, meu *Padim*, eu fico do lado deles. Diga somente a verdade, diga que a eternidade está neles, pela sua redenção! (*mais um gole*) Diga que pra encher a barriga é preciso muita briga e pouca oração. Diga, meu *Padim*, diga se o senhor vem. Estou pronto pra tomarmos uma cachaça, a morte lenta, de graça. Amém! (*vira a garrafa*)

Virgulino, embriagado, encosta-se numa árvore e tem uma visão. Aparecem sete mulheres em cima das pedras, todas vestidas de branco, com potes d'água nas mãos. A água escorre dos potes formando uma cortina. Elas cantam. O Padre Cícero aparece no meio da cortina d'água.

VIRGULINO (*tira o chapéu, a cartucheira e corre em direção à água. Ao chegar, as mulheres erguem os potes e a água desaparece*) – Meu *Padim*, o que é isso aqui?

PADRE CÍCERO (*chateado*) – Fica na tua, Virgulino! Estás muito esperto para o meu gosto. Parece mais o badalo do sino, parece que está com o encosto! Não para de falar... E quem foi que lhe disse que eu fiz essa babaquice? Alto lá! Eu nunca disse a ninguém que a peleja do mal com o bem era coisa de santidade. Você é testemunha disso. Sabe que o meu compromisso é somente com a verdade. A formiga é o melhor exemplo, a cigarra é do seu comportamento, ambas têm a mesma liberdade.

VIRGULINO – Não foi isso que eu quis dizer, meu santo.

PADRE CÍCERO – Eu não sou santo, Virgulino!

VIRGULINO – É, sim! Só falta o manto.

PADRE CÍCERO – Santo mesmo são vocês que vivem nesse desatino, presos nesses currais feito uns animais errados pelo destino! Eu não quero que chorem por mim, que rezem, que façam promessas! Vão procurar o que fazer, isso é o que interessa! Quer sair da miséria? Sair, depende só de você! Faça você mesmo a sua vida, porque o céu não vai fazer.

VIRGULINO – Era isso que eu queria ouvir. Era isso que eu queria em vida. Porque em morte vira sonho.

PADRE CÍCERO – Vai à merda, Virgulino!

VIRGULINO – Vá o senhor, meu santo!

PADRE CÍCERO – Bandido, me respeite! (*vai saindo*) Vou te dar uma penitência sem tamanho... (*Virgulino vira a garrafa*) Uma vez, arranquei o teu olho para conter teus instintos... Me cobraste com correção e com juramento. Agora vai ser pior, a praga vai ser maior! Vou tirar todas as estrelas do céu para que tu padeças no escuro. Se fechares o olho, vais dormir. Aí, serás abraçado pela noite, pela morte em teu porvir. É espinho de facheiro! É espinho de mandacaru! É a espada de São Jorge! É a lança do maracatu! É um punhal de prata brilhando no Cruzeiro do Sul! É urtiga! É graveto!

VIRGULINO (*sai correndo, desesperado e gritando*) – Vá embora, meu Padim! Vá embora! (*cai de joelho e toma mais um gole*) Quem não entende de viola não entra na minha rima! (*gritando*) O respeito é mais respeito quando vem de lá de cima! Tá pensando que só porque usa saia vai controlar minha sina? (*olha para o céu*) Meu Pai, por que eu de novo? É muita cara de pau. Ah, mas eu vou ajudar esse Povo a combater esse mal. Meu Padim, afasta de mim essa garrafa. Meu Padim, conserva em mim esse ideal... (*gritando*) Tá ouvindo, meu Padim? E fique sabendo o senhor, (*virando-se para ele*) que praga de urubu! (*não vê mais o Padre Cícero, nem as mulheres*) Meu Padim! (*vira a garrafa de vez e cai pronto, morto de sono*)

A noite termina. No dia seguinte, enquanto o Povo, contente, despede-se do bando de Virgulino, o Tenente João Bezerra e o Sargento Aniceto ficam à espreita, escondidos dentro do quartel.

SARGENTO ANICETO (*sussurrando*) – Veja, Tenente. Eu não falei! Ele é perigoso... É muito criativo. Temos que agir rápido porque o homem é muito vivo! Ontem à noite ele alimentou uma multidão com aqueles restos de feira, aquele lixo que fica no chão cheio de moscas bicheira... E eles, contentes, comeram e sonharam a noite inteira. O truque dele eu já sei qual é... É cachaça, que tira a fome e aumenta a fé.

TENENTE JOÃO BEZERRA – É verdade, Sargento... Todo bêbado é rico, é feliz e é valente. Então é esse o seu segredo? A bebida!

SARGENTO ANICETO – É, Tenente, eu vi. E é isso que eles querem para esquecer as tristezas da vida.

TENENTE JOÃO BEZERRA – Veja, o número de mendigos cada vez aumenta mais.

SARGENTO ANICETO – É... Por onde ele passa o povo segue atrás.

TENENTE JOÃO BEZERRA – O que me intriga é essa festa... O que será que ele está tramando com o Povo?

SARGENTO ANICETO – Se é o que eu estou pensando, deve ser algum truque novo...

TENENTE JOÃO BEZERRA – Ah, mas eu vou preparar uma boa para ele.

SARGENTO ANICETO – Temos que agir rápido senão o nosso prestígio vai para o bebeléu.

TENENTE JOÃO BEZERRA – Não se preocupe, Sargento, antes disso eu mando esse santo de volta para o céu.

O bando de Virgulino viaja três dias para chegar em Sergipe. Na quinta-feira santa, às 18 horas, eles avistam a cidade de Malhada dos Bois. Virgulino segue em direção à casa de Pedro de Cândido, homem de sua confiança. Na entrada da cidade, encontra um circo onde os artistas lhe esperam para homenagear o bando.

APRESENTADOR – Señor, estabamos a su espera para ofrecer a usted, en esta noche y con mucha emoción nuestro oficio y nuestra función. Señor, estos son los grandes maestros de la vida! Maestros, también, del Gran Circus de Nuestro País.

Eles partem para Virgulino. Cada um que queira se apresentar primeiro.

APRESENTADOR – Silêncio! Silêncio! Haga silencio en la plaza porque nuestra función hoy es de gracia.

PALHAÇO – Faz tempo que o tempo passa e eu sem graça aqui. Careta, porrada, tropeço e cair. Não tem piada, pirraça, cachaça que faça esse povo sorrir.

HOMEM DO GLOBO – A morte é o meu passatempo, sem ela não posso existir. Perigo, castigo, solidão e curtir. O povo chora, mastiga, fustiga, pra no final aplaudir.

EQUILIBRISTA – A minha vida é um fio que por um fio está. Dança, balança, cansa o equilibrar. E a plateia aflita, fita, levita, sonhando pra não acordar.

MÁGICO – Eu vivo de luto fechado, vendendo ilusões coloridas. O salto, o voo, o verde, a partida. A pomba está cega, doente, descrente, está com as asas partidas.

FAQUIR – Eu sou o faquir desta história. Meu corpo já é um graveto, prego, arame, vexame e espeto. O mês inteiro de fome, sede, sono, pra conservar o esqueleto.

TODOS – Somente um grande milagre poderá nos redimir. Sorriso, vida, comida e dormir. Senhor, toca-nos, beija-nos, salva-nos, leva-nos pra longe daqui.

APRESENTADOR – Basta, basta! Perdon señor, non era esta apresentacion. Es que los nuestros maestros, de tanto sofrimento, exageraron en la emoción.

VIRGULINO (*cantando*) – É noite escura, ê / acende o candeeiro / quem faz milagre é santo / eu não sou milagreiro / Lázaro levantou-se do túmulo / não foi por exibição / foi para mostrar que a palavra / é que comanda a ação / o milagre a gente faz / quando se tem precisão / corta cana, corta o tempo / faz o buraco, joga o grão / é noite escura, ê / limpa bem a sepultura / deixa crescer o pendão / aí vamos ver que os frutos / brotaram da nossa mão / é noite escura, ê / quem

tem fé, tem coragem / quem tem coragem vai ver / que só a força do braço / faz o milagre acontecer / é noite escura, ê / acende o candeeiro.

VIRGULINO / ARTISTAS (*cantando*) – Quem faz milagre é santo / eu não sou milagreiro.

Às oito horas da noite, o bando chega na casa do coiteiro Pedro de Cândido, onde é recebido com um farto jantar.

CORISCO – Todos em volta da mesa, que beleza, que fartura: carne-seca, pão, farinha, leite, queijo, rapadura, esta ceia tá se parecendo com aquela das Escrituras. Só tá faltando um bom vinho pra completar a figura.

PEDRO DE CÂNDIDO – Eu tenho um vinho gostoso que veio do Paraná, mas vou dizendo tomem pouco que ele pega pra danar. Vou servir em taças finas, cristais lá do Maranhão, pra que esta não seja a última e nem haja aqui traição.

VIRGULINO – O vinho já foi servido, o pão está na mesa, a família reunida aqui nesta fortaleza. Mastiga uma oração como quem afia as presas esperando a traição servida de sobremesa.

CANGACEIROS – Oh, quanta ingratidão a quem ouviu seus prantos! Por que você, minha mãe, me odeia tanto?

VIRGULINO – O vinho amarga na boca, o pão faz bucha, entala, e os condenados com fome, em volta da mesa, se calam. O bicho prepara o bote pra fazer a traição. Vai devorar nossa ceia com as garras de gavião.

CANGACEIROS – Oh, quanta ingratidão a quem sentiu sua dor! Por que meu pai, *invés* de traidor, traidor?

VIRGULINO – Sei que você me tocaia no mato, no lixo, no mangue, querendo comer minha carne e beber o meu sangue. Você farejou o meu rastro sem precisar de ajuda. A mesa já está posta. Só está faltando o Judas. (*Pedro de Cândido levanta-se atordado*) Por que te levantas, Pedro?

PEDRO DE CÂNDIDO – Não sei... Alguém me chamou.

CORISCO – Senta, Pedro, senta. Ouve a palavra do Senhor.

PEDRO DE CÂNDIDO (*exaltado*) – Não, não! Eu não quero ser o traidor! (*sai correndo, desesperado*)

Volta-Seca começa a cantar, tentando amenizar a situação.

VOLTA-SECA (*cantando*) – À mesa posta / a alma aflita / sublime é o pão / que na boca grita / sua oração / não me palpita. (*repete*)

Nesta mesma noite, o Tenente João Bezerra toma conhecimento da ceia que houve na casa do coiteiro Pedro de Cândido. Ele, que já vinha há três noites sem dormir, no

rastro do bando, decide continuar a viagem e imediatamente parte com a sua Volante de 48 homens no encalço de Virgulino.

TENENTE JOÃO BEZERRA (*cantando*) – Lá vou eu, lá vou eu / todos sabem quem eu sou / por esse Sertão inteiro / matador, matador / matador de cangaceiro / teu Padrinho é poderoso / vive sempre do teu lado / mas caindo em minhas unhas / o destino está traçado / vão apanhar todos dois / o Padrinho e o afilhado / todos sabem quem eu sou / o Tenente João Bezerra / quebra pau, quebra tijolo / mete a mão, vê a queda / mete o pé, vê o rolo / e traz na ponta da língua / noventa mil desaforos / todos sabem quem eu sou / confia a onça nas unhas / o leão na energia / a abelha em seu mistério / o gavião na luz do dia / mas eu não posso saber / cangaceiro em quem confia / todos sabem quem eu sou / fiz tanta força no pé / que *entronchei* a espora / mas cheguei onde queria / antes do romper da aurora / ô de casa, ô de fora / é aqui que o coiteiro mora? (*falando*) Ô de casa, ô de fora! Pedro de Cândido, chegou tua hora!

O Tenente João Bezerra ameaça tocar fogo na casa do coiteiro se ele não sair. Pedro de Cândido sai, com quatro pedras nas mãos. A resposta é em dez pés de quadrão [Rima com dez frases em sonoridade].

TENENTE JOÃO BEZERRA – Seu coiteiro desgraçado!

PEDRO DE CÂNDIDO – Olhe o respeito comigo!

TENENTE JOÃO BEZERRA – Ouça bem o que eu lhe digo!

PEDRO DE CÂNDIDO – Morro de bico fechado.

TENENTE JOÃO BEZERRA – Eu lhe deixo retalhado!

PEDRO DE CÂNDIDO – É a sua profissão.

TENENTE JOÃO BEZERRA – Vou lhe dar um bofetão!

PEDRO DE CÂNDIDO – Mesmo assim não vai dar jeito.

TENENTE JOÃO BEZERRA – Você me paga, sujeito

OS DOIS – Nestes dez pés de quadrão.

TENENTE JOÃO BEZERRA – Vou torcer o seu pescoço!

PEDRO DE CÂNDIDO – Não tenho medo de perigo.

TENENTE JOÃO BEZERRA – Pra onde foi seu amigo?

PEDRO DE CÂNDIDO – Faz de conta que não ouço.

TENENTE JOÃO BEZERRA – Cuidado na vida, moço!

PEDRO DE CÂNDIDO – Eu não temo sua prisão!

TENENTE JOÃO BEZERRA – Lhe arranco um pé e uma mão!

PEDRO DE CÂNDIDO – Eu me viro no Saci.

TENENTE JOÃO BEZERRA – Sujeito, eu vou lhe partir...

OS DOIS – Nestes dez pés de quadrão.

TENENTE JOÃO BEZERRA – Vou lhe pegar a meu jeito!

PEDRO DE CÂNDIDO – Eu trinco os dentes e me calo.

TENENTE JOÃO BEZERRA – Eu boto fogo em seus calos!

PEDRO DE CÂNDIDO – Pode até furar meu peito.

TENENTE JOÃO BEZERRA – É melhor falar direito!

PEDRO DE CÂNDIDO – Tudo, menos traição.

TENENTE JOÃO BEZERRA – Você morre feito um cão!

PEDRO DE CÂNDIDO – É o destino do fraco.

TENENTE JOÃO BEZERRA – Tome um pontapé, no caso.

OS DOIS – Nestes dez pés de quadrão.

TENENTE JOÃO BEZERRA – Eu dou-lhe um cristal de lama!

PEDRO DE CÂNDIDO – Mas nenhuma palavra leva.

TENENTE JOÃO BEZERRA – Dessa vez você entreva!

PEDRO DE CÂNDIDO – Passo três dias na cama.

TENENTE JOÃO BEZERRA – Comigo você não mama!

PEDRO DE CÂNDIDO – Já disse, a palavra é não.

TENENTE JOÃO BEZERRA – Então prepare o caixão!

PEDRO DE CÂNDIDO – Defunto não teme cova.

TENENTE JOÃO BEZERRA – Reze, coiteiro de uma ova!

OS DOIS – Nestes dez pés de quadrão.

TENENTE JOÃO BEZERRA – Nenhum coiteiro me humilha!

PEDRO DE CÂNDIDO – Não sei o que você quer.

TENENTE JOÃO BEZERRA – Vou queimar a sua mulher!

PEDRO DE CÂNDIDO – Deixe em paz minha família.

TENENTE JOÃO BEZERRA – Vou estuprar a sua filha!

PEDRO DE CÂNDIDO – Por Deus, tenha compaixão!

TENENTE JOÃO BEZERRA – Eu sou a navalha do Cão!

PEDRO DE CÂNDIDO – Eu peço pelo Divino!

TENENTE JOÃO BEZERRA – Pra onde foi Virgulino?

OS DOIS – Nestes dez pés de quadrão.

TENENTE JOÃO BEZERRA – Não tenho tempo a perder!

PEDRO DE CÂNDIDO – Eu falo porque me obriga.

TENENTE JOÃO BEZERRA – Em que lugar, vamos diga!

PEDRO DE CÂNDIDO – Na Gruta, até o amanhecer.

TENENTE JOÃO BEZERRA – E o que mais? Quero saber!

PEDRO DE CÂNDIDO – Ele está sem munição.

TENENTE JOÃO BEZERRA – Eu vou pegá-lo à traição!

PEDRO DE CÂNDIDO – Vai, Judas vil e traiçoeiro!

TENENTE JOÃO BEZERRA – Vou lhe dar o pagamento, coiteiro!

OS DOIS – Nestes dez pés de quadrão.

Na mesma hora, o Tenente João Bezerra parte com a Volante em direção à Gruta do Angico. Vai fazer a emboscada, antes do dia clarear. Fica um vulto perdido na noite. É o corpo do coiteiro Pedro de Cândido pendurado numa jaqueira.

TENENTE JOÃO BEZERRA (*cantando*) – Lá vou eu, lá vou eu / todos sabem quem eu sou / por esse Sertão inteiro / matador, matador / matador de cangaceiro.

Gruta do Angico, quatro e vinte e cinco da manhã. Virgulino não consegue dormir, carrega uma dor no peito trancando o coração.

VIRGULINO (*cantando num aboio sofrido*) – Ô, ô, ô, ô / ô, ô, ô / vai meu Alazão, sai / voa no vento da noite / e vai dizer ao meu Padim / que bote as estrelas no céu / pra espantar essa morte / que está olhando pra mim / corre meu Alazão, vai / passa na igreja, bate o sino / acorda o sabiá, a juriti / que eles cantem esta noite / pra espantar o rasga-mortalha / que quer me fazer dormir / voa ligeiro, Alazão / que o sono já está chegando / e o veneno da noite / já está quase me pegando / eu quero morrer lutando / veste minha cartucheira / me dá o meu punhal / e bota também a perneira / se não der tempo, Alazão / e ela me pegar dormindo / avise lá no céu / que em toda noite escura / eu quero em meus pesadelos / seu vulto, de cartucheira / e chapéu.

Gruta do Angico, quatro e trinta da manhã. A emboscada. O Tenente João Bezerra ataca de surpresa, pegando todos os cangaceiros dormindo. Apenas Virgulino e Maria Déa estão acordados contemplando a aurora que vem surgindo.

TENENTE JOÃO BEZERRA – Te peguei, bandoleiro! Bandido, acabei com o teu zunzum! Faz o cerco, menino, e mete bala que a mortalha espera mais um! Levanta a poeira do chão! Corta braço, cabeça, o corpo inteiro! Urubu vai morrer de indigestão de tanto comer carne de cangaceiro. Quero ver estrela no céu, quero ver estrela na mão, e as estrelas do teu chapéu quero todas elas no chão!

Barulho de bala nas pedras.

VIRGULINO (*gritando*) – Porco é que morre de véspera! Homem só morre na hora!

O som das facas no ar.

CORO/VOLANTE – Ê, levanta a poeira! Ê, acabou-se o zunzum! Mataram os cangaceiros, só ficou faltando um! Só ficou... Só ficou faltando um.

TENENTE JOÃO BEZERRA – Como é que o sujeito tem coragem de ainda pisar nesse chão, desafiar João Bezerra e dizer que é o Rei do Sertão? Ê, mete a faca, menino! Ê, manda bala e facão! Vamos fazer com fogo a coroa do Rei do Sertão!

Barulho de bala nas pedras.

VIRGULINO (*gritando*) – Não morro antes do tempo! Não corro sem ver de quê!

O som das facas no ar.

CORO/VOLANTE – Ê, levanta a poeira!

TENENTE JOÃO BEZERRA – Nunca vi pau podre matar cobra, nem cangaceiro ser gente. Olha o cerco! Prendam o cabra senão ele acaba com a gente!

Barulho de bala.

VIRGULINO (*gritando*) – Me mate e eu volto de novo. Sou que nem soca de cana!

O som das facas no ar.

TENENTE JOÃO BEZERRA – Te entrega, Cão Coxo, Lúcifer! Ladrão da consciência de Jesus! Te peguei, peste ruim, é o fim! Vais agora carregar a tua cruz! Vais morrer feito um touro, na arena, caindo aos poucos pelo chão com três punhais cravados no peito feito o mártir Sebastião! Pra ver se me deixas em paz e não voltas aqui nunca mais! (*sarcástico, com desprezo*) Agitador do Sertão!

Parte para cima de Virgulino com todos os Demônios no corpo. A poeira sobe, o suor desce. O som de pífano com zabumba dá o ritmo certo da peleja, da briga do cachorro com a onça. Os dois se debatem numa coreografia pavorosa. A praga do Padre Cícero vem à tona na cabeça de Virgulino. Ele cai de mal jeito e o Tenente João Bezerra crava-lhe o punhal no peito. Mais dois punhais cruzam no ar jogados por soldados da Volante. O Tenente pega-os com maestria e completa sua vingança. É o fim.

VOZ DE PADRE CÍCERO – “É um punhal de prata brilhando no Cruzeiro do Sul”.

O Tenente João Bezerra sai feito uma Besta-Fera, desembestado pelo meio do mato, comemorando o seu feito.

CORO/VOLANTE – Ê, levanta a poeira... Ê, acabou-se o zunzum... *(vai silenciando)*

Virgulino arrasta-se por cima das pedras, feito uma cobra ferida. De repente o Padre Cícero aparece na sua frente.

PADRE CÍCERO – Eu te avisei, Virgulino! Vieste de enxerido! Podia estar livre dessa no livro dos atrevidos, mas de uma coisa tenha certeza: ser rico não é pecado, o castigo é pesado para quem cultiva a avareza. O dia tem a sua luz, a noite tem o seu véu; mostra o caminho do roçado, a chuva quem manda é o céu. *(vai sumindo)* E diz para os teus que o desejo do homem é inútil, o que prevalece é a vontade de Deus. *(desaparece)*

Os primeiros raios do sol penetram na Caatinga e deixam no chão uma sombra de luz em forma de cruz.

VIRGULINO *(nas últimas)* – Meu Padim, a cruz está exposta. Quem vai se crucificar? O Cristo somos nós num eterno mendigar. Quem está de barriga cheia é fácil filosofar. *(vai arriando aos poucos e fica estendido sobre as pedras)*

A notícia da morte de Virgulino espalha-se rapidamente. O Povo corre para a Gruta do Angico e chora em cima das pedras, vendo o mar de sangue. Rezadeiras cantam emocionadas.

REZADEIRAS *(cantando)* – Aquelas toalhas bentas / que de sangue estão manchadas / limpam as pedras do Angico / no dia da emboscada / limpam as pedras do Angico / no dia da emboscada / o mundo está de tal forma / que ninguém pode entender / uns devem, porém não pagam / outros pagam sem dever / uns devem, porém não pagam / outros pagam sem dever / quem vier para Sergipe / traga contas pra rezar / isso aqui é o purgatório / onde as almas vêm penar / isso aqui é o purgatório / onde as almas vêm penar.

Toritama, Pernambuco, dia de finados. O Cego Timóteo, sentado na porta do cemitério, encerra sua história.

CEGO TIMÓTEO *(cantando)* – Foi o santo Conselheiro / quem fez a anunciação / disse que um cangaceiro / ia ser Rei no Sertão / ia carregar uma cruz / e morria como Jesus / para o bem geral da Nação. *(falando)* Agora terminei o meu verso, a minha história verdadeira. Toda vez que eu conto ela, dez mil réis vêm pra algibeira. Porém, hoje, eu dou de graça, e talvez não ache quem queira.

- Fim -

O PRÍNCIPE DOS MARES DE OLINDA CONTRA A FÚRIA DAS ÁGUAS



O Príncipe dos Mares de Olinda Contra a Fúria das Águas (1997), pela Cia. das Artes, do Recife
Texto e direção: Vital Santos
Foto: Taveira Júnior

O PRÍNCIPE DOS MARES DE OLINDA CONTRA A FÚRIA DAS ÁGUAS

É o único texto infantojuvenil de Vital Santos. No enredo, numa noite de lua cheia, num castelo de cordas, em 1631, um Rei tem um sonho ambicioso de encontrar a cidade perfeita onde homens, mulheres e crianças possam ser felizes. Quando desperta, o monarca conta tudo o que sonhou ao príncipe Dom João Peri de Nassau e ordena que ele, imediatamente, convoque seus mais experientes homens para enfrentarem o mar e partirem em busca de tão almejado local. A missão também é encontrar o tesouro dos indígenas Caetés, um livro onde estão guardados os segredos dessa cidade ideal, na qual o faz de conta pode virar realidade, mas a peça também usa esta fantasia para se queixar dos maus tratos ao lugar que seria erguido pelos exploradores, a própria Olinda.

Após contar com a ajuda das crianças para partirem na expedição, ainda no alto-mar, em meio à fúria das águas, os homens primeiramente se deparam com uma perigosa Sereia que tenta dominar a todos da embarcação, mas o Gajeirinho consegue vitória e a tripulação chega sã e salva à nova terra. Lá, uma indígena de nome Frevo serve de guia ao príncipe, mas, num vai e vem de temporalidades que já antecipam o futuro que virá, a visão da destruição do seu povo e daquele lugar a aterroriza. A trama toca em questões sérias como o extermínio das populações originárias e a degradação do meio ambiente.

Com o passar do tempo, Olinda é só sujeira, tanto que os urubus fazem a festa. O território está tão destruído, que até mesmo as estátuas de santos das igrejas se rebelam e querem fugir dos seus altares, para desespero de senhoras recém-chegadas da Corte portuguesa, Dona Olinda Papuda, Dona Olanda Rabuda, Dona Olenda Tesuda e Dona Olindona Peituda, que teimam em cuidar dos milagreiros de sua devoção. Como



O Príncipe dos Mares de Olinda Contra a Fúria das Águas (1997), pela Cia. das Artes, do Recife
Texto e direção: Vital Santos. Foto: Taveira Júnior

numa alegoria mágica, é do livro dos Caetés que saem certos heróis da nossa história (aparição decerto ufanista), prontos para ajudarem a construir a “cidade dos sonhos”. Acontece que um incêndio vem destruir todos os monumentos ali. Percebendo a destruição dessa cidade-patrimônio, o próprio Mar quer tomá-la de volta. O príncipe, no entanto, assume a missão de reconstruí-la em sete dias. Ou seja, em meio a enredo fantasioso, trata-se da necessidade de preservação dos bens culturais.

O texto foi concebido por Vital Santos em 1996 e retocado, pela última vez, em 12 de março de 1997. Já o espetáculo, produzido pela estreante Cia. das Artes (Fátima Aguiar, Galiana Brasil, Telma Cunha e Adelson Dornellas em parceria), foi dirigido pelo próprio Vital e estreou no segundo semestre de 1997, com ele mais uma vez mexendo na estrutura física do Teatro Barreto Júnior, pois existiam passarelas de madeira que adentravam à plateia e, do mezanino, desciam quatro urubus de sucata que voavam sobre a cabeça dos espectadores numa referência ao jogo de zigue-zague.

A montagem foi financiada pelo Fundo Nacional da Cultura, via Governo Federal e Ministério da Cultura, com patrocínio da Caixa Econômica Federal e apoio cultural da Copiadora Nacional e Zeca's Sorvetes, raridade para as realizações do nosso dramaturgo-encenador. No elenco, Adelson Dornellas, Galiana Brasil, Samuel Santos, Telma Cunha, Normando Roberto Santos, Beto Nery, Fátima Aguiar, Viviane Belanger, Flávio Ozório e Erlene Melo, com figuração de Karem Navamuel e Williams Rocha (também como contrarregra), além da participação especial de dois músicos integrantes do Conjunto Pingo de Ouro, os músicos Bozó e Lula.

A bela trilha sonora era de Romero Andrade e Vital Santos. Além de texto e direção, ele ainda assinava os cenários e a coreografia, chamando sempre o espetáculo de “Ópera-balé para crianças e adolescentes” com suas 25 músicas dançadas e cantadas ao vivo, tudo numa elegia a Olinda (onde ele já morava), espécie de poesia lírica, lúdica, mas de lamento também:

O musical expõe as aventuras de uma expedição em 1635. Os navegantes partem em busca de uma cidade perfeita, uma cidade-patrimônio batizada de Olinda. O fascínio que Olinda exerce motivou o dramaturgo e encenador Vital Santos a criar uma ópera-balé. Trata-se do primeiro espetáculo infanto-juvenil do autor pernambucano, onde se misturam musicalidade e poesia, as mesmas características do seu trabalho anterior, *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra*. Utilizando vários recursos visuais, Vital declara seu amor a essa cidade cheia de magia. Aproveita também para denunciar questões sociais como a exploração do trabalho infantil. “A razão principal desta encenação é retratar a situação em que se encontra o patrimônio cultural das cidades”, defende a produção do espetáculo. O descaso das autoridades também é criticado na peça. (PEÇA..., *Diário de Pernambuco*, 24 jun. 1998, p. 2)

Na direção de arte, com dezenas de figurinos e adereços entrando em cena, criações do estilista pernambucano Eduardo Ferreira bem ao estilo *manguebeat*. Considerado o criador da estética “mangue *fashion*”, ele agitou o universo da moda desde que foi considerado revelação entre 1995 e 1996 e saiu do Phytoervas Fashion com uma bolsa de estudos para Paris. Sem dúvida era super elogiado, mas, confesso, algumas de suas invenções eram

pouco práticas para o teatro, especialmente nas trocas rápidas de roupas nos bastidores. Ainda na equipe técnica, Sérgio Caldas assinando a iluminação – muito interessante –; Beto dos Bonecos executando tais elementos de cena; e Beto Nery, também ator, como assistente de direção. Aqui vai um lembrete: Vital Santos escreveu uma peça infantil bem antes desse infanto-juvenil. Foi em 1982, *Diana Pastora*, parceria com sua esposa na época, Alcimar Vólia. A obra acompanha os desafios de uma estrelinha do céu que se perde aqui na terra, numa linguagem bem ingênua, mas também musical, em referência ao pastoril. A montagem foi estreada em 1984, sob direção do próprio Vital, com o Grupo Feira de Teatro Popular, em Caruaru, mas teve vida bem curta.

NO SONHO DA CIDADE PERFEITA (QUE ACOLHA SEUS TEATROS, INCLUSIVE)

Após cumprir uma primeira temporada no Teatro Barreto Júnior, no segundo semestre de 1997, *O Príncipe dos Mares de Olinda Contra a Fúria das Águas* participou do 4º Janeiro de Grandes Espetáculos, festival com 21 montagens de teatro e dança, sendo seis direcionadas à criançada. A peça exibiu-se no sábado 17 de janeiro de 1998, no Teatro do Parque, e marcou minha estreia no elenco (conto detalhes mais à frente). Por sinal, durante o evento, a peça concorreu à premiação oferecida pela Apacepe - Associação dos Produtores de Artes Cênicas de Pernambuco aos melhores de 1997 na categoria teatro infantil. Não conseguiu indicação como espetáculo, nem direção e técnicos, mas teve dois nomes lembrados: Normando Roberto Santos, como melhor ator (no papel do Rei, entre outros personagens), e Fátima Aguiar, como melhor atriz (a Sereia, entre outras personagens).

No entanto, parece que a ideia de se entregar prêmios naquela edição do festival não se concretizou, talvez por falta de recursos para os troféus ou desorganização mesmo, apesar da divulgação dos indicados na imprensa. A partir de 14 de março de 1998, a peça foi parar novamente no Teatro Barreto Júnior na intenção de cumprir uma segunda temporada, mas o projeto não saiu como o previsto, pois aquele primeiro semestre foi marcado por salas vazias na maioria das encenações no Recife. A jornalista Ivana Moura contou o que aconteceu:



O Príncipe dos Mares de Olinda Contra a Fúria das Águas (1997), pela Cia. das Artes, do Recife
 Texto e direção: Vital Santos
 Fotos: Taveira Júnior

A produção cênica deste primeiro semestre foi feita da obstinação de alguns, poucas estreias, público ausente na maioria das montagens e algumas surpresas. Pelo menos dois espetáculos saíram de cartaz antes do tempo: o infantil *O Príncipe dos Mares de Olinda Contra a Fúria das Águas* e *Castro Alves do Brasil*, por falta de público. *O Príncipe* caiu fora no final de abril, pois elenco numeroso, cachê fixo dos atores e técnicos e casa praticamente vazia não combinam. (MOURA, *Diário de Pernambuco*, 30 mai. 1998, p. 7)

Para piorar, após ser a única peça de Pernambuco selecionada para o 18º Festival Nacional de Teatro de São José do Rio Preto/SP, que aconteceria entre julho e agosto de 1998, a equipe – composta por nove atores, dois músicos e cinco técnicos – não conseguiu captar recursos para a viagem. Tanta frustração junta fez a montagem, infelizmente, não sobreviver por mais tempo. Ainda assim fomos participar da III Mostra Infantil de Teatro, a convite do IV FENART - Festival Nacional de Arte, em João Pessoa/PB – éramos a única atração do Recife –, com exibição a 27 de abril de 1998, no Teatro de Arena do Espaço Cultural José Lins do Rego, ocupando um palco aberto e diferenciado em 360 graus na relação com o público, mas sem nenhum efeito de luz (o que foi bem estranho), pois a sessão era à tarde, às 15h30.

Viajamos também para o VIII Festival de Inverno de Garanhuns/PE, com ótima apresentação no Teatro Luiz Souto Dourado; e, talvez, como derradeiro encontro do elenco, uma louquíssima exibição na área externa do Hotel 7 Colinas, em Olinda, por conta de algum evento político, quando demos maior ênfase nos trechos musicais. E ficamos nisso. É uma pena que a montagem não tenha ganho nenhum olhar crítico na imprensa, mas a produção pôde colher depoimentos escritos de crianças e jovens. O material compunha, inclusive, o projeto de captação de recursos do trabalho. Eis alguns deles:

“Painho, o que é Olinda?”. Após muita insistência, o pai levou-a para conhecer a cidade de Olinda. (Bárbara de Lima Pontual, filha do ator Genilson Tavares)

Eu adorei a peça, mas a parte que eu mais gostei foi o final que eles pegam uma bacia cheia de água e colocam um barquinho de papel dentro. Foi a parte que eu mais gostei, porque eu achei mais bonita e mais interessante. (Luiza Campos, 7 anos)



O Príncipe dos Mares de Olinda Contra a Fúria das Águas (1997), pela Cia. das Artes, do Recife
 Texto e direção: Vital Santos
 Fotos: Taveira Júnior

Eu gostei, mas não entendi. Eu só sei que o rei queria construir uma cidade perfeita. Aí eles pegaram a barca e foram construir a cidade que o rei sonhou. (Andresa, 10 anos, aluna da Escola Coronel José Domingos da Silva)

Eu achei o espetáculo *O Príncipe dos Mares de Olinda Contra a Fúria das Águas* muito interessante. Ele é bonito e sensível. Ao contar a história de uma forma musical, faz assim com que prenda a atenção de todos, crianças e adultos. Esse espetáculo faz você viajar num lindo mundo. (Maria Clara Barbosa Camarotti Rosa, 16 anos)

Já Vital Santos, nesse mesmo projeto, confessou o seu interesse por um fazer teatral para as infâncias de todas as idades:

A ideia de fazer um teatro infantil para adultos e adolescentes não é apenas para mostrar a visão da criança na concepção de um espetáculo, mas para estimular a criatividade de um público que cada vez mais torna-se alienado pelas formas fáceis de um teatro puramente comercial. É necessário que essas peças tenham literatura, poesia, musicalidade, arte e, acima de tudo, uma concepção estética coerente, que seja dirigida com a lucidez e a consciência que este público merece. (SANTOS, *O Príncipe dos Mares de Olinda Contra a Fúria das Águas* [Projeto], 1998, s. p.)

MINHA ESTREIA COMO ATOR DE VITAL

Desde que vi *Auto das Sete Luas de Barro*, em 1993, com o Grupo Feira de Teatro Popular, de Caruaru, e mais precisamente *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra*, por esta peça contar com elenco do Recife, da Ópera Popular do Nordeste, em 1994, eu sonhava em poder trabalhar com Vital Santos como ator. Sempre fui apaixonado por espetáculos musicais e me ver inserido num espetáculo de um dramaturgo e encenador tão potente, que abordava coisas nossas, me encantava. Tanto que, por várias vezes, fui falar com as atrizes-produtoras Fátima Aguiar, Galiana Brasil e Telma Cunha, pedindo-lhes uma chance de entrar como substituto em *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra*. Mas infelizmente não deu. Até que pintou

a chance em *O Príncipe dos Mares de Olinda Contra a Fúria das Águas*. Elas conheciam o meu trabalho dos palcos, eu já havia cantado em várias montagens com trilha sonora ao vivo, e na época ainda estudava canto e flauta doce no Conservatório Pernambucano de Música. Com a saída de Flávio Ozório e Karem Navamuel do elenco original, fui chamado para substituí-los, ou seja, eu valia por 2 em 1 (brincadeirinha!).

Na verdade, fui fazer Coro apenas e o engraçado é que o figurino de Karem foi o que serviu para mim, pois ela era alta e esguia, assim como eu, bem mais magro naqueles tempos. No começo achei estranho ter um detalhe do meu umbigo à mostra, mas depois acostumei (na época, a minha barriga ainda era tanquinho). Bom, estar num musical ao vivo, com um elenco razoavelmente grande, formado por amigos que fui conquistando e experimentar uma montagem com várias trocas de roupa (éramos marinheiros, indígenas, santos, cavaleiros), me deu um enorme prazer. Eu achava a peça confusa – como penso dela até hoje –, tinha uma correria grande nos bastidores, o público sempre foi minguaado, infelizmente, mas eu estava realizado, pleno por fazer parte de uma obra concebida e dirigida pelo grande Vital Santos, a quem sempre admirei.

A sensação era essa, apesar de ter tido pouco contato com ele nessa substituição (nossa aproximação maior se deu devido ao Projeto Memórias da Cena Pernambucana), pois o clima entre ele e a produção do espetáculo já não era dos melhores. Lembro que num ensaio, no Teatro Barreto Júnior, ele parou a cena e me pediu para consertar um detalhe do meu pé. Queria que eu estivesse em ponta, num momento em que trabalhávamos com um longo pano azul, bem na abertura da montagem. Foi a única observação que Vital fez comigo; não mudou nenhuma inflexão, nada, apenas a ponta do meu pé. Aquilo me chocou um pouco, e tive a certeza que Vital era muito mais um coreógrafo do que um diretor de ator realmente.

Mas tudo era feito com bastante inventividade, e a peça se mostrava ultra dinâmica. Eu a achava linda, mesmo confusa em seu enredo e com a plateia nem sempre sendo tão agradada assim (talvez as crianças gostassem daquela correria, das tantas surpresas que vinham à cena), no entanto acho que os adultos saíam um tanto decepcionados. Maior alegria minha se deu mesmo foi quando vi que no programa-cartaz impresso do espetáculo o meu nome constava no elenco. Havia dado tempo para isso! Foi pura satisfação.



O Príncipe dos Mares de Olinda Contra a Fúria das Águas (1998), pela Cia. das Artes, do Recife
 Texto e direção: Vital Santos
 Fotos: Lenice Queiroga



*O Príncipe dos Mares de Olinda Contra a Fúria
 das Águas* (1997 e 1998), pela Cia. das Artes, do Recife
 Texto e direção: Vital Santos
 Fotos: Taveira Júnior e Lenice Queiroga

Para minha surpresa durante a temporada, por uma única vez gachei um personagem maior, o Mar revoltado e sonolento, cheio de garrafas plásticas de lixo, que meu saudoso amigo Adelson Dornellas fazia. Ele teve um problema qualquer, não pôde estar numa determinada sessão e eu o substituí, morrendo de medo, mas totalmente entregue àquele “pequeno momento de glória”. Afinal, fui o escolhido para tal. Até chamei a fotógrafa Lenise Queiroga para registrar tudo com belas imagens. Em meio àquela rocambolesca encenação de Vital, quatro momentos me marcaram bastante. Primeiramente o início, quando entrávamos cantando a música mais linda da trilha sonora, a da abertura, e todo o elenco vinha brincando da coxia em festa, empurrando a armação de madeira com rodinhas que trazia o Rei sonhador, Normando Roberto Santos no papel (aquela “zona” que fazíamos como esquete para o palco era maravilhosa!).

Por segundo, a cena em que cantávamos a música de saída da barca (e aqui eu podia fazer um dueto de voz com Beto Nery, o príncipe João Peri de Nassau, pois sou barítono e atingia as notas mais agudas). Terceiro, um trecho de tensão sempre, quando brincávamos com urubus que desciam do mezanino do teatro para o palco, cortando o ar sobre a cabeça dos espectadores na plateia (os bichos eram de ferro, bem pesados, e eu fazia uma força tremenda para impulsionar o brinquedo em vai e vem). As crianças vibravam! Inclusive, na exibição no Teatro do Parque, um dos urubus caiu, mas sobre cadeiras vazias, felizmente. Por fim, o desfecho da peça, já citado num depoimento anterior, quando íamos lentamente ao público – pois utilizávamos rampas que adentravam à plateia do Teatro Barreto Júnior, assim como acontecera em *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra* – e a obra terminava com todos nós chamando a meninada para acompanhar a colocação de um barquinho de papel numa bacia d’água, bem ao centro da estrutura de madeira.

Aquilo era lindo e me emocionava bastante. Eu, por sinal, até tenho uma foto do dia em que dois sobrinhos meus, Laisa e Fillipe Ferraz, bem pequenos ainda, foram me assistir. Ali também estava o filho de Galiana, Gabriel Brasil, sempre presente por lá. *O Príncipe dos Mares de Olinda Contra a Fúria das Águas* pode não ter sido um sucesso de bilheteria e de recepção junto ao público (adulto, principalmente), mas está guardado no meu coração para sempre. Foi o único espetáculo que fiz com Vital Santos



O Príncipe dos Mares de Olinda Contra a Fúria das Águas (1997), pela Cia. das Artes, do Recife
Texto e direção: Vital Santos. Foto: Lenice Queiroga

como ator, o que me orgulha bastante. Detalhe: na primeira escrita do texto, bem modificada para esta versão final que se pode ler a seguir – e que também sofreu alterações quando da encenação para o palco –, o Gajeirinho e a indígena Frevo iniciavam um namoro e antes de darem “um grande beijo”, como recomendava Vital, ela terminava a peça com a seguinte frase: “Dê-me coragem para sonhar...”. Pelo menos eu, fazendo o espetáculo, me sentia num alegre, colorido e musical dos sonhos.

REFERÊNCIAS:

MOURA, Ivana. Teatro pernambucano sofre com a falta de público. **Diário de Pernambuco**. Recife, 30 mai. 1998. Viver. p. 7.

PEÇA pernambucana vai a São José do Rio Preto. **Diário de Pernambuco**. Recife, 24 jun. 1998. Viver/Cena Teatral. p. 2.

SANTOS, Vital. O diretor e autor. **O Príncipe dos Mares de Olinda Contra a Fúria das Águas** [Projeto]. Recife, 1998. Cia. das Artes. s. p. (Os depoimentos dos espectadores mirins também estão neste documento).

— O PRÍNCIPE DOS MARES DE OLINDA — CONTRA A FÚRIA DAS ÁGUAS

De: Vital Santos

.....

Personagens: O Rei, Dom João Peri de Nassau, Marujos I, II, III, do Porão e da Proa, Mestre do Remo, Gajeirinho, O Mar, Sereia, Tempestade, Indígenas, Frevo (componente dos povos originários), Crianças Maltrapilhas, Capataz, São Bento, Nossa Senhora do Amparo, Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, Nossa Senhora Virgem de Guadalupe, Nossa Senhora da Misericórdia, Dona Olinda Papuda, Dona Olanda Rabuda, Dona Olenda Peituda e Dona Olindona Tesuda, Henrique Dias, Francisco de Brito Freire, André Vidal de Negreiros, Maurício de Nassau, Dona Maria Rosa, Jerônimo de Albuquerque, Duarte Coelho, Nobres e Damas da Corte.

Num castelo de cordas, em noite de lua cheia, o Rei tem um sonho. Todos entram em cena cantando e dançando numa alegoria mágica. Aparecem em grupo trazendo o Rei preso ao seu trono, com roupas cômicas e um cetro gigante na mão. O trono tem rodas e flutua no palco levemente.

TODOS (*cantando*) – Foi numa noite de lua cheia / no céu, o azul era o esplendor / na corte e na rua era alegria / porque o Rei sonhou. (*repetem*) O Rei sonhou, sonhou / depois de anos mil / o Rei chamou, reuniu, organizou / uma expedição, uma expedição / uma expedição ao Brasil.

DONA OLANDA RABUDA – Corre o ano de 1631. Na corte imperial, Sua Majestade conta o seu sonho ao príncipe Dom João Peri de Nassau.

O REI – Tirem-me daqui! Tirem estas roupas que elas estão me sufocando! Eu preciso respirar, quero ficar à vontade!

Todos correm e cobrem o Rei com um pano muito grande e coloridíssimo. Como se fosse uma mágica, ele desaparece e surge do lado oposto já sem as roupas, respirando aliviado.

DOM JOÃO (*curvando-se diante do pano*) – Majestade, o mais fiel dos teus súditos curva-se aos teus pés para ouvir as tuas ordens.

O REI (*no lado oposto*) – Vai, meu príncipe! Eu reuni os mais experientes homens deste reino para te acompanhar nesta tão sonhada missão. Entre eles, poetas, artistas e as mais sábias mulheres desta corte. Eles vão te ajudar a encontrar um livro.

DOM JOÃO – Um livro?

TODOS – Um livro?

O REI – Um livro. Ele é grande, enorme, do tamanho do mundo. Nele estão os segredos da cidade perfeita, onde o faz de conta vira realidade. Vai, meu príncipe!

O Rei gesticula, enquanto eles, cantando, carregam Dom João para o alto de um estrado.

TODOS (*cantando*) – Vai meu príncipe, vai / vai, vai, vai... / Vai meu príncipe, vai!

O REI (*continuando*) – E se eu não estivesse tão velho, tão cansado, juro que estaria prazerosamente à frente desta missão.

TODOS (*cantando e envolvendo o Rei com o mesmo pano colorido*) – Vem meu Rei, vem / vem, vem, vem / vem meu Rei, vem!

Ao término da coreografia vão baixando o pano lentamente. O Rei sumiu. Em seu lugar está Dom João de Nassau com as roupas íntimas do Rei. No outro lado, o Rei está sentado no trono, já com as vestes reais.

O REI – Não, meus queridos, o Rei não pode afastar-se do seu trono, do seu castelo.

Durante a fala do Rei, Dom João Peri de Nassau vai erguendo lentamente a sua espada com a postura de comandante da expedição.

DOM JOÃO – Marujada! (*correm todos para ele, batendo forte com as mãos. Param de vez. Ele canta*) Seu Rei mandou dizer / que nós temos que fazer / uma viagem pelos mares do sul / o Rei quer saber / onde a terra é mais bela / onde o céu é mais azul.

TODOS (*cantando com ele*) – Por que o Rei quer saber / saber / o Rei quer saber pra quê? (*batem com as mãos*) Para construir uma cidade / onde o sonho e a realidade / sejam a eterna esperança / que seja mais que uma cidade / seja um poema de humanidade / uma alegre e linda criança / (*correm para a plateia*) que tenha morros / muitas ladeiras / tenha coqueiros / e trepadeiras / tenha igrejas / tenha belezas / que tenha sol / que tenha mar / e uma lua solta / na noite envolta / a iluminar / nossas brincadeiras. (*dão-se as mãos e repetem o refrão*)

No final da dança erguem o trono com o Rei. Corte de luz. O castelo se desfaz, as cordas vão arriando e transformando-se numa linda caravela. O batuque da percussão marca a cadência das ondas e o ritmo da cena. Em corre-corre, os marujos sobem e descem as escadas de cordas, outros voam como se fossem trapezistas. As velas são recolhidas aos mastros e a tripulação começa o movimento dos remos.

DOM JOÃO – Vamos lá, marujada! Vamos lançar a barca ao mar. As velas têm sede de vento!

MARUJO I – Atento, meu comandante, cordas nas mãos para o impulso!

GAJEIRINHO – Gajeiro no posto, meu comandante!

DOM JOÃO – Amarrem o mastro principal, soltem as cordas das tormentas, puxem as velas para o alto e deixem-nas bem amarradas!

MARUJO II – Os ventos do sul são brandos, meu comandante. O céu nos diz que teremos noite de lua cheia.

MARUJO III – Bússola em punho, meu mestre!

GAJEIRINHO – Velas da frente arriadas!

MARUJO I – As do meio também!

DOM JOÃO – Molhem todas elas que o mar é de calma!

MARUJO II – Bandeira do Rei hasteada!

TODOS (*cantando e remando*) – Vento que passa ligeiro / não passe rasteiro / que o remo quer mar. (*em ritmo mais rápido*) Vento que passa ligeiro / és meu companheiro / vamos navegar! (*repetem*)

DOM JOÃO – Puxem a âncora, não deixem o vento escapar! A caravela vai partir! Forçaaaaa!

MARUJO III (*segurando uma lanterna*) – O cabo está preso, meu comandante. A carranca está rangendo!

DOM JOÃO – Marujo do Porão, solte o cabo da barca!

MARUJO DO PORÃO – Estou indo, meu comandante!

DOM JOÃO – Marujada!

TODOS – A postos, meu comandante!

MARUJO DO PORÃO – Comandante, o cabo da barca enganchou, não quer soltar!

DOM JOÃO – Marujo da Proa, ajude a soltar o cabo da barca.

MARUJO DA PROA – Lá vou eu, meu comandante!

DOM JOÃO – Leme em dois movimentos, marujada! Preparar!

MARUJO DA PROA – O cabo congelou, meu comandante! Não tem quem consiga soltá-lo!

DOM JOÃO – Mestre do Remo!

MESTRE DO REMO – É impossível, meu comandante. Quando o cabo congela, só mesmo a força e a coragem de uma criança para soltá-lo.

DOM JOÃO – Então traga-me uma criança, urgente.

GAJEIRINHO – Não será difícil, meu comandante, pois são muitas as crianças que vieram assistir a partida da barca para a tão sonhada viagem do Senhor Rei. E uma delas, com certeza, irá soltar aquele cabo... (*aponta a corda presa a uma das cadeiras na plateia*) para que a barca possa partir.

MARUJO DA PROA (*contente*) – Veja, meu comandante, a inteligência desta criança. (*aponta*) Nem precisou usar a força para libertar a nossa barca.

DOM JOÃO – Agradeça-o em nome do Rei e convide-o a ir conosco, quem sabe precisaremos da inteligência das crianças para completar a nossa viagem.

MESTRE DO REMO – São muitas, meu comandante, e os pais não vão deixar.

DOM JOÃO – Levaremos os pais também, para que eles, junto com os filhos, conheçam a histórias das águas, descubram os mistérios dos ventos e ouçam o canto da vida nas virgens terras de além-mar.

GAJEIRINHO – Senhores pais desse reino, desejam sonhar com a tripulação nesta tão bela viagem?

MARUJO DA PROA – Sim, meu comandante, esta foi a resposta deles!

DOM JOÃO – Então partiremos todos em busca da terra dos sonhos.

TODOS – A postos, meu comandante!

DOM JOÃO – Marujada! Lancem a barca ao mar!

TODOS (*cantando*) – A barca está no mar / foi o Rei quem mandou / vamos navegar. (*repetem*) Sete estrelas guiam a barca, Gajeirinho / sete sonhos vêm anunciar / que sete noivas terás, Gajeirinho / para com todas elas se casar / sete campos cheios de flores, Gajeirinho / sete luas a iluminar / sete casas, sete igrejas, sete escolas / *pro* teu filho estudar / sete amigos terás em terras novas, Gajeirinho / e sete sementes para plantar / um grão vermelho de trigo, Gajeirinho / um grão de areia no mar / a barca está no mar / o dia já vem raiando / nós vamos chegar / ô... ô... ô... (*solfeando baixinho o refrão*)

MARUJO DA PROA (*aproxima-se de Dom João Peri*) – Já viu noite mais linda, meu comandante?

DOM JOÃO – O céu abriu todas as janelas, Marujo da Proa, para que as estrelas iluminem esta noite.

MARUJO DA PROA – Espero que as terras do sonho do Rei sejam tão belas quanto esta noite.

DOM JOÃO – Com certeza, Mestre da Proa. No tesouro dos Caetés, o grande livro, o arquiteto Leonardo da Vinci deixou escrito os segredos da cidade perfeita

e um mágico chamado Carlitos escreveu o *Poema da Felicidade*, onde todos têm trabalho, saúde, harmonia, onde todos terão coragem de sonhar.

GAJEIRINHO (*gritando do alto*) – Nuvens de maresia aproximando-se, meu comandante. E um forte cheiro de orvalho no ar!

DOM JOÃO (*preocupado*) – Em noite de calmaria... Isso é muito estranho.

GAJEIRINHO – O mar está inquieto, meu comandante, ondas gigantes nos esperam!

DOM JOÃO – Marujada, soltem as velas! Segurem firme o leme!

O céu escurece de repente e surge no meio das águas uma mulher muito bonita, cantando uma canção bem triste. É a Sereia que solfeja.

DOM JOÃO – Marujada, ponham as mãos nos ouvidos! Não ouçam esta música, este canto tem feitiço e pode virar a barca! (*a tripulação encanta-se com aquela voz*) Cuidado com o leme, remem em três movimentos! Elevem a vela central! (*uma onda forte joga-se sobre a barca, atirando um dos marujos ao mar*) Marujada, segurem-se como puder, amarrem-se aos mastros! Fechem bem os ouvidos! É o canto da Sereia!

A tempestade castiga a barca que fica à mercê das ondas. A beleza daquela mulher encanta e seduz os marinheiros.

GAJEIRINHO – Vem! Vem, eu já conheço os seus encantos! Não vou morrer de amor por você. Está ouvindo? Você é peixe ou mulher? Se é peixe vem me pegar, se é mulher vem me abraçar, mas deixa a barca cumprir sua missão!

SEREIA (*furiosa*) – Hum! Atrevido! Ninguém resiste aos meus encantos! Vou te abraçar, vou te beijar e tu vais morrer de paixão por mim! (*parte para cima dele*)

GAJEIRINHO (*puxa a espada*) – Vou morrer de paixão, sim, mas pelas sete noivas que estão a me esperar, pelo filho que vou ter em terras de além-mar!

SEREIA – E por mim. Verás!

GAJEIRINHO – Pelo grão vermelho de trigo!

SEREIA (*perdendo o encanto*) – Pooor mimmm!

GAJEIRINHO – Ô, mar, mar querido que me acolhe em seus braços. Pelo grão de areia que vou jogar em sua praia para multiplicar suas belezas, conduza a nossa barca às terras do Senhor Rei!

SEREIA (*tropeçando*) – E as lendas... Ninguém nunca me disse não... E os meus encantos? (*desaparece*) Ah! Ahhhhhhhhhh!

GAJEIRINHO – Pelas sete luas que emergem do seu ventre! Pelos...

As águas se acalmam, o céu volta ao normal e surgem as estrelas. A tripulação cai morta de cansaço e dorme enquanto a barca segue a viagem em calmaria. O assovio do vento é a única música que se ouve no momento. Depois, o silêncio. O sol desperta o Gajeirinho que, encantado com o que vê, sai acordando os companheiros e, feliz da vida, vai correndo até o comandante.

GAJEIRINHO – Acordem! Acordem todos! (*apontando*) Veja, meu comandante, veja... Terras... Terras que não cabem na vista...

MARUJO I – Olhem o azul do céu!

Ficam todos admirando as belezas do lugar.

MARUJO II – Então são estas as tão sonhadas terras do Rei, meu comandante?

DOM JOÃO – Sim, meu Marujo. Com certeza serão mais belas ainda quando chegar a primavera.

MARUJO DA PROA – Veja aquele monte, meu comandante... Que linda paisagem!

MESTRE DO REMO – São cheias de palmeiras.

MARUJO I – E coqueiros também.

DOM JOÃO – Que lindo cenário para se construir uma cidade.

GAJEIRINHO (*mostra*) – Veja, meu comandante: um urubu.

MARUJO I – Dois.

MARUJO II – Três!

MARUJO III – Quatro!

GAJEIRINHO – São muitos! Vejam quantos! É festa!

DOM JOÃO – É um banquete...

TODOS (*cantando*) – Esse bicho feio / só vive no meio / de coisa ruim / o que é que existe / que fede, que é triste / para ele estar assim? / Será um agouro / anúncio de choro / o que será enfim? / Por que tanta festa / dentro da floresta / desse bicho chinfrim? / Será o jogo da sorte / a dança da morte / o começo e o fim? / Porque esse bicho feio / só vive no meio / onde tem coisa ruim / que bicho morreu / quem foi que fedeu? / Será guaxinim? / Será mico dourado / cutia ou veado? / Ou será Curumim? (*repetem várias vezes*)

No final da coreografia caem todos de uma só vez na frente do palco. A indígena Frevo surge por trás, erguendo um vaso com fogo. Batem os tambores. Ela vem em direção à plateia. O coro se levanta lentamente enquanto ela passa entre eles. O batuque aumenta.

DOM JOÃO – Marujada, âncora ao mar! Vamos atracar, recolher as velas! Joguem as cordas ao vento!

A caravela vai se transformando numa grande floresta. Todas as cordas viram raízes que se mexem ao serem tocadas. Algumas até dançam ao ritmo dos tambores. As cordas vão multiplicando-se, a barca vai desaparecendo. No centro da plateia a indígena Frevo solta um grito de dor, põe o vaso no chão e derrama sua tristeza em volta do fogo, lamentando a destruição de sua gente. É um canto muito triste e que ecoa na clareira.

FREVO (cantando) – Êee, aaa, êia / tu vará, tu vará / ôôôêêê / êêêêêê / tu vará, tu vará / ôôôêêê.

Durante o canto do fogo, vê-se dentro da floresta uma cena chocante: índios decapitados, pendurados em árvores, outros mutilados sendo carregados. Braços, pernas e cabeças espalhados pelo chão. A fumaça esconde a tristeza de tal cenário, mas não apaga o sofrimento dessa gente. De longe vem o choro de um curumim. Nem mesmo o mau cheiro impede a emoção contida no peito da indígena Frevo. Ela chora e canta ao mesmo tempo.

FREVO (cantando) – Êêê, irmão / êêê / ôôô / êêê / meu chão / êêê / que dor.

O comandante parece perdido, sozinho, meio atordoado. Fica perplexo diante de tanta agonia, até que ele se aproxima da indígena Frevo e a ergue pelo braço. Os tambores silenciam. Os urubus agitam-se, mas não abandonam o banquete. Dom João Peri de Nassau e Frevo se olham durante algum tempo. Penalizado, ele tenta abraçá-la, mas ela foge e sai correndo apavorada pelo meio do mato.

DOM JOÃO – Espere! Ei, espere! Eu não vou lhe fazer mal! (apanha o vaso e vai atrás dela. Os tambores rufam outra vez) Ei, menina, eu preciso da sua ajuda! Eu preciso encontrar o grande livro... (os tambores silenciam) onde fica o tesouro dos Caetés! (para assustado)

Logo se ouvem vozes. Dom João esconde-se entre as árvores e fica à espreita. O ritmo marcante de uma música quase falada traz de dentro dos canaviais crianças sujas, feias e cheias de hematomas, carregando fardos imensos nas costas.

CRIANÇAS MALTRAPILHAS (cantando, arrastam os pés e gemem) – Esse pé todo rachado / não é pé de criança / nesse rosto todo enrugado / não pode haver esperança / esse calo na palma da mão / não há de ser nada / mas pode ser um grão / se plantado na beira da estrada / lápis é para escrever / livro é para estudar / criança para crescer / primeiro tem que brincar.

CAPATAZ (batendo o chicote e cantando) – Olhe o trabalho menino / pivete, vamos trabalhar / o Estado precisa crescer / o país tem que prosperar!

Bate. Bate. Bate. As crianças caem por cima dos fardos que se abrem jogando lixo para todo lado. Fede muito. Surgem ratos, baratas e mosquitos que não acabam mais. Os bichos atacam o Capataz, que sai correndo. Silêncio.

DOM JOÃO (*seguindo o ritmo do canto*) – Que lugar feio / triste, sujo, sem cor / meu Deus como fede / hum, que horror. (*recitando*) Está cheio de ratos, baratas, mosquitos... Nunca vi tanto lixo. (*cantando*) Hum, mas que fedor!

Segue o seu caminho. Depois de muito andar, para um pouco. Silêncio. Ouve um ritual muito próximo. Aproxima-se e vê os últimos dos Caetés velando os seus mortos numa dança mística. No centro do funeral está a indígena Frevo jogando cinzas ao vento e rezando/cantando em voz alta.

FREVO (*cantando*) – Ê paruê, ê paruê / o sol é o teu guia / ê paruê, ê paruê / nem é noite, nem é dia / é Deus querendo te ver.

DOM JOÃO (*apresenta-se, levando o vaso ainda em chamas*) – Você... (*os Caetés avançam. Ela faz um sinal, eles param*) Você pode me levar ao grande livro? Lá está o espelho da vida, os segredos da terra dos sonhos. É lá no tesouro dos Caetés que...

FREVO – A terra dos sonhos não existe. O que existe mesmo é a terra dos homens. A terra que sangra. (*cessa o ritual*)

DOM JOÃO – O que traz tanta dor?

FREVO (*silêncio*) – Os espíritos estão enfeitiçados. Não têm mais forças para nos proteger... Nossos pais morreram, nossas crianças já não nascem mais crianças. Já vêm velhas ao mundo.

DOM JOÃO – Quem matou os vossos pais?

FREVO – A peste negra. A chaga do homem branco.

DOM JOÃO – E o livro? Onde posso encontrá-lo? Onde fica o tesouro dos Caetés?

FREVO (*afasta-se, pensa e aponta*) – Ali, depois das sete quedas d'água, muito além da morada dos sete sóis, onde a lua banha-se nas noites de verão. Perto do templo dos mortos-vivos.

DOM JOÃO – Não vou encontrar sem a vossa ajuda.

FREVO (*segura a mão dele*) – Vamos.

Seguem. Atravessam a fumaça. Logo em seguida ouvem os sinos tocarem. Uma música angelical chega aos seus ouvidos.

NOSSA SENHORA DO AMPARO (*cantando*) – Meu altar está destruído / eu estou desamparada / vejam bem o meu vestido / já não cobre quase nada.

SÃO PEDRO (*cantando*) – Minha igreja vai cair / vou morar no meio da rua / minha cama é o relento / meu cobertor é a lua.

DOM JOÃO – De onde vem esta música?

FREVO – Da terra dos mortos-vivos.

DOM JOÃO – Quem são eles? O que fazem?

FREVO – São os padroeiros da cidade.

DOM JOÃO – Os santos? Eles fugiram das igrejas? Perderam a fé? Ou...

São Bento aparece na frente deles com as vestes surradas e todo empoeirado.

SÃO BENTO – Vós, pobres mortais que têm mais vida que eu, ajuda-nos, dai-nos um pouco do vosso tempo. Conserta as nossas vestes, pois eu e os meus companheiros estamos mortos de vergonha, porque a festa se aproxima e nós estamos neste estado. Ah, é a minha festa, pois eu sou o padroeiro deste Mosteiro, sou São Bento... Muito prazer!

NOSSA SENHORA DO AMPARO – Eu sou Nossa Senhora do Amparo! Vejam a minha situação. (*mostra-se*)

NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS – E eu sou Rosário dos Homens Pretos. Me dói o coração.

NOSSA SENHORA VIRGEM DE GUADALUPE – Eu sou a Virgem de Guadalupe. Vejam estes anjos aos meus pés, estão sem braços, sem olhos... Querem mais humilhação?

NOSSA SENHORA DA MISERICÓRDIA – Sou Nossa Senhora da Misericórdia, tenha misericórdia de nós...

TODOS OS SANTOS (*cantando*) – Valei-me, Nossa Senhora / esposa de São José / nunca vi tanta miséria / Mãe de Deus de Nazaré / se não fosse pela história / já tínhamos perdido a fé / São Bento está descalço / Santo Antônio sem batina / São Francisco está um trapo / São João, só vendo a sina.

Com este cântico, os santos vão à plateia e distribuem agulhas, linhas e fitas para que o público participe da reforma de suas vestes. Usam coroas, rosários e até maquiagens. Enquanto a plateia conserta as roupas dos santos, Dona Olinda Papuda, Dona Olanda Rabuda, Dona Olenda Peituda e Dona Olindona Tesuda, figuras bem extravagantes, descem a “Ladeira das Cortesias” numa conversa muito animada. Todas com matracas na mão, fazendo barulho.

DONA OLANDA RABUDA – Pensem! Pensem se não é a glória: eu, Olanda de Albuquerque, a primeira mulher a governar o Brasil!

DONA OLINDA PAPUDA – Vamos fazer uma festa.

DONA OLENDIA PEITUDA – Um entrudo. Eu vou preparara um grande baile!

DONA OLINDONA TESUDA (*fanha e com a boca torta*) – Eu vou mandar trazer uma carrada de açúcar do meu engenho.

DONA OLENDIA PEITUDA – Eu vou escrever ao senhor meu marido, Duarte Coelho, para que ele me mande da corte sedas, cetins e sianinhas.

DONA OLANDA RABUDA – Vai ser sempre assim. Toda vez que o senhor meu marido, o donatário, viajar a Portugal, eu assumo o comando desta capitania.

DONA OLINDONA TESUDA – Dizem que os holandeses estão vindo para invadir a cidade.

DONA OLINDA PAPUDA – Vira esta boca para lá! Mamulengo!

DONA OLANDA RABUDA – Vocês estão sabendo que ontem chegaram mais escravos à Olinda?

DONA OLENDIA PEITUDA – Sim.

DONA OLINDA PAPUDA – Como não!

DONA OLANDA RABUDA – Vinte e quatro peças.

DONA OLINDA PAPUDA – É o progresso!

DONA OLENDIA PEITUDA – É sinal de mais trabalho!

DONA OLINDONA TESUDA – Os holandeses estão chegando...

DONA OLENDIA PEITUDA – Fecha esta matraca, boca de sapo!

DONA OLANDA RABUDA – Eu não sei se vocês estão sabendo também, mas eu escrevi à Sua Santidade pedindo para que ele instale aqui em Olinda o Tribunal da Santa Inquisição.

DONA OLINDA PAPUDA – Claro.

DONA OLENDIA PEITUDA – Como não!

DONA OLINDA PAPUDA – A cidade cresce.

DONA OLENDIA PEITUDA – Precisamos de mais proteção.

DONA OLINDONA TESUDA – E se os holandeses chegarem?

DONA OLENDIA PEITUDA (*parte para ela*) – Será possível!

DONA OLINDA PAPUDA – Eu vou mandar costurar a boca dela!

DONA OLANDA RABUDA – Deixem ela para lá. Vamos enfeitar estas ladeiras e decorar as igrejas que os frades Carmelitas chegam a qualquer momento. Sabiam que vai ser a primeira congregação da América Latina?

DONA OLINDA PAPUDA – Lógico.

DONA OLENDIA PEITUDA – Como não!

DONA OLINDA PAPUDA – Nós estamos sabendo também que vossa excelência vai recitar um poema na Festa do Padroeiro.

DONA OLANDA RABUDA – “Pro-so-po-pé-ia”.

DONA OLENDIA PEITUDA – Cultura, minha querida! Cultura!

Param assustadas.

DONA OLANDA RABUDA (*furiosa*) – Mas o que está acontecendo? O que fazem estes santos no meio da rua? Quem foi que abriu as portas destas igrejas?

DONA OLINDA TESUDA – Os holandeses! (*atacada*) Isso é obra dos holandeses... Eu não disse, eles já estão na cidade.

DONA OLINDA PAPUDA (*aos santos*) – Xô! Xô! Já para dentro.

DONA OLANDA RABUDA – Imaginem se os Carmelitas chegam numa hora desta. Vejam o estado deles!

DONA OLENDIA PEITUDA – Vamos, subam nos altares!

Batem as matracas e falam ao mesmo tempo. Dom João e a indígena Frevo, já distantes, deparam-se com as sete quedas d'água.

DOM JOÃO (*encantado*) – Que bela cascata!

FREVO – É ali, por trás dela, que mora os sete sóis. Cada um tem sua cor. Toda tarde eles vêm tomar banho... O verde brinca com as águas, o amarelo deita na relva, o azul conta histórias, o lilás canta o tempo todo... O rosa caça borboletas e os outros pulam sem parar. Quando eles partem, suas sombras juntam-se e formam um grande arco-íris que permanece no céu por muito tempo.

DOM JOÃO – Iluminando o grande livro... (*puxando-a*) Vamos! (*partem abrindo caminhos pela floresta*) Estou quente?

FREVO – Sim.

DOM JOÃO – Onde fica?

FREVO (*mostrando*) – Aqui em sua frente.

DOM JOÃO (*pasmo*) – Meu Deus... (*toca-o*) Da Vinci, Chaplin...

FREVO – O que faremos com ele?

DOM JOÃO – Vamos abri-lo! Ajude-me! (*empurra-o*). Agora força! (*não conseguem*) Mais força, vamos! (*o livro se abre*) Aqui estão... (*apanha os pergaminhos*) Salve o Rei!

FREVO – O que é isso?

DOM JOÃO – A Cidade dos Sonhos.

FREVO – Ali, olhe! (*mostra o tesouro, um saquinho cheio de pedras preciosas*)

DOM JOÃO (*abre-o*) – Elas serão muito importantes. Vão ajudar a construir a Cidade dos Sonhos. (*abre os projetos, fica encantado com o que vê. Os dois ouvem um barulho estranho*) O que é isto? Que barulho é este? É uma cavalgada? De onde estão vindo estes cavalos?

FREVO – Cuidado! (*protegem-se*)

Os cavalos saltam de dentro do livro. São muitos. Trazem os heróis da história de Olinda, todos a caráter. Apresentam-se.

HENRIQUE DIAS – Eu sou Henrique Dias, comandante das forças brasileiras! Tomei Olinda do inimigo...

FRANCISCO DE BRITO FREIRE – E eu sou Francisco de Brito Freire. Expulsei os holandeses de Pernambuco! Trouxe tropas portuguesas para Olinda...

ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS – Eu sou André Vidal de Negreiros! Herói da Insurreição Pernambucana. Com a expulsão dos holandeses, fui nomeado ao Governo de Pernambuco.

MAURÍCIO DE NASSAU – Eu, Maurício de Nassau, sou o responsável pela liberdade religiosa.

DONA MARIA ROSA – Eu sou Dona Maria Rosa, conhecida de todos. Doei terras para que fossem construídas todas as igrejas de Olinda!

JERÔNIMO DE ALBUQUERQUE – Quem não ouviu falar de Jerônimo de Albuquerque? Parti de Olinda para combater os franceses no Maranhão!

DUARTE COELHO – E eu sou Duarte Coelho, responsável pela capitania de Pernambuco. Fui eu que ordenei a construção desta sublime cidade. O meu nome está no hino!

TODOS (*cantando numa pose histórica*) – Olinda, honrando a memória / do artista que te fundou / com ele reparte a glória / que a tua fama alcançou / que majestade suprema / existe em tudo que é teu / tu és, Olinda, um poema / que a natureza escreveu!

O livro pega fogo. Correria geral. Os heróis desaparecem. A cascata fica em chamas. O fogo cobre rápido, toma conta de tudo. Os pássaros e os animais ficam mais aflitos. Incêndio generalizado. Os casarões, as igrejas, todos os monumentos da cidade ficam danificados. Olinda é destruída.

GAJEIRINHO (*surge com o pessoal da tripulação*) – Comandante! Comandante! Como isto foi acontecer?

DOM JOÃO – Ainda não sei, meu Gajeirinho. Mas me diga: por onde vocês andaram?

MARUJO I – Perdidos, meu comandante.

MARUJO II – Estou de perna bamba de tanto subir ladeiras.

MARUJO DA PROA – Tentamos conter o fogo, mas foi em vão. O velho farol foi o primeiro a ser destruído.

GAJEIRINHO (*atraído pela indígena*) – Quem é ela, meu comandante?

DOM JOÃO – Ah, essa é...

FREVO – Frevo. É o meu nome. Frevo, filha do cacique Tucamará, da tribo dos Caetés.

GAJEIRINHO – Você é muito bo... ni... ta! (*ela ri*)

MARUJO DA PROA – E agora, meu comandante. O que vamos fazer?

MESTRE DO REMO – E o tesouro?

MARUJO III – Sim, o grande livro! Como encontrá-lo no meio destas ruínas?

MARUJO I – E o sonho do Rei, meu comandante?

DOM JOÃO – Se vocês me deixarem falar...

GAJEIRINHO – Por favor! Deixem o comandante explicar...

DOM JOÃO – A nossa viagem, o sonho do Rei... Acreditem, nada foi em vão. A Cidade dos Sonhos começa a ser erguida!

MESTRE DO REMO – Mas como?

MARUJO I – Sim.

MARUJO II – E o tesouro?

DOM JOÃO – Aqui estão! (*ergue os pergaminhos e canta*) O arquiteto Da Vinci / o palhaço Carlitos / serão o sonho mais bonito / a se realizar / eu prometo, amanhã / vai chegar Peter Pan / para nos ajudar / Branca de Neve, Pinóquio / Cinderela, Chapeuzinho / estão todos a caminho / e mais ainda / vou chamar os portugueses / os espanhóis, os franceses / para construírem a nova Olinda!

CORO (*cantando com ele*) – Olinda / Olinda!

DOM JOÃO (*recitando*) – Aqui! Marquem bem este local. Vamos erguer o Palácio dos Governadores!

CORO (*cantando*) – Que Deus proteja os moradores!

DOM JOÃO (*apontando*) – Lá no alto daquela colina vamos construir um Mosteiro!

CORO (*cantando*) – Salve o santo padroeiro!

Saem em coro passeando.

DOM JOÃO – Nesta ladeira, vamos fazer vinte e cinco casarões!

CORO (*cantando*) – Vai ser / a Avenida dos Barões!

DOM JOÃO – Mais adiante, nas encostas deste mar azul, levantaremos um Forte, muito forte! Para proteger Olinda do inimigo!

CORO (*cantando*) – Se tem canhão / não há perigo!

DOM JOÃO (*passeando e cantando*) – Quero pedras portuguesas / quero pedra sabão / isto aqui, oh que beleza / vai ter poste e lampião / já viram coisa mais linda? / Vai clarear toda a rua / e se for noite de lua / oh, linda... Olinda!

CORO (*cantando com ele*) – Olinda, Olinda / tão linda.

DOM JOÃO (*recitando*) – Ali farei uma praça e duas pontes coloniais, uma sobre o Varadouro, outra cortando os quintais! E mais adiante a orla coberta de coqueirais!

CORO (*cantando*) – Olinda / tão linda!

DOM JOÃO (*recitando*) – No alto daquele morro vamos fazer o Farol, o novo Farol de Olinda. Sua luz será mais que um guia, um clarão a nos guiar. E mais ainda: vou mandar construir um bonde que chegue até lá. Será o bonde de Olinda, que também vai nos guiar!

TODOS (*cantando*) – Olinda! Tão linda!

O dia escurece de repente. Um estrondo deixa todos apreensivos. O Mar fica inquieto, as ondas aumentam e as águas avançam sobre os escombros.

DOM JOÃO – Corram todos! Protejam-se! Procurem os lugares mais altos! O Mar vai destruir tudo!

GAJEIRINHO (*debatendo-se com as ondas*) – Ô Mar... Mar amigo de tantas histórias, deita a cabeça sobre estas praias e dorme, deixa-nos em paz! Por que tanta revolta?

O mundo parece que vai acabar. A violência das águas vira tempestade.

GAJEIRINHO – Esta tua fúria é injusta! Conheço as tuas grandezas, mas conheço também a tua bondade! És generoso... Por que queres nos destruir? Se o que pretendemos apenas é realizarmos o sonho do nosso querido Rei!

O MAR (*revoltado com tamanho descaso*) – Não acredito... to, to, to...

GAJEIRINHO – Acalma-te, amigo... Volta ao teu leito e continua o teu sono, sonha com a tua infinita beleza. Tudo que queremos são de boas intenções!

O MAR (*imponente, majestoso*) – Não creio numa só palavra! Estou cheio! Chega de conversa! Vou arrastar tudo que estiver em minha frente! Ah! Ah!

GAJEIRINHO – Contém a tua fúria! Joga esta tempestade de ódio contra os que te violentam!

O MAR – E o que estão fazendo, o que é? Isso não é violência? Quem destruiu as praias? Quem matou as florestas? Quem foi que expulsou os pássaros, os animais de suas terras?

GAJEIRINHO – Não fomos nós!

O MAR – Não? E este maldito fumaceiro que não me deixa respirar? E essa montanha de lixo que não para de crescer?

GAJEIRINHO – Também não é obra nossa! Acredite!

O MAR – Nunca! Eu já fui tolo bastante quando acreditei que, servindo de estrada, de caminho para os arquitetos, os artistas, para os operários, os poetas e os príncipes, estava ajudando a humanidade a ter um belo patrimônio! Mas qual o quê... Tive foi uma grande decepção. Assisti o abandono! Para não ter que chorar, dormi durante todo este tempo. Mas agora estou de volta para tomar o que restou da cidade! Vou guardá-la bem no fundo, onde ninguém possa tocá-la. Só assim estará protegida de tantas maldades!

GAJEIRINHO – Somos cúmplices dos mesmos sentimentos. Nós viemos para construir a Cidade dos Sonhos.

O MAR – É mentira!

GAJEIRINHO – É verdade!

O MAR – Eu vou levá-la comigo!

GAJEIRINHO – Não vai!

O MAR – Por que me desafia?

GAJEIRINHO – Porque eu sei que não és mal! Estamos no mesmo barco! Ô meu querido e sublime Mar, vamos reconstruir esta cidade. Vamos, enfim, transformá-la num patrimônio universal, num poema para a humanidade.

O MAR (*bocejando*) – Falas a verdade?

GAJEIRINHO – Do fundo do meu coração.

O MAR (*sonolento*) – Eu vou me deitar, dormirei durante sete dias. Quando acordar, quero encontrar pronto tudo o que me prometestes.

GAJEIRINHO – Não durante sete dias! Eu não sou Deus. Sete anos, sim.

O MAR – Ouvistes bem... Sete dias.

GAJEIRINHO – Sete meses pode ser.

O MAR – Sete dias, não se discute.

GAJEIRINHO (*suplicando*) – Sete semanas, pelo menos é o suficiente.

O MAR – Já sabes: dentro de sete dias acordarei. Sete dias... (*adormece*)

GAJEIRINHO (*aflito*) – Ô Mar, espere!

A tripulação vai aparecendo aos poucos. O comandante é o primeiro a surgir.

DOM JOÃO – Ouvimos tudo, meu Gajeirinho. Deixa-o. Venham todos, aproximem-se. Com a ajuda de Deus, a proteção do nosso Rei, a inteligência destas crianças e a boa vontade dos pais, só precisaremos mesmo de sete dias e nenhum a mais. (*abre os pergaminhos*)

MARUJO DA PROA – Ele ficou louco!

MARUJO I – Isto não existe!

MESTRE DO REMO – Só vendo para crer!

MARUJO II – Eu não acredito!

MARUJO DO PORÃO – Nem eu! Sete dias?

MARUJO III – Coitado...

DOM JOÃO (*cantando*) – Como se fosse uma mágica / bem aqui / vão surgir os casarões.

Um imenso casarão feito de plástico ou papel colorido e arame vai caindo do teto feito um balão. Todo iluminado, fica pendurado.

DOM JOÃO (*cantando*) – Ali, onde bem marcamos / está a Rua dos Barões! (*recitando*) Uma igreja! Uma escadaria! Vejam bem, tudo isto num só dia! (*mais balões*)

CORO – E no segundo, o que é que vem? Hein? Hein?

DOM JOÃO (*cantando*) – Mais uma igreja e uma praça / um chafariz cheio de graça / com água doce para se beber. (*recitando*) E no terceiro, querem saber?

CORO – Hum, hum!

DOM JOÃO (*recitando*) – Uma escola, dois hospitais e aquela Ponte dos Quintais! Depois coqueiros, viveiros e canteiros tropicais... Já tem saneamento até nos canaviais!

CORO (*cantando*) – No quarto já sabemos o que é / Elefante e Pitombeira / Caprichosos da Ribeira / e o Malassombro da Sé.

DOM JOÃO (*cantando*) – No quinto vem o Forte / e o Palácio Imperial / no sexto vem a corte / ladeira do carnaval!

CORO – E no sétimo, o que vem afinal?

DOM JOÃO (*cantando*) – Deixei para o último dia / um dia lindo de sol / a construção do guia / do nosso querido Farol!

TODOS (*cantando*) – Do Farol, do Farol, do Farol / do Farol, do Farol, do Farol / do Fa... rol!

Durante este refrão vão empilhando barris pretos e brancos. O último de cima abre-se e uma luz põe-se a piscar.

DOM JOÃO (*feliz*) – Vejam! Basta ter coragem para sonhar que a imaginação brota.

GAJEIRINHO – Está tudo bem, tudo muito bonito, meu comandante, a cidade está linda de se ver. Mas falta uma coisa...

DOM JOÃO – O quê, meu Gajeirinho?

GAJEIRINHO – Alma. Falta a alma da cidade. (*cantando*) A cidade está bonita / mas não tem cão a latir / não tem sapos para as noites de inverno / cantando para a gente dormir / não tem gato no telhado / nem grilo fazendo cri-cri / toque o sino da igreja / para chamar o bem-te-vi / aí, com toda certeza / a cidade vai sorrir / a cidade vai sorrir.

DOM JOÃO – Tem mais, meu Gajeirinho. A cidade é bela, mas falta o nome das ruas.

MARUJO DA PROA – É verdade.

DOM JOÃO – Este Largo, por exemplo, onde fomos acolhidos, vai se chamar Largo do Amparo e ali Os Quatro Cantos... Aquela é a Rua do Sol!

GAJEIRINHO – Aqui, Rua da Hora.

Correm pela cidade dando nome às ruas.

MARUJO III – Esta vai ser a Praça da Preguiça!

MARUJO II – E a outra, Praça do Jacaré.

MARUJO I – Ladeira da Misericórdia.

MARUJO DA PROA – Alto da Sé!

MESTRE DO REMO – Praia de Rio Doce.

MARUJO DO PORÃO – Beco do Cafuné.

DOM JOÃO (*reverenciando a indígena Frevo*) – A cidade se chama Olinda na história e nos papéis, mas tua gente será lembrada pela saga dos teus reveses! Nunca sairão da memória e ficarão também na história de Marim dos Caetés! (*cantando*)
Olinda, eterna Olinda / Olinda dos dias de sol / Olinda que nos ilumina / com a luz do teu Farol!

TODOS (*cantando*) – O Farol de Olinda / é uma luz a nos guiar / ilumina o céu, ilumina a terra / ilumina o mar! (*repetem*)

O elenco apanha uma bacia com água e a leva para o meio da plateia. Os atores e atrizes dão-se as mãos em volta da bacia e cantam.

TODOS (*cantando*) – Ô vento, não faça barulho / ô sol, não vá embora / que o mar está dormindo / o sono das cinco horas.

O Mestre do Remo tira o chapéu de jornal que usa e põe dentro da bacia. Ele vira um barquinho.

MESTRE DO REMO (*cantando*) – Traz o barco, Severino / que Antônio vai navegar / vai jogar cravos brancos / nas águas fundas do mar / e cantar um acalanto / para ele nunca acordar.

TODOS (*cantando*) – Traz o barco, Severino / que Antônio vai navegar / vai jogar cravos brancos / nas águas fundas do mar / e cantar um acalanto / para ele nunca acordar.

- Fim -

NO FIM DO BECO HÁ UM BOSQUE



No Fim do Beco há um Bosque (1994), pelo Curso Básico à
Formação do Ator, da Fundação Joaquim Nabuco - Fundaj
Texto e direção: Vital Santos
Foto: Jorge Clésio

NO FIM DO BECO HÁ UM BOSQUE

Ainda que em nenhuma entrevista Vital Santos tenha lembrado como referência maior a peça do dramaturgo alemão Bertolt Brecht, *Mãe Coragem e Seus Filhos*, escrita em 1941, é perceptível a influência que recebeu, pois *No Fim do Beco há um Bosque* é, acima de tudo, um drama político de profundo significado social. Agora não mais situado durante um conflito militar com uma personagem que tenta ganhar a vida em meio a batalha, mas numa favela brasileira onde uma outra mãe quer, a todo custo, afastar os seus filhos de um conflito territorial e sobreviver à fome. Se a mãe coragem de Brecht perde os três filhos para a própria guerra na qual ela tentava lucrar, a mãe coragem de Vital perderá uma de suas crias ao descobrir a real atividade contraventora do seu filho mais velho, que ela tentava camuflar para si e para os outros como sendo um mecânico que trabalhava noite adentro.

A peça, sem ser um musical (mas com certas canções à capela ou em *playback*), reúne tragédia, comédia, uma poesia dura e situações absurdamente escatológicas. Podem até parecer completamente irreais, risíveis em muitos momentos, mas infelizmente foram concebidas num universo trágico-cômico que flerta com a mais cruel realidade. Dona Rosa é a grande protagonista desta história cujo foco não é numa personagem apenas, mas no contexto da miséria humana no meio urbano. Tudo se passa numa favela em que seus moradores estão lutando por um outro espaço digno onde morar. Para a invasão desse terreno abandonado, contam até com o apoio de políticos (parceiros ou oportunistas?), mas a empreitada é perigosa e certamente vai ter reação dos poderosos. Nesta ação de trapeiros sem-teto e sem-terra, até mesmo o cunhado de Dona Rosa, o tio Pedro, vem do Sertão para também lutar por seu quinhão.

Como uma fera que não se prende a tal campo de batalha devido a traumas pelo marido morto, assassinado pela força policial enquanto reivin-



No Fim do Beco há um Bosque (1994),
pelo Curso Básico à
Formação do Ator,
da Fundação
Joaquim Nabuco
Texto e direção:
Vital Santos
Foto: Jorge Clésio

dicava melhores condições de vida, Dona Rosa, em meio às dores nas pernas pelas varizes, é uma espécie de mãe fujona da realidade ao seu redor. Numa das madrugadas, junto a filha Cachinho, jovem obcecada por poder experimentar um homem, ela espera o filho Nando, que sempre demora a voltar para casa, um barraco de madeira feito com enxertos de papelão e plásticos. A miséria é gritante. Os dois outros filhos dela são Rico, um desempregado que vive a reclamar de tudo e está disposto a participar daquele movimento de invasão territorial, estimulado ainda mais pelo tio; e Soledade, moça muda e epilética que foi estuprada por um conhecido e espera ouvir no rádio, seu principal companheiro, a notícia do assassinato de seu algoz. Não por acaso temos aí mais uma personagem que flerta com a obra de Brecht.

Nessa crônica em que os acontecimentos inevitavelmente prometem explodir de reivindicações sociais, há ainda os vizinhos e vizinhas do barracão onde mora Dona Rosa e sua família no Beco do Lixão, desde o paraplégico Seu Alfredo, que está com uma filha desidratada e já se conforma com sua morte; Hollywood, um fã ardoroso da atriz Grace Kelly, que absurdamente vive acorrentado pela própria família para não sair exercendo sua homossexualidade com a liberdade sexual que lhe cabe; Galiana, a namorada de Rico, que é outra a instigá-lo à participação coletiva; até três

espécies de bruxas zumbis – Tertúlia, Alexandrina e Rola, esta última com um curioso apelido que é fruto de um cacoete que não camufla perversões incontidas –, sempre a duvidar da moral dos outros e, às escondidas, comendo restos de carne humana e na eterna briga com urubus para poderem se alimentar do que encontram nos monturos.

Um outro detalhe grave é a presença de um gás tóxico que emana dos detritos, uma fumaça que deixa a todos doentes do pulmão, sentindo coceira, dor de cabeça e falta de ar, sendo as crianças as mais prejudicadas, como revelam os diálogos da peça. Marcada por denúncias do que tristemente ocorre no nosso país – para além do descaso ambiental, há ainda os tiroteios constantes, os assassinatos de menores, as balas perdidas, os assaltos a ônibus, a corrupção policial, o tráfico de drogas, os estupros, a fome e a degradação total de seres humanos à margem de qualquer dignidade social, a luta pela terra e a fatídica repressão a movimentos reivindicatórios –, *No Fim do Beco há um Bosque*, como o seu título poético afirma, tenta lançar uma luz sobre o caos, desde que as perspectivas de mudança sejam a partir da organização coletiva.

Ou seja, a coragem e a esperança em conjunto acima de tudo. O humor é uma das chaves da obra, mas nessa exposição da vida miserável em resistência há um cenário de lucidez social histórica, ainda que assustadora, pois o mote surgiu de fatos reais e pavorosos ocorridos em Pernambuco naquele ano de 1994. Vamos a eles.

RATOS E VÍSCERAS HUMANAS SERVEM DE ALIMENTO ÀS POPULAÇÕES VULNERÁVEIS

Na intenção de diminuir o número de roedores nocivos em Timbaúba, na Zona da Mata Norte pernambucana, distante 86 km do Recife, a Associação Comercial, Industrial e Agropastoril daquele município lançou a campanha “Rato no Saco, Filé no Prato”, iniciativa que durou três dias e foi considerada um sucesso porque conseguiu trocar 366 ratos por 123,5 quilos de carne de boi de primeira:

Os animais pesavam, em sua maioria, cerca de 340 gramas. O maior roedor capturado tinha 700 gramas. No final de cada dia os animais eram queimados em praça pública. Cerca de

200 pessoas participaram da promoção que pretende alertar a Prefeitura sobre o problema do lixo e do saneamento na cidade. Cada quilo de rato entregue pela população era trocado por uma senha que garantia a mesma quantidade de carne de boi nos açougues e supermercados do município. (SALDO..., *Jornal do Commercio*, 18 out. 1994, p. 5)

No entanto, na esteira dessa notícia, e com exclusividade, a reportagem do *Jornal do Commercio*, assinada por Verônica Almeida, pôde descobrir que catadores de material reciclável no lixão da cidade, distante a apenas 3 km do centro, nem sabiam de tal campanha e já vinham assando ratazanas para comer há tempos, inclusive alimentando suas crianças, uma prática comum entre eles. O título da capa do *Jornal do Commercio* anunciando “Famílias comem rato” estremeceu não só Pernambuco, mas o país inteiro:

A maioria dos 60 mil timbaubenses não acredita na troca de ratos por carne, enquanto outros, que vivem na miséria, continuam se alimentando dos roedores. É o caso do ex-cortador de cana Damião da Silva, 30 anos. Ele, a mulher Edleuza e o amigo Jorge Souza da Silva, assavam às 10 horas de ontem duas ratazanas, a primeira refeição do dia. Eles trabalham num lixão, à cata de material reciclável. “A gente sai de casa às 5 da madrugada e, para não morrer de fome, acaba comendo estes gabirus”, contou Edleuza, revelando que os ratos também alimentam seus quatro filhos. No lixão, os ratos são mortos a pedradas e pauladas, e depois assados numa fogueira. Eles nem sabiam da campanha. Mas não acreditam que seja um bom negócio. “Quantos ratos a gente vai ter que pegar para conseguir um bom pedaço de filé?”, indagava Jorge Silva. Ele não se lembra da última vez que comeu carne bovina, mas tem certeza que não daria para suportar a fome até encerrar a caça aos gordos roedores. (ALMEIDA, *Jornal do Commercio*, 16 out. 1994, p. 19)

No correr daquela semana, várias outras reportagens foram feitas a partir de situação tão aterradora. “A gente come [rato] desde pequeno. A carne é boa, melhor ainda com leite de coco”. [...] “É muito melhor comer galinha, mas quando não tem nada em casa, o jeito é cavar buracos no lixão e pegar rato para cozinhar” (*Apud* LEÃO, *Jornal do Commercio*, 17

out. 1994, p. 1), foram algumas das declarações constrangedoras dadas por Edleuza da Silva na época. O *Jornal do Commercio*, a cada novo detalhe, nos surpreendia com tanta miserabilidade exposta:

A realidade das famílias que comem rato em Timbaúba não é diferente de grande parte das famílias miseráveis do Estado. Morando na cidade há alguns anos, Edleuza e Damião da Silva, 24 e 30 anos, respectivamente, estão casados há seis anos e têm quatro filhos, o menor de oito meses. Damião, depois de perder o emprego (trabalhava como cortador de cana na Usina Cruangi), foi levado pelo cunhado para catar material reciclável no lixão. A família mora numa casa de alvenaria, na Vila Nova Cidade, distante três quilômetros do lixão. No mesmo lugar vivem parentes do casal que também trabalham como catadores, comem ratos e residem em casas de taipa. [...] A fome e a miséria impedem, segundo eles, que sintam nojo ou temam pelo risco de comer ratos. “Não comemos os ratos pequenos que vivem em casa, mas somente os grandes”, disse Damião com a maior naturalidade. (O PERFIL..., *Jornal do Commercio*, 18 out. 1994, p. 5)

O caso ganhou repercussão nacional e muitos políticos vieram à imprensa lamentá-lo. O coordenador do Programa Ação Pela Cidadania Contra a Miséria e a Fome, Herbert de Souza, o Betinho, pediu uma ação urgente do poder público e da sociedade. “Os escândalos que estamos presenciando são no presente e as ações precisam ser imediatas. É um caso de intervenção alimentar” (*Apud BETINHO...*, *Jornal do Commercio*, 19 out. 1994, p. 5), afirmou ele. O então ministro da Saúde, Henrique Santillo, mostrou-se preocupado que aquelas pessoas pegassem peste bubônica. Já o secretário de Saúde do Estado de Pernambuco, Danilo Campos, acusou a Prefeitura de Timbaúba como responsável pela situação de tais famílias:

“É a administração municipal que tem que resolver ações que evitem a degradação social da população”, disse ele, admitindo que o fato mostra o último nível de miséria em que podem chegar os seres humanos. Ele considera a situação tão grave quanto a dos catadores de lixo que estavam comendo restos humanos no lixão de Olinda. (PREFEITURA..., *Jornal do Commercio*, 19 out. 1994, p. 5)



No Fim do Beco há um Bosque (1994), pelo Curso Básico
à Formação do Ator, da Fundação Joaquim Nabuco
Texto e direção: Vital Santos
Fotos: Jorge Clésio

O secretário de Saúde se referia a um caso que ocorreu em abril de 1994, ou seja, naquele mesmo ano, quando missionários da Igreja Episcopal fizeram uma denúncia que virou escândalo internacional. Segundo eles, no Lixão de Peixinhos, um bairro de Olinda/PE, homens, mulheres e crianças comiam carne humana para matar a fome:

A carne, proveniente do lixo hospitalar, era trazida para o local pelo caminhão de coleta da Prefeitura. Eram vísceras, mamas, pedaços de abdômen, restos de partos, fetos e até braços e pernas. Foi constatado que o local, com 50 hectares e 60 barracos, servia de residência e trabalho, ao mesmo tempo, aos seus moradores. [...] A denúncia da prática de canibalismo foi comprovada pela secretária adjunta de Saúde de Olinda, Ana Paula Soter. Ela foi até o Lixão de Peixinhos e confirmou o consumo de carne humana pelos favelados. Os pedaços de tecido humano chegavam ao local em estado de putrefação. De acordo com a secretária, havia o risco de contaminação porque muitos tecidos estavam necrosados, por isso haviam sido retirados. O fato chamou a atenção de jornais e televisão de vários países. A emissora de TV CNN, nos Estados Unidos, chegou a enviar uma equipe ao local para uma ampla reportagem sobre o assunto. Ao chegar no lixão, a repórter Marina Mirabella disse que só tinha visto coisa semelhante na Somália e em alguns países da América Latina. (FOME..., *Jornal do Commercio*, 17 out. 1994, p. 1)

O mais revoltante em Timbaúba foi que o prefeito Alfredo Campos (PST) não se prontificou a desenvolver ação mais efetiva junto aos catadores de lixo e nem mesmo a fazer a desratização do município, porque a quantidade de ratos, segundo ele, não chegava “a ser assustadora” (*Apud* LEÃO, *Jornal do Commercio*, 17 out. 1994, p. 1). Confrontado por medidas urgentes, o vice-prefeito Givaldo Brás de Macedo chegou a afirmar que o problema de pessoas se alimentando de rato havia sido super dimensionado pela sociedade: “Esses catadores comem feijão, arroz e rato, mas isso também acontece em outras cidades. Timbaúba não é o único local onde a população pobre se alimenta de ratos” (*Apud* PREFEITURA..., *Jornal do Commercio*, 20 out. 1994, p. 5), reclamou indignado. Choveram votos de

repúdio por toda parte, com trocas de acusações entre políticos e representantes dos poderes municipal, estadual e federal.

Como o objetivo aqui não é esmiuçar os desdobramentos de tão terrível situação, sabemos que tamanha aberração deve ter sido coibida, assim como foi a experiência canibal em Olinda, mas infelizmente a situação de vida de quem depende dos lixões em todos os cantos deste país continua sendo de miserabilidade total. Chocados com tamanha degradação do ser humano, os artistas-alunos de Vital Santos, que na época era o professor de encenação no Curso Básico à Formação do Ator, da Fundação Joaquim Nabuco, após muita discussão em grupo resolveram embarcar na proposta de abordar a desgraça social a partir desses fatos tristes da nossa realidade. Assim nasceu *No Fim do Beco há um Bosque*. Ou seja, qualquer semelhança não era mera coincidência, infelizmente.

HOMENS QUE DEVORAM OUTROS HOMENS, LITERALMENTE

A obra de Vital Santos foi escrita especialmente para a prova pública de conclusão dos alunos no Curso Básico à Formação do Ator, da Fundaj, iniciativa que, favorecendo o estudo de um ano e meio em teatro, existia no Recife desde 1987 e já havia entregue mais de 120 artistas profissionais no mercado. A montagem, reunindo quatorze novos intérpretes, cumpriu breve temporada de 15 a 18 de novembro de 1994, no saudoso Cineteatro José Carlos Cavalcanti Borges (hoje apenas Cinema da Fundação). A equipe, batizada de Pirilampos, justificou o trabalho assim:

No momento em que nos reunimos para o início das aulas fomos surpreendidos por uma avalanche de fome e miséria vinda de todos os lados da cidade. Gente praticando canibalismo, comendo ratos e vivendo em condições subumanas, em suma, expostos a todo tipo de humilhação. Como a verdadeira função do teatro é transformar o palco em uma tribuna para discutir os problemas do povo, decidimos mostrar a triste trajetória dessa raça de zumbis para uma avaliação mais ampla da sociedade. Essa é a contribuição de um grupo de jovens que acredita na bondade humana e espera que um dia possa existir solidariedade. (NO FIM... [Programa], 1994, s. p.)

Após lançar *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra* no primeiro semestre daquele ano, com a sua Ópera Popular do Nordeste, Vital Santos, além de criar um inédito e aguardado texto, assinou vários elementos na encenação. Além do texto, direção, cenário, iluminação e sonoplastia, criou as poucas músicas que estavam no trabalho, diferente de várias outras montagens musicais suas. Na assistência de direção e figurino: João Raimundo Balta/Rai Bento. A direção de produção era de Lúcia Machado, coordenadora daquele Curso. No elenco: Adriana Aquino (Galiana), Alfredo Holanda (Homem do Povo), Ana Flávia Duarte (Tertúlia, vizinha), Ed Monteiro/Eddie Monteiro (Hollywood), Gabriela Barreto (Soledade), Jeanny Soares (Cachinho), João Raimundo Balta/Rai Bento (Rico), João Roberto Lira (Pedro Faca), Jusabe Hesede (Alexandrina, vizinha), Maria Barbosa (Rola, vizinha), Nazaré Mourão (Dona Rosa) e Rômulo Lins (Seu Alfredo e Urubu).

Para a curta permanência do espetáculo, a Fundação Joaquim Nabuco preparou um programa com os dados sobre a montagem e, também, todo o texto da peça publicado, única criação de Vital Santos que ganhou uma divulgação impressa e oficial para além das duas edições da *Revista de Teatro SBAT* que trouxeram *A Árvore dos Mamulengos* e *O Sol Feriu a Terra e a Chaga se Alastrou ou Os Martírios de Jorge e Rosinha*. No material, há a seguinte sinopse de *No Fim do Beco há um Bosque*:

Num universo miserável, uma família vive seu drama na luta pela sobrevivência. Dona Rosa, a matriarca, faz o que pode para manter Rico, Soledade e Cachinho, seus filhos, unidos em meio à fome e ao desespero. Estão à espera de Nando, na luta para conseguir um quinhão de terra que sirva de abrigo a toda a família. Retrato de um povo esperançoso, tentam sobreviver apesar dos percalços que o mundo imprime aos menos favorecidos. Nesse mergulho na miséria humana surge um fio de esperança, um mundo talvez um pouco mais florido onde se encontre a paz. Afinal, todos esperam que no fim do beco exista o tão sonhado bosque. (NO FIM... [Programa], 1994, s. p.)

A peça foi assim anunciada na imprensa:

Vital Santos está de volta com os miseráveis depois de expor as mazelas dos que lutam por um pedaço de chão ou por um

prato de comida em *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra*, que esteve em cartaz no primeiro semestre deste ano no Teatro Barreto Júnior. Agora ele mostra *No Fim do Beco há um Bosque*, especialmente concebido para os formandos do Curso Básico à Formação do Ator, da Fundação Joaquim Nabuco. [...] Desta vez, a luta é de Dona Rosa, matriarca de uma família de desgraçados. A coitada divide com os filhos Rico, Soledade e Cachinho a fome e o desespero, enquanto a mais velha de suas crias, Nando, luta para salvar sua gente do buraco. O texto surgiu a partir “da avalanche de fome e miséria vinda de todos os lados da cidade”, diz a produção. O grupo ficou particularmente chocado com o canibalismo, a comilança de ratos em Timbaúba e as condições subumanas nas quais os nordestinos ainda vivem. “Em suma, expostos a todo tipo de humilhação”. A proposta é fazer do teatro uma espécie de tribuna. (VITAL..., *Jornal do Commercio*, 15 dez. 1994, p. 6)

No *Diário de Pernambuco*, Ivana Moura também chamou atenção ao trabalho quando de sua estreia, já que se procurava revelar a dor de gente que sai estampada nos próprios jornais, às vezes até de forma pitoresca, e lembrou a opção militante do seu autor e encenador a cada nova montagem teatral:

O dramaturgo e diretor Vital Santos continua mandando seus sinais. De alerta, de protesto, de indignação contra as desigualdades sociais e de solidariedade com a condição humana. Sua arma compõe-se de verbo, das imagens, do canto e dança através do teatro. [...] Para Vital Santos, o palco deve servir de tribuna de discussão dos problemas dos seres humanos. Foi assim com *Auto das Sete Luas de Barro*, *A Árvore dos Mamulengos* ou *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra*, algumas das peças escritas e dirigidas por ele. Sua temática social alia-se à linguagem poética para atingir a sensibilidade do espectador, provocar reflexões e mudanças de atitudes. [...] O encenador transformou em teatro a penúria de uma gente que vive do lixo, convive com restos de material hospitalar, que sonha com um teto para dormir. O enredo da peça mostra uma família que, como tantas outras, luta pela sobrevivência. A matriarca da família, Dona Rosa, não mede esforços para manter unidos seus filhos Rico, Soledade e Cachinho, em meio à fome e desespero. O grupo espera por outro filho de Dona Rosa, Nando,

o arrimo da família que labuta de noite para trazer o pão de cada dia, pela manhã. [...] Diante de tantos obstáculos, os personagens não perdem a esperança por dias melhores, frente à fúria de um mundo ressequido pela ganância dos poderosos. (MOURA, *Diário de Pernambuco*, 15 dez. 1994, p. D-1)

Vital Santos, em entrevista a ela, reforçou que “A miséria de tantos acabará por ser a miséria de todos” (*Apud* MOURA, *Diário de Pernambuco*, 15 dez. 1994, p. D1), portanto, aquele seu mais novo texto era um grito de desespero, na perspectiva de haver um bosque no fim do beco, um fio de esperança, um mundo talvez um pouco mais florido. Quanto ao espetáculo em si, defendeu que buscava apresentar uma visão crítica da vida subumana dos sem-teto até mesmo como forma de provocar reflexões sobre um dos mais graves problemas da sociedade brasileira, fazendo ainda com que um grupo que se iniciava nas artes dramáticas tivesse consciência da seriedade que é representar para uma sociedade não habituada à valorização dessa cultura e, acima de tudo, provar que teatro não é diletantismo. Disse ele, então:

O propósito fundamental desta encenação é criar a verdadeira imagem da cena brasileira, retratando fatos do dia a dia de uma gente sofrida que a cada momento é confundida com o lixo. [...] *No Fim do Beco há um Bosque* é um espetáculo épico, onde a fantasia retrata a dialética de um povo perdido na imaginação de um sonho, onde a realidade é a poesia de sua linguagem. (*Apud* MOURA, *Diário de Pernambuco*, 15 dez. 1994, p. D-1)

Mas a montagem, mesmo sendo uma prova pública de alunos em formação, não foi tão bem recebida. A própria Ivana Moura, após lembrar que Vital, depois de estar afastado por dez anos dos palcos, havia voltado à cena com o mais importante espetáculo daquele ano, *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra*, na sua comparação com *No Fim do Beco há um Bosque*, que veio em seguida nessa retomada do gosto por conceber e dirigir montagens teatrais de preocupações sociais nítidas, não foi das mais efusivas ao resultado final:

Inspirado nas pequenas desgraças dos desfavorecidos economicamente, dos homens “gabiru” que disputam com os urubus



*No Fim do Beco
há um Bosque*
(1994), pelo
Curso Básico
à Formação
do Ator,
da Fundação
Joaquim Nabuco
Texto e direção:
Vital Santos
Foto: Jorge Clésio

restos de alimentos, a peça não concentra a mesma força de outras obras, mas investe na teatralidade em cada pensamento e gesto que Vital Santos alimenta. (MOURA, *Diário de Pernambuco*, 30 dez. 1994, p. D-1)

Na visão do crítico João Luiz Vieira, do *Jornal do Commercio*, o espetáculo foi ainda mais frustrante, pois na sua concepção, mesmo reconhecendo que o autor e encenador Vital Santos continuava a não abrir mão do seu teatro político, sendo um dos mais explicitamente engajados da cena local, e até trazendo uma ousadia cenográfica da miséria, que fazia ambientes aparecerem e desaparecerem por conta de uma plataforma giratória (como está solicitado numa das rubricas do texto), o elenco, ainda tão inexperiente, acabava por diluir a força dramática da obra:

O texto é contundente, mas o elenco não tem verdade suficiente para segurar a peça e o espetáculo chega perto do desmoronamento. Vital Santos é um dos mais celebrados profissionais das artes cênicas. [...] Com *No Fim do Beco...*, entretanto, seu conceito de qualidade foi arranhado pela fraca direção de

atores. Deve-se considerar, embora não sirva de justificativa, que o elenco, em sua maioria, é formado por iniciantes. A peça foi concebida especialmente para o Curso [Básico à Formação do Ator] (no qual Vital Santos foi professor de encenação) e a inspiração veio das manchetes dos jornais. Mais precisamente, a comilança de camundongos em Timbaúba e o canibalismo praticado nos aterros da Região Metropolitana. A partir daí, Vital construiu uma história centrada no dia a dia de um grupo de miseráveis: a luta pela sobrevivência em subempregos, as invasões de terrenos alheios, o tráfico, a fome, a violência sexual, a desesperança. Vital tenta ser o mais fiel possível àquela realidade, exagera um pouquinho em alguns enfoques, é preciso em outros, mas, no geral, o texto é indigesto. Indigesto pelas discussões que provoca, não como estrutura. Consegue mexer com a plateia, justamente o principal objetivo do encenador, e deixa um amargo sabor de derrota. Vital nunca foi tão pessimista e duro. Plasticamente, continua ousado. A cenografia é funcional e impactante. Os figurinos conjugados com a proposta de encenação e a trilha idem, embora sem a mesma força que em outras montagens anteriores do diretor. O problema do espetáculo, como foi dito acima, é o elenco, que dilui a carga dramática do texto e a fluência do espetáculo como um todo. (VIEIRA, *Jornal do Commercio*, 12 jan. 1995, p. 6)

Após a primeira e curta temporada, a montagem abriu a programação do projeto 3º Todos Verão Teatro, promovido pela Federação de Teatro de Pernambuco - Feteape nos dias 5 e 6 de janeiro de 1995, com sessões às 21 horas, no Teatro Barreto Júnior. Os ingressos populares custavam 2 reais. A despedida do conjunto aconteceu ali, apesar de parte da equipe querer seguir adiante com o trabalho. Na sequência, não consegui identificar nenhuma encenação profissional do texto no Brasil, a não ser uma de cunho estudantil feita em 1996 pelo diretor Walter Reis, junto ao Grupo de Teatro Dom Vital, da Escola Dom Vital, em Caruaru. Naquele ano, a peça chegou a participar do X FETEAG - Festival de Teatro Estudantil do Agreste.

Em 2006, graças a uma iniciativa de Galiana Brasil (que dá nome a uma das personagens da peça, numa homenagem feita a ela por Vital Santos), *No Fim do Beco há um Bosque* integrou o 13º Projeto Dramaturgia - Leituras

em Cena, do SESC Pernambuco, ganhando leituras dramatizadas por várias unidades da instituição em todo o estado. Já no dia 6 de agosto de 2012, ainda pelo mesmo projeto do SESC, o texto ganhou leitura sob a direção de Dulce Fernandes, na Escola Técnica Municipal de Teatro, Dança e Música FAFI, na cidade de Vitória, no Espírito Santo. O trabalho foi estimulado por uma Oficina de Leitura Dramática ministrada em maio daquele ano pelo diretor pernambucano Marcus Rodrigues, que havia ficado à frente da leitura dramatizada da peça no Recife.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Verônica. Ratos matam a fome de catadores de lixo. **Jornal do Commercio**. Recife, 16 out. 1994. JC/Urgente/Miséria. p. 19.

BETINHO pede ação urgente do governo. **Jornal do Commercio**. Recife, 19 out. 1994. Regional/Ratos. p. 5

FOME já levou favelados a comerem carne humana no lixão de Olinda. **Jornal do Commercio**. Recife, 17 out. 1994. Cidades. p. 1.

LEÃO, Luciana de Souza. Catadores de lixo chocam população. **Jornal do Commercio**. Recife, 17 out. 1994. Cidades. p. 1.

MOURA, Ivana. Grito de alerta. **Diário de Pernambuco**. Recife, 15 dez. 1994. Viver. p. D-1.

MOURA, Ivana. Marasmo nos palcos pernambucanos. **Diário de Pernambuco**. Recife, 30 dez. 1994. Viver/Retrospectiva 94. p. D-1.

NO FIM do Beco há um Bosque [Programa]. Fundação Joaquim Nabuco: Recife, 1994.

O PERFIL cruel de uma família. **Jornal do Commercio**. Recife, 18 out. 1994. Regional. p. 5.

PREFEITURA não vai dar cestas. **Jornal do Commercio**. Recife, 20 out. 1994. Regional/Ratos. p. 5.

SALDO foi de 366 roedores. **Jornal do Commercio**. Recife, 18 out. 1994. Regional. p. 5.

VIEIRA, João Luiz. Homens comem homens e ratos no teatro. **Jornal do Commercio**. Recife, 12 jan. 1995. Caderno C/Artes Cênicas. p. 6.

VITAL Santos não se livrou dos miseráveis. **Jornal do Commercio**. Recife, 15 dez. 1994. Caderno C/Artes Cênicas. p. 6.

— NO FIM DO BECO HÁ UM BOSQUE —

De: Vital Santos

.....

Personagens: Dona Rosa, Cachinho, Rico, Soledade, Hollywood, Pedro, Seu Alfredo, Mulheres do Povo (1, 2, 3 e 4), Homens do Povo (1, 2 e 3), Galiana, Tertúlia (vizinha), Alexandrina (vizinha), Rola (vizinha), Urubus e Voz do Repórter.

Numa favela, ao lado de um lixão. Numa manhã de muito sol, à frente de um barraco de madeira com papelão e plásticos, Dona Rosa e Cachinho, sentadas em caixotes velhos, esperam Nando, o filho mais velho da família. Elas estão ali a noite inteira à espera. Ao lado delas, vários urubus de asas abertas tomam sol.

DONA ROSA – Daqui a pouco Nando chega...

CACHINHO – Ele nunca demorou tanto como hoje.

DONA ROSA – É o trabalho dele que é assim mesmo, minha filha. Daqui a pouco ele chega e traz o dinheiro do pão.

CACHINHO – Muita gente trabalha à noite, não é mãe?

DONA ROSA – Muita. Seu irmão é um desses, é mecânico. Trabalha a noite toda preparando os ônibus que vão levar os operários de manhãzinha ao trabalho.

CACHINHO – Deve ser muito ruim trabalhar à noite...

DONA ROSA – É o jeito, minha filha. Eu ainda dou graças a Deus. Pior é se ele tivesse por aí feito teu outro irmão, na vagabundagem.

CACHINHO – Não diga, isso mãe. O coitado batalha tanto. Têm dias que ele sai daqui de manhãzinha e só volta à noite. É porque o tempo tá ruim mesmo.

DONA ROSA – Esse é a cruz torta da minha vida.

CACHINHO – Mãe, vamos entrar. O sol já está no meio do mundo.

DONA ROSA – Não, vamos esperar mais um pouco. Ele já está chegando.

CACHINHO – A gente passou a noite toda aqui, mãe. Eu estou que não aguento. Estou morrendo de sono.

DONA ROSA – Eu também, minha filha. Só mais um pouco. Logo, logo ele aparece aí.

CACHINHO – Canta aquela música, mãe. Vai!

DONA ROSA (*cantando*) – Felicidade foi embora / e a saudade no meu peito...

CACHINHO – Por que ele está demorando tanto hoje, mãe?

DONA ROSA – Não sei.

CACHINHO – Não sabe mesmo, mãe?

DONA ROSA (*tensa*) – Não. Se eu estou dizendo é porque não sei

CACHINHO – A senhora está muito nervosa, mãe.

DONA ROSA (*empurra-a*) – É você que me deixa assim, com tantas perguntas.

CACHINHO – Ah... (*levanta-se*)

Cachinho afasta-se e deixa cair uma página de revista velha, amarrotada, que recolheu do lixo. Ao virar-se, nota que Dona Rosa vai apanhá-la. Ela tenta ser mais rápida, mas Dona Rosa a pega primeiro.

DONA ROSA (*surpresa*) – O que é isso aqui?

CACHINHO (*desconfiada*) – Um homem, né mãe!

DONA ROSA – Nu? E desse jeito?

CACHINHO – Por isso que é um homem...

DONA ROSA – Tenha vergonha, sujeita! (*amassa e joga fora*)

CACHINHO (*aflita*) – Faça isso não, mãe! (*corre e apanha o papel*)

DONA ROSA – Jogue isso fora, menina!

RICO (*surgindo na porta do barraco*) – Que baixaria da pôrra é essa? O dia mal clareou e vocês já estão no meio da rua aos berros!

DONA ROSA – Essa sem-vergonha... (*indo cuidar das suas plantas, um pequeno jardim que ela conserva dentro do lixo*)

RICO (*aproxima-se delas sentindo um forte cheiro*) – Pôrra... Esse esgoto hoje está foda! Parece que soltaram a merda do mundo inteiro dentro dele. Que mau cheiro do caralho!

DONA ROSA – Como é que a pessoa acorda já mal humorado desse jeito?

RICO – Pronto! Agora lascou-se. A senhora quer o quê? Que eu acorde rindo é? Num paraíso desse...

CACHINHO – Fala direito com mãe, Rico!

RICO – Vai tomar no cu, pôrra!

DONA ROSA – (*parte para cima dele*) – Respeite sua irmã, cachorro!

RICO – É isso mesmo! E a senhora fique sabendo que, numa noite dessas, eu não dormi com essa putinha chamando por homem...

CACHINHO – Tu não dormisse, eu sei porquê foi. Fumando maconha! E putinha é teu cu, fresco!

RICO (*parte para ela e Dona Rosa intervém*) – Tá vendo mãe, depois a senhora diz que sou eu.

DONA ROSA – E quem foi que provocou ela? (*afasta-os*) Tem que ter paciência, meu Deus! Isso são uns bichos!

Cachinho vai saindo.

RICO (*à mãe*) – O que é que tem pra tomar café?

CACHINHO (*volta-se*) – Merda... (*sai*)

DONA ROSA (*com o olhar distante*) – Eu estou esperando Nando chegar.

RICO – Pôrra... Ele ainda não chegou?

DONA ROSA – Daqui a pouco ele chega.

RICO – Pôrra... Assim é pra se foder.

DONA ROSA – Por que você não vai trabalhar pra botar as coisas dentro de casa?

RICO – Trabalho onde, mãe? Diga! Onde pôrra é que tem trabalho? Aliás, tem... E eu começo hoje mesmo, à noite.

DONA ROSA (*preocupada*) – Não senhor! Nem pensar! E você não é louco, que eu sei.

RICO – Mãe, esse é o único jeito que a gente tem para melhorar de vida. Pra sair dessa desgraça.

DONA ROSA – Isso nunca! Eu não quero ver você metido com essa gente.

RICO – Essa gente, mãe, é honesta, é trabalhadora. Tá lutando pra tentar melhorar de vida.

DONA ROSA – Uns baderneiros, isso sim! Uns aproveitadores que ficam usando a gente como estopim, como escudo para levar paulada e bala da polícia.

RICO – Mãe, o terreno tá abandonado há muito tempo. Essa invasão vai ser uma moleza. Não vai haver reação nenhuma. A senhora podia ir com a gente. Não faz medo não. O pessoal já sondou toda a área. Já está tudo preparado para hoje à noite. Vai dar tudo certo. Vamos, mãe!

DONA ROSA – Eu já conheço essa história, meu filho. Tenho cicatrizes profundas na alma. Pode tirar o seu cavalinho da chuva. Daqui você não sai.

RICO – Mãe, o pessoal tá contando com a gente. *Fuleirar* é sujeira.

DONA ROSA – Coisa nenhuma, meu filho. Eles querem é usar a gente. Depois ficam com os melhores pedaços pra vender. E jogam o povo dentro da lama pra viver com os caranguejos, com as muriçocas. Eu não nasci hoje não, meu filho. Você não sabe da missa um terço.

RICO – Não é assim não. Tem até político apoiando a gente, mãe. O Nando vai também.

DONA ROSA (*espantada*) – O quê? Duvido!

RICO – Vai sim. Ele mesmo falou.

DONA ROSA – Ele tem juízo. Foi o único que viu meu sofrimento. Chorou comigo. Eu não criei filho para encher barriga de cemitério.

Soledade, a outra filha de Dona Rosa, aparece com o rádio no ombro, sintonizado num programa desses repórteres policiais que fazem jorrar sangue.

VOZ DO REPÓRTER – Guerra de quadrilha termina com morte de criança na favela da Piedade! Tudo começou quando os bandidos daquela localidade invadiram o ônibus do Alto da Misericórdia e assaltaram todos os passageiros. Revoltados com a ação dos facínoras, o grupo de “Robin Hood”, marginal conhecido como Fidel Castro, partiu para o contra-ataque e tomou de assalto um ônibus da favela da Piedade, deixando todos os passageiros ensaboados! No momento em que o grupo de “Robin Hood” deixava o coletivo, apareceu o grupo rival e começou o tiroteio que terminou com a morte do menor M. S. F., de 4 anos, que brincava nas proximidades da praça da Paz Celestial, local onde se efetuou a batalha!

RICO – O filho da puta que entra num ônibus pra roubar vale-transporte e marmita tem que morrer fuzilado em praça pública. (*sai*)

DONA ROSA – Mas quem pagou foi um inocente... (*termina de aguar as plantas*)

VOZ DO REPÓRTER – Delegado da Roubos e Furtos chefiava gangue que assaltava caminhões de carga!

Ouve-se uma voz ao longe cantando “Love is a Many Splendored Thing” [canção de Andy Williams, tema do filme estadunidense de 1955, Suplício de Uma Saudade]. Dona Rosa faz sinal para que Soledade baixe um pouco o volume do rádio. Entra Hollywood todo enfeitado e bem maquiado, trazendo uma corrente de ferro nos braços e presa aos pés feito um mártir.

HOLLYWOOD (*distante. Põe a corrente no chão*) – Bom dia, Dona Rosa!

DONA ROSA – Bom dia!

HOLLYWOOD – Como vai a senhora?

DONA ROSA – Bem!

HOLLYWOOD – E as meninas?

DONA ROSA – Também. E Dona Olívia?

HOLLYWOOD (*dá um suspiro prolongado*) – Daquele jeito, coitada, cheia de reumatismo.

DONA ROSA – E o seu padrasto?

HOLLYWOOD (*revoltado*) – O monstro? Saiu!

DONA ROSA – E você como é que vai?

HOLLYWOOD – Ah, Dona Rosa, minha vida é muito complicada. Tão problemática. Ninguém me entende.

DONA ROSA – Não fica assim não, isso passa.

HOLLYWOOD – Deus lhe ouça, mulher! Deus lhe ouça!

DONA ROSA – Você gosta muito de sol, não é?

HOLLYWOOD – Adoro! Amo! (*sonha*) Ai, se eu pudesse... A senhora sabia que ela tinha uma ilha particular? E que tomava banho de sol todos os dias nua?

DONA ROSA – Ela quem?

HOLLYWOOD (*ri timidamente*) – Por isso que as pessoas me acham muito louca. Desculpe, Dona Rosa.

DONA ROSA – De quem você está falando?

HOLLYWOOD (*com brilho nos olhos*) – Grace Kelly... Era a mulher mais linda de Hollywood. Depois virou princesa e foi morar num castelo com seu príncipe. (*Dona Rosa e Soledade entreolham-se admiradas*) Vocês devem me achar muito esquisita...

DONA ROSA – É o seu jeito, Sebastião!

HOLLYWOOD (*chocado*) – Ai!

DONA ROSA – O que foi?

HOLLYWOOD – Dona Rosa, pelo amor de Deus, nunca mais me chame por esse nome.

DONA ROSA – Mas não é o seu nome?

HOLLYWOOD – Não! Me chame de... Hollywood!

DONA ROSA (*perplexa*) – Por que Hollywood?

HOLLYWOOD – Luz, brilho, cor... Me chame de Grace Kelly!

DONA ROSA – Grace Kelly? Mas isso é nome de mulher!

HOLLYWOOD – De princesa, Dona Rosa, de uma deusa.

DONA ROSA – Porque você gosta tanto dessa mulher, Sebas... Hollywood?

HOLLYWOOD – Porque a vida dela era muito parecida com a minha!

DONA ROSA – Verdade?

HOLLYWOOD – Ela era uma mulher muito solitária.

DONA ROSA – Era? Ela já morreu?

HOLLYWOOD – Infelizmente!

DONA ROSA – Então o castelo era um barraco?

HOLLYWOOD – Só mudava de nome, mas a tristeza era a mesma. A senhora viu o *Ladrão de Casaca*?

DONA ROSA – Ele era daqui do Beco?

HOLLYWOOD (ri) – É um filme, Dona Rosa... (*viajando*) *Alta Sociedade*, *Horas Intermináveis*, *Janela Indiscreta*: são alguns dos filmes que ela já fez. *Amar e Sofrer*, ah, esse eu assisti quinze vezes e chorei todas elas. Eu não suportava ver aquela santa sofrendo tanto por amor... (*pausa*) Desculpe, Dona Rosa!

DONA ROSA – Ora, por que?

HOLLYWOOD – Sabe, a senhora é a única pessoa aqui desse inferno que eu gosto de conversar. É tão compreensiva, entende as minhas besteiras. Desculpe mesmo, Dona Rosa!

DONA ROSA – O que é isso, Sebas... Holly... Grace!

HOLLYWOOD – Eu vou indo... Onde anda Cachinho?

DONA ROSA – Está por aí.

HOLLYWOOD – Pede para ela aparecer na minha *house* para a gente conversar um pouco.

DONA ROSA – Onde?

Hollywood ri novamente. Rico volta e para ao ver Hollywood. Eles olham-se demoradamente.

RICO (*disfarça*) – Esse frango ainda tá aí, é?

Surge Pedro, tio de Rico, carregando um caçoá nas costas, cheio de coisas velhas, entre elas, uma lanterna a gás, acesa, pendurada.

PEDRO – Bom dia, minha gente!

RICO – Bom dia, tio Pedro.

DONA ROSA – Que surpresa é essa, Pedro? O que é que você veio fazer aqui?

RICO – Veio da Santa Cruz, tio Pedro?

PEDRO – Vim.

DONA ROSA – Como é que estão as terras por lá, Pedro? Boas ainda?

PEDRO – Nada. A seca acabou com tudo. O chão está todo rachado, e o que restou foi devorado pelas lagartas e pelas formigas. É uma praga só. E vocês como é que vão?

DONA ROSA – Do jeito que Deus quer.

RICO – Saiu quando de lá, tio?

PEDRO – Ontem pela manhã. Viajei a noite toda.

DONA ROSA – Veio de carro, Pedro?

PEDRO – Não. Vim a pé. E eu tenho dinheiro pra isso?

RICO – Caralho! Pirou foi, tio?

PEDRO – Eu vim com o pessoal. Está todo mundo abandonando as terras pra não morrer de fome. Estão todos vindo para a cidade. A lavoura acabou-se.

DONA ROSA – A situação aqui tá pior, Pedro.

PEDRO – Por pior que seja, Rosa, deve estar melhor do que lá. Nem água tem pra gente beber.

RICO – Vão se foder todos! A barra aqui tá pesada, tio.

DONA ROSA – Veio sozinho, Pedro?

PEDRO – Eu vim para a invasão de hoje à noite. Quero ver se arranjo um pedaço de terra para fazer um barraco e trazer Joana com os meninos.

RICO (*interessado*) – Vamos entrar, tio. Descanse um pouco. Nando já tá chegando pra gente tomar café.

Eles vão entrando.

PEDRO – Isso aqui está muito calmo. Eu pensei que vocês estivessem preparando-se para a invasão.

DONA ROSA (*com desdém*) – Mais um...

PEDRO (*ao entrar, para e fica olhando para Hollywood*) – Quem é ele?

RICO – É o filho de Dona Olívia. Um viadinho aqui do Beco.

PEDRO – Por que ele está acorrentado?

RICO – Pra não sair dando a bunda por aí.

PEDRO (*tempo*) – É por causa dessa doença, não é?

RICO – Já morreram muitos aqui do Beco.

PEDRO – Ela é como a praga da lavoura...

RICO – Vamos entrar, tio.

Entram no barraco. Dona Rosa faz sinal para que Soledade baixe o volume do rádio, para que possa ouvir a conversa dos dois. Ela diminui. Rico volta acompanhado de Pedro. Hollywood desaparece sem olhar para trás.

PEDRO – Ela liga sempre nesse programa, é?

RICO – Há anos. Aguardando a notícia da morte do filho da puta que comeu ela.

PEDRO – Há anos?

RICO – Nunca perde um dia... Encheu tanto o meu saco que comprei esse rádio para ela.

PEDRO – Eu me lembro. Ela era criança ainda.

RICO – Tinha 12 anos. Estava sozinha em casa. O filho da puta entrou e estuprou ela.

PEDRO – Coitada. Como se não bastasse a epilepsia.

RICO – E há pouco tempo atrás ele voltou novamente e estuprou ela de novo. Só que dessa vez deixou ela prenha.

Rico vai a Soledade e faz sinal para ela aumentar o volume do rádio. Ela obedece. Eles vão entrando. Dona Rosa manda ela baixar. Ela assim o faz. Rico volta-se puto e pede para ela aumentar.

RICO – Aumenta esse caralho, muda fresca!

Ela, revoltada, faz um sinal obsceno com os dedos.

SOLEDADE (*com uma voz esquisita*) – Pôrra! (*sai*)

DONA ROSA – Meu Deus, o que está acontecendo? Já era pra o Nando estar em casa.

RICO – Ele deve estar com o pessoal organizando as coisas pra hoje à noite.

DONA ROSA – Ele tem juízo, menino!

PEDRO – Ela não se conforma mesmo. Já faz tanto tempo.

DONA ROSA – E quem se conforma com a morte da pessoa a quem amamos, Pedro? Só quem passa por essa dor é que conhece a tristeza.

PEDRO – O que foi que houve, afinal?

Dona Rosa não responde.

RICO – Uma bala no peito.

PEDRO – Mas quem atirou?

RICO – Foi uma bala perdida.

DONA ROSA (*seca*) – Atirada pela polícia!

PEDRO – A morte só quer um pretexto.

DONA ROSA – Se ele tivesse me escutado, se não andasse por aí brincando com a sorte, estaria aqui agora com a gente.

RICO – Se preparando pra outra.

PEDRO – Isso era dele, Rosa! Eu conhecia bem o meu irmão. Ele sentia prazer em ajudar os outros, mesmo que faltasse para si.

DONA ROSA – Tolice!

RICO – Como tolice, mãe? Era a vontade dele.

DONA ROSA – Pagou caro por isso!

PEDRO – Rosa, a gente só se sente infeliz quando morre sem fazer o que quis.

DONA ROSA (*afasta-se e muda o assunto*) – Fumaceiro da peste! Essa desgraça não acaba nunca...

PEDRO – Tocaram fogo no lixo?

RICO – Não. Isso é assim o tempo todo. É por causa do gás que sai do lixo.

PEDRO (*voltando ao assunto*) – O que nós soubemos foi que na hora da invasão Otávio estava armado. Usava uma arma muito estranha e ameaçava todo mundo. É verdade?

RICO – O senhor não sabe quem era pai, com aquele bocão dele. Quem não conhecesse pensava que era o homem mais valente do mundo. Talvez, por isso, é que o pessoal botava ele sempre na frente feito boi-de-piranha, mas na verdade se borrava todo quando a coisa engrossava! Não era nenhum agitador como andaram dizendo por aí. Era uma boa alma, só pensava em ajudar os outros. Dizia sempre: “No fim do Beco há um bosque”. Nesse dia, o velho levou um puta azar e caiu com um balaço no peito. Os vizinhos trouxeram o corpo dele e jogaram aí dentro da

sala, feito um saco de batata. Depois começaram a rezar. Rezaram à noite inteira. Mãe agarrou-se com o corpo chorando, e desde esse dia que não quer nem ouvir falar em invasão.

PEDRO – E que arma era essa que ele estava usando?

DONA ROSA (*começa a tossir propositalmente*) – Aqui todo mundo é doente do pulmão, sente coceira, dor de cabeça, falta de ar. Tudo por causa dessa fumaça. As crianças são as que sofrem mais. (*faz que procura alguma coisa e volta-se*) Rico, deixa o teu tio descansar um pouco, afinal ele caminhou a noite inteira.

PEDRO – Precisa não, Rosa. Eu quero somente passar uma aguinha no rosto. Vou ajudar o pessoal a preparar as coisas para hoje à noite. (*sai pelo fundo do barraco*)

DONA ROSA (*indo até o fundo do barraco e voltando*) – Essa alma tá querendo reza... O que ele está querendo?

RICO – Nada não, mãe.

DONA ROSA – Pensa que eu não vi vocês dois cochichando!

RICO (*afasta-se*) – Não enche, mãe!

DONA ROSA – Essa alma sebosa não ia aparecer aqui, essa hora da manhã, se não tivesse interessado em...

PEDRO (*reaparecendo com uma bacia e uma toalha para lavar-se*) – Quando eu estava vindo pra cá, o povo tava todo aí na subida do Beco. Tinha dois corpos estirados.

DONA ROSA – Foi ontem à noite. Eu ouvi os tiros. Foram mais de vinte.

RICO – Eram conhecidos, tio?

PEDRO – Deviam ser. Tinha umas mulheres por perto chorando. Eram muito jovens ainda. Quase crianças.

DONA ROSA – Aqui é assim. Toda noite tem tiroteio. Quando o dia amanhece, são três, quatro corpos caídos pelo chão e ninguém sabe quem foi que matou.

RICO – Saber sabe. Só que ninguém quer falar.

PEDRO – Vocês têm que sair daqui. O Beco tá ficando muito perigoso.

DONA ROSA – Por isso que eu não saio da porta desse barraco enquanto Nando não chega. Todo dia eu peço a Deus para ele mudar de emprego. Trabalhar à noite é muito arriscado.

PEDRO (*termina de lavar-se*) – Vocês têm armas?

DONA ROSA – Pra que armas, Pedro? Quem me defende é Deus!

PEDRO – Você tá muito nervosa!

DONA ROSA – E não é pra tá?

PEDRO – Eu vou indo, Rosa. Vou ajudar o pessoal nos preparativos.

DONA ROSA – Espere um pouco, Pedro. Você não gostaria de ver o Nando?

PEDRO – Gostaria muito, mas ele não vai voltar tão cedo.

RICO – Eu vou com o tio até ali, mãe ...

Ouve-se um barulho. É o Povo do Beco que passa em frente do barraco indo para o lixo. Estão vestidos em trapos. Máscaras, luvas velhas, cabeças cobertas com pedaços de panos, mãos enroladas com gazes. Parecem mais um bando de leprosos. Eles fedem. Por onde passam, as moscas seguem atrás.

HOMEM 1 – Vai hoje não, Dona Rosa?

DONA ROSA – Vou, Seu Augusto. Estou esperando meu filho. Assim que ele chegar eu vou.

HOMEM 2 – Se a senhora chegar tarde, não vai encontrar mais nada...

DONA ROSA – É cedo ainda!

MULHER 1 – O quê? Aquilo já deve tá um formigueiro, mulher!

MULHER 2 – Hoje tem o lixo do *shopping*, Rosa!

Cachinho aparece na janela do barraco.

MULHER 3 – Vamos mulher, hoje vai ser bom!

DONA ROSA (a Cachinho) – Vá com eles, minha filha!

CACHINHO – Eu não, Deus me livre! Eu morro de vergonha, mãe! Eu não quero que ninguém me veja dentro daquela imundície. (*sai correndo*)

DONA ROSA – Vão indo, eu já vou.

HOMEM 3 – Você vai perder, Rosa!

MULHER 4 – Rosa, vamos nêga!

Um homem magro, cadavérico, de barba por fazer, levanta-se no meio do Povo revoltado.

HOMEM 1 – Vamos Dona Rosa, vamos para o lixo. Aliás, é o que nós somos: lixo! Não pensem que surgimos do barro como dizem as Escrituras. Essa podridão humana que povoa o universo surgiu mesmo foi da lama! Do que tem de mais infecto, de mais sujo nas sarjetas! E ninguém é responsável por esta situação. Não queiram encontrar culpados para nossa tragédia. Os responsáveis somos nós mesmos. Algo

de ruim fizemos a alguém ou ao mundo para estarmos pagando por esta violência. Não tem troco, a dívida é muito alta. Está aqui! (*mostrando a Bíblia*) E é milenar! Soltem as mãos Dele, deixem-no em paz! Esqueçam o Seu nome. Sigam vocês mesmos o caminho que traçaram com sua própria estupidez! Esqueçam! Não existem culpados para nossa derrota!

Os trapeiros seguem para o lixão. Dona Rosa e Cachinho ficam sentadas na frente do barraco.

CACHINHO – Por que eles são tão tristes, mãe?

DONA ROSA – A vida tem sido muito cruel com eles, minha filha!

CACHINHO – É por isso que o Cristo está sangrando, não é mãe?

DONA ROSA (*olha para dentro do barraco assustada e vê a imagem do Cristo cheia de sangue*) – Minha Virgem do Céu, Ele está todo ensanguentado!

CACHINHO – Por que Ele fica assim, mãe?

DONA ROSA – Para pagar os nossos pecados.

CACHINHO – Mas eu nunca pequei!

DONA ROSA – Menina, pelo amor de Deus, não diz uma desgraça dessa!

CACHINHO – O que é pecado, mãe?

DONA ROSA – Bate na boca três vezes, menina!

CACHINHO – Miséria é pecado, mãe?

DONA ROSA – Minha filha, as coisas do céu têm mistérios. Não se explicam.

CACHINHO – E como é que eu vou entender?

DONA ROSA – Vai. Um dia você vai saber o que é bom e o que é ruim. (*pausa. Gemendo*) Ai, minhas pernas, estão queimando que só fogo.

CACHINHO – Mãe, homem é bom?

DONA ROSA – É uma desgraça, minha filha. Não tem um que preste!

CACHINHO – Por que a senhora chorou tanto quando o pai morreu?

DONA ROSA – Ah, o teu pai era diferente. Era abestalhado, é verdade, mas era um homem puro.

CACHINHO – Como o meu pai não existe mais, não é mãe?

DONA ROSA – Acho difícil...

CACHINHO – E o que é que eu faço, mãe?

DONA ROSA – Pra quê, menina?

CACHINHO – Pra arranjar um homem...

DONA ROSA – Acaba com isso, Cachinho!

CACHINHO – Eu quero um homem, mãe!

DONA ROSA – Sujeita, você me respeite!

CACHINHO – Arranja um homem pra mim, mãe!

DONA ROSA – Para com isso, Cachinho! Para com isso, menina!

CACHINHO – Eu quero!

DONA ROSA – Eu sei o que você quer! *(apanha rapidamente o regador e fica jogando água em cima dela)*

CACHINHO – Ai mãe, que delícia... Vai mãe, tá gostoso... Mais! Sim, mãe! Vai, vai! Me molha toda, mãe... *(grita)* Aaaiiii mãe... *(cai respirando ofegante)*

DONA ROSA – Eu aqui me acabando de dor nas pernas, preocupada com teu irmão que não chegou até uma hora dessa, e tu com essas conversas! Tem juízo, menina!

CACHINHO *(baixinho)* – Quem manda ser bom!

DONA ROSA *(parte para ela)* – O que foi que você falou, nojenta?

CACHINHO *(fugindo dela)* – Nada não, mãe...

DONA ROSA *(senta-se)* – Meu Deus, eu não estou aguentando mais essa dor nas pernas. Essas varizes vão acabar me matando!

CACHINHO – A senhora mesma é a culpada. Pra quê ficar a noite inteira acordada, andando pra lá e pra cá? Nando já é homem feito, mãe. Deixe de tolice.

DONA ROSA – Ah, minha filha, no dia que você for mãe vai ver: será a mais idiota das criaturas.

CACHINHO – Eu? Duvido.

DONA ROSA – Eu também dizia o mesmo.

CACHINHO – Bote a sua perna aqui, mãe, pra eu ficar alisando.

DONA ROSA – Ai, que alívio! Parece que estou no céu... *(enquanto Cachinho fica massageando suas varizes, ela canta)* – “Felicidade foi embora / e a saudade no meu peito...”

Seu Alfredo entra apressado, num carrinho de madeira com rodízio, à procura de Dona Rosa. Ele é paraplégico e mexe-se com dificuldade.

SEU ALFREDO – Dona Rosa! Ô, Dona Rosa!

DONA ROSA (*levanta-se*) – Estou aqui, Seu Alfredo!

SEU ALFREDO – Dona Rosa, é a minha filha...

DONA ROSA – O que é que ela tem, Seu Alfredo?

SEU ALFREDO – Diarreia. Passou a noite toda vomitando, com febre. Só tá o couro e o osso, a coitada.

DONA ROSA – Qual foi o remédio que ela tomou?

SEU ALFREDO – Aquele soro de açúcar e sal.

DONA ROSA – E não resolveu?

SEU ALFREDO – Não, senhora. Ela não para de vomitar. E a febre aumentando.

DONA ROSA – É o cólera.

SEU ALFREDO – E agora, o que é que eu faço, Dona Rosa?

DONA ROSA – Tem que internar, Seu Alfredo, é o jeito. Senão ela morre.

SEU ALFREDO (*desolado*) – Prefiro que ela morra em casa mesmo.

DONA ROSA – Mas, Seu Alfredo, lá eles têm soro de verdade.

SEU ALFREDO – Têm Dona Rosa, mas não para nossas crianças. A senhora não viu o que aconteceu com o filho de Nicinha? Morreu à míngua. Ficou lá não sei quanto tempo e não foi atendido. Com a mãe de Dona Zeza foi a mesma coisa. E com as tantas outras daqui que morreram no abandono. Não, Dona Rosa, deixa ela morrer em casa mesmo. Pelo menos está perto da gente.

DONA ROSA – Mas, Seu Alfredo...

SEU ALFREDO – Essa não é a primeira, Dona Rosa, e nem será a última. Eu vou providenciar é o caixão.

DONA ROSA – Espere, Seu Alfredo! (*apanha um vidro de remédio*)

SEU ALFREDO – O que é isso, Dona Rosa?

Galiana vem chegando.

DONA ROSA – Tome, leve esses comprimidos e dê um de quatro em quatro horas com um chá bem quente de erva cidreira. Ela vai melhorar, se Deus quiser...

SEU ALFREDO – Que Nossa Senhora lhe proteja, Dona Rosa!

DONA ROSA – A todos nós, Seu Alfredo. (*ele sai apressado*)

GALIANA – Coitado do Seu Alfredo. Saiu tão perturbado que nem falou comigo.

DONA ROSA – É a filhinha dele que está muito doente.

GALIANA – Ela vai ficar boa, não é Dona Rosa?

DONA ROSA (*vira-se a ela bem objetiva*) – São Sebastião não faz milagre duas vezes por dia não, minha filha. Essa doença é terrível. Mata na hora.

GALIANA – Pai está tentando junto ao pessoal da Prefeitura ver se consegue resolver o problema do saneamento aqui para o Beco.

DONA ROSA – Se ele não conseguir, minha filha, ninguém mais consegue.

GALIANA – O que é que a senhora quer dizer com isso?

DONA ROSA – Que ele é assim (*gesticula*) com os homens.

GALIANA – Ou... Eu pensei que a senhora também achasse que o meu pai era um...

DONA ROSA – Por favor, Galinhana...

GALIANA – Galiana, Dona Rosa!

DONA ROSA – Você quer falar com Nando? Ele ainda não chegou.

GALIANA – Eu sei. Encontrei com o Rico agora mesmo e ele me falou. O que eu quero é saber porquê a senhora não quer deixar os meninos irem para a invasão hoje à noite com a gente?

DONA ROSA – Eles não perderam nada lá!

GALIANA – Dona Rosa, nós só podemos construir um futuro esquecendo o passado.

DONA ROSA – Os meus filhos não são baderneiros!

GALIANA – E o seu marido era, por acaso? (*Dona Rosa fica em silêncio*) A senhora não pode fazer isso, pega mal para os meninos.

DONA ROSA – Galinhana...

GALIANA (*pacientemente*) – Galiana, Dona Rosa.

DONA ROSA – Por enquanto você é apenas a namorada dele. Quando casar, aí você diz o que ele deve fazer. Mas agora quem decide sou eu que sou a mãe.

GALIANA – Eu não vou dizer nada, Dona Rosa. Solteira ou casada, quem decide é ele. A vida é dele! Eu só estou querendo evitar que a senhora exponha os seus filhos ao ridículo. O Beco inteiro vive apontando para nós como se fôssemos omissos, covardes. Está todo mundo lutando por uma causa, Dona Rosa. Que espécie de gente são vocês aqui?

DONA ROSA – Gente pobre. Nós somos gente pobre.

GALIANA – Eu nunca vi uma bobagem tão grande! Por causa de gente como a senhora é que estamos no ponto em que chegamos. E esses putos do poder fazendo o que querem com o povo.

DONA ROSA (*francamente*) – Não admito que me falem desse jeito dentro da minha casa! Eu tenho os meus motivos.

GALIANA – Todos nós temos. Agindo assim a senhora está colaborando para que essa situação perdure.

DONA ROSA – A única coisa que eu quero é meus filhos fora disso. Enquanto você não ver o Nando morto feito o pai, não sossega! Pensa que eu não sei que você vive enchendo a cabeça dele de besteiras?

GALIANA – Ainda bem que Seu Otávio não está aqui para ouvir isso.

DONA ROSA – Deixe o Otávio fora dessa história.

GALIANA – Ele, sim, foi um herói!

DONA ROSA – Olha aqui, Dona Galinhana...

GALIANA (*furiosa*) – Galiana, Dona Rosa! Galiana! É italiano, entende?

DONA ROSA – Eu tenho mais medo da polícia, do que dos castigos do céu. Eles não prestam! Não quero ver a minha casa transformada num ninho de cobra. Se depender de mim, daqui eles não saem!

GALIANA (*revoltada*) – Pois a senhora diga a seu filho que, se ele não aparecer hoje à noite, nunca mais me procure! Odeio homem frouxo! Covarde! (*dá as costas e sai*)

DONA ROSA – Desaforada! (*repete de propósito*) Galinhana! Italiano, hum! Eu sei... Galinha!

Rico e Pedro acabam de entrar.

RICO – O que é? Endoidou foi? Falando sozinha agora?

DONA ROSA (*nervosa*) – O que é que vocês estão querendo? Por que não me deixam em paz? É complô, é? É todo mundo contra mim? Até os meus próprios filhos? (*sai*)

Os dois ficam surpresos com a reação dela.

RICO – O que foi que deu nela?

PEDRO – Ela anda muito nervosa.

RICO – É por causa do Nando. Ela pensa que a gente não sabe. Pensa que eu sou babaca.

PEDRO – O que é que tem o Nando?

RICO – Nada não, tio.

PEDRO – Vamos aproveitar que ela saiu e pegar a arma!

RICO – Que arma, tio?

PEDRO – A que Otávio usava no dia da invasão. É possível até que tenha outras. Fuzis... Quem sabe?

RICO – Foi isso o que o senhor veio buscar?

PEDRO – Claro. Onde é que ela está?

RICO – Mãe escondeu.

PEDRO – Onde?

RICO – É um mistério. Ninguém sabe como ela conseguiu esconder aquela arma aqui dentro. Eu, pelo menos, nunca vi.

PEDRO – Vamos procurá-la. Pode ser que a gente precise hoje à noite.

RICO – Eu acho que ela deu fim.

Pedro fica procurando, quando, de repente, ouve passos. Volta-se rapidamente.

PEDRO – Bico calado! Eu vou indo, ela está muito nervosa...

RICO – Espere tio, eu vou com o senhor.

Saem os dois. Dona Rosa entra com Soledade e Cachinho. Soledade com o rádio ligado a todo volume, só que desta vez ouve-se a “Ave Maria”, de Schubert. As três ficam num canto do palco imóveis.

DONA ROSA (com olhar distante, lembrando-se de Otávio) – No fim do Beco há um bosque...

CACHINHO – O que foi, mãe?

DONA ROSA – Nada! (pausa) Anoiteceu... Como o dia passa rápido aqui. A noite é que parece não ter fim. (tensa) Meu Deus, onde anda meu filho?

A luz vai caindo lentamente. Elas ficam no foco. O barraco enche-se de luz e começa a rodar. Cada lado representa o interior de outro barraco da vizinhança. Primeiro: a cena traz Seu Alfredo deitado numa rede, tossindo, tossindo sem parar. Em seguida surge uma mulher gorda tomando banho de roupa, ela está toda ensaboada e joga água na cabeça com um caneco. Depois, Tertúlia, uma das vizinhas, sentada na bacia sanitária com um rolo de papel higiênico na mão, ao ver a plateia puxa a porta do barraco rapidamente, que é um plástico. Por último, a cena mostra Hollywood em seu quarto, deprimido, junto a um poster de Grace Kelly.

HOLLYWOOD (*de olhos fixos em Grace Kelly*) – Meus Deus, será que ela sofreu tanto como nos filmes? Será que já foi acorrentada? Espancada? Será que era bem amada? Ou será que era uma pobre coitada que chorava pelos cantos feito eu? (*suspira com tristeza*)

O barraco volta à posição normal. A luz vai ressurgindo. Soledade geme e solta uma espuma branca pela boca. Tem uma crise epilética e cai por cima do rádio. Dona Rosa joga sal na boca dela, enquanto Cachinho segura-a para que não se machuque. A cena tem fim. Ficam somente os gemidos de Soledade no ar, enquanto a luz some de vez. No escuro, surgem as três vizinhas: Tertúlia, Alexandrina e Rola – apelido dado devido a um cacoete que ela tem, sempre que fica nervosa –, cada uma carregando um candeeiro aceso na mão. De repente, surge um vulto na frente delas: é um urubu faminto.

ROLA (*morrendo de medo*) – O que Diabo é isso? Vocês estão vendo?

ALEXANDRINA – Está se parecendo com um pavão.

TERTÚLIA – Eu nunca vi um pavão preto na minha vida...

ROLA – Nem eu! (*começa a ficar nervosa*)

ALEXANDRINA – Pois não se espante não! Aqui no Beco aparece de tudo...

ROLA – Isso é coisa do outro mundo!

TERTÚLIA – Por favor, mulher, para com essas coisas!

ROLA (*cacoete*) – Rola! Rola!

ALEXANDRINA (*espantada*) – O que é isso?

TERTÚLIA – Isso é um cacoete miserável, não é? Toda vez que ela fica nervosa é assim... (*imitando-a*) Rola! Rola!

ROLA (*simultâneo*) – Rola! (*põe a mão na boca*)

TERTÚLIA (*aproxima-se do vulto*) – É um urubu!

ROLA – Urubu? À noite?

ALEXANDRINA – Passeando no Beco... Eu não estou dizendo que isso aqui é cheio de assombração!

ROLA – Rola! Rola! (*com a mão na boca*)

TERTÚLIA – O que é que esse urubu está fazendo aqui a essa hora da noite?

ROLA – O mesmo que nós. Atrás de mistérios!

ALEXANDRINA – Ele está é com cara de fome.

TERTÚLIA – Esse bicho esfomeado é um perigo... Parte pra cima da gente...

ALEXANDRINA – Vocês inventam cada uma! *(aproxima-se do urubu e pega o pedaço de carne que ele está devorando. A Ave avança nela)* Sai pra lá, Satanás!

ROLA *(apavorada)* – Rola! Rola!

TERTÚLIA – Deixa esse urubu pra lá, mulher!

ALEXANDRINA – O quê? Deixar esse bicho levar esse pedaço de carne? Nunca! *(puxando o pedaço de carne, brigando com o urubu)* O sangue dá no meio da perna, mas ele não come!

A briga entre os dois é feia. Cada um que puxe mais. O urubu esperneia, cisca e solta penas para todo lado.

TERTÚLIA – Vamos socorrê-la, senão esse bicho vai acabar com ela!

ROLA – Rola! Rola! *(atacam o urubu, armadas com pedaços de pau)* Pra lá, bicho agourento! *(o urubu deixa a carniça e desaparece para não morrer)*

ALEXANDRINA *(exibindo o pedaço de carne)* – Vejam, vejam o tamanho do filé! *(joga dentro de um saco e fica batendo a roupa)*

TERTÚLIA – Vamos ao que interessa!

Seguem para um local do lixão, onde é depositado o lixo dos cemitérios.

ROLA *(vasculhando)* – HUUUUU! Estou sentindo o cheiro de ossada nova!

ALEXANDRINA *(virando o lixo)* – Tem carne fresca! *(pegando num braço)* Esse aqui não faz nem dois meses que foi enterrado e já jogaram ele aqui!

TERTÚLIA *(com um crânio na mão)* – Olhem esta cabeça! Este foi assassinado! Vejam o buraco da bala!

ALEXANDRINA *(apontando)* – Este aqui era um saci. Só tem uma perna!

ROLA *(saltando)* – Rola! Rola!

TERTÚLIA – O que foi dessa vez, mulher?

ROLA *(apavorada, mostrando)* – E este aqui que está cheio de verme! Eles pularam em cima de mim!

Pedro e Rico aproveitam essa hora da noite para procurar a arma de Otávio. Chegam sorrateiramente e percebem o movimento das vizinhas dentro do lixo.

RICO *(faz sinal para o tio abaixar-se)* – Elas são como morcegos: só saem à noite e só catam lixo de cemitério.

TERTÚLIA *(entretida)* – Este daqui era tão ruim que a terra não comeu! *(mostra)* Olha o olho dele! Tem cara de quem era padre!

ALEXANDRINA (*contente*) – Achei um par de sapato! E novinho! Nunca foi usado. O decente só botou mesmo pra vir pra cá.

ROLA (*exibindo*) – Que tal esta blusa? (*mostra uma blusa dura, com terra*) – Ih, tá cheia de cabelos!

TERTÚLIA (*desanimada*) – Nunca mais apareceu um dentinho de ouro por aqui.

ALEXANDRINA – Vocês se lembram daquela bola de platina que veio dentro daquela perna torta?

ROLA – Eu me conformaria até mesmo com um dentinho de porcelana. Só isso bastava...

RICO (*escondido delas*) – Dizem que elas comem sapo vivo!

PEDRO – Elas são loucas!

Elas percebem que estão sendo observadas e jogam-se no meio do lixo feito ratos. Os dois, não as vendo mais, saem em silêncio. Uma delas pula de dentro dos detritos, berrando feito louca, assustando-os. Eles voltam imediatamente ao esconderijo.

TERTÚLIA (*azarando*) – Vejam, não tem uma estrela no céu! A lua está escondida! A escuridão dessa noite está anunciando que ainda hoje uma desgraça vai acontecer aqui no Beco da morte!

ROLA (*levanta-se com o crânio na mão*) – Uma cabeça será transpassada por uma bala de fogo que irá queimar nas profundezas do inferno!

ALEXANDRINA – O Beco que quase todas as manhãs vê os seus filhos serem levados para o cemitério vai sentir a dor de uma mãe desesperada, chorando o trágico fim do seu filho! (*desaparecem rapidamente no meio do lixo*)

Os dois olham-se.

RICO – Filho?

PEDRO – Essas malucas não sabem o que estão dizendo!

RICO (*saindo do esconderijo*) – Pra onde elas foram?

PEDRO – Sumiram... (*Rico fica procurando-as*) Vamos logo que o pessoal está esperando a gente.

Entram no barraco e ficam procurando a arma. Remexem tudo e não encontram nada.

PEDRO – Você tem certeza que não sabe onde ela escondeu?

RICO – Tenho, tio!

PEDRO – Deixa pra lá... (*tira apressadamente um facão e uma foice de dentro do caçóá*)

RICO – O senhor não nega que é irmão do Seu Otávio... *(olhando o tio limpando as armas)* Estão amoladas, tio?

PEDRO – Claro!

RICO – Onde o senhor arranjou estas armas?

PEDRO – Fiz uma troca. *(pausa)* E o Nando, hein, que não apareceu?

RICO – E nem ia aparecer...

PEDRO – Por que?

RICO – Porque não vai...

Ouve-se Dona Rosa e Cachinho. Logo em seguida Soledade, com o rádio desligado na mão.

DONA ROSA *(sussurrando)* – Vocês ouviram ou é impressão minha?

CACHINHO – Eu ouvi. *(Soledade acena com a cabeça que sim)* Pensei até que fosse o Rico.

DONA ROSA – A voz era do Nando. Juro que ouvi a voz dele falando baixinho.

CACHINHO *(olhando para o céu)* – A noite hoje está tão feia...

DONA ROSA – Está diferente. O céu está tão triste. *(tira do bolso uma vela)* Eu vou acender uma vela para o meu anjo da guarda.

Silêncio. Assim que Dona Rosa acende a vela, as vizinhas saltam de dentro do lixo, na maior algazarra, provocando susto nelas, e saem apressadamente.

DONA ROSA – De onde saíram essas almas penadas?

CACHINHO – Eu sabia que tinha alguma coisa ruim por perto. *(Soledade fica fazendo uma cruz com os dedos e apontando para elas)*

TERTÚLIA *(ao passar por Dona Rosa)* – Boa noite, vizinha!

DONA ROSA *(se refazendo do susto)* – Boa noite o quê? Vocês quase mataram a gente de susto! Isso é coisa que se faça? Ficar escondidas dentro do lixo para assustar o povo! Olhem o estado que a pobrezinha ficou! *(Cachinho está trêmula)* A inocente quase que desmaia!

ALEXANDRINA *(ferina)* – Inocente é você, vizinha! *(riem debochadamente)*

DONA ROSA – Deixem de ser maldosas, suas figuras do mal! Inocente, sim. *(abraçando Cachinho)* Pra mim, uma criança virgem é inocente!

ROLA – Virgem? Só se for na testa, porque em baixo... é uma festa! *(partem às gargalhadas)* Rola! Rola! *(desaparecem)*

CACHINHO – Putas!

DONA ROSA – Deixa elas pra lá, minha filha. *(põe a vela num canto do barraco e fica rezando. Pausa)*

CACHINHO *(impaciente)* – A essa hora o pessoal já deve ter ido... *(dirige-se a Dona Rosa)* Será que eles já foram, mãe?

DONA ROSA – Não está vendo que eu estou rezando, menina!

Cachinho volta e fica com o olhar distante, ansiosa para saber o que se passa com o pessoal da invasão.

CACHINHO – O que será que está acontecendo?

DONA ROSA *(para de rezar)* – Está olhando pra onde? Perdeu alguma coisa? *(apanha o regador e vai derramar água nas plantas)*

CACHINHO – Será que eles já saíram, mãe?

DONA ROSA – Sei lá! Eu tenho mais o que fazer, menina! Meu Deus, me dê uma notícia do Nando...

CACHINHO *(vai junto dela, carinhosamente)* – Acabe com essa aflição, mãe! A senhora não sabe...

DONA ROSA *(nervosa)* – O quê? Eu não sei de nada!

CACHINHO – Deixe de ser ingênua, mãe! A senhora pensa que nós somos crianças, que não sabemos o que se passa?

DONA ROSA – Do que é que você está falando?

CACHINHO – Todo mundo aqui em casa já sabe que o Nando não é mecânico coisa nenhuma! Ele pode enganar a senhora que é uma tola!

DONA ROSA – Eu não sei do que você está falando!

CACHINHO – Sabe sim. Fica se enganando porque quer.

DONA ROSA *(aflita)* – Ele é mecânico!

CACHINHO – Não é!

DONA ROSA *(desesperada)* – É sim! *(bate-lhe)*

Cachinho sai correndo com a mão no rosto, quase chorando. Dona Rosa deixa as plantas e vai para junto de Soledade em busca de apoio, arrependida.

DONA ROSA – Aguenta um pouquinho, minha filha, pra ver se passa essa minha aflição. Filhos... pra quê, meu Deus? *(Soledade aumenta o volume do rádio)*

VOZ DO REPÓRTER – Agora as últimas notícias do panorama marginal do lado podre da cidade: a polícia acaba de encontrar o corpo do traficante Fernando Limeira de Castro, mais conhecido como “Nando Comunista”, chefe da *gang* que comandava o tráfico de drogas no Beco do Lixão! (*os olhos de Dona Rosa enchem-se de lágrimas*) O bandido vinha sendo procurado pela polícia por sua vasta folha de criminalidades, entre elas o tráfico de drogas e estupros. A polícia ainda não tem pistas do assassino do temido marginal, já que sua morte ocorreu em circunstâncias misteriosas... (*Soledade desliga o rádio e respira aliviada*)

SOLEDADE (*com o braço por cima de Dona Rosa*) – Vamos entrar, mãe.

Dona Rosa não acredita no que está ouvindo. Olha para ela, abraça-a, e encaminham-se lentamente para dentro do barraco. Os trapeiros vão surgindo aos poucos. São muitos. Todos carregando enxadas, picaretas, facões, foices, todas as ferramentas necessárias para uma invasão. Vão chegando no maior falatório. À frente deles, Galiana, seguida por Pedro Faca, Rico, Cachinho, Seu Alfredo e tantos outros. Chegam cantando.

TODOS (*cantando*) – É esgoto que fede / é urubu que caga / é o chão que cede / enquanto o cão divaga / e é você quem mede / no chão a sua vaga / olha pro céu e pede / a morte a Deus / e paga...

De repente ficam todos em silêncio, abrindo passagem para Dona Rosa, que sai da porta do barraco com uma arma na mão.

DONA ROSA (*no meio deles*) – O que é que vocês estão esperando? Vamos à luta! No fim do Beco há um bosque... (*olha para suas plantas*) E se vocês prestarem bem atenção, verão que o mundo inteiro é um jardim.

- Fim -

UMA CANÇÃO PARA OTHELLO



Uma Canção Para Othello (1999), pela Ópera Popular do Nordeste
e Grupo Feira de Teatro Popular, parceria Recife-Caruaru
Texto: Antônio Guinho e Vital Santos
Direção: Vital Santos
Foto: Acervo Izabel Venâncio

UMA CANÇÃO PARA OTHELLO

Sem dúvida, esta foi a peça que mais deu dor de cabeça a Vital Santos. Foram inúmeros os problemas enfrentados, mas conheçamos primeiramente o seu enredo. Como boa tragédia que se preza, o próprio dramaturgo que inspirou esta obra musical, William Shakespeare, surge fantasmagoricamente num cemitério como um anjo a versar sobre a ode de amor que uniu o negro ébano Othello à branca luz de Desdêmona, mas alerta que um sentimento feroz – a inveja, instigadora da desconfiança – iria transpassar fatidicamente a relação. A transposição pernambucana do enredo feita por Vital Santos, numa parceria inusitada com Antônio Guinho (escritor, psicanalista e dramaturgo, autor de peças como *O Laço*, *O Estranho e o Transeunte*, *Mangaba Com Catuaba*, *E o Palhaço Quem é?* ou *Badulaques e Salamaleques* e, seu maior sucesso, *Hipopocaré, o Rei da Galhofa*), nos leva às palafitas defronte ao mar numa comunidade de pescadores em Brasília Teimosa.

É neste bairro da cidade do Recife, com tradição de cultura, luta e resistência, que vive o negro Othello, líder dos homens que sobrevivem da pesca e brincam no Maracatu Agulha de Prata, onde ele é rei e diretor prestes a competir como nação campeã do Carnaval de Olinda, além de presidente da Associação dos Moradores. Querido por muitos, mas ferozmente apaixonado, Othello vive um romance com Desdêmona, mulher fina, de situação financeira mais confortável, que o mesmo teima em colocá-la como rainha do Maracatu, ainda que seja de pele branca. No entanto, os dois são perseguidos por Brabâncio, pai da moça, negociante e mestre de uma Marujada, racista que não se conforma com aquele envolvimento amoroso entre um negro pobretão, ex-trabalhador seu, e sua filha alva. Mas o pior rival do casal é um falso amigo de Othello, Thiago, que o inveja em todos os aspectos e faz extorsão com um outro apaixonado por Desdêmona, Rodrigo ou Ró, como é chamado na peça.



Uma Canção Para Othello
(1999), pela Ópera Popular
do Nordeste e Grupo Feira
de Teatro Popular
Texto: Antônio Guinho
e Vital Santos
Direção: Vital Santos
Foto: Acervo Sebastião Alves

Nas quinze cenas que compõem o espetáculo musical, cuja trilha ao vivo reúne várias canções que flertam com a cultura popular, vemos as armações de Thiago para fazer crescer as desconfianças de traição que pesam sobre Othello em relação à sua amada, especialmente por conta de uma máscara preta dada por ele a ela para que possa dançar como “negra” no Maracatu. Presunçoso e ingênuo ao mesmo tempo, excessivamente devotado ao amor quase como uma doença, Othello é o símbolo da impulsividade e pagará caro por isso. A recriação desta tragédia shakespeariana, que não se furta de lidar com o fantasioso até mesmo personificando a tempestade em mar revolto, aproveita ainda referências às bruxas de *Macbeth*, colocando-as como videntes feiticeiras a pressentir as desgraças que se abaterão sobre vários daqueles corpos.

Um lamento final de morte faz unir o Maracatu, a Marujada e a Associação de Moradores de Brasília Teimosa. Vital Santos assinou o texto em parceria com Antônio Guinho, mas os dois acabaram se desentendendo, ao

ponto de uma segunda montagem da obra, com elenco que reunia atores do Recife e de Caruaru, ter sua carreira interrompida bruscamente por conta de ameaças de processo judicial. A estreia da obra já foi tumultuada, pois deveria ter acontecido na noite de 11 de março de 1999, no Teatro Barreto Júnior, com equipe toda da capital, mas foi adiada porque um dos atores encontrava-se “internado com problemas de saúde” (ESTREIA..., *Diário de Pernambuco*, 17 mar. 1999, p. D-3). Não consegui confirmar se este fato aconteceu, mas sei que o ator mais velho do elenco, Paulo Pedro (já falecido), que interpretava Brabâncio, pai de Desdêmona, estava tendo problemas de saúde àquela época. Na data da primeira estreia agendada, saiu a seguinte matéria de divulgação:

Uma Canção Para Othello é a tentativa de refazer o percurso do Othello no Nordeste brasileiro, no início dos anos 50. A vontade de montar Shakespeare com as alegorias do Maracatu surgiu quando Vital levou a peça *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra* para uma temporada no Rio de Janeiro. Lá, ele conversou com a crítica teatral Barbara Heliodora. Uma das maiores autoridades em Shakespeare no Brasil, ela adorou a ideia e até se dispôs a participar do projeto. Uma série de problemas impediram que isso acontecesse. Vital e [Antônio] Guinho (e mais Adriano Marcena) ganharam um prêmio de Incentivo à Dramaturgia, do Ministério da Cultura em 96 e resolveram apresentar este trabalho juntos. A tragédia já não é mais tão trágica e Veneza cede lugar a Olinda e Recife. “O espetáculo discute a morte do amor, que morreu porque a violência reina desenfreadamente no mundo”, pensa Vital. Othello é um menino neto de escravos, trabalhador dos canaviais da Zona da Mata. Revoltado, um dia resolve seguir seu destino e foge para Brasília Teimosa, para tentar mudar de vida. Cresce pegando caranguejos no mangue e pouco a pouco se torna o maior e mais bravo pescador da região. Antes, sofre toda espécie de preconceito. Ao tornar-se líder da comunidade de Brasília Teimosa, Othello articula seu grupo em defesa da área de pesca contra o poderio do Cabanga. O protagonista também é presidente do Maracatu, artesão e poeta. Quando encontra Desdêmona e se apaixona por ela, Othello quer transformá-la na rainha do Maracatu, a moça é filha de um

grande comerciante de Itamaracá. O combate entre o Maracatu de Othello e a Marujada de Brabâncio acontece em Olinda. Um anjo chamado Shakespeare abre o espetáculo. Ele está entre lápides, no Cemitério dos Ingleses, e chama as almas para conferir um Carnaval em Olinda. E conta o amor entre Othello e Desdêmona. Guinho e Vital também utilizaram circunstâncias e personagens de outras peças do bardo inglês em *Uma Canção Para Othello*. De *Macbeth*, eles trazem as bruxas, transformadas em mães de santo de Brasília Teimosa, que botam cartas e preveem toda a sina de Othello. E de *Romeu e Julieta*, o romantismo da morte. (MOURA, *Diário de Pernambuco*, 11 mar. 1999, p. D-6)

Como se vê, em meio a prováveis invenções e algumas ideias nunca concretizadas, a peça foi divulgada desde o início como sendo uma parceria dramatúrgica entre Vital Santos e Antônio Guinho. Reagendada para o sábado 20 de março de 1999, o trabalho entrou em cartaz de quinta-feira a domingo, no palco do Teatro Barreto Júnior, e reunia os seguintes artistas: Samuel Di Santos (Othello), Cida Alencar (Desdêmona), Márcio Tomaz (Thiago), Tiago Maia (Rodrigo), Luciana Gama (Emília), Lillian Vieira (Maria da Anunciação), Josiane Ferreira (Maria dos Prazeres), Michelle Américo (Maria das Dores), Keury Poliane (Mãe Celeste), Karen Navamuel (Maria do Céu), Nelly Lino (Maria da Paz), Fábio Sales (Cacá), Paulo Pedro (Velho Brabâncio) e Ivan Rui (Escudeiro). Participavam ainda os músicos Demétrio Rangel (violão), Kássio Henrique e Anderson Ferreira (ambos na percussão).

A direção era de Vital Santos, com assistência de Normando Roberto Santos, e a encenação pôde ser vista por mim no momento em que eu assinava uma coluna semanal de teatro no *e-zine*, ou revista eletrônica, *@ponte*, a primeira de Cultura do Estado de Pernambuco. Escrevi uma longa crítica sobre a montagem, com elogios, mas também decepções. Comecei por revelar detalhes da obra clássica original, até chegar na adaptação pernambucana proposta:

Caetano Veloso diz em uma de suas belas canções que o ciúme lança flechas pretas. Se esta é a cor de tal sentimento, o maior poeta dramático de todos os tempos, William

Shakespeare (1564-1616), deu-lhe forma numa de suas mais controvertidas personagens trágicas, o forte e frágil Otelo. Escrita entre 1602 e 1604, essa é a história de um general mouro (leia-se negro) a serviço de Veneza, que casa-se às escondidas com a jovem, bela e branca Desdêmona para desgosto do pai da moça, o velho Brabâncio. Mas é também a história do ambicioso e diabólico Iago, alferes – ou segundo-tenente – de Otelo, que, desejoso por ocupar o seu lugar, lança mão de mil intrigas contra a fidelidade da esposa do mouro. Tornando-se pelo ciúmes e deixando-se prender ao excesso de confiança em Iago, malicioso sob a capa da bajulação, Otelo, cruelmente, asfixia Desdêmona no leito. Ao descobrir toda a trama maligna do invejoso Iago, o general acaba por assassinar-se também. Vital Santos, em parceria com Antônio Guinho, pôs todas essas tragédias num caldeirão pernambucano, adicionou elementos de mais duas outras obras-primas de Shakespeare – *Romeu & Julieta* e *Macbeth* – e, novamente com músicas de Jadilson Lourenço (o mesmo de *Auto das Sete Luas de Barro*), lançou *Uma Canção Para Othello*, espetáculo em cartaz de quinta a domingo, às 21 horas, no Teatro Barreto Junior [...]. A produção é da Ópera Popular do Nordeste. O Othello de Vital e Guinho (com “th” e dois “eles” mesmo) é um pescador e artesão, líder da esquadra dos jangadeiros e chefe do Maracatu. Não tem mais cheiro da Veneza longínqua, mas tem um gosto do sal de Brasília Teimosa, comunidade símbolo de luta no Grande Recife. Não mais um nobre general, mas um artista negro do povo que ainda ama a branca Desdêmona e, mesmo indo contrário às tradições de cor, quer fazê-la rainha do Maracatu. Suas outras preocupações decorrem pela exploração de grandes empresas de pesca aos moradores do local – claro que Vital, no seu teatro também sociopolítico, não deixaria passar em branco a importância das associações e sindicatos. Faz ouriçar os mais respeitosos em excesso ao poeta inglês. Para seguir o mesmo rumo da tragédia escrita por Shakespeare (que por sua vez inspirou-se na novela *Il moro di Venezia*, do italiano Giral-di Cinthio), os dois autores pernambucanos mantiveram as principais personagens da versão original, junto a novas figuras. Brabâncio, Emília, Rodrigo, Cássio, todos estão lá, inclusive a cínica figura do Iago, ou melhor, Thiago, que dessa



Uma Canção Para Othello (1999), pela Ópera Popular do Nordeste e Grupo Feira de Teatro Popular
 Texto: Antônio Guinho e Vital Santos
 Direção: Vital Santos
 Fotos: Acervo Mhill Moreira e Sebastião Alves

vez vive atormentado pela visão de três bruxas agourentas extraídas do livro *Macbeth* – uma licença dramaturgia interessante! (FERRAZ, @ponte, 13 abr. 1999, s. p.)

Até que passei a abordar algumas escolhas, no mínimo, questionáveis:

Nem tão interessante são as abreviações de alguns nomes (Dedé, Ró e Cacá não soam bem) e a surpreendente traição de Emília com Rodrigo nos momentos finais. Muito injustificável se o rapaz, o tempo todo, diz estar louco por Desdêmona! Outro ponto a se considerar é a desequilibrada função da música no espetáculo que, do meio para o fim, praticamente desaparece (e olha que não me refiro à sonoplastia). Aproveitando, é bom diminuir a intensidade da percussão que abafa, e muito, as sofríveis vozes do elenco. Apesar dos deslizes,

a montagem tem a cara, a cor e o som do Recife. É correto ao brincar com os elementos de Shakespeare, sem desprestigiar-los, e nesta grande homenagem fascina pela beleza do simples. Nada da avalanche de coisas. Figurinos e cenários (a cortina com xilogravuras é um dos pontos altos da encenação) seguem a linha do realismo funcional. Tudo vem com marca registrada de um retorno às origens populares: é fruto bom de Vital Santos. Ele é o autor, diretor, músico, coreógrafo, figurinista, e o que mais for preciso. Torna-se craque ao trabalhar com elenco numeroso, primando pelo teatro de belas imagens em conjunto, utilizando ainda aquelas músicas que, cantadas ao vivo, sempre grudam no ouvido (vide as inesquecíveis canções de *Auto das Sete Luas de Barro* ou *Concerto Para Virgulino Sem Orquestra*). Mas há os atores. É inegável que foi corajosa e até louvável a iniciativa de Vital em apostar num elenco quase todo de estreantes. Mas é aí que o espetáculo pede desesperadamente por socorro. Interpretações apáticas misturam-se a um raro esforçozinho aqui e ali. No mais, exageros, muitos exageros. Para citar o maior exemplo de histrionismo desconcertante a uma tragédia, o novato Tiago Maia na pele do apaixonado Rodrigo teima por projetar o seu corpo para a frente a cada fala, e grita o texto a plenos pulmões. Dói nos ouvidos. Samuel Di Santos como Othelo poderia ter sido mais feliz. Perdeu-se no lugar comum das eternas fungadas. Para consolo, as belas vozes de Luciana Gama e Lílían Vieira. Únicas. A mais grata surpresa fica por conta da luz de Sérgio Caldas (executada por Martiniano Almeida), com vida própria, completa. *Uma Canção Para Othello*, mesmo sendo um dos menos felizes trabalhos de Vital Santos nos últimos tempos, não dá para desperdiçar. É como mudar o conteúdo, sem alterar a forma que vinha dando certo. (FERRAZ, @ponte, 13 abr. 1999, s. p.)

Pouco tempo após o seu lançamento, o protagonista Samuel Santos (que na época assinava Samuel Di Santos), começou a não ter mesmo fôlego durante as apresentações e, por indicação, resolveu fazer exames médicos. Descobriu que estava com uma tuberculose e teria que ficar em tratamento por alguns meses. Resultado: Vital preferiu acabar com a montagem, talvez também pelo resultado não ter saído como ele esperava. O certo é que

aquele elenco tão iniciante foi desfeito e somente em agosto do mesmo ano surgiu a notícia de que uma nova turma estava refazendo a produção em Caruaru, agora majoritariamente com integrantes tarimbados da Companhia Feira de Teatro Popular, em parceria com cinco atores egressos da versão original, escolhidos pelo próprio Vital: Samuel Di Santos, Keury Poliane, Nelly Lino, Márcio Tomaz e Fábio Sales (com estes dois últimos também envolvidos na produção executiva, seguindo o que faziam desde o início).

Ainda atuavam Sebastião Alves (Sebá, também na produção executiva), Cosme Soares, Creusa Soares, Chico Neto, Iva Araújo, Mhill Moreira, Izabel Venâncio, Carlos Alves e Olívia Júlia/Ednice Souza. Entre os músicos, Josias Albuquerque e Marcos Mota. Pois bem, a peça cumpriu temporada no Teatro João Lyra Filho, em agosto de 1999, sempre de sexta-feira a domingo, sem maiores problemas, mas não pude vê-la. Reforço que em toda a divulgação do espetáculo Antônio Guinho sempre era citado como um dos autores da obra, assim como seu nome aparecia no panfleto de divulgação e no cartaz da peça. Numa matéria assinada por Wagner Gil, para o jornal *Vanguarda*, da própria Caruaru, encontrada no acervo particular de Vital Santos (infelizmente o recorte está sem data e sem o número da página), há o registro de que, após 15 anos sem dirigir o Feira, o dramaturgo e encenador caruaruense voltava a ficar à frente de uma montagem com a equipe na sua terra natal:

Montar um texto de William Shakespeare é um desafio para qualquer diretor, em qualquer parte do mundo. Adaptá-lo a uma realidade local e com sotaque nordestino é uma tarefa ousada, que exige coragem e experiência, atributos que Vital Santos tem de sobra. Em *Uma Canção Para Othello*, ele marca seu reencontro com o Grupo [agora Companhia] Feira de Teatro [Popular], de Caruaru, e promete apresentar um espetáculo “envolvente, atraente”, conforme suas palavras. Recheada com muita música, a peça promete repetir o sucesso de público e crítica alcançado por montagens com *Auto das Sete Luas de Barro* e *Olha Pro Céu, Meu Amor* [...]. Aos 47 anos [ele já tinha 53 anos], Vital Santos é um nome reconhecido nas artes cênicas em todo o país. Para montar *Uma Canção Para Othello*, o diretor reuniu dois grupos, criados por ele, que se destacaram no cenário nacional: Grupo Feira de Teatro [Popu-

lar,] de Caruaru, e Ópera Popular do Nordeste. [...] “A união dos dois grupos deu o equilíbrio necessário para uma montagem do nível que iremos oferecer”, afirma Vital. *Uma Canção Para Othello*, de William Shakespeare, recebe adaptação de Vital Santos e Antônio Guinho. O premiado diretor pretende conquistar o país e a Europa com a nova produção. (GIL, *Vanguarda*, s. d. [1999], s. p.)

Para além dos devaneios, note-se o nome dos dois autores em destaque. A expectativa realmente era grande. Uma nova matéria de divulgação esclareceu mais à frente:

Uma Canção Para Othello foi montada no Recife há dois meses [há quatro, na verdade]. Enfrentando problemas com a saída do ator principal, por motivo de saúde, o diretor teve que pensar numa estratégia que garantisse a apresentação do espetáculo ainda este ano. A solução foi transferir a produção para Caruaru, reunindo atores da Companhia Feira de Teatro [Popular] com os da Ópera Popular do Nordeste. São 14 atores e mais quatro músicos, numa montagem que promete reviver os bons momentos de Vital Santos, como *Auto das Sete Luas de Barro*, *Olha Pro Céu*, *Meu Amor* e *A Noite dos Tambores Silenciosos*. Com apoio da Fundação de Cultura de Caruaru, a peça vai estreiar no dia 6 de agosto [de 1999], no Teatro João Lyra Filho. [...] Todo o figurino, composto por 148 roupas, e os cenários são assinados por Vital Santos. Segundo o ator e coordenador geral do espetáculo, Sebá, a peça reconta o clássico *Otelo*, de Shakespeare, ambientando a tragédia nos mangues do rio Capibaribe. “É uma história universal sobre a relação do homem com o mar, com o seu ofício, suas tradições e com o amor trágico”, diz Sebá. (“OTHELLO...”, *Vanguarda*, 17 a 23 jul. 1999, s. p.)

Até que a equipe programou sessão no Recife e aí a coisa ferveu. Em 15 de setembro de 1999, na noite de exibição agendada no Teatro Barreto Júnior, com todos os atores preparando-se para entrar em cena, através de um oficial de Justiça o autor Antônio Guinho – que tinha ido à Caruaru conferir aquela versão por lá – impediu a récita na capital e



Uma Canção Para Othello (1999), pela Ópera Popular do Nordeste e Grupo Feira de Teatro Popular

Texto: Antônio Guinho e Vital Santos

Direção: Vital Santos. Foto: Acervo Sebastião Alves

ameaçou Vital de processo judicial. A notícia caiu como uma bomba na classe artística: “Dramaturgo impede sua peça de ir à cena”:

Num momento em que o teatro pernambucano passa por mais um período difícil de produção, a atitude do dramaturgo Antônio Guinho, de embargar a apresentação da peça *Uma Canção Para Othello*, quarta-feira, pode parecer um exagero. Mas o que, num primeiro instante parece um ato de desafio, se transformou em polêmica. Guinho a impediu sob alegação de defender seus direitos de autor e exercer sua cidadania. Escrito em parceria com Vital Santos, o espetáculo estreou em abril [março], mas teve sua temporada suspensa por motivo de doença dos atores. Reerguida através de co-produção do Grupo Feira e Ópera Popular do Nordeste, a montagem ficou em cartaz no mês de agosto, no Teatro João Lyra Filho, em Caruaru. Guinho garante que escreveu 90% do texto e não foi respeitado. Vital disse que vai refazer o texto e registrar a peça apenas no seu nome. Guinho não recebeu a solidariedade dos atores

e provou que o exercício da cidadania é uma verdadeira guerra neste país. (DRAMATURGO..., *Diário de Pernambuco*, 18 set. 1999, p. D-2)

E a montagem nunca mais pôde ser apreciada. Claro que foi pura decepção e revolta de todos aqueles envolvidos, mas a disputa entre os dois dramaturgos, ao que se saiba, não avançou às vias de fato na Justiça. Ficou a mágoa e um rompimento da amizade que não se refez. Vital faleceu em 2013 sem voltar a falar com Guinho, que hoje se encontra restabelecendo-se de graves problemas de saúde. Sua memória, infelizmente, não é mais a mesma e ficou difícil obter dele alguma informação. No entanto, o filho Cristiano Guinho, que cuida do pai com zelo, me disse em entrevista pelo *WhatsApp* que o estopim para o fim da relação se deu porque ele ouviu um carro de som em Caruaru narrando que a peça era de Vital Santos em “co-autoria” com Antônio Guinho. Isso gerou revolta no seu pai e a tomada de decisão de acabar com aquela parceria, desfeita de maneira tão terrível.

No entanto, o termo co-autoria não está errado. Talvez por questões de vaidade ou mesmo por ter visto sua peça com muitas modificações, algo que Vital sempre primou na manutenção de seus espetáculos, tenha feito Guinho se sentir pouco valorizado como autor e optou por decisão tão agressiva. Talvez o texto tenha sido mesmo quase todo pensado por Guinho, e Vital ficou responsável apenas pela encenação. No entanto, isso não foi questionado no Recife, pois desde o primeiro momento ambos foram divulgados como autores em parceria. Uma pena tão triste desenlace.

Aquele era um ano em que o livro *Shakespeare: a life* havia sido lançado nos Estados Unidos, já apontado como a biografia definitiva do dramaturgo inglês, ao mesmo tempo em que o filme norte-americano indicado a treze categorias do Oscar de 1999 estreava nos cinemas do Recife, *Shakespeare Apaixonado*. Este mesmo que daria injustamente a Gwyneth Paltrow o prêmio de melhor atriz, tomando a estatueta da nossa Fernanda Montenegro por *Central do Brasil*, de Walter Salles.

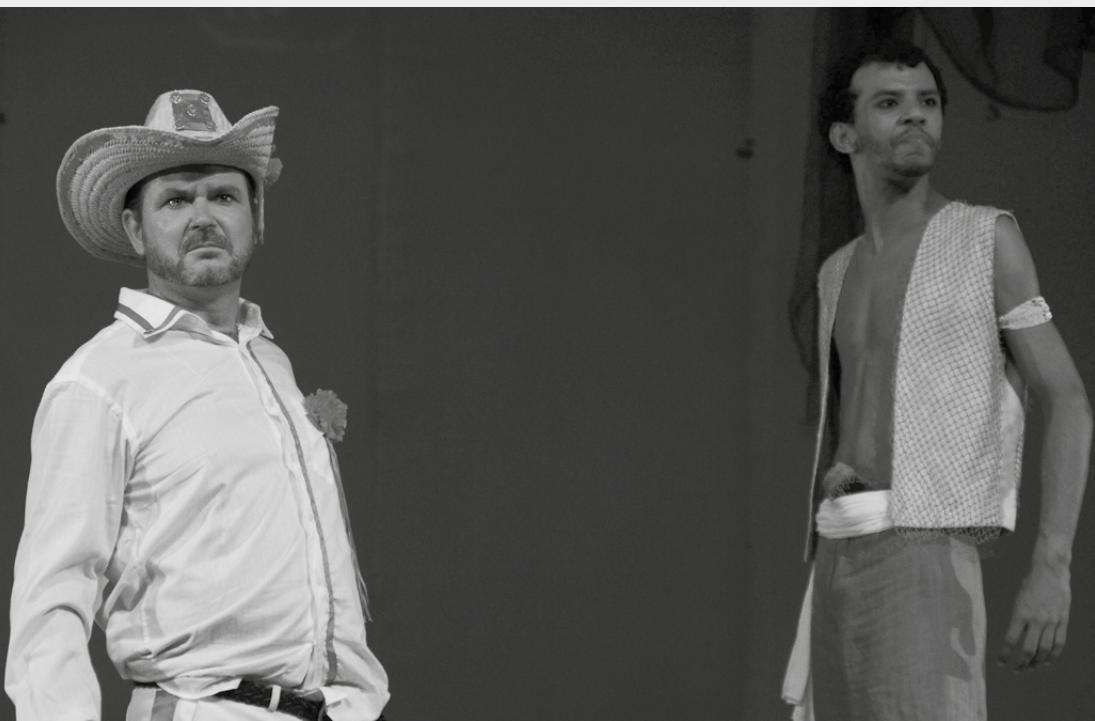
Mas os problemas com *Uma Canção Para Othello*, segundo fontes que não quiseram se identificar, não pararam por ali, pois há fofocas de que um projeto em nome da peça, apresentado ao Ministério da Cultura,



Uma Canção Para Othello (1999), pela Ópera Popular do Nordeste e Grupo Feira de Teatro Popular
Texto: Antônio Guinho e Vital Santos
Direção: Vital Santos. Foto: Acervo Sebastião Alves

foi aprovado e executado de forma errônea por um dos artistas envolvidos na produção desde o Recife, hoje completamente afastado do segmento teatral e, ao que dizem, abraçando a carreira religiosa. Tentei, ao máximo, falar com dois deles, mas nunca obtive resposta. Que Vital teve que responder juridicamente por desvio de verbas por tal iniciativa, a filha dele, Isabela Sobral, realmente me confirmou que houve uma execução fiscal a dar muita dor de cabeça à família, até mesmo depois da morte dele. Que urucubaca pesada, hem?

Treze anos depois da primeira estreia, quando ninguém mais queria lembrar do ocorrido, Vital Santos assinou sozinho o texto de *Canção Para Othello* – agora sem a inicial *Uma* –, apresentado no Teatro Municipal Braz Cubas, de Santos/SP, em março de 2012, sob a direção do amigo Tanah Corrêa, com assistência de Ana Paula Silva e direção musical de Rosy Padron, autora da trilha sonora original, em parceria com Renan Valdez, toda executada ao vivo. A realização era do Grupo Tescom - Escola de Teatro e Agência de Artistas e Técnicos. O diretor paulista comemorava, assim, seus 35 anos de carreira no teatro, cinema e televisão. Eram 23 atores em cena, tendo Marco França no protagonista, além do Maracatu do Grupo Quiloea em destaque.



Canção Para Othello (2012), pelo Grupo Tescom - Escola de Teatro
e Agência de Artistas e Técnicos, de Santos/SP
Texto: Vital Santos (sem a divulgação de Antônio Guinho)
Direção: Tanah Corrêa
Foto: Denise Braga / Acervo Marco França

A peça, inclusive, participou da programação de duas semanas de atividades do XVI FESCETE - Festival de Cenas Teatrais, naquele mesmo palco, mas não consta o nome de Antônio Guinho em nenhuma divulgação da obra. Seria um outro texto reescrito por Vital Santos? Duvido muito, pois as personagens seguem os mesmos nomes e as imagens demonstram que as cenas eram as pensadas desde o início. Também não há nenhum outro texto, além do original concebido pela dupla, no seu acervo particular. Hoje, com a presença tão forte das redes sociais, o caso daria problema sério de violação de direitos autorais. Detalhe importante: para registro do texto assinado pelos dois autores neste projeto, Antônio Guinho deu sua autorização, sem problema algum, desde 30 de agosto de 2023 (antes de sofrer com sua saúde). Será que um novo encenador está disposto a montá-lo?

Canção Para Othello (2012),
pelo Grupo Tescom - Escola
de Teatro e Agência de
Artistas e Técnicos,
de Santos/SP
Texto: Vital Santos
(sem a divulgação
de Antônio Guinho)
Direção: Tanah Corrêa
Fotos: Rafael Branco /
Acervo Marco França





Canção Para Othello (2012), pelo Grupo Tescom - Escola de Teatro e Agência de Artistas e Técnicos, de Santos/SP

Texto: Vital Santos (sem a divulgação de Antônio Guinho)

Direção: Tanah Corrêa

Foto: Rafael Branco / Acervo Marco França

REFERÊNCIAS:

DRAMATURGO impede sua peça de ir à cena. **Diário de Pernambuco**. Recife, 18 set. 1999. Viver/Teatro. p. D-2.

ESTREIA adiada. **Diário de Pernambuco**. Recife, 17 mar. 1999. Viver/Notas. p. D-3.

FERRAZ, Leidson. Othello com cheiro do Recife. **A Ponte**. Recife, 13 abr. 1999. s. p. [Acervo Leidson Ferraz]

MOURA, Ivana. Othello ganha adaptação pernambucana. **Diário de Pernambuco**. Recife, 11 mar. 1999. Shakespeare/Teatro. p. D-6.

“OTHELLO...” é o novo espetáculo de Vital Santos que estreia em agosto. **Vanguarda**. Caruaru, 17 a 23 jul. 1999. s. p.

— UMA CANÇÃO PARA OTHELLO —

De: Vital Santos e Antônio Guinho
(inspirados na obra de William Shakespeare)

.....

Personagens: Shakespeare, Coro, Othello, Escudeiro, Tempestade,
Desdêmona, Conselho de Moradores, Tiago, Ró, Marujada, Brabâncio,
Maria da Anunciação (Mestre de Cerimônia do Circo), Maria dos Prazeres,
Maria das Dores, Beatas, Emília, Mãe Celeste, Maria da Paz, Maria do Céu,
Cacá e o Maracatu Agulha de Prata.

Cena I – Cemitério dos Ingleses (um Anjo chamado Shakespeare)

O público, ao entrar no teatro, depara-se com o cemitério. Quando o portão se abre, o palco está repleto de lápides antigas, todas com inscrições, desenhos coloniais e muitas velas acesas. Ao lado, num velho mausoléu, a figura de um Anjo segurando um bastão com minúsculas luzes na ponta. Na terceira badalada do sino, uma luz esverdeada cai sobre o Anjo, que se mexe e começa a cantar.

SHAKESPEARE (*cantando*) – Se as penas da vida eu penei / se os mares da dor eu singrei / nos portos do amor aportei / em testamento cantarei / uma ode ao amor puro e belo / vasto amor sem fronteiras / amor cândido, singelo / em negro peito urdido / em branca face ungido / em aço duro fundido / na bigorna e no martelo / de ouro puro revestido / de joias raras ornado / um amor sem paralelo / que uniu em um só corpo / a branca luz de Desdêmona / ao negro ébano de Othello.

CORO – Fundem-se a água e o fogo, fundem-se o verso e o reverso, fundem-se o branco e o preto para a ordem do universo.

SHAKESPEARE – Mas as malhas do destino reservam surpresa atroz quando o espírito obscuro do amor se torna algoz, instilando vil veneno que da dor se torna a voz, transfigurando o amor em sentimento feroz.

CORO – Recolhe-se agora o poeta, Anjo da noite escura, Demônio das dores do mundo, e deixa humilde escritura: a história de um amor que é da canção da vida a partitura.

SHAKESPEARE – Se as penas da vida eu penei, valeu a pena. Direi aos amigos tudo, sem pena, darei aos inimigos apenas a pena da lei.

Cena II – A Dança das Águas

Noite Escura. Othello e o Escudeiro enfrentam as tempestades em uma jangada no alto mar.

OTHELLO (*gritando para o vento, blasfemando, ensandecido*) – Mais, mais, mais! Soprem mais, ventos infernais, soprem! Venham! Não se detenham. Arremessem esta jangada, em galope de égua fogosa, contra as areias esbranquiçadas da praia de Brasília Teimosa, que de teimosia é feita, bravura da gente que torra sol a pino, que varre bravamente a noite escura. Ventos, chuvas, frio, sem destino. Vela alta a prumo noite e dia. Em mar revolto ou na calmaria, bate forte, vento bate, que muito mais forte bate este ansioso coração. Sopra com força a jangada pra que mais ligeiro eu chegue aos braços da minha amada.

ESCUDEIRO – Quem enfrenta a noite e seus Demônios não deve pensar em calmaria. Se você ultrapassou os arrecifes é porque paz não queria. A tempestade se aproxima, agora não tem mais choro. Ouço os ventos da noite e os seus gemidos de agouro.

OTHELLO – Nada me bota medo: raios, coriscos, trovão; o canto da sereia, os dentes do tubarão.

ESCUDEIRO – Quem tem a vara curta não deve mexer com o Cão.

OTHELLO – De tocaia me encontram os perigos: peito erguido, desassombrado, em pé. Só uma coisa me apavora: perder a minha Dedé. (*enlouquecido, berrando*) Desdêmona! Dedééééé! Dedééééé!

ESCUDEIRO (*cantando um martelo agalopado*) – Em Brasília Teimosa só se fala / que o velho Brabâncio está uma fera / que em alguma esquina te espera / para meter-te na boca uma bala / ele diz que se pensas em casamento / é porque estás muito enganado / que tu sois é um homem acabado / se não mudar logo teu intento / que jamais verá a sua filha / sendo pasto de negro fedorento.

OTHELLO – Coração é terra que ninguém pisa. Quem brinca comigo não me conhece. Nem que o mundo me caia à cabeça, meu amor por Desdêmona esmorece. Dedé, Dedé! Se esse velho sente o cheiro do meu sangue, o gosto do seu me apetece. Dedé será minha a qualquer preço, pois meu peito a merece!

ESCUDEIRO – A negra aranha da noite tece a teia que não desfia. De um homem apaixonado nem o Diabo desconfia...

Surge um barulho infernal. É o mar revolto. São tambores de Maracatus chamando a tempestade. O Coro, cantando e dançando, provocando Othello.

TEMPESTADE – Morcego negro da noite, como ousas me enfrentar? Se o vento é meu serviçal e as ondas do mar, mais alto, as faço se erguerem pra tuas velas derrubar!

OTHELLO – Mesmo que as ondas do mar se tornem altas montanhas e o vento, teu serviçal, opere incríveis façanhas, diante da minha vontade são coisinhas enfadonhas.

TEMPESTADE – Não seas tão presunçoso que a vida é um moinho. Eu posso te triturar como tal redemoinho, que de ti não restará nem ao menos um ossinho.

OTHELLO – Ondas, ventos, redemoinho, maremoto, tempestade, nada me deterá. Mais poderosa entidade ligeiro me levará de volta à minha cidade.

Música suave, repentinamente, anuncia calmaria.

TEMPESTADE – “Mais poderosa entidade”! Confessas então teu pecado, que por laços com o Demônio estás sendo amparado. O segredo da tua força está assim desvendado.

OTHELLO – O segredo da minha força merece todo o louvor! Forças divinas me amparam com redobrado fervor porque os meus sentimentos são movidos pelo amor.

TEMPESTADE – Não se pode enfrentar quem as forças do amor acoitem... Morcego negro, quem és? Pareces ser rei da noite! Imploro então ao Deus Sol que te dê o seu açoite.

OTHELLO – Do Maracatu também sou rei embriagado de paixão. Para sempre lutarei defendendo minha Nação. Venha sol, seja bem-vindo, me leva em águas claras na rota do coração. Ansioso o amor aguarda a sua coroação.

O sol aparece. Othello faz uma reverência, prostrando-se ao chão da jangada. Ergue-se. Está todo molhado.

OTHELLO – Luz, oh sagrada luz! Seja por mim bem-vinda! Afinal verei aquela cuja beleza é infinda. Através das águas claras vejo a areia do mar. Tão próximas de mim estão, que nelas posso pisar.

Cena III – Cânticos das Oferendas ou Um Banquete Para Othello

Moradores jogam cravos brancos para Othello. Cantando, desfazem a jangada, com paus e ladainha, formando uma ponte de palafita sobre a qual passa Othello.

CORO (*cantando*) – Seja bem-vindo, Othello / à tua comunidade / quando ao mar te arremessaste / deixaste muita saudade / encosta a tua jangada / recebe nossa amizade!

OTHELLO (*grita*) – Desdêmona!!!

A ponte de palafita transforma-se em cercas onde são jogadas redes de pescadores, caracterizando a comunidade. Forma-se uma mesa no meio do palco, repleta de iguarias. Entra em cena Desdêmona.

DESDÊMONA – Othello! (*cantando*) A onda do mar me ensinou / navegar, navegar / foi nesse balanço, meu senhor / que eu aprendi a te amar / se não conseguir o teu amor / me jogo nas águas do mar.

CONSELHO DE MORADORES (*cantando*) – Receba adorado Othello / este presente singelo.

MORADORA 1 (*cantando*) – Cajá, caju, cajarana.

CONSELHO DE MORADORES (*cantando*) – Muitas palmas de banana.

MORADOR 1 (*cantando*) – Jaca, manga, sapoti.

CONSELHO DE MORADORES (*cantando*) – São todos frutos daqui.

MORADORA 2 (*cantando*) – Bom licor de jenipapo.

CONSELHO DE MORADORES (*cantando*) – Vindo de Tejucupapo.

MORADOR 2 (*cantando*) – Cachaça de cabeça.

CONSELHO DE MORADORES (*cantando*) – Pra que nunca nos esqueça.

MORADOR 3 (*cantando*) – E trago frutos do mar.

CONSELHO DE MORADORES (*cantando*) – Presente de Iemanjá.

MORADORA 2 (*cantando*) – Do sertão, a flor do cacto.

CONSELHO DE MORADORES (*cantando*) – Para embelezar nosso pacto.

MORADOR 4 (*cantando*) – Da noite, trago as estrelas.

CONSELHO DE MORADORES (*cantando*) – Para em êxtase oferecê-las.

MORADORA 3 (*cantando*) – Do dia, o sol radiante.

CONSELHO DE MORADORES (*cantando*) – Para iluminar seu semblante.

MORADOR 1 (*cantando*) – Dou-lhe meu peito amigo.

CONSELHO DE MORADORES (*cantando*) – Pode levá-lo consigo.

MORADORA 4 (*cantando*) – Meu ventre posso te dar.

CONSELHO DE MORADORES (*cantando*) – Pra filho teu abrigar.

MORADOR 2 (*cantando*) – Dou-lhe a vida, se preciso.

CONSELHO DE MORADORES (*cantando*) – E disso me regozijo / tudo te damos, Othello / porque de ti deste tudo / por ti nosso amor é profundo / trazes dentro do peito / o sentimento do mundo.

Durante a festa, Rodrigo procura Tiago para suas lamentações.

RÓ – Um negro, Tiago, um negro! Isso é demais! Como posso perder essa mulher para um crioulo sem eira nem beira?

TIAGO – Aqui em Brasília Teimosa, Othello faz e desmancha. Tá virando o rei do pedaço!

RÓ – Esse cara está indo além das medidas.

TIAGO – Ele está pensando que é o dono do mundo. Mas está muito enganado com a cor da chita. Ganha Desdêmona, promove Cacá para diretor de cena do Maracatu. Diretor de cena, Ró, você pode imaginar? O cara que manda e desmanda no tesoureiro... Este posto era pra ser meu.

RÓ – Dinheiro e poder não são nada, Tiago, diante das coisas do coração. Dureza é você estar apaixonado por uma deusa e vê-la ser roubada por um fumo de rolo desses. Vou lhe dizer: tô fora! Tô fora do Maracatu, tô fora da Associação dos Moradores. A Associação não vai ver mais nunca a corzinha dos meus pés. Tô fora!

TIAGO – Calma, Ró, não é assim que se faz.

RÓ – Calma o quê, Tiago! Você também deveria cair fora do Maracatu e da Associação dos Moradores, porque tu é que devia ser o diretor do Maracatu, que estás nele desde quando foi fundado. E Othello pega e bota um molecote feito Cacá à frente de tudo.

TIAGO (*enigmático*) – Tenho planos, tenho planos... É melhor ficar junto do inimigo para vencê-lo melhor. Quando ele estiver distraído, você ataca pelos flancos.

RÓ – Estás imaginando o quê, Tiago?

TIAGO – Deixe comigo. Pode acreditar: Desdêmona será tua e o cargo de diretor do Maracatu será meu.

RÓ – O que é que pretendes fazer?

TIAGO – Deixe comigo. Mas você vai ter que descolar uma grana, pois para fazer o que eu estou pensando tenho que molhar as mãos de umas pessoas. Me arranje uma grana legal, que eu faço esse servicinho pra você.

RÓ – Tu jura?

TIAGO – Certo como o sol ilumina o dia e a lua ilumina a noite.

RÓ – Cinco samburá de xaréu!

TIAGO – Mais...

RÓ – Oito.

TIAGO – Dez! E vinte quilos de lagosta.

RÓ – Combinado! Arranjo o que você quiser. O amor de Desdêmona não tem preço.

OTHELLO (*puxando Desdêmona a um canto, apaixonado*) – Ah, minha princesa, como é triste ficar longe de você. Como dói a sua ausência, mesmo que seja por

poucas horas. O amanhã sempre me diz que eu vou lhe amar eternamente e nunca vou resistir à dor da separação.

DESDÊMOMA – Com essas palavras, Othello, você me deixa feliz.

Beijam-se.

OTHELLO – E então, minha adorada, como vão as coisas lá no barracão?

DESDÊMOMA – Melhor do que nunca. O estandarte do Agulha de Prata vai brilhar no céu de Olinda, tal como o sol de verão. (*cantando*) Já está pronta a roupa do / embaixador, baliza / príncipe, princesa / caboclos de pena / duque, duquesa / vassalos, porta-bandeira / conde, condessa / damas do passo e de honra / ministros, conselheiros / Calungas, baianas / soldados, lanceiros / guarda-coroa, corneteiros / secretários, batuqueiros / as mais bonitas de todas / são as do rei e rainha / as roupas estão todos prontas / só falta mesmo a minha!

OTHELLO – Para dançar no maracatu tinhas que ser uma negrinha.

DESDÊMOMA – Usei rendas de Goiana, bordado de Tejucupapo, um estandarte bem feito do alto do jenipapo; coroas, cordas, brocados, lantejoulas; muita chita, miçangas, paetês, gorgurão e muitas fitas que foram todas compradas lá no Cais de Santa Rita. Chega de ladainha, as roupas estão todas prontas. Só falta mesmo a minha.

OTHELLO – Para dançar no Maracatu tinhas que ser uma negrinha. Desfilaremos este ano no Recife e em Olinda. Entre todas as Nações a nossa será a mais linda.

DESDÊMOMA (*sonhando*) – Olinda... Descendo e subindo as ladeiras. E a multidão atrás, aplaudindo. Ah, Othello, o Maracatu Agulha de Prata vai ser a Nação campeã do Carnaval de Olinda este ano.

OTHELLO – Que o Mestre Salustiano segure bem seu apito, pois a nossa agremiação vai fazer muito bonito. Faremos a honra e glória da Nação Sol Nascente, Elefante Indiano, Porto Rico do Oriente, o Almirante do Forte, Nação Leão Coroado e o Cambinda Estrela. Serão todos honrados! Velho Brabâncio se cuide, que a sua marujada, se vier pra essas bandas, será logo derrotada. E para a glória de todos! E maior glória, a minha, transformo a linda Desdêmoma em uma linda negrinha: no dia da coroação serás a minha rainha! (*ergue uma bela máscara preta*) Fiz para ti esta máscara, trabalhando noite e dia, tecendo fios milagrosos de esplendorosa magia. Guarda ela contigo, guarda-a com muito amor, pois ela será para ti o teu anjo protetor. Mas se um dia perderes, muito terás perdido e muito melhor seria nunca teres nascido.

DESDÊMOMA (*encantada*) – Ai, Othello, não acredito! Eu era louca para dançar no Maracatu. Podia ser uma baiana. Qualquer coisa. Mas eu vou ser rainha do Maracatu Agulha de Prata? É demais!

MORADOR 3 (*correndo, sobe na mesa e chama a atenção para o batuque distante da Marujada de Brabâncio. Aponta a Nau Catarineta que se aproxima, trazendo o folgado*) – É o velho Brabâncio com sua marujada! Othello, vamos ter guerra!

OTHELLO (*tenso, fala baixinho*) – Se é guerra que ele quer, guerra terá.

CENA IV – A Marujada do Velho Brabâncio

MARUJADA (*cantando*) – O velho Brabâncio chegou / com a sua Marujada / nossa Nau Catarineta / já está ancorada / chegou nossa Marujada / com sua terrível espada / nossa Nau enfrentará / qualquer adversidade / fome, revolta, guerra / naufrágio e tempestade / os mouros que se cuidem / seus dias estão contados / com a espada dos cristãos / serão todos derrotados.

BRABÂNCIO (*partindo para Othello de espada em punho*) – Te afasta, negro safado, Capeta, Diabo, tição. Te afasta, desconjurado! Negro tem parte com o Cão!

Xaxado. Séquito de Brabâncio dança em zombaria. Séquito de Othello fica imóvel, sisudo.

MARUJADA (*cantando*) – Capim de planta / xique-xique, mela mela / eu passei numa capela / vi dois padres no altar / de ladeira acima / de ladeira abaixo / tanto fede *nêgo fême* / como fede *nêgo macho*. (*todos do séquito de Brabâncio riem em algazarra*)

BRABÂNCIO – Tira tuas patas imundas de cima da minha filha, que esta pérola sagrada é riqueza sem partilha.

OTHELLO (*defendendo-se*) – Pérola, sim, e sagrada, tesouro raro, sem par, cuja maior virtude é ser capaz de me amar.

CORO (*cantando uma canção de amor*) – Eu vi, minha amada, eu vi / meu coração palpitou / canta, canta bem-te-vi / as prendas do meu amor / meu coração bate forte / quando eu vejo ela passar / canta, canta canarinho / pra meu amor alegrar.

OTHELLO – O amor não tem fronteira. A nada faz restrição e se rege unicamente pelas leis do coração.

BRABÂNCIO – Um sapo nojento desses fala que tem coração. Quem tem parte com Satanás nunca sentiu emoção. (*solilóquio de Brabâncio, música suave*) Eu eduquei minha filha para ser moça fina. Tão inocente ainda, pouco mais que uma menina, vê-la manchada assim... Oh, meu Deus, que triste sina! (*volta-se repentinamente para Othello, furioso. Othello defende-se*) Othello, você se meteu em um beco sem saída. Toda sua bruxaria será paga com a vida.

DESDÊMONA – Parem! Parem! O meu amor por Othello nada tem com bruxaria. O que me enfeitiçou foi a sua valentia. Othello é lua, é sol, é um homem lutador.

É praia cheia de luz iluminando o meu amor. Abençoe, eu lhe imploro, esta nossa união! Permita-me seguir feliz os rumos do coração. As virtudes de um homem não estão em sua pele, mas no caráter, na razão.

BRABÂNCIO – Isso nunca! Não!

DESDÊMOMA – Muito respeito vos tenho, sois afinal nosso pai... Se eu vos contradigo, vos peço, me perdoai. Mas em verdade vos digo, e rogo que me escutai: nas lides do amor é a caça quem escolhe o caçador...

Cessa a luta.

OTHELLO – O Conselho de Moradores julgará quem eu sou. Quando comecei a frequentar a casa do Sr. Brabâncio, Desdêmoma ficava curiosa pra saber da minha vida e perguntava coisas. Eu lhe falava então das minhas origens: meus avós, escravos. Eu, novinho, desde os 7 anos trabalhando na palha da cana, noite e dia. Eu falava do sofrimento da minha gente. Aqui mesmo, no Recife, morei debaixo de viaduto, carreguei frete, apanhei da polícia sem ter feito nada, suspeito só por ser pobre, negro, desempregado. Depois, quando cheguei à Brasília Teimosa, a minha sorte mudou. Sr. Brabâncio me ajudou, me botou para dormir em seu depósito de bebidas. É bem verdade, hoje analiso, que era uma forma dele ter um vigia, sem ter que pagar. Fui conquistando a amizade e o respeito de todos, que viam em mim um rapazote que gostava de trabalhar e de tratar bem as pessoas. Tornei-me pescador. Aprendi a língua dos peixes, a arte de jogar a rede e o respeito às forças do mar. Desdêmoma escutava minhas histórias com muita atenção e interesse. Apaixonei-me por ela.

DESDÊMOMA – E eu por ele. Amei em Othello, antes de tudo, a sua bravura, mas também a sua delicadeza de espírito, a sua sensibilidade, o seu amor ao próximo e, por que negar, a sua beleza, a sua beleza física.

BRABÂNCIO – Beleza física? Você enlouqueceu? O que é que esse negro tem de belo?

DESDÊMOMA – Os homens brancos sempre tiveram as suas brancas na sala de visitas enquanto fornicavam com as negras na cozinha.

BRABÂNCIO – Emende a língua, sua atrevida!

DESDÊMOMA – Se o senhor acha que o negro é necessariamente feio, deve achar também que qualquer homem é, por natureza, feio.

BRABÂNCIO – Antes eu tivesse adotado um moleque rabugento do que gerar uma filha que me dá um golpe desse, desgraçando a minha velhice até o último dos meus dias.

MORADORA 3 – O que não tem remédio, remediado está.

MORADOR 4 – Othello, você está chegando do mar, no exato momento em que deveria estar partindo. Enquanto você estava indo de jangada para Itamaracá, uma empresa exportadora de frutos do mar procurou nossa colônia. Eles querem que a gente forneça, regularmente, uma grande quantidade de peixes, lagostas, camarões. Nós organizamos uma grande esquadra de jangadas que já está prontinha lá na praia para partir esta noite, que será de lua cheia. Todos nós achamos, sem exceção, que você é a única pessoa com capacidade para comandar essa esquadra.

DESDÊMONA (*perplexa*) – Mas tem que ser hoje?

BRABÂNCIO (*com ironia, para Desdêmona*) – Talvez o mar dê a ele o castigo que ele merece.

MORADORA 2 – Não fale assim, Sr. Brabâncio. Nós precisamos de Othello e muito. Só Othello pode tirar a gente da miséria neste momento.

BRABÂNCIO – Vocês estão ficando importantes...

MORADOR 4 – Othello, o que você acha?

OTHELLO – Se o dever me chama, o meu amor por Desdêmona só faz aumentar a minha devoção à comunidade. Tiago, Emília, cuidem bem da minha amada.

TIAGO – Amigos foram feitos para servir, Othello.

MORADOR 1 – Na verdade, Othello não é apenas o presidente do Conselho dos Moradores. Com a sua missão de comandar as jangadas nas grandes pescarias, será eleito presidente da Colônia de Pescadores e coroado Rei do Maracatu Agulha de Prata. Na volta faremos aqui mesmo a cerimônia da coroação.

MORADORA 2 – Bem, minha gente, a conversa tá boa, mas precisamos preparar a partida. Sr. Brabâncio, deixe só lhe dizer uma coisa: se a virtude é a beleza da alma, seu genro é muito mais belo que negro.

Batuques da Marujada.

BRABÂNCIO (*para Othello*) – Abra seus olhos, “loirinho”. Se ela traiu o próprio pai, que dirá...

OTHELLO – Por Desdêmona eu boto a mão no fogo. (*corre, abraça-a e beijam-se*)

O Coro entra cantando o tema de Desdêmona “A onda do mar”. Carregam varas e tecidos coloridos. Um grande pedaço de tule é envolvido entre os paus, formando um círculo. Uma luz contra mostra a sombra dos dois arriando ao chão. O coro vai baixando o tecido lentamente e os dois aparecem nus, de costas, envolvidos em lençóis brancos. A luz vai cai lentamente. Tiago e Ró surgem em focos opostos no prosccênio.

CENA V – As Bruxas de Tiago

RÓ (*chorando*) – Tiago?

TIAGO – Que é isso, meu amiguinho, virou manteiga derretida?

RÓ – Quero mais viver não, Tiago. Esse Othello tá com a corda toda. Não há esperanças para mim. Vou me jogar no mar para os tubarões acabarem com o meu sofrimento. (*arrasado*) Desdêmona! Desdêmona!

TIAGO – Você vai se jogar sim, mas é nós braços dela. Quer apostar? Daqui a alguns dias ela se enjoa desse negro fedorento. A juventude só quer novidade. Uma menina que viveu com todo conforto não vai nunca se acostumar em um barraco. Deixa comigo. Estou mexendo com os meus pauzinhos. Bote mais grana na minha mão e você ainda vai cantar de galo. Eu odeio esse negro cheio de banca. Você vai, isto sim, é botar um par de gaia nele para eu dar as minhas risadas. Arranje a grana.

RÓ – Mas, Tiago, você vai me levar à miséria.

TIAGO – O dinheiro é a mola do mundo. Arranje a grana e deixe comigo.

RÓ – Dez samburás de tainha?

TIAGO – Vinte! E trinta cordas de caranguejo.

RÓ – Posso ficar na pindaíba, mas Desdêmona tem que ser minha.

TIAGO – Se eu não deixá-lo mendigo, quero ver a minha mãe morta. (*pensativo*) Esse Othello está muito confiado... Vou destruir esta marmota.

MARIA DA ANUNCIAÇÃO (*surgindo repentinamente na frente de Tiago*) – Eu não acredito que você vai ficar aí com esta cara de sacristão arrependido.

MARIA DOS PRAZERES – Virou santo, foi?

MARIA DAS DORES – Vamos, levanta! Cadê aquela cabecinha cheia de pensamentos maldosos, de ideias infernais, que faz tremer até o mais cruel dos catimbozeiros?

MARIA DOS PRAZERES – Vamos, Tiago, o que está acontecendo com você?

MARIA DA ANUNCIAÇÃO – Aquele servicinho que você pediu, nós já fizemos.

MARIA DAS DORES – Colocamos naquela mesma encruzilhada, com duas galinhas pretas. Pode esperar pra ver o resultado. Ele vai morrer bonzinho nas suas mãos.

MARIA DOS PRAZERES – Quanto ao negro, vou lhe dar um conselho...

MARIA DAS DORES – O desgraçado tem o corpo fechado!

MARIA DA ANUNCIAÇÃO – A mãe-de-santo dele...

TIAGO – Ora, me deixem em paz, vão embora! Eu não preciso do conselho de vocês, sei muito bem me virar sozinho.

MARIA DA ANUNCIAÇÃO – Tem certeza?

MARIA DAS DORES – Por favor...

MARIA DOS PRAZERES – Não é isso que eu estou vendo...

MARIA DA ANUNCIAÇÃO – Vamos, Tiago, queremos maldade. Essa vilinha de pescadores está muito tranquila. Eu sei que você anda sofrendo muito porque levou um chute na bunda. Não consegui ser o diretor deste maracatuzinho.

MARIA DOS PRAZERES – Esta noite, o negro vai para o alto mar e a queridinha dele vai ficar aqui sozinha. É hora de você ser criativo, botar para fora aqueles sentimentos tão nobres, tão cheios de maldade.

MARIA DAS DORES – Você sabe que nós temos muito orgulho de você. Mas, ultimamente Tiago, sinceramente...

MARIA DOS PRAZERES – Hoje, à meia-noite, quando o bacurau pai da noite, o rasga mortalha derramar seus cantos de agouro, uma tempestade sem tamanho cairá sobre a jangada do negro, e ele vai servir de alimento aos tubarões.

MARIA DA ANUNCIAÇÃO – Ah, Tiago, não fique assim. Não pense que viemos aqui para cobrar o que você nos deve. Sabemos que você é um patife, que tem todos os defeitos do mundo, mas não é desonesto. Afinal de contas, ninguém passa a perna em Maria da Anunciação, a vidente mais famosa de Brasília Teimosa! A não ser que Maria dos Prazeres não queira receber a parte que lhe cabe.

MARIA DOS PRAZERES – Eu, hein! As coisas estão muito difíceis, minha queridinha. E depois eu suei muito para fazer este trabalho. Concorde, Maria das Dores?

MARIA DAS DORES – Lógico. Tá pensando que é fácil costurar boca de sapo? Furar o olho de assum preto? Passar urtiga em gato com impinge?

TIAGO – Um otário vai me dar uma grana! Eu vou passar pra vocês. Eu sei que vocês não prestam, são piores do que a bosta azeda do cachorro do circo, mas me são úteis. Agora, por favor, vão embora, que eu tenho um servicinho a fazer.

MARIA DAS DORES – Posso imaginar o que deve ser.

TIAGO – Duvido!

MARIA DOS PRAZERES – Coisa boa é que não é!

TIAGO – Amanhã, logo cedo, vou aproveitar que o negro está fora e vou fazer uma visitinha a Desdêmona.

MARIA DA ANUNCIAÇÃO – E quando nos encontramos?

TIAGO – Amanhã mesmo, à noite, sem falta!

MARIA DOS PRAZERES – Vamos lhe esperar!

MARIA DAS DORES – Por favor, não falte!

MARIA DA ANUNCIAÇÃO – Está ouvindo, não é Tiago?

TIAGO – Desapareçam daqui, senão pego este dinamite de cardume e enfito no rabo de vocês.

Elas saem desesperadas, enquanto ele ri diabolicamente. Um coro de beatas passa em direção à igreja. Todas de preto, com mantilhas escondendo o rosto, rosários e velas gigantes acesas. Ficam atentas à correria das três catimbozeiras. Ao verem Tiago, fazem o sinal da cruz e cantam.

BEATAS (*cantando*) – Vai começar a peleja / do Satanás com o andor / fecha a porta da igreja / esconda o Nosso Senhor / puxe logo a cortina / e cubra São Sebastião / que essa peste é o tumor / que matou Frei Damião / quem tiver filha donzela / guarde ela bem guardada / que ele é o tarado da vela / estuprou a mãe, a vó e a enteada / não deixem nada a esmo / que isso é beira de pinico / o que ele gosta mesmo / é de dar esse furico! (*gesticulam com os dedos passando a vela entre eles. Tiago parte para elas furioso*) O Diabo é quem fica aqui! O bicho pega! Cuidado com ele! Valei-me, Nosso Senhor! Corram! (*desaparecem*)

Cena VI – Amor, Paixão e Virtude

Desdêmona encontra-se diante do espelho, contemplando-se com a máscara, quando batem à porta. Ela assusta-se, deixando a máscara cair. Vai atender.

DESDÊMOMA – Quem é?

EMÍLIA – Sou eu, Desdêmona, Emília.

DESDÊMOMA – Entra Emília, que susto!

EMÍLIA (*entrando*) – Eu te assustei?

DESDÊMOMA – Quando você bateu, tive um sobressalto. Era como se uma notícia ruim estivesse chegando.

EMÍLIA – Que notícia ruim que nada. Será que você é uma daquelas que acham que dia sim é véspera de dia não?

DESDÊMOMA – É possível. Estou tão feliz com a minha vida que tenho medo que tudo se acabe de repente...

TIAGO (*entrando*) – Não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe.

EMÍLIA – Bota essa boca pra lá, Tiago. A gente falando da felicidade de Desdêmona e tu vem com uma dessas.

TIAGO – Estou me referindo à pescaria. Vamos tirar o pé da lama, com o que o pessoal vai trazer.

EMÍLIA – Com Othello, então, à frente da esquadra, peixinho, camarão e lagosta que não se cuidou virou prisioneiro.

DESDÊMOMA (*fazendo figa com as duas mãos*) – Sortuda sou eu, que o herói agora é todinho meu.

TIAGO – Faça figa, Desdêmona, faça figa.

DESDÊMOMA – Ué, por que?

TIAGO – Ora, porque! Pro olho gordo não botar gosto ruim na tua sorte.

DESDÊMOMA – Ai, Tiago, como estás agourento hoje. (*sai*)

TIAGO – Se depender de mim, você será a mulher mais feliz do planeta... (*para si*) dos macacos... (*Emília apanha a máscara no chão*) Me dá isso aí.

EMÍLIA – Pra quê?

TIAGO – Ora, pra quê. Tô mandando. Me dá esta máscara!

EMÍLIA – Vou entregar à Desdêmona. Se ela perder esta máscara, Othello mata ela.

TIAGO – Me dá aqui. (*Abraça-se com ela por trás*) Vai, minha vagabundinha, me entrega isso que você não vai se arrepender. Deixa que eu entrego à Desdêmona. Mas, antes, vou fazer uma brincadeirinha com ela, só pra aperriá-la um pouquinho.

EMÍLIA – Mas tu és sádico, não é Tiago? Gosta mesmo de ver mulher sofrendo. Homem não presta.

TIAGO – Vou perguntar pela máscara à Desdêmona. Ela procura, não acha, se aperia. No outro dia, eu entrego. Confia em mim. É só uma brincadeirinha.

EMÍLIA – De muito mau gosto.

TIAGO – Calma, queridinha. Fique tranquila. Hoje à noite você vai sonhar com as estrelas, antes de dormir. (*a máscara cai. Tiago apanha e corre*) Feche a matraca, que se Othello souber que Desdêmona está sem a máscara, mata ela. (*sai*)

EMÍLIA (*para si*) – A gente é só farelo na boca desses porcos! Comem, comem, depois deitam na lama, dormem e roncam. Ai que ódio, que ódio! (*sai*)

Cena VI – Mágoa e Desamor no Reino da Traição

RÓ (*puxando Tiago*) – Quero que o senhorzinho me devolva cada escama de peixe que eu lhe paguei.

TIAGO – Ué, e por quê?

RÓ – Tu só tem conversa, Tiago. Diz que vai fazer isso e aquilo, e Desdêmona tá cada vez mais longe de mim e perto do crioulo.

TIAGO – É o que você pensa. Deixe comigo, eu não disse? Tenho uma armação que se não der certo, devolvo em dobro todo o peixe que você me deu.

RÓ – Não, senhor. Desta vez você não me engana! Vamos, devolva meu dinheiro, senão... (*puxa uma faca e põe na barriga de Tiago*)

TIAGO – O que é isso, Ró? Que brincadeira é essa?

RÓ – Vamos! A minha grana! Senão eu vou abrir a tua barriga e deixar as tripas caírem aqui no chão.

TIAGO – É assim que você trata um amigo? Um irmão? Uma pessoa que só quer o seu bem?

RÓ – Que bem, Tiago? Que pôrra de bem? Me diz!

TIAGO – Se você me deixar falar, eu digo!

RÓ (*furioso*) – Fala, merda! Fala, senão eu te mato! Eu estou muito puto contigo!

TIAGO (*mostra a máscara*) – Conhece?

RÓ (*surpreso*) – Aquela máscara...

TIAGO – Está vendo como você é injusto? Eu preparando uma boa cama para você e Desdêmona, e, de repente, sou tratado desse jeito...

RÓ – Te conheço, Tiago. Tu és uma peste. Tu és pior que Satanás!

TIAGO – Continuas sendo mal agradecido.

RÓ – Vamos, Tiago. Vamos, que eu já estou perdendo a paciência...

TIAGO (*mostrando a máscara*) – Está vendo este tesouro? A grande prova de amor de Othello por Desdêmona, que a transformou em rainha com esta máscara, lembra-se?

RÓ – E daí?

TIAGO – E daí que eu consegui que Desdêmona mandasse ela para você como prova de amor. (*Ró tenta pegar a máscara. Tiago afasta*) Espere aí! Não é assim não. Este tesouro sagrado tem preço. Tem que rolar muito peixe no mar de fantasia da tua cabeça.

RÓ – Caralho, de novo, Tiago? Quanto?

TIAGO – Todo pescado da semana.

RÓ – Pôrra, tu quer me matar de fome?

TIAGO – Você prefere morrer de desamor?

RÓ – Tudo bem. Uma semana de peixe.

TIAGO – Que venha muita lagosta, camarão, atum...

RÓ – Me dá a máscara, Tiago!

TIAGO – Calma! Deixa eu lhe dar as instruções. Você vai esperar Desdêmona às oito horas da noite naquele terreno baldio, atrás do circo. Mas ela quer que você esteja mascarado. (*Ró pega a máscara e sai sorrindo abobalhadamente*) Não esqueça: às oito da noite, atrás do circo.

Cena VIII – A Farsa de um Punhal Chamado Destino

DESDÊMOMA (*procurando a máscara*) – Meu Deus! Eu estava com ela aqui! Será que deixei cair sem querer? Ai, que Othello me mata se eu perder essa máscara... Brabo do jeito que ele é e cismado... Tô frita! (*vê Tiago*)

TIAGO – Procurando algum tesouro, princesa?

DESDÊMOMA – Um tesouro, sim, Tiago, e que vai virar uma condenação se eu não o encontrar.

TIAGO – Que tesouro maligno é esse?

DESDÊMOMA – A máscara que Othello me deu. Preciso falar com Emília para saber se ela encontrou. Ele mandou a mãe de santo benzer para ele. É mais sagrado do que a própria mãe dele. Tu sabe que Othello é crente demais nessas coisas.

TIAGO – Fica tranquila, rainha... do Maracatu. Sua máscara está em boas mãos e bem guardada. Eu a encontrei e mandei Ró lhe entregar, já que ele mora perto de você. Vá na casa dele e pegue.

DESDÊMOMA – Ir na casa de Ró? Nem pensar! Do jeito que Othello é ciumento, vai pensar outra coisa.

TIAGO (*matreiro*) – Então ele lhe entrega... Vamos dizer, no circo. Ele disse que vai para o circo hoje à noite.

DESDÊMOMA – Com um montão de gente com a botica de olho em cima de nós? Nem pensar! Deus me livre!

TIAGO – Que nada! Ali, atrás do circo, naquele terreno baldio. Oito da noite já tá todo mundo dentro do circo, o espetáculo já tem começado. Ninguém vai ver vocês.

DESDÊMOMA – Será que não tem perigo de alguém nos ver, Tiago?

TIAGO – Claro que não. É só encontrar Ró, pegar a máscara e pronto. Ninguém vai ver vocês.

DESDÊMONA – Queira Deus que não!

TIAGO – Não se preocupe, Desdêmona. Vai dar tudo certo. Eu vou avisar a Ró que o encontro vai ser atrás do circo. Não esqueça, viu? Às oito em ponto.

DESDÊMONA – Que o Espírito Santo me proteja!

TIAGO – Ele sempre protege as pessoas sinceras, puras, como eu. Tesouro dos meus tesouros, ainda me trará muita fortuna.

Cena IX – Uma Faca de Ponta Rasga o Coração do Negro Pescador

OTHELLO (*entra carregado de samburás e fica observando Tiago, que gesticula*) – O que é isso? O meu compadre Tiago endoidou de vez, anda falando sozinho! (*aproxima-se*) O que acontece com o grande Tiago?

TIAGO – Oh, grande Othello.

OTHELLO – Falando sozinho, compadre? Tá variando?

TIAGO – Preocupações, amigo. Os negócios não vão bem.

OTHELLO – Eu não tenho o que reclamar, Tiago. A pescaria foi melhor do que a gente esperava. Foi demais.

TIAGO – É. Você é um homem de sorte. É só no que se fala por essas bandas. O grande herói, comandante-chefe da poderosa esquadra de Brasília Teimosa. E haja teimosia!

OTHELLO – É mesmo, Tiago, pobre vive de teimoso que é. Ainda bem que a natureza permite que o pobre se alegre de vez em quando.

TIAGO – A natureza, como assim?

OTHELLO – Por falar nisso, estou indo direto para os braços do meu chamego. Ô mulher pra eu querer bem, viu? Na pescaria, em alto mar, eu só pensava nela. Dedé, Dedé, Dedé... Só dava ela no meu juízo... É muito amor viu, compadre. O senhor não imagina o quanto eu amo aquela mulher.

TIAGO – É, eu sei...

OTHELLO – Então, amigo, até já. Eu vou correndo para os braços da minha deusa que está em casa me esperando. (*vai saindo*)

TIAGO (*irônico*) – Sei não...

OTHELLO – Sei não o quê, compadre?

TIAGO – Se você vai encontrá-la lá.

OTHELLO – Claro que vou, compadre. Ela está em casa me esperando.

TIAGO – Pode ser, mas não na sua.

OTHELLO (*tenso*) – Não estou entendendo, Tiago.

TIAGO – Esqueça. Vá em frente.

OTHELLO (*preocupado*) – Ih, Tiago, não se brinca com essas coisas.

TIAGO (*sacana*) – Acho que ela foi para o circo.

OTHELLO – Para o circo? Jamais, jamais! Jamais Desdêmona sairia de casa, eu estando fora, muito menos à noite... Pior ainda para o circo. Estás sonhando, compadre.

TIAGO – Pode ser. E cuidado pra você não ter um pesadelo.

OTHELLO – Olha Tiago, estás me tirando do sério. Não estou gostando nada de tua conversa. Isto não é brincadeira de homem.

TIAGO (*fazendo mistério*) – Eu não queria que você fosse...

OTHELLO (*puxa a peixeira*) – Fosse o quê, Tiago?

TIAGO – O último a saber.

OTHELLO – O último a saber? (*parte para ele com a peixeira em punho*) Olha, aqui, o último a saber no teu bucho!

TIAGO – Pois faça uso dela, meu compadre, e corte a minha língua. Prefiro isso a ter que jogar um amigo nas profundezas do inferno, contando tudo que eu sei.

OTHELLO – Abre esse bico, canalha, se não quiser que eu feche ele para sempre!

TIAGO – Quer ouvir? Vai ouvir... Toda noite, quando você parte para o alto-mar, tua mulher e Ró se encontram atrás do cemitério. Mas, hoje, marcaram atrás do circo. Que palhaçada, não é, amigo?

OTHELLO – Tiago, você é mesmo meu melhor amigo. Mas se estiver inventando coisa pra encher minha cabeça, eu vou deixar a tua cara achatada como uma arraia. Vou abrir a tua barriga como se abre a de um peixe, de cima a baixo. Eu acredito em Desdêmona, mais do que na minha própria mãe.

TIAGO (*baixinho*) – Coitado do teu pai. Olha bem. Quem tá botando coisa na tua cabeça não sou eu, compadre, e sim o Ró.

OTHELLO (*furioso*) – Ah, miserável! Puxa a tua peixeira se não quiser morrer sem se defender.

TIAGO – Compadre? Você enlouqueceu? Calma!

OTHELLO – Como posso ter calma diante dessa sujeira? Isso é brincadeira que se tire com um homem?

TIAGO – Preferes a mentira, a hipocrisia? Eu sei que a verdade dói, compadre Othello.

OTHELLO (*põe a faca no pescoço dele*) – Com um homem não se brinca, Tiago. Um homem sério não tolera este tipo de brincadeira.

TIAGO – Eu não estou brincando, compadre!

OTHELLO – Então prova, canalha, prova, senão eu vou te sangrar. Vou cortar o teu pescoço como se corta o de uma galinha.

TIAGO (*sarcástico*) – Galinha...

OTHELLO – Vamos, Tiago, fala logo! Diz que isso não passa de uma brincadeira de mau gosto. Fala! Te defende, patife!

TIAGO – A minha defesa é a verdade. Quer prova? Vai ter prova. Que horas são, compadre? Me diga que horas são!

OTHELLO – O que interessa?

TIAGO – Que horas são? Vamos responda, Othello!

OTHELLO – Já são quase oito horas, e daí?

TIAGO – A função do circo vai começar agora. Veja quem tem olhos pra ver, ouça quem tem ouvidos para ouvir. Vamos até o circo, compadre.

OTHELLO – O que é que eu vou fazer no circo, Tiago?

TIAGO – O que você não gostaria de fazer. (*grita*) Quer ou não quer a verdade?

OTHELLO (*puxando-o*) – Então vamos!

Cai a luz sobre os dois e abre-se sobre o Mestre de Cerimônia do Circo. Ró está a um canto da penumbra, de máscara, expectante.

Cena X – O Circo ou A Donzela das Bromélias

O Mestre de Cerimônia fala de costas para o público. Ró, ao lado, com a máscara no rosto, posta-se como se fosse uma personagem circense e Desdêmona entra sorrateiramente com um chale envolto à cabeça. Ficam todos em cima de caixotes velhos de madeira.

MESTRE DE CERIMÔNIA DO CIRCO – Respeitável público! Vamos apresentar *O Encanto e o Desencanto da Donzela das Bromélias*! Vocês verão que o destino, mágico mui cabotino, transformará em tragédia uma engraçada comédia. E assim vai mudar o mais puro amor em profundo rancor. A alegria vira tristeza. A maior das confianças será só desconfianças.

DESDÊMONA (*ao ver Ró de máscara*) – Ah, Ró, você é um amor.

RÓ – Ora, Desdêmona, é um puro prazer pra mim. Por você...

DESDÊMONA – Eu sei, Ró. Por isso aceitei esse encontro aqui. Sei que é muito arriscado, porém confio muito em você. Quando Tiago...

RÓ – Desdêmona, eu vou te confessar uma coisa.

DESDÊMONA – Não, Ró. Agora não. Alguém pode nos ver aqui e sair por aí comentando besteira. Eu morro de medo. (*entram Othello e Tiago*) Othello pode chegar a qualquer momento.

RÓ – Fique tranquila, Desdêmona. Por mim, Othello nunca vai saber. Não desconfiará de nada. É o nosso segredo, guardado a sete chaves. Eu achei linda essa história da máscara. Só você mesma, Desdêmona...

DESDÊMONA (*pegando a máscara nas mãos dele*) – E eu amei! (*beija-a carinhosamente*) Ah, meu amor, paixão da minha vida, se soubesses o quanto eu te amo...

TIAGO (*insinuante*) – Beija a máscara porque não pode beijá-lo.

OTHELLO – Oh, danação!

RÓ (*abobalhado*) – Agora vejo que você realmente é uma mulher apaixonada.

DESDÊMONA – Sem dúvida, Ró... Ih, já está tarde! Tome cuidado para Othello nunca vir a saber disso. Ele me mataria. (*sai correndo*)

OTHELLO (*fora de si*) – Eu a matarei!

RÓ (*perplexo*) – Desdêmona... Ah, minha adorada, amor da minha vida...

OTHELLO (*puxa a peixeira e parte para Ró*) – Canalha...

TIAGO (*segura-o pelo braço*) – Não faça isso, compadre. Você não vai estragar a sua vida, vai? Tenha calma. Vamos primeiro desvendar este caso. Saber toda a verdade, como isso começou. Acalme-se! Deixe comigo. Vá para casa descansar, o compadre está precisando de repouso. Cabeça fria, compadre, cabeça muito fria... (*pausa. Othello pensa e de repente sai correndo desesperado*) Onde o negro for, eu vou atrás. Sono tranquilo, Othello, nunca mais...

O Mestre de Cerimônia do Circo retira a máscara e mostra ser uma das Catimbozeiras, que ri acintosamente.

Cena XI – O Santo Ópio da Verdade

Tiago sai correndo, passa pelo Coro, que entra simultaneamente com amuletos em varas de madeiras, cantando e dançando.

CORO (*cantando*) – Ô, ô, ô, Xangô / Óxossi mandou avisar / que a festa é de Nagô / Iemanjá traz cravos brancos / pra festejar o amor / Ileaiê traz alegria / Olodum bate o tambor.

MÃE CELESTE (*entra apressada com suas duas ajudantes, Maria da Paz e Maria do Céu, carregando uma bacia esfumaçada*) – Ligeiro, Maria da Paz, antes que a porção perca a fervura.

MARIA DA PAZ – Sim, Mãe Celeste.

MARIA DO CÉU – Diga logo o que a senhora precisa.

MÃE CELESTE – Tudo aquilo que catamos no lixo do cemitério.

MARIA DO CÉU – Tome, o dente de ouro do finado Apolinário.

MARIA DA PAZ – O olho de vidro de D. Marieta do cartório...

MARIA DO CÉU – Os vermes do caixão do anjinho abortado?

MARIA DA PAZ – Um pedaço do crânio do louco da Imbiribeira.

MÃE CELESTE (*ansiosa*) – Dê-me aquelas rosas murchas do túmulo do Major Leal.

MARIA DA PAZ – Tome! E os cadarços do sapato vermelho do Bispo de Garanhuns...

MÃE CELESTE – Agora, para completar, é só jogar arsênico e alfazema e está pronta a mais venenosa de todas as tramas em forma de poção.

CORO (*cantando*) – Iemanjá / salve rainha / deusa do mar / esperança minha.

MÃE CELESTE – Vamos, mexa bem! Precisamos descobrir toda a verdade antes que o compadre Othello chegue. Ele está muito perturbado. O Demônio cravou aquelas unhas de ponta no coração do coitado. (*elas mexem a bacia agitadíssimas*) Vejo-o vindo para cá às carreiras, atormentado, querendo alívio para sua alma.

CORO (*cantando*) – Iemanjá / salve rainha / deusa do mar / esperança minha.

MÃE CELESTE – Vamos! Mexa, mexa! (*de repente Mãe Celeste para de orar e põe a mão no nariz com os olhos arregalados*) Virgem Santíssima, meu Pai Oxalá! Foi tu, não foi, Da Paz? Que peido fedorento da gôta serena foi esse?

MARIA DA PAZ (*abranando o nariz*) – Deus me livre guarde! Eu não faço essas coisas não, mainha... Ôxi. Eu morro de vergonha.

MARIA DO CÉU (*com a mão no nariz*) – Quem soltou esse já morreu e não sabe.

MÃE CELESTE – Então foi tu Do Céu!

MARIA DO CÉU – Pronto! Só quem tem cu aqui sou eu, é?

MÃE CELESTE – Meninas, vocês têm que cuidar da alma porque o corpo já se foi. Esperem, se não foi vocês, então... (*respira fundo*) Passou.

MARIA DA PAZ – É, passou mesmo.

MARIA DO CÉU – Não estou sentindo mais nada.

MARIA DA PAZ – De onde saiu esse cheiro, mainha?

MÃE CELESTE – Esse mal cheiro que vocês sentiram foi um sinal. Se fosse cheiro de ervas, cravos, alfazema, era a verdade sentenciada, a afirmação de que tudo que estava acontecendo é real. Como o aviso foi esse cheiro, e muito forte, tudo não passa de uma grande mentira, de inveja, ódio. Posso até dizer que isso é cheiro de muita maldade. Ah, muita podridão por trás dessa história. Tem algum espírito mal querendo atrapalhar a vida de meu compadre.

MARIA DA PAZ – Quem será?

MARIA DO CÉU – Othello é uma pessoa tão boa...

MÃE CELESTE – Ah, vocês não conhecem a mente humana.

CORO (*cantando*) – Ô, ô, ô, Xangô / Óxossi mandou avisar / que a festa é de Nagô / Iemanjá traz cravos brancos / pra festejar o amor / Ileaiê traz alegria / Olodum bate o tambor.

Othello entra desesperado, rodopiando em sua dança uma alegoria infernal. Prostrase aos pés de Mãe Celeste. Logo atrás surge Tiago, cansado, que se esconde e fica espionando.

OTHELLO (*perturbado*) – Minha Mãe, estou sofrendo muito. A maldade se apossou do meu coração. Está devorando os meus sentimentos. A morte está diante dos meus olhos. Me ajude!

MÃE CELESTE (*reverenciando*) – Oh, meu Pai Oxalá, Ogum, Ogum, Ogum! Meu São Jorge guerreiro, tenha piedade de nós. Fique tranquilo, compadre. Dê sossego a esta pobre alma. Não está acontecendo nada. Tudo isso é invenção do Demônio para acabar com a tua vida, para destruir a tua paz.

OTHELLO – Mas eu vi com meus próprios olhos!

MÃE CELESTE – Ele é poderoso, meu compadre. O que você viu foi o que ele inventou. A gente sempre vê o que ele quer que a gente veja.

MARIA DA PAZ – Ele faz isso para iludir as pessoas, Othello.

MARIA DO CÉU – Para parecer que é verdade.

MÃE CELESTE – Eu já sei de tudo, Othello. Vá pra casa, sossegue a sua cabeça e fique tranquilo que nada disso é verdade. A sua mulher é tão pura quanto os seus sentimentos.

MARIA DO CÉU – A maldade que existe dentro de você é a mesma que existe dentro dela.

MARIA DA PAZ – Acredite, Othello.

OTHELLO (*em dúvida*) – Será, mainha?

MÃE CELESTE – Meu compadre, por acaso, duvida da minha palavra?

OTHELLO – Perdão, minha mãe, perdão. É que estou enlouquecido, perdi o juízo.

MÃE CELESTE – Sossega homem! Vou agir, vou entregar esse espírito do mal às suas próprias maldades e ele vai ter que conviver com todas elas para o resto da vida. (*encara Othello*) Vá para casa e veja lá o que vai fazer, que eu lhe conheço, meu compadre. O que tens de bom, tens de brabeza. Se fizeres algum mal à minha comadre Dedé, todos os espíritos do mundo ficarão contra ti e aí vais conhecer o inferno. Aí sim, uma grande tragédia se dará em tua vida.

MARIA DO CÉU – E lembre-se: a única e verdadeira visão é aquela que vem do coração.

MARIA DA PAZ – Os orixás são teus guias, Othello. Nagô te acompanha. Tenha fé!

MÃE CELESTE – Compadre, para tirar todas as suas dúvidas, sabendo eu quem você é, vou lhe dar uma poção venenosa, mortal, acredite. Bastam algumas gotas: é morte na certa. Você vai testar a morte da sua mulher. Se ela te ama de verdade, morrerá por ti tomando esta poção. E, se por acaso dúvida ela tiver na hora de tomar, você pode ter certeza que os seus pensamentos são verdadeiros. Mas, pela luz dos teus bons espíritos, pela bondade de meu Pai Oxóssi, verás o quanto estás errado e com certeza irás pedir perdão.

OTHELLO – Isso pode aliviar um pouco a minha alma, essa estupidez de macho.

MARIA DA PAZ – Vocês, homens, só vêem mesmo o que querem. (*entrega para ele a poção*)

MÃE CELESTE – Juízo, compadre, muito juízo!

OTHELLO – Obrigado, minha mãe. Obrigado. Saio mais aliviado.

MARIA DA PAZ – Oxóssi vai te proteger, Othello.

Othello sai cabisbaixo.

MÃE CELESTE – Este daí jamais será o mesmo. Ah, esses homens! Como são fracos, estúpidos. Da Paz, Do Céu, sinto um cheiro forte de alfazema no ar. Temos que agir. Tem muita coisa ruim por aí.

Nesse exato momento, Tiago ergue-se e ri disfarçadamente.

TIAGO – É, Tiago, tu és mesmo o Satanás... (*fecha a cara*) Othello, sono tranquilo nunca mais. (*vai saindo rapidamente e depara-se com Ró*)

RÓ (*surpreso*) – Tiago, você por aqui?

TIAGO – Fecha a matraca! Ninguém pode saber. Estou tentando desvendar a maldade dela pra poder ajudar você. Eu vou embora, ninguém pode me ver.

RÓ (*segura-o*) – Espere Tiago, eu tenho uma coisa para te dizer.

TIAGO (*apressado*) – Deixa comigo, Ró, deixa comigo que vai-se resolver. (*solta-se e sai correndo. Ró segura-o novamente*)

RÓ – Não é isso, Tiago!

TIAGO – Eu não quero mais nada além do que você me deve.

RÓ – Presta atenção, Tiago. Desdêmona concordou em sair comigo. Vamos nos encontrar atrás do cemitério. Ela gosta de mim, Tiago, ela me ama. Você tinha razão. Muito obrigado, Tiago. Você é mais do que um irmão.

TIAGO – O que estás me dizendo? Isso é verdade? Atrás do cemitério? Desdêmona?

RÓ – Claro! Você acha que ia brincar com uma coisa dessas?

TIAGO – E quando vai ser?

RÓ – Amanhã à noite, durante o ensaio geral do Agulha de Prata. Foi ela mesma quem sugeriu. Enquanto eles cantam e dançam no Maracatu, nós fugiremos de mansinho e vamos até o cemitério. Ninguém vai desconfiar. Ah, Tiago, eu sou o homem mais feliz do mundo! (*sai gritando*) Desdêmona! Desdêmona! (*desaparece*)

TIAGO (*pasma*) – Eu não acredito! Vivendo e desaprendendo. Desdêmona? Ah, meu compadre Othello vai gostar muito de saber dessa história. Desdêmona! Desdêmona! Desdêmona... (*desaparece*)

Cena XII – Torturas de um Coração Atormentado

Entram Othello, Ró e Desdêmona ao mesmo tempo, correndo, atraídos pelos gritos de Tiago. Othello está visivelmente embriagado. Com uma garrafa de cachaça na mão, bebe sem parar. Fica de costas para Ró e Desdêmona.

RÓ – Desdêmona! Desdêmona! Desdêmona!

DESDÊMONA – Os teus gritos chegaram ao meu coração antes de chegarem aos meus ouvidos.

RÓ – Desdêmona!

DESDÊMONA – É o amor que me chama.

RÓ – Desdêmona!

DESDÊMOMA – Rodrigo, tu és o único amor da minha vida. Hoje serei tua. Othello partiu. Foi para as águas de Fortaleza. Meu corpo conhecerá a alegria de te pertencer. Sou tua. Me beija, Rodrigo, me possui.

RÓ – Ah, minha deusa, como é macio o teu corpo. (*vão arreando, abraçando-se*)

OTHELLO – Possuído pelo Demônio é que estou. (*dirige a peixeira para o peito. A visão se dissipa. Luz forte. Desdêmoma segura o braço de Othello*)

DESDÊMOMA – O que está acontecendo, meu amor?

OTHELLO – Rodrigo! Para onde fugiu o desgraçado?

DESDÊMOMA – Ró não está aqui, Othello. Aliás, nunca esteve.

OTHELLO – Ró? Mas que tanta intimidade é essa?

DESDÊMOMA – É assim que o chamam, Othello.

OTHELLO – Eu vi. Cadê ele?

DESDÊMOMA – Você está sonhando, Othello. Você bebeu demais.

OTHELLO – Bebi demais? Queria beber a sua vida e a daquele miserável.

DESDÊMOMA – Você não está sendo justo, Othello.

OTHELLO – Você vem me falar de justiça? Pois eu quero justiça! Diga que me trai e eu farei justiça!

DESDÊMOMA – Nunca te traí, Othello. Nem nunca te trairei.

OTHELLO – Pois jure, pela alma de sua mãe.

DESDÊMOMA – Não se deve jurar em vão, Othello. Deus castiga!

OTHELLO – Miserável. Pois jure que me ama.

DESDÊMOMA – Sempre te amei e te amarei para sempre. Mesmo que você enlouqueça, continuarei te amando.

OTHELLO – Louco, sim, de ódio. Jure que me ama!

DESDÊMOMA – O que adianta a boca jurar e o coração mentir.

OTHELLO – Então, confessas? Não quer jurar para não mentir!

DESDÊMOMA – Darei qualquer prova do meu amor por você.

OTHELLO – Verdade? Então, tome! Beba este veneno! Morra de amor por mim.

DESDÊMOMA (*pegando o frasco na mão de Othello, sem hesitar*) – Pois se esta é a única prova de amor que lhe serve, assim seja feito. (*menção beber o veneno. Othello a impede*) Othello, o que está acontecendo com você?

OTHELLO – Ele servirá melhor para mim.

DESDÊMOMA – Para de se embriagar, Othello. Que loucura é essa? (*ele vai saindo*) Para onde você vai?

OTHELLO – Para o inferno! Vou sumir... Só vou aparecer amanhã à noite para o ensaio geral do Maracatu.

DESDÊMOMA – Othello...

OTHELLO – E tem mais uma coisa. Amanhã, se der meia-noite e eu não chegar em casa, pode fazer o que quiser da sua vida. Esqueça que eu existo.

DESDÊMOMA – Não diga uma loucura dessas, meu amor. (*tenta abraçá-lo. Othello retira-se rapidamente*)

OTHELLO – Não quero te ver nunca mais.

DESDÊMOMA – Othello, por que me trata assim? O que está acontecendo contigo, meu amor?

OTHELLO – Me esquece! (*sai*)

DESDÊMOMA (*para si*) – O que está acontecendo com Othello? Já sei... O circo! Foi isso. Contaram a ele que eu me encontrei com Ró no circo. Ah, meu Deus, sou uma mulher acabada.

Cena XIII – Um Ensaio Para a Morte

Os integrantes do Maracatu vão entrando discretamente e juntando-se à Desdêmona. Clima de festa. O batuque dos tambores anuncia o hino do Agulha de Prata. Alegria geral. Exceto para Othello e Desdêmona, que se encontram circunspectos, em pontos extremos do palco.

CORO (*cantando*) – Agulha de Prata sou eu / Agulha de Prata és tu / o Agulha é a glória de todos / a mais fina prata do Maracatu.

TIAGO (*entra e vai juntar-se a Othello*) – Othello, és mesmo meu melhor amigo. Mas antes eu fosse teu pior inimigo e estivesse bem longe daqui.

OTHELLO (*sombrio*) – Desembucha.

TIAGO – Se eu fosse cego, surdo e mudo, não seria, como serei agora, o artífice da tua desgraça.

OTHELLO (*ameaçador*) – Ou você abre logo esse bico ou eu é que serei o artífice da tua desgraça. Fala, miserável!

TIAGO – Perdoai-me, Senhor: a fidelidade a um amigo está acima da felicidade pessoal! Terás a prova provada. Rodrigo, o próprio criminoso, me confessou que

hoje, daqui a pouco, antes da meia-noite, se encontrará com a tua Desdêmona. Que não será mais tua...

À medida em que Othello vai recebendo a notícia, seu corpo vai sucumbindo, até desmoronar no chão. Desdêmona e Ró conversam, afastados. Ela está muito abatida, triste. Ró fala-lhe ao ouvido.

TIAGO – Vê com os teus próprios olhos: a serpente preparando o ninho para receber a sua presa.

RÓ – Desdêmona, o que está acontecendo? Você está tão triste hoje.

DESDÊMONA – Othello descobriu tudo, Ró. Está me tratando como se eu fosse uma perdida.

RÓ – É impressão sua, Desdêmona. Ele deve estar preocupado com outra coisa.

DESDÊMONA – Não Ró, é verdade, ele me disse coisas horríveis.

RÓ – Não ligue, Desdêmona, isso vai passar. (*sai*)

TIAGO – Ué! O rapaz não vai ficar para o ensaio? Que estranho! (*Desdêmona dirige-se a Othello, sendo, ao longo do caminho, abordada por um e por outro*) Aquela que será tua até à meia-noite, porque ao primeiro minuto do dia de amanhã será de outro, está vindo para plantar em teus ouvidos a mentira que será o solo do crime que cometerá. Presta atenção. Olha fundo nos olhos dela. Vê como um canto da boca diz uma coisa e o outro nega. Sai do teu torpor, Othello. Presta atenção!

DESDÊMONA – Othello, meu amor, não estou me sentindo bem, vou para casa.

TIAGO – Hum...

OTHELLO (*friamente*) – Vá!

DESDÊMONA – Você irá logo, também, não é meu amor?

OTHELLO (*enigmático*) – Nunca se sabe...

DESDÊMONA – Espero que antes da meia-noite você esteja em casa.

OTHELLO – Nunca se sabe... (*Desdêmona tenta beijá-lo, mas ele afasta o rosto e ela sai. Bataque forte do Maracatu*)

TIAGO (*gozador*) – Chegou a hora, meu amigo. Fortalece teu espírito que o que os teus olhos vão ver apagaria a força até de um titã.

OTHELLO (*perplexo*) – Se ela não me ama, se ela me traiu... Então por que tomaria aquele veneno?

TIAGO – Falou, compadre?

OTHELLO – Não.

TIAGO – Vamos, Othello. Nossa festa é outra! (*saem*)

O Maracatu explode, com muita cor, luz e movimento. Cacá, diretor de cena do Maracatu, dirige-se a todos os participantes.

CACÁ (*eufórico*) – Amanhã é dia de Carnaval. Olinda e Recife já estão enfeitadas, prontas para a grande festa, para o grande dia. Todas as agremiações, neste momento, já estão se preparando para fazerem bonito: Pitombeira e Elefante em Olinda, os Maracatus Leão Coroado e Cambinda Nova no Recife, mas nenhuma delas vai chegar perto do nosso Agulha de Prata. Portanto, hoje, aqui neste ensaio geral, vamos ter que dar todo o nosso suor, todo o nosso amor e, se preciso, todo o nosso sangue para que o nosso Maracatu seja a Nação vitoriosa, nesta guerra de cultura que é o nosso Carnaval. (*pausa*) A maior festa popular do mundo!

Todos cantando e dançando o hino do Maracatu Agulha de Prata com euforia.

CORO (*cantando*) – Agulha é a força do povo / que luta sem se cansar / Agulha vai pra avenida / este ano desfilar / nesta Brasília é o povo / que hoje vai governar.

Cena XIV – A Morte

Cemitério vazio. Ruídos soturnos. Entram Tiago e Othello.

VOZ DE RÓ (*por trás de uma lápide*) – Que mulher gostosa, meu Deus...

VOZ DE MULHER (*abafada*) – Ró, sou tua...

TIAGO (*para Othello*) – Shiiiiii... Estás ouvindo?

VOZ DE RÓ – Meu amor! Como esperei por esse dia!

VOZ DE MULHER – Me beija! Me abraça!

TIAGO – Ouve! É a voz da tua mulher!

VOZ DE RÓ – A partir de hoje serás só minha.

VOZ DE MULHER – Só tua, meu amor! (*Ró surge por trás da lápide, sem camisa, ofegante. Uma mão branca puxa-o para baixo. Gargalhadas*)

OTHELLO (*querendo sair*) – É demais! Não aguento!

TIAGO (*segurando a manga de Othello*) – Suporta, amigo, suporta!

VOZ DE RÓ – Ai, Desdêmona! Desdêmona... Eu não aguento mais...

OTHELLO – Por minha alma, Tiago, deixa-me ir.

TIAGO – És forte. Espera!

VOZ DE RÓ – Ai, minha putinha gostosa!

OTHELLO (*enlouquecido*) – Não suporto mais! É demais para mim. Vai, Tiago, pelo amor que me tens, mata os dois. (*corre desesperado para casa*)

TIAGO – Uma ordem tua, Othello, é uma lei para mim. Que assim seja!

Ele se aproxima do casal no exato momento em que Ró sai detrás da lápide.

RÓ (*sendo puxado violentamente por Tiago*) – Que é isso, Tiago? O que você está fazendo aqui? Isso é sacanagem, viu!

TIAGO – Sacanagem é o que vocês estão fazendo com o meu melhor amigo!

RÓ – Estou lhe desconhecendo, Tiago!

TIAGO (*fora de si*) – Como se você me conhecesse! (*enfia a peixeira na barriga de Ró*)

RÓ (*gritando*) – Tiago! (*uma mão na barriga*) Tiago... (*novo golpe*)

A mulher, com a cabeça coberta por um chale, tenta fugir. Tiago corre e segura-a, carregando-a para perto de Ró.

TIAGO – Testemunha, Desdêmona, nunca! (*mete a peixeira e ela cai gemendo*) Veja Desdêmona, veja o teu grande amor embarcando para o inferno! (*puxa-lhe o xale*) Emília! (*cai de joelho junto dela*) Emília? O que você está fazendo aqui?

RÓ (*rindo, nas últimas*) – Eu sabia que você vinha, seu filho da puta. Eu morro, mas você me paga cada peixe que eu te dei. Cada mentira que você inventou.

TIAGO (*parte para ele e dá outra estocada*) – Filho da puta! Miserável!

RÓ – Você pode me matar trezentas vezes, Tiago. Mas nunca vai esquecer que me viu trepando com a sua mulher. Você sempre se achou o maior, o melhor, mas você não é nada, Tiago. Você é, simplesmente, corno. Apenas um corno.

TIAGO (*volta-se para Emília, que já está nas últimas*) – Emília, diga que é mentira! Que tudo não passa de uma armação! Vocês queriam me pregar uma...

EMÍLIA – É verdade, Tiago. É a pura verdade.

TIAGO – Maldição! Emília! Acorda mulher, levanta, eu estou mandando!

EMÍLIA – Agora é tarde, Tiago. Está tudo escuro, muito escuro. Como sempre foi a minha vida... Eu nunca te amei, Tiago, nunca. Ró, sim, foi o grande amor da minha vida. Você odeia Othello, Tiago, porque nunca foi capaz de conseguir a Desdêmona. Tiago, toda a maldade do mundo apossou-se do teu coração. (*morre*)

TIAGO (*desesperado*) – Emíliaaaa! (*vira-se para Ró que, nas últimas, faz com a mão o sinal de corno e depois morre*) Maldito seja este dia! O que fiz de errado? (*sai correndo e gritando*) Maldição! Maldição...

Cena XV – Dor de Amor é Morte

Casa de Othello e Desdêmona, depois da meia-noite.

DESDÊMOMA (*desiludida*) – Meu Deus, onde está Othello? Já passa da meia-noite. Conheço Othello, ninguém vai demovê-lo dessa posição. Ele não virá mais. Para viver sem meu amor, prefiro a morte. (*toma o veneno e morre*)

OTHELLO (*chega, transtornado e vê Desdêmona estendida, com o frasco na mão*) – Então... não era Desdêmona! (*se desespera*)

Surgem as três videntes de Brasília Teimosa e enlouquecem de vez a cabeça de Othello.

MÃE CELESTE – Te avisamos, Othello, para não fazer nenhum mal à Desdêmona!

MARIA DA PAZ – Agora te abandonamos à tua própria sorte.

MÃE CELESTE – Estás perdido, Othello!

MARIA DO CÉU – Você caiu na trama de Tiago!

MARIA DA PAZ – Ele se diz teu amigo, mas é teu pior inimigo!

MÃE CELESTE – Ele sempre desejou tua mulher e teu cargo!

MARIA DO CÉU – Por saber que jamais conseguiria o amor de Desdêmona e a tua posição, procurou desgraçar os dois!

MARIA DA PAZ – Estás acabado!

MÃE CELESTE – Tua vida e tua glória terminam aqui, Othello! (*saem*)

TIAGO (*chega correndo*) – Othello! Não era Desdêmona a mulher que estava com Ró. Era Emília, a minha mulher. Desdêmona está viva.

OTHELLO – Olha, canalha, aqui está Desdêmona como tu querias que ela estivesse. Querias acabar comigo e com ela, com um amor que estava acima de todos os interesses mundanos. Você matou o amor, Tiago. Morto o amor, morro eu. Mas, antes, morre você, porco imundo! Traidor! (*enfia a peixeira em Tiago*)

TIAGO (*lúcido*) – Não adianta, Othello. Eu estive morto desde sempre! O que você mata, nunca teve vida. Se eu fui mau com você, maldade maior me fez o mundo. Eu nunca fui amado, eu nunca fui amado, Othello. Ninguém nunca me chamou de meu amor. Por isso o amor de vocês era insuportável para mim. Ninguém me ama, nem nunca me amou. Nem mãe, nem pai, nem irmãos, nem amigos. Ninguém! Nunca lhe odiei, nem a Desdêmona. Era o amor de vocês que eu odiava. Morro sem nunca ter sido amado, você quer castigo maior? A pior de todas as mortes, Othello, é essa minha. (*morre*)

OTHELLO (*berrando*) – Chega! Chega! Chega! O amor morreu! O mundo morreu! Desdêmona, meu amor, não me perdoe jamais. Que eu seja uma alma penada, condenada para sempre a vagar pelos umbrais do inferno! Maldito! Sempre maldito! (*chega junto de Desdêmona, pega o frasco com o veneno e toma*) O amor foi assassinado! Tudo se apaga! Tudo se acaba... (*beija-a e morre*)

Entra o Maracatu Agulha de Prata, acompanhado da Marujada do Velho Brabância e cantam junto aos corpos estirados no chão.

TODOS (*cantando*) – Não vejo nada no céu / além de balas perdidas no ar / será meu Deus que esse véu / é a morte quem vai carregar? / Correndo em seu andor / a roda do mundo a girar / levando consigo o amor / para quem não sabe amar / roda o mundo, roda a vida, roda a dor / roda viva, roda flor, roda luar / vai rodando, vai dizer ao meu amor / que a morte ocupou o seu lugar.

- Fim -

AS PROEZAS DO REI SAUL NA TERRA DE CARUARU



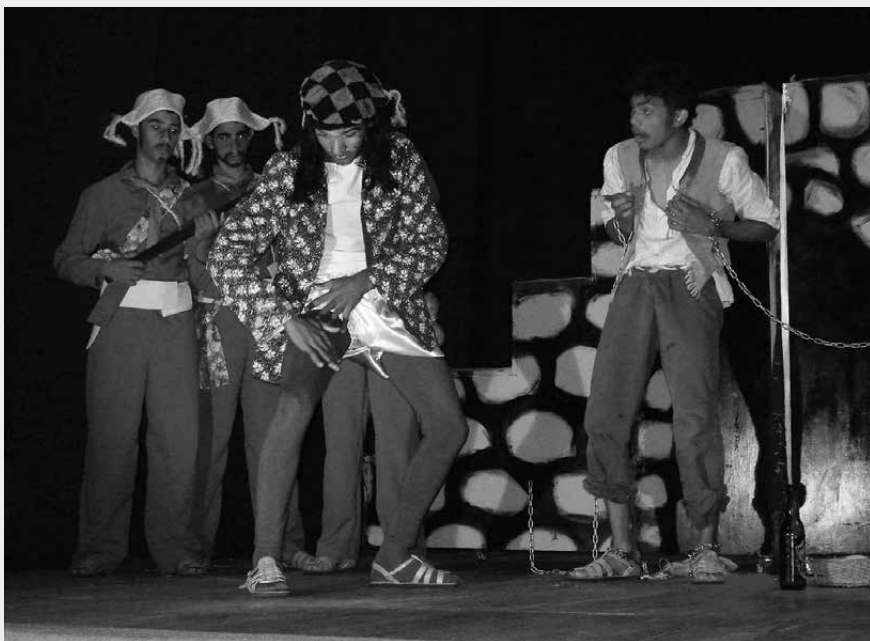
As Proezas do Rei Saul na Terra de Caruaru (2007),
pelo Grupo Teatral Ariano Suassuna, de Igarassu
Texto: Vital Santos
Direção: Albanita Almeida e André Ramos
Foto: Pedro Portugal

AS PROEZAS DO REI SAUL NA TERRA DE CARUARU

Chamado de “Ópera baião” por seu autor, este texto de 2007 foi escrito especialmente para o Grupo Teatral Ariano Suassuna, de Igarassu/PE, que já havia montado outras duas peças de Vital Santos anteriormente, *A Árvore dos Mamulengos* (2005) e *Solte o Boi na Rua* (2006). É deles a única montagem cênica até então, cuja estreia aconteceu naquele mesmo ano de 2007, sob direção de Albanita Almeida e André Ramos. A equipe mantinha uma parceria com a Escola Santos Cosme e Damião, onde surgiu o grupo, e pouco após ter estreado o trabalho no Centro de Artes Mestre Narciso Félix de Araújo, daquela cidade, participou do V Festival Estudantil de Teatro e Dança, no Recife, evento anualmente realizado no Teatro Apolo pelo produtor Pedro Portugal. A sessão ocorreu na terça-feira 21 de agosto de 2007.

Pontuada por rimas e muita graça, a peça *As Proezas do Rei Saul na Terra de Caruaru* nos transporta a um reino fictício medieval onde uma festa popular celebra um Boi especial de estimação, que chegou da Espanha para a América do Sul e tem sangue azul. Misturando tempos, ora de narração ora de ação, mas totalmente conduzida pela música ao vivo e certo humor malicioso, Vital nos apresenta assim a Francisco Martins de Barro (provavelmente uma homenagem ao cordelista paraibano Leandro Gomes de Barros), contador-cantador da história que se desenrola, funcionário chamado pelo monarca para criar um folheto – o próprio espetáculo – que fizesse rir e chorar.

No entanto, o Rei o ameaça, dizendo que ele só registrasse o que interessava à sua figura “imortal”. Só que o cordelista aproveita para revelar as safadezas de Sua Majestade e, também, como a ambição pode destruir um ser humano. A divertida e crítica obra transforma-se, então, num musical



As Proezas do Rei Saul na Terra de Caruaru (2007),
pelo Grupo Teatral Ariano Suassuna, de Igarassu
Texto: Vital Santos. Direção: Albanita Almeida e André Ramos
Foto: Pedro Portugal

popular farsesco cuja trama mostra a armação que o Rei Saul e o seu Conselheiro Joaquim Povilêu aprontam para testar a dedicação do vaqueiro e poeta Juvenal, fiel trabalhador do reino, responsável pelo Boi Esperança, animal que tem mistério e encanto.

A dupla faz uma aposta para provar que aquele rapaz de bom coração, conhecido por nunca contar mentira, mesmo tendo enorme amor ao animal (pois sempre cuidou dele tão bem), diante de uma bela mulher iria fraquejar e trair o seu patrão. Para isso, é chamada a própria filha do Rei Saul, a princesa Dora, maliciosa e sensual, que tinha como missão seduzir o vaqueiro e pedir que ele sacrificasse o Boi em favor dela. Encantado com o que vê em meio às águas do rio, comparando-a a uma verdadeira aparição de santa, Juvenal se deixa enredar e, a pedido dela, por puro capricho, arranca o coração do pobre animal. Acontece que a jovem também se apaixona pelo rapaz, por sua poesia e canto, e volta ao pai para comunicar o seu arrependimento.

Mas já é tarde demais, pois Juvenal vem até o palácio para contar o ocorrido. Acusado pela morte do Boi e por ter desonrado a família real, o

funcionário é condenado a morrer enforcado, mas ganha a possibilidade de três pedidos antes. A peça brinca com vários estilos das artes cênicas, como o próprio musical, a ópera e o teatro de mamulengos, tudo na intenção de mostrar que ser puro e leal é difícil quando se lida com a ambição.

O curioso é que Vital, nesta obra farsesca, abriu possibilidade do espetáculo ser concluído de duas maneiras diferentes, primeiramente com o cordelista Francisco Martins de Barro terminando de ler o seu folheto sobre o “Rei da ambição” – que se dá mal no final –, mas sem deixar de lembrar que o mundo anda mesmo tão cheio de gente ruim; ou, como “final alternativo, a critério da direção” (SANTOS, *As Proezas do Rei Saul na Terra de Caruaru*, 2007, s. p.), numa inserção ácida do próprio dramaturgo, com o cordelista afirmando, em desdém, de que suas invenções acabavam sendo aproveitadas por Ariano Suassuna como teatro autoral do consagrado escritor (referência à omissão que o mesmo fez, bem no início da sua carreira, ao não citar que os textos que concebeu partiam de folhetos de cordel de autores como o próprio Leandro Gomes de Barros).

EM ITINERÂNCIA POR FESTIVAIS ESTUDANTIS

O Grupo Teatral Ariano Suassuna, também conhecido como GAS Produções, mantém há anos o Espaço Cultural Grupo Teatral Ariano Suassuna (Rua Joaquim Nabuco, 78, no Centro de Igarassu), Ponto de Cultura para a realização de espetáculos de teatro, dança, circo e música, rodas de diálogo e mostras de cinema. Também promove atividades formativas como oficinas, cursos e *workshops* para a população local e de cidades vizinhas. A equipe ainda realiza o Festig - Festival de Teatro de Igarassu desde 2009, evento de caráter nacional.

A propósito, durante o competitivo V Festival Estudantil de Teatro e Dança, no Recife, *As Proezas do Rei Saul na Terra de Caruaru* ganhou indicação de melhor ator na categoria teatro adulto para André Ramos, no papel do vaqueiro e poeta Juvenal, mas não levou a premiação. Ela ficou com Jonatas Almeida, de *O Inspetor Geral*, texto de Nicolai Gogol, com direção de Inaê Veríssimo, pelo Curso de Teatro da Escola Municipal de Arte João Pernambuco, do próprio Recife.



As Proezas do Rei Saul na Terra de Caruaru (2007),
 pelo Grupo Teatral Ariano Suassuna, de Igarassu
 Texto: Vital Santos
 Direção: Albanita Almeida e André Ramos
 Fotos: Pedro Portugal

A comissão julgadora estava formada por Didha Pereira, Ricardo Dourado, Tadeu Gondim e Fábio Pascoal. Este último acabou selecionando o grupo para o 6º Festival de Teatro do Estudante de Pernambuco - Festepe, dentro da programação do 19º Festival de Teatro do Agreste - FETEAG, evento promovido pelo Teatro Experimental de Arte - TEA, na cidade de Caruaru/PE. A exibição por lá se deu na noite de 25 de outubro de 2007, no Teatro Rui Limeira Rosal, do SESC Caruaru, e trouxe à equipe dois troféus: melhor sonoplastia, para o próprio Grupo Teatral Ariano Suassuna, e melhor ator, para André Ramos. A comissão julgadora foi composta por Albemar Araújo (PE), Rogério Mesquita (CE) e Paulo Vieira (PB).

Já no dia 11 de novembro de 2007 foi a vez de levar a peça para a X MOSTEV - Mostra de Teatro Estudantil da Vitória, promovida pelo Grupo Vid'Art no município da Vitória de Santo Antão/PE, com apresentação no Teatro Silogeu. O evento, inclusive, prestava homenagem ao dramaturgo Ariano Suassuna. Das premiações, conquistaram os títulos de melhor maquiagem e melhor cenário. O elenco contava com André Ramos (também assinando cenário e figurinos, além da direção com Albanita Almeida), Jéssica Cosme, Adriana Santos, João Nascimento, Raphael Gadelha, João Ferreira, Jenas Ferreira, Manoel Teixeira, Felipe Natário e Rubson Rufino. A iluminação era de Ediane Pilar e a sonoplastia, ao vivo, feita por Joel Carlos, Manoel Teixeira, Albanita Almeida e Kattianny Torres.

A última ação do GAS junto a esse texto de Vital Santos foi uma leitura dramatizada que ocorreu na Biblioteca Pública de Igarassu, no dia 18 de dezembro de 2013, seis anos após a estreia do espetáculo, durante o 5º Festig, isso como homenagem ao autor, que havia falecido em 18 de outubro daquele, no Recife, aos 68 anos de idade. Tá na hora de outras companhias teatrais assumirem a obra pelo Brasil inteiro.

REFERÊNCIA:

SANTOS, Vital. **As Proezas do Rei Saul na Terra de Caruaru** [Texto original digitado]. Olinda, fev. 2007. p. 63.

— AS PROEZAS DO REI SAUL — NA TERRA DE CARUARU

De: Vital Santos

.....

Personagens: Francisco Martins de Barro, Rei Saul, conselheiro Joaquim Povilêu, princesa Isadora (Dora), Juvenal, fazendeiro Sebastião Rufino, Soldados do Rei, Homens 1 a 4 (espancadores), Coro Gregoriano de Mulheres e Retirante.

Uma festa medieval. Os tambores e clarins anunciam a entrada do Boi. Cavaleiros com lanças e espadas fazem o acompanhamento, tudo imitando as nossas brincadeiras populares.

TODOS (*cantando e dançando*) – Esse boi / veio da Espanha / para a América do Sul / foi uma comoção tamanha / quando chegou em Caruaru / esse boi é um espanto / dizem até que ele é santo / e faz milagre pra chuchu / ouvi dizer que ele é pagão / não é um boi cristão / é um papangu / esse boi é galego? Não / nem tão pouco é hindu / esse boi é da China? Não / nem tão pouco é Zebu / só sei que ele é primo-irmão / sobrinho-neto do Rei Saul / é papangu? / É papangu? / É boi de estimação / ele é campeão / e tem o sangue azul!

Vão saindo. Francisco Martins de Barro dirige-se ao Rei.

FRANCISCO MARTINS DE BARRO – Então, meu querido Rei, mandou me chamar? Quer que conte uma história ou quer me ouvir cantar? (*cantando*) “Foi num belo dia de verão...”

REI SAUL – Seu Francisco Martins de Barro, vou lhe explicar: quero que escreva um folheto que faça rir e chorar... Que seja um pouco erudito, para ficar mais bonito, mas sem perder o popular. Narre as bravuras do Rei, fale do velho, do novo... Diga que ele morre pelo povo em cumprimento da Lei. Bote muita emoção, amor, paixão... Fale o que nunca falei! Mas não seja muito fiel, só passe para o papel o que interessa ao Rei.

FRANCISCO MARTINS DE BARRO – Entendo, majestade, vou contar toda a verdade e toda mentira também. Porque um pouco de fantasia não faz mal a ninguém.

REI SAUL – Capriche nesse romance. Fale da minha luta contra o mal! Deixo o Rei ao seu alcance, faça dele um imortal. (*vai ao trono, senta-se e fica abrindo a boca de sono*)

FRANCISCO MARTINS DE BARRO (*ao Rei com ironia*) – Pode ficar descansado... Vou começar a história. (*vai ao público*) Hoje o Rei está lascado, vou forçar bem a memória e mostrar que ele é safado, que em todo seu passado não teve um dia de glória. (*eufórico*) Senhores aqui presentes, papel e lápis na mão, prestem muita atenção a tudo que aqui se diz, porque vocês serão o juiz dessa minha narração. (*corte de luz. Ele fica num foco e o Rei noutra, em penumbra, dormindo*) No ano de não sei quando, numa cidade da Alemanha onde nasceu o Danúbio Azul, o Rei do bucho de banha adormeceu em seu trono e sonhou que era Rei de Maracatu em uma grande Nação. (*batuques*) Acordou no Riachão, bairro nobre e potentado da Terra de Caruaru, às margens do Rio Ipojuca que divide o norte do sul. (*cantando*) Foi num belo dia de verão / que eu perdi meu coração / Caruaru, Caruaru / a princesinha do norte és tu. (*o foco vai caindo e o do Rei aumentando simultaneamente. Entra Joaquim Povilêu, ministro conselheiro*) Na manhã seguinte da grande festa do Boi, o Rei levantou, bocejou, pegou o saco, coçou, querendo saber como foi... (*sai. Luz geral*)

JOAQUIM POVILÊU – Foi bonita, majestade, festa igual nunca se viu. É o assunto na cidade da nata que assistiu.

REI SAUL – Deixe de ser baba-ovo! Eu quero saber é do povo.

JOAQUIM POVILÊU – Ah, isso não sei porque nunca vi essa gente numa festa do Rei.

REI SAUL – Mas foram todos convidados.

JOAQUIM POVILÊU – Todos... Os fazendeiros, os banqueiros, os grandes comerciantes e os puxa-sacos meliantes que não paravam de alisar o boi.

REI SAUL – Mas que foi bonita, foi.

JOAQUIM POVILÊU – Estão todos querendo saber como é tratado esse animal. Por que brilha tanto... Quem cuida dele, afinal? Tem graça no andar, tem mistério, tem encanto. Só falta mesmo falar. Faz jus aos seus ancestrais! Se o dono dele é um Rei, ele também é o rei dos animais.

REI SAUL – Quem cuida dele é um rapaz que tem um bom coração. Não é apenas meu capataz, é acima de tudo um irmão. O nome dele é Juvenal. Nunca roubou, nem mentiu, tem berço e educação, é uma pessoa especial. E o nome desse tratamento: é amor ao animal.

JOAQUIM POVILÊU (*enciumado*) – Desculpe, minha Majestade, por que tanta certeza? Não será ele um falsário que usa de esperteza para fazer o Rei de otário e roubar a sua riqueza?

REI SAUL – Conheço ele há anos, nunca me fez uma ira. E nunca ouvi dizer que contasse uma mentira.

JOAQUIM POVILÉU – É de causar espanto! Se ele é mesmo assim, não é gente, é um santo. (*astucioso*) Se o Rei confia tanto nesse santo da ralé por que não fazemos uma aposta para saber como ele é?

REI SAUL – Seu Joaquim Poviléu, o senhor vai perder tempo e dinheiro. Conheço bem o vaqueiro, ele é bom e fiel.

JOAQUIM POVILÉU – Lhe dou cinquenta moedas de ouro se ele não mentir. E o Rei devolve em dobro se ele lhe trair.

REI SAUL (*sem hesitar*) – Homem, não me provoque que eu sou um viciado, tanto gosto de uma aposta quanto de um carteador.

JOAQUIM POVILÉU – Então vamos ver!

REI SAUL – Está fechada a nossa aposta. Agora me diga a proposta: o que temos que fazer?

JOAQUIM POVILÉU (*meticuloso*) – Chame sua filha, a princesa, para seduzir o vaqueiro Juvenal. Ela vai usar de esperteza, vai ser muito sensual. Bonita como ela é, ele não vai resistir. Ela vai usar a malícia da mulher para fazer o súdito mentir.

REI SAUL – Adoro esses desafios, minha cabeça fervilha... Vou chamá-la agora mesmo para preparar a armadilha. E vou provar que Juvenal é um homem de família. Dora! Venha cá, minha filha!

JOAQUIM POVILÉU – Assim que ela chegar conte logo o segredo que é para ela não se assustar e fazer a prova sem medo.

DORA (*entrando*) – Pronto, meu pai, aqui estou. Que quer o senhor de mim?

REI SAUL – Minha filha, amanhã cedo bote aquele vestido de cetim e vá lá no Alto do Vassoural, na Fazenda Bom Jardim. Quero provar a esse senhor que Juvenal não é ruim.

DORA – Vou com o maior prazer lá no Alto do Vassoural. Me diga, fazer o quê? Quem é esse Juvenal?

REI SAUL – É o nosso melhor vaqueiro. Homem de minha confiança... Tanto que entreguei a ele o nosso Boi Esperança.

DORA – E para que testar o moço se ele é honesto e capaz?

REI SAUL (*baixinho no ouvido dela*) – É coisa desse puxa-saco que quer me passar para trás. Mas vou mostrar a ele quem é esse rapaz. E vou ganhar essa aposta porque está fácil demais.

DORA – E o que vou fazer afinal na Fazenda Bom Jardim, no Alto do Vassoural, toda vestida de cetim?

REI SAUL – Vai testar o nosso vaqueiro. Provar que ele é decente. Provoque-o com seu jeito faceiro, seduza-o com um olhar indecente, jogue um suspiro quente, reine em seu terreiro.

JOAQUIM POVILÉU – Se ele resistir é peroba, não pode ser um vaqueiro.

REI SAUL – Preste muita atenção, ouça o meu conselho. Quando for atravessar o rio, leve a roupa ao joelho. Se ele não resistir, começar a ficar vermelho e tentar lhe seduzir, não tenha medo não, aumente a sedução e fale no seu ouvido num tom bem decidido: “Sujeito não seja atrevido, se quiser namorar comigo vai ter uma provação: mate o boi Esperança e tire o coração para eu levar de lembrança da sua grande paixão”.

Ouve-se ao longe a voz de Juvenal numa dolente canção.

DORA – Vou porque sou forçada e palavra de Rei não volta atrás. Mas vocês estão pondo em desgraça a vida desse rapaz.

A voz vai aumentando e a luz sumindo. Fica um foco em Juvenal, sentado à beira do rio Ipojuca, o lado do Boi Esperança, tocando seu violão.

JUVENAL (*cantando*) – Como é triste a solidão / de quem não tem um grande amor / é um suspiro de dor / perdido na imensidão / é um punhal atravessado / sangrando para todo lado / dentro do coração / quando a noite chega / a dor aumenta e faz chorar / e para aliviar / canto essa canção / pedindo a Deus compaixão.

A luz vai voltando enquanto ele repete o segundo verso. Dora entra vestida de cetim com sombrinha às costas.

DORA (*penalizada*) – Que canção tão triste é essa? Que voz linda e sofrida... Isso é coisa de poeta brincando com a dor da vida. Tocou o meu coração... Pois a minha solidão é muito parecida. (*aproxima-se*) Mas é um belo rapaz! E um grande seresteiro. Será ele o vaqueiro empregado do meu pai? (*pasma*) Se for estou perdida, vou ficar apaixonada para o resto da minha vida. (*bate um vento forte*) Ai, que delícia de vento dançando sobre as águas desse rio! Por um momento me deu um arrepio... (*corre para as margens do rio*) Moço, o que canta?

JUVENAL (*para de tocar e fica de boca aberta, pasmo*) – Meu Deus, pedi uma mulher e o senhor me manda uma santa...

DORA – O meu nome é Isadora, mas pode me chamar de Dora, não faz mal.

JUVENAL – O meu é Juvenal... (*encantado*) Tem certeza que não é Nossa Senhora? (*ela ri*) Que veio me tirar da tristeza conforme pedi ainda agora? Se for uma santa, me diga para me preparar... Vou colher flores do campo para enfeitar seu altar.

DORA (*baixinho*) – É ele. Meu Deus, existe? (*para ele*) Não, sou gente de verdade!

JUVENAL – O que faz por estas paisagens? Dando vida aos passarinhos, perfumando a pastagem, iluminando os caminhos?

DORA – Nada. Só quero atravessar o rio. Como é que se faz? Quero apreciar esse Boi porque ele é lindo demais.

JUVENAL – É verdade, e também é campeão. Para todo concurso que vai dá muito orgulho ao patrão.

DORA – Se ele é um vencedor é porque é bem tratado.

JUVENAL – A ordem do meu senhor é cuidar com pão de ló. Só pasto do Serrote Agudo e água do Açude Maior. Em nenhum momento do dia ele pode levar sol.

DORA – Esse homem é muito rico... Tratar um boi assim...

JUVENAL – Rico, poderoso e muito bom para mim.

DORA (*pondo o pé na água do rio*) – Vejo aqui que a água é pouca. Será que dá para passar? Se não der eu tiro a roupa, só não quero me molhar.

JUVENAL – (*encabulado*) Não, moça! Não precisa! Dá para atravessar.

DORA (*baixinho*) – Ele ficou vermelho. Por certo não é enxerido. (*a ele*) Moço, vou levantar o vestido até à altura do joelho! Não é por nada, é que moro longe daqui e não posso andar por aí com a minha roupa molhada.

Ela levanta o vestido e entra no rio. Ele, desesperado, vira o rosto para não ver.

JUVENAL (*de costas para ela*) – O meu pai dizia insistentemente: “Não faça coisa feia, o homem quando é decente respeita a filha alheia!”.

DORA (*caminhando dentro do rio*) – A água está subindo. A coisa vai ficar roxa... (*provocando*) Vou subir o meu vestido até à altura da coxa.

JUVENAL (*se desespera*) – Valei-me, Nossa Senhora, minha mãe da Conceição! Livre esse pobre coitado dessa cruel tentação.

DORA (*mais provocante*) – Ai, ai, ai... A situação está ficando feia. Moço, estou sentindo a fundura, vou levantar o meu vestido até o meio da cintura.

JUVENAL (*mesmo de costas, põe a mão nos olhos*) – Não faça isso, criatura! Atravesse logo esse rio... Acabe com essa tortura, está me dando calafrio!

DORA (*decepcionada*) – Perdi foi a minha viagem. Ele não vai cair nessa armadilha. Respeita pai, respeita filha... Quero ver com o boi como é que ele se sai. (*baixa a roupa e sai da água*)

JUVENAL (*respira aliviado*) – Nessa vida nada mais me espanta. Vendo-a sair assim desse rio, descalça, com esse andar macio, não tenho dúvida, só pode ser uma santa.

DORA (*vai para cima dele*) – Ou quem sabe um desafio.

JUVENAL (*tira a camisa*) – Vou enxugar os seus pés para não sentir frio. (*passa a camisa nos pés dela*)

DORA – Aaaaaai, que gostoso... Está me dando um arrepio.

JUVENAL (*para imediatamente*) – É o cheiro desse mato ou o vento do rio...

DORA (*afasta-se um pouco para não assustá-lo e fica admirando a paisagem de cima de uma pedra*) – Como é lindo este lugar. Nunca vi nada igual. É exótico, místico, natural... Deus está presente aqui nesse matagal. (*banha as mãos no rio*) E essa água, veja... É pura, cristalina. Quem vive aqui é abençoado, tem a proteção divina.

JUVENAL – São os olhos seus abertos ao coração. Bem diferentes dos meus, cegos de solidão. Olho e não vejo nada, só tristeza e desolação.

DORA (*chega perto do Boi*) – Olhando assim de pertinho ele é muito mais bonito. É elegante, charmoso, viril... (*Juvenal pensa que os elogios são para ele*) Como é o nome dele?

JUVENAL (*disfarçando*) – Esperança... É o orgulho do patrão. Ele fez um juramento para presenteá-lo à filha no dia do seu casamento.

DORA (*para si*) – Como ele é simples... (*a Juvenal, apaixonada*) Casamento... É uma palavra bonita. É para quem acredita nesse grande sentimento.

JUVENAL – Amor assim é espinho, pega o coração e fura, fura com tanto jeitinho que o homem não segura, perde o rumo do caminho e faz qualquer loucura.

DORA (*tentadora*) – Até matar esse Boi, por uma grande aventura?

JUVENAL – Seria um desgosto profundo, seria uma traição. Não há ser humano no mundo que faça eu trair meu patrão.

DORA – Fala da boca para fora. Não vá me dizer agora que não dá prova de amor?

JUVENAL – Até que dou. Se não for amor profano. Porque nenhum ser humano fará de mim matador.

DORA (*desiludida*) – Você com certeza é solteiro.

JUVENAL – Até um minuto atrás. Porque depois de lhe ver, juro por Deus, não sou mais. Quero casar com você.

DORA – Agradeço esse sentimento, mas em juramento que prova pode me dar?

JUVENAL – Por que tenho que provar? Não basta o peito tremendo, o sangue nas veias fervendo, os olhos querendo chorar?

DORA – Se vê que você não conhece uma mulher apaixonada.

JUVENAL – O amor é simples, é bonito. Não precisa de mais nada.

DORA – O meu é um vulcão... Tem que ter muita aventura, loucura. E um tormento de paixão.

JUVENAL (*aflito*) – O que você quer que eu faça? Que arranque o meu coração?

DORA (*fria*) – O seu não, o do Boi Esperança. Me dê esse troféu de lembrança! Cumpra a sua missão!

JUVENAL – Mas ele não fez nada para servir de troféu. (*angustiado*) Por que o preço do amor é mais alto que o céu?

DORA – Mate esse Boi agora e tire o seu coração, porque senão vou embora e tudo vira ilusão.

JUVENAL – Não. Não me peça isso não...

DORA – Adeus, vaqueiro, vou embora. (*vai saindo*)

JUVENAL – Eu lhe peço, Nossa Senhora, não me deixe não...

DORA – O coração...

JUVENAL (*fora de si*) – É, meu Boi, se ela for, morro eu; se ficar, morre você. Um dos dois tem que morrer. E entre você e eu, a morte escolheu você. (*puxa o punhal e grita*) Não aguento mais essa situação! Eu sou de carne e osso, também tenho tesão... Do jeito que estou aqui, mato até o Cão! Moça, venha buscar seu troféu. Para quê contrariar se é um pedido do céu! (*ergue o punhal*)

DORA – Espere, por favor! Você disse agora a pouco que nenhum ser humano lhe faria um matador.

JUVENAL – Disse. E não foi por engano. Nada mais me espanta. Eu falei em “ser humano”, mas quem me pede é uma santa.

Crava o punhal no peito do Boi, que dá um mugido de dor e corre pelo palco dançando o triste balé da morte.

CORO FEMININO (*cantando*) – Que tristeza tem na alma / um pobre animal / a mesma de um ser humano / porque tristeza, afinal / não é só um desengano / é um sentimento profano / que nos faz muito mal / não chore, meu boi mimoso / não vale a pena chorar / por ser um boi formoso / Jesus mandou lhe chamar / vai lhe dar capim com mel / amanhã é dia de festa / tem vaquejada no céu.

O Boi cai. O vaqueiro lhe tira o coração e o entrega a ela.

JUVENAL – Receba o coração do Boi e diga a todos que foi um capricho de mulher.

DORA (*triste e arrependida*) – De uma mulher tola e sem coração que por um simples capricho matou um Boi campeão só para ter seu amado na palma da mão. Se arrependimento matasse, talvez assim explicasse o tamanho da frustração. (*sai correndo envergonhada*)

JUVENAL (*vai atrás*) – Espere... Moça, espere, não vá!

DORA (*atravessa o rio e volta-se*) – Sete dias é o tempo que vou precisar para comunicar ao meu pai que com você vou casar. (*desaparece levando o coração do Boi*)

JUVENAL (*desconsolado*) – É sonho... Ou melhor, pesadelo. Melhor seria não tê-lo, só pode ser maldição. Como pude fazer isso com o Boi do patrão? Foi coisa do Capeta, me pegou desprevenido e de Santa veio vestido para fazer a tentação. E eu, de tão carente, cáí feito uma semente que não brota em nenhum chão. Mulher, mulher... Desde a eternidade que tem parte com o Cão. E agora, o que vou fazer sem o Boi Esperança? O patrão vai me matar, trai a sua confiança. Tenho que achar um jeito de poder me explicar. (*pensativo*) Já sei, chego para ele e falo: “Muito bom dia, patrão!”. (*imitando o patrão*) “Bom dia, meu bom vaqueiro, como vai o nosso Boi campeão?”. (*canastrão*) “O Boi estava um colosso, mas caiu e quebrou o pescoço”. Não, não estou sendo verdadeiro, tenho que passar confiança... (*nova imitação*) “Muito bom dia, patrão...”. “Bom dia, meu vaqueiro, como vai o nosso Boi Esperança?”. (*mais canastrão ainda*) “O senhor não sabe o que aconteceu, ele levou uma picada de cobra e na mesma hora morreu”. Essa não cola... Não sei se devo insistir. É que em nenhuma escola eu aprendi a mentir. (*aflito*) “Bom dia, meu bom vaqueiro, como vai?”. “Morreu num atoleiro! Morreu de insolação! Morreu afogado!”. Não, não, não! Mentira não combina comigo. (*a luz desaparece. ele fica num pequeno foco ao lado*) Mesmo que vá para a masmorra ou até mesmo que morra, mas a verdade eu digo. (*sai apressado*)

A luz volta. O Rei Saul e o conselheiro Joaquim Povilêu estão visivelmente nervosos com a demora da Princesa.

REI SAUL – Vejo da minha janela o sol querendo se pôr e nenhuma notícia dela...

JOAQUIM POVILÊU – Paciência, majestade, hoje a noite é de lua e os bons ventos trazem ela.

REI SAUL – Eu fui um irresponsável quando aceitei essa aposta louca. Se algo de ruim acontecer, não queira nem saber, mando você para a forca!

JOAQUIM POVILÊU – Calma, meu bom Rei, na Princesa eu confio.

REI SAUL – Por isso que entreguei a ela esse grande desafio.

A Princesa entra com o coração do Boi na mão.

DORA (*ao Rei*) – Aí está o coração, o nosso Boi está sem vida. Cumpri a minha missão, mas estou arrependida. O vaqueiro é bom cristão, honrado e trabalhador, eu lhe peço, por favor, deixe em paz a sua vida.

REI SAUL (*segurando o coração*) – Um bom cristão? Veja o que ele fez, acabou de uma vez com o meu Boi campeão...

DORA – Não foi o senhor que armou essa horrorosa trilha? Ou não confiou na sedução da sua filha? Que culpa tem o vaqueiro se o destino traiçoeiro lhe botou nessa armadilha?

JOAQUIM POVILÉU – Sabia que ele não ia resistir aos encantos da Princesa. Todos os homens daqui rendem-se à sua beleza. Que dirá um simples vaqueiro sem estudo, um grosseiro, pobre por natureza.

DORA (*sonhadora*) – Saibam que ele é poeta e canta como ninguém. E nenhum rapaz daqui tem o valor que ele tem! É simples, romântico e trata uma mulher muito bem.

REI SAUL – Está tudo bom, tudo bem, mas quero saber se você fez tudo o que lhe mandei?

DORA – Tudo. Joguei charme, seduzi, até a roupa levantei.

JOAQUIM POVILÉU – Se o povo sabe disso, desmoraliza o Rei.

REI SAUL – Por favor, bico calado... Tudo isso eu sei. (*à Princesa*) Agora me conte direitinho tudo o que aconteceu.

DORA – Assim que cheguei fui logo me deparando com um belo rapaz, ele estava cantando e me impressionou ainda mais. Então fui me aproximando para ver se ele era capaz...

Entra um Soldado do Rei e fala ao ouvido do conselheiro Joaquim Poviléu.

JOAQUIM POVILÉU – O vaqueiro do Rei está aí.

REI SAUL – Mande ele entrar. (*o Soldado sai*) Isadora, minha filha, depois a gente conversa... Vá logo se esconder, porque se ele lhe ver pode desconfiar e descobrir a armação. (*ela sai*) Quero mesmo ver se ele vai mentir ou não.

O vaqueiro entra acompanhado por quatro Soldados da corte. Entram sapateando um breve coco de roda.

REI SAUL (*fingindo*) – Boa tarde, meu bom vaqueiro.

JUVENAL – Não é uma boa tarde.

REI SAUL – O que foi que aconteceu?

JUVENAL – O Boi Esperança morreu.

REI SAUL – Foi morte natural ou não?

JUVENAL – Foi punhal no coração.

REI SAUL – E quem fez essa maldade?

JUVENAL – Fui eu, meu patrão. Quer dizer, enfeitado. Acredite ou não.

JOAQUIM POVILÉU – Conte direito essa história porque é muito alta a pena por traição.

Silêncio. Música.

JUVENAL – Soltei o boi no pasto e fui no rio descansar. Foi quando ouvi uma voz por encanto me chamar. Quando olhei, era uma linda Santa fora do altar. Saía de dentro do rio, sem sequer a roupa molhar. Foi ali, naquela hora, que começou a confusão: olhei, o Boi estava caído, todo estendido no chão, e Nossa Senhora sobre as águas levando o seu coração, bela como ninguém. E assim foi... Mal sabia ela que, além do coração do Boi, levava o meu também. Não sei como ela surgiu, nem vi como ela partiu, foi um mistério do além.

JOAQUIM POVILÉU – Por favor, que santa é essa?

JUVENAL – Santa é força de expressão. Era uma moça linda, alva como algodão... Chegou, conversou comigo, mas em verdade lhe digo, não conheço ela não.

REI SAUL – Essa moça tem linhagem, tem família... Fique sabendo o vaqueiro que ela é minha filha.

JUVENAL (*chocado*) – Eita, danação! Agora estou lascado!

JOAQUIM POVILÉU (*severo*) – Você vai ser condenado, meu pobre rapaz. (*irônico, no ouvido dele*) E palavra de Rei não volta atrás.

REI SAUL – Conforme a nossa Lei todo cidadão que comete infração recebe a sentença do Rei. Como a sua foi muito forte, receberás a pena de morte... Irás morrer enforcado no lago do Rosário. Três dias serão contados. (*a Joaquim Poviléu*) Registre no calendário.

JOAQUIM POVILÉU – Será um dia lendário... É, Vaqueiro, caíste em desgraça. Palavra de Rei não volta atrás.

JUVENAL – Eu mereço morrer, sonhei alto demais.

JOAQUIM POVILÉU (*aos Soldados*) – Levem ele para a masmorra até ser enforcado. Será daqui a três dias, conforme foi decretado. Ficaré a pão e água para deixar de ser safado.

Os Soldados vão saindo com Juvenal.

REI SAUL – Espere! Como foi um bom empregado, decente, muito honrado e cristão de muita fé, tem direito a três pedidos que por Lei serão atendidos. Pode pedir o que quiser, menos para não morrer. Se pedir, tá perdido, não posso atender. Porém, pedindo outras coisas, garanto tudo fazer. Está na Constituição. Mas, no fim de três dias, morrerá sem salvação.

JOAQUIM POVILÉU (*bajulando*) – Nunca vi um monarca tão bom assim. E ainda tem gente que o maltrata. (*aos Soldados, em referência a Juvenal*) Joguem ele na masmorra, que morra entregue aos ratos e às baratas.

Os Soldados o levam com a mesma coreografia que entraram.

REI SAUL – Perdi o Boi Esperança, perdi o meu melhor vaqueiro. Só foi ruim mesmo o desaforo, mas ganhei um bom dinheiro: (*olha para o conselheiro Joaquim Poviléu*) cinquenta moedas de ouro.

JOAQUIM POVILÉU (*nervoso*) – Majestade, depois do que ele...

REI SAUL – Palavra de Rei é lei, não volta atrás. Eu avisei... Disse que ele não mentia, você não quis acreditar.

JOAQUIM POVILÉU – Mas...

REI SAUL – Não tem mais nem menos, passa o dinheiro para cá.

JOAQUIM POVILÉU – Vou pagar. Espere um pouco mais. (*mudando de assunto*) Majestade, foi forte demais a sentença desse rapaz.

REI SAUL – Ele desonrou minha família. Viu as pernas da minha filha, o que quer mais? E lembre-se: ele não pode ficar vivo porque é vivo demais. A Princesa está balançada, está apaixonada, caída por esse rapaz. Dê fim a esse sujeito antes que seja tarde demais! Você sabe o povo como é, vão dizer que ele é Cristo em vez de Satanás.

JOAQUIM POVILÉU – Sendo assim, vou atrás! (*sai apressado*)

O Rei também sai de cena. Entra Francisco Martins de Barro, achando tudo muito engraçado.

FRANCISCO MARTINS DE BARRO (*aboiando*) – Saul não pediu para ser Rei / nem Juvenal para ser vaqueiro / a única coisa que sei / é que Deus é justiceiro. (*narrando*) E imploro a Ele, no céu, que ilumine a minha ideia para que toda esta

plateia goste do Teatro de Cordel. Não sou camelô, nem propagandista, sou um romancista de feira que veio contar esta história porque ela é verdadeira. Como vocês viram, o Rei fez uma besteira ao dar a Juvenal três pedidos. A água, o fogo e o vento. Esqueceu que o julgamento vem do Juízo Final, porque é “O Maioral” quem dirige esse espetáculo. Sem ele a coisa não anda e é aí que a propaganda derruba o obstáculo. Aí vocês vão dizer que é uma ação sintomática, uma história comum e muito melodramática. Aí eu vou responder: “Agora entra a farsa e tudo vira comédia”. Mesmo que não seja “Dell’Arte”, mas ela já fez sua parte na cultura popular. Lembra de Malasartes? De Camões, de Cancão? Pois então, agora tudo vai mudar. Mas também não vou escrachar, vou contar uma comédia com arte para quem quiser pensar. *(canta)* Pensar na sabedoria / num verso sutil com poesia / onde a rima principia / e força a imaginação. *(volta a narrar)* E é justamente Cancão que agora vou invocar, para vir me ajudar a resolver essa questão. Preste muita atenção: são vocês que vão julgar. Sabe aquele personagem Juvenal, que é vaqueiro do Rei? É homem de muita coragem, não fui eu que inventei. Ele é assim mesmo, não mente, não vive a esmo, tem caráter e é de lei. Mas agora vai virar pelo avesso, não tem fim, não tem começo; mesmo que o pior aconteça, ele vai perder a cabeça, mas vai se vingar desse Rei. Vai ser sutil em seus mandos, vai mentir, vai ser malandro, vai dançar conforme o baião. E vai aprender com Cancão um novo bê-á-bá. Quanto ao Rei, vamos ver como vai se comportar. Vingança, amor e castigo, são esses os três pedidos na cabeça do rapaz. Vou transformá-los em três atos cheios de inquisição, com luz, música e ação e, para ser mais exato, vai ter justiça e razão. *(aboindo)* Para que o fogo do inferno / fique debaixo da rede / de quem não tem coração. *(narrando)* A roda do mundo vai rodar. Cancão, desce, vem me ajudar, preciso de inspiração! Acende a luz vermelha para parecer o inferno na hora que o Cão chegar... Vamos lá! Primeiro ato, “A Vingança”! Que entrem os contrarregras para mudarem o cenário. *(entram o Rei e o conselheiro Joaquim Povilêu)* Eles entraram antes da hora, mas não faz mal. É que o Teatro de Feira é tão pobre que o artista faz contrarregagem, maquiagem, é bilheteiro e ator principal. Música, maestro! *(senta num caixote de madeira e fica num cantinho do palco, assistindo)*

Os dois atores mudam o cenário na introdução da música.

JUVENAL *(cantando em tom de ópera)* – Ah, como é cruel / o aço frio do teu punhal / do teu punhal / do teu punhal / Por que me traís / o que te fiz afinal?

REI SAUL / JOAQUIM POVILÊU *(cantando)* – Nos dias de hoje / não é normal / um ser tão puro / e tão leal!

JUVENAL *(falando e cantando)* – O que queres Judas? E tu Calabar? / Que prazer sentes em trair? / Que prazer sentes em matar? / em matar / em matar...

REI SAUL / JOAQUIM POVILÊU *(cantando)* – O que tem no meu reino / que tanto te seduz? / O que pregas ao meu povo? / Que és um novo Jesus?

JUVENAL (*cantando*) – Que culpa tenho de ser honesto? / É a minha obrigação / nunca fui muito modesto / tenho muita ambição.

REI SAUL / JOAQUIM POVILÉU (*cantando*) – És pacificador, és ouro de lei / e para o povo, és a luz / um forte candidato a rei / por isso vais morrer na cruz / para a cruz / para a cruz.

JUVENAL (*cantando*) – Nos dias de hoje / não tem mais Jesus / ninguém morre por ele / nem carrega sua cruz / chega de tanta maldade / eu não sou a verdade / nem tão pouco a luz!

REI SAUL / JOAQUIM POVILÉU (*cantando e puxando-o pelos braços*) – Para a cruz / para a cruz / para a cruz / vamos, sobe já nessa cruz!

O Rei canta enquanto o conselheiro ajuda-o a subir em alguma parte do cenário que indique uma cruz.

REI SAUL (*cantando*) – Ou preferes uma taça de veneno? / Qual das duas te seduz?

JUVENAL (*na cruz, ainda cantando. A ópera vira canção*) – Nunca fiz mal a ninguém / sou movido pela fé / meu pai disse: “faça o bem / não procures saber a quem / seja homem ou mulher”.

REI SAUL / JOAQUIM POVILÉU (*sussurrando, ainda em canto*) – Uns dizem que ele é poeta / outros que é artista / mas o que ele é mesmo / é um grande narcisista.

A luz vai sumindo lentamente e a música também. Juvenal sai da cruz, deita-se e dorme. A música some de vez no escuro da masmorra.

JOAQUIM POVILÉU (*entra trazendo a comida*) – Dorme feito um anjo. Vou me vingar agora. Ele matou minha esperança de conquistar a bela Dora. Acorda, Vaqueiro, o sol já está nas alturas. O Rei mandou comida e bebida com fartura. (*o prisioneiro desperta*) Esse sonho não foi bom, falavas, eu pude ouvir. (*baixinho*) Não sei como um condenado pode deitar e dormir.

JUVENAL – Sonhava com duas serpentes querendo me engolir.

JOAQUIM POVILÉU – Quem dorme com a barriga vazia acontece isso aí. Coma logo essa comida que a tristeza vai sumir.

JUVENAL – Deixe aí. Não tenho fome.

JOAQUIM POVILÉU – Não faça isso, homem. Ele mesmo preparou. O coitado de tristeza se consome porque lhe condenou. Por isso fez com carinho esta comida para o senhor.

JUVENAL – Sei que ele tem um bom coração, mas não mereço. Sou um traidor. Tenho que ir para a forca, ele tem toda razão.

JOAQUIM POVILÉU – Olhe pelo menos a comida. Tem feijão verde, carne de sol, buchada com pirão, bode assado na manteiga, sarapatel e leitão.

JUVENAL – Pelo que vejo ele não quer me matar na força e sim de indigestão.

JOAQUIM POVILÉU – Não diga isso, é muita ingratidão. Ele quer você de barriga cheia na hora da execução.

JUVENAL – Eu quero uma cachaça para esquecer minha triste ação.

JOAQUIM POVILÉU – Ele mandou uma das boas, de Vitória de Santo Antão.

JUVENAL – Vou tomar logo um gole e cair bêbado no chão.

JOAQUIM POVILÉU – Antes da embriaguez faça logo o primeiro pedido... Chegou a vez.

JUVENAL (*vira a garrafa*) – Senhor conselheiro, eu era muito feliz. Hoje sou um condenado e sei muito bem o que fiz: o crime de não mentir. Vou morrer daqui a três dias, o que é que vou pedir? (*bebe novamente*)

JOAQUIM POVILÉU – A Lei já foi decretada: tem que pedir qualquer coisa. Para isso ela foi criada. Peça o que vier na cabeça, mesmo que não queira nada.

JUVENAL (*toma outro gole*) – Depois do que fiz ao Rei... Quero não, Seu Poviléu.

JOAQUIM POVILÉU – Lei é Lei. É como a vida. Seja aqui ou no céu tem que ser cumprida.

JUVENAL – Não sei o que pedir...

De repente, ele muda de comportamento. Ri à toa, coça a cabeça, brinca com o conselheiro Poviléu, pula e dança frevo.

JOAQUIM POVILÉU – Danou-se, o homem endoidou!

JUVENAL (*volta ao normal*) – Desculpe, senhor conselheiro, toda vez que bebo é assim. (*preocupado*) Mas agora foi diferente... Alguma coisa entrou em mim.

JOAQUIM POVILÉU – Então, homem, faça logo o seu pedido. Deixe de ser ruim.

JUVENAL (*com a voz diferente*) – Então lá vai! Preste muita atenção: eu quero as minas de ouro que foi do Rei Salomão e que hoje pertencem ao Rei, e só eu sei como ele passou a mão... (*gesticula*)

JOAQUIM POVILÉU (*chocado*) – Só mesmo estando bêbado... Isso é coisa do Satanás! Vaqueiro, você está doido? Um pedido desse não se faz...

JUVENAL – Escrituradas em cartório, só assim me satisfaz. Não pense que sou besta: (*no ouvido dele, com a mesma ironia*) palavra de Rei não volta atrás...

JOAQUIM POVILÉU (*ao público*) – Agora me lasquei. O que vou dizer ao Rei? Ele vai me matar... Oh, pedido condenado. O Rei também está lascado, vai ter mesmo que dar.

JUVENAL – Agora estou com fome, a barriga está roncando. Passa a comida para cá!

Parte para cima dos pratos e pega a comida com a mão. Lambuza-se todo. Fala de boca cheia, bate na barriga, arrota e canta.

JOAQUIM POVILÉU (*em pânico*) – Já vi essa cena... Em algum lugar. Está me lembrando Cancão, aquele amarelo vulgar num almoço que o Rei mandou lhe convidar. E ele jogou farofa para cima para a Rainha pegar.

JUVENAL (*joga uma perna de galinha para ele*) – Segura aí, conselheiro, não deixe cair no chão! Nunca vi coisa tão boa como essa refeição. Tem comida para uma semana, dá para alimentar um batalhão.

JOAQUIM POVILÉU – Se eu não fosse católico diria que é uma reencarnação. (*morde o pé de galinha*)

JUVENAL – E a cachaça? Tome um golinho também.

JOAQUIM POVILÉU (*com o pé de galinha na boca*) – Não! Sou abstinente.

JUVENAL – É feio falar com a boca cheia. O senhor é um conselheiro do Rei!

JOAQUIM POVILÉU – Deixe a vida alheia, que isso eu sei. Agora me faça o favor de responder: para que quer tanto ouro se daqui a três dias vai para a forca morrer?

JUVENAL (*dá um gole na cachaça*) – Morro aliviado e com Deus no coração. Vou chamar o escrivo e passar tudo para os pobres e miseráveis, sem nenhuma exceção, para que eles tenham casa e comida, saúde e educação. E, se possível, um pouco de cultura, que faz bem ao cidadão.

JOAQUIM POVILÉU (*para si*) – Vou embora daqui que ele está certo e com razão. Quero ver o Rei sair dessa enrascada do Cão. (*foge*)

A luz cai. Fica o foco de Francisco Martins de Barro, sentado em seu caixote de madeira, lendo um folheto de cordel.

FRANCISCO MARTINS DE BARRO (*com toda dramaticidade*) – O conselheiro voltou sentindo até palidez e dizendo: “Ele está louco ou então é a embriaguez. O nosso Rei soberano vai se morder dessa vez”.

Surge um foco de luz colorido no lado oposto, nos aposentos do Rei. O conselheiro Joaquim Poviléu entra aflito. Francisco Martins de Barro gesticula. A cena acontece como se estivesse sendo narrada por ele. Aos poucos a luz vai sumindo. Ficam os dois.

JOAQUIM POVILÉU (*gago*) – Majestade, se prepare, o senhor vai cair para trás! O sujeito, além de vigarista, é esperto demais. Tem parte com o Cão... Sabe o que ele pediu? As minas de ouro do seu pai, o Rei Salomão. Este foi só o primeiro pedido... Imagine o segundo, a confusão... Meu Rei, o senhor está perdido nas malhas desse ladrão.

REI SAUL – Conselheiro, controle-se, não me faça medo não. Oh, vaqueiro condenado... E para que ele quer todo o ouro da Nação se vai morrer enforcado, em três dias, sem perdão?

JOAQUIM POVILÉU – Vai doar tudo ao povo. Fez discurso, disse a razão...

REI SAUL (*tenso*) – Não é um sujeito qualquer, ele tem opinião. Oh, pedido condenado... Você tem certeza, não ouviu errado?

JOAQUIM POVILÉU – Ele quer tudo em cartório, muito bem escriturado, com firma reconhecida e carimbo registrado.

REI SAUL (*ao público*) – Botou pra lascar.

JOAQUIM POVILÉU – E o pior é que o senhor vai ter que dar.

REI SAUL – Eu sei... Sou um Rei, não precisa me lembrar. Oh, Lei condenada... Mas ele vai me pagar, ora se vai. Todo o ouro da Nação? As minas do Rei Salomão? Coitado do meu pai, não teve sorte não. O ouro, de novo, nas mãos do povo... Só sendo uma maldição! Oh, povo condenado... Mas eu mesmo sou o culpado, não tinha que ter decretado essa Lei para a Nação.

JOAQUIM POVILÉU – E agora, meu Rei, o que vamos fazer?

REI SAUL – Não sei. Que conselheiro é você?

JOAQUIM POVILÉU – Posso dar uma sugestão...

REI SAUL – Não! Vamos esperar o segundo pedido para ver se tem solução. Mas cuidado com o sujeito, chegue lá com muito jeito, ardiloso, dando atenção, para ver se ele não faz outro pedido desse deixando em miséria a Nação.

JOAQUIM POVILÉU – Quando for amanhã cedo eu chego lá, sem medo, e faço a encenação. Pode ficar descansado.

REI SAUL – E não me apareça aqui com outro pedido desgraçado!

Cai a luz. Fica o foco de Francisco Martins de Barro lendo o folheto.

FRANCISCO MARTINS DE BARRO – E assim o Rei malvado mandou o seu conselheiro preparar bem o Vaqueiro para um pedido moderado. Mas ficou preocupado, tenso, deprimido, com medo que o segundo pedido deixe o reino fracassado. (*fecha o folheto*) Vamos ver o resultado: 2º ato: “O Amor!”

O conselheiro Joaquim Poviléu chega na masmorra e encontra Juvenal bem à vontade, se fartando na comida.

JOAQUIM POVILÉU – Bom dia, como vai o senhor? Está comendo há dois dias e ainda não se fartou?

JUVENAL – Não, doutor. Onde eu moro não tem comida e nem água para beber. É a pior coisa da vida, não queira nem saber. Não existe verão, inverno...

JOAQUIM POVILÉU – Que lugar é esse?

JUVENAL – É parecido com o inferno. Só tem calor e insolação.

JOAQUIM POVILÉU – Eu vim em nome do Rei, aquele que foi seu patrão, pedir em nome da Lei e da sua educação que faça o segundo pedido, mas que tenha sentido e muita moderação. Um daquele não faça mais porque ele ficou irado, pior do que Ferrabraz.

JUVENAL (*arrotando*) – Pode ficar descansado, não quero mais nada não. O ouro só já me basta para fazer a grande ação.

JOAQUIM POVILÉU – Cumpra com o seu dever: amanhã você morre, não tem para onde correr. E o segundo pedido é obrigado a fazer.

JUVENAL (*limpa a boca com o braço e levanta-se*) – Já que a Lei exige vou fazer sem nenhum constrangimento. Quero casar com a filha do Rei. Peço a mão dela em casamento! Não pense que é esperteza, é que casar com uma princesa é sempre um grande acontecimento.

JOAQUIM POVILÉU – Valei-me, Nossa Senhora! Oh, pedido condenado... E o que faço agora? Se disser isso ao Rei, ele cai duro, na hora. (*a Juvenal*) Eu lhe peço, por Jesus, não faça um pedido assim, me livre dessa cruz, tenha pena de mim. Se eu contar isso ao Rei ele manda me dar fim.

JUVENAL – A escola da vida é assim: tem começo, meio e fim. Use a sua esperteza. Quero que o mundo saiba que vou casar com a princesa.

JOAQUIM POVILÉU – Você é um bom rapaz...

JUVENAL (*ri*) – Lembre-se, palavra de Rei não volta atrás. Me diga, conselheiro, ela não é linda?

JOAQUIM POVILÉU – Demais.

JUVENAL (*sonhando*) – É bela como uma santa. Não consigo esquecer.

JOAQUIM POVILÉU – Eu só quero saber: para que casar com a princesa sabendo que amanhã vai morrer?

JUVENAL – Você não imagina o prazer. Uma noite com a princesa... Aí eu posso morrer, sem remorso, sem tristeza. E se for noite de lua será maior o desafio. Vamos sair correndo na rua e tomar banho no rio. Vá ligeiro, conselheiro, e reúna a realza. Mande o Rei chamar o padre e preparar a igreja, quero música e muitas flores e todos os bajuladores beijando os pés da princesa.

JOAQUIM POVILÉU (*transtornado*) – Que Jesus Cristo me proteja...

Sai cabisbaixo. A luz vai caindo lentamente. Fica um foco em Francisco Martins de Barro.

FRANCISCO MARTINS DE BARRO (*meio violeiro, meio cantador*) – O conselheiro voltou / calado, triste e sisudo / se mordendo de raiva / e arquitetando um estudo / chegou na corte dizendo / agora danou-se tudo...

Entra a luz geral. Vê-se uma barraca de mamulengos, onde tudo é de época: cortinas, cenário e adereços. As roupas dos bonecos são semelhantes às dos atores. Francisco Martins de Barro apanha o caixote velho de madeira, vai para frente da barraca e senta-se para assistir a brincadeira. Música.

BONECO DO REI SAUL (*com uma espada na mão*) – O que foi que danou-se? Vamos, diga, por favor, que hoje estou com o Diabo no couro: deu boa noite, apanhou! (*agitado, correndo de um lado para o outro*)

BONECO DO JOAQUIM POVILÉU (*aparece, morrendo de medo*) – Bom dia, majestade! Vejo que tem bom humor.

BONECO DO REI SAUL – Bom dia o quê, sujeito? Não está vendo a escuridão? E o meu humor é desse jeito, não tenho outro não... (*ameaça-o com a espada*) Vamos, fale, senão arranco o seu coração!

BONECO DO JOAQUIM POVILÉU – Eu não vou falar...

BONECO DO REI SAUL (*ameaçador*) – Fale!

BONECO DO JOAQUIM POVILÉU – Eu não vou contar.

BONECO DO REI SAUL (*violento*) – Conte!

BONECO DO JOAQUIM POVILÉU – O senhor não vai gostar.

BONECO DO REI SAUL (*recuando*) – Então não conte. (*arreia num canto*)

FRANCISCO MARTINS DE BARRO (*cortando*) – Mas você tem que falar. É homem ou não é?

BONECO DO JOAQUIM POVILÉU – É por dia, não sabe... Um dia sou homem, outro sou mulher. Mas o lambedor é o mesmo, serve para quem vier.

FRANCISCO MARTINS DE BARRO – Tenha vergonha, sujeito! Está escrito no papel. Siga o texto direito!

BONECO DO JOAQUIM POVILÉU – Ah, é? E se ele me furar com essa espada?

FRANCISCO MARTINS DE BARRO – Isso não é de nada. E depois, quem está escrevendo esse cordel sou eu.

BONECO DO JOAQUIM POVILÉU – Ah, e é? E como estou?

FRANCISCO MARTINS DE BARRO (*exaltado*) – Tem que melhorar a postura! Esses versos têm humor... Cuidado com a dicção, fale alto, por favor. Respire no fim da frase, tenha mais coordenação... Cadê o seu sentimento? E a sua criação? Não estou vendo as máscaras. Mostre esse personagem na sua interpretação! Seja homem, tenha coragem, você é um mestre na função!

BONECO DO JOAQUIM POVILÉU – Ah, é assim?

FRANCISCO MARTINS DE BARRO – É.

BONECO DO JOAQUIM POVILÉU (*estufa o peito*) – Então lá vai... Seu Rei!

BONECO DO REI SAUL (*botando fogo pela venta*) – O que foi?

BONECO DO JOAQUIM POVILÉU – Eu não quero ser enxerido. Mas o senhor quer mesmo saber qual foi o segundo pedido?

BONECO DO REI SAUL – Homem, fale logo, senão acabo com a sua raça! Eu vou arrancar o seu fígado para tomar com cachaça...

BONECO DO JOAQUIM POVILÉU – Se é assim, então lá vai a desgraça! (*fala bem rápido*) O segundo pedido dele vem com uma ameaça: quer casar com a princesa e não tem cristão que desfaça! Mandou pedir a mão dela e até a febre amarela, se for para lá, ele traça. (*o Rei sobe, treme e cai desmaiado*) Seu moço, o homem morreu...

FRANCISCO MARTINS DE BARRO – Morreu nada, isso é safadeza!

BONECO DO JOAQUIM POVILÉU – Ah, é? Majestade! Ô Majestade, levanta! Vem se é homem, me topa! Você não diz que é Rei de espada? Hum... Você é Rei de copa! (*gesticula*)

FRANCISCO MARTINS DE BARRO – Está vendo como é fácil ser valente? É só seguir o enredo. Agora não tem nada em sua frente que lhe faça sentir medo.

O Rei desperta atordoado.

BONECO DO REI SAUL – Eita, paulada da gôta, quase quebra minha cabeça! Quem foi, conselheiro Poviléu?

BONECO DO JOAQUIM POVILÉU – O céu.

BONECO DO REI SAUL – E por que justo comigo?

BONECO DO JOAQUIM POVILÉU – Castigo.

BONECO DO REI SAUL – E ele é meu inimigo?

BONECO DO JOAQUIM POVILÉU – Hum... Antigo.

BONECO DO REI SAUL (*mete-lhe a espada na cabeça*) – Mude essa rima atrevido! Pensa que não escutei... Tome no pé do ouvido, prove a espada do Rei! (*corre atrás dele com a espada na mão*)

BONECO DO JOAQUIM POVILÉU – Ai, meu Deus! Me lasquei! (*e tome porrada*)

BONECO DO REI SAUL – Tome mais, filho da mãe! Tome... tome!

BONECO DO JOAQUIM POVILÉU – Está bom, meu Rei... Já apanhei! (*toma a espada dele*) Agora é a minha vez... (*sai correndo atrás dele*) Tome, seu Rei de copa! Vou lascar seu fiofô... Seu pé do ouvido hoje topa nas malhas do meu cipó!

Música bem alegre. Atracam-se, o pau come, a poeira sobe. Depois de muito cacete, caem, um para cada lado, botando a língua para fora. O Rei tosse e escarra em cima de Joaquim Poviléu, morto de cansado.

BONECO DO JOAQUIM POVILÉU – Olhe a compostura...

BONECO DO REI SAUL – Tem alguma coisa errada em mim. Eu não sou boneco para estar agindo assim, dando peteleco, isso é muito ruim. Só pode ser brincadeira. Como é que pode uma alteza com título de nobreza virar boneco de feira?

BONECO DO JOAQUIM POVILÉU – E daqueles bem safados da Feira de Caruaru, que por falta de mulungu foi feito do pior papel, aquele de limpar o cu.

BONECO DO REI SAUL – Quem lhe deu a ousadia de falar assim comigo?

BONECO DO JOAQUIM POVILÉU (*aponta*) – Foi aquele amarelo ali. (*Francisco Martins de Barro vira-se para não ser reconhecido pelo Rei*) Ele disse que é seu amigo.

BONECO DO REI SAUL – E eu lá tenho amigo corno...

BONECO DO JOAQUIM POVILÉU – Ele não é corno, não!

BONECO DO REI SAUL – É. E do entorno.

BONECO DO JOAQUIM POVILÉU – Deixe de ser fuleiro... Respeite o cidadão!

BONECO DO REI SAUL – E você também é corno.

BONECO DO JOAQUIM POVILÉU – A majestade também.

BONECO DO REI SAUL – Sujeito, respeite o Rei.

BONECO DO JOAQUIM POVILÉU – Respeito é pra quem tem!

O pau quebra de novo. A música volta. Depois de muito sopapo, eles arreiam e saem para fora da barraca com os bonecos nas mãos. Francisco Martins de Barro, puxa o caixote e volta para o seu lugar.

JOAQUIM POVILÉU – O senhor perdeu o controle, majestade. Não faça isso não.

REI SAUL – Não sei o que aconteceu. (*com nojo*) O que faz esse boneco vestido na minha mão? (*tira e joga fora*)

JOAQUIM POVILÉU – O senhor é o monarca dessa grande Nação, tem que manter a classe e ter mais educação. Sou conselheiro e ministro dessa corte, na frente de tudo estou. Não quero mais barulho, esse conselho lhe dou. Se não queria essa Lei, por que a decretou? Não tem arrependimento, o castigo veio do céu e antes do enforcamento vai ter a lua de mel.

REI SAUL – Ouça, meu bom conselheiro, o único consolo do Rei é ver aquele vaqueiro morrer fora da lei. Foi um golpe cruel, partiu o meu coração. Penso na lua de mel no ouro da Nação. (*com ódio*) Penso também na justiça que faria com as próprias mãos...

JOAQUIM POVILÉU – O Rei tem toda razão, mas antes tem o terceiro pedido e esse é o xis da questão.

REI SAUL (*desiludido*) – Para mim tanto fez como tanto faz. Já perdi o meu ouro, a minha filha, e principalmente a minha paz. O que posso perder mais? E depois, esse último pedido não pode ser pior que os demais.

JOAQUIM POVILÉU – Como é que vamos saber? Amanhã completam-se os três dias e ele tem hora para morrer. Vou logo cedo para a prisão para ele me dizer. Se vai ser uma tragédia ou não isso vamos ver.

REI SAUL (*dramático*) – Vá, meu conselheiro, depois venha me dizer.

JOAQUIM POVILÉU – Vou correndo, majestade, e se o pior acontecer prepare um plano covarde que executo com prazer.

Cai a luz. O foco volta para Francisco Martins de Barro, em pé, no velho caixote de madeira, com o folheto na mão.

FRANCISCO MARTINS DE BARRO – O conselheiro Poviléu ficou valente e virou gente afinal. Agora tem pela frente o seu maior rival e desconhece o mistério desse pedido final. (*fecha o folheto*) Terceiro ato: “O Castigo!”. (*sai*)

A luz vai subindo lentamente. Joaquim Poviléu fica por trás do cenário e bota o boneco para falar com Juvenal, que dorme acorrentado no chão da masmorra.

BONECO DO JOAQUIM POVILÉU – Ei, está acordado? Chegou o seu dia... Satanás está lhe esperando na sua nova moradia.

JUVENAL (*despertando*) – Quem está falando?

BONECO DO JOAQUIM POVILÉU – Está cego? Não está vendo? A corte está se acabando no mais tremendo alvoroço por sua causa e o monarca... (*Joaquim Poviléu puxa o boneco e aparece*)

JOAQUIM POVILÉU – Quase me arranca o pescoço...

JUVENAL – Ah, deixou de ser boneco, agora é de carne e osso?

JOAQUIM POVILÉU – Olhe, não tenho tempo a perder. Vou ser curto e grosso: faça logo esse pedido que angu não tem caroço!

JUVENAL – Sou vaqueiro, mas tenho tino, me responda primeiro: qual vai ser o meu destino? Porque quem mata um boi não pode ser assassino. E o meu crime qual foi?

JOAQUIM POVILÉU – Não foi de traição porque você não mentiu, com certeza. Mas foi perante a Nação porque viu as pernas da princesa.

Tempo. Silêncio.

JUVENAL – Então esse último pedido vai ser de amargar. Vou invocar Édipo, que também é popular. Preste atenção, conselheiro, para o meu último pedido: diga lá na realza que fure os olhos do bandido que disse que vi as pernas da princesa.

JOAQUIM POVILÉU (*em pânico*) – Se não me engano quem falou isso foi o nosso soberano... Pode ficar certo disso, vai ter incêndio nas águas do oceano.

JUVENAL – O senhor já tem o resultado. Se foi o Rei ou não, é dele a decisão. Quero os dois olhos furados diante da multidão.

JOAQUIM POVILÉU – É hoje que o castelo pega fogo. (*sai abatido*) Adeus, meu rapaz.

JUVENAL – Conselheiro: palavra de Rei não volta atrás.

Joaquim Poviléu baixa a cabeça e sai. Anoitece. Num canto qualquer do castelo, a princesa, tomada pela saudade, lembra de Juvenal e canta toda a sua tristeza. Enquanto ela canta, um foco de luz em penumbra projeta no fundo do palco a figura dele na prisão.

DORA (*cantando*) – Este Castelo é muito triste / prende meus pés, minhas mãos / e toda noite insiste / quer matar minha ilusão / acorrentou meus segredos / nas grades de uma paixão / só de pensar tenho medo / não quero sofrer mais não / pegou os meus sentimentos / e pela janela jogou / ia passando o vento / e bem para longe levou / onde está o meu amor? / Ô, ô, ô, ô / o vento me responda, por favor.

DORA / JUVENAL (*cantando*) – Plantei todos os meus sonhos / nas paredes dessa prisão / nasceu um pé de saudade / dentro do meu coração / calejou, virou tristeza / e hoje é solidão.

A luz vai sumindo. Nos labirintos do castelo, em meio a escuridão, uma réstia de luz mostra em sombra as figuras do Rei Saul e do conselheiro Joaquim Poviléu inquietos, falando baixinho, quase sussurrando.

JOAQUIM POVILÉU – Nunca mais baixe um decreto desses! Para não ficar desmoralizado, para não ferir interesses dentro do seu reinado... (*o Rei sempre atento*) Um Rei não pode ser indeciso, senão vão dizer que ele é fraco ou que perdeu o juízo. Já está tudo preparado e toda a corte avisada. Ele não pode ser enforcado porque não viu nada. Não tem ninguém para provar. (*ironizando*) E morrer de olhos furados, antes da hora chegar, é melhor servir de besta para o Diabo montar. A princesa mesmo disse que ele nem olhou para ela.

REI SAUL – Continua a mesma santa, a mesma donzela.

JOAQUIM POVILÉU (*ardiloso*) – Se não tem prova, não tem crime. Sem crime está decidido, ele não pode ser condenado. Aí o Rei não é obrigado a cumprir os três pedidos.

REI SAUL – Caso resolvido...

JOAQUIM POVILÉU – A conta já está somada, vamos soltar o rapaz e dar a questão por acabada. Está tudo dentro da Lei, dos princípios da Nação.

REI SAUL (*puxa o conselheiro para junto do público, onde não tem quase luz*) – Lembra-se do que lhe falei? (*gesticula*) Justiça com as próprias mãos! Só Deus sabe o que passei... Essa é uma boa hora, aproveite a madrugada, leve os seus homens agora e comece a paulada! Quando o dia amanhecer, deixe o povo ver que ele foi libertado. Ele vai sair muito fraco, aí, joguem-no dentro de um saco, amarrem bem a boca e levem-no para os penhascos que tem no Alto do Monte! (*vingativo*) Toda desgraça é pouca! Empurre-o de ladeira abaixo, do lado das casas de lá... Quero ver se ele é macho para aguentar essa roleta! Rolando sobre as pedras, sobre espinhos e gravetos feito uma bola maluca... E cair lá dentro, bem no fundo do rio Ipojuca.

JOAQUIM POVILÉU – Dessa vez ele se machuca...

Saem rapidamente e somem na escuridão. A noite parece não ter fim. Na masmorra, ouve-se o rangido de portas de ferro se abrindo. Juvenal desperta e é atacado por homens com máscaras de Papangu, vestidos de mendigos.

HOMEM 1 (*batendo nele*) – Agora você me paga, Satanás!

HOMEM 2 (*chutando-o*) – Tome! Para deixar de ser atrevido!

HOMEM 3 (*irônico*) – A palavra do Rei voltou atrás!

HOMEM 4 – Dá no pé do ouvido...

HOMEM 1 – Chuta esse safado!

HOMEM 2 – Ele já está todo cagado.

HOMEM 3 – Duvido...

HOMEM 4 – Bate na cabeça!

HOMEM 1 – Chuta a barriga!

HOMEM 2 – Bate nas costas!

HOMEM 3 – Chuta! Chuta!

A luz sobe. O dia começa a amanhecer.

HOMEM 4 – Para! Vamos parar senão o povo escuta.

Disfarçam e vão saindo. De repente, voltam e caem novamente de pau sobre ele.

CORO FEMININO (*cantando*) – Isso não se faz / isso nasce feito / arroche o pau / no lombo do sujeito / pra dançar forró / é preciso ter jeito / é assim o forró em Caruaru / cai, cai, cai, cai / castanha do caju / é assim o forró em Caruaru / cai, cai, cai, cai / castanha do caju / se matar o cabo / deixem o sargento / se for arranca rabo / deixem o jumento / apaguem o candeeiro / deixem a escuridão / matem o tenente / mas deixem o capitão.

Depois da surra eles enfiam Juvenal num saco, amarram e o levam pendurado em duas varas, num ritual sacrossanto. Francisco Martins de Barro entra e segue o cortejo de longe. No meio do palco, ele para e vai ao público.

FRANCISCO MARTINS DE BARRO (*cantando um canto gregoriano*) – Isso lembra Jerusalém / mas sem o sacrário / o dia mal clareou / e já começou o calvário. (*conversa com a plateia*) Nada igual ao de Jesus, nem se compara. Ele carregava uma cruz, esse é carregado na vara. Essa minha comparação mostra como o ser humano é pobre, como tem contradição... Não sei como ele pode chamar alguém de irmão. Os soldados são os mesmos e a fama também, e o cortejo é

igual àquele de Jerusalém: vão crucificar um coitado que nem sequer vida tem. Cai aqui, cai acolá, é sempre a mesma agonia, um consegue se levantar com a ajuda da Virgem Maria e o apoio de São Simão; e o outro, na primeira queda, só tem a ajuda de Cancão. *(dá as costas e sai)*

O cortejo continua.

HOMEM 1 – Vamos parar por aqui, não estou mais aguentando.

HOMEM 2 – Já faz mais de duas horas que nós estamos andando.

HOMEM 3 – Nunca vi um sujeito tão pesado, estou me lascando...

HOMEM 4 – E ainda faltam dez léguas pra gente chegar.

HOMEM 1 – Ah, se for desse jeito eu não vou aguentar...

HOMEM 2 – Então vamos parar...

HOMEM 3 – Olha lá! Aquela não é a bodega de Pedro Contente?

HOMEM 4 – É...

HOMEM 1 – Vamos lá! Deve ter aguardente e alguma coisa para comer.

HOMEM 2 – E esse condenado?

HOMEM 3 – Deixa ele aí, no sol quente... De todo jeito vai morrer.

HOMEM 4 – Vamos, mas não podemos demorar. Estou doido para chegar no Monte para ver o desgraçado rolar...

HOMEM 1 – Vamos embora que a sede está de lascar...

Saem todos e deixam Juvenal dentro do saco, na beira da estrada.

JUVENAL *(gritando)* – Ei! Tirem-me daqui! Estão me ouvindo? Eu quero sair... Na próxima encarnação eu quero ser galo, é muito melhor. É só comer galinha e fazer có-có-ri-có. Tem alguém aí? Eita, que eu vou morrer nesse sol!

Ouve o barulho de uma boiada se aproximando. É o fazendeiro Sebastião Rufino, que leva o seu gado para o pasto.

FAZENDEIRO *(montado em seu cavalo, aboiando)* – Ê gado, ê / ouça bem este meu mote / ele traz muita alegria / é relâmpago no serrote / em noite de cantoria / ê gado, ê / ê boi!

JUVENAL *(dentro do saco)* – Não caso, não caso e não caso! Não adianta que eu não vou casar! Só porque é filha do Rei pensa que vai me comprar! Não caso, não adianta forçar...

O Fazendeiro, curioso, desce do cavalo e vai até ele.

FAZENDEIRO – Moço, o que está fazendo aí, dentro desse surrão?

JUVENAL (*brabo*) – É safadeza! O Rei quer me casar apulso com sua filha, a princesa. Ele fez um juramento quando a Rainha morreu, disse que fazia o casamento dela com um plebeu quando ela completasse 20 anos. E foi o que aconteceu. O que é que eu faço agora, me diga por Nossa Senhora?

FAZENDEIRO – Não quer ser genro do Rei, nem casar com a princesa Isadora? Uma moça bonita daquela...

JUVENAL – Dizem que ela é linda, parece um querubim. E as pernas mais ainda, duas torres de marfim.

FAZENDEIRO – E você não casa, mesmo assim?

JUVENAL – Moço, vamos encerrar esse assunto. Se for para casar, prefiro a “cidade de pé-junto”.

FAZENDEIRO – Então deixe eu ir no seu lugar e leve a minha boiada! Casado com a princesa, não vou precisar de mais nada.

JUVENAL – Vou fazer um negócio, mas não diga nada a ninguém. Você me dá a boiada e uma nota de cem, porque devo ao agiota, dono do armazém.

FAZENDEIRO (*feliz da vida*) – Negócio fechado!

JUVENAL – Abra logo esse saco e entre desassombrado. (*o Fazendeiro abre o saco e ele sai*) Ligeiro, homem...

FAZENDEIRO (*tentando entrar no saco*) – Está muito apertado...

JUVENAL (*ajudando-o*) – Pronto, já passou a barriga, o resto entra folgado. (*segura-o*) Êpa! Passa para cá o dinheiro, conforme foi combinado.

FAZENDEIRO (*tira do bolso*) – Eis a nota de cem e este é o papel do gado... É seu e de mais ninguém. (*entra no saco*)

JUVENAL (*amarra-o com força*) – Pronto, está amarrado. Ninguém vai desconfiar. (*batendo na cabeça dele*) Quando encontrar com a princesa, não esqueça de avisar: diga que lhe mando um abraço, mas que não quero casar. (*monta no cavalo*) Adeus, obrigado pela cortesia, infelizmente o seu dia hoje foi de azar. (*sai levando a boiada*) Ô boi... Ô boi...

Os homens do Rei entram simultaneamente, todos embriagados. Pegam o surrão e saem cantando numa coreografia inusitada.

TODOS OS HOMENS (*cantando*) – Esse aqui mexeu numa cumbuca / vai tomar banho no rio Ipojuca / onça velha que com vara se cutuca / bebe água do rio Ipojuca / quem cai da pedra se machuca / e mergulha no rio Ipojuca.

Saem. Entra Francisco Martins de Barro lendo o folheto.

FRANCISCO MARTINS DE BARRO – Juvenal pegou seu gado e começou a negociar. Trocava dez bois aqui, vinte vacas acolá, comprou carneiros, cabritos, investiu num pasto bonito e toca os bichos engordar. E não passou muito tempo, veio Juvenal enriquecer. Tornou-se o fazendeiro mais rico da região... Como tinha muito dinheiro botou tudo no algodão, foi um lucro tão danado que o dinheiro depositado não cabia nos cofres da Nação. Pagava tanto imposto que chamou do Rei a atenção. E foi o que aconteceu: o monarca ficou se perguntando...

Corte de luz. O Rei está em seus aposentos, de camisola e touca, com uma vela acesa na mão.

REI SAUL – Quem é esse forasteiro? Será algum fazendeiro mais rico do que eu? Será que existe esse alguém? Não, fortuna igual a minha nesse mundo não tem. Mas por que ele paga os impostos em dia? Uma vultuosa quantia e sem nenhuma enrolada? Enquanto eu, o Rei, não pago nada. Sei que é uma safadeza, mas fazer o quê, se é uma tradição da nobreza? (*preocupado*) Quem é esse camarada, como foi que ele apareceu aqui? Ah, vou descobrir... Amanhã, logo cedo, vou lá fazer uma visita. É sério, uma visita de cortesia. Chego lá, dou bom dia e descubro logo o mistério. Mato a curiosidade... Não sei se ele é velho, se é moço. Um Rei precavido tem que saber o tamanho da corda e a largura do pescoço!

Apaga a vela. A luz volta para Francisco Martins de Barro, vestido de retirante com um saco de viagem às costas. Usa meia máscara de feira para não ser reconhecido.

FRANCISCO MARTINS DE BARRO (*tirando a máscara*) – Agora chegou a hora daquela lição de vida que está nas Escrituras. Vamos saber como se comportam essas duas criaturas... Juvenal, hoje mora numa fazenda bem servida, tem açudes, muito pasto e mata virgem protegida. O gado é só da raça zebu e dentro tem um riacho cheio de mel de urucu. Comprou por muitos milhões. Era a terra dos barões que fundaram Caruaru. Como é um personagem e fui eu quem criei, conheço bem a coragem, porém a alma não sei. Agora quero ver o que ele tirou de lição, além daquelas espertezas ensinadas por Cancão. O Rei, não sei não... Quanto mais boto rédias, mas ele escapa da mão. É do tipo do personagem que não tem definição. Parece aquele anjo, cria do Salvador, que mais tarde rebelou-se contra o seu Criador. (*respira aliviado*) Chegou o grande momento! Vou deixar os dois à vontade... O que eles fizerem agora é realmente a verdade, aí nós vamos saber quem vai para a eternidade. Os personagens são meus, mas o fim quem dá é Deus. Estou assim de retirante disfarçado para servir de testemunha e registrar o traslado, porque só entra no céu quem for de papel passado. Vou ali e volto já para dizer o resultado. (*põe a máscara. Luz geral*)

RETIRANTE – Ô de casa?!

JUVENAL – Ô de fora?!

RETIRANTE – Sou um pobre retirante, estou com sede e com fome, bendito seja esse instante!

JUVENAL (*aparece vestido de fazendeiro*) – Bendita seja essa hora. Seja bem-vindo, agonizante, em nome de Nossa Senhora.

RETIRANTE – Com a sua permissão, vou me aproximar. (*vai até ele*)

JUVENAL – Entre, a casa é sua. Arrei o saco e pode descansar.

RETIRANTE – O dia está muito bonito, mas o sol está mais quente.

JUVENAL – De onde vem retirante?

RETIRANTE – Das bandas de Vertente. Já andei mais de dez léguas debaixo desse sol incrementado.

JUVENAL – Foi Deus que botou você nesse caminho. Acabou seu sofrimento, pegue o saco e encha de mantimento. Pegue o que quiser... Tem carne seca, feijão, tem farinha, tem batata, mandioca e tem galinha, leve o que puder. E água tem à vontade. Se quiser peixe, é só jogar o jereré. E quando tudo se acabar pode voltar se quiser. (*com a mão no ombro dele*) Leve semente também para o seu roçado. Esse ano a chuva vem, e se Deus quiser vai ter fartura para todo lado.

RETIRANTE – O céu vai lhe dar em dobro. Muito obrigado.

Entra o Rei Saul, montado em seu cavalo branco, cheio de pose e de arrogância. Juvenal dá as costas para ele. O retirante corre e ajoelha-se aos pés do monarca.

RETIRANTE (*curvando-se*) – Majestade... Pise em minhas costas para descer do cavalo. Aceite a proposta desse pobre vassalo.

REI SAUL (*chuta-o*) – Sai para lá, cu de grude! É muita pretensão. Para sujar o meu sapato, prefiro pisar no chão. Por certo, incomoda o cavalheiro com esse cheiro de gambá... (*chicoteia-o*) Vamos, fora desse terreiro, vai pastar noutro lugar! (*o Retirante corre amedrontado e esconde-se atrás do saco. Para Juvenal*) Muito bom dia, senhor, desculpe a exaltação, ia passando na estrada e presenciei essa ação. O nobre sendo agredido por essa figura do Cão. Mas já está resolvido, não tenha mais medo não. (*Juvenal não lhe dá atenção e continua de costas*) São bonitas suas terras, seu gado, sua mansão... E mais bonito ainda é o plantio de algodão. São quantas léguas da planta, mais de um milhão? (*passeia. Ficam de costas, um para o outro*) Soube que o cavalheiro vai inaugurar uma fábrica de tecidos aqui no Caroá para aproveitar a mão-de-obra ociosa do lugar, é verdade? E que a chaminé vai ser tão alta que será vista de qualquer ponto da cidade? (*viram-se e ficam frente a frente*)

JUVENAL – Não só a fábrica... Vou construir duas bolandeiras para tratar o algodão, uma ferrovia para carregar o feijão e um açude para gerar energia e

iluminar toda essa região. Tudo igualzinho ao Sul. É o progresso chegando nas terras de Caruaru!

REI SAUL (*pasmo, de boca aberta*) – Não acredito no que estou vendo. É você?

JUVENAL – Fure os olhos se não quiser ver.

REI SAUL – Não me fale nessa palavra... Você quase me enlouqueceu.

JUVENAL – Isso é coisa do passado. Para mim, já morreu.

REI SAUL (*sarcástico*) – Parece que você está mais rico do que eu?

JUVENAL – O que é isso, soberano? Tudo que tenho foi o senhor quem me deu.

REI SAUL – Eu? E eu sou lá homem de dar alguma coisa a alguém?

JUVENAL – Pois bem. Lembra-se daquele saco que os seus homens levaram lá para o alto do Monte, aquela coisa maluca?

REI SAUL – Vou mandar matar todos eles. Me garantiram que lhe jogaram de cima do penhasco, dentro do Rio Ipojuca.

JUVENAL – E foi verdade. Me empurraram de ladeira abaixo dentro daquele surrão, como se fosse um cão por cima dos espinhos... Porém, no meio do caminho, ouvi uma voz dizendo: “Por aqui... Por aqui...”. Aí eu dei um jeito no corpo e fui pelo caminho da voz. Bendito seja vós, meu Rei, minha majestade. Foi tanto ouro, tanto brilhante, rubi, safira, pérolas e diamantes, que não trouxe nem metade. Fique sabendo o senhor que naquele rio, bem no fundo, existe um lugar onde está o maior tesouro do mundo!

REI SAUL – Então, toda sua riqueza realmente fui eu que lhe dei. (*usa de esperteza*) E para recompensar tudo que lhe arranjei você vai ter que me botar no lugar que lhe botei.

JUVENAL – Seria uma injustiça se não fizesse, meu Rei. Diga qual é o dia e com prazer lhe levarei para conhecer o lugar que somente eu sei. Mande fazer o surrão com couro do Ceará e traga os seus capangas para poder amarrar, porque de ladeira abaixo eu mesmo quero lhe empurrar.

REI SAUL (*com ambição*) – O meu negócio é na hora, nada de esperar... E não quero ninguém para testemunhar. Vamos logo! Basta nós dois conhecendo esse lugar. (*apontando*) Pegue aquele saco do Retirante e vamos embora já, que hoje é dia de sorte! Quando chegar lá na Pedra do Monte, eu entro dentro do saco e você dá um nó bem forte...

JUVENAL – E depois, empurro pro lado norte. (*baixinho ao público*) Por cima dos pedregulhos e das torceiras de espinhos, até chegar no caminho onde lhe espera a morte.

REI SAUL – O que foi que você falou?

JUVENAL (*apanha o saco*) – O que tinha que falar... Que uma ordem do Rei não se pode contrariar. (*ergue-o*)

REI SAUL – Homem, deixe de conversa...

JUVENAL – É pra já.

REI SAUL – Monte em seu cavalo, que no meu vou montar. Estou ansioso para no Rio mergulhar.

JUVENAL – Vamos, vamos, porque o fundo do rio Ipojuca é o seu verdadeiro lugar. (*partem a galope*)

Francisco Martins de Barro vai para o prosclênio e lê o folheto.

FRANCISCO MARTINS DE BARRO – E assim o velho Rei, ganancioso e interesseiro, mesmo de ladeira abaixo, se arrebatando no penhasco, só pensava no dinheiro. E quando chegou no fundo do rio, naquele lugar triste e sombrio, não tinha um osso inteiro. Teve mais sorte o fazendeiro... Está enterrado num surrão, enquanto o Rei da ambição, que se dizia tão nobre, vai passar o resto da vida morando no saco do pobre. (*guarda o folheto*) Este folheto nos mostra com a maior simplicidade que o egoísmo não convém e quem não tem humanidade não pode viver bem. Vive arriscando tudo em cima do que já tem. Cada um faça por si, eu também farei por mim, e esse é um dos motivos para o mundo andar tão ruim. Porque estamos cercados de gente que pensa assim. (*vai saindo. Volta*) Fim. (*a luz cai de vez*)

** Um final alternativo, a critério da direção.*

FRANCISCO MARTINS DE BARRO – ...de gente que pensa assim. (*vai saindo*)

JUVENAL (*entra gritando*) – Ei! Seu Rei mandou dizer que contasse outra história. O senhor não vai se arrepender, guarde isso na memória, porque o seu pagamento vai ser uma boa fortuna.

FRANCISCO MARTINS DE BARRO – Eu não, toda história que invento vira uma peça de Ariano Suassuna. (*dá as costas e sai*)

- Fim -

CANTIGAS DO SOL - DOM QUIXOTE DE CORDEL



Cantigas do Sol - Dom Quixote de Cordel (2009), pela Dramart
Produções em parceria com Edgar Albuquerque, no Recife
Texto e direção: Vital Santos
Foto: Célio Pontes

CANTIGAS DO SOL - DOM QUIXOTE DE CORDEL

Nesta “Cantata popular”, assim chamada pelo próprio Vital Santos, parte da vida artística de Luiz Gonzaga (1912-1989), o Rei do Baião, serve de fio condutor para se abordar criticamente a política da seca no Nordeste brasileiro. Mas não se trata de uma biografia, a obra apenas apropria-se de algumas de suas criações musicais como arquétipo para a saga do homem nordestino e, mais particularmente, do vaqueiro. Quase como uma figura quixotesca, Gonzaga passa a ser símbolo desse homem forte do Sertão. Suas canções – compostas ou apenas cantadas por ele, 32 ao total no espetáculo – criam o roteiro cênico, marcado por belas imagens visuais e um linguajar bem próprio do nordestino de raiz. “Quando eu via Luiz Gonzaga cantando na carroceria de um caminhão, na feira de Toritama, ouvia também um grande tenor de feira, principalmente quando ele representava o sofrimento do seu povo. Era uma verdadeira ópera popular” (*Apud* FERRAZ [Release], jan. 2009, s. p.), chegou a me dizer o nosso dramaturgo-encenador.

A trama reúne uma série de personagens, dos reais aos fictícios, trazendo um retrato duro, mas também mágico-poético do Sertão. Retirantes, operários, rezadeira, penitentes, agricultores, feirantes e políticos atravessam a vida do errante músico Luiz Gonzaga, assim como figuras míticas fantasiosas, como a Carimbamba, o Caboclo d’Água, o Coro do Aruaê, o Coro da Jaçanã, a assombração Perna de Pau e até a personificação de um milharal. Tudo para derramar musicalidade e poesia, às vezes doce, às vezes cruel, do universo desse vaqueiro cantador que seguiu para o céu, aquele de terra molhada quando se sonha com um novo possível Nordeste.

A obra foi escrita em 1999 e só estreada dez anos depois, em 2009, sob direção do próprio autor, quando ele não tinha mais paciência de arcar com os custos de uma produção, como quase sempre fizera antes. Mas assinou ainda a cenografia, a coreografia, os adereços e os figurinos. *Cantigas*



Cantigas do Sol - Dom Quixote de Cordel (2009), pela Dramart
Produções em parceria com Edgar Albuquerque, no Recife
Texto e direção: Vital Santos. Foto: Célio Pontes

do Sol - Dom Quixote de Cordel, teatralização de parte da vida de Luiz Gonzaga a partir das canções do próprio músico em seu aspecto mais político, é um espetáculo popular concebido dentro de uma perspectiva operística na tentativa de contar, um pouco, a história de um dos mais importantes ícones da cena musical e cultural do nosso país e o seu Nordeste. Foi uma parceria da Dramart Produções, liderada pela atriz e produtora Socorro Rapôso, com o produtor Edgar Albuquerque, no Recife, e marcou a última experiência de Vital Santos como encenador.

Bastante aguardada, a montagem abriu a programação do 15º Janeiro de Grandes Espetáculos na quarta-feira 14 de janeiro de 2009, num Teatro de Santa Isabel abarrotado de espectadores, mas não causou o impacto esperado. Houve repetição na terça-feira 27. A encenação possuía 1h30 de

duração e foi recomendada para maiores de 14 anos, pois havia discreta cena de nudez. A obra não é um espetáculo biográfico sobre Luiz Gonzaga, mas segundo o seu autor e diretor, se apropria de algumas de suas criações musicais – feitas em parcerias importantes com Zé Dantas, Zé Marculino e Humberto Teixeira, por exemplo – por ser ele “o autor da maior ópera popular brasileira de todos os tempos” (*Apud* FERRAZ [Release], jan. 2009, s. p.).

Ainda segundo Vital, “João Gilberto já afirmou que Gonzagão influenciou a bossa-nova; Gilberto Gil também disse o mesmo sobre a tropicália; e Mário Lago chegou a escrever que a MPB deve muito a Luiz Gonzaga. Ele foi transformador, acima de tudo, e influenciou toda a música brasileira”, afirmou em entrevista a mim em 2009. Um dos objetivos da montagem, então, era resgatar pérolas suas que, até hoje, ainda permanecem quase esquecidas. E não só do estilo que o consagrou: o baião. Mas também como cantor de forró, de xaxado, de músicas dolentes. Ou seja, a trilha sonora, executada ao vivo, valorizava de clássicos a composições praticamente desconhecidas. Eis os porquês explicados pelo próprio Vital Santos:

Meu objetivo é apresentar uma cena com características de musicais do primeiro mundo, tendo como suporte um elenco composto por dezessete atores e quatro músicos que tocam, cantam, dançam, representam [...]. Na verdade, eu quero mostrar a nova cor da cena nordestina sem nenhum ranço regionalista. Uma cena que enfatiza a figura dos personagens populares e eruditos, sem nenhuma diferenciação. Extraíndo movimentos da nossa cultura e mostrando, ainda, o pragmatismo da cena *molièreana*, aproveitando para tanto os movimentos da xilogravura, do cordel, dos mamulengos e o peso do coronelismo disfarçado de *commedia dell'art*, para denunciar as indústrias que proliferaram e ainda proliferam no Nordeste brasileiro, colocando-o numa situação difusa dentro do contexto nacional. A musicalidade da nossa gente, refletida no andar, no dançar, no falar e nas músicas executadas ao vivo por músicos competentes traduzem a beleza da nossa cena cultural, representada pelo mote dos violeiros e pela pujança poética que se encontra nas canções populares de Zé Dantas, Humberto Teixeira, Zé Marculino e Luiz Gonzaga. (SANTOS [Projeto], jan. 2009, s. p.)



Cantigas do Sol - Dom Quixote de Cordel (2009), pela Dramart
 Produções em parceria com Edgar Albuquerque, no Recife
 Texto e direção: Vital Santos
 Fotos: Célio Pontes

ADEPTO DAS TRILHAS ORIGINAIS, VITAL UTILIZOU O REPERTÓRIO DO GONZAGA

Parte da trajetória de Luiz Gonzaga (vaqueiro que tocava baião e chegou a ser reconhecido como “O rei do Sertão, dom do xote, amigo do Padre Cícero e seguidor de Lampião”), e mais especificamente, suas músicas, servem de inspiração como arquétipo para a saga do próprio homem nordestino e, mais particularmente, do vaqueiro. Gonzaga (o ator Didha Pereira como protagonista, com seu vozeirão) enfrenta as agruras da vida, uma realidade difícil, adversa, mas vivenciada com cabeça erguida. A peça divide-se em questões sociais, políticas e afetivas. Nestas últimas, por exemplo, é abordada a paixão que Luiz nutriu por uma jovem caruaruense de nome Rosinha (a atriz Hammai de Assis no papel), que ele conheceu quando começou a ser reconhecido como músico, mas não chegou a ser sua esposa.

Essa paixão por Rosinha e pelo povo da sua terra são os fios condutores desta saga musical que revela um homem que tinha o desejo de vencer, mas, também, de voltar à sua região e casar com esse grande amor. No entanto, em toda a obra de Luiz Gonzaga, o detalhe que mais chama a atenção de Vital Santos – que conheceu o músico pernambucano graças a seu irmão João, administrador das inesquecíveis lojas Aky Discos – é a preocupação com o povo nordestino, com a sua região, a representação de sua gente. “Símbolo do homem forte do Sertão, ele foi um sanfoneiro que lutou pelo seu povo através dos seus cantares. Quis ser reconhecido no Sul, mas nunca esqueceu suas origens, nem as necessidades de sua gente” (*Apud* FERRAZ [Release], jan. 2009, s. p.).

E, de fato, é quase presença constante nessas canções a defesa pelo povo do Nordeste, a sua luta contra o coronelismo, o enfrentamento pela dolorosa sina da seca, a fome, a relação com o Divino (no espetáculo, até numa perspectiva bem-humorada), a saga dos retirantes, do homem que migra buscando uma vida melhor. “É o retrato da cara do Brasil”, conclui Vital. Em depoimento na década de 1960, Luiz Gonzaga chegou a afirmar que trazia no coração a música do Sertão.

“O Sertão dos rios cheios, de secas, de milho verde, de gado caindo de fome, de arribação fugindo, de acauã cantando, da asa branca chorando nas quebradas, das farinhadas, das moagens, das feiras, dos forrós gostosos, do

cheiro bom de mulatas, das brigas de foice, de buchos rasgados nas festas das missões dos cangaceiros” (*Apud* FERRAZ [Release], jan. 2009, s. p.). Mas o folclorista Luís da Câmara Cascudo apreendeu essa sua importância quando, com muita propriedade, escreveu para a contracapa do disco *Luiz Gonzaga*, de 1973, pela Emi-Odeon:

A paisagem pernambucana, águas, matos, caminhos, silêncio, gente viva e morta. Tempos idos nas povoações sentimentais voltam a viver, cantar e sofrer quando ele põe os dedos no teclado da sanfona de feitiço e de recordação. [...] Ele próprio é a fonte, cabeceira e nascente de suas criações. O Sertão é ele [...]. (*Apud* GONZAGA..., *Acorda Cordel*, 13 dez. 2018, s. p.)

MÚSICA DAS MELHORES

Para a seleção das canções – a montagem contava com trechos de mais de trinta delas, com arranjos recriados pelo diretor musical Josias Albuquerque –, o autor e diretor debruçou-se sobre a discografia de Luiz Gonzaga, que deixou registrada mais de 600 músicas. Ouviu, inclusive, os discos em 78 rotações, quando ainda não havia as facilidades de hoje. No repertório, clássicos como *Asa Branca*, *Luar do Sertão*, *ABC do Sertão* e *A Vida do Viajante*, até criações quase desconhecidas como *Algodão* e *Paulo Afonso*. À frente da direção musical, o mestre Josias Albuquerque, parceiro de Vital em outras elogiadas montagens como *A Noite dos Tambores Silenciosos* e *Olha Pro Céu, Meu Amor*. Na época de seu lançamento, com muito orgulho, Vital Santos lembrou que, ao propor um espetáculo a partir das criações de Gonzaga, apostava na contramão do que a América Latina vinha fazendo ultimamente ao importar musicais de autores estrangeiros. Ele confessava, sem modéstia:

Cantigas do Sol - Dom Quixote de Cordel é um espetáculo popular, concebido dentro de uma perspectiva operística. A musicalidade da nossa gente, refletida no andar, na dança, no falar e nas músicas executadas ao vivo traduzem a beleza da nossa cena cultural, representada pelo mote dos violeiros e pela pujança poética que se encontra nas canções populares de Zé Dantas, Humberto Teixeira, Zé Marculino e Luiz Gonzaga. (SANTOS [Projeto], jan. 2009, s. p.)



Cantigas do Sol - Dom Quixote de Cordel (2009), pela Dramart
Produções em parceria com Edgar Albuquerque, no Recife
Texto e direção: Vital Santos
Fotos: Ruben Donato / Fotofree

No elenco original: Amom de Assis, Anny Rafaela, Carmelita Pereira, Cássia Mascena, Daniel Barros, Didha Pereira, Emanuel David D'Lúcard, Hammai de Assis, João Ferreira, Juraci Vicente, Leno Pereira, Mônica Holanda, Patrícia Fernandes, Rafael Meira, Tiago Dinis, Vanessa Virões e Vinícius Coutinho. Músicos: Josias Albuquerque (violão), Demetrius Rocha (percussão), Fábio Andrade (flauta e percussão) e Silveirinha (sanfona). Como substitutos mais à frente, Jorge de Ogum e Marivaldo Lima.

Vale registrar que o sanfoneiro Silveirinha (Severino Bezerra da Silva), com 20 anos de carreira naquele momento, havia integrado o grupo musical Cascabulho e já tocado com Dominguinhos, Genival Lacerda e Alcimar Monteiro, entre outros consagrados artistas. Mas, pela primeira vez, ele participava de um espetáculo de teatro. No entanto, diante desse batalhão de pessoas envolvidas na equipe e até mesmo porque parte dos músicos morava em Caruaru, a partir de certo tempo optou-se por gravar a trilha sonora para que os atores cantassem ao vivo, mas usando um instrumental pré-gravado.

DESTAQUES DE ALGUNS ARTISTAS EM CENA

Didha Pereira era quem interpretava Luiz Gonzaga no espetáculo, sendo também o assistente de direção da peça e o responsável pelo plano de maquiagem. Além de viver um ícone por quem sempre nutriu grande admiração, o espetáculo trouxe um gostinho ainda mais especial pois o ator celebrava 40 anos de dedicação ao teatro, mesma data compartilhada por Carmelita Pereira, sua esposa, também em cena, com ela vivendo uma das cenas mais divertidas: quando uma Santa perde a paciência com os insistentes penitentes e joga farinha neles. O casal integrou grupos como o Teatro Popular dos Coelho e o Teatro Hermilo Borba Filho.

Ainda no elenco de *Cantigas do Sol - Dom Quixote de Cordel* ressalto a disparidade de idade entre alguns: Rafael Meira, com 14 anos, fazia sua estreia no teatro adulto profissional, hoje é um músico reconhecido; enquanto que João Ferreira, ator com 66 anos àqueles tempos, celebrava uma carreira iniciada ainda na década de 1960, com o Teatro Popular do Nordeste, além de participação em importantes companhias teatrais como o Teatro Universitário de Pernambuco e aparições na TV e no cinema.



Cantigas do Sol - Dom Quixote de Cordel (2009),
pela Dramart Produções
em parceria com Edgar
Albuquerque, no Recife
Texto e direção:
Vital Santos
Fotos: Ruben Donato /
Fotofree e Célio Pontes



Após as duas apresentações de estreia no 15º Janeiro de Grandes Espectáculos, houve uma grande frustração com o resultado do Prêmio Apacepe de Teatro e Dança naquele evento competitivo, que só deu duas indicações a esta nova montagem de Vital: melhor direção (mas, estranhamente, não a de melhor espetáculo, cujo vencedor foi *Ato*, do Grupo Magiluth), e melhor trilha sonora para Josias Albuquerque e o próprio Vital Santos (Henrique Macedo, de *Rasif - Mar Que Arrebenta*, pelo Coletivo Angu de Teatro, foi o contemplado). *Cantigas do Sol - Dom Quixote de Cordel* não levou nenhuma das duas estatuetas, mas recebeu um prêmio especial (quase como consolação) por sua dramaturgia, assim como aconteceu com *Anjos de Fogo e Gelo*, de Moisés Neto, pela Rainbow Produções e Eventos; *O Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queiroz, com adaptação de Taveira Júnior, pela Galharufas Produções; e *Rasif - Mar Que Arrebenta*, de Marcelino Freire, pelo Coletivo Angu de Teatro.

O júri estava formado por Alexandre Magalhães (RS), Diana Morais (Portugal), Dimer Monteiro (DF), Kleber Lourenço (PE) e Paulo Michelotto (PE). Já de 14 de março a 26 de abril de 2009, aos sábados e domingos, uma temporada da obra aconteceu no Teatro Barreto Júnior, ainda no Recife. Em maio, a encenação voltou ao Teatro de Santa Isabel, integrando a programação do Festival Palco Giratório, do SESC Pernambuco, e em julho foi ao XXXIV Festival de Inverno de Campina Grande/PB. Depois, seguiu para algumas apresentações na capital Natal/RN, no Teatro Alberto Maranhão, em agosto daquele ano, a convite do produtor pernambucano Ronaldo Negromonte, com boa receptividade do público.

“Estamos lembrando os 20 anos da morte dele [Luiz Gonzaga]. E em paralelo estamos falando do homem sertanejo, num contexto denso e realista. Tudo isso feito com a colagem de várias músicas de Luiz Gonzaga” (*Apud CANTIGAS...*, *Tribuna do Norte*, 27 ago. 2009, s. p.), contou o ator Didha Pereira. Foi nessa viagem à capital potiguar que um primeiro comentário avaliativo, bem poético, pôde ser registrado:

No Teatro Alberto Maranhão um grande tributo a Luiz Lua Gonzaga, o grande rapsodo da epopeia nordestina. O Dom Quixote é o vaqueiro apaixonado por sua Rosinha. Da região da Mancha, em Espanha, para o Sertão espicado do Nordeste brasileiro. Ninguém melhor que Luiz Gonzaga

cantou as nossas mazelas, retiradas e fomes inclementes, de se *arretirá* ou se arretar com a santa gulosa que come a farinha sagrada. Uma ópera nordestina cujo libreto são as canções populares e as gestas dos vaqueiros e cangaceiros. Portinari e J. Borges são citados. Zé do Norte, Catulo da Paixão Cearense e o grande homenageado: Luiz Lua Gonzaga. São Jorge na lua fazendo ciúmes. [...] Um pequeno conjunto acompanha ao vivo a saga da companhia teatral pernambucana. A sanfona, guitarra e percussão fazem a cozinha de um belo espetáculo de vozes, cores, danças e ritmos. O grande repertório do Gonzaga é lembrado até mesmo em canções pouco tocadas. [...] Luiz Gonzaga é o Sertão. Assim como Euclides da Cunha, ele mostrou o Sertão para os brasileiros. Com o grande Zé Dantas ele compôs o nosso ABC [...]. De repente a quadra inclemente do polígono das secas faz brotar uma flor de mandacaru. O nordestino reza em grandes e pungentes ladainhas, espera, espera... A Sudene foi uma esperança. Paulo Afonso, também. A água que falta está na fazenda dos coronéis e políticos. Melhor virar cangaceiro. Sim, eu sei que você conhece essa história e “O Sertão está em toda parte”. Mas não deixe de prestigiar o belo espetáculo da *troupe* nordestina [...]. Um grande tributo aos quixotes nordestinos. Ninguém é mais bela que a minha Rosinha. Belo espetáculo. Parabéns. Eu sei das dificuldades.... (COSTA, *Overmundo*, 28 ago. 2009, s. p.)

A seguir, entre setembro e outubro de 2009, a equipe voltou a ficar em cartaz no Recife, desta vez no Teatro Apolo, aos sábados e domingos, até que chegou a notícia de que a peça havia sido selecionada, entre mais de 100 inscritas, para o competitivo XVI Festival de Teatro do Rio, na capital carioca. Com elenco e músicos em número reduzido, apresentaram-se no dia 5 de outubro de 2009, na Casa de Cultura Laura Alvim. A comissão julgadora era composta por Nelson Xavier, Jacqueline Laurence e Cláudio Handrey, além da categoria de voto popular dada pelo público.

O único Troféu Arlequim ganhou foi um destaque para o percussionista substituto, Jorge de Ogum (os espetáculos *Filhos do Brasil - O Musical*, de Oswaldo Montenegro, e *Relações - Peça Quase Romântica*, de Leandro Muniz, ficaram com quase tudo). Claro que esse resultado foi mais uma decepção ao antes quase imbatível dos festivais de teatro, Vital Santos, que nem acompanhou o grupo ao Rio de Janeiro, já com muitos problemas de saúde.



Cantigas do Sol - Dom Quixote de Cordel (2009), pela Dramart
 Produções em parceria com Edgar Albuquerque, no Recife
 Texto e direção: Vital Santos
 Fotos: Célio Pontes

Depois, teve ainda viagens da equipe a Caruaru, para o Teatro Difusora, com produção do saudoso João Lins – momento em que ganharam bela matéria nacional no programa *Caminhos da Reportagem*, da TV Brasil; aos municípios pernambucanos do Jaboatão dos Guararapes, Serra Talhada, Lajedo e São João do Belmonte, com récitas em espaços abertos ou alternativos, graças a um projeto de circulação do Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz - edição 2009; a Maceió, para o Teatro Deodoro; e a João Pessoa, para o Teatro Santa Roza, esta última em abril de 2010, inclusive com uma das três sessões agendadas totalmente gratuita para estudantes de escolas públicas. O Recife ainda viu a peça em 5 de maio de 2010, com duas sessões gratuitas no Teatro Valdemar de Oliveira, e nas noites de 25 e 26 de janeiro de 2012, no Teatro Luiz Mendonça, agora com a produção assinada por Edgar Albuquerque em parceria com a Marcus Siqueira Produções Artísticas.

Didha Pereira e Deyvson Cavalcanti (este assumia a iluminação desde o início), dividiam parte da produção executiva. Aqui, o elenco já estava parcialmente modificado. Permaneceram Didha Pereira, Carmelita Pereira, Leno Pereira, Mônica Holanda, Emanuel David D’Lúcard, Juraci Vicente, Cássia Mascena e Vinícius Coutinho, mas agora contracenando com os novatos Daniella Rodrigues, Márcio Monte, Gilvana Maria e Triell Andrade. A despedida do trabalho se deu com dois retornos ao Teatro Alberto Maranhão, na cidade do Natal, em abril e outubro de 2012, novamente com produção de Ronaldo Negromonte e um número grande de récitas em sequência, com ótima resposta do público potiguar.

Infelizmente, nenhum comentário crítico mais substancial foi feito à montagem (reflexo da carência de espaços à crítica nos jornais daquele momento), portanto, decidi compartilhar uma reflexão do próprio Vital Santos sobre a obra que concebeu, a última em que ele nos deu o prazer de ver sua inventividade plástica em cena:

Cantigas do Sol - Dom Quixote de Cordel pode ser definida como uma ópera pobre brasileira, mas pretenciosa, pois sua encenação vai beber na fonte dos autos populares e na poética de Bertolt Brecht para dar beleza e magia à sua riqueza de nuances e intenções, cujos signos postos no tablado pretendem encantar pelo deslumbre estético e pela força das denúncias contidas, com objetivos políticos claros, resgatando na atual



Cantigas do Sol - Dom Quixote de Cordel (2009), pela Dramart
Produções em parceria com Edgar Albuquerque, no Recife
Texto e direção: Vital Santos. Foto: Ruben Donato / Fotofree

cena brasileira os grandes musicais. Aqueles comprometidos com um novo tempo e com o homem contemporâneo, perplexo diante de uma realidade que pode ser mudada. E onde o dramaturgo, o encenador e os artistas e técnicos, de uma forma geral, têm um importante papel para representar. Salve a densa cena nordestina que por ser tão rica é universal! Encanta, fere e assusta, apontando caminhos para uma nova realidade que se vislumbra e onde o homem, comprometido com mudanças, atua como protagonista, deixando de ser objeto e passando a ser sujeito na construção de um mundo melhor e de uma cena dramática que alimente a mente, o espírito e o coração. E viva Baco! (SANTOS [Projeto], jan. 2009, s. p.)

PARTIDA

Vital Santos nos deixou na manhã de 18 de outubro de 2013, no Recife, aos 68 anos, por conta de um mieloma múltiplo na medula óssea, espécie de câncer que atinge a coluna e causa anemia profunda. Sofreu, mas também viveu muitas alegrias, especialmente no seu teatro

que acreditava e tanto amava. Antes de findar este capítulo, é importante registrar que o ator Didha Pereira encantou-se tanto com a possibilidade de viver clássicos de Luiz Gonzaga em cena que, assumindo também o teatro popular como uma tomada de posição social, cultural e política, passou a assinar, desde 2024, texto e direção de uma nova montagem, *Tributo a Luiz Gonzaga*, pela Marcus Siqueira Produções Artísticas e Luiz Marinho Cooperativa Teatral, na cidade de São Benedito do Sul/PE, sua terra natal. E continuou atuando junto a alguns parceiros de antes: Carmelita Pereira, Juraci Vicente, Leno Pereira, Mônica Holanda e Vinícius Coutinho. A produção executiva é do primeiro Ponto de Cultura da Mata Sul, o Ponto de Cultura e Cineclube SBS Engenho de Arte.

Por fim, destaco a lista completa das canções que compõem o roteiro dramaturgico de *Cantigas do Sol - Dom Quixote de Cordel*, lembrando que nenhuma delas chegava a ser executada na íntegra na montagem:

- 1 - *Qui Nem Jiló* (Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga)
- 2 - *Assum Preto* (Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga)
- 3 - *Paulo Afonso* (Luiz Gonzaga e Zé Dantas)
- 4 - *ABC do Sertão* (Luiz Gonzaga e Zé Dantas)
- 5 - *Algodão* (Luiz Gonzaga e Zé Dantas)
- 6 - *São João do Carneirinho* (Guio de Moraes e Luiz Gonzaga)
- 7 - *Penerô Xerém* (Luiz Gonzaga e Miguel Lima)
- 8 - *Acauã* (Zé Dantas)
- 9 - *Paraíba* (Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga)
- 10 - *Asa Branca* (Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga)
- 11 - *Triste Partida* (Patativa do Assaré)
- 12 - *Vira e Mexe* (Luiz Gonzaga)
- 13 - *Pau de Arara* (Luiz Gonzaga e Zé Dantas)
- 14 - *Vozes da Seca* (Luiz Gonzaga e Zé Dantas)
- 15 - *A Feira de Caruaru* (Onildo Almeida)
- 16 - *Ave Maria Sertaneja* (Janduhy Finizola)
- 17 - *Luar do Sertão* (Catulo da Paixão Cearense e João Pernambuco)
- 18 - *No Meu Pé de Serra* (Luiz Gonzaga)
- 19 - *Qui Nem Jiló* (Luiz Gonzaga)
- 20 - *A Letra I* (Luiz Gonzaga e Zé Dantas)



Cantigas do Sol - Dom Quixote de Cordel (2009), pela Dramart
 Produções em parceria com Edgar Albuquerque, no Recife
 Texto e direção: Vital Santos
 Fotos: Ruben Donato / Fotofree

- 21 - *Juazeiro* (Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga)
- 22 - *Sabiá* (Luiz Gonzaga e Zé Dantas)
- 23 - *Légua Tirana* (Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga)
- 24 - *Baião da Garoa* (Hervê Cordovil e Luiz Gonzaga)
- 25 - *Súplica Cearense* (Gordurinha e Nelinho)
- 26 - *Riacho do Navio* (Luiz Gonzaga e Zé Dantas)
- 27 - *Amanhã eu Vou* (Beduíno e Luiz Gonzaga)
- 28 - *Caruaru* (Belmiro Barrela)
- 29 - *A Volta da Asa Branca* (Luiz Gonzaga e Zé Dantas)
- 30 - *A Vida do Viajante* (Luiz Gonzaga)
- 31 - *A Morte do Vaqueiro* (Luiz Gonzaga e Nelson Barbalho)
- 32 - *Boiadeiro* (Armando Cavalcanti e Klêcius Calda)

REFERÊNCIAS:

CANTIGAS sob o sol do Nordeste. **Tribuna do Norte**. Natal, 27 ago. 2009. Viver. s. p.

COSTA, João da Mata. “Cantigas do Sol ou Dom Quixote de Cordel - um Tributo a Luiz Gonzaga”. **Overmundo**. Natal, 28 ago. 2009. Overblog. Disponível em: www.overmundo.com.br/overblog/cantigas-do-sol-ou-dom-quixote-de-cordel. Acesso em: 27 out. 2025.

FERRAZ, Leidson. **Cantigas do Sol - Dom Quixote de Cordel** [Release]. Recife, jan. 2009. s. p.

GONZAGA por Cascudo. **Acorda Cordel**. Fortaleza, 13 dez. 2018. s. p. Disponível em: <https://acordacordel.blogspot.com/2018/12/gonzaga-por-cascudo.html>. Acesso em: 29 out. 2025.

SANTOS, Vital. **Cantigas do Sol - Dom Quixote de Cordel** [Projeto]. Recife, jan. 2009. s. p.

— CANTIGAS DO SOL – DOM —

QUIXOTE DE CORDEL

De: Vital Santos

.....

Personagens: Retirantes, Zé Penitente, Luiz, Operários, Rezadeira, presidente Getúlio Vargas, ministro Eurico Dutra, Políticos, Viúvas da Seca 1, 2 e 3, Penitentes, Agricultores, Chiquinha (Carimbamba), Milharal, João Penitente, Pedro Penitente, Feirantes, Caboclo d'Água, Coro do Aruaê, Coro da Jaçanã, Rosinha e Perna de Pau (assombração).

Na tragédia da seca nordestina os retirantes se comunicam pela tristeza do olhar.

Ao apagar das luzes, ouve-se no escuro a voz de Luiz Gonzaga comentando uma das maiores secas que o povo nordestino já viveu.

VOZ DE LUIZ GONZAGA – “Nos anos cinquenta e três, cinquenta e quatro, houve uma seca da *mulesta* no Sertão nordestino. O Brasil ficou cheio de arapucas, ‘ajuda teu irmão’, ‘ajuda teu irmão’, ‘uma esmola pro flagelado nordestino’, ‘qualquer coisa serve: dinheiro, roupa velha, sapato velho, camisa velha, tudo serve’”.

Uma luz vermelha surge no fundo do palco, deixando no ciclorama um lindo entardecer onde aparece a silhueta de três mulheres com ródias e potes na cabeça. Elas têm movimentos contidos. Luiz invade o palco, alegre e risonho, vestido a caráter: gibão e chapéu de couro. Entra cantarolando a introdução de “Qui Nem Jiló”, de Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga, numa coreografia bem teatral. Na repetição da melodia surge todo o elenco, com os artistas vestidos de Operários, com capacetes e ferramentas de escavação – entre eles, os penitentes Zé, João e Pedro –, com gestos graciosos numa mistura de mamulengo com o Mateus do Bumba.

TODOS (cantando trecho de “Qui Nem Jiló”) – Se a gente lembra só por lembrar...

A melodia vai ralentando e a luz sumindo. Fica um foco no meio do palco em cima de Zé Penitente. O Coro de Operários, de mãos dadas, forma uma grande roda em volta dele. Uma Rezadeira solfeja o começo de “Assum Preto”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, acompanhada pelo Coro de Operários.

ZÉ PENITENTE (narrando) – Nos anos 50, o Presidente Getúlio Vargas fez um decreto criando a Usina de Paulo Afonso, a Hidroelétrica de São Francisco, com o propósito de acabar de vez com a grande seca que devastava o Nordeste. Os políticos da região prometeram trabalho, riqueza, progresso e fartura. Prometeram, também, o fim da miséria para o nosso povo!

A luz explode no palco feito espelhos de cristal. É festa, a inauguração da Usina de Paulo Afonso.

LUIZ (*canta empolgado “Paulo Afonso”, de Luiz Gonzaga e Zé Dantas*) – Delmiro deu a ideia / Apolônio aproveitou / Getúlio fez o decreto / e Dutra realizou!

O Ministro Eurico Dutra corta a fita, enquanto Getúlio Vargas acena para o povo em meio às baforadas do seu imenso charuto. As bandeirinhas do Brasil, e são muitas, se agitam no ar e nas caras abobalhadas dos convidados. Os Políticos da região homenageiam o acontecimento.

POLÍTICOS (*cantando*) – O presidente Café / a usina inaugurou / e graças a esse feito / de homens que têm valor / meu Paulo Afonso foi sonho / que já se concretizou!

Surge uma grande cascata emoldurada por um arco-íris. A água jorra dos potes das Retirantes e escorre em queda pelos capacetes dos Operários, que cantam e dançam imitando as brincadeiras populares.

OPERÁRIOS (*cantando*) – Olhando pra Paulo Afonso / eu louvo o nosso engenheiro / louvo o nosso cassaco / caboclo bom verdadeiro / foi feito Nordeste / erguendo a bandeira / de Ordem e Progresso / à Nação brasileira!

A cachoeira transborda de alegria e felicidade homenageando as águas num coro bem afinado e feminino.

VIÚVAS DA SECA (*cantando*) – Vejo a indústria gerando riqueza / findando a seca, salvando a pobreza / ouço a usina, feliz mensageira / dizendo na força da cachoeira...

É a vez do grande discurso. Getúlio e Dutra usam as expressões dos políticos da terra, dando um passo para frente e dois para trás. Formam um coro até o final da música.

TODOS (*cantando*) – O Brasil vai, o Brasil vai, vai, vai!

A luz vai sumindo sobre a cascata que jorra com toda força. Num canto do palco, os Penitentes entoam uma canção operística, cheia de dramaticidade e lamentações.

PENITENTES (*cantando “ABC do Sertão”, de Luiz Gonzaga e Zé Dantas*) – A, bê, cê, dê, fê, gê, lê, mê / nê, pê, quê, rê, tê, vê e zê / lá no meu Sertão *pros caboclo lê / tem que aprender / tem que aprender / tem que aprender / um outro ABC...*

JOÃO PENITENTE (*fala com poesia enquanto a música vai sumindo*) – Restava mais um discurso, o do analfabetismo, o da bandeira verde no ar. A Ordem do Progresso escorria pela testa da *pinhãozada*, saía de dentro dos capacetes como se fosse um afluente daquele rio.

Depois da festa veio a fartura. Os Agricultores invadem o palco com suas enxadas nos ombros, cantando em pregões.

AGRICULTORES (*cantando “Algodão”, de Luiz Gonzaga e Zé Dantas*) – Bate a enxada no chão / limpa o pé do algodão / pois pra vencer a batalha / precisa ser forte, robusto, valente ou nascer no Sertão! (*carregados de alegria, eles desfilam pelos roçados numa coreografia inusitada onde as enxadas se destacam pela força, pela valentia e pelas fortes batidas no chão*) Tem que suar muito pra ganhar o pão / que a coisa lá não é brinquedo não / mas quando chega o tempo rico da colheita / trabalhador vendo a riqueza se deleita... (*batem com as enxadas no chão em círculos de felicidade*) Chama a família e sai / pelo roçado vai / cantando alegre, ai-ai, ai, ai, ai / chama a família e sai / pelo roçado vai / cantando alegre, ai-ai, ai, ai, ai, ai! (*mostram os balaies cheios de milho, batata, melancia, feijão...*) Sertanejo do Norte / vamos plantar algodão / ouro branco que faz nosso povo feliz / e que tanto enriquece o país / com produto do nosso Sertão! (*uma criança brinca com a flor do algodão, vai desfiando-a aos poucos*) Bate a enxada no chão / limpa o pé do algodão / pois pra vencer a batalha / precisa ser forte, robusto, valente ou nascer no Sertão!

Jogam as enxadas para o alto e seguram-nas ao cair, deixando o som da riqueza visível aos olhos do público. Jogam-se no chão, cheios de cansaço e prazer.

CHIQUEINHA (*grita de felicidade*) – Obrigado, meu Deus!

Depois de algum tempo uma música alegre se aproxima: é o milharal querendo participar da festa. Ele vem vindo com suas espigas e seus pendões floridos, trazendo a cor e a esperança de dias felizes no campo.

MILHARAL (*cantando “São João do Carneirinho”, de Luiz Gonzaga e Guio de Moraes*) – Eu prantei meu mio todo / no dia de São José / se me ajuda a providência / vamos ter mio à grané / vou coiê pelos meus carco / vinte espiga em cada pé / pelos carco vou coiê / vinte espiga em cada pé. (*apesar das verdes folhas e do encantamento coreográfico do milharal, algo é preocupante: um pássaro bizarro, feito de lata, voa sobre ele imitando o canto do “berra-boi”, um agouro que poucos percebem*) Ai, São João, São João do carneirinho / você é tão bonzinho / fale com São José / fale lá com São José / peça prêele me ajudá / peça pro meu mio dá / vinte espiga em cada pé. (*repetem*)

As Viúvas da Seca partem para o Milharal. Cantam, dançam e colhem as melhores espigas. De repente ouve-se um ruído estranho. Elas param. Silêncio.

CHIQUEINHA (*tempo*) – Não é nada não.

VIÚVA DA SECA 1 (*irônica*) – É a verba chegando!

VIÚVA DA SECA 2 – Bota verba nisso!

VIÚVA DA SECA 3 – Virou indústria! (*jogam as espigas no chão*)

CHIQUEINHA (*cantando “Penerô Xerém”, de Luiz Gonzaga e Miguel Lima*) – Ôi pisa o milho [Penerô xerém] / Ôi pisa o milho [Penerô xerém] / eu não vou criar galinha / pra dá pinto pra ninguém.

CORO (*cantando*) – Saculeja! (*debulhando o milho e sapateando*)

CHIQUEINHA (*cantando*) – A minha terra dá de tudo que plantar / o Brasil dá tanta coisa / que eu nem posso decorar / Dona Chiqueinha bota o milho pra pilar / pro angu, pra canjiquinha / pro xerém, pro mungunzá. (*passam as espigas umas para as outras*) Só passa fome quem não sabe trabalhar / essa vida é muito boa / pra quem sabe aproveitar / pego na peneira, me dano a sacolejar / de um lado fica o xerém / do outro sai o fubá. (*num jogo de braço sutil representam as peneiras*)

CORO (*cantando*) – Saculeja, saculeja, saculeja / penerô xerém / saculeja, saculeja, saculeja-já / penerô xerém!

Luiz, usando uma máscara de feira com vara, afasta-se da festa da colheita e num tom assombroso fica imitando um pássaro com sons bem diferentes.

LUIZ (*barítono*) – Acauã! Acauã! Acauã! (*vai tirando a máscara lentamente e falando para a plateia*) Mais um triste dia... Um pássaro feio, sujo e agourento canta no pé do serrote e desperta o sol que volta com o Diabo no couro, destruindo tudo que é planta, açude e gente. O mormaço deixa o chão em brasa, todo rachado e acaba com o sonho e a alegria do pobre nordestino. (*amargurado, canta “Acauã”, de Zé Dantas*) Acauã, Acauã, vive cantando / durante o tempo do verão / no silêncio das tardes agoirando / chamando a seca pro Sertão / chamando a seca pro Sertão. (*imitando o pássaro*) Acauã! Acauã! Acauã!

O Milharal estremece ao ouvir esta triste canção. Vai perdendo as forças, as folhas arreiam e as espigas caem no chão. O pássaro de lata, num voo rasante desaparece, soltando gemidos de agouro.

LUIZ (*cantando*) – Ai, Acauã / ai, Acauã / teu canto é penoso e faz medo / te cala Acauã / que é pra chuva voltar cedo / que é pra chuva voltar cedo. Acauã! Acauã! Acauã! (*o milharal vai secando, gemendo de dor e deixando muita fumaça no céu*) Toda noite no sertão / canta o João corta pau / a coruja mãe da lua / a peitica e o bacurau. Acauã! Acauã! Acauã!

Um pássaro ágil, com corpo de mulher, usando várias máscaras, salta de dentro do Milharal e parte pra cima de Luiz. É uma linda jovem que dança com sensualidade em volta dele.

LUIZ (*cantando*) – Na alegria do inverno / canta sapo, jia e rã / mas na tristeza da seca / só se ouve Acauã / só se ouve Acauã. Acauã!

Ela tira a máscara. O Milharal cai de vez, queimando. Luiz se desespera e vai atrás dela, que corre para dentro das cinzas do Milharal, soltando ruídos estridentes e pavorosos.

LUIZ (*grita*) – Te cala, Acauã!

Ela para, volta-se para ele e dança com vários panos de cor, imitando o sol. Um sol imenso de tecido com um candeeiro de feira aceso dentro dele.

LUIZ (com as mãos nos ouvidos, grita baixinho) – Te cala, Acauã... Te cala.

Os sons da tragédia ecoam no ar durante muito tempo, são os tambores do Maracatu de Baque Virado, vindo dos canaviais de Nazaré da Mata, solidários ao sofrimento de Luiz. Ele fica aflito ao ver a tristeza em sua volta: muita fumaça, árvores queimadas, tudo seco, até o chão esturricou.

LUIZ (caído num canto, quase sussurrando, canta com toda a tristeza do mundo “Paraíba”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira) – Quando a lama virou pedra / e mandacaru secou / quando ribaçã de sede / bateu asa e voou...

As Viúvas da Seca entram cantando e carregando tudo que podem dentro de baiaios e sacos velhos. Trazem também gato, cachorro e papagaio (de brinquedo) misturados ao sonho de um dia serem felizes. Entram todas de preto, com o andar de urubu. Uma delas esta grávida e carrega um menino nos braços.

VIÚVAS DA SECA (cantando) – Foi aí que eu vim me embora / carregando a minha dor / hoje eu mando um abraço pra ti, pequenina...

LUIZ (vai até elas, cantando) – Paraíba masculina / mulhé macho, sim sinhô / Paraíba masculina / mulhé macho, sim sinhô!

VIÚVAS DA SECA (arreiam os troços e cantam) – Eita, pau pereira / que em Princesa já roncou / eita Paraíba / mulhé macho sim sinhô / eita, pau pereira / meu botoque não quebrou / hoje eu mando um abraço pra ti, pequenina...

TODOS (cantando) – Paraíba masculina / mulhé macho, sim senhor / Paraíba masculina / mulhé macho, sim senhor!

Uma das Viúvas segura o menino pela mão, enquanto as outras se abraçam e de joelho estendem os braços em direção à plateia. Formam o retrato dos “Retirantes de Portinari”. A luz congela em cor vermelha. A imagem permanece por alguns segundos. Quando a fotografia se desfaz, as Viúvas partem sem destino por dentro da caatinga, cantando o seu sofrimento.

VIÚVAS DA SECA (cantando “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira) – Quando olhei a terra ardendo / qual fogueira de São João / eu perguntei a Deus do céu, ai / por que tamanha judiação / eu perguntei a Deus do céu, ai / por que tamanha judiação / que braseiro, que fornalha / nem um pé de plantação / por falta d’água / perdi meu gado / morreu de sede / meu alazão / por falta d’água / perdi meu gado / morreu de sede / meu alazão.

Uma Asa Branca de cartolina voa baixinho, manipulada pelo menino que corre atrás dela.

LUIZ (*comovido com a tristeza e a coragem dessas mulheres, canta*) – Até mesmo a Asa Branca / bateu asas do Sertão / então eu disse / adeus, Rosinha / guarda contigo / o meu coração.

Luiz vai atrás do grupo e segura uma jovem pelo braço. É a mesma da aparição do Milharal que o deixou enfeitiçado de tanta beleza.

VIÚVAS DA SECA (*caminhando e cantando*) – Hoje longe muitas léguas / numa triste solidão / espero a chuva / cair de novo / pra mim voltar / pro meu Sertão.

As viúvas se distanciam. Luiz segura as mãos da jovem e canta com carinho.

LUIZ (*de mãos dadas com a jovem, cantando*) – Quando o verde / dos teus olhos / se espalhar na plantação / eu te asseguro / não chore não, viu / que eu voltarei, viu / meu coração.

A bela jovem sai correndo atrás das Retirantes, que vão perfilando-se e jogando os sacos na cabeça, formando os “Retirantes de Vitalino”. A luz congela novamente e fica a fotografia dos bonecos de barro, bem coloridos. Quando a cena volta ao normal, o grupo segue viagem, cambaleando feito abutres. Já não cantam, choram.

VIÚVAS DA SECA (*cantando*) – Não chore não, viu / que eu voltarei, viu / pro meu Sertão...

Uma das Viúvas da Seca para e permanece olhando com tristeza a figura daquele pobre vaqueiro que vai ficando para trás com sua mala velha de madeira, toda amarrada de corda. Ela olha para as Retirantes que se distanciam e fala comovida.

VIÚVA DA SECA 2 (*num tom sofrido*) – É a sina, como disse o meu padrinho Padre Cícero. Com isso na cabeça e fé no coração, o pobre vaqueiro entra na caatinga em direção à Zona da Mata. (*olha para ele*) Vai cortar cana para os engenhos de açúcar, deixando com Rosinha o compromisso do casamento, tão logo volte a chover no Sertão.

A cantiga das Viúvas vai sumindo à medida que elas vão se distanciando. O lamento só acaba quando encontram os Penitentes que vêm do Juazeiro com destino a São Severino do Ramo. Eles chegam rezando histericamente, batendo zabumba, tocando triângulo e chocalho. Uma verdadeira ópera de cordel acontece nesse encontro: o conflito dos coros num jogo dramático de fé e coragem. O canto da autoflagelação.

TODOS (*cantando “A Triste Partida”, de Luiz Gonzaga e Patativa do Assaré*) – Meu Deus, meu Deus!

PENITENTES (*cantando carregados de gestos trágicos*) – Setembro passou / com outubro e novembro / já tamo em dezembro / meu Deus, que é de nós?

TODOS (*cantando*) – Meu Deus, meu Deus!

VIÚVAS DA SECA (*cantando, bem circenses*) – Assim fala o pobre / do seco Nordeste / com medo da peste / da fome feroz.

TODOS (*cantando*) – Ai, ai, ai, ai.

Os Penitentes são tão magros, tão sujos, tão fedorentos que os urubus ficam em cima farejando. Urubus de plásticos que sobem e descem, manipulados pela pressão de duas cordinhas. Sempre que voam fazem muito barulho.

PENITENTES (*patéticos, cantando*) – A treze do mês ele fez *experiência* / perdeu sua crença *nas pedra de sá* [Meu Deus, meu Deus] / mas *nôta* esperança / com gosto se agarra / pensando na barra / do alegre *Natá* [Ai, ai, ai, ai].

VIÚVAS DA SECA (*exageram nos gestos, cantando*) – Rompeu-se o *Natá* / porém barra não veio / o *só* bem *vermeio* / nasceu muito além [Meu Deus, meu Deus] / na copa da mata / buzina a cigarra / ninguém vê a barra / pois barra não tem [Ai, ai, ai, ai].

Os urubus famintos partem para eles, que se defendem com os velhos cajados de madeira cheios de fitinhas e medalhas do Padre Cícero.

TODOS (*num contracanto cheio de comicidade*) – Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus!

PENITENTES (*cantando mais trágicos ainda*) – Sem chuva na terra / descamba *janêro* / depois *feverêro* / e o mesmo verão [Meu Deus, meu Deus] / *entônçe* o nortista / pensando consigo / diz: isso é castigo / não chove mais não [Ai, ai, ai, ai].

VIÚVAS DA SECA (*cantando roucas e desafinadas*) – Apela pra março / que é o mês preferido / do Santo querido / *Senhô* São José [Meu Deus, meu Deus] / mas nada de chuva / tá tudo sem jeito / lhe fuge do peito / o resto da fé [Ai, ai, ai, ai].

Nova investida dos abutres sobre eles, que mudam de lugar a cada ataque sempre cantando, batendo zabumba, triângulo e chocalho. E assim sucessivamente em todos os versos. Por fim distribuem-se no palco, todos de cajado na mão, fazendo barulho com as santas medalhas. Os urubus se multiplicam, alguns pousam nos ombros e nas cabeças dos flagelados sem que eles reajam. A luz congela a cena e mostra a fotografia dos retirantes de J. Borges, “Os flagelados e os urubus”. Por alguns segundos eles ficam de boca aberta, olhos arregalados e braços estendidos. Toda vez que a cena é congelada, surge no fundo do palco um cartaz com letras em xilogravura identificando o autor da obra (“Retirantes de Portinari”, etc.). A cena volta ao normal. Os Penitentes seguem o caminho de São Severino do Ramo, fazendo barulho com seus instrumentos, enquanto as Viúvas da Seca vão para o Recife, sonhando com um emprego de doméstica.

TODOS (*num contracanto cheio de comicidade*) – Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus!

Surge um vulto no fundo do palco, é o vaqueiro cantador que se aproxima, vem em direção à plateia carregando a mala velha. Ele para, senta na mala e fica olhando

para o público por um bom tempo. É o retrato da solidão de um circo abandonado. Em meio ao silêncio, ele abre a mala e pega a sanfona (uma sanfona de cartolina com tecido e lata, usada nas brincadeiras populares). Mas o som é mesmo belo e criativo. Após o instrumento, ele pega uma cuia de cabaça, bota em cima da mala e começa a tocar “Vira e Mexe”, música instrumental de Luiz Gonzaga. E toca, toca alucinadamente. Três estranhos usando máscaras se aproximam. Encantados com aquele som e com aquela interpretação, eles jogam moedas na cuia. A melodia da canção deixa Luiz enlouquecido, ele não consegue parar os improvisos. Os homens de máscaras jogam mais moedas. Luiz, revoltado, para de tocar, chuta a velha mala com a cuia para bem longe e desaparece. Os estranhos tiram as máscaras. Zé, João e Pedro Penitente, que usaram os adereços de feira para evitar mais humilhação ao pobre sanfoneiro. Eles apanham os surrões com os candeeiros acesos e cantam para alguém do público.

ZÉ PENITENTE (canta “Pau de Arara”, de Luiz Gonzaga e Zé Dantas, ao som da viola) – Quando eu vim do Sertão, seu moço / do meu Bodocó...

JOÃO PENITENTE / PEDRO PENITENTE (num contracanto) – Do meu Bodocó / do meu Bodocó / a malota era um saco / e o cadeado era um nó!

ZÉ PENITENTE (cantando) – O cadeado era um nó!

TODOS (ralentando o canto) – Só trazia a coragem e a cara / viajando num pau de arara...

PEDRO PENITENTE (canto solo) – Eu penei, mas aqui cheguei.

ZÉ PENITENTE / JOÃO PENITENTE (solfejando) – Ôôôô... Ôôôô...

TODOS (cantando baixinho) – Eu penei, mas aqui cheguei / eu penei, mas aqui cheguei...

ZÉ PENITENTE (solfejando) – Ôôôô (conversando com a plateia) E Luiz, o vaqueiro que tocava baião, de tão humilhado vira Zé... Zé do Xote. Mas como o cantor não perde o verso, ele pega na imaginação a inspiração da valentia e vai buscar na garganta a nota do aboio.

JOÃO PENITENTE / PEDRO PENITENTE – Do vaqueiro aboiador.

PEDRO PENITENTE – Um tom maior, capaz de estremecer o serrote agudo, de provocar redemunho na baixada do Araripe, sem macular a flor do mandacaru.

ZÉ PENITENTE – Ele descobre que o canto do pássaro é mais forte quando caminha e que o seu instrumento vai além da beleza sonora. Canta também... feito bacamarte.

Ouve-se o som de uma sanfona em acordes.

JOÃO PENITENTE – E como rei é sempre majestade, ele vira Dom, o Dom do Xote, Rei do Sertão.

PEDRO PENITENTE – Amigo de Padre Ciço, seguidor de Lampião, lá das bandas de Cordel, terra de Frei Damião.

Abre-se um foco de luz âmbar bem forte sobre ele. Luiz está em cima da mala velha, montado em seu “Cavalo Marinho”, todo imponente, com um gibão surrado e um chapéu de couro todo amassado. Ele segura um bastão de madeira semelhante a uma lança e solta um grito que parece mais um sinal de guerra.

LUIZ (canta “Vozes da Seca”, de Luiz Gonzaga e Zé Dantas) – Seu doutô / os nordestinos / têm muita gratidão / pelo auxílio dos sulistas / nesta seca do Sertão. (salta do caixote, vai ao público galopando e fala) Mas doutor, uma esmola para um homem que é são... (ergue a vara em forma de lança e canta bem alto) Ou lhe mata de vergonha / ou vicia o cidadão!

O Povo entra por trás cantando e forma três coros: um de pedintes com chapéu na mão, outro de mutilados com muleta e ex-votos e o último com rosários e imagens de santos.

TODOS (cantando) – É por isso que pedimos / proteção a vosmicê / hômi pur nós escoído / para as rédias do pudê!

LUIZ (circulando entre os Coros, cantando) – Pois doutô, dos vinte estados / temos oito sem chovê / veja bem, quase a metade / do Brasil tá sem cumê. (aponta para oito miseráveis)

TODOS (respondem cantando) – O Brasil tá sem cumê / o Brasil tá sem cumê / seu doutô!

Vão todos para o prosclênio, cantando. Uns descem para a plateia, outros sentam no palco ou ficam de joelhos. Luiz permanece no mesmo lugar.

TODOS (cantando) – Dê serviço a nosso povo / encha os rios de barrage / dê cumida a preço bão / não esqueça a açudage. (partem para o público com agressividade, distraíndo-os para que não vejam a montagem de uma imensa cruz de madeira, no centro do palco) Livre assim nós da ismola / que no fim dessa estiagem / lhe pagamo inté os juru / sem gastar nossa coragem! (viram-se para o palco apontando lanternas coloridas para a cruz, onde Luiz, o vaqueiro, está crucificado de chapéu e gibão de couro. A dança das lanternas no escuro provoca mais histerismo. Voltam-se ao público) Se o doutô fizer assim / salva o povo do Sertão / quando um dia a chuva vim / que riqueza pra Nação! (correm para o palco e agarram-se à cruz sem compostura: sobem, penduram-se, batem e puxam as vestes dele) Nunca mais nós pensa em seca / vai dá tudo neste chão / como vê nossos distino / mercê tem na vossa mão / seu doutô.

Retornam ao prosclênio histéricos, no ritmo da música. A luz vai morrendo em cima deles, que vão estendendo as mãos ao público lentamente. A cruz some. A luz do ciclorama vai surgindo simultaneamente, mostrando a sombra de Luiz, o cavaleiro de cordel, de costas galopando. O Povo acalma-se e vai rastejando em sua direção. Ele vira-se.

LUIZ (comovido) – É fome, não é? (eles balançam a cabeça que sim)

HOMEM 1 – E sede...

HOMEM 2 – Diga, vaqueiro, onde tem uma cacimba?

MULHER 1 – E comida?

HOMEM 3 – Há dias que estamos caminhando...

MULHER 2 – Nos livre da esmola!

MULHER 3 – E da humilhação!

HOMEM 4 – Queremos trabalho!

LUIZ (cortando) – Eu não faço milagre. Sou tão pobre quanto vocês. (pausa) Me chamam de rei porque canto, porque tenho a voz de pássaro... De pássaro que cospe fogo! Sou um sonhador... Sei fazer poesia também, tanto de amor quanto de pranto, eu canto. Mas milagre, não sei fazer. Sou um pobre vaqueiro, perdido nas andanças e nessas veredas. Sou feroz diante do perigo... Esse monstro de fogo que tudo devora há de se ver comigo no dia em que nos encontrarmos. Sou vaqueiro, sou valente, sei lutar... Sou um cavaleiro! Sou moleque... (pausa) Mas estou com fome também. Eu vou levar vocês para um lugar de muita fartura onde tudo tem e tem sempre uma boa alma que ajuda os necessitados.

HOME 1 (grita) – Vamos seguir o vaqueiro!

MULHER 3 – Deus é grande!

MULHER 2 – Sabe, vaqueiro, chegamos a pensar que você fosse...

LUIZ – O Salvador? O Salvador da Pátria! (ri e solta a voz) Vamos! (num pregão, cantando “A Feira de Caruaru”, de Onildo Almeida) A feira de Caruaru / faz gosto a gente ver / de tudo que há no mundo / nela tem pra vender...

CORO (contracanto) – Tem pra comer / tem pra comer! (caem dezenas de toldos coloridos dentro do palco) Na feira de Caruaru / tem massa de mandioca, batata assada, tem ovo cru / banana, laranja e manga / batata doce, queijo e caju / cenoura, jabuticaba, guiné, galinha, pato e peru / tem bode, carneiro e porco / se duvidar inté cururu. (Os feirantes entram gritando seus bordões e empurrando as barracas sobre rodas. É uma festa onde todos cantam, comem e bebem) Tem cesto, balaio, corda, tamanco, greia, tem boi-tatu / tem fumo, tem tabaqueiro / tem tudo e chifre de

boi zebu / caneco, *arcoviteiro*, peneira boa e mel de uruçú / tem *carça* de *arvorada* / *qué* pra matuto não andar nu! (o encontro das barracas com os toldos é o tom da coreografia. Enquanto Luiz canta eles passeiam pela feira) Na feira de Caruaru / tem coisa pra gente ver / de tudo que *há* no mundo / nela tem pra vender. (a polícia corre atrás de um ladrão. O boneco de mamulengo solta um palavrão! Um camelô grita, oferecendo seu produto) Na feira de Caruaru / tem rede, tem baleeira *móde* menino caçar nambu / maxixe, cebola verde, tomate, coentro, coco e chuchu / *armoço* feito nas *torda* / *pirão* mexido que nem angu / *mubilha* de *tamburete* feita de tronco de mulungu. (eles contam os frutos nos dedos e enchem os bolsos de banana, laranja e manga) Tem louça, tem ferro *vêio*, sorvete de raspa que faz *jaú* / gelado caldo-de-cana, fruta de *parme* e mandacaru / boneco de Vitalino que são *conhecido intê* no Sul / de tudo que *há* no mundo / tem na feira de Caruaru. (*vão de barraca em barraca, alegres, brincando e jogando frutos para o alto*) A feira de Caruaru / faz gosto a gente ver / de tudo que *há* no mundo / nela tem para vender. (*cansados de tanto comer, carregam para um canto caixotes de frutas, caçuás, balaies e barracas. Sentam para descansar*) Na feira de Caruaru / na feira de Caruaru!

A noite vem chegando e assiste o final da feira. São dezoito horas. É a hora da Anunciação. Num alto-falante corneta, pendurado num poste, ouve-se a voz de Luiz Gonzaga cantando “Ave Maria Sertaneja”, de Janduhy Finizola. Nesse momento o povo ajoelha-se, benze-se e chora. Uma beata joga o véu sobre a cabeça, outra reza no rosário, um devoto canta desafinado a canção do Juazeiro. A luz vai caindo lentamente. A noite chega definitivamente e se vê naquela luz azul bem forte que clareia o ciclorama uma lua cheia, escondida por trás de uma árvore triste e sem folhas.

VIÚVA DA SECA 1 (cantando “Luar do Sertão”, de João Pernambuco e Catulo da Paixão Cearense) – Não há, oh, gente, oh, não / luar como esse do Sertão / oh, que saudade / do luar da minha terra / lá na serra branquejando / folhas secas pelo chão / este luar cá da cidade / tão escuro / não tem aquela saudade / do luar do meu Sertão.

CORO (responde cantando num tom mais alto) – Não há, oh, gente, oh, não / luar como esse do Sertão.

VIÚVA DA SECA 2 (chega perto da lua, cantando) – Se a lua nasce por detrás da verde mata / mais parece um sol de prata prateando a solidão / e a gente pega na viola que ponteia / e a canção é a lua cheia a nos nascer do coração.

VIÚVA DA SECA 3 (senta no caçuá e canta) – Coisa mais bela neste mundo não existe / do que ouvir-se um galo triste no Sertão, se faz luar / parece até que a alma da lua é que descanta / escondida na garganta desse galo a soluçar.

VIÚVA DA SECA 4 (com o olhar distante) – Ah, quem me dera que eu morresse lá na serra / abraçada à minha terra e dormindo de uma vez / ser enterrada numa gruta pequenina / onde à tarde a sururina chora a sua viuvez.

CORO (*responde baixinho, à capela*) – Não há, oh, gente, oh, não / luar como esse do Sertão. (*repete*)

VIÚVA DA SECA 4 (*fica de cócoras, abraça as pernas e fala para o público*) – Depois que a comida desce e fica ali bem quietinha (*passa a mão na barriga*), dá um sono gostoso e bate uma saudade.

PEDRO PENITENTE (*encosta-se num balaio, fica olhando para a lua e canta “No Meu pé de Serra”, de Luiz Gonzaga*) – Lá no meu pé de serra / deixei ficar meu coração / ai que saudades tenho / eu vou voltar pro meu Sertão.

TODOS (*coral à capela, cantando trecho de “Qui Nem Jiló”, de Luiz Gonzaga*) – Saudade, o meu remédio é cantar!

JOÃO PENITENTE (*sentado numa barraca de feira escreve uma carta e canta “A Letra I”, de Luiz Gonzaga e Zé Dantas*) – Vai, cartinha fechada / não deixa ninguém te abrir / àquela Casa Caiada donde mora a letra I. (*põe a carta dentro de um envelope*) E diz que, como a cacimba do rio que o verão secou / meus zóio chorou tanta mágoa que hoje sem água nem responde à dor. (*levanta-se e passa o envelope na língua*) Vai, diz que o amor / fumeça no meu coração / tal e qual fogueira / das noites de São João / que eu sofro por viver sem ela, *tando* longe dela só sei reclamar / pois vivo como um passarinho / que longe do ninho só pensa em voltar. (*joga a carta para o alto e ela voa puxada por um cordão*)

ZÉ PENITENTE (*olha para a lua, suspira de saudade, vai para a árvore e canta “Juazeiro”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira*) – Juazeiro, Juazeiro / me *arresponda*, por favor / juazeiro, velho amigo / onde anda o meu amor? / Ai, juazeiro / ela nunca mais voltou / diz, juazeiro / onde anda o meu amor? / Juazeiro, não te *alembra* / quando o nosso amor nasceu? / Toda tarde, à tua sombra / conversava ela e eu.

TODOS (*cantando*) – Ai, juazeiro / como dói a minha dor / diz, Juazeiro / onde anda o meu amor?

ZÉ PENITENTE (*senta na sombra da árvore e continua cantando*) – Juazeiro, meu destino / tá ligado junto ao teu / no teu tronco tem dois nomes / ela mesmo é que escreveu.

TODOS (*cantando num contracanto meio soprano*) – Ai, Juazeiro / eu num *guento* mais roer / ai, juazeiro / eu prefiro *inté* morrer.

Luiz entra montado no cavalo, bem devagarzinho.

LUIZ (*cantando “Sabiá”, de Luiz Gonzaga e Zé Dantas*) – A todo mundo eu dou psiu [Siu, siu, siu] / perguntando por meu bem [Siu, siu, siu] / tendo o coração vazio / vivo assim a *dá* psiu / sabiá, vem cá também [Siu, siu, siu]. (*vai a Chiquinha*) Tu que anda pelo mundo [Sabiá] / tu que tanto já voou [Sabiá] / tu que fala aos passarinhos [Sabiá] / alivia a minha dor [Sabiá]. (*Chiquinha baixa a cabeça. Luiz*

parte para a Viúva da Seca 2). Tem pena deu [Sabiá] / diz, por favor [Sabiá] / tu que tanto anda no mundo [Sabiá] / onde anda o meu amor? [Sabiá].

Viúva da Seca 2 responde com a cabeça que não sabe. Luiz para num canto, desce do cavalo e suspira de dor.

LUIZ (*sofrido, canta “Légua Tirana”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira*) – Ô, que estrada mais comprida / ô, que légua tão tirana / ai, se eu tivesse asa / *inda* hoje eu via ela. (*anda pelo prosclênio*) Quando o sol tostou as folha / e bebeu o riachão / fui *inté* o juazeiro / pra fazer minha oração. (*vira-se e olha para o ciclorama. Uma Retirante, com um pote na cabeça, passa embaixo da lua indo para a árvore*) Tô vortando estrupiado / mas alegre o coração / Padim Ciço ouviu minha prece / fez chover no meu Sertão. (*a Retirante vira o pote e deixa um fio d’água correndo*) Vareí mais de vinte serras / de alpercata e pé no chão / mesmo assim, *cumo inda farta* / pra chegar no meu rincão. (*Luiz volta para junto do cavalo, que chora copiosamente*) Trago um terço pra Dasdore / pra Reimundo um violão / e pra ela, e pra ela / trago eu e o coração.

Senta. Encosta a cabeça no cavalinho e adormece. Os Penitentes, num canto do palco, conversam sobre as safadezas políticas.

JOÃO PENITENTE – Ê, quantas léguas tiranas...

PEDRO PENITENTE – Sabe como eles encurtaram as estradas? Usando o DNOCS [Departamento Nacional de Obras Contra as Secas] para furar poços nas terras deles.

ZÉ PENITENTE – Dizem que só nas propriedades do Doutor Inocêncio foi pra mais de cem.

JOÃO PENITENTE – Agora pergunte se ele dá um copo d’água a um flagelado!

PEDRO PENITENTE – E se encher o pote sem a sua ordem leva bala.

ZÉ PENITENTE – E os carros pipas? De cada cem, noventa e nove vão para as piscinas dos prefeitos.

JOÃO PENITENTE – Só quem dá água aos pobres é Aquele ali. (*aponta para o céu*)

PEDRO PENITENTE – Foi por isso que o presidente Juscelino Kubitschek, indignado com esses donos da seca, criou a SUDENE, a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste.

ZÉ PENITENTE (*irônico*) – E lá vem verba!

JOÃO PENITENTE – Superintendência...

PEDRO PENITENTE – E o desenvolvimento?

ZÉ PENITENTE – Não sei. Água não tem. Mas verba tem à vontade.

JOÃO PENITENTE – É meu Nordeste...

Luiz dorme profundamente abraçado ao Cavalo Marinho.

PEDRO PENITENTE (*cantando trecho de “Baião da Garoa”, de Luiz Gonzaga e Hervê Cordovil*) – Uma vez choveu na terra seca / sabiá então cantou / houve lá tanta fartura / que o retirante voltou...

ZÉ PENITENTE / JOÃO PENITENTE (*cantando como tenores de feira*) – Foi graças a Deus, choveu, garoou!

Vão à Retirante e brincam com a água que cai do pote.

ZÉ PENITENTE (*cantando*) – Meu São Pedro me ajude / mande chuva, chuva boa / chuvisqueiro, chuvisqueiro / nem que seja uma garoa.

Jogam água um no outro. Um canto gregoriano anuncia a chegada da procissão do Canindé acompanhada por uma bandinha onde uma tuba velha e amassada dá o ritmo da caminhada. A procissão toma o palco, com o andor de Nossa Senhora das Montanhas, bandeiras, palhas secas e muitas velas acesas. O canto é forte e penoso e o latim é uma questão de fé.

VOZES MASCULINAS – Pai nosso que estais no céu, perdoe a nossa amargura, nos cubra com o branco véu da Virgem mais pura.

Os penitentes ajoelham-se enquanto a procissão passa. O cortejo é marcado pela zabumba, pela tuba e pelas vozes anasaladas das Viúvas da Seca e dos Flagelados.

VOZES FEMININAS – Mande chuva para o Sertão, mande toda chuva que houver pra ver se molha esse chão pro cristão não perder a fé.

A Retirante aumenta a queda d'água.

TODAS AS VOZES – Mande chuva senhor, mande chuva, que os açudes estão de barriga vazia e o chão todo rachado pelo sol do meio-dia.

A Retirante aflita, vira o pote de vez. A água não para de jorrar.

VOZES MASCULINAS – Mande não, senhor, mande chuva mais não que o milho já morreu e não tem mais um pé de feijão.

A água desce em cascata do pote da Retirante enquanto a bandinha acelera o ritmo da procissão.

VOZES FEMININAS – O rio tá transbordando, tem açude estourando, virou mar o meu Sertão.

A Retirante tenta manter a água no pote, mas não consegue. Os acompanhantes do cortejo entram em desespero. De repente, como se fosse mágica, um relâmpago transforma a procissão em uma missa. O interior da Igreja de Nossa Senhora das

Montanhas é fielmente retratada nessa cena, com seus lustres, suas imagens e as cores desbotadas dos enfeites do altar. Padre Adalberto dá início ao sermão.

PADRE ADALBERTO *(todo paramentado, ergue os braços)* – Ô Deus, está marcado e sacramentado a ferro e fogo, na Pedra do Sol, a tua bondade, o teu perdão... *(com a voz de tenor de feira canta “Súplica Cearense”, de Gordurinha e Nelinho, com algumas modificações)* Oh Deus, perdoe esses pobres coitados / que de joelhos rezaram um bocado / pedindo pra chuva cair sem parar.

VIÚVA DA SECA 1 *(aproxima-se do altar, ajoelha-se e canta de costas para o público, como contralto)* – Oh Deus, será que o senhor se zangou / e só por isso o sol arretirou / fazendo cair toda chuva que há.

TODOS *(em coro, baixinho)* – “Pai Nosso que estás no céu...”

A imagem da Santa, feita de papel jornal, mexe a cabeça olhando para os fiéis com piedade.

VIÚVA DA SECA 2 – Senhor, eu pedi para o sol se esconder um tiquinho / pedi pra chover, mas chover de mansinho / pra ver se nascia uma planta no chão. *(o ritual é o mesmo)*

TODOS *(aumentando a voz)* – “Pai Nosso que estás no céu...”

A Santa olha para ela.

VIÚVA DA SECA 3 *(o ritual se repete)* – Oh Deus, se eu não rezei direito o senhor me perdoe / eu sei que a culpa foi dessa pobre que nem sabe fazer oração.

TODOS *(aumentando a voz)* – “Pai Nosso que estás no céu...”

Corre uma lágrima no rosto da Santa.

VIÚVA DA SECA 4 *(o ritual de sempre)* – Meu Deus, perdoe eu encher os meus olhos de água / e ter lhe pedido cheinho de mágoa / pro sol inclemente se arretirar.

TODOS *(a voz em tom maior, crescendo)* – “Pai Nosso que estás no céu!”

As Viúvas da Seca levantam-se e vêm ao público em coro.

VIÚVAS DA SECA *(banhadas em lágrimas)* – Desculpe eu pedir a toda hora pra chegar o inverno / desculpe eu pedi para acabar com o inferno / que sempre queimou o meu Ceará. *(dão-se aos mãos e repetem num tom mais alto)* Que sempre queimou o meu Ceará!

TODOS *(gritam juntos com ela)* – Amém!

A Santa ri, só que o rosto é de Rosinha, o mesmo das aparições. Um relâmpago desfaz o ritual. A procissão sai do jeito que entrou. A luz vai morrendo. Fica um foco em Luiz, despertando. Ele levanta-se e vai à bacia onde a Retirante derramou toda a água. Ajoelha-se, banha o rosto e joga a água para o alto.

LUIZ (*cantando trecho de “Riacho do Navio”, de Luiz Gonzaga e Zé Dantas*) – Riacho do navio / corre pro Pajéu / o rio Pajéu vai despejar no São Francisco / o rio São Francisco vai bater no mei do mar... (*falando*) Ah, se eu fosse um peixe! Pra nadar contra essas águas...

Levanta-se com as mãos cheias d'água e joga para o alto. Vê uma flor caída no chão, corre e apanha.

LUIZ (*erguendo-a*) – Mandacaru!

O palco é invadido por uma ventania, ele fica todo arrepiado, a bacia transforma-se numa cacimba e uma linda jovem vem emergindo da água, com um canto misterioso. O Caboclo d'Água tenta atraí-lo e atravessa o palco gritando. Atrás vem o Coro do Aruaê, que para junto à cacimba e canta.

CORO DO ARUAÊ (*em barítono, no tom do encantado, cantando “Amanhã eu Vou”, de Luiz Gonzaga e Beduíno*) – Era uma certa vez / num lago mal-assombrado / à noite sempre se ouvia / a Carimbamba cantando assim.

Surge no lado oposto o Coro da Jaçanã que canta e reza com galhos de arruda.

CORO DA JAÇANÃ (*cantando em contralto*) – Amanhã eu vou / amanhã eu vou.

A bela jovem sai da cacimba e, ouvindo a música, se transforma num pássaro escabroso e manco. Usa uma máscara de couro com metal. O Coro do Aruaê canta e dança sempre em volta dela, que faz uma coreografia espantosa.

CORO DO ARUAÊ (*cantando*) – A Carimbamba, ave da noite / cantava triste lá na lagoa / amanhã eu vou / amanhã eu vou.

Enquanto eles cantam, Luiz é atacado pelo espírito da Carimbamba, a “Ave da Noite”, que dança e flutua em sua volta. Uma hora é pássaro, outra é mulher. Ele fica alucinado com a sua beleza.

LUIZ (*cantando*) – E Rosa, bela / linda donzela / ouviu seu canto / e foi pra lagoa. (*ele se aproxima, mas não consegue tocá-la*) A taboa laçou a donzela / Caboclo d'Água ela levou / a Carimbamba vive cantando / mas Rosa, bela / nunca mais voltou... (*ele chega mais perto, ela foge*)

CORO DO ARUAÊ – Amanhã eu vou / amanhã eu vou / amanhã eu vou / amanhã eu vou.

Luiz usa de esperteza e tira a máscara dela. Silêncio.

LUIZ (*espantado*) – Você?

É a mesma jovem do milharal, que lembra Rosinha. Ele corre atrás, mas ela desaparece como por encanto. Luiz volta cabisbaixo. O ciclorama abre-se com um lindo baião, “Forró no Escuro”, cantado por um trio pé-de-serra com zabumba, sanfona

e triângulo. Eles cantam e dançam. Luiz vira-se e não acredita no que vê, a linda jovem vestida de renda e chitão, chamando-o para dançar. Ele a pega pela cintura e dança, dança como ninguém jamais dançou... Ela solta-se, segura ele pela mão e o roda. Ele cai junto ao cavalo. Ao levantar, Luiz sente o vazio e vê que tudo não passa de um sonho. Desesperado, sai à procura e encontra apenas os Penitentes que dormem amontoados no mesmo lugar que se ajoelharam quando a procissão passou. Ele respira fundo e relembra a linda noite de saudade que passou em Caruaru.

LUIZ (*cantando, à capela, trecho de “Caruaru”, de Belmiro Barrela, com alguma modificação*) – Foi numa cidade do Sertão / que eu deixei meu coração / Caruaru, Caruaru / a princesinha do Norte és tu.

Os Penitentes despertam com a canção. Luiz vai para junto do cavalo.

PENITENTE 1 (*para a plateia*) – Depois de quase seis meses de saudade, sofrimento e pesadelos dentro dos canaviais, o pobre vaqueiro desperta e a primeira coisa que faz é mandar uma carta para a sua amada.

ROSINHA (*lendo a carta ao lado de um candeeiro*) – Rosinha, meu amor, já faz três noites que não durmo. Tenho tido muitos pesadelos, todos com o sol. Ele tá querendo me enganar, dizendo que você é a minha assombração. Nas minhas alucinações é você que vejo, não sei se é o desejo de te ver que me faz sofrer ou se meus pesadelos são mesmo maldade do tirano. Mas sei que posso sonhar e que o nosso sonho é possível, porque ontem, quando o sol se pôs, eu vi na barra do céu a cor do inverno.

LUIZ (*num foco de luz, com a carta na mão*) – E se a safra não *atrapaiar* meus *pranos*, diga lá ao seu vigário que eu vou casar no fim do ano...

O dia amanhece.

LUIZ (*levanta-se e sente o cheiro da terra molhada*) – À barra do Natal... O canto do sapo na lagoa... Tá chovendo lá no Sertão! (*sai correndo alegre, vai preparar a sua volta. Canta “A Volta da Asa Branca”, de Luiz Gonzaga e Zé Dantas*) – Já faz três noites que pro Norte relampeia / a asa branca ouvindo o ronco do trovão / já bateu asas e voltou pro meu Sertão / ai, ai, eu vou me embora / vou cuidar da *prantação* / já bateu asas e voltou pro meu Sertão / ai, ai, eu vou me embora / vou cuidar da *prantação*. (*abre a mala velha e joga a sanfona dentro*) A seca fez eu desertar da minha terra / mas felizmente Deus agora se *alembrou* / de mandar chuva *prêsse* Sertão *sofredô* / Sertão das *muié* séria, dos *homens trabaiaador* / de mandar chuva *prêsse* Sertão *sofredô* / Sertão das *muié* séria, dos *homens trabaiaador*. (*fecha a mala, dá um nó na corda e pendura no lombo do cavalinho*) Rios correndo, as *cachoeira* tão zoando / terra *moiada*, mato verde, que riqueza / e a asa branca tarde canta, que beleza / ai, ai, o povo alegre, mais alegre a natureza / e a asa branca tarde canta, que beleza / ai, ai, o povo alegre, mais alegre a natureza. (*joga um saco e uma cabaça d’água no lado oposto*) Sentindo a chuva eu me *arrescordo* de Rosinha / a linda *frô* do meu Sertão

pernambucano / e se a safra não *atrapaiá* meus *pranos* (*monta no cavalo e faz pose*) / *qué* que ai, o seu vigário, vou casar no fim do ano / e se a safra não *atrapaiá* meus *pranos* / *qué* que ai, o seu vigário, vou casar no fim do ano. (*parte empunhando a lança e falando sozinho*) Chuva e sol, poeira e carvão, longe de casa, sigo o roteiro, mais uma estação...

LUIZ (*cantando trecho de “A Vida do Viajante”, de Luiz Gonzaga e Herve Cordovil*) – Guardando as recordações / das terras onde passei / andando pelos Sertões / e dos amigos que lá deixei.

A ventania volta mais forte e toma o palco. Ele tenta cavalgar, mas não consegue. É a assombração da Perna de Pau, que surge em sua frente, uma personagem inspirada no “Mané-Gostoso”, do bumba-meu-boi, que faz acrobacias entre dois pauzinhos.

LUIZ – Você acabou com a esperança, queimou o que de verde existia! Matou a alegria, só por vingança... Mas o meu sonho você não vai destruir porque ele é feito soca de cana, a gente corta e ele nasce de novo... (*parte para o bicho*) Maldito! Agora você vai conhecer a força da minha ira!

A Perna de Pau tem pernas imensas e carrega nas costas várias rodas de bicicleta, todas enfeitadas de fitas coloridas com candeieiros acesos no meio, que, em movimento, lembra o sol. Luiz salta do cavalo e parte para a batalha de lança em punho.

LUIZ – Agora você vai ver! (*joga a lança e ela salta. A cada ataque a assombração faz uma acrobacia*) Eu sabia! Eu sabia que você não ia suportar as minhas investidas! Um cavaleiro como eu não se deixa abater ...

Ela parte para cima, lançando fogo sobre ele, que recua assustado. O bicho insiste no ataque, cuspidando muito fogo. Luiz não resiste e cai. A assombração puxa uma corda e as rodas giram, giram até se transformarem na figura do sol que passa por cima dele e desaparece, jogando fogo, arrancando as máscaras da face e fazendo acrobacias para esconder o rosto. Os Operários da pedreira do Doutor João Cleofas, ouvindo a confusão, correm para o local, todos com pedras na mão. Tentam despertar o vaqueiro, mas é tarde.

CORO DE OPERÁRIOS (*canta “A Morte do Vaqueiro”, de Luiz Gonzaga e Nelson Barbalho, no estilo gregoriano, como num rito sacrossanto*) – Tengo, lengo, tengo, lengo / tengo, lengo, tengo / tengo, lengo, tengo, lengo / tengo, lengo, tengo.

Um dos operários solta um aboio triste, num canto.

OPERÁRIO (*cantando em aboio*) – Ei, gado, oi / êêêêêê. / Numa tarde bem tristonha / gado muge sem parar / lamentando o seu vaqueiro / que não vem mais aboiar / não vem mais / aboiar / tão dolente a cantar.

CORO DE OPERÁRIOS (*cantando*) – Tengo, lengo, tengo, lengo / tengo, lengo, tengo / tengo, lengo, tengo, lengo / tengo, lengo, tengo.

Vão fazendo a cova do vaqueiro, colocando as pedras sobre o seu corpo.

OPERÁRIO (*com a mão ouvido, cantando*) – Ei gado, oi / bom vaqueiro nordestino / morre sem deixar tostão / o seu nome é esquecido / nas quebradas do Sertão / nunca mais / ouvirão / o seu cantar / meu irmão.

CORO DE OPERÁRIOS (*cantando*) – Tengo, lengo, tengo, lengo / tengo, lengo, tengo / tengo, lengo, tengo, lengo / tengo, lengo, tengo.

As pedras tomam formam. É cova grande. Um urubu solitário pousa em cima.

OPERÁRIO (*cantando*) – Ei gado, oi / sacudido numa cova / desprezado do senhor / só lembrado do cachorro / que ainda chora a sua dor / é demais, tanta dor / a chorar / com amor.

CORO DE OPERÁRIOS (*cantando em ralentado*) – Tengo, lengo, tengo, lengo / tengo, lengo, tengo / tengo, lengo, tengo, lengo / tengo, lengo, tengo.

Eles quebram a lança, fazem uma cruz e a colocam entre as pedras. Os Operários vão saindo um por um. O palco fica vazio e triste. Apenas o urubu faz companhia ao vaqueiro, abre as asas e pula da pedra como quem se despede. A luz cai de vez. No escuro, desce um telão branco imitando a capa de um folheto de cordel cobrindo a cova. Simultaneamente, surge no fundo da plateia um foco de luz em cima de Luiz, de chapéu e gibão montado no cavalo, com o sorriso de sempre.

LUIZ (*aboiando*) – Minha mãe, vou lhe pedir: me cubra com o seu véu e em cima da minha cova bote o gibão e o chapéu, que é pra eu cantar aboiando nas vaquejadas do céu! (*cantando “Boiadeiro”, de Klêcius Calda e Armando Cavalcanti, um pregão em Si bemol*) Vai boiadeiro que a noite já vem / guarda o teu gado e vai pra junto do teu bem. (*vem passeando pela plateia*) De manhãzinha quando eu sigo pela estrada / minha boiada pra internada eu vou levar / são dez cabeças, é muito pouca, é quase nada / mas não têm outras mais bonitas no lugar. (*para na frente do público*) Vai boiadeiro que o dia já vem / leva o teu gado e vai pensando no teu bem. (*sobe a rampa num galope e vai para o palco. Fica no proscênio*) De tardezinha quando eu venho pela estrada / a fiarada tá todinha a me esperar / são dez fininho é muito pouco é quase nada / mas não têm outros mais bonitos no lugar. (*sai galopando e vai para trás do telão*) Vai boiadeiro que o dia já vem / leva o teu gado e vai pensando no teu bem...

A luz desaparece. Fica apenas a sombra do vaqueiro congelada no telão, compondo a capa do cordel. A imagem vai desaparecendo e uma frase é projetada: “...e o vaqueiro seguiu para o céu. Um céu de terra molhada chamado Nordeste”.

- Fim -

O teatro é um dos componentes de seu sangue, tanto que após descobrir que não era bom ator, ele se tornou dramaturgo, encenador, produtor, compositor musical, crítico, iluminador, coreógrafo, figurinista, adrecista, cenógrafo e o que mais pudesse ser. Com os emboladores, cantadores, criadores de folhetos, camelôs, sanfoneiros, dançarinos, bandinhas de pífano e mamulengueiros nas feiras populares, especialmente na de Caruaru, ele contraiu “o germe do teatro”, como costumava dizer. O público saiu ganhando em múltiplas doses com esse criador de textos, músicas e poesias.

Um dos mais elogiados autores teatrais e diretores cênicos pela crítica brasileira, especialmente entre as décadas de 1970 a 1990, Vital Santos era puro alumbramento com suas criações e merecia ter sua trajetória de vida artística e parte das suas inesquecíveis peças registradas em livro, como ele bem queria. Do povo para o povo, por isso esses dois volumes vão percorrer o Brasil e chegar às bibliotecas de instituições de ensino, sedes de grupos teatrais e centros de documentação e memória. Para isso, agradeço a parceria com a vereadora Cida Pedrosa, que se mostrou sensível em compartilhar tal iniciativa.

Vital está sorrindo largo para nós!

Leidson Ferraz



Vital Santos (2009)
Foto: Célio Pontes



APOIO CULTURAL:



INCENTIVO CULTURAL:



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Este livro foi editado em outubro de 2025,
utilizando a família tipográfica
Minion Pro para os textos
e *Finlandica* para os títulos.



INCENTIVO CULTURAL:

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte 50 ANOS

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

